



FRENTE ÚNICA

CAPÍTULO

1

As peças que compõem o texto

Somos textos vivos. A todo momento, produzimos mensagens com objetivos distintos, em situações diversas, pelos mais diferentes motivos – um bilhete, um aviso, uma resposta em uma prova... Todos são exemplos de mensagens que construímos usando ferramentas adquiridas ao longo da vida; essas ferramentas constituem nosso repertório linguístico.

O que forma um texto?

Para começarmos a pensar as noções de texto, é muito importante ter em mente que produzimos discursos a todo momento. Desde um “bom dia” no elevador até um *e-mail* mais detalhado, sempre que precisamos construir uma mensagem, usamos algumas ferramentas do nosso repertório linguístico. Sendo assim, se temos por objetivo convencer alguém de algo, por exemplo, mobilizaremos estruturas da Língua Portuguesa que nos permitam organizar as informações em torno dessa ideia. Da mesma forma, se o intuito for contar uma história, informar ou instruir, outras estruturas serão acionadas e assim por diante.

A partir daqui, apresentaremos as principais **ferramentas de composição textual** que podem ser resgatadas da nossa memória linguística sempre que precisarmos. Assim, quase sem perceber, saberemos o que colocar em prática, dependendo da situação.

Vamos imaginar que nossa linguagem seja composta de uma série de peças coloridas, que se encaixam, formando novos objetos ou novas imagens. Se desejarmos montar uma casa inteiramente azul, buscaremos, então, apenas as peças azuis. No entanto, se quisermos construir uma edificação colorida, outras peças, de cores distintas e, quem sabe, de outros formatos, serão as escolhidas, certo? Essa analogia é bastante válida quando pensamos em texto: peças diferentes se combinam de formas distintas quando temos objetivos diferenciados.

Mas o que são, afinal, as peças que compõem os textos?

Os linguistas Bernard Schneuwly e Joaquim Dolz propuseram uma categorização do nosso jogo de montar que nos pode ser bastante útil. As peças, que chamaremos de **tipos de texto**, são: narrar, relatar, argumentar, expor e descrever ações.

Assim, sempre que formos escrever, faremos a composição de um ou mais tipos de texto, conforme a necessidade, produzindo **gêneros textuais**.

Uma carta argumentativa é constituída basicamente de argumentação, mas também é possível que contenha pequenos trechos de relato ou de exposição, por exemplo. Observamos, então, que são diversas as combinações realizáveis e, portanto, inúmeros os gêneros textuais possíveis.

! Saiba mais

Bernard Schneuwly e Joaquim Dolz são professores doutores da Universidade de Genebra, pesquisadores das áreas de Psicologia e Educação.

! Atenção

Os gêneros textuais sempre terão um tipo de texto mais evidente em sua base, sem necessariamente dispensar outros tipos.



Esquema de tipos de texto.



A construção de um gênero textual

A escolha dos tipos de texto que irão compor um gênero textual dependerá de alguns fatores, como:




Quem vai ler o que foi escrito?

O que eu pretendo despertar no leitor ou como pretendo contribuir para o que o leitor já sabe?



Qual é a minha intenção com esse escrito?

Qual será o veículo de comunicação utilizado para divulgar o texto: um jornal, um *blog*, um bilhete, um livro?



Todos esses fatores compõem o que chamamos de **situação de interlocução**, que nada mais é do que uma situação real em que se comunica algo a alguém com determinada intenção. Por exemplo: o horóscopo de uma revista voltada a pré-adolescentes é diferente do horóscopo de um jornal de grande circulação – ainda que ambos os textos tenham a mesma intenção (fazer uma leitura do céu e associá-la a possíveis acontecimentos na Terra) –, pois adotam estruturas linguísticas diferentes **dependendo do público-alvo**. Um pequeno fator alterado, portanto, pode mudar muito o corpo de um texto.

! Atenção

Gêneros textuais são compostos de tipos de texto. Um gênero é, por definição, constituído socialmente, ou seja, a partir da interação entre os indivíduos de uma sociedade.

O trecho do artigo **“A inclusão digital no Brasil serve ao consumo, e não à cidadania”**, de Marina Pita, reproduzido na página a seguir, tem por objetivo discutir a inclusão digital no Brasil. Para isso, mobiliza algumas ferramentas – próprias da situação de comunicação em que o texto foi produzido.

Vamos observar a análise dos destaques:

A inclusão digital no Brasil serve ao consumo, e não à cidadania

As decisões políticas acerca da internet e a concentração econômica do setor têm matado o caráter livre originário da rede criada por Tim Berners-Lee

Uma das belezas de a Rede Mundial de Computadores (World Wide Web) ter se consolidado em tão poucos anos é que seu criador, Tim Berners-Lee, segue vivo e trabalhando para que a internet alcance seu potencial transformador.

Berners-Lee está vivo, tem 61 anos e tem deixado bem registrado o que pensa sobre as mudanças de orientação da rede. Uma das características que ele defende é que a Web deve permanecer aberta. Mas, infelizmente, essa é uma batalha que ele – e nós – estamos perdendo para interesses corporativos e ausência de um Estado eficaz em defender os interesses de grande parte da população.

O que Berners-Lee fez, em 1989, foi juntar a ideia de hipertexto com as ideias de Protocolo de Controle de Transmissão e Sistema de Domínios e Nomes e daí nasceu a Web, uma rede, uma teia, em que os assuntos vão se interligando, criando os mais diversos percursos de conhecimento possíveis. Infinitos.

Esta Web já não é realidade para muitas pessoas. Para boa parte do mundo “em desenvolvimento”, a internet é o Facebook, conforme aponta pesquisa, e isso não está acontecendo simplesmente apenas porque as pessoas são tragadas para o “livro das caras”, mas como resultado de uma escolha política e que deve se acentuar ainda mais no próximo período. [...]

Quando a navegação na Web se dá predominantemente por aplicativos – como é o caso dos sistemas operacionais móveis, até por conta da limitação de tela e do desconforto de teclar – a chance de o usuário fugir dos apps “vencedores” é muito menor. Perdem os produtores de conteúdo que não têm recursos para criar seus próprios apps. Perde a diversidade e perde a economia do Brasil: a expectativa era de que, em 2016, o mercado global de aplicativos móveis atingisse 51 bilhões de dólares em receita bruta, em todas as lojas de aplicativos, de acordo com pesquisa da App Annie. [...]

A concentração da navegação em umas poucas aplicações tem ainda razões de ser. Soma-se a essa narrativa de incentivo puro à internet móvel e à navegação por dispositivos o silêncio do governo brasileiro, da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) e mesmo do Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) acerca da liberação do tráfego de dados em determinados aplicativos – por acordos entre as plataformas digitais e operadoras, apesar de o Marco Civil da Internet (Lei 12.965/14) e sua posterior regulamentação estabelecerem a neutralidade de rede como um princípio e a obrigação de os responsáveis pela transmissão, comutação ou roteamento terem o dever de tratar de forma isonômica quaisquer pacotes de dados.

Não poderia haver distinção por conteúdo, origem e destino, serviço, terminal ou aplicação, exceto quando requisitos técnicos sejam indispensáveis à prestação adequada dos serviços e priorização de casos de emergência (por exemplo, melhorar o tráfego no site da Receita Federal às vésperas do prazo da declaração de imposto de renda). Ainda, diz a legislação, no caso de discriminação ou degradação do tráfego, o responsável deve abster-se de praticar condutas anticoncorrenciais e de causar danos aos usuários. [...]

Ao optarmos por incluir os brasileiros no universo digital e de navegação na Web majoritariamente por espertofones e banda larga móvel, com franquias de dados caras e extremamente limitadas, estamos escolhendo também um modelo de desenvolvimento econômico com baixo potencial de produção, programação e disseminação de conteúdo. É a inclusão digital para o consumo apenas, e não para a cidadania, para a economia e para o fortalecimento da democracia.”

PITA, Marina. A inclusão digital no Brasil serve ao consumo e não à cidadania. *CartaCapital - Entrevzes*, 31 jan. 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/a-inclusao-digital-no-brasil-serve-ao-consumo-e-nao-a-cidadania>. Acesso em: 25 jun. 2022.

Podemos perceber que, embora o texto seja majoritariamente **argumentativo** e componha o gênero “artigo de opinião”, ele utiliza diferentes peças disponíveis no arsenal linguístico a fim de chegar a um resultado o mais próximo possível do objetivo inicial.

O trecho destacado expõe alguns fatos a respeito da vida do criador da Rede Mundial de Computadores. Observe que essas informações dizem respeito a uma marcação temporal específica.

Aqui, **narra-se** uma passagem da vida de Berners-Lee, ou seja, há ações dispostas em uma sequência temporal.

Este trecho condensa o objetivo principal de todo o texto: ele tenta convencer o leitor a respeito de um ponto de vista adotado. Portanto, **argumenta** a partir de outros elementos.

Para continuarmos as análises, selecionamos três textos que abordam um tema comum: o uso de tecnologias no contexto escolar. Vale ressaltar que as plataformas de divulgação, os interlocutores e os objetivos gerais não são os mesmos. Por causa dessa soma de fatores, os textos finais são, portanto, diferentes entre si.

Texto 1



A postagem feita na rede social tem um tom mais informal, aceita o uso da primeira pessoa do singular, sua extensão é variável e pode mobilizar todos os tipos de texto, dependendo de seu objetivo.

Texto 2

Em entrevista, especialista diz que tecnologia aproxima aluno e professor

Tablets, notebooks, redes sociais e softwares específicos para educação são, hoje, as principais formas de se aplicar as inovações tecnológicas em sala de aula

O uso da tecnologia em sala de aula é algo inevitável e o Brasil deve investir em um suporte tecnológico para a pedagogia. Isso é o que mostrou a pesquisa Intel Global Innovation Barometer, realizada pela Intel, com 12 mil pessoas em oito países. [...] Para entender um pouco mais sobre essa pesquisa, o uso da tecnologia em sala de aula e a relação com os alunos, o Correio entrevistou Edmilson Paoletti, gerente de Desenvolvimento de Negócios para Educação da Intel.

A tecnologia pode transformar a educação?

O brasileiro tende a ser mais aberto a novas tecnologias e acreditar nelas como uma forma de evolução, assim como mostrou a pesquisa. Isso pode ser explicado pela rápida adesão da população a novas plataformas tecnológicas, como as redes sociais. E, por isso, acreditamos que aqui, sim, a educação pode ser transformada por meio da tecnologia, principalmente por alterar a forma como ocorre o processo de ensino e de aprendizagem. Ela sempre teve e ainda terá um papel fundamental daqui para a frente.

O senso comum é que a tecnologia afasta as pessoas – basta olhar WhatsApp e redes sociais. No entanto, na pesquisa, 65% dos brasileiros acreditam que ela vai aproximar o professor do aluno. Como isso ocorre?

Um dos grandes benefícios do uso da tecnologia é o desenvolvimento do trabalho em equipe e da colaboração. E isso ocorre não só entre alunos, mas também entre eles, os professores e os pais. As pessoas tendem a pensar em um afastamento, mas só porque o contato é feito de forma virtual. No entanto, isso é

mais uma forma de se comunicar, uma opção. De forma alguma invalida algo pessoal e direto que, com certeza, deve acontecer no ambiente da sala de aula, é insubstituível.

Quais são as soluções tecnológicas que podem ajudar os estudantes e as escolas?

Hoje, o foco está tanto no *hardware* quanto no *software*. Juntos permitem o desenvolvimento de habilidades do século XXI, que seriam: a colaboração, o trabalho em equipe, o pensamento crítico e as soluções de problemas. Para isso, há programas voltados para a administração que fazem a implementação e o gerenciamento do ambiente escolar, para comunicação entre os alunos, avaliação em sala, simulação de laboratório. Quanto ao *hardware*, as plataformas foram evoluindo; começou com os *notebooks* educacionais e recentemente começaram a surgir os *tablets*. Hoje, há uma divisão entre as implementações em sala de aula das pranchetas. Algumas instituições vão preferir equipamentos que sejam mais lúdicos, para séries do começo da escola. Em outras, faz sentido ter, por exemplo, um teclado físico, como no Ensino Médio, a fim de permitir a produção de conteúdo. [...]

PAOLETTI, Edmilson. Em entrevista, especialista diz que tecnologia aproxima aluno e professor. *Correio Brasileiro*, 30 out. 2014. Entrevista concedida a ALMEIDA JR., Ataíde. CB/D.A. Press. Disponível em: https://www.correiobrasileiro.com.br/app/noticia/escolhaescola/2014/10/30/interna_escolhaescola,455245/entrevista-especialista-diz-que-tecnologia-aproxima-aluno-e-professor.shtml. Acesso em: 25 jun. 2022. (Adaptado)

A entrevista é um texto na forma de perguntas e respostas. É um exemplo que nos faz perceber, com um pouco mais de clareza, que o **gênero textual se constitui socialmente**. Não há um formato ideal ou perfeito, mas sim um consenso sobre sua estrutura básica: ela deve ser composta de perguntas e respostas. Isso ocorre também com outros gêneros.

Texto 3

1. Dê ênfase aos principais problemas de aprendizagem diagnosticados.
2. Garanta que todos os setores da escola terão acesso às tecnologias.
3. Integre os responsáveis pelos alunos e a comunidade escolar.
4. Explore as plataformas de educação aberta.
5. Avalie os resultados de forma contínua.

Esse pequeno passo a passo para a implementação de novas tecnologias na sala de aula descreve ações, como um manual de instruções ou uma bula de remédios. É interessante observarmos que as formas verbais escolhidas são características desse tipo de texto.

Assim, entendemos que o conhecimento ou a percepção que acabamos de sistematizar são características que todo indivíduo tem de modo quase intuitivo: para cada situação de interlocução ou de comunicação, mobilizamos um repertório linguístico para produzir mensagens segundo o público para o qual nos dirigimos, o que pretendemos provocar nele, o objetivo que buscamos ao fazê-lo e o meio pelo qual o fazemos.

Narrar, relatar, argumentar, expor e descrever são peças de características próprias com as quais construímos nosso discurso. Esse discurso, assim construído, resulta em gêneros textuais com mais ou menos elementos de cada peça, conforme exigir a situação comunicacional em que nos encontramos.

Revisando

- Observe o trecho a seguir, retirado do jornal *Folha de S.Paulo*, e identifique nele ao menos duas ferramentas básicas de construção textual (dois tipos textuais).

Cientistas encontram planeta similar à Terra capaz de abrigar vida

Cientistas da NASA anunciaram ontem a descoberta do primeiro planeta com o tamanho aproximado da Terra a orbitar a zona habitável de seu sistema planetário.

O achado é um passo fundamental na confirmação da desconfiança dos astrônomos de que mundos similares ao nosso sejam comuns no Universo.

O planeta orbita uma estrela com metade do diâmetro do Sol, localizada a cerca de 490 anos-luz de distância (um ano-luz é a distância que a luz percorre em um ano, cerca de 9,5 trilhões de quilômetros).

Chamada de Kepler-186, ela abriga cinco planetas identificados, o quinto dos quais com aproximadamente 1,1 vez o diâmetro terrestre, localizado na chamada zona habitável.

Essa região do sistema planetário é definida como a área em torno de uma estrela onde um planeta receberia a quantidade certa de radiação para abrigar água em estado líquido na superfície.

Como na Terra essa foi a condição básica para que o planeta desenvolvesse formas de vida, os cientistas esperam que ela seja um bom termômetro para a busca de outras biosferas no Cosmo.

O anúncio foi feito ontem pela NASA, simultaneamente à publicação de um artigo científico na revista *Science*.

[...]

NOGUEIRA, Salvador. Cientistas encontram planeta similar à Terra capaz de abrigar vida. *Folha de S.Paulo*, 18 abr. 2014. Folhapress. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/ciencia/2014/04/1442461-cientistas-encontram-planeta-similar-a-terra-capaz-de-abrigar-vida.shtml. Acesso em: 25 jun. 2022.

Redação proposta

- Unicamp-SP 2018

Texto 1

Você é um estudante do Ensino Médio e foi convidado pelo Grêmio Estudantil para fazer uma palestra aos colegas sobre um fenômeno recente: o da **pós-verdade**. Leia os textos abaixo e, a partir deles, escreva um texto base para a sua palestra, **que será lido em voz alta na íntegra**. Seu texto deve conter: a) uma explicação sobre o que é pós-verdade e sua relação com as redes sociais; b) alguns exemplos de notícias falsas que circularam nas redes sociais e se tornaram pós-verdade; e c) consequências sociais que a disseminação de pós-verdades pode trazer. Você poderá usar também informações de outras fontes para compor o seu texto.

Texto A:



(Disponível em: <https://horizontesafins.wordpress.com/2017/02/02/a-verdade-da-pos-verdade/>. Acessado em 03/09/2017)

Texto B:

O que é “pós-verdade”, a palavra do ano segundo a Universidade de Oxford

Anualmente, a *Oxford Dictionaries*, parte do departamento de imprensa da Universidade de Oxford responsável pela elaboração de dicionários, elege uma palavra para a língua inglesa. A de 2016 foi “pós-verdade” (*post-truth*).

A palavra é usada por quem avalia que a verdade está perdendo importância no debate político. Por exemplo: o boato amplamente divulgado de que o Papa Francisco apoiava a candidatura de Donald Trump não vale menos do que as fontes confiáveis que negaram esta história. Segundo *Oxford Dictionaries*, a palavra vem sendo empregada em análises sobre dois importantes acontecimentos políticos: a eleição de Donald Trump como presidente dos Estados Unidos e o referendo que decidiu pela saída da Grã-Bretanha da União Europeia, designada como *Brexit*. Ambas as campanhas fizeram uso indiscriminado de mentiras, como a de que a permanência na União Europeia custava à Grã-Bretanha US\$ 470 milhões por semana, no caso do *Brexit*, ou a de que Barack Obama é fundador do Estado Islâmico, no caso da eleição de Trump.

Em um artigo publicado em setembro de 2016, a influente revista britânica *The Economist* destaca que políticos sempre mentiram, mas Donald Trump atingiu um outro patamar. A leitura de muitos acadêmicos e da mídia tradicional é que as mentiras fizeram parte de uma bem-sucedida estratégia de apelar a preconceitos e radicalizar posicionamentos do eleitorado. Apesar de claramente infundadas, denunciar essas informações como falsas não bastou para mudar o voto majoritário.

Para diversos veículos de imprensa, a proliferação de boatos no *Facebook* e a forma como o *feed* de notícias funciona foram decisivos para que informações falsas tivessem alcance e legitimidade. Este e outros motivos têm sido apontados para explicar a ascensão da pós-verdade.

Plataformas como *Facebook*, *Twitter* e *Whatsapp* favorecem a replicação de boatos e mentiras. Grande parte dos factoides são compartilhados por conhecidos nos quais os usuários têm confiança, o que aumenta a aparência de legitimidade das histórias. Os algoritmos utilizados pelo *Facebook* fazem com que usuários tendam a receber informações que corroboram seu ponto de vista, formando bolhas que isolam as narrativas às quais aderem de questionamentos à esquerda ou à direita.

(Adaptado de André Cabette Fábio. O que é 'pós-verdade', a palavra do ano segundo a Universidade de Oxford. *Nexo*, 16/11/2016. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2016/11/16/O-que-é-'pós-verdade'-a-palavra-do-ano-segundo-a-Universidade-de-Oxford>. Acessado em 01/12/2017).

Texto 2

Considere a seguinte situação: uma postagem recente em uma rede social de uma mensagem de ódio contra os nordestinos foi foco de intensa discussão. Dada a repercussão do caso, o jornal de maior circulação de sua cidade resolveu fazer um caderno especial sobre o tema “Liberdade de Expressão”. Leitores de diferentes perfis foram convidados a se manifestar e você foi o estudante escolhido. Para atender a esse convite, você deverá escrever um **artigo de opinião** em que discutirá a seguinte questão: “Há limite para a liberdade de expressão?”

No seu artigo de opinião, você deve:

- a) identificar e explicitar os **dois** principais posicionamentos sobre a questão tratada;
- b) assumir **um** desses dois posicionamentos e sustentá-lo com argumentos.

Seu texto deverá considerar as seguintes citações:

“Liberdade de expressão é a possibilidade de as pessoas se manifestarem sobre fatos e ideias sem interferências externas, sobretudo do Estado. Discurso de ódio é uma tentativa de desqualificar e excluir do debate grupos historicamente vulneráveis, seja por religião, cor da pele, gênero, orientação sexual ou qualquer traço utilizado com o objetivo de inferiorizar pessoa ou grupo.” (Luís Roberto Barroso, Ministro do STF.)

“A frase ‘eu discordo do que dizes, mas defenderei até a morte o teu direito de dizê-lo’ talvez seja a melhor definição para a liberdade de expressão. Afinal, é muito fácil conceder a liberdade de expressão às ideias com que concordamos; muito mais difícil é aceitar a manifestação de ideias que desgostamos. O que se tem visto no Brasil nos últimos tempos, no entanto, é uma crescente vontade de reprimir formas de expressão que sejam consideradas desrespeitosas e preconceituosas. A iniciativa, embora tenha como pano de fundo uma intenção nobre, tem gerado situações desproporcionais, limitando o direito à livre expressão e violando a Constituição Federal.” (Bruno de Oliveira Carreirão, advogado.)

“Liberdade de expressão é poder se manifestar sobre aquilo que não ofenda ou ataque o sentimento íntimo das pessoas. Discurso de ódio é o que tem por objetivo incitar, criar beligerância e promover animosidades contra esses sentimentos pessoais.” (Marcelo Itagiba, ex-deputado.)

“As grandes sociedades se caracterizam pela pluralidade de valores, alguns excludentes. A liberdade de expressão é ligada à liberdade em si, mas há o valor da luta contra o preconceito. Como lidar com o conflito de valores? Os EUA optaram pela liberdade de expressão. O Brasil optou por uma legislação protetiva. Isso guarda um certo paternalismo, mas expressa respeito.” (Fernando Schüller, cientista político.)

“É necessário entender a ideia de identidade e de alteridade. Por uma questão de sobrevivência, nos sentimos seguros quando próximos de algo com que nos identificamos. Queremos sempre que o outro seja igual a nós e, se não for, talvez tenhamos que destruí-lo. Este é um pressuposto fundamental para o surgimento do discurso de ódio.” (Izidoro Blikstein, professor da FGV e especialista em Análise do Discurso.)

“Liberdade de expressão é o direito de expor a opinião e exercitar a divergência sem ser perseguido ou condenado. O discurso de ódio é um conceito um tanto abstrato e elástico. Para uns, é a expressão da verdade desnuda do politicamente correto; para outros, é a tentativa abjeta de difamar seu interlocutor.” (Rachel Sheherazade, jornalista e apresentadora de TV.)

“O discurso de ódio aparece quando você acha que seu modo de ser e estar no mundo deve ser um modelo com o qual outras pessoas têm que se conformar. Se isso não acontecer, o discurso de ódio vem para deslegitimar a sua vivência, para fazer com que pareça que sua vida não merece ser vivida.” (Linn da Quebrada, cantora.)

“Liberdade de expressão não é um direito absoluto, nem pode ser. As pessoas têm dificuldade de entender que vivem em sociedade, que existem regras e que a gente precisa delas, sobretudo no que diz respeito à vida do outro.” (Djamila Ribeiro, ativista dos movimentos negro e feminista e ex-Secretária Adjunta de Direitos Humanos da prefeitura de São Paulo.)

(Adaptado de <http://temas.folha.uol.com.br/liberdade-de-opiniao-x-discurso-de-odio/o-que-e-o-que-e/ personalidades-discutem-o-que-e-liberdade-de-opiniao-e-discurso-de-odio.shtml>. Acessado em 13/11/2017.)

Texto complementar

Interpretar não é compreender: um estudo preliminar sobre a interpretação de texto

A base conceitual da interpretação de texto é a compreensão. A etimologia, ainda que não seja um recurso confiável para estabelecer o significado das palavras, pode ser útil aqui, para mostrar a diferença entre compreender e interpretar. “Compreender” vem de duas palavras latinas: “cum”, que significa “junto” e “prehendere” que significa “pegar”. Compreender é, portanto, “pegar junto”. Essa ideia de juntar é óbvia em uma das principais acepções do verbo compreender: ser composto de dois ou mais elementos, ou seja, abarcar, envolver, abranger, incluir. [...] A outra acepção de compreender é entender, perceber, alcançar com a inteligência. Essa é a acepção que está mais próxima do tema abordado aqui. [...] Etimologicamente a palavra “interpretar” vem do latim “interpes”, que se referia à pessoa que examinava as entranhas de um animal para prever o futuro. Do ponto de vista da leitura, há um pressuposto interessante aqui: o significado daquilo que é lido não está na cabeça do *interpretes*, do adivinho, mas contido no objeto. O *interpretes* não pode atribuir um significado, não pode tirar algo de dentro de si para depositar no objeto; pode apenas extrair o significado que já está dentro do animal. Uma atribuição de sentido seria não só uma impostura, mas seria também negar ao *interpretes* a capacidade de leitura; ele não inventa e nem cria, ele apenas reproduz o que supostamente preexiste na sua frente. Em suma, para o *interpretes*, o significado emerge do próprio objeto em direção ao leitor. [...] Quem interpreta faz uma leitura de mão única, recebendo passivamente as informações, sem voz para interagir ou dialogar com o texto. É alimentado diretamente pelo que lê [...]. Compreender e interpretar são dois conceitos que se aproximam em alguns aspectos e se distanciam em outros. [...] compreender é relacionar. Essas relações precisam ser estabelecidas em várias direções, locais e globais, dentro do objeto de leitura e fora dele, dentro do leitor e fora dele. Vê-se um texto, uma imagem, uma música, um vídeo e qualquer outro objeto de leitura, como um quebra-cabeça que precisa ser montado em suas partes para se chegar à compreensão em sua totalidade. Interpretar, por outro lado, é explicar para o leitor de que modo cada quebra-cabeça pode ser montado.

LEFFA, Wilson J. Interpretar não é compreender: um estudo preliminar sobre a interpretação de texto. In: Wilson J. Leffa; Aracy Ernst. (org.). *Linguagens: metodologia de ensino e pesquisa*. Pelotas: Educat, 2012. p. 254, 255, 260 e 268. Disponível em: https://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/interpretar_compreender.pdf. Acesso em: 30 ago. 2022.

Quer saber mais?



Artigo

Falta amor no mundo, mas também falta interpretação de texto, de Lara Brenner. Disponível em: <https://www.revistabula.com/6691-falta-amor-no-mundo-mas-tambem-falta-interpretacao-de-texto/>. Acesso em: 25 jun. 2022.

Nesse texto, a articulista e professora de Língua Portuguesa Lara Brenner apresenta algumas situações cotidianas nas quais precisamos de uma interpretação de texto comum aos interlocutores para que haja sucesso na comunicação da mensagem.



Livro

Produção textual, análise de gêneros e compreensão, de Luiz Antônio Marcuschi. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

O livro trabalha com diversos gêneros textuais, exemplificando e detalhando o que constitui os gêneros mais cotidianos.

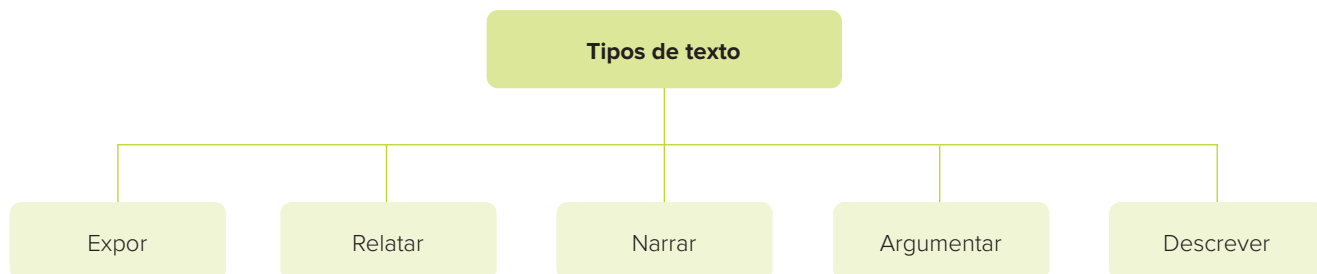


Música

“Consumado”, de Arnaldo Antunes.

Nessa canção, o eu lírico diz que fará diversas outras canções para a pessoa amada. A cada novo estilo ou gênero musical evocado, percebemos que a composição seria diferente: ainda que fosse uma música de amor em qualquer gênero, um *blues* ou um samba precisariam de elementos diferentes para serem compostos, como um texto simples. Valem o som, a reflexão e a imaginação.

Resumindo



FRENTE ÚNICA

CAPÍTULO

2

Quando a prova pede um gênero textual

Os textos com os quais nos deparamos em nosso cotidiano compõem nosso variado repertório de gêneros textuais. Assim, quando precisamos elaborar um texto, é fundamental conhecermos a situação de comunicação em que será produzido. Entre outros critérios, devemos nos perguntar:

- Para quem estamos escrevendo?
- Com que finalidade?
- Onde divulgaremos esse texto?

Portanto, entender o contexto de produção e circulação dos textos é muito importante.

As provas de vestibular que abordam gêneros textuais costumam deixar claro, nos manuais e editais, que estão cobrando nada mais que leitura e escrita. Portanto, espera-se que o candidato seja capaz de ler e interpretar um texto-base de forma madura e autônoma e de reorganizar, em outro formato, as informações colhidas durante a leitura. Quando existe essa exigência, então, temos de pensar sempre na **situação de comunicação**, ou seja, é necessário observarmos todos os elementos do processo comunicativo, como o emissor, a mensagem, o receptor, o meio, a linguagem empregada e o objetivo.

Nossa memória

Não há muitos motivos para temer uma proposta de redação que aborda gênero textual. Geralmente, é o medo que nos faz optar por aquilo que treinamos mais e que se tornou conhecido e familiar, como é o caso da dissertação. O problema é que nem sempre o que aprendemos sobre dissertação será suficiente para cumprir as tarefas solicitadas, porque cada gênero textual será composto de peças diferentes que escolheremos conforme a situação.

Em breve, estudaremos a **dissertação de vestibular** e perceberemos que ela mobiliza uma composição de ideias específicas, as quais lhe dão um caráter próprio; é por isso que ela não apresentará as mesmas características de uma notícia, por exemplo. Nesse sentido, temos a nosso favor o fato de sermos seres sociais e de nos comunicarmos verbalmente; sendo assim, é pouco provável que uma prova de vestibular peça a construção de um texto com o qual nunca tivemos contato. **Então, se o gênero é construído socialmente, tendemos a reconhecê-lo por sua frequência.**

No vestibular de 2012, a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) solicitou a construção de um **verbete**, o que assustou muitos candidatos. Porém, a proposta era clara: criar um texto destinado a leigos em informática para ser publicado em uma enciclopédia *on-line*. Habitados ao ambiente virtual – principalmente as gerações mais jovens –, conhecemos ao menos uma enciclopédia *on-line* em que é possível encontrar explicações breves sobre determinado assunto. Sabemos seu formato interno, suas subdivisões, sua linguagem, entre outras características. É com base em memórias desse tipo, portanto, que conseguiremos construir nossas redações. **Construir textos não se aprende do zero!**

O contexto

Para produzir um texto em uma situação específica, é fundamental que nos percebamos como personagens. Uma das propostas de redação das aulas anteriores sugeria que você se colocasse na posição de um estudante do Ensino Médio que foi convidado pelo Grêmio Estudantil para fazer uma palestra aos colegas sobre um fenômeno recente e, para isso, escrevesse um texto-base para a sua palestra, que seria lido em voz alta, na íntegra. Você se proporia a apresentar uma palestra aos outros alunos sobre o assunto indicado? Já fez isso antes ou, ao menos, parece-lhe natural fazê-lo? Caso sua resposta seja negativa, note que, para redigir o texto, seria necessário fingir ser esse estudante. Perceba que, se você não se der conta da “máscara” exigida, pode acabar fazendo escolhas vocabulares mais pobres e deixar o texto com um tom monótono demais. Isso mostra que a prova que pede gênero textual exige mobilidade situacional de sua parte, uma percepção de que todo contexto é teatral e que somos todos personagens interagindo, que selecionam traços de suas personalidades conforme a conveniência.

Essa representação não é exclusividade da produção textual.

Observe suas relações cotidianas: você escreveria um bilhete para um familiar da mesma forma que redigiria um *e-mail* para o professor? Você faria comentários no Facebook do seu colega de sala com o mesmo vocabulário e a mesma formalidade que usaria para mandar uma carta a um jornal? É sobre isto que estamos falando: a percepção do que utilizar na situação de produção garantirá a segurança de que seu texto é adequado ao objetivo estabelecido.



Análise de uma proposta real

Observe a proposta a seguir, retirada do vestibular de 2012 da UEM.

Os textos desta Prova de Redação abordam a temática sobre a influência dos pais na escolha profissional dos filhos poder ser positiva ou negativa. Tendo-os como apoio, redija os gêneros textuais solicitados.

Texto 1

Influência dos pais na hora da escolha – Stefanie Archilli

Para a coordenadora do curso de Pedagogia do Isca Faculdades, Alessandra Pascotto, os adolescentes precisam de um direcionamento saudável, sem a imposição dos pais.

A influência deve ser vista como uma orientação, segundo Alessandra. A pedagoga explicou que o adolescente não tem condição de fazer essa escolha sozinho, por isso precisa da ajuda dos pais, familiares e amigos. “Eles são muito jovens e precisam de um direcionamento. Os pais podem levá-los para fazer um teste vocacional, para conhecer uma pessoa que é formada na área que escolheram e até visitar a faculdade e conversar com os professores”. [...]

Tão naturalmente como foi a escolha de Vitória Pinatto, 18 anos, que está estudando para passar no curso de Administração de Empresas. “Meus pais me influenciaram de forma indireta. Minha mãe tem uma loja e meu pai trabalha em uma empresa. Vendo o contato deles com a área de administração, acabei optando por fazer uma faculdade nessa área. Me espelho muito neles”.

Texto adaptado de www.jlmais.com/index.php?option=com_content&view=article&id=97056&cat.
Acesso em: 4 set. 2012.

O primeiro texto é meramente expositivo: traz a visão da coordenadora do curso de Pedagogia e a de uma estudante sobre as escolhas de curso no vestibular.

Texto 2

A 1ª escolha profissional do adolescente: quem influencia? – Anáí Auada

Quem tem um adolescente em casa sabe, sente na pele a pressão e a ansiedade do momento da primeira escolha profissional. [...]

Esse momento é inegavelmente tenso. [...]

Desafia cada membro da família a pensar alternativas, buscar seus próprios sonhos, tentar resgatar aquele desejo de realizar algo que não foi possível até então. Desde o clássico exemplo de pais sedentos por realizar seus anseios por meio do filho até o envolvimento de avós, tios, irmãos, primos e amigos de convivência próxima à família.

O jovem é visto como um papel em branco, pronto para receber qualquer história, seja para salvar aquele projeto que não teve sua chance no passado como para confirmar as próprias escolhas realizadas, devendo, portanto, ser repetidas. [...]

O risco de o jovem ser direcionado é ele decidir a partir de expectativas de outras pessoas (no caso, os pais), e não de seus próprios anseios. Por consequência, abre-se espaço à frustração, uma vez que as necessidades pessoais (do adolescente) não foram consideradas.

Texto adaptado de www.mundovestibular.com.br/articles/1423/1/.../Paacutegina1.html.
Acesso em: 13 set. 2012.

O segundo texto tem traços de relato e de argumentação: há uma narrativa pessoal introduzindo o assunto, e é apresentado um ponto de vista sobre o tema.

GÊNERO TEXTUAL 1 – ARTIGO DE OPINIÃO

Na sua opinião, a influência dos pais pode ser positiva ou negativa na escolha profissional dos filhos? Tendo como apoio os textos 1 e 2, responda a essa questão polêmica, produzindo um ARTIGO DE OPINIÃO, com no mínimo 10 e no máximo 15 linhas. Você deverá dar um título ao seu artigo. Para orientar sua produção, considere que seu texto será publicado em um jornal de circulação local, cujos leitores podem ter uma opinião diversa da sua, ou podem não ter ainda uma opinião formada sobre a questão em pauta.

GÊNERO TEXTUAL 2 – TEXTO INSTRUCIONAL

Tendo como apoio os textos 1 e 2, redija um TEXTO INSTRUCIONAL aos leitores da Revista *Pais & Adolescentes*, com no mínimo 10 e no máximo 15 linhas, no qual sejam apresentadas instruções aos pais sobre como proceder com seus filhos no momento da escolha profissional deles. Você pode optar por dar ou não um título ao seu texto.

A coletânea ou os textos-fonte

Como você pôde notar, os mesmos textos funcionam como coletânea para os dois **gêneros** solicitados; isso mostra que as informações circulam das mais variadas formas e que qualquer tema pode ser base para a construção dos mais diversos discursos.

Uma questão, porém, que pode gerar dúvidas é o fato de a maior parte dos vestibulares anular uma redação que tenha cópia dos textos motivadores. O que fazemos, então, se precisamos usar as informações da coletânea, sem copiá-las?

! Atenção

Copiar um texto é reproduzir uma sequência sintática de forma idêntica à original. A reprodução de ideias com outras palavras é o que se costuma chamar de **paráfrase**.

Quando tratarmos da dissertação, será importante lembrar que muitos vestibulares não aceitam a paráfrase, que é a reprodução do conteúdo de um texto de maneira diferente.

No entanto, aqui, a paráfrase será nossa aliada para alguns gêneros (especialmente os que não abrem espaço para opinião), e a coleta de dados será fundamental, ou seja, a busca de referências na proposta para que possamos marcar a relação entre a produção e o que foi pedido.

O primeiro gênero solicitado pela prova é um **artigo de opinião**, que, como o próprio nome já diz, exige uma

opinião, um posicionamento. Mais uma vez, vamos observar como o comando é redigido:

Tendo como apoio os textos 1 e 2, responda a essa questão polêmica produzindo um **ARTIGO DE OPINIÃO**.

Ou seja, os textos serão nosso apoio. E qual é a situação de comunicação?

[...] considere que seu texto será publicado em um jornal de circulação local, cujos leitores podem ter uma opinião diversa da sua ou podem não ter ainda uma opinião formada sobre a questão em pauta.

Aqui temos o veículo em que o texto circulará e a interlocução colocada. Mobilizaríamos talvez **RELATO**, talvez **NARRAÇÃO**, mas principalmente a **ARGUMENTAÇÃO**.

O segundo gênero solicitado pela prova é um **texto instrucional**, também com base nos textos 1 e 2. O que muda é o comando principal, pois solicita um texto:

no qual sejam apresentadas instruções aos pais sobre como proceder com seus filhos no momento da escolha profissional deles.

Já não há mais espaço para a opinião pura e simples, portanto precisaremos mobilizar a **ARGUMENTAÇÃO** e, principalmente, a **DESCRIÇÃO DE AÇÕES**. Assim, as peças que compõem o texto estão, agora, em ação.



Revisando

- Para cada uma das propostas a seguir, produza um parágrafo explicativo em que você detalhe para o seu leitor o que está sendo pedido e quais são as “peças” (os **tipos de texto**) mais relevantes para a produção do texto em questão.

a) Uepa 2012 PROPOSTA 2 – NARRAÇÃO

As palavras também são responsáveis pela violência simbólica. Palavras têm forma, cor e textura, palavras têm peso, têm cheiro e têm gosto. Palavras têm alma e têm rosto, palavras têm vida. Uma palavra maldita fere e causa uma dor que, às vezes, não sabemos definir, mas aperta nosso coração e nos deixa sem fôlego. Uma palavra bendita desabrocha nossa alegria, nossa resistência e nos causa um imenso prazer.

Redija um texto narrativo sobre um fato acontecido com você em que **UMA PALAVRA REPRESENTOU UMA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA**.

b) UEM-PR 2017 (Adapt.)

Texto

Você pode não saber o que é “Phubbing”, mas provavelmente está praticando

(Bárbara Tavares)

Uma roda de amigos no bar, um almoço de domingo em família, um jantar romântico a dois. Todas essas situações trazem algo em comum nos dias atuais: um ou mais membros do grupo – ou casal – têm o olhar fixo no celular. O hábito, cada vez mais frequente, tem nome: *Phubbing*, termo criado em 2013 por Alex Haigh, estudante de publicidade da Universidade de Melbourne, na Austrália. *Phubbing* é a junção das palavras “phone” e “snubbing” – “telefone” e “esnober”, em inglês –, e seu significado é bem autoexplicativo: o ato de esnober alguém olhando para a tela do celular.

Se reconheceu em alguma das situações? Não à toa, já que os brasileiros têm o hábito de mexer no celular, em média, 78 vezes ao dia, segundo pesquisa realizada pela consultoria Deloitte. O número é ainda maior entre grupos de 18 a 24 anos – os chamados “*millenials*”: eles checam seus aparelhos 101 vezes ao dia, contra 50 vezes entre pessoas de 45 a 55 anos.

Eu “phubbo”, tu “phubbas”

“Eu faço isso sempre, em encontros no geral”, conta a estudante Carina Caldas, de 21 anos. “Todo mundo reclama que eu só fico no celular, mas é que eu fico com vergonha real, não sei o que falar, o que fazer... Aí eu pego o celular porque acho que a pessoa preferiria fazer qualquer coisa ao invés de estar comigo, então pelo menos eu fico ali”.

Inicialmente, a prática é consciente, mas “conforme o tempo vai passando, cada vez que a pessoa recebe uma notificação de mensagem ou curtida, ela olha e responde. É um ato involuntário para saber o que está acontecendo”, explica o Dr. Cristiano Nabuco, psicólogo especialista em dependências tecnológicas. “Imagina-se que esse efeito libere dopamina, então cria-se um processo de reforço biológico, logo, cada vez que o celular tocar, automaticamente a pessoa vai olhar”, ressalta.

Ainda segundo Nabuco, de uma forma ou de outra, isso acaba virando um hábito. “Semelhante a uma pessoa que cutuca a pele ou mexe com frequência no maço de cigarros. São movimentos involuntários e inconscientes para drenar a ansiedade”, explica.

Enfim, sós. Ou não.

Em estudo recente divulgado pela Universidade de Baylor, no estado americano do Texas, 70% dos participantes afirmaram que o celular interfere “às vezes”, “com frequência” e “o tempo todo” na interação com seus parceiros. Os celulares, originalmente desenvolvidos para serem uma ferramenta de comunicação, acabam, ironicamente, atrapalhando os relacionamentos afetivos.

“Normalmente, se eu sinto a pessoa que está comigo distante por causa do celular, minha primeira atitude é pegar o meu para me distrair também. Não tenho muito costume de me irritar a ponto de brigar por isso, mas meu ex-namorado, em um momento de descontrole, chegou a pegar o celular da minha mão e jogar pela janela do carro”, conta a advogada Flávia Freitas, de 26 anos. “Felizmente não quebrou, e no momento seguinte ele foi buscá-lo. Enfim, terminamos”, completa ela.

A história se repetiu com a *social media* Débora Quirino Martins, de 29 anos. O *Phubbing* “levava a muitas brigas sérias com meu ex. Não posso dizer que foi a única causa do fim, mas colaborou. Sofro muito se recebo notificação e não vejo o que é, e quando vejo acabo me sentindo mal se não respondo na hora. E ele nunca entendeu isso, mesmo eu explicando que muitas vezes tinha a ver também com trabalho”, conta ela. “Mesmo morando juntos, ele demandava muita atenção e tinha ciúmes do meu celular, era bem frustrante”.

Há luz no fim do túnel?

“Antes de mais nada, a informação que você passa [ao praticar *Phubbing*] é: ‘o que você tem para me falar não tem relevância perto do que estou olhando’. É potencialmente ofensivo”, explica o Dr. Cristiano Nabuco. A linha é tênue entre os algozes e as vítimas. “Eu já sofri e acredito que também já tenha praticado. Algumas vezes me vejo em uma mesa de restaurante ou bar e sinto que não estava ali por alguns minutos, diante de alguma distração no celular”, conta Flávia. “Demorei muito para perceber o que fazia, é um movimento bem recente meu de tentar estar mais presente quando estou com pessoas ao vivo”, completa Débora.

O que fazer então ao perceber que você está praticando – ou sofrendo – *Phubbing*? O primeiro passo para se livrar do “vício”, assim como em todos eles, é reconhecê-lo. “É importante que as pessoas procurem estar atentas ao que os outros estão falando e, quando receberem alguma crítica, não encararem na defensiva, mas sim procurarem melhorar”, orienta Nabuco. “Se vir que não consegue de jeito nenhum ficar sem olhar o celular, desligue-o”.

Stop Phubbing

Lá em 2013, quando criou o termo, o australiano Alex Haigh desenvolveu um *website* para endossar sua campanha, o “*Stop Phubbing*”. “A ideia teve como objetivo alertar as pessoas da extração digital que começaram a desenvolver sem perceber. Além de ser falta de educação, cria um ruído nas relações profissionais, entre amigos, pais e filhos etc.”, comenta Nabuco.

Apesar de trazer, propositalmente, alguns dados inventados sobre o *Phubbing* – por exemplo: “Se fosse uma praga, dizimaria seis Chinas” –, o *site* chama atenção para um problema moderno que está realmente afetando as relações. Por lá, é possível enviar um *e-mail* para dar um “puxão de orelha” em algum conhecido, ver uma galeria de fotos de famosos praticando e até fazer o *download* de placas e cartazes *anti-Phubbing*.

(Texto disponível em <https://estilo.uol.com.br/comportamento/noticias/redacao/2017/07/31/voce-pode-nao-saber-o-que-e-phubbing-mas-provavelmente-esta-praticando-hm?cmpid=copiaecola>. Acesso em 19 set. 2017)

GÊNERO TEXTUAL – TEXTO INSTRUCIONAL

Contexto de Produção: Você é proprietário(a) de uma pizzaria tradicional da cidade e, como de costume, recebe grupos de pessoas para diferentes tipos de confraternização (aniversário, formatura, festa de fim de ano de empresa etc.). Em uma dessas situações, um grupo comemorava o aniversário de um amigo. Atendendo ao grupo, você observou que a maioria só se preocupava com seus celulares, inclusive, não se decidindo pelos pedidos a serem feitos. Bastante incomodado com a cena em particular, mas que já presenciara em outros momentos, você resolve elaborar uma espécie de cartilha a ser entregue a cada cliente quando chega ao seu restaurante.

Comando de Produção: Com base no contexto de produção acima apresentado, produza um TEXTO INSTRUCIONAL, com o mínimo de 10 e o máximo de 15 linhas, a ser entregue aos clientes de sua pizzaria ao chegarem ao estabelecimento, sobre o uso do celular. O texto deve apresentar a(s) justificativa(s) que o(a) motivou(aram) a elaborar tal texto e, também, um conjunto de procedimentos a fim de que seus clientes passem a vivenciar o momento de confraternização com qualidade na atenção e respeito com familiares e amigos nas relações presenciais.

c) UEPB 2013 PROPOSTA 01

Texto 1

Existe internet sem pirataria?

Da música ao cinema, passando pelo telefone, os correios, a televisão, a literatura e a fotografia, tudo se adaptou à rede mundial de computadores e à sua capacidade de replicar conteúdo. Mas será que quando postamos no Facebook uma foto ou vídeo que recebemos do amigo de um amigo, que, por sua vez, capturou no *blog* de outro amigo, estamos cometendo um ato de pirataria?

Até que ponto replicar conteúdo é crime? “A internet e a pirataria são inseparáveis”, disse à INFO Joe Karaganis, diretor do instituto de pesquisas americano Social Science Research Council. “Há uma infraestrutura pequena para controlar quem é o dono dos arquivos que circulam na rede. Isso acabou com o controle sobre a propriedade e tem sido descrito como pirataria, mas é inerente à tecnologia”, afirma Karaganis. [...]

Por Juliano Barreto e Maurício Moraes, da INFO – Quarta-feira, 18 de abril de 2012.
Disponível em: <http://info.abril.com.br/noticias/internet/existe-internet-sem-pirataria-8042012-32.shl>.

Texto 2

O intelectual está morto. Viva o internetual!

[...] Para detectar intelectuais, pergunte o que é um “efeito viral”. Dirão que se trata de uma epidemia (possivelmente de dengue). Vá mais adiante e procure saber o que é uma “*campusparty*”. Respondem que são festas organizadas em *campi* de universidades americanas na formatura de alunos. Finalmente, para tirar qualquer dúvida, peçam que digam o que pensam dos livros eletrônicos. A resposta inevitável será: “gosto do cheiro de papel”, como se odor interferisse na leitura ou nas ideias expostas no texto. [...]

No ano passado, uma livraria virtual na Austrália lançou *Fifty shades of grey*, que até janeiro de 2012, vendera 7 mil exemplares em livro eletrônico (o tal sem cheiro de papel). Em fevereiro, o número tinha saltado para 100 mil cópias (efeito viral), chamando a atenção das grandes editoras mundiais. No dia 21 de abril, depois que seus direitos foram comprados pela Random House, o número de exemplares vendidos em livro eletrônico estava em torno de 2,5 milhões. A imprensa só passou pelo fenômeno agora... Pela primeira vez na história, temos acesso irrestrito a bens culturais. Com o advento da internet, todos puderam expressar o que pensam a respeito de qualquer tema – incluindo aí as obras literárias. [...]

Paulo Coelho, *Revista Época*. São Paulo: Globo, 4 de junho de 2012, p. 115.

Com base na reflexão dos textos apresentados, escreva um **ARTIGO DE OPINIÃO** para ser publicado em uma revista especializada de circulação nacional, argumentando sobre o tema “baixar conteúdos na internet: permitir ou proibir?”.

Redação proposta

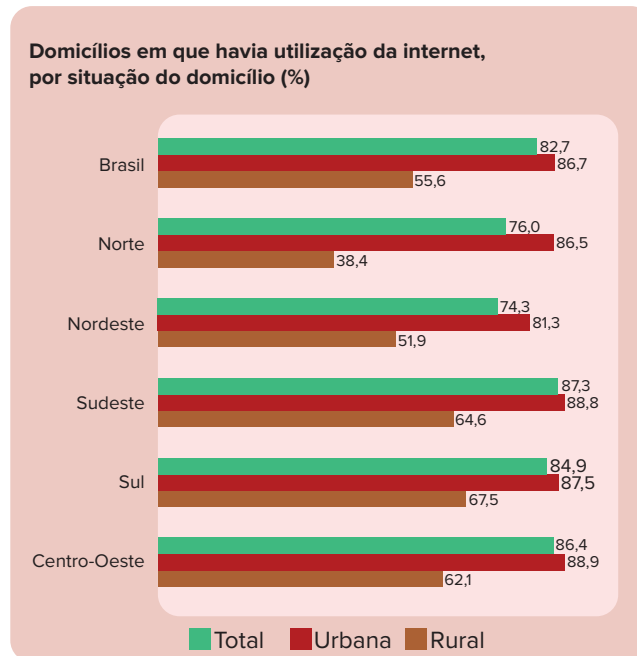
- Entre as três propostas apresentadas na seção “Revisando”, escolha a que mais lhe interessar e produza o texto exigido. Independentemente da proposta escolhida, seu texto deve ter entre 15 e 25 linhas e respeitar a norma-padrão da língua portuguesa.

Texto complementar

Uso de internet, televisão e celular no Brasil

Internet chega a oito em cada dez domicílios do País

Em 2019, a Internet era utilizada em 82,7% dos domicílios brasileiros. A maior parte desses domicílios fica concentrada nas áreas urbanas das Grandes Regiões do país, conforme mostra o gráfico abaixo:

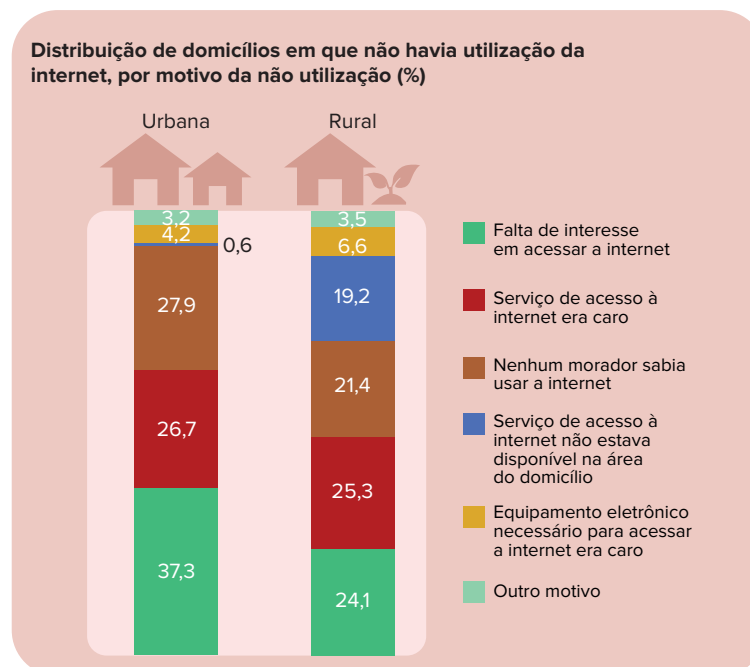


Fonte: IBGE, Diretoria de pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2019.

Nas residências em que não havia utilização da internet, os motivos que mais se destacaram para a não utilização foram: falta de interesse em acessar a Internet (32,9%); o serviço de acesso à Internet era caro (26,2%); e nenhum morador sabia usar a Internet (25,7%).

Dentre os domicílios localizados em área rural, um dos principais motivos da não utilização da Internet continua sendo a indisponibilidade do serviço (19,2%).

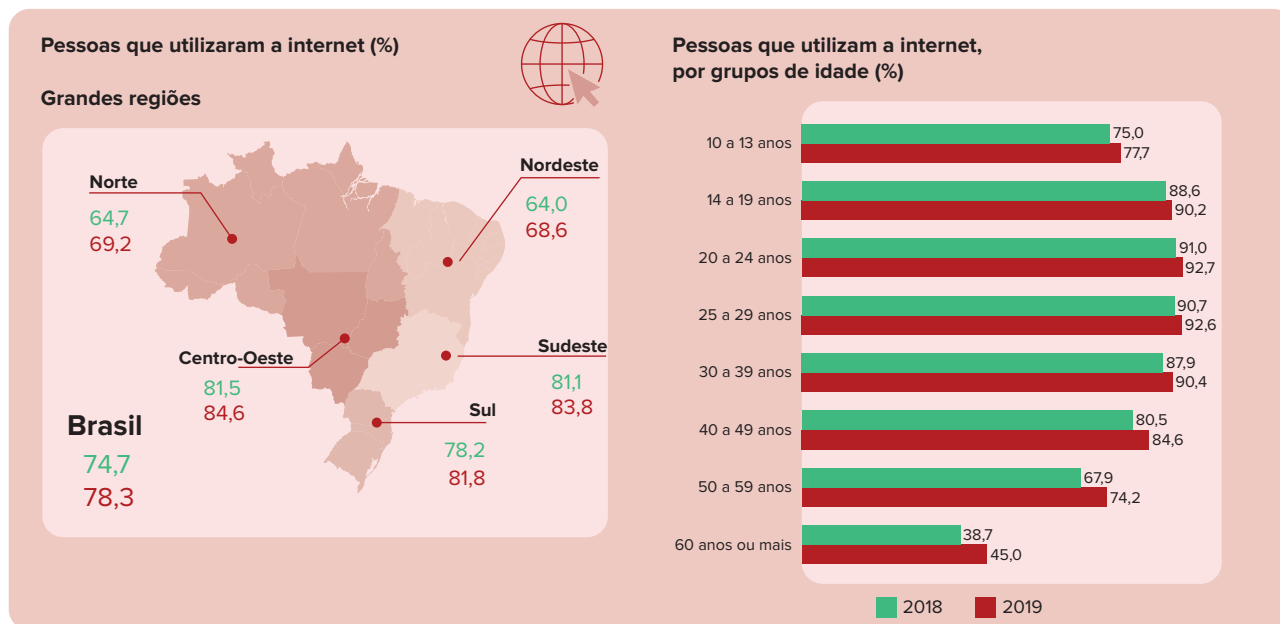
Confira no gráfico a distribuição dos motivos para a não utilização da Internet entre domicílios de áreas urbanas e rurais:



Fonte: IBGE, Diretoria de pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2019.

Entre os brasileiros com 10 anos ou mais de idade, a utilização da Internet subiu de 74,7%, em 2018, para 78,3%, em 2019, segundo dados coletados no período de referência da pesquisa. Como nos anos anteriores, os menores percentuais de pessoas que utilizaram a Internet foram observados na Região Nordeste (68,6%) e na Região Norte (69,2%).

O infográfico abaixo mostra as diferenças encontradas entre as Regiões e também por grupos de idade:



Fonte: IBGE, Diretoria de pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2018-2019.

Celular é o equipamento mais usado para o acesso à Internet

O quadro abaixo demonstra que a porcentagem das pessoas com 10 anos ou mais de idade que acessam à Internet por meio de celular e de televisão aumentou, enquanto a porcentagem das que acessam à Internet por meio de microcomputador ou *tablet* diminuiu:

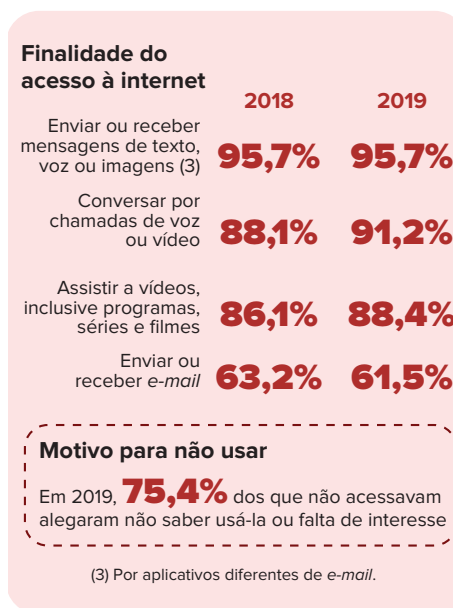


Fonte: IBGE, Diretoria de pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2018/2019.

Principal finalidade do uso da Internet é a troca de mensagens

Dentre os objetivos do acesso à Internet pesquisados, o envio e recebimento de mensagens de texto, voz ou imagens por aplicativos (não *e-mail*) continua sendo o principal, indicada por 95,7% das pessoas com 10 anos ou mais de idade que utilizaram a rede em 2019.

Conversar por chamadas de voz ou vídeo foi apontada por 91,2% dessas pessoas; vindo logo em seguida, assistir a vídeos, inclusive programas, séries e filmes (88,4%); e, por último, enviar ou receber *e-mail* (61,5%). Confira no gráfico a seguir as principais finalidades no acesso à Internet no Brasil.



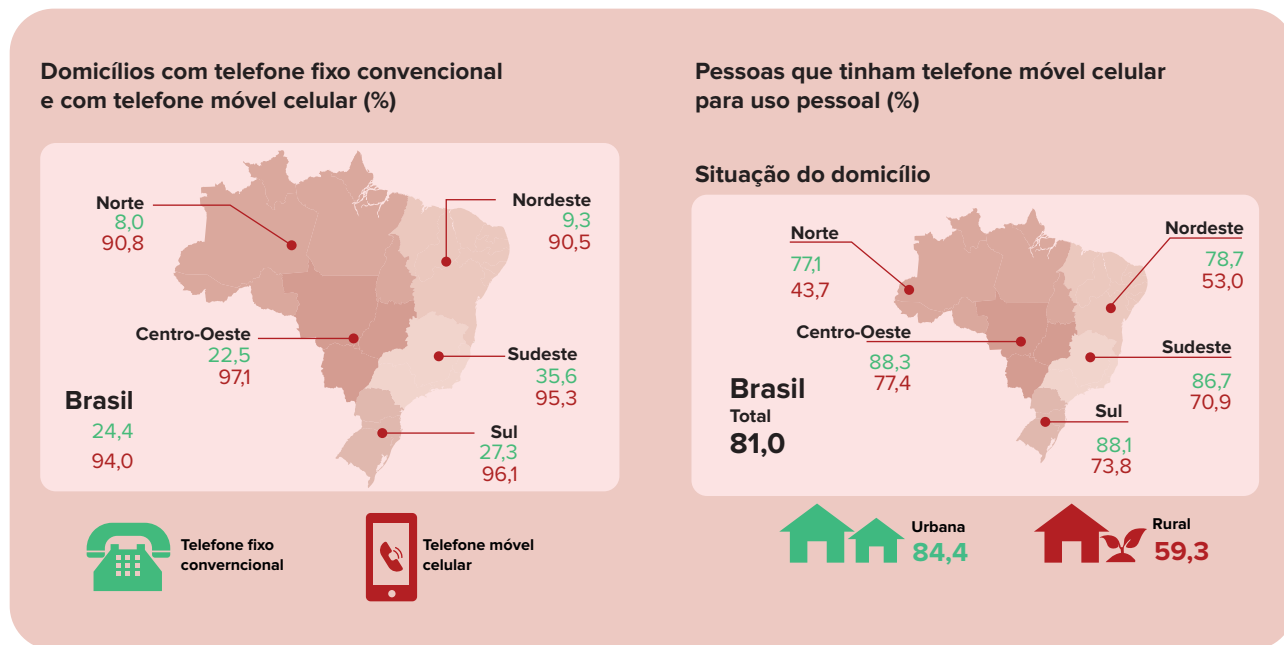
Fonte: IBGE, Diretoria de pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2018/2019.

Posse de microcomputador, tablet, telefone fixo e celular

Em 40,6% dos domicílios brasileiros constatou-se a existência de microcomputador, no ano de 2019. O número sofreu um declínio se comparado ao ano de 2018 (41,7%). Já os domicílios que continham *tablet*, a pesquisa aponta um percentual de apenas 11,3%.

Em 4,7% das residências não havia qualquer tipo de telefone. O telefone fixo convencional estava presente em 24,4% dos domicílios.

Por outro lado, a parcela das residências em que havia aparelho celular alcançou 94%. Da população com 10 anos ou mais de idade, 81% tinha telefone móvel celular para uso pessoal.



Fonte: IBGE, Diretoria de pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2018/2019.

Dentre os motivos alegados pelas pessoas com 10 anos ou mais de idade que não têm aparelho celular, os quatro que se destacaram foram:

- o aparelho telefônico era caro (27,7%);
- falta de interesse em ter telefone móvel celular (22,6%);
- não sabiam usar telefone móvel celular (21,9%); e
- costumavam usar o telefone móvel celular de outra pessoa (16,4%).

Pessoas que não tinham telefone móvel celular para uso pessoal, segundo o motivo (%)

| Motivo | Distribuição das pessoas que não tinham telefone móvel celular para uso pessoal (%) | | |
|---|---|-----------------------|---------------|
| | Total | Condição de estudante | |
| | | Estudante | Não estudante |
| Aparelho telefônico era caro | 27,7 | 39,4 | 23,2 |
| Falta de interesse em ter telefone móvel celular | 22,6 | 7,2 | 28,5 |
| Não sabiam usar telefone móvel celular | 21,9 | 4,9 | 28,4 |
| Costumavam usar o telefone móvel celular de outra pessoa | 16,4 | 29,6 | 11,3 |
| Serviço caro | 2,9 | 3,8 | 2,5 |
| Serviço de telefonia móvel celular não estava disponível nos locais que costumavam frequentar | 2,0 | 1,8 | 2,1 |
| Outro motivo | 6,5 | 13,2 | 4,0 |

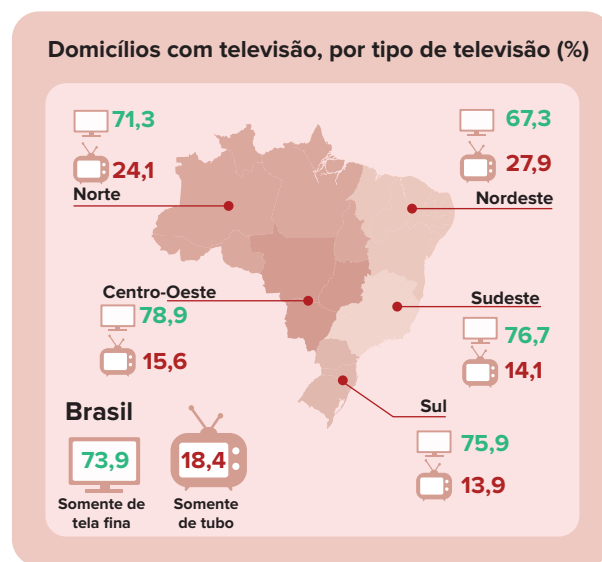
Fonte: IBGE, Diretoria de pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2019.

Televisão está em quase todos os domicílios, mas sofreu pequena retração

De todos os domicílios pesquisados em 2019, em 96,3% havia um aparelho de televisão. No ano anterior, o percentual era de 96,4%. A Região Norte continuou detendo o menor percentual de domicílios com televisão (91,6%), enquanto a Região Sudeste permaneceu com o máximo deste indicador (97,7%).

De 2018 para 2019, observou-se um aumento substancial no número de domicílios brasileiros em que havia televisão de tela fina (de 53 milhões para 57 milhões). Por outro lado, o número de domicílios com televisão de tubo declinou (de 23 milhões, em 2018, para 18 milhões, em 2019).

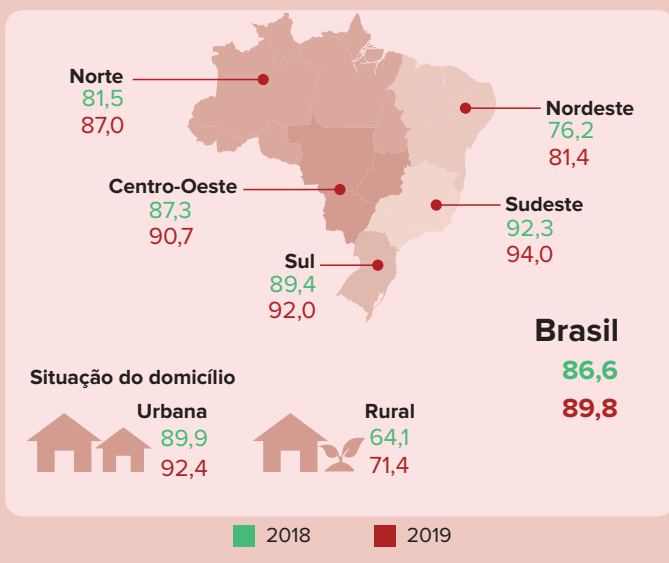
Dessa forma, a parcela de domicílios com somente televisão de tela fina subiu de 66,9% para 73,9% entre 2018 e 2019, enquanto os que tinham somente televisão de tubo caiu de 23% para 18,4%. Os movimentos, de crescimento de domicílios em que havia televisão de tela fina e declínio de domicílios em que havia televisão de tubo, ocorreram em todas as Grandes Regiões.



Fonte: IBGE, Diretoria de pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2019.

Mesmo com a modernização dos aparelhos e a implantação do sinal digital, que ainda estava em andamento em 2019, ainda há uma grande massa de potenciais excluídos pela extinção do sinal de TV analógico, que está sendo gradualmente substituído pelo digital. Em 2018, 86,6% dos domicílios tinham TVs com conversores (embutidos ou não). Já em 2019, este percentual subiu para 89,8%. Das Grandes Regiões do país, a Região Sudeste detém o maior percentual de domicílios com TVs com conversor que estavam recebendo o sinal digital de televisão aberta em 2019 (94,0%) e o mais baixo pertence à Região Nordeste (81,4%).

Domicílios com televisão que tinha conversor para receber o sinal digital de televisão aberta (%)



Uso de internet, televisão e celular no Brasil. In: *IBGE Educa Jovens*. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html>. Acesso em: 14 jun. 2022.

Fonte: IBGE, Diretoria de pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2018-2019.

Saiba mais

O IBGE Educa é um portal do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) voltado para a educação. Os conteúdos da página são constantemente atualizados de acordo com os dados mais recentes de pesquisas sistematicamente desenvolvidas pela instituição.

Quer saber mais?



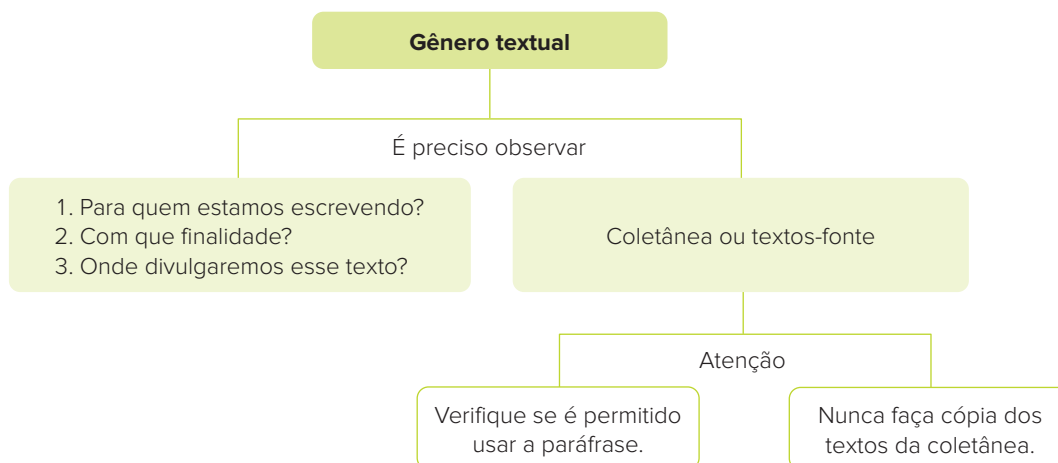
Livro

Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão, de Paula Sibília. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

No livro, a antropóloga e comunicóloga argentina Paula Sibília – que há alguns anos atua como professora da Universidade Federal Fluminense – dedica-se aos estudos das relações entre subjetividades, tecnologias e manifestações midiáticas. Nessa obra, volta-se para a análise do complexo território da educação e da escola.

Resumindo

PROPOSTA DE REDAÇÃO (VESTIBULAR)





FRENTE ÚNICA

CAPÍTULO

3

A dissertação de vestibular

Às vezes, o termo “dissertação” aparenta ser algo distante da nossa realidade. Como não é comum vê-lo em revistas ou jornais, o texto dissertativo pode até parecer inalcançável. No entanto, pensá-lo como base para a elaboração de diversos gêneros textuais torna sua composição mais fácil de ser compreendida e elaborada.

Do que é constituída a dissertação?

Vamos imaginar uma grande metrópole, como São Paulo. Observando uma foto dessa cidade, identificaremos diversos prédios que, por mais distintos que sejam, são constituídos por elementos básicos que os caracterizam como prédios. Eles são construídos com os mesmos materiais essenciais (ferro, concreto etc.) utilizados em outros tipos de edificações, como em uma catedral ou uma casa. Por sua vez, a proposta do projeto e as condições de construção determinam que o resultado do uso dos materiais seja diferente em cada uma dessas edificações. Mas o que isso tem a ver com a dissertação?

© Lucila De Avila Castilho | Dreamstime.com



Com a língua portuguesa, podemos elaborar os mais diversos textos. Variando o propósito, as condições de interlocução e os tipos, escrevemos de bilhetes a artigos, de contos a *slogans*, de bulas de remédio a teses de doutorado, entre tantas outras possibilidades textuais. Por exemplo, ainda que as entrevistas que vemos na televisão sejam distintas das que lemos em jornais, não temos problemas para percebê-las como entrevistas; por mais diferentes que as narrativas policiais e os contos fantásticos sejam, é fácil diferenciá-los de um manual de instruções. É como se essas “construções textuais” nos oferecessem alguns traços básicos para que pudéssemos fazer a distinção entre elas. A partir deste capítulo, identificaremos os elementos mais básicos de construção e reconhecimento de uma **dissertação de vestibular**.

A “peça” principal à qual precisamos atentar para identificar uma dissertação é a **argumentação**, mas não é incomum que esses textos se valham também do **relato** e da **exposição**, em menor medida.

No entanto, como não podemos presumir que o leitor já conheça o assunto tratado na dissertação, é importante contextualizá-los, como veremos adiante.

! Atenção

A dissertação é uma forma de apresentar argumentos e tem por base um **ponto de vista** a ser defendido.

Subjetividade × objetividade

Um traço bastante característico dos textos que têm como base a **argumentação** é a busca pela objetividade. Mas o que seria isso? Vamos observar o exemplo a seguir:

Eu acho o Brad Pitt bonito.

Uma afirmação assim é de difícil comprovação. Como provaríamos para o nosso leitor que o Brad Pitt é realmente bonito? A afirmação pertence ao universo do gosto pessoal, do achismo, do sentimento. Mesmo que afirmássemos mil vezes, precisaríamos contar com a crença do interlocutor em relação a um sentimento para que ele se convencesse de que o Brad Pitt é bonito. Isso acontece porque fizemos uma interpretação do mundo, utilizando exclusivamente o plano **subjetivo** de análise.

Dentro da mesma temática, vamos considerar outro exemplo:

Dado que temos um padrão de beleza frequentemente reiterado pelas propagandas e pelos discursos cotidianos que estabelecem como ideal estético os homens brancos, loiros e de olhos claros, é bem possível que boa parte da população mundial considere bonito um homem como o Brad Pitt.

A diferença entre os dois é considerável. As informações estão mais bem explicadas, mas não é só isso: tudo o que foi afirmado é passível de comprovação no mundo externo. Não são mais apenas sentimentos, existe a possibilidade de colhermos provas. Podemos, por exemplo, mostrar a incidência de pessoas da cor branca em capas de revistas de moda, de pessoas de olhos claros em *outdoors* etc. É possível também debater o quanto um padrão repetido socialmente se naturaliza sem que percebamos. Estamos, portanto, no plano **objetivo** de análise, porque as afirmações podem ser discutidas e verificadas com evidências do mundo real.

! Atenção

Há propostas que permitem traços mais evidentes de subjetividade. Perceberemos isso quando houver um encaminhamento para o gosto pessoal. Caso nada seja perguntado diretamente sobre quem escreve, optar pela objetividade é uma saída mais segura.

Artigo de opinião × dissertação de vestibular

Na dissertação, teremos como base um **ponto de vista**, ou seja, uma afirmação que deverá ser passível de comprovação a partir de elementos da realidade sensível partilhados entre o redator e seus interlocutores. Será, então, um texto com tendências à objetividade (exceto quando a proposta encaminhar-se explicitamente para o plano subjetivo, com perguntas relativas ao gosto pessoal, por exemplo).

No entanto, quando estamos redigindo a **dissertação de vestibular**, não temos total clareza de quem é o interlocutor: ele é o que costumamos chamar de **interlocutor universal** ou **leitor universal**. É alguém por volta da nossa idade, com conhecimentos de mundo parecidos, que vive em uma sociedade semelhante à nossa. Difícil, não é? Seria mais fácil imaginar que estamos defendendo uma ideia para alguém próximo, sem deixar de considerar que todo o contexto da discussão deverá ser apresentado para que qualquer pessoa com informações mínimas sobre os pressupostos da produção desse texto seja capaz de compreender as ideias nele defendidas.

No entanto, se pendermos mais para a subjetividade, correremos o risco de escrever outro gênero: o **artigo de opinião**.

Ainda que sejam termos muito próximos, “opinião” e “ponto de vista”, eles podem ser separados da seguinte forma para efeitos didáticos:

OPINIÃO

É relativa ao campo do julgamento, do gosto pessoal.

PONTO DE VISTA

É científico e analítico, depende mais de provas concretas, de verificação na realidade.

É por isso que sentenças como as apresentadas a seguir têm efeitos diferentes na construção de um texto.

EXEMPLO 1

Investir em educação é importante.

EXEMPLO 2

Investir em educação é importante caso se deseje uma sociedade com maior participação política.

No exemplo 1, temos uma opinião.

- Eu acho importante alguma coisa.
- Eu julgo importante.
- Não há finalidade nem relação com outras ideias.

Um ponto de vista é defensável, inclusive com elementos da realidade externa, porém depende mais de um contrato de confiança com o leitor. Um artigo de opinião, quando publicado, vincula-se à publicação em questão. Para esse gênero, o **veículo** é muito importante porque ele determina os **interlocutores** e, por conseguinte, as escolhas vocabulares, o grau de aprofundamento e os pressupostos. Por fim, o texto tem uma situação comunicacional construída de forma mais elaborada.

artigo de opinião: é um gênero com forma muito semelhante à dissertação, mas, como o próprio nome já diz, trata da **opinião** do autor.

No exemplo 2, temos uma relação lógica sendo traçada: X (investir em educação) só será importante caso se deseje Y (uma sociedade com maior participação política). Caso não se deseje Y, teremos de rever X. Nesse caso, o ato de investir em educação ser considerado bom não é um pressuposto; é pelo fato de traçar as relações de forma menos moral que uma afirmação assim ajuda a construir um texto mais objetivo e organizado. Essa é uma característica da dissertação de vestibular.

Editorial e texto de *blog* × dissertação de vestibular

O **editorial**, por sua vez, difere da dissertação porque seu contexto de produção também é distinto.

Mais uma vez, o público leitor é bem-definido: aquele que costuma ler essa mídia específica. A diferença é justamente esta: se conhecemos o perfil dos leitores, podemos nos adequar a ele em termos linguísticos. Já na dissertação de vestibular, o leitor é universal, por isso não é possível ter pressupostos em excesso.

O mesmo acontece quando temos um texto que foi publicado em um *blog*. Ainda que se valha de algum grau de objetividade e de organização, estar em um veículo fixo deixa marcas na produção textual, que aparecem em menor medida quando temos de escrever uma dissertação.

Saiba mais

Luiz Beltrão de Andrade Lima (1918-1986) foi um teórico de comunicação brasileiro. Jornalista, escritor e pesquisador, é autor do livro *Jornalismo opinativo*, em que trata, especialmente, dos editoriais. Por serem porta-vozes da opinião da publicação, acabam tendo um peso diferenciado e um espaço privilegiado na diagramação. Quem os escreve, segundo o autor, deve “estar perfeitamente a par do pensamento e objetivo do grupo empresarial”.



Gajus/iStockphoto.com

editorial: é um texto apresentado em nome de uma publicação, do veículo em que se encontra, e carrega em si o posicionamento da publicação em relação a um tema, geralmente uma pauta atual.

Revisando

- O texto reproduzido a seguir é um artigo de opinião. Nele, estão destacados alguns trechos mais subjetivos. Sua tarefa será reescrevê-los de forma mais objetiva, ou seja, traçando relações passíveis de comprovação.

Política de uma nota só

Todos os males da vida nacional são creditados à corrupção. Não há mais debate político possível.

Há várias maneiras de despolitizar uma sociedade. A principal delas é impedir a circulação de informações e perspectivas distintas a respeito do modelo de funcionamento da vida social. Há, no entanto, uma forma mais insidiosa. Ela consiste em construir uma espécie de causa genérica capaz de responder por todos os males da sociedade. Qualquer problema que aparecer será sempre remetido à mesma causa, a ser repetida infinitamente como um mantra.

Isto é o que ocorre com o problema da corrupção no Brasil. Todos os males da vida nacional, da educação ao modelo de intervenção estatal, da saúde à escolha sobre a matriz energética, são creditados à corrupção. Dessa forma, não há mais debate político possível, pois o combate à corrupção é a senha para resolver tudo. Em consequência, a política brasileira ficou pobre.

Não se trata aqui de negar que a corrupção seja um problema grave na vida nacional. **É, porém, impressionante como dessa discussão nunca se segue nada, nem sequer uma reflexão mais ampla sobre as disfuncionalidades estruturais do sistema político brasileiro, sobre as relações promíscuas entre os grandes conglomerados econômicos e o Estado ou sobre a inexistência da participação popular nas decisões sobre a configuração do poder Judiciário.**

Por exemplo, se há algo próprio do Brasil é este espetáculo macabro onde os escândalos de corrupção conseguem, sempre, envolver oposição e governo. **O que nos deixa como espectadores desse jogo ridículo no qual um lado tenta jogar o escândalo nas costas do outro, isso quando certos setores da mídia nacional tomam partido e divulgam apenas os males de um dos lados.** O chamado mensalão demonstra claramente tal lógica. O esquema de financiamento de campanha que quase derrubou o governo havia sido gestado pelo presidente do principal partido de oposição. Situação e oposição se aproveitaram dos mesmos caminhos escusos, com os mesmos operadores. Não consigo lembrar de nenhum país onde algo parecido tenha ocorrido.

Uma verdadeira indignação teria nos levado a uma profunda reforma política, com financiamento público de campanha, mecanismos para o barateamento dos embates eleitorais, criação de um cadastro de empresas corruptoras que nunca poderão voltar a prestar serviços para o Estado, fim do sigilo fiscal de todos os integrantes de primeiro e segundo escalão das administrações públicas e proibição do governo contratar agências de publicidade (principalmente para fazer campanhas de autopromoção). Nada disso sequer entrou na pauta da opinião pública. Não é de se admirar que todo ano um novo escândalo apareça.

Nas condições atuais, o sistema político brasileiro só funciona sob corrupção. Um deputado não se elege com menos de 5 milhões de reais, o que o deixa completamente vulnerável – para lutar pelos interesses escusos de financiadores potenciais de campanha. Isso também ajuda a explicar por que 39% dos parlamentares da atual legislatura declaram-se milionários. Juntos eles têm um patrimônio declarado de 1,454 bilhão de reais. Ou seja, acabamos por ser governados por uma plutocracia, pois só mesmo uma plutocracia poderia financiar campanhas.

Mas, como sabemos de antemão que nenhum escândalo de corrupção chegará a colocar em questão as distorções do sistema político brasileiro, ficamos sem a possibilidade de discutir política no sentido forte do termo. Não há mais discussões sobre aprofundamento da participação popular nos processos decisórios, constituição de uma democracia direta, o papel do Estado no desenvolvimento, sobre um modelo econômico realmente competitivo, não entregue aos oligopólios, ou sobre como queremos financiar um sistema de educação pública de qualidade e para todos. Em um momento no qual o Brasil ganha importância no cenário internacional, nossa contribuição para a reinvenção da política em uma era nebulosa no continente europeu e nos Estados Unidos é próxima de zero.

Tem-se a impressão de que a contribuição que poderíamos dar já foi dada (programas amplos de transferência de renda e reconstituição do mercado interno). Mesmo a luta contra a desigualdade nunca entrou realmente na pauta e, nesse sentido, nada temos a dizer, já que o Brasil continua a ser o paraíso das grandes fortunas e do consumo conspícuo. Sequer temos imposto sobre herança. Mas os próximos meses da política brasileira serão dominados pelo duodécimo escândalo no qual alguns políticos cairão para a imperfeição da nossa democracia continuar funcionando perfeitamente.

SAFATLE, Vladimir. Política de uma nota só. *CartaCapital*, 2 maio 2012.

Disponível em: www.cartacapital.com.br/politica/politica-de-uma-nota-so. Acesso em: 25 jun. 2022.

Redação proposta

- **Fuvest-SP 2021**
Texto 1

O neoliberalismo define certa norma de vida nas sociedades ocidentais, e, para além dela, em todas as sociedades que as seguem no caminho da “modernidade”. Essa norma impõe a cada um de nós que vivamos num universo de competição generalizada, intima os assalariados e as populações a entrar em luta econômica uns contra os outros, ordena as relações sociais segundo o modelo do mercado, obriga a justificar desigualdades cada vez mais profundas, muda até o indivíduo, que é instado a conceber a si mesmo e a comportar-se como uma empresa.

Pierre Dardot e Christian Laval. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*, 2016.

Texto 2

As mais soberbas pontes e edifícios,
o que nas oficinas se elabora,
o que pensado foi e logo atinge
distância superior ao pensamento,
os recursos da terra dominados,
e as paixões e os impulsos e os tormentos
e tudo que define o ser terrestre
ou se prolonga até nos animais
e chega às plantas para se embeber
no sono rancoroso dos minérios,
dá volta ao mundo e torna a se engolfar
na estranha ordem geométrica de tudo,
[...]

Carlos Drummond de Andrade, "A máquina do mundo",
de *Claro Enigma*, 1951.

Texto 3

Aqui tudo parece que era ainda construção e já é ruína
Tudo é menino, menina no olho da rua
O asfalto, a ponte, o viaduto ganindo pra lua
Nada continua...
[...]

Alguma coisa está fora da ordem
Fora da nova ordem mundial

Caetano Veloso, Trecho da música "Fora da Ordem", 1991.

Texto 4



Quino, Mafalda. *Assim vai o mundo!*

Texto 5

Os adultos ficam dizendo: "devemos dar esperança aos jovens". Mas eu não quero a sua esperança. Eu não quero que vocês estejam esperançosos. Eu quero que vocês estejam em pânico. Quero que vocês sintam o medo que eu sinto todos os dias. E eu quero que vocês ajam. Quero que ajam como agiriam em uma crise. Quero que vocês ajam como se a casa estivesse pegando fogo, porque está.

Greta Thunberg, Trecho de discurso em Davos, 2019.

Considerando as ideias apresentadas nos textos e também outras informações que julgar pertinentes, redija uma dissertação em prosa, na qual você exponha seu ponto de vista sobre o tema: **O mundo contemporâneo está fora da ordem?**

Instruções:

- A dissertação deve ser redigida de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.
- Escreva, no mínimo, 20 linhas, com letra legível e não ultrapasse o espaço de 30 linhas.
- Dê um título a sua redação.

Texto complementar

Barrados no vestibular

Em 2009, a professora Maria Thereza Fragga Rocco era vice-diretora-executiva da Fuvest. Questionada sobre as propostas de redação cobradas pelo vestibular que coordenava, concedeu à revista *Época* uma entrevista que permanece bastante atual. A seguir, selecionamos trechos da entrevista que podem ser esclarecedores quando pensamos em "dissertação":

ÉPOCA: Por que é tão importante selecionar alunos que escrevam bem?

Maria Thereza F. Rocco: Quem é capaz de produzir um bom texto demonstra operações mentais sofisticadas. Quando o candidato estabelece relações e utiliza um vocabulário próprio, revela maturidade para a vida, para as outras disciplinas e para o crescimento como cidadão. Nos anos 80, os estudantes que chegavam à universidade tinham grande dificuldade de escrever porque os vestibulares haviam abolido a redação. Os textos continham barbaridades e acreditava-se que os alunos não tinham condições de pensar. Não era nada disso. Eles pensavam e falavam muito bem, mas não dominavam o texto. Uma exigência feita no vestibular indica a necessidade de mudanças no ensino fundamental e no médio. Por isso, é tão importante atribuir um peso elevado à redação. O domínio da escrita eficiente é condição para a cidadania. A exigência da redação nos grandes exames é a salvação do Brasil.

ÉPOCA: O que os candidatos devem evitar nas provas de redação?

Maria Thereza: Os jovens acham que a banca é formada por senhores vetustos, que gostam de palavreado difícil e expressões rocamboscas. Os corretores são muito preparados e relativamente jovens. Não há, por exemplo, nenhum policiamento sobre as posições que o candidato assumir. O examinador não vai avaliar se o menino é politicamente correto ou ideologicamente bem orientado. Hoje em dia ninguém sabe o que é isso. Queremos apenas observar se ele sabe argumentar. Citações são bem-vindas, desde que sirvam de argumento para comprovar uma ideia. A citação vira uma inutilidade quando quer demonstrar erudição. [...]

ÉPOCA: Que obras literárias a senhora acha fundamentais para o vestibular e para a vida?

Maria Thereza: Acho imprescindível ler Guimarães Rosa. Poesia também é essencial. Ler os poetas contemporâneos de língua portuguesa, Fernando Pessoa e Drummond, é fundamental. Na prosa, fico especialmente impressionada com Guimarães Rosa e Machado de Assis. Já li *Dom Casmurro* 28 vezes e sempre descubro coisas em que não tinha reparado antes. Para mim, Machado é uma obsessão que ensina o tempo inteiro. Crônicas de jornal também valem a pena. São gostosas de ler e costumam ter boa qualidade literária. Adoro Danuza Leão, João Ubaldo Ribeiro e Ignácio de Loyola Brandão. Também gosto de Mário Prata, embora ele tenha elogiado Paulo Coelho, um escritor que considero menor. É importante lutar para ler. Desse embate com a palavra, que a gente sempre vence, é que vem o prazer.

ROCCO, Maria Thereza F. "Barrados no vestibular". *Época*, 9 set. 2002. Entrevista concedida a SEGATTO, Cristiane. Editora Globo. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI31185-15228,00-MARIA+THEREZA+F+ROCCO+BARRADOS+NO+VESTIBULAR.html>. Acesso em: 4 ago. 2020.

Quer saber mais?



Livro

Convite à Filosofia, de Marilena Chauí. São Paulo: Ática, 2014.

No livro, a autora trabalha conceitos de moral e ética fundamentais para que o olhar analítico fique mais preciso, maduro e respeitoso.

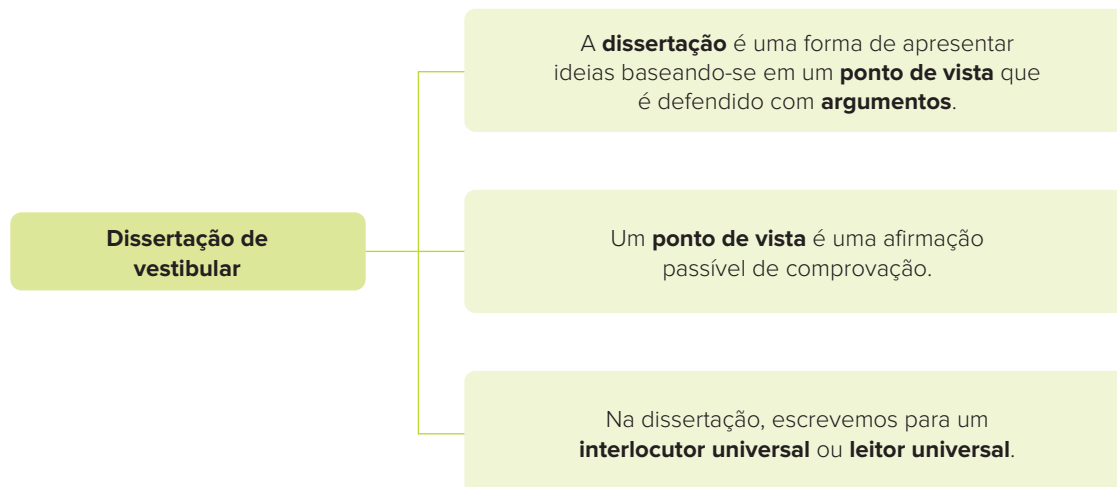


Filme

O que você faria? (El método). Direção: Marcelo Piñeyro. 2005. Classificação indicativa: 14 anos.

No filme, sete executivos disputam uma vaga em uma empresa e são deixados em uma sala sem saber que estão sendo observados. Ali, discussões éticas são travadas, e questões como gênero e idade são colocadas em pauta para a seleção de um funcionário adequado ao sistema.

Resumindo



enem

INEP

FRENTE ÚNICA

CAPÍTULO

4

Dissertação argumentativa

A todo momento, estamos conectados aos mais diversos discursos e, muitas vezes, podemos sentir que não temos tanto a dizer. Então, como confiaremos em nossa própria opinião se parece existir tantas pessoas mais articuladas e informadas opinando? Para construirmos a nós mesmos como seres pensantes, é fundamental nos percebermos como parte dessa rede discursiva, o que exige nossa participação como cidadãos e como seres políticos. Vamos, portanto, **argumentar!**

Como se apresentam os comandos de uma dissertação argumentativa?

Cada prova tem um objetivo, que vem expresso por meio da escolha de questões e de temas de redação. Até aqui, tratamos de **tipos de texto** e de **gêneros textuais** variados. Agora, podemos refletir sobre a natureza das provas, que têm como avaliação um texto qualquer alocado em uma situação comunicacional.

Por meio dos textos utilizados nas provas, o que se pretende avaliar são **as capacidades de leitura e de escrita** do candidato.

Mas, afinal, será que o candidato pode colher as ideias mais pertinentes de um conjunto de textos apresentado, a fim de construir sua redação apenas com essas informações?

Se a prova pode solicitar qualquer gênero, isso significa que é possível construir o texto com nosso “*tangram* linguístico”, ou seja, assim como no exemplo mostrado nas imagens abaixo, nosso trabalho também é o de organizar as peças.



No entanto, o raciocínio é diferente na dissertação, que surge nesse cenário como uma figura fixa a ser construída, e que permite a associação das peças necessárias, de diferentes formatos e materiais.

Nas propostas de redação dos vestibulares, ainda que a exigência se limite à produção de uma dissertação, espera-se que o candidato **se posicione ante um fenômeno específico e que movimente seu conhecimento de mundo para adotar um ponto de vista**.

Saiba mais

O *tangram*, que aparece nas imagens, é um quebra-cabeça chinês composto de sete peças. Segundo algumas lendas chinesas, o nome *tangram* teria origem na palavra inglesa *tangan*, que significa “misturas” ou “desconhecidos”. Ainda que apenas imaginado por lendas, o nome remete a um mundo que pode ser constantemente criado e recriado.

A prova do Enem, por exemplo, deixa claro na proposta de redação que espera que o estudante atente às questões mais recentes do nosso país e se disponha a pensar em mudanças.

Em geral, os comandos para as dissertações não estão restritos a “leia” e “escreva”. Verbos como “analise”, “explique”, “disserte”, “argUMENTE”, “selecione”, entre outros, farão parte das instruções que serão dadas, e é com base nesses comandos que seremos capazes de identificar o que produzir.

A coletânea

Uma coletânea, em um cenário ideal, é um conjunto de textos que estaria circulando nos mais variados veículos que compõem o universo de leitura de quem escreve. É como se um dos textos tivesse sido ouvido no rádio, o outro lido em um *blog*, o outro em um jornal, e assim por diante. Da soma dessas leituras, surgiria a vontade de escrever e de se posicionar sobre o tema.

A coletânea é um **estímulo que delimita o que deverá ser escrito e fornece uma fonte de dados e informações**, mas o conteúdo da dissertação que será produzida **precisará ir além**.

Atenção

Vale lembrar que o leitor não necessariamente leu a coletânea e que ela deverá ser apresentada e contextualizada, caso se queira fazer referência a qualquer um dos textos. O leitor final de uma dissertação não é o avaliador da prova, mas, sim, o leitor universal; o avaliador estará ali apenas para considerar se o texto produzido poderá ser compreendido por qualquer pessoa.

É importante lembrar que, para construir argumentos, deveremos ser capazes de nos posicionar diante dos fenômenos. Por exemplo: se uma coletânea traz dados sobre o desperdício de alimentos no mundo (estatísticas, locais em que o desperdício é maior, tipos de alimento desperdiçados etc.), não nos caberá reproduzir esses dados, sendo fundamental, no entanto, problematizá-los. Dessa forma, vale questionar:



Que tipo de movimentação social pode fazer o lugar X desperdiçar mais alimentos do que o lugar Y?



Por que existe desperdício se há, ao mesmo tempo, pessoas passando fome?



Quem é favorecido com a manutenção dessa lógica?

Essas informações, muito provavelmente, não estarão na coletânea, cabendo a nós refletir sobre elas, reunindo conhecimentos das mais diversas áreas do saber para construir um **raciocínio lógico** que trace **relações** entre as informações. Caso haja mera reprodução, é bem possível que o texto se assemelhe mais a uma reportagem ou a algum outro gênero expositivo e, assim, seja penalizado na avaliação.

Assunto × Tema

Perceberemos, ao longo do aprendizado da dissertação, que todos os temas de vestibular tratam de uma proposição central: a sociedade em que vivemos. O que muda, tema a tema, é o recorte adotado, o detalhe no qual vamos nos fixar. Quando relembramos as propostas que já apareceram nas mais variadas provas, é possível perceber que não há tema inteiramente novo, ou seja, que já passamos pelas mesmas discussões com enfoques diferentes ao longo das nossas leituras. Os enfoques são justamente o que diferencia **tema** de **assunto**.



Em 2012, a Fuvest, vestibular que seleciona candidatos para a Universidade de São Paulo, direcionou a prova de redação com a seguinte pergunta:

“Participação política: indispensável ou superada?”

Pensar no fazer político é pensar em uma sociedade que tem um elevado grau de desinteresse por questões de ordem pública e que se torna, dia após dia, mais individualista. Esse individualismo nos faz criar barreiras quando somos expostos a ideias e pessoas diferentes de nós e, portanto, criamos “camarotes”.

A “**camarotização**” foi o foco da mesma prova em 2015. Fechados nos nossos espaços privados, alimentamos um processo de **desigualdade social** (frequentemente abordado também por outros vestibulares, como no ITA 2012 e na Unesp 2017), de **intolerância** (Unifesp 2011, Enem 2016) e de **violência contra minorias** (Enem 2015). Portanto, se pensamos em um exemplo para explicar ao leitor um fenômeno, esse mesmo exemplo pode ser constantemente repensado, reciclado e reaproveitado porque, embora os temas sejam recortes específicos, podem abordar um mesmo assunto ou até assuntos diferentes.

Tangenciamento do tema

De acordo com o dicionário eletrônico Houaiss, **tangenciar** é um verbo que pode significar:

- traçar uma tangente a ou seguir a tangente de “no poente, a linha do horizonte parece tangenciar o Sol”;
- estar ou passar muito perto de; roçar, tocar “naquele ponto a estrada quase tangenciava o rio”;
- tocar como tangente “sua depressão tangenciava a loucura”;
- relacionar-se com, assemelhar-se a “trechos de prosa que tangenciavam a poesia”.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa*. 4. ed. rev. e aumentada. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000. p. 743.

Ainda que estejamos bastante habituados à ideia de “tangente” na Geometria, o conceito também é utilizado quando queremos dizer que algo passa muito perto de outra coisa. Tangenciar um tema na redação, portanto, é passar muito perto dele.

Reforçando:

Tema é aquilo que une todos os textos de uma coletânea e que marca sua especificidade.

Assunto é algo que engloba não só textos da coletânea em questão, mas também vários outros, que não tratam exatamente da mesma questão, mas de um conceito mais amplo.

Para exemplificar: “intolerância”, que pode englobar as mais diversas minorias, é um assunto. “Intolerância religiosa” apresenta-nos o tipo de intolerância sobre o qual se fala, por isso pode ser um tema. “Caminhos para combater a intolerância religiosa no Brasil” é, com certeza, um tema, porque encaminha um raciocínio bem-direcionado; além disso, traz o objetivo dessa produção textual, que é achar e enumerar caminhos.

No vestibular, se elaborarmos um texto relacionado ao assunto (mais abrangente) e não ao tema (mais específico), correremos um risco muito grande de receber desconto na nota. Isso acontece porque todas as discussões esbarram em alguma medida, embora tenhamos apenas 30 linhas para nos posicionar; então, a escolha do que constituirá a nossa redação é muito importante.

Em 2011, o tema do Enem foi “Viver em rede no século XXI: os limites entre o público e o privado”. Quando há uma delimitação tão específica do que se quer, precisamos nos organizar para cumprir cada trechinho do limite do tema.

“Viver em rede” nada mais é do que viver conectado. “Rede” não faz referência apenas a redes sociais, mas também a tudo o que tem a ver com conexões, com internet; quem se concentrou em discutir apenas redes sociais fez um recorte muito limitado em relação ao que era pedido e teve nota descontada por restringir a discussão. “Século XXI”, por sua vez, delimita o espaço temporal que teremos para trabalhar, ou seja, ainda que tracemos um pequeno relato histórico sobre o surgimento da internet e do amplo processo de conexão, o que interessa é o que acontece hoje; perder-se na História; portanto, pode levar a um tangenciamento do tema.

Revisando

- A seguir, foram reproduzidas duas propostas de redação. Faça a leitura atenta das coletâneas e sintetize, em uma frase, um TEMA possível para cada uma delas:

a) Enem 2020

Textos motivadores

Texto 1

A maior parte das pessoas, quando ouve falar em “saúde mental”, pensa em “doença mental”. Mas a saúde mental implica muito mais que a ausência de doenças mentais. Pessoas mentalmente saudáveis compreendem que ninguém é perfeito, que todos possuem limites e que não se pode ser tudo para todos. Elas vivenciam diariamente uma série de emoções como alegria, amor, satisfação, tristeza, raiva e frustração. São capazes de enfrentar os desafios e as mudanças da vida cotidiana com equilíbrio e sabem procurar ajuda quando têm dificuldade em lidar com conflitos, perturbações, traumas ou transições importantes nos diferentes ciclos da vida. A saúde mental de uma pessoa está relacionada à forma como ela reage às exigências da vida e ao modo como harmoniza seus desejos, capacidades, ambições, ideias e emoções. Todas as pessoas podem apresentar sinais de sofrimento psíquico em alguma fase da vida.

Disponível em: <http://www.saude.pr.gov.br>. Acesso em: 27 jul. 2020 (adaptado).

Texto 2

A origem da palavra “estigma” aponta para marcas ou cicatrizes deixadas por feridas. Por extensão, em um período que remonta à Grécia Antiga, passou a designar também as marcas feitas com ferro em brasa em criminosos, escravos e outras pessoas que se desejava separar da sociedade “correta” e “honrada”. Essa mesma palavra muitas vezes está presente no universo das doenças psiquiátricas. No lugar da marca de ferro, relegamos preconceito, falta de informação e tratamentos precários a pessoas que sofrem de depressão, ansiedade, transtorno bipolar e outros transtornos mentais graves.

Achar que a manifestação de um transtorno mental é “frescura” está relacionado a um ideal de felicidade que não é igual para todo mundo. A tentativa de se encaixar nesse modelo cria distância dos sentimentos reais, e quem os demonstra é rotulado, o que progressivamente dificulta a interação social. É aqui que redes sociais de enorme popularidade mostram uma face cruel, desempenhando um papel de validação da vida perfeita e criando um ambiente em que tudo deve ser mostrado em seu melhor ângulo. Fora dos holofotes da internet, porém, transtornos mentais mostram-se mais presentes do que se imagina.

<http://www.abrata.org.br>. Acesso em: 27 jul. 2020 (adaptado).

Texto 3



Disponível em: <https://zenklub.com.br>. Acesso em: 27 jul. 2020 (adaptado).

Proposta de redação

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema “O estigma associado às doenças mentais na sociedade brasileira”, apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

- b) **ITA-SP 2015** Leia os dois excertos a seguir e observe a reprodução da tela de Tarsila do Amaral, os quais devem servir de subsídio para a escrita de sua redação. Você não precisa citá-los nem mesmo mencioná-los. Considerando a relação entre os dois excertos, a tela de Tarsila do Amaral e os textos da prova sobre o mesmo tema, redija uma dissertação em prosa, sustentando um ponto de vista.

Sem mão de obra, Santa Catarina importa haitianos

O haitiano O. P., de 30 anos, tem dois diplomas de nível superior – psicologia e serviço social – e fala três línguas – francês, espanhol e inglês. Seu conterrâneo, M. L., de 32 anos, tem uma carreira como engenheiro químico e já trabalhou em multinacionais. Há oito meses, eles decidiram trabalhar como operários da linha industrial de abate de suínos em um frigorífico na cidade de Chapecó, no oeste de Santa Catarina. O objetivo é tentar fugir da miséria que assola seu país desde o terremoto que matou 220.000 pessoas – o equivalente a uma Chapecó inteira – e deixou 1,5 milhão de desabrigados há quatro anos. M. L. trabalha oito horas por dia em uma câmara frigorífica em temperaturas negativas. Desacostumado ao frio, ele diz ter sofrido com dores de cabeça diárias quando chegou, mas não desistiu. Nos últimos meses, conseguiu poupar boa parte do salário de 1.500 reais e agora pretende trazer a noiva que vive no Haiti para o Brasil, como fez o colega O. P., que vai se casar até o final do ano. O. P. e M. L. fazem parte de um grupo de 800 haitianos que chegaram a Santa Catarina no ano passado atraídos pela oferta de trabalho, segundo dados da Polícia Federal.



Operários, 1933, tela de Tarsila do Amaral (1886-1973).

Morar no Brasil é “sonho” internacional

O Brasil é um dos 12 países mais cobiçados para se morar, segundo uma série de pesquisas feitas em 65 nações pelo WIN – coletivo dos principais institutos de pesquisa do mundo – e tabulada pelo Estadão Dados. O crescimento econômico na última década, aliado à boa imagem cultural do País no exterior, fizeram com que o Brasil fosse citado como destino dos sonhos por moradores de dois em cada três países onde foi feito o estudo.

Na lista dos destinos mais cobiçados por quem não está feliz na terra natal, o Brasil é o único da América Latina, o único Bric (grupo formado por Brasil, Rússia, China e Índia) e a única nação ocidental em desenvolvimento. As pesquisas foram feitas no fim do ano passado e ouviram mais de 66 mil pessoas ao redor do globo. Elas foram questionadas se gostariam de morar no exterior se, hipoteticamente, não tivessem problemas como mudanças ou vistos e qual local elas escolheriam. Por isso, os resultados dizem mais sobre a imagem dos destinos mencionados do que com imigrantes em potencial.

Se esse desejo virasse realidade, o Brasil receberia em torno de 78 milhões de imigrantes nesse cenário hipotético. [...]

O Estado de S. Paulo, online, 11 jan. 2014.

Redação proposta

Enem Digital 2020

Texto 1

Na década de 1970, o Brasil não era apenas um país pobre. A maior parte dos seus municípios era habitada por elevada concentração de pobres, e a carência de serviços essenciais era generalizada. Nos últimos quarenta anos, ocorreu sensível melhora nas condições de vida das cidades brasileiras. A renda *per capita* aumentou, a concentração de pobres diminuiu e a cobertura de serviços de infraestrutura física, bem como a oferta de médicos e os níveis de escolaridade melhoraram sensivelmente. Entretanto, a desigualdade de riqueza entre os municípios brasileiros permaneceu rigorosamente estável, a desigualdade territorial da concentração da pobreza aumentou e diminuíram as desigualdades no acesso a serviços básicos de energia elétrica, água e esgoto, coleta de lixo e níveis de escolaridade.

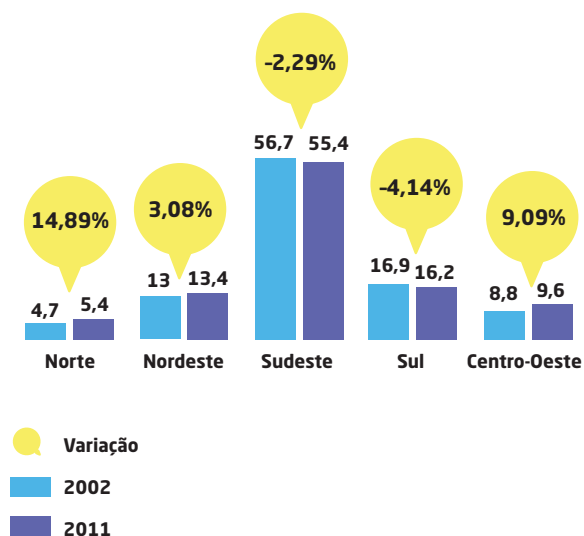
A trajetória da melhora teve, contudo, marcada expressão regional. Nos últimos quarenta anos, ela se iniciou nos municípios mais ricos, nos quais a universalização dos serviços antecede – em muito – a expansão da cobertura aos demais. A melhora das coberturas nas Regiões Sul e Sudeste constitui o primeiro ciclo de expansão para todas as políticas, ainda que com ritmos diferentes para cada política setorial. A melhora da cobertura para as Regiões Sul e Centro-Oeste constitui o segundo ciclo de expansão para todas as políticas. Por fim, as Regiões Norte e Nordeste são a última área de expansão da oferta de serviços.

ARRETCHE, M. Trazendo o conceito de cidadania de volta: a propósito das desigualdades territoriais. In: ARRETCHE, M. (Org.). **Trajetórias das desigualdades**: como o Brasil mudou nos últimos cinquenta anos. São Paulo: Ed. Unesp/CEM, 2015 (adaptado).

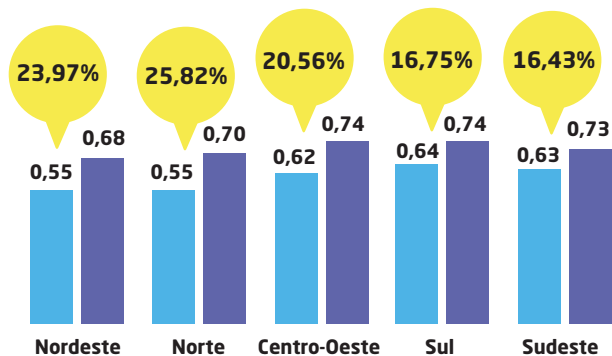
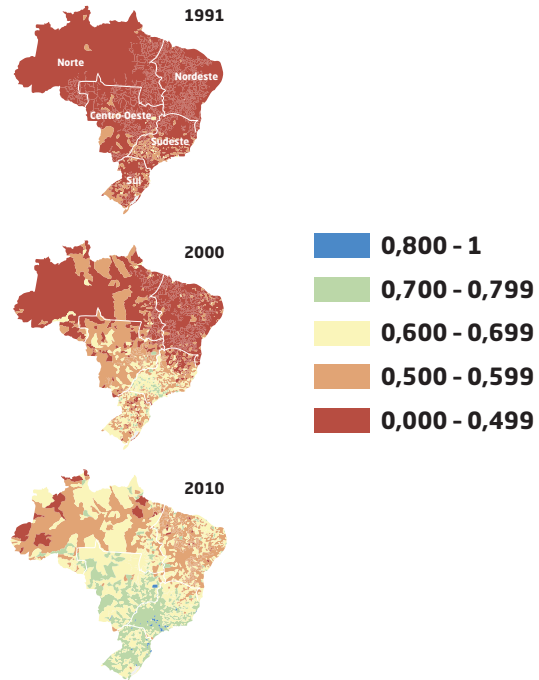
Texto 2

Produto Interno Bruto (PIB)

Participação das Grandes Regiões no PIB (%)



Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)



Varição

2000

2010

EDITORIA DE ARTE
FONTE: IBGE, FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO E PNUD

Disponível em: www.hojeemdia.com.br. Acesso em: 1º ago. 2020 (adaptado).

Texto 3

O IBGE divulgou dados sobre a renda em cada estado em 2019. A pesquisa mostrou uma disparidade grande entre as diferentes unidades da federação. Distrito Federal, São Paulo e Rio de Janeiro aparecem como os locais com maior rendimento domiciliar *per capita*.

Além de mostrar as distâncias entre cada estado, os números do IBGE revelam disparidades expressivas entre as regiões brasileiras no ano de 2019. Em especial, fica evidente o menor rendimento por pessoa em estados das Regiões Norte e Nordeste.

Todos os estados das Regiões Norte e Nordeste tiveram rendimentos *per capita* menores que os estados das Regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste em 2019. Isso significa que os 16 estados do Brasil com menor renda domiciliar *per capita* foram os 16 estados pertencentes às Regiões Norte e Nordeste. Da mesma forma, as 11 unidades com maior rendimento em 2019 são as que compõem Sul, Sudeste e Centro-Oeste.

Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br>. Acesso em: 30 set. 2020 (adaptado).

Texto 4

Qual momento específico da ocupação do território brasileiro acentuou de modo mais relevante as desigualdades sociais?

Santos – A globalização. Ela representa mudanças brutais de valores. Os processos de valorização e desvalorização eram relativamente lentos. Agora há um processo de mudança de valores que não permite que os atores da vida social se reorganizem. Até a classe média, que parecia incólume, está aí ferida de morte.

Em “O Brasil” o sr. diz que a globalização agrava as diferenças regionais brasileiras. Até que ponto ela também integra?

Santos – Ela unifica, não integra. Há uma vontade de homogeneização muito forte. Unifica em benefício de um pequeno número de atores. A integração é mais possível do que era antes. As novas tecnologias são uma formidável promessa. A globalização é uma promessa realizável e a integração será realizada.

Entrevista de Milton Santos em 2001. Disponível em: folha.uol.com.br. Acesso em: 18 jul. 2020.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema “O desafio de reduzir as desigualdades entre as regiões do Brasil”, apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

Texto complementar

Como estudar com textos acima da média

É comum depararmos-nos, ao longo de nossa formação escolar, com textos muito bem escritos, tidos como modelos. Nossa primeira reação, porém, pode acabar sendo de desmotivação: como enxergar adequadamente o caminho que existe entre o que estou produzindo agora e um texto-modelo?

Para entender o processo de aprendizagem de escrita, talvez valha a pena fazermos uma analogia com outros processos de aprendizagem. Quando vamos, por exemplo, aprender a tocar um instrumento musical, primeiro precisamos segurá-lo em nossas mãos, reconhecê-lo e identificar de que forma o som é emitido. Depois, vamos conhecendo os acordes, os movimentos que, quando combinados, emitem sempre o mesmo tipo de som; sem conhecer a constância, aquilo que sempre tem o mesmo efeito quando repetido, será complicado conseguir tocar uma melodia inteira. Nesse momento, vamos buscar partituras, desenhos e caminhos prontos para tentar reproduzir uma mesma sequência de sons enquanto ainda somos aprendizes. É só depois de percorrer um caminho conhecido e já trilhado por quem veio antes que vamos ousar compor nossas próprias melodias. Vale ressaltar que não necessariamente uma compositora ou um compositor precisa criar novos acordes, novos sons. O que fazem é criar novas combinações com aquilo que já existe.

Com o texto, o caminho é semelhante. Os textos-modelo estão ao longo deste livro para que você “brinque” com eles e para que os entenda como partituras. Tente decifrá-los: qual é o ponto de vista que defendem? Como se articulam em torno da ideia central? Como inserem os exemplos? Seriam exemplos que caberiam também em outros contextos? Fragmentá-los, pensá-los em partes, em pedacinhos, pode ser uma boa ideia.

É conhecendo uma variedade de músicas – e textos – que já foram criadas e tocadas que seremos capazes de compor com segurança e originalidade.

O texto a seguir foi considerado acima da média pela banca da FGV em 2013:

Política mundial num mundo globalizado: o que esperar

Desde o final da Segunda Guerra Mundial até a década de 1990, a política internacional global foi dominada pela disputa ideológica, econômica e armamentista entre os blocos capitalista e socialista, liderados, respectivamente, pelos Estados Unidos e pela União Soviética: vivíamos a Guerra Fria (1945-1991).

Os anos de 1989 e 1991 trouxeram, porém, a queda do Muro de Berlim e a desagregação da União Soviética, sepultando a Guerra Fria e introduzindo o planeta a uma nova fase de preponderância do capitalismo, com consequências que já começam a se manifestar e que permitem esboçar projeções políticas para o futuro.

Quanto aos países do antigo bloco socialista, eles se dividem hoje em dois grupos: o dos que insistem em adotar o sistema socialista e o dos que adotaram o capitalismo. Os primeiros vêm apresentando declínios em suas economias em função da perda do apoio que recebiam da URSS, como é o caso de Cuba e Coreia do Norte. Já os segundos têm testemunhado a penetração dos valores e da cultura norte-americanos em suas sociedades, como tem acontecido nos países do Leste Europeu.

Em uma perspectiva mais abrangente, o fim da Guerra Fria propiciou o surgimento do fenômeno da globalização. Avanços tecnológicos nas áreas de comunicação e transportes têm facilitado a integração entre as diversas áreas do globo e contemplado com o progresso e o desenvolvimento áreas outrora pouco valorizadas.

Essa relativa democratização do progresso colocou em destaque a ascensão dos chamados “países emergentes”, que, pouco relevantes no cenário da Guerra Fria, têm aumentado seu peso e representatividade político-econômica e atraído cada vez mais investidores. Outro aspecto importante que opõe o mundo atual àquele da Guerra Fria é o fim do mundo bipolar: não há mais a cisão entre os seguidores de um ou de outro modelo. O que prevalece(sic) atualmente é a multipolaridade, pois existem alguns polos de poder econômico e político (Estados Unidos, Europa e Japão) que exercem influência sobre seus continentes.

As previsões para o futuro apontam, assim, no sentido da dispersão do poder e da ascensão de novas áreas ricas e influentes. É da relação entre tais áreas e as tradicionais potências que serão moldados os contratos e os rumos que o planeta irá tomar.

Disponível em: http://cacr.fgv.br/sites/cacr.fgv.br/files/file/DIREITO_GV_REDACAO_grade_correcao_ingr_2013.pdf. Acesso em: 25 jun. 2022.

Quer saber mais?

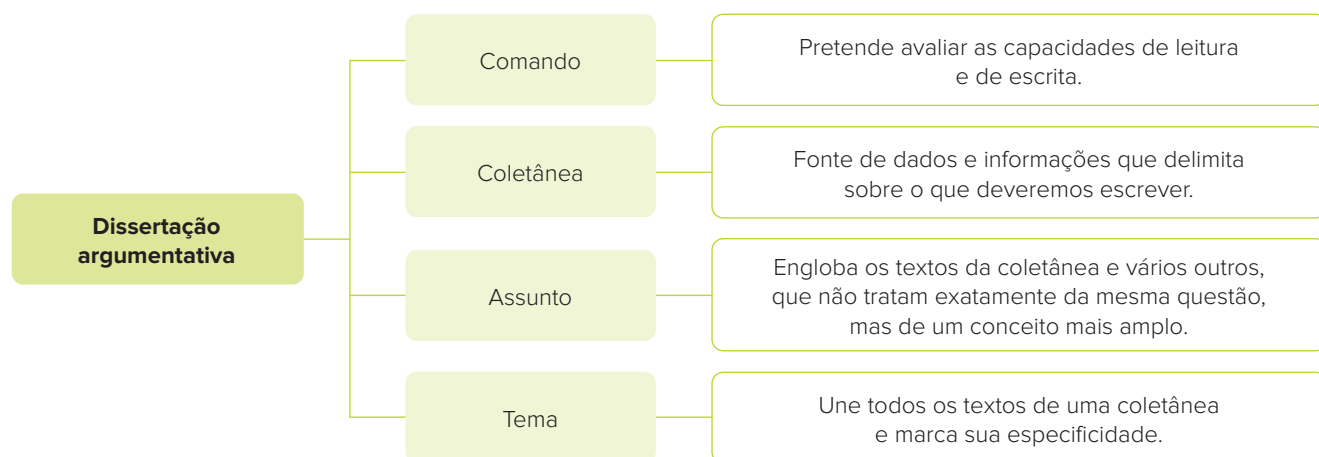


Livro

***Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda. São Paulo: Companhia da Letras, 2015.**

O autor discute a formação do Brasil como país miscigenado e as consequências culturais dessa miscigenação. Utilizado em diversas provas e discussões a respeito do tema, o livro faz parte do cânone sociológico de nosso país.

Resumindo





FRENTE ÚNICA

CAPÍTULO

5

Leitura da coletânea

Será que é possível delimitar o tema mesmo quando ele não está explícito? Afinal, nem sempre as propostas de redação trazem perguntas claras ou temas em negrito. Com base em uma coletânea mais complexa, somos desafiados a deduzir sobre o que dissertar, ainda que o foco não esteja tão evidente. Nesse momento, o exercício de leitura se torna ainda mais minucioso e, portanto, exige organização e atenção.

Afinal, qual é o tema?

Até agora, tivemos contato com coletâneas e propostas de redação que podem ser consideradas bastante didáticas, seja deixando todas as instruções explícitas, seja dando destaque à questão central do tema. Porém, o tema nem sempre virá sublinhado ou em negrito, pois alguns vestibulares optam por deixar o candidato encarar a relação entre os textos motivadores de forma mais livre. Portanto, é possível encontrar propostas de redação que apresentem coletâneas compostas apenas de uma imagem, de um texto ou, ainda, de uma coleção extensa e complexa, sendo esse último caso o nosso objeto de análise a seguir.



A análise

Coletânea ITA-SP 2014

Texto 1, de Manuel Bandeira, publicado em 1937

Não há hoje no mundo, em qualquer domínio de atividade artística, um artista cuja arte contenha maior universalidade que a de Charles Chaplin. A razão vem de que o tipo de Carlito é uma dessas criações que, salvo **idiosincrasias** muito raras, interessam e agradam a toda a gente. Como os heróis das lendas populares ou as personagens das velhas farsas de **mamulengo**.

Carlito é popular no sentido mais alto da palavra. Não saiu completo e definitivo da cabeça de Chaplin: foi uma criação em que o artista procedeu por uma sucessão de tentativas erradas.

Chaplin observava sobre o público o efeito de cada detalhe.

Um dos traços mais característicos da pessoa física de Carlito foi um achado casual. Chaplin certa vez lembrou-se de arremedar a marcha desgovernada de um **tabético**. O público riu: estava fixado o andar habitual de Carlito.

O vestuário da personagem – fraquezinho humorístico, calças lambazonas, botinas escarrapachadas, cartolinha – também se fixou pelo consenso do público.

Certa vez que Carlito trocou por outras as botinas escarrapachadas e a clássica cartolinha, o público não achou graça: estava desapontado. Chaplin eliminou imediatamente a variante. Sentiu com o público que ela destruía a unidade física do tipo. Podia ser jocosa também, mas não era mais Carlito.

Note-se que essa indumentária, que vem dos primeiros filmes do artista, não contém nada de especialmente extravagante. Agradar por não sei quê de elegante que há no seu ridículo de miséria. Pode-se dizer que Carlito possui o **dandismo** do grotesco.

Não será exagero afirmar que toda a humanidade viva colaborou nas salas de cinema para a realização da personagem de Carlito, como ela aparece nessas estupendas obras-primas de *humour* que são *O Caroto*, *Ombro Arma*, *Em Busca do Ouro* e *O Circo*.

Isto por si só atestaria em Chaplin um extraordinário dom de discernimento psicológico. Não obstante, se não houvesse nele profundidade de pensamento, lirismo, ternura, seria levado por esse processo de criação à vulgaridade dos artistas mediocres que condescendem com o fácil gosto do público.

Aqui é que começa a genialidade de Chaplin. Descendo até o público, não só não se vulgarizou, mas, ao contrário, ganhou maior força de emoção e de poesia. A sua originalidade extremou-se. Ele soube isolar em seus dados pessoais, em sua inteligência e em sua sensibilidade de exceção, os elementos de irreduzível humanidade. Como se diz em linguagem matemática, pôs em evidência o fator comum de todas as expressões humanas. O olhar de Carlito, no filme *O Circo*, para a brioche do menino faz rir a criançada como um gesto de gulodice engraçada. Para um adulto pode sugerir da maneira mais dramática todas as categorias do desejo. A sua arte simplificou-se ao mesmo tempo em que se aprofundou e alargou. Cada espectador pode encontrar nela o que procura: o riso, a crítica, o lirismo ou ainda o contrário de tudo isso.

Essas reflexões me acudiram ao espírito ao ler umas linhas da entrevista fornecida a Florent Fels pelo pintor Pascin, búlgaro naturalizado americano. Pascin não gosta de Carlito e explicou que uma fita de Carlito nos Estados Unidos tem uma significação muito diversa da que lhe dão fora de lá. Nos Estados Unidos, Carlito é o sujeito que não sabe fazer as coisas como todo mundo, que não sabe viver como os outros, não se acomoda em meio algum – em suma, um inadaptável. O espectador americano ri satisfeito de se sentir tão diferente daquele sonhador ridículo. É isto que faz o sucesso de Chaplin nos Estados Unidos. Carlito com as suas lamentáveis aventuras constitui ali uma lição de moral para educação da mocidade no sentido de preparar uma geração de homens hábeis, práticos e bem quaisquer!

Por mais ao par que se esteja do caráter prático do americano, do seu critério de sucesso para julgamento das ações humanas, do seu gosto pela standardização, não deixa de surpreender aquela interpretação moralista dos filmes de Chaplin. Bem examinadas as coisas, não havia motivo para surpresa. A interpretação cabe perfeitamente dentro do tipo e mais: o americano bem verdadeiramente americano, o que veda a entrada do seu território a doentes e estropiados, o que propõe o pacto contra a guerra e ao mesmo tempo assalta a Nicarágua, não poderia sentir de outro modo.

Não importa, não será menos legítima a concepção contrária, tanto é verdade que tudo cabe na humanidade vasta de Carlito. Em vez de um fraco, de um pulha, de um inadaptável, posso eu interpretar Carlito como um herói. Carlito passa por todas as misérias sem lágrimas nem queixas. Não é força isto? Não perde a bondade apesar de todas as experiências, e no meio das maiores privações acha um jeito de amparar a outras criaturas em aperto. Isso é **pulhice**?

Aceita com **estoicismo** as piores situações, dorme onde é possível ou não dorme, como sola de sapato cozida como se se tratasse de alguma língua do Rio Grande. É um inadaptável?

Sem dúvida, não sabe se adaptar às condições de sucesso na vida. Mas haverá sucesso que valha a força de ânimo do sujeito sem nada neste mundo, sem dinheiro, sem amores, sem teto, quando ele pode agitar a bengalinha como Carlito com um gesto de quem vai tirar a felicidade do nada? Quando um ajuntamento se forma nos filmes, os transeuntes vão parando e acercando-se do grupo com um ar de curiosidade interesseira. Todos têm uma fisionomia preocupada. Carlito é o único que está certo do prazer ingênuo de olhar.

Neste sentido Carlito é um verdadeiro professor de heroísmo. Quem vive na solidão das grandes cidades não pode deixar de sentir intensamente o influxo da sua lição, e uma simpatia enorme nos prende ao boêmio nos seus gestos de aceitação tão simples.

Nada mais heroico, mais comovente do que a saída de Carlito no fim de *O Circo*. Partida a companhia, em cuja *troupe* seguia a menina que ele ajudara a casar com outro, Carlito por alguns momentos se senta no círculo que ficou como último vestígio do picadeiro, refletindo sobre os dias de barriga cheia e relativa felicidade sentimental que acabava de desfrutar. Agora está de novo sem nada e inteiramente só. Mas os minutos de fraqueza duram pouco. Carlito levanta-se, dá um puxão na casaquinha para recuperar a linha, faz um **molinete** com a bengalinha e sai campo afora sem olhar para trás. Não tem um vintém, não tem uma afeição, não tem onde dormir nem o que comer. No entanto vai como um conquistador pisando em terra nova. Parece que o Universo é dele. E não tenham dúvida: o Universo é dele.

Com efeito, Carlito é poeta.

Crônicas da Província do Brasil. 1937.

idiosincrasia: maneira de ser e de agir própria de cada pessoa.

mamulengo: fantoche, boneco usado à mão em peças de teatro popular ou infantil.

tabético: que tem andar desgovernado, sem muita firmeza.

dandismo: relativo ao indivíduo que se veste e se comporta com elegância.

pulhice: safadeza, canalhice.

estoicismo: resignação com dignidade diante do sofrimento, da adversidade, do infortúnio.

molinete: movimento giratório que se faz com a espada ou outro objeto semelhante.

Atenção

Ao final de cada texto da coletânea, é importante uma coleta de ideias para formular o raciocínio posteriormente. Selecionar os pensamentos é essencial, pois mesmo algo que, aparentemente, não tenha relevância, pode vir a servir como um desencadeador de reflexões mais interessantes. Além disso, grifar e parafrasear os textos motivadores é um bom caminho para começar a se apropriar do assunto.

ITA-SP 2014 Considerando que o título pode antecipar para o leitor o tema central do texto, assinale a opção que apresenta o título mais adequado.

- a) A representatividade de Carlito em *O Circo*.
- b) O heroísmo de Carlito.**
- c) As representações da vida real por Chaplin.
- d) A recepção dos filmes de Chaplin.
- e) A dualidade no personagem Carlito.

A questão exige a resposta com o título mais adequado dentre as opções apresentadas, sendo correto o da alternativa **b**: o heroísmo de Carlito. Desde o início do texto, Manuel Bandeira ressalta o caráter heroico do personagem criado por Chaplin, comparando-o aos heróis das lendas populares, mas é avaliando o surgimento de Carlito e sua evolução que Bandeira chega finalmente ao ponto central do texto: mostrar como Carlito é um herói no sentido mais amplo da palavra. Assim, a partir do trecho “Em vez de um fraco, de um pulha, de um inadaptável, posso eu interpretar Carlito como um herói”, o autor refere-se ao heroísmo, chegando a denominar Carlito como “professor de heroísmo”, como observamos no início do 16º parágrafo. Portanto, é possível identificar o tema central do texto ao responder à questão.

Saiba mais

Charles Spencer Chaplin ficou conhecido como Charlie Chaplin. Nascido em Londres, foi ator, diretor, produtor, humorista, empresário, escritor, comediante, dançarino, roteirista e músico. Atuou principalmente na era do cinema mudo, e seus filmes mais famosos são: *O imigrante*, *O garoto*, *Em busca do ouro*, *O circo*, *Luzes da cidade*, *Tempos modernos*, *O grande ditador*, *Luzes da ribalta*, *Um rei em Nova York* e *A condessa de Hong Kong*.



Agence Fot. Agence photographique/Biblioteca Nacional da França

Comentário sobre o texto 1

A apresentação de uma mesma cena de Carlito a pessoas diferentes recebeu mais de uma interpretação e, no caso citado no texto, até opostas: para uns, um inadaptável; para outros, um herói. O que pode explicar isso senão as construções culturais de cada espectador ou os desejos de representação? Além do humor, a intenção de Chaplin não fica clara, mas sabemos que a mesma cena que aparece em *Tempos modernos* (aquela em que ele gira o parafuso) reaparece em vários outros filmes de maneira entristecida, ou seja, Chaplin “desenhou” a realidade para contá-la ao público em tom de piada.

Ainda não sabemos exatamente qual é o tema da redação, embora já seja possível ter uma ideia sobre o assunto, que pode ser cinema ou um tipo específico de filme. O que nos dará mais certezas a respeito da leitura e mais precisão sobre o tema são os demais textos da coletânea, como veremos na página a seguir.

Texto 2, de Ruy Castro

Ritos

Nos filmes americanos do passado, quando alguém estava falando ao telefone e a linha de repente era cortada, a pessoa batia repetidamente no gancho, dizendo “Alô? Alô?”, para ver se o outro voltava. Nunca vi uma linha voltar por esse processo, nem no cinema, nem na vida real, mas era assim que os atores faziam.

Assim como acontecia também com o ato de o sujeito enfiar a carta dentro do envelope e lamber este envelope para fechá-lo. Era formidável a “**nonchalance**” com que os atores lambiam envelopes no cinema americano – a cola devia ser de primeira. Nos nossos envelopes, se não aplicássemos a possante goma arábica, as cartas chegariam abertas ao destino.

Outra coisa que sempre me intrigou nos velhos filmes era: o sujeito recebia um telegrama ou mensagem de um *boy*, enfiava a mão no bolso lateral da calça e já saía com uma moeda no valor certo da gorjeta, que ele atirava ao ar e o garoto pegava com notável facilidade. Ninguém tirava a moeda do bolsinho caça-níqueis, que é onde os homens costumam guardar moedas.

E ninguém tirava também um cigarro do maço e o levava à boca. Tirava-o da cigareira ou de dentro do bolso mesmo, da calça ou do paletó. Ou seja, nos velhos filmes americanos, as pessoas andavam com os cigarros soltos pelos bolsos. Acho que era para não mostrar de graça, para milhões, a marca impressa no maço.

Já uma coisa que nunca entendi era por que todo mundo só entrava no carro pelo lado do carona e tinha de vencer aquele banco imenso, passando por cima das marchas, para chegar ao volante. Não seria mais prático, já que iriam dirigir, entrar pelo lado do motorista? Seria. Mas Hollywood, como tantas instituições, em Roma, Tegucigalpa ou Brasília, tinha seus ritos. E vá você entender os ritos, sacros ou profanos.

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/osp/opiniao/fz2707200905.htm>. Acesso em: 27 jul. 2009.

nonchalance: indiferença, desinteresse.

Tegucigalpa: capital de Honduras.

ITA-SP 2014 O texto 2 é uma crítica

- a) à artificialidade dos ritos no cinema e na vida real.
- b) às produções hollywoodianas.
- c) à ausência de publicidade nos filmes.
- d) à qualidade dos produtos americanos.
- e) ao funcionamento de aparelhos tecnológicos.

Comentário sobre o texto 2

Em diálogo constante com a realidade, os filmes recontam o cotidiano. No entanto, fazem isso modificando ações rotineiras para agilizar a cena e garantir (ou “desgarantir”) a propaganda, de acordo com o que é conveniente. A realidade, então, é recriada conforme a conveniência, tornando-a mais ágil, bonita e apaixonada ou mais lenta, feia e menos apaixonada.

Agora, o tema já começa a ficar mais claro, pois os dois textos tratam de cinema, mas especificam ainda mais esse olhar: tratam do cinema que modifica e recria a realidade.

Com essa hipótese em mãos, convém verificar o que os outros textos da coletânea trazem para confirmá-la ou refutá-la.

Redação

ITA-SP 2014 A seguir, há considerações de alguns cineastas sobre cinema.

1. Em um filme, o que importa não é a realidade, mas o que dela possa extrair a imaginação.
Charles Chaplin, 1889-1977, cineasta britânico.
2. O cinema não tem fronteiras nem limites. É um fluxo constante de sonho.
Orson Welles, 1915-1985, cineasta americano.
3. O cinema é um modo divino de contar a vida.
Federico Fellini, 1920-1993, cineasta italiano.
4. Cinema é a fraude mais bonita do mundo.
Jean-Luc Godard, 1930, cineasta francês.
5. Muitas vezes, se usa a palavra “cinematográfico” como sinônimo de uma coisa excepcional: “Não sei o quê é cinematográfico!” Muitas vezes, o cinema é um acúmulo de momentos escolhidos, a dedo: a paisagem mais linda, com a luz mais incrível, com o momento mais emocionante, enfim... Só que eu estava interessada em uma coisa muito mais simples. E, às vezes, as pessoas me perguntam: “Você trabalhou de um jeito até mais documental, às vezes. Por quê? Você queria que fosse mais verdadeiro?” Aí, eu falo: “Não! Não é isso!” Eu acho que qualquer coisa é uma construção. O documentário também é uma construção. Nada é mais ou menos verdadeiro. O que existe é a verdade de um filme. Interna.

Transcrição de parte da entrevista com a cineasta brasileira Sandra Kogut, constante do DVD do filme *Mutum*, 2007. Sandra Kogut é diretora e coautora do roteiro do filme, que foi inspirado na obra *Pequenas histórias*, de Guimarães Rosa.

Instruções:

Considerando a relação entre as declarações dos cineastas e os textos da prova sobre o mesmo tema, redija uma **dissertação** em prosa, sustentando um ponto de vista sobre o assunto.

Comentário sobre a redação

Cada uma das considerações indicadas nos remete a uma forma de olhar para o cinema, mas há algo nelas que é convergente: o cinema nunca é a realidade em si, mas, sim, sonho, representação, teatro, encenação, fingimento, construção etc. Nesse momento, vale a pena tentarmos listar exemplos para colocar na redação depois.

Há algum filme que conheço que mostre o cinema como “um modo divino de contar a vida” (referente à consideração 3) ou como uma “fraude bonita” (referente à consideração 4)?

A soma dos textos, portanto, leva-nos a enxergar que a coletânea não trata de diversos aspectos do cinema, mas de um principal: **o cinema recriando a realidade**. É essa direção que tomaremos como **tema principal**.

Análise de redações

Exemplo 1

O mundo como representação

A realidade, por não ser fruto de uma experimentação autoevidente, mas sim, não raro, interpretativa, é passível de diversas representações. Consoante Arthur Schopenhauer, em “O mundo como vontade e representação”, são os anseios pessoais e as representações do macrocosmo que conferem sentido aos fenômenos. Nessa lógica, o cinema é apenas um veículo de interpretação, cujo propósito não se restringe ao entretenimento, mas que alcança plenitude enquanto instrumento de reflexão, de denúncia e de acesso à cultura.

Charles Chaplin pôs em voga críticas comportamentais e sociais, de modo cômico e lúdico, por meio do personagem “Carlito”. Tal personagem abordou situações desde a idealização dos sonhos (no filme “O Circo”) ao processo de reificação do homem (no curta-metragem “Tempos modernos”) de modo a despertar a reflexão do público sobre a cultura e os artifícios de segregação sociais vigentes.

Além de provocações filosóficas, a sétima arte não se exime do caráter de denúncia. É o caso do documentário “Ilha das flores”, dirigido por Jorge Furtado, no qual era exposta a condição de miséria dos moradores da ilha: o alimento disponível era apenas restos de comida rejeitados pelos porcos de um criadouro local. Desde a então produção do filme na década de 90, houve transformações positivas no espaço retratado por intermédio da iniciativa privada, de anônimos solidários e do Estado, o que demonstra o poder do cinema em prol de uma sociedade melhor.

O trecho se aproxima bastante do tema que depreendemos a partir da coletânea, e isso é muito bom. É importante que essa ideia seja a tônica de toda a redação.

Em breve, veremos que, na dissertação, o trecho final de um parágrafo introdutório é constituído preferencialmente do que chamamos de “tese” e, nesse caso, acaba se afastando do tema porque aborda o cinema em outra chave.

Podemos observar também que os parágrafos de desenvolvimento tratam do cinema de forma bastante ampla e não retomam a questão da criação da realidade.

Também com esse objetivo, adaptações cinematográficas, bem como roteiros originais, garantem o acesso à cultura haja vista o considerável poder de alcance das telas. Versões

Podemos observar também que os parágrafos de desenvolvimento tratam do cinema de forma bastante ampla e não retomam a questão da criação da realidade.

adaptadas dos clássicos universais, como “Os miseráveis”, “O conde de Monte Cristo” e “Guerra e paz”, facilitaram o contato do valor humanizante dessas obras em formato prático e dinâmico. Com efeito, o cinema funciona como veículo de cultura, além de possivelmente estimular a leitura em razão da curiosidade pelo enredo original.

A arte cinematográfica engloba ritos restritos ao universo do cinema, isto é, não tem compromisso de retratação do cotidiano; não obstante, é ferramenta para redução das desigualdades. Entre os diferentes aspectos, o cinema também é produto da interação popular. É o público, portanto, o responsável por outorgar os limites e os poderes conferidos à telinha como representação do mundo.

Na conclusão, o tema é retomado, mas isso não é suficiente para avaliar a redação como dentro da abordagem esperada.

Fabiano Rocha

Essa redação foi avaliada como abaixo da média porque tangenciou o tema. Ainda que exponha referências eruditas e não apresente graves problemas gramaticais, o fato de não ter atentado à questão central prejudicou a avaliação. Estar dentro do tema é, pois, condição essencial para a produção de uma boa dissertação.

Compare agora a redação anterior com a que segue, observando como a segunda se apresenta dentro do tema.

Exemplo 2

O cinema é arte

O que é o cinema? A resposta para essa pergunta parece simples, afinal, a sucessão de cenas gravadas e editadas, de imagens superpostas e sequenciais, com ou sem som faz parte do nosso cotidiano. A definição, no entanto, é tão válida quanto incompleta, pois não leva em conta um ponto fundamental: **cinema é arte.**

Assim como toda arte, depende de um alto grau de subjetividade e apresenta inúmeras interpretações. Ele, portanto, não simplesmente reproduz a realidade, mas a recria.

Aqui, a tese, parte final da introdução, está tratando do tema, e, desde o começo, temos a sensação de que é realmente a questão da construção da realidade que direcionará o restante das ideias.

Para começar, sabe-se pelo senso comum que tal arte não reproduz o real.

Podemos observar que os parágrafos de desenvolvimento agora tratam do cinema como uma forma de registrar fragmentos da realidade, e não como a realidade em si, o que aproxima a discussão do tema proposto.

O simples fato de gravar uma cena, como afirmou Kant, retira parte do que é a situação de fato; mas também adiciona a visão do autor. Desse modo, seja com a história ou com um simples corte, quem faz o filme molda, como quiser e automaticamente, o mundo que está nele. Portanto, buscando ou não a verossimilhança, nenhum filme é real, é fantasia.

Essa fantasia, no entanto, não está completa. Não antes de ser assimilada pelo espectador, que faz de novo a criação. Dessa vez, no entanto, ela é momentânea e individual, de ainda maior densidade. O cineasta sueco Ingmar Bergman, a partir desse tema, criou a obra-prima metalinguística “Persona”. Nesse filme surrealista, é mostrado o quanto o cinema está atrelado à própria identidade da pessoa, tornando espectador inseparável de personagem. É possível inferir, portanto, que mesmo uma fantasia tem grande força no real, porque afeta pessoas de forma direta, instantânea e muitas vezes duradoura.

A partir dessa percepção, é possível perceber por que Orson Welles, renomado cineasta, afirmou que cinema é sonho. O que é cinema? Um plural. Faces por cima de faces dentro da arte.

Esse último texto (exemplo 2) foi mais bem avaliado do que o anterior (exemplo 1) porque não foge em nenhum parágrafo do tema proposto. Embora tenha problemas de argumentação e de coesão, a relação com a questão principal foi preservada, fazendo dessa redação um texto acima da média.

Revisando

- As perguntas indicadas a seguir compõem um roteiro de leitura dos textos da coletânea apresentada na teoria e têm por objetivo auxiliar a interpretação deles e a organização das ideias que comporão a redação proposta. Leia as perguntas e responda ao que se pede.
 - a) Por que Carlito é interpretado de formas diferentes ao redor do mundo? Isso acontece com outros personagens também? Justifique sua resposta.
 - b) Por que a realidade não importa em um filme, segundo Chaplin, mas o que dela possa extrair a imaginação?
 - c) Federico Fellini diz que o cinema é um “modo divino de contar a vida”. Quais são as semelhanças entre um cineasta e um deus na criação de suas obras? Por que se dá essa comparação?
 - d) O que significa a afirmação de que o cinema é a fraude mais bonita do mundo, segundo Jean-Luc Godard?
 - e) Um documentário está necessariamente mais próximo da realidade do que uma ficção?

Redação proposta

- A proposta de redação deste capítulo é a mesma trabalhada na teoria, retirada da prova do ITA de 2014. Procure organizar as ideias de forma a se manter no tema ao longo de todos os parágrafos, tentando guiar-se pelas respostas construídas na seção “Revisando”. A redação deve ser uma dissertação, escrita de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa. Não ultrapasse o espaço de 30 linhas e dê um título à sua redação.

Texto complementar

O texto a seguir apresenta reflexões a respeito do filme *Django livre*, do afamado diretor Quentin Tarantino. O longa-metragem dialoga diretamente com a realidade, discutindo e problematizando um tema muito presente no cotidiano: o racismo. Como obra cinematográfica, porém, traz o tema sob um olhar específico e sob determinado recorte, o que pode nos ajudar a pensar a função do próprio cinema como ferramenta de expansão de olhares e pensamentos.

“Django”, de Tarantino: entre o ordinário e o extraordinário

O recente filme de Quentin Tarantino, *Django Unchained*, é provocativo e controverso o suficiente para atrair incontáveis e apaixonadas opiniões, tanto extremamente positivas como excessivamente negativas. Muitos dos críticos têm se concentrado no estilo violento e irônico muito característico de Tarantino.

Não é possível deixar de se observar que Tarantino tem, de fato, circundado a temática de vinganças históricas de grupos diversos em seus últimos filmes. Com *Django*, contudo, muitos acreditaram que Tarantino talvez tenha ido longe demais. O tema da escravidão, da abolição e, principalmente, da convivência inter-racial nos Estados Unidos é um território cheio de armadilhas carregadas de preconceitos, resistências e lutas que colocam à flor da pele uma imensidão de setores sociais e políticos.

O objetivo do presente texto não é, contudo, problematizar a recepção de Tarantino e seu último filme nos Estados Unidos. O que se quer aqui é refletir um pouco sobre alguns aspectos do filme que nos permitem fazer paralelos com o Brasil que, no fim da década de 1850, quando se passa o filme, era uma sociedade profundamente escravista e que só viria emancipar seus cativos quase quatro décadas depois.

Na adaptação brasileira, o título “*Django Unchained*” se tornou “*Django Livre*”. Uma tradução mais literal, como “*Django Desacorrentado*”, não soaria bem, talvez. Entretanto, serve como mote para a discussão sobre o que é ser livre e o que o filme conseguiu captar do significado histórico da liberdade para ex-escravos não apenas nos Estados Unidos pré-Guerra da Secessão (1861-1865).

Nesse sentido, a ironia da convivência e das violentas dinâmicas entre os personagens conseguiu retratar bem algumas mediações pessoais, sociais e culturais que transcendem os carismáticos sociopatas e psicopatas tradicionalmente criados por Tarantino. A convivência entre senhores e escravos, livres e cativos, brancos e negros é de tão extrema brutalidade que demanda mediações afetivas e discursos dos mais diversos que tornem essa violência transitável.

Eu não gostaria de aqui me deter na reflexão sobre a densidade histórica da ideia de um homem universal pós-Revolução Francesa ou mesmo de como noções e conceitos – como o de liberdade ou o de individualidade – das grandes escolas modernas de pensamento se adaptam (ou não se adaptam) às sociedades escravistas nas Américas. Interessa-me aqui algo mais palpável, mais cotidiano. Interessam-me a vida e a interação íntima entre indivíduos que são propriedade de outros indivíduos.

Interessa-me a banalização dos comportamentos agressivos e, principalmente, do corpo dos escravos e escravas como um território alheio a eles, completamente disponível para os outros. Nesse contexto, o título em inglês pode trazer uma interpretação da resistência de Django (Jamie Foxx) como a conquista – ou reconquista – daquilo que é o mais imediato em sua construção pessoal como um homem livre, que é dispor de seu próprio corpo.

Em contraposição à situação do corpo de Django, o filme mostra escravos obrigados a lutar entre si, até a morte, para entretenimento de seus senhores (Mandingo Fights). Ou mesmo o caso de Hilde que, depois de ter fugido pela primeira vez, ainda junto a Django, teve um “r” (de “*runnaway*”, escrava fugida) marcado com ferro quente em seu rosto, além das chibatadas nas costas. [...]

Se a liberdade para um ex-escravo pode significar incontáveis limitações sociais, econômicas e legais, Django se vê, ao final, citando o filme, como “um em dez mil”. Ele vai sendo percebido e vai se percebendo como uma exceção, como “um negro extraordinário”. O roteiro de seus feitos, de fato, mostra que não só ele, mas também sua esposa (Hilde, interpretada por Kerry Washington) e outros personagens são extraordinários. São extraordinários num mundo de negros e brancos ordinários.

As palavras “extraordinário” e “ordinário”, aqui, não agregam maior juízo de valor. Significam apenas o que é ser incomum ou ser comum dentro da lógica na qual a escravidão africana é uma realidade estabelecida. Assim, acredito ser quase impossível agradar a gregos e troianos – ou brancos e negros – quando se pretende mostrar aspectos da realidade escravista. É desafiador tentar recriar para o cinema a escravidão moderna sem cair num óbvio jogo de clichês de culpados e vítimas. E o jogo da culpa e da reparação, nos Estados Unidos, é algo que se leva a sério.

Django e uns tantos outros mártires da resistência (não só a escrava) são, por definição, incomuns, extraordinários. Porque a realidade da escravidão e da opressão racial é a regra, o comum. E ela consegue debilitar a grande maioria das pessoas comuns. O significado do ordinário, do mediano, do comum é justamente pertencer a uma experiência vivida pela maioria. A experiência pessoal da maioria dos escravos e escravas é a luta pela sobrevivência em um cotidiano violento em que o excesso desumano de trabalho e a comida insuficiente resumem a sobrevivência a uma luta instintiva e animalizada.

E se pensarmos no caso do Brasil, no final da década 1850, podemos ainda incluir na experiência de grande parte de nossos escravos e escravas outros traumas profundos, como a experiência de passar semanas ou meses acorrentados a desconhecidos em porões imundos e superlotados dos navios negreiros. Será que saberemos algum dia o impacto psicológico real que uma experiência como essa pode causar não só em uma pessoa, mas principalmente em todo um grupo social?

[...]

Django, como a maioria de escravos e escravas, nasceu e foi criado em inúmeras experiências degradantes. Conviveu e forjou laços afetivos com outros escravos e escravas humilhados e imersos em discursos que pregavam cotidianamente a inferioridade “natural” dos negros e negras. Discursos estes que relegavam aos próprios cativos a “culpa” pela sua falta de liberdade.

[...] O que se quer dizer aqui é que, mesmo com toda a violência e opressão racial, sempre se abriam espaços para resistir.

Trata-se de espaços pequenos, afinal a vida escrava é vigiada, controlada e violada a todo instante. Ainda assim, resiste-se como for possível. Porque a resistência é toda ação que envolve um risco e um custo físico ou psicológico. O antípoda de Django, portanto, não é tanto Candie que é o proprietário de sua esposa a quem ele pretende resgatar, mas principalmente o escravo Stephen, magnificamente interpretado por Samuel L. Jackson. Stephen é um escravo doméstico que não só administra a Casa Grande, mas também participa da decisão de punir os outros escravos e escravas que, por exemplo, fogem. Esse é justamente o caso de Hilde, rapidamente recapturada.

Stephen é, ao mesmo tempo, receptor e criador dos discursos que transformam a violência óbvia da escravidão em uma zona pessoal e íntima de trocas interessadas entre senhores e escravos. Nesse sentido, ele impõe temor aos outros escravos devido ao seu poder e acesso à Casa Grande. Em contrapartida, é visto com desprezo pelos outros negros, como um “negro de alma branca”. Stephen acredita e replica obviedades do sistema escravista do qual ele também tira proveito de liberdades e falsas seguranças relegadas a ele como escravo doméstico e de máxima confiança de Candie.

Dessa forma, o filme traz para a discussão não apenas a resistência extraordinária de Django, ou a mais comum resistência de fugir utilizada por Hilde, mas traz também algumas outras das restritas possibilidades de negociação que vão sendo forçadas pelos escravos com os senhores dentro da lógica da escravidão.

Django é antissistêmico em muitos sentidos. Ele poderia ter tentado criar oportunidades paralelas, de certa forma mais marginais ao escravismo, como faziam os quilombolas brasileiros. Ainda que os quilombos sobrevivessem em parte da comunicação e trocas com pessoas livres pobres e mesmo senhores de escravos. Django não se afasta dos espaços da escravidão, dos mercados de escravos, das *plantations*.

Em circunstâncias específicas proporcionadas por Shultz, um caçador de recompensas, Django permanece próximo a tudo que define e alimenta a escravidão. Ele, como homem livre, abre seus espaços de resistência de forma catártica atacando o escravismo de dentro do centro nervoso. Nesse sentido, mais uma vez, ele é extraordinário e, talvez, um pouco improvável.

A brutalidade da experiência da escravidão debilita física e psicologicamente a grande maioria de homens e mulheres que, mesmo que comuns, também oferecem resistência. E essas lutas mais comuns, ordinárias e cotidianas, ainda que não deem em bons filmes, não podem deixar de ser reconhecidas frente às daqueles indivíduos extraordinários cujos nomes muitas vezes chegarão às páginas dos livros de história.

SAMPAIO, Maria Clara S. Carneiro. “Django”, de Tarantino: entre o ordinário e o extraordinário. Academia.edu. Disponível em: https://www.academia.edu/2523522/Django_de_Tarantino_entre_o_ordin%C3%A1rio_e_o_extraordin%C3%A1rio. Acesso em: 24 ago. 2022. (Adapt.).

Quer saber mais?



Vídeo

Chimamanda Adichie: o perigo da história única. Disponível em: <https://goo.gl/JDQG8L>. Acesso em: 25 jun. 2022.

No vídeo, a autora nigeriana trata da construção de realidades e de visões de mundo a partir de relatos pessoais bastante envolventes, reforçando que não há verdades, mas, sim, versões.



Filmes

Django Livre. Direção: Quentin Tarantino. 2012. Classificação indicativa: 16 anos.

Django é um escravo libertado que encontra o caçador de recompensas alemão Dr. King Schultz, em meio a acordos, ambos seguem em busca de vinganças, recompensas e identidades perdidas.

O Circo. Direção: Charles Chaplin. 1928. Classificação indicativa: Livre.

Esse clássico filme, estrelado e dirigido por Charles Chaplin, lançado em 1928, traz diversas reflexões sociais. O artista interpreta um personagem que se vê envolvido em um roubo sem ter culpa pelo ocorrido. Para fugir da confusão, ele entra em um picadeiro por engano e acaba fazendo muito sucesso junto ao público.

Resumindo

Leitura da coletânea

Momento de buscar o tema!

A busca do tema se dá por meio de:

- coleta de ideias;
- seleção de pensamentos;
- reflexões.

FRENTE ÚNICA

CAPÍTULO

6

A composição básica da dissertação

Dissertar é se posicionar, argumentar sobre determinado tema, bem como analisá-lo algumas vezes como um cientista, que observa e interpreta; outras, como um agente político, que propõe soluções, defende um ponto de vista e resolve problemas. Assim, de alguma forma, dissertar é criar.

Ajustando as lentes: a estrutura da dissertação

Já começamos a trabalhar com o gênero textual dissertação de vestibular e, a partir de suas diferenças em relação a outros gêneros, aprendemos a identificá-lo em meio à vasta gama de construções textuais. Neste capítulo, vamos fazer uma análise minuciosa da dissertação, conhecer sua estrutura básica para, assim, construí-la com nossas próprias mãos.

Porém, parte desse conhecimento não é totalmente nova, afinal a estrutura “introdução, desenvolvimento e conclusão” comumente nos fornece o esqueleto para a elaboração desse gênero textual, assim como o “parágrafo”.

Vale lembrar que os arranjos dissertativos podem variar bastante, por isso o objetivo deste capítulo é indicar aquilo que nos permite construir, a despeito das várias formas finais, o texto dissertativo.

Parágrafo: a unidade básica

Por enquanto, o parágrafo será a unidade básica dos nossos estudos de dissertação, e, de maneira geral, podemos dizer que é uma unidade de sentido com uma função específica dentro do texto. Por exemplo, um parágrafo cuja função é apresentar o tema é diferente daquele que tem como objetivo refutar uma ideia contrária ao ponto de vista do autor; o parágrafo que finaliza o raciocínio desenvolvido ao longo da redação, por outro lado, não é igual ao que induz um raciocínio argumentativo. Dessa forma, precisamos identificar a função de cada parágrafo e reconhecer os seus limites para sabermos quando mudar de um para outro.

A estrutura da dissertação

I

Introdução

A primeira parte das estruturas mais clássicas da dissertação é a introdução. Nela, o tema e o posicionamento são apresentados ao leitor de forma a compartilhar com ele tanto a questão que será tratada ao longo do texto quanto os direcionamentos dados a essa questão. É como se a introdução trouxesse respostas às perguntas sobre qual tema vamos escrever e o que pensamos a respeito dele. Em outras palavras, podemos encontrar a contextualização e a tese da dissertação na introdução, que normalmente se apresenta em um único parágrafo.

D

Desenvolvimento

O que chamamos usualmente de “desenvolvimento dissertativo” é o trecho do texto cuja função geral é desdobrar a tese apresentada na introdução.

É nessa parte da redação que construímos a argumentação, isto é, a explicação, as justificativas de nossa tese. Durante o desenvolvimento, a preocupação central é fornecer respostas a perguntas como: por que nos posicionamos da maneira como o fizemos? Quais são as evidências de que dispomos para verificar, na realidade, aquilo que afirmamos “em teoria”?

C

Conclusão

Por fim, a última parte do modelo clássico de um texto dissertativo é a conclusão, que, geralmente, é composta de um único parágrafo. Ainda que ela venha no final, construímos toda a redação para chegar até ela. Por um lado, em propostas que não nos peçam intervenções em relação aos problemas detectados a partir do tema, a conclusão serve para confirmarmos a hipótese lançada como ponto de vista na introdução. Por outro lado, em propostas como a do Enem, a conclusão tem por função apresentar soluções para os aspectos problemáticos relativos ao que foi abordado.

! Atenção

O que vimos sobre a estrutura não é uma **obrigação** para o texto dissertativo, mas serve como um guia pedagógico, como uma base. Conhecer bem a estrutura do texto dissertativo é importante para criar variações com mais segurança na dissertação.

Texto comentado: análise de dissertação

Agora que, em teoria, já sabemos de que se trata cada uma das partes da dissertação, vamos analisar uma redação real para vê-las em funcionamento. O texto a seguir foi produzido a partir do tema: **As possibilidades do fazer político na sociedade contemporânea.**

Sozinhos

Primeiro foram levados os negros, depois os operários, os miseráveis e, por fim, os desempregados.

O eu lírico do poema “Intertexto”, de Brecht, não se importou – ele, afinal, era branco, não era operário nem miserável, e tinha emprego – com aquilo que afeta o “outro”, portanto não lhe é relevante. Apesar de o poeta alemão ter morrido em 1956, sua obra parece bastante atual. **Ensimesmados**, fechamo-nos contemporaneamente sobre nossas vidas privadas e abandonamos, em grande medida, o interesse pelo fazer político. Afastados do que o torna possível, isto é, do espaço público, porém, realimentamos a precarização de seu lugar por excelência, tornando a política ainda mais inviável.

No primeiro parágrafo, o autor nos introduz ao tema e ao posicionamento por meio de um poema, apresentando a abordagem que fará a respeito do fazer político na contemporaneidade. Assim como no texto do poeta e dramaturgo alemão Bertolt Brecht, os dias de hoje seriam marcados por um ensimesmamento, o qual, na visão do autor, afasta os indivíduos do espaço público, lugar por excelência da participação política, tornando-a cada vez mais inviável. É essa, aliás, a tese proposta.

Quando o “eu” se torna o centro do mundo, tudo aquilo que se remete ao “outro” é apagado. A sociedade do “*self-made man*” seduz por meio da ideia do homem que se fez sozinho e que a si mesmo basta. Cada vez mais convocado a fechar-se em si, então, o indivíduo contemporâneo, alimentando-se em porções individuais enquanto ouve sua própria *playlist* com os fones de ouvido, distancia-se da vida coletiva. Aquilo que a constitui passa para segundo plano, e o sujeito contemporâneo, senhor de seu próprio castelo particular, vê a coletividade como coisa distante demais para o perturbar.

Nos dois parágrafos seguintes, o autor começa a justificar esse posicionamento. No segundo parágrafo do texto, busca mostrar como nossa sociedade é individualista e quais os efeitos disso, recorrendo a algumas evidências cotidianas a fim de concretizar esse retraimento das pessoas em si mesmas, o que as levaria ao distanciamento daquilo que é coletivo. No terceiro parágrafo, a consequência desse processo: cada vez mais à procura de uma vida privada, particular, o ser humano contemporâneo deixaria de se reconhecer em seus pares e, ao não se sentir tocado por aquilo que o afeta, perderia os laços necessários para o fazer político. Embora cada um desses parágrafos tenha funções particulares, eles têm o mesmo objetivo no interior do texto, que é o de desdobrar o ponto de vista apresentado.

Ensimesmado: aquele que tem a atenção voltada para o interior ou para os pensamentos.

Quanto mais encastelado, então, mais esse indivíduo legitima o fim do que o entorna. Se já se recolheu no interior da educação particular, as manifestações contrárias às reorganizações das escolas públicas, por exemplo, só são sentidas caso atrapalhem o trânsito; se anda de carro, aliás, a deterioração do transporte público não lhe toca; seguro, por fim, pelo plano de saúde, a precariedade do SUS tampouco é sentida como problema dele. Em seu mundo particular, não se percebe mais tocado por nada daquilo que ocorre do lado de fora. Se percebido, aliás, esse lado de fora, não raro, é classificado como ameaça. Protegido pela privatização de sua existência, esse sujeito vai perdendo a habilidade de reconhecer-se no outro, no diferente, inviabilizando, assim, sua participação política: ele quer sua liberdade, mas não concebe que esta possa ter qualquer coisa a ver com aquela liberdade que querem as mulheres para abortar; ele quer respeito, mas não admite que o respeito exigido por negros e homossexuais possa, de alguma maneira, ter a ver com o que ele mesmo quer.

Brecht, na última estrofe do poema, alerta: aquilo que levou o “outro” vem, em algum momento, bater também à nossa porta. Nesse momento, por fim, o indivíduo ensimesmado já não tem a quem gritar: ele se esgoela sozinho e ninguém mais o pode ouvir.

O último parágrafo, enfim, traz a conclusão inferida desse cenário. Aquilo que toca o outro, em algum momento, toca o “eu” também. Sozinho, no entanto, esse sujeito já não teria a quem se aliar. É como se, apresentado ao cenário descrito na introdução e no desenvolvimento, o autor pudesse, enfim, apresentar a respeito de alguma consideração.

Autoria de LACC

Saiba mais

Bertolt Brecht (1898-1956) foi um poeta e dramaturgo alemão do século XX. Sua obra, com forte cunho político, dedicou-se, em grande medida, a problematizar as relações humanas diante do sistema de produção. Dentre suas peças, destacam-se *A vida de Galileu*, *A alma boa de Setsuan* e *A Santa Joana dos matadouros*.



Album/akg-images/Album/Fotorena

Como podemos notar, a dissertação apresentada é bastante didática quanto ao uso das estruturas mais básicas do gênero, pois as partes são bem nítidas e os parágrafos têm funções específicas. Que tal, agora, identificar esses elementos na prática?

Revisando

- A seguir, vamos conferir duas dissertações feitas a partir do mesmo tema do exemplo de redação dado na teoria. Os parágrafos, entretanto, foram embaralhados, e sua tarefa é recolocá-los em ordem de maneira a reconstruir os dois textos.

Texto 1

- A** Quando é o consumo a tônica, é-se consumidor antes de ser cidadão. Trabalhando o dia todo para, em seu descanço, poder curtir as promessas do mundo das compras, o indivíduo consumista tende a ter poucas experiências com o que não é consumo, passando, portanto, a aplicar a lógica deste ao mundo que o cerca. Acostumado a pagar por beleza, por sensualidade, por segurança, na agenda política vê-se, primordialmente, como “pagador de impostos”; como tal, aliás, é cliente e, se o cliente sempre tem a razão, vai também perdendo a habilidade de lidar com o outro em debates em que a razão é coisa a se construir coletivamente. Para esse tipo, os direitos à infraestrutura social pública cedem espaço para os “direitos do consumidor”.
- B** Os debates recentes a respeito do financiamento privado de campanhas políticas lançam luz sobre um tema espinhoso: as relações entre os políticos e suas ações durante os mandatos e a prestação de contas com aqueles que lhes garantiram o suporte financeiro para que fossem eleitos. Em que medida, nesse contexto, seria possível que os interesses do mercado não se sobrepussem aos públicos? Esses debates, no entanto, talvez deixem passar um aspecto que se entranha de maneira mais sorrateira e definitiva na dinâmica política atual: imerso nos valores consumistas, o indivíduo contemporâneo talvez pinte o seu entendimento acerca da participação política com as cores desse consumo. De tal forma, afasta-se cada vez mais acentuadamente do espaço público e coletivo.
- C** Debater o financiamento privado, se é importante para que os interesses públicos não fiquem à mercê do mercado, é também quase inviável em um cenário como o que vivemos. Quando a vida pública representa algo de que se quer fugir, talvez já não sejam tão necessários subterfúgios para colonizá-la. Os valores mercadológicos instalam-se, por fim, confortavelmente à medida que não é mais de cidadãos que tiram o espaço, mas de consumidores vorazes para assumi-los como seus.
- D** É nesse contexto que se coloca em risco a vida pública. Àquele para quem o caro é mais desejado que o barato, a gratuidade do espaço público é aterrorizante – se se quer o melhor, o bom, há de se pagar. Obedecendo ao imperativo, ele paga seus impostos por obrigação, mas a mensalidade da escola, a parcela do carro, a fatura do plano de saúde, a prestação da casa própria lhe são garantidoras de que ele também é melhor. Aos poucos, intensifica-se a monetarização – se o pago é melhor que o gratuito, quanto mais caro, maior a valorização, mais exclusivos são os lugares e serviços de desejo. Vencer na vida passa a ser sinônimo de se distanciar dos serviços públicos, do “outro”. Vencer, assim, por seu reverso, é a perda do senso coletivo: perde-se de vista a ideia de público como responsabilidade e direito de todos. Gratuito que é, portanto, não faz mais parte dos planos daquele que pretende alcançar a plenitude.

Autoria de LACC

Texto 2

- A** Resignificar “política”, portanto, é percebê-la na nossa existência mais imediata, na superfície de nosso corpo, na formação de nossos valores. Ela, assim, deixa de ser um “trabalho” executado por profissionais eleitos – ela passa a ser a própria realidade de cada cidadão que a constrói.
- B** Não havendo como o cidadão decidir sobre tudo que o afeta, ele elege representantes; naturalizando o processo, ele descola de si a política. Conforme crescem os contingentes populacionais, a representação é a saída para que as decisões organizacionais possam ser tomadas – por definição, então, a representação política ocorre quando o eleitor não pode fazer essa política. Nesse sentido, ainda que não seja desvirtuada ou imoral, ela depende de um afastamento entre sujeito e agir político. À medida que se acostuma com isso, esse cidadão começa a limitar seu agir político à escolha desse representante ou aos rituais envolvidos na política institucional, como o pagamento de impostos. A atual crise brasileira é bem indicativa a esse respeito: manifestantes contrários e favoráveis ao governo tratam sempre de quem vai governar, isto é, de quem vai representá-los. Fora daí, não parecem contemplados outros entendimentos sobre o fazer político. A existência diária, então, não produz política, ela é apenas afetada por decisões vindas de outro lugar.
- C** Nos jornais, nas revistas, na televisão, na internet: quando nos deparamos com o termo “política”, não é raro que pensemos, antes de mais nada, nas instituições, em Brasília, em eleições. Nesse sentido, acostumados à ideia de que ela é algo alheio a nós mesmos, resumimos a participação política à escolha de representantes. Fazendo-o, no entanto, fechamos os olhos para a política que executamos em nossas existências cotidianas e que mantêm, de forma decisiva, os problemas sociais que criticamos.

- D Quando internalizada, essa concepção cria a sensação de que só há mudança social possível se os representantes forem eficazes. Assim, se há desigualdade social, a responsabilidade cabe ao governo, e as vidas que levamos nada têm a ver com isso. Perde-se de vista, por exemplo, que, se há um político que desvia verbas da saúde pública de forma a torná-la precária por um lado, por outro, o sujeito que opta por um plano de saúde, está, no mínimo, sendo conivente com uma realidade social em que quem tem dinheiro tem acesso a serviços ditos melhores do que aqueles destinados a quem não o tem. Fazê-lo, todavia, já não é visto como uma ação que diz respeito à coletividade. Acostumados à ideia de que política é o que acontece em Brasília, despolitizamos nossas vidas: não nos envolvemos com o espaço público, não nos sentimos responsáveis por ele, não concebemos nossas escolhas mais banais, tal qual sair de carro ou tomar o transporte público, como ato político. Se se pagam os impostos e se cumpre com o voto, qualquer outra ação é, confortavelmente, de foro pessoal, indiferente à convivência pública.

Autoria de LACC

Redação proposta

Unesp 2018

Texto 1

Um levantamento do Instituto Datafolha divulgado em maio de 2014 apontou que 61% dos eleitores são contrários ao voto obrigatório. O voto obrigatório é previsto na Constituição Federal – a participação é facultativa apenas para analfabetos, idosos com mais de 70 anos de idade e jovens com 16 e 17 anos.

Para analistas, permitir que o eleitor decida se quer ou não votar é um risco para o sistema eleitoral brasileiro. A obrigatoriedade, argumentam, ainda é necessária devido ao cenário crítico de compra e venda de votos e à formação política deficiente de boa parte da população.

“Nossa democracia é extremamente jovem e foi pouco testada. O voto facultativo seria o ideal, porque o eleitor poderia expressar sua real vontade, mas ainda não é hora de ele ser implantado”, diz Danilo Barboza, membro do Movimento Voto Consciente.

O sociólogo Eurico Cursino, da Universidade de Brasília (UnB), avalia que o dever de participar das eleições é uma prática pedagógica. Ele argumenta que essa é uma forma de canalizar conflitos graves ligados às desigualdades sociais no país. “A democracia só se aprende na prática. Tornar o voto facultativo é como permitir à criança decidir se quer ir ou não à escola”, afirma.

Já para os defensores do voto não obrigatório, participar das eleições é um direito e não um dever. O voto facultativo, dizem, melhora a qualidade do pleito, que passa a contar majoritariamente com eleitores conscientes. E incentiva os partidos a promover programas eleitorais educativos sobre a importância do voto.

(Karina Gomes. “O voto deveria ser facultativo no Brasil?”. www.cartacapital.com.br, 25.08.2014. Adaptado.)

Texto 2

Há muito tempo se discute a possibilidade de instauração do voto facultativo no Brasil. Mas são diversos os fatores que travam a discussão.

Atualmente, é a Lei nº 4737/1965 que determina o voto como obrigatório no Brasil, além dos dispositivos e penas a quem não comparece ao pleito. Com a imposição, o país segue na tendência contrária ao resto do mundo. Estudo divulgado pela CIA, que detalha o tipo de voto em mais de 230 países no mundo, mostra que o Brasil é um dos (apenas) 21 que ainda mantêm a obrigatoriedade de comparecer às urnas.

Para Rodolfo Teixeira, cientista político e professor da Universidade de Brasília (UnB), a atual descrença na classe política pode levar a uma grave deserção do brasileiro do processo eleitoral. O jurista Alberto Rollo, especialista em Direito Eleitoral e membro da comissão de reforma política da OAB de São Paulo, concorda e acredita que o eleitor brasileiro ainda é “deficitário” do ponto de vista de educação política, sem ser maduro o suficiente para entender a importância do voto: “Se [o voto facultativo] fosse implementado hoje, mais da metade dos eleitores não votaria. Isso é desastroso”, afirma.

O cientista político e professor da FGV-Rio Carlos Pereira pensa diferente. O especialista acredita que as sete eleições presidenciais depois do fim da ditadura militar mostram que o momento democrático do Brasil está consolidado. O voto facultativo seria mais um passo a uma democracia plena.

“O argumento de que o eleitor pobre e menos escolarizado deixaria de votar parte de um pressuposto da vitimização. É uma visão muito protecionista”, diz Pereira. “O eleitor mais pobre tem acesso à informação e é politizado: ele sabe quanto está custando um litro de leite, uma passagem de ônibus, se o bairro está violento, se tem desemprego na família. É totalmente plausível que ele faça um diagnóstico e decida em quem votar e se quer votar.”

(Raphael Martins. “O que falta para o Brasil adotar o voto facultativo?”. <http://exame.abril.com.br>, 01.08.2017. Adaptado.)

Com base nos textos apresentados e em seus próprios conhecimentos, escreva uma dissertação, empregando a norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema: **O voto deveria ser facultativo no Brasil?**

Educação, saúde e economia: saiba o que motivou jovens a tirarem o título de eleitor

Mais de dois milhões de brasileiros entre 16 e 18 anos se habilitaram para votar — número 47% superior ao de 2018

RIO — Contrariando o pensamento de que estariam desinteressados da política, os jovens se mobilizaram e, na reta final do prazo hábil para a votação de outubro, chegaram ao recorde de novos títulos de eleitor. De acordo com o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), mais de dois milhões de brasileiros com 16, 17 e 18 anos se habilitaram para o primeiro pleito — número 47% superior ao de 2018, por exemplo.

Ouvidos pelo GLOBO, dez representantes desta faixa etária, de todas as regiões do país, explicaram o que impulsionou a busca pelo primeiro voto: a percepção de que educação e saúde pioraram, a preocupação com a alta de preços e a sensação de que é necessário se engajar na tentativa de ver as agendas prioritárias seguirem adiante — a massificação do uso de tecnologia, por exemplo — são alguns dos motores desse movimento.

Vivendo a quase dois mil quilômetros de distância um do outro, os estudantes Cassiano Aires, de Santa Cruz do Sul (RS), e Luan Silva, morador de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, traçam diagnósticos semelhantes, a partir das experiências de vida distintas. Os dois jovens de 17 anos identificam que a pandemia agravou o quadro dentro de sala de aula. Para Luan, aluno da rede estadual, a falta de professores é uma realidade — “gostaria que os próximos estudantes não passassem por isso”, pontua —, enquanto Cassiano defende uma atuação mais firme contra a evasão escolar.

— É preciso haver maior incentivo, inclusive financeiro, principalmente para quem deixou de ir à escola. Também é necessário levar o estudo para mais perto de quem não tem acesso à internet. Houve um retrocesso muito grande nessa área, assim como na saúde — avalia.

Por ser deficiente visual, o carioca Leandro Dias, também aos 17 anos, percebe a necessidade de maior inclusão no ensino brasileiro. Sua busca, com o voto, é por mais candidatos que tratem desse tema com atenção. Estudante da rede pública, ele relata que “teve sorte”, pois encontrou em seu colégio a assistência necessária, e deseja que essa rede de apoio cresça e seja efetiva também nos casos de outros tipos de deficiência.

No mesmo tema, mas com uma opinião diversa, a mineira Rayane Batista, 17 anos, acredita que um dos principais problemas da educação é a presença das pautas políticas na escola. Para ela, é preciso que a sala de aula seja um local livre de influências e que possa contemplar novas áreas de ensino.

[...]

A recorrência do tema entre os relatos pode ser explicada, de acordo com a pesquisadora Larissa Dionísio, porque a educação diz respeito diretamente à juventude. Ela coordenou o estudo “Jovens no Poder”, do Instituto Update, que buscou entender e dar visibilidade aos jovens que já atuam na política institucional. Larissa diz que é preciso aproximar esse grupo da política, o que só pode ser feito com uma linguagem próxima àquela com a qual estão habituados.

Mobilização nas redes

Esse mecanismo foi usado nos últimos meses, durante a campanha nas redes sociais para que jovens tirassem o título de eleitor. Liderado pelo TSE, o movimento foi encampado por personalidades [...]. A adesão ocorreu também entre quem ainda não completou 16 anos, mas alcançará a idade antes de 2 de outubro, data do primeiro turno, a exemplo da cearense Kaylane Monteiro Araújo e da paranaense Amanda Zegli.

— Um motivo para o grande número de novos títulos são as campanhas de mobilização com linguagem mais lúdica, divertida, das redes sociais. Com pautas e agendas importantes para os jovens, mas que não são faladas, normalmente, na linguagem dos jovens. A política é muito densa, cheia de termos jurídicos. Se a gente não tratar a política redesenhando isso, a gente vai afastar a juventude — analisa Larissa.

Um dos pontos abordados na campanha do TSE foi a necessidade de “fortalecimento da democracia”, fator lembrado pela estudante Mariani Venâncio, de 17 anos, moradora de Tambaú (SP).

— A democracia é essencial, eu acredito no direito de escolher. Sou contra a ditadura, por ter sido um período sem direito de expressão e de muita tortura. Tenho estudado sobre isso na escola.

Moradora de Manaus, a indígena Sandy Yusuro, de 17 anos, acrescenta à discussão um ponto conectado diretamente com seu ambiente de convivência. [...] Além dos impactos de saúde e ambientais, a deterioração do cenário econômico também é uma preocupação.

— Comecei a ver que tinha algo errado quando percebi que, com o dinheiro que ganhava vendendo meu artesanato, não conseguia comprar mais quase nada — afirma, sobre os preços dos alimentos.

Já Eduardo Ely, também aos 17 anos, encara o cenário econômico de outra forma. Ele acredita que a escalada dos preços é fruto da pandemia, mas não perdoa a falta de modernização do país.

— Tem que investir em tecnologia. Hoje em dia, no mercado de trabalho, a tecnologia está muito forte. Quem aprende com métodos arcaicos sofre consequências em relação àqueles que já estão no mercado, principalmente em cidades no interior, que são menos desenvolvidas — avalia.

Há também quem, a partir deste primeiro passo, trace o início de uma caminhada que pode desaguar na participação política por meio de um mandato. Natural de Baía Formosa (RN), Jhone da Silva, 16 anos, é filiado ao PV e almeja, um dia, ser eleito deputado federal [...].

ALVES, Fernanda; MATHIAS, Lucas; MARZULLO, Luísa. *O Globo*, 22 maio 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2022/05/educacao-saude-economia-saiba-que-motivou-jovens-tirarem-titulo-de-eleitor-25515545.ghtml>. Acesso em: 29 jun. 2022.

Ao contrário do que costuma ser considerado pelo senso comum, os jovens maiores de 16 e menores de 18 anos, para quem o voto é facultativo, mobilizaram-se e se habilitaram como eleitores em 2022. O número é 47% superior ao de 2018, ano da última eleição para o Executivo (presidente da república, governador e prefeito). Além de campanhas promovidas pelo Tribunal Superior Eleitoral, o empenho da comunidade artística em falar da importância do voto também contribuiu para esse número expressivo de novos eleitores. Vê-se no texto diversas opiniões a respeito do que motivou esses jovens a tirar seu título, demonstrando o engajamento e a preocupação dessa geração com os problemas que lhes afetam como indivíduos e sociedade.

Quer saber mais?



Livro

Poemas 1913-1956, de Bertolt Brecht. São Paulo: Editora 34, 2012.

O livro traz uma antologia bem vasta do poeta e dramaturgo, na qual se contempla, de forma bastante completa, as visões do autor a respeito da política.



Vídeos

Falsa democracia. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=m1nePkQAM4w. Acesso em: 17 ago. 2022.

Nesse vídeo, o escritor português José Saramago problematiza a democracia. Para ele, nós a defendemos em um movimento quase que automático e, por isso, deixamos de nos questionar a respeito do que ela representa hoje.

O elogio da dialética. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TqwqTNjbJjc>. Acesso em: 17 ago. 2022.

O vídeo do canal *Toda Poesia* traz a leitura do poema “O elogio da dialética”, de Bertolt Brecht.

Intertexto. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z2liUF07nlk>. Acesso em: 17 ago. 2022.

Esse vídeo, também do canal *Toda Poesia*, traz a declamação do poema “Intertexto”, de Bertolt Brecht.

Resumindo

A composição básica da dissertação

Parágrafo

O parágrafo é uma unidade de sentido com uma função específica dentro do texto.

Introdução

O tema e o posicionamento são apresentados ao leitor, como resposta à pergunta “o quê?”.

Desenvolvimento

É o trecho do texto que tem a função de desdobrar a tese apresentada na introdução. A preocupação central é responder à questão “por quê?”.

Conclusão

Serve para confirmarmos a hipótese da introdução. No Enem, também é o momento de propor soluções para os problemas abordados.

A taça, Parque Estadual de Vila Velha, Ponta Grossa (PR).

FRENTE ÚNICA

CAPÍTULO

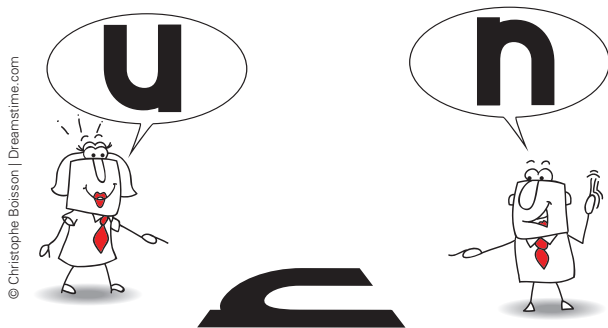
7

Introdução I: o ponto de vista

A foto, símbolo do Parque Estadual de Vila Velha, no Paraná, mostra uma rocha cujo nome é “A taça”, e o motivo disso não é difícil depreender.

No entanto, onde está, efetivamente, a taça? Somos nós que classificamos aquilo que compreendemos com base na observação. Como dizia o linguista suíço Ferdinand de Saussure: “O ponto de vista cria o objeto”.

O ponto de vista e o que se vê



Você já viu essa charge ou alguma outra similar? Em imagens como essa, a ideia de ponto de vista fica clara, ou seja, dependendo do ponto a partir do qual vemos um determinado objeto, varia aquilo que se vê. Note que o mais interessante, no entanto, é que nenhum dos dois personagens está errado ou certo a respeito do que afirma ver, até porque não seria ideal aplicar erro ou acerto à figura, pois parece ser intenção do desenhista demonstrar que há sempre duas formas de se ver uma mesma questão. Mas seriam mesmo só duas formas?

Olhando para essa imagem da posição em que estamos, o desenho central não é nem um “u” nem um “n”, mas talvez algo mais próximo de um “c”. Caso o observássemos do fundo da imagem, provavelmente veríamos um “j”; portanto, temos aí, pelo menos, mais duas maneiras de olhar para o mesmo objeto. Mas como seria se não tivéssemos familiaridade com o alfabeto para associarmos cada uma dessas visões a uma letra? E se o nosso nome começasse com uma dessas letras? Será que perceberíamos o que é observado da mesma forma?



Essa segunda imagem talvez seja mais fiel ao que nos cerca diariamente. Somos sujeitos diferentes, com histórias de vida, referências e afetos distintos observando o mundo de lugares variados. Em última análise, as possibilidades de cada um interpretar a realidade se diferenciam na mesma proporção das nossas particularidades.

Assim, é justamente a questão do ponto de vista que nos interessa discutir. A definição do que interpretamos a respeito de um tema qualquer é fundamental para a elaboração do texto dissertativo, pois construir um ponto de vista ou uma **tese**, não raras vezes, vai muito além de se posicionar “a favor” de algum aspecto do tema ou “contra” ele.

O ponto de vista na dissertação

A fim de concretizarmos as explicações a seguir, trabalharemos com um possível tema de dissertação: **A privacidade na era das redes sociais**.

Para compreendermos melhor como elaborar a tese de nossa dissertação, vamos observar com cuidado a expressão “ponto de vista”, pois, se a tomarmos literalmente, ela nos indicará um ponto a partir do qual lançaremos nossa visão sobre o tema. Assim, uma tese é um recorte, uma interpretação a respeito do tema tratado, e não um retrato exato desse tema. Em outras palavras, o ponto de vista não revela a realidade em si, mas uma forma de se posicionar diante dela.

Além disso, é importante diferenciarmos uma tese de uma opinião. Basicamente, enquanto a opinião pode se basear em vivências particulares, em intuições íntimas ou em gostos, a tese buscará se alicerçar sobre uma reflexão mais ampla e objetiva.

Desse modo, a tese orienta o restante da dissertação, uma vez que deverá ser explicada ao longo do texto, fazendo com que o conteúdo e o andamento dos parágrafos argumentativos sejam selecionados de forma coerente ao teor dela.

Levando em conta esses aspectos e o tema indicado, proporemos a seguir uma série de sentenças com pretensas teses e de pontos de vista efetivamente bem construídos. Cada uma delas traz um comentário a respeito de sua qualidade.

- a) “Não existe uma discussão a respeito da privacidade nas redes sociais.”
 - É fácil provar que esse comentário é falso, invalidando todo o texto. Não pode ser considerado tese.
- b) “Existe uma discussão a respeito da privacidade nas redes sociais.”
 - É fácil provar que é verdadeiro; portanto, é constatação, o que também não configura tese. Em outras palavras, trata-se mais de uma descrição do mundo do que, de fato, de um posicionamento a respeito dele.
- c) “A invasão da privacidade nas redes sociais é absurda.”
 - O trecho marca um posicionamento; afinal, afirmar que algo é absurdo não é descrevê-lo objetivamente, mas posicionar-se acerca dele. No entanto, trata-se de uma tese excessivamente subjetiva porque depende do que cada um considera absurdo, não sendo possível comprová-la objetivamente. Portanto, não é uma tese que caiba em nossa dissertação.
- d) “A invasão da privacidade nas redes sociais é absurda porque traz muitos malefícios.”
 - Ainda que esse seja um posicionamento, o texto dissertativo exige análise objetiva e argumentação. Será necessário construir essa ideia de forma menos apaixonada para que seu leitor acompanhe um raciocínio e, ao final, chegue sozinho à conclusão de que é um absurdo e que traz malefícios. O excesso de adjetivação sensacionalista tende a atrapalhar.
- e) “A questão da privacidade nas redes sociais é muito séria.”
 - A sentença é subjetiva (séria para quem?), mas com um tom mais sóbrio, comum em reportagem. O texto tende à descrição; portanto, é preciso gerar mais discussão, provocando o leitor para garantir argumentação.

- f) “É importante que o ser humano se conscientize a respeito da perda de privacidade causada pelas redes sociais.”
- A tese que carrega em si o “dever ser” sem que seja exigência da proposta vai moralizar a questão e tende a não analisar coisa alguma. O desenvolvimento será de normatização, e não de argumentação. É ideal acrescentar elementos em relação entre si (causa, comparação, condição, finalidade, consequência, soma, oposição, entre outros).
- g) “As redes sociais provocam a diminuição da privacidade do indivíduo.”
- Se a relação é fácil de comprovar, voltamos ao problema da afirmação “b”. Então, convém inserir características sociais presentes no mesmo tempo histórico – o agora (exceto se a proposta pedir para caminhar historicamente).
- h) “O uso frequente das redes sociais leva o indivíduo a ‘abrir mão’ de sua privacidade para garantir a conexão virtual.”
- A sentença já está mais bem elaborada, mas sem uma marca que faça o leitor entender que é uma tendência desse tempo histórico, e não uma certeza, culminando em uma generalização. Assim, seria melhor pensar em termos como “tendência”, “possibilidade”, “geralmente”, “leva muitas pessoas a”, “boa parte” etc.
- i) “O uso frequente das redes sociais tende a levar o indivíduo a ‘abrir mão’ de seu universo privado para garantir a conectividade.”
- Essa é uma boa tese. O cuidado aqui é com o planejamento do texto. Pode ser mais fácil elaborar a tese, de modo a saírem dela seus dois parágrafos argumentativos, mas, da forma como está, a construção de um dos dois parágrafos no desenvolvimento pode ser dificultada, pois é como se ela demandasse um único parágrafo argumentativo para se explicar. Assim, convém elaborá-la ainda mais.
- j) “O uso frequente das redes sociais como forma principal de comunicação com o meio externo tende a levar o indivíduo a deixar acessível boa parte de seu universo privado para garantir a conectividade, fator importante para seu pertencimento social atualmente.”
- Continua sendo uma tese boa, mas agora com uma vantagem, pois, a partir dela, podemos prever dois parágrafos argumentativos. No primeiro, desenvolveríamos a troca do universo privado pela conectividade e, no segundo, o porquê de isso ser importante para o pertencimento social.

Com essa lista de exemplos, talvez fique mais fácil compreender o que significam os comentários que aparecem nas correções de seus textos a respeito da tese (ou da falta dela). Identificar em qual desses níveis estamos e adequar nossa escrita às exigências da dissertação é um ponto fundamental para nos aproximarmos do que é esperado desse gênero textual, melhorando nosso desempenho.

A tese e a proposta

Vale a pena salientar que a tese é uma resposta ao que é indicado no enunciado da proposta. No tema que tomamos como exemplo, o que se espera é uma análise acerca da intimidade no contexto das redes sociais, o que nos permite caminhar por pontos de observação bastante diversos. Além da tese “j”, é possível propor sentenças como:

- a) “Em um contexto social em que cada vez mais as pessoas são reduzidas às suas funções no mundo do trabalho, não é estranho que elas enxerguem na exposição de suas particularidades no mundo virtual talvez a única possibilidade de dar vazão à subjetividade. Paradoxalmente, então, a intimidade no mundo contemporâneo pode depender da exteriorização para existir.”
- b) “Quando o consumismo é a tônica, até mesmo a intimidade passa a ter um preço. Nesse sentido, cada vez mais se estimula a sua exposição nas redes sociais, tornando os indivíduos os principais marqueteiros de si mesmos.” Note que cada uma dessas três últimas teses (“j”, “a” e “b”) nos leva a textos bastante diversos. No vestibular de 2012, a Fuvest propôs o seguinte tema de redação: “Participação política: indispensável ou superada?”. Nele, há certa limitação nos contornos desse ponto de vista: quando a banca lança uma pergunta e antecipa respostas possíveis, é preciso optar por um desses caminhos na própria elaboração da tese. Poderíamos, nesse sentido, propor algo como:
- c) “À medida que pessoas comuns deixam de se reconhecer no fazer político, ele tende a espelhar os interesses apenas da classe política ‘profissional’ e daqueles que a financiam. Por isso, a fim de que a política se volte para os interesses coletivos, e não de uma pequena parcela, é indispensável a participação.” Nesse exemplo, não pudemos deixar de responder à questão que havia sido proposta. Ao final da tese, fica claro que, para o autor em questão, a participação política é indispensável. Há ainda propostas, como a do Enem, que se configuram de maneira um pouco diferente. Como elas demandam uma proposta de intervenção para o problema abordado, aquilo que apareceu como um defeito na tese “f”, agora, não o será mais.
- d) “Para garantir a sua conectividade, o indivíduo contemporâneo muitas vezes abre mão de sua privacidade nas redes sociais. Essa postura, no entanto, pode trazer diversos problemas, os quais devem ser enfrentados.” Novamente, há um olhar interpretativo a respeito da proposta, mas, dessa vez, não se perde de vista que, para ela, o tema traz entraves que precisam ser combatidos.

! Atenção

Pode acontecer de os termos “tema” e “tese” serem confundidos na elaboração de uma dissertação, principalmente na introdução. Então, fique atento:

Tema será sempre a ideia-núcleo, o conceito central da redação.

Tese é o **ponto de vista** do autor sobre o tema, trazendo o que ele pensa, defende e acredita sobre o assunto, que poderá ser uma tese positiva (favorável) ou negativa (desfavorável) à ideia-núcleo.

Revisando



Texto para as questões 1 e 2.

[...] Depois de *selfie* (2013) e emoji (2015), a palavra do ano, segundo o *Dicionário Oxford*, foi “pós-verdade”. O termo, que “denota circunstâncias em que fatos objetivos têm menos peso do que crenças pessoais”, esteve presente no debate político na internet e na divulgação de notícias falsas. A palavra ganhou peso após o resultado das eleições estadunidenses e o referendo que culminou na saída do Reino Unido da União Europeia.

Alguns analistas políticos atribuíram a vitória de Trump e o resultado do Brexit a boatos que circularam na internet. Após escolha da “pós-verdade” como palavra do ano, gigantes da tecnologia, como o Facebook e o Google, declararam “guerra aos boatos”. Na prática, nada foi feito ainda, mas a promessa é desenvolver ferramentas de checagem que possam diminuir a disseminação de notícias falsas na *web*.

No Brasil, também foi possível perceber o impacto dos boatos. Na semana em que o *impeachment* de Dilma foi votado no Congresso, uma pesquisa da Universidade de São Paulo (USP) apontou que três das cinco notícias mais compartilhadas na internet eram falsas. [...]

MATSUKI, Edgard; CIEGLINSKI, Amanda (Ed.). Aumento do acesso via celular, *games* e ‘pós-verdade’ marcaram a internet em 2016. *Agência Brasil*, 25 dez. 2016. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-12/acesso-celular-games-e-pos-verdade-marcaram-internet-em-2016>. Acesso em: 28 jun. 2022.

- Com base no conteúdo do capítulo, avalie as sentenças a seguir quanto a serem ou não teses e, quando forem, quanto à força delas.
 - Posto que, nas redes sociais, as pessoas têm ferramentas para se cercarem apenas daquilo em que já acreditam, não estranha a emergência da “pós-verdade”.
 - O *Dicionário Oxford* escolheu, em 2016, o termo “pós-verdade” como a palavra do ano. Segundo a publicação, a expressão tem a ver com a opção por boatos alinhados a crenças pessoais à verdade.
 - Cada vez mais imersos em si mesmos, os indivíduos contemporâneos vão, aos poucos, desacostumando-se a qualquer coisa que os contrarie – a verdade, então, dá lugar à “pós-verdade” e proliferam-se os boatos.
 - É um absurdo que as pessoas, atualmente, não verifiquem exatamente as fontes das informações antes de acreditar nelas ou de compartilhá-las em suas redes sociais. Posturas como essas são responsáveis pela “pós-verdade” e por todos os efeitos negativos da proliferação das mentiras.
- Ainda considerando o texto sobre “pós-verdade” e com base no conteúdo deste capítulo, elabore duas teses diferentes e fortes para o tema: **O mundo e as relações na era da “pós-verdade”**.

Saiba mais

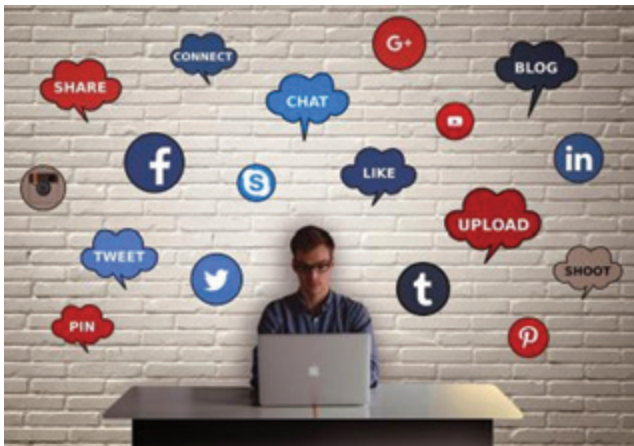
Todos os anos, o *Dicionário Oxford* escolhe uma palavra como a mais importante do ano. A publicação britânica mantém um *site* para que você possa acessar e conhecer todos os termos já escolhidos. Confira: <https://languages.oup.com/word-of-the-year/>. Acesso em: 28 jun. 2022.

Redação proposta

FICSAE-RJ 2017 Texto 1

As pessoas não estão prontas para opiniões nas redes sociais

André Lopes. *Blasting News*, 30/06/2016.



A “liberdade” das redes sociais é algo interessante de discutir. Conversando com um colega de profissão, por meio de um aplicativo de uma rede social, é claro, falávamos sobre as pessoas expressarem suas opiniões nas redes sociais. Que fique claro que, em minha #Opinião, isso é bom! Mas claro que estou sendo “educado” em dizer “expressar suas opiniões”, pois, muitas vezes, elas impõem suas opiniões e mais, transformam a liberdade de expressão em “discurso de ódio”. Grande número de participantes das discussões perde, rapidamente, a capacidade de “argumentação” e passa para a grosseria. [...]

A democracia tem sido posta em prática nas redes sociais todos os dias. O grande problema, na minha opinião, não é a liberdade democrática expressa em postagens curtas, longas, imagens ou textos, como este texto, publicado em redes sociais, mas sim a falta de prática democrática nos discursos/textos. [...]

Lendo algumas postagens e suas discussões, chego à seguinte conclusão: a prática da argumentação inteligente é uma importante maneira de expressar a liberdade de opinião e entender que a liberdade começa na capacidade de interpretar e respeitar a opinião do outro, até porque isso tudo que escrevi é a minha opinião.

Disponível em: <http://br.blastingnews.com/sociedade-opiniao/2016/06/as-pessoas-nao-estao-prontas-para-opinioes-nas-redes-sociais-00993347.html>. Acesso em: 6 set. 2016. (Adapt.).

Texto 2

A arte de convencer

Especialistas garantem que estudar a arte de convencer os outros virou necessidade não só para quem quer persuadir, mas também não ser enrolado pela conversa alheia.

Uma boa argumentação abre portas. É no que se acredita desde a Antiguidade, quando as primeiras técnicas retóricas foram criadas para convencer e persuadir o público de uma ideia que, independentemente de ser verdadeira, é eloquente.

Numa era de informação global, no entanto, em que comunicar está na base das relações pessoais e profissionais, estar familiarizado com as principais formas de convencimento virou um trunfo de mão dupla: quem sabe a importância de convencer alguém saberá também não cair tão fácil na primeira lábia de um interlocutor.

“Num mercado altamente competitivo e em acelerada mudança, a habilidade de comunicar ideias e convencer as pessoas da necessidade de mudanças é essencial. Nessas circunstâncias, o domínio das técnicas de persuasão cria um diferencial valioso”, diz Jairo Siqueira, consultor em criatividade e negociação. [...]

Mestre em estudos literários pela Unesp, o linguista Victor Hugo Caparica lembra que mesmo as relações interpessoais são, em última análise, relações interdiscursivas. Ou seja: na maior parte do tempo, estamos argumentando em maior ou menor grau com as pessoas que nos cercam, influenciando e sendo por elas influenciados.

In: Revista Língua – por Carmen Guerreiro. Disponível em: <www.methodus.com.br/artigo/604/a-arte-de-convencer.html>. Acesso em: 16 set. 2016.



Texto 3

A arte de argumentar

Todos nós teríamos muito mais êxito em nossas vidas, produziríamos muito mais e seríamos muito mais felizes, se nos preocupássemos em gerenciar nossas relações com as pessoas que nos rodeiam, desde o campo profissional até o pessoal. Mas para isso é necessário saber conversar com elas, argumentar, para que exponham seus pontos de vista, seus motivos e para que nós também possamos fazer o mesmo.

Segundo o senso comum, argumentar é vencer alguém, forçá-lo a submeter-se à nossa vontade. Definição errada! [...] Seja em família, no trabalho, no esporte ou na política, saber argumentar é, em primeiro lugar, saber integrar-se ao universo do outro. É também obter aquilo que queremos, mas de modo cooperativo e construtivo, traduzindo nossa verdade dentro da verdade do outro.

In: ABREU, A. S. A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 1999. p. 10.

Diante da inquestionável necessidade de domínio da argumentação na vida em sociedade – seja nas redes sociais, seja em outras situações de interlocução –, construa um texto dissertativo-argumentativo que apresente seu ponto de vista sobre o papel da argumentação nas redes sociais, em tempos em que a exposição intensa na *web* é uma constante.

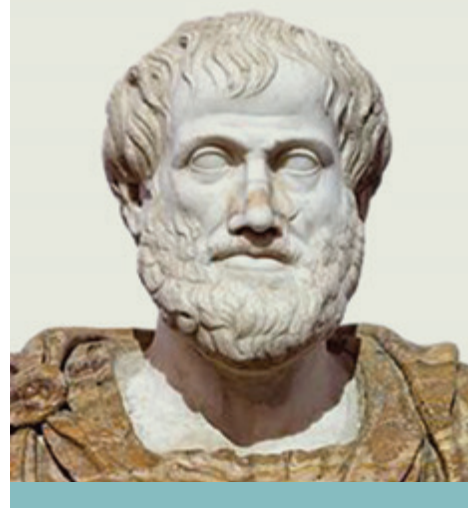
Sustente seu posicionamento com argumentos relevantes e convincentes, articulados de forma coesa e coerente. Dê um título ao seu texto.

Seu trabalho será avaliado de acordo com os seguintes critérios: espírito crítico; adequação do texto ao desenvolvimento do tema; estrutura textual compatível com o texto dissertativo-argumentativo; e emprego da modalidade escrita formal da língua portuguesa.

Ao fazer um discurso é necessário estudar três pontos: primeiro, o meio de produzir persuasão; em segundo lugar, a linguagem; em terceiro, o arranjo adequado das várias partes do discurso.

Aristóteles

(384 a.C.-322 a.C.),
filósofo grego



Texto complementar

[...] Os homens inumeráveis que se sacrificaram por suas convicções acreditavam fazê-lo pela verdade absoluta. Nisso estavam todos errados: provavelmente nenhum homem se sacrificou jamais pela verdade [...]. Mas realmente queriam ter razão, porque achavam que deviam ter razão [...]. Não foi o conflito de opiniões que tornou a história tão violenta, mas o conflito da fé nas opiniões, ou seja, das convicções. Se todos aqueles que tiveram em tão alta conta a sua convicção, que lhe fizeram sacrifícios de toda espécie e não pouparam honra, corpo e vida para servi-la, tivessem dedicado apenas metade de sua energia a investigar com que direito se apegavam a esta ou àquela convicção, por que caminho tinham a ela chegado: como se mostraria pacífica a história da humanidade! Quanto mais conhecimento não haveria! Todas as cruéis cenas, na perseguição aos hereges de toda espécie, nos teriam sido poupadas. [...]

NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 301.

Apesar de ter sido escrito no século XIX, esse texto do filósofo alemão Friedrich Nietzsche ainda nos parece bastante atual. A vontade de ter razão nisso que aborda o pensador é algo bastante observável nas redes sociais de nossa época, e os fanatismos decorrentes desse cenário ainda se mantêm. Nesse sentido, o que leva as pessoas à necessidade de ter razão, mesmo que essa razão não seja condizente com a realidade? Há medo do debate? Quais são os efeitos disso?

Todas essas questões podem ajudá-lo a pensar acerca da proposta de redação, mas, sobretudo, sobre a própria questão do ponto de vista que estudamos. Será que no dia a dia reconhecemos nossos posicionamentos como bons ou os vemos como a própria verdade absoluta?

Quer saber mais?



Livro

Redação inquieta, de Gustavo Bernardo. São Paulo: Rocco, 2012.

O autor Gustavo Bernardo faz uma abordagem do texto com base na ideia de que a escrita é fruto de uma vontade de mudar aquilo que se observa. É bastante interessante por trazer uma visão mais ampla a respeito do fazer textual.

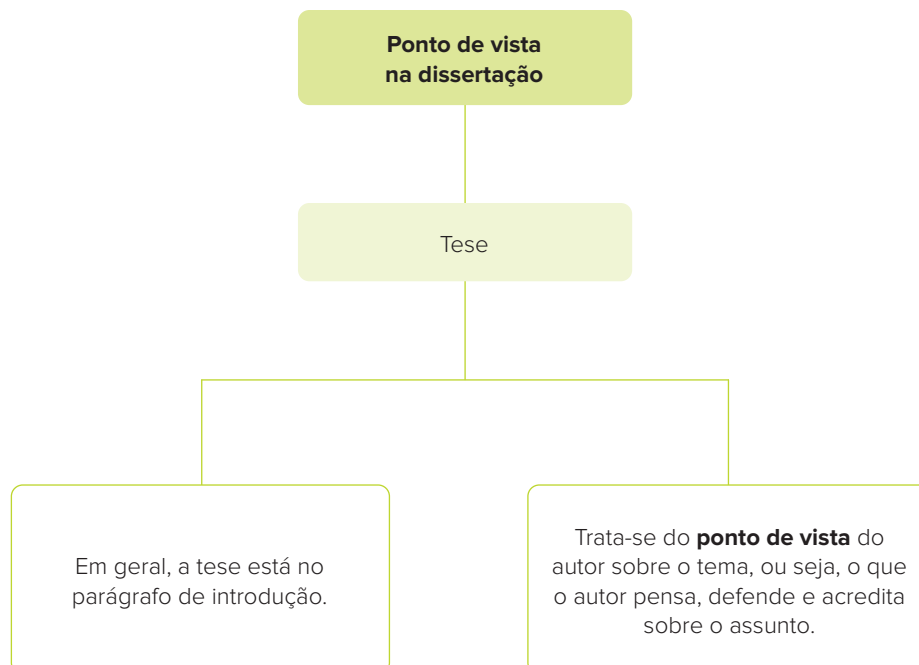


Filme

Obrigado por fumar. Direção: Jason Reitman. 2005.

A comédia faz um trabalho primoroso com a argumentação e com a ideia de que o ponto de vista, de alguma maneira, constrói a realidade que observamos.

Resumindo





FRENTE ÚNICA

CAPÍTULO

8

Introdução II: a contextualização

A porta de entrada de uma casa é um limite, tendo de um lado o interior e do outro o exterior, porém a porta em si é tanto interior quanto exterior. Da mesma forma, a contextualização dissertativa é esse limiar que conecta o leitor ao pensamento de quem escreve o texto ao mesmo tempo que liga esse pensamento ao mundo externo, contornando-o e integrando-se a ele.

Contextualização

Conta a história que, em Siracusa, uma cidade-Estado na Grécia Antiga, um rei, desconfiado do trabalho do ourives a quem encomendara uma coroa feita totalmente de ouro, recorreu aos serviços do sábio Arquimedes. O que o monarca gostaria de saber era se, de fato, o objeto era feito usando-se unicamente o metal precioso ou se havia sido enganado.

Imerso na busca por alguma forma de solucionar a questão, Arquimedes, ao tomar um banho de banheira, teve a resposta que tanto procurava: a densidade. Se a coroa fosse feita apenas de ouro, um bloco da mesma massa do material deveria deslocar a mesma quantidade de água deslocada pela coroa, caso ambas fossem submergidas em uma banheira como aquela. Segundo a anedota, o sábio teria ficado tão animado com a solução que saiu correndo pelas ruas, nu, gritando “Eureka!”, que, em grego, significa “Descobri”.

© Catherine Chernyakova | Dreamstime.com



Podemos supor o quão esquisita a cena pareceu para aqueles que cruzaram com o homem sem roupas, correndo, feliz a gritar...

Mas o que essa história tem a ver com a contextualização?

Imagine que, antes de escrever sua redação sobre o papel da argumentação nas redes sociais, você tenha passado um tempo pensando no assunto, refletindo a respeito de como se dá (ou não) essa argumentação, indagando-se acerca de seu ponto de vista sobre o tema. Em meio a esse processo, um colega se aproxima, e, ainda imerso nos próprios pensamentos, você diz:

— Cara, eu acho que a gente não sabe argumentar, porque só temos contato com coisas que a gente já conhece.

Essa frase, vinda assim, de supetão, fica descontextualizada, certo? Você não está nu, correndo pelos corredores do colégio, gritando seu ponto de vista, porém, tal qual a reação dos transeuntes de Siracusa, talvez seu interlocutor também sinta falta de algo ou se sinta confuso. Provavelmente, ele ficaria sem entender corretamente qual é o assunto; afinal, não está dentro da sua mente para acompanhar seu raciocínio. Para que ele

pudesse participar de um diálogo a respeito do assunto, você deveria ter contextualizado melhor o tema:

— E aí, tudo bem? Cara, eu estava aqui tentando resolver a proposta de redação do Einstein de 2017. O tema era sobre o papel da argumentação nas redes sociais. Aí eu estava pensando que, para mim, nessas redes, a gente só vê opinião e informação que dizem respeito a gente mesmo e, por isso, vamos perdendo a habilidade de argumentar.

Com a dissertação, ocorre o mesmo processo. Por mais que o texto inteiro gire em torno da tese, é importante que ela não venha sozinha; por isso, ainda na introdução, antes mesmo de apresentarmos nosso ponto de vista, é fundamental contextualizar o leitor a respeito da discussão que travaremos. Por meio da contextualização, começamos a compartilhar com nosso interlocutor os elementos básicos para que ele possa localizar o debate e se situar a respeito de quais aspectos nos parece pertinente dissertar.

Assim, a função da contextualização em um texto é apresentar o **tema** ao leitor.

Quanto melhor for a contextualização, mais natural será a chegada do leitor à tese.

Tipos de contextualização

A seguir, estudaremos estratégias utilizadas para dar contexto e para ligar a contextualização à tese. O tema abordado será: **O papel da argumentação nas redes sociais**

a) Contextualização por acontecimentos recentes

Segundo uma notícia divulgada pela “Agência Brasil”, uma pesquisa da USP teria revelado que, na semana anterior à votação do impeachment da presidente Dilma Rousseff, em 2016, três das cinco notícias mais compartilhadas na internet no Brasil eram falsas. O resultado do estudo revela que, talvez, o critério para o compartilhamento não seja uma vinculação da notícia ao fato, mas, sim, à crença pessoal de quem compartilha. Esse fenômeno, porém, não é isolado e parece afetar também a argumentação nas redes sociais. Cada vez mais cercados por versões da realidade que mais nos espelham do que, de fato, dizem algo a respeito do mundo, tendemos a ir perdendo a habilidade de argumentar, de colocar em confronto ideias diferentes, porque, justamente, não vemos mais essas ideias diferentes. O efeito disso é o enfraquecimento do papel da argumentação nessas redes. (Autoria de LACC)

Para introduzir a questão da argumentação nas redes sociais, essa contextualização se apoia em uma notícia. Entre ela e o posicionamento propriamente dito, há uma passagem, uma transição, essencial para que se mantenha a fluidez do texto. O autor começa com um fato específico (algo ocorrido na semana anterior ao *impeachment*) e quer chegar a uma tese mais ampla; portanto, é importante que ele escreva: “*esse fenômeno, porém, não é isolado e parece afetar também a argumentação nas redes sociais*”.

b) Contextualização histórica

Na Grécia Antiga, “sofista” era o nome dado a um mestre da retórica, alguém que ensinava a seus alunos a argumentação e a oratória a fim de que criassem discursos de convencimento. Uma das críticas que faziam a esse tipo de professor era a de que seus discursos seriam muito mais voltados à verossimilhança do que, de fato, à verdade; em outras palavras, seria como se pudesse provar qualquer coisa, independentemente de o raciocínio utilizado para tanto ser ou não baseado na realidade – a preocupação central, portanto, não é o mundo, mas a forma de dizê-lo. O mundo contemporâneo, por sua vez, principalmente nas redes sociais, parece sofrer de um mal contrário: há tanta certeza de que as crenças pessoais são a própria realidade que a argumentação se torna desnecessária. Nesse sentido, quanto mais crentes em nossas convicções, menos nos preocupamos em mostrar aos outros o que as fundamenta – elas são, afinal, para nós, a verdade. O efeito disso é que, aos poucos, nós mesmos perdemos as bases de sustentação de nossas ideias. (Autoria de LACC)

Nessa introdução, em vez de buscarmos algo atual, voltamos alguns séculos para estabelecer uma comparação entre o “antes” e o “agora”. Aqui também aparece a frase de transição – “o mundo contemporâneo, por sua vez, principalmente nas redes sociais, parece sofrer de um mal contrário: há tanta certeza de que as crenças pessoais são a própria realidade que a argumentação se torna desnecessária” –, que é importante para não darmos a entender que nosso texto se assenta no passado.

c) Contextualização por narrativa

Em “Obrigado por fumar”, filme de Jason Reitman, Nick Naylor é um sujeito cuja profissão é defender os interesses da indústria tabagista em meio a um mundo que condena o cigarro. Para tanto, a personagem se vale dos mais diversos malabarismos retóricos, de pesquisas científicas financiadas pelas corporações do tabaco provando aspectos benéficos de seu consumo, de estratégias argumentativas que desviam o foco das doenças causadas pelo cigarro para a liberdade de escolha entre fumar ou não. O filme destaca que, por caminhos diferentes, chega-se a verdades diferentes e, nesse sentido, mais vale conhecer esses caminhos do que, de fato, assegurar uma ou outra verdade como absoluta. O que é trabalhado na ficção talvez encontre reverberação na realidade no que diz respeito ao papel da argumentação nas redes sociais: quanto mais acreditamos como absolutas nossas crenças, menos espaço damos para as estratégias argumentativas que as construíram, o que desencadeia intolerância e, em um ciclo vicioso, o reforço do caráter absoluto dessas crenças. (Autoria de LACC)

Nesse exemplo, a tese é introduzida por um filme. Com uma breve descrição dos aspectos do enredo relevantes para o ponto de vista construído, o autor chega à tese. Novamente, é essencial a frase de transição para que não se dê a impressão de que o filme “prova” a realidade: “O que é trabalhado na ficção talvez encontre

reverberação na realidade no que diz respeito ao papel da argumentação nas redes sociais”.

d) Contextualização por definição

Segundo o dicionário Michaelis, “argumento” é um raciocínio utilizado para provar a veracidade de uma afirmação, uma demonstração, um indício, uma prova. Fora das páginas do dicionário e dentro das páginas virtuais, porém, o sentido do termo parece sofrer transformações. Cada vez mais imersos em um único tipo de informações e de opiniões, argumentar não é mais buscar uma demonstração ou um raciocínio, mas sim uma confirmação de nós mesmos. Nesse cenário, o papel da argumentação se enfraquece e dá lugar à doutrinação, à imposição de verdades. (Autoria de LACC)

A estratégia desse exemplo foi introduzir o texto pela definição dicionarizada de um termo caro ao tema: “argumento”. É possível tecer uma comparação entre o que é definido de maneira mais objetiva pelo dicionário e aquilo que vivemos diariamente. Mais uma vez, é importante ligar a contextualização com a tese de uma forma orgânica, e, desta vez, a frase de transição utilizada foi: “Fora das páginas do dicionário e dentro das páginas virtuais, porém, o sentido do termo parece sofrer transformações”.

e) Contextualização por citação

Em “Fragmentos póstumos”, o filósofo alemão Friedrich Nietzsche afirma que não há, efetivamente, fatos, “somente interpretações”. A frase, vinda de um pensador do século XIX, embora choque uma plateia acostumada a buscar a verdade inquestionável das coisas, talvez seja de grande relevância para se compreender o papel da argumentação nas redes sociais contemporâneas. Tão crentes estamos em nossas opiniões que acabamos por percebê-las como fatos absolutos, certezas indiscutíveis, ou seja, não parece haver necessidade de argumentar em relação a elas. Nesse sentido, restabelecê-las enquanto interpretações pode ser a única maneira de ainda haver algum “papel da argumentação” nos dias atuais. (Autoria de LACC)

Aqui, a contextualização se dá por meio de uma citação. Nesse momento do texto, recorrer à frase de Nietzsche não serve para conferir autoridade à dissertação, mas para apontar uma reflexão que parece dialogar com o tema abordado. É importante salientar que Nietzsche não falou sobre argumentação nas redes sociais; logo, é necessário, mais uma vez, pensar bem na frase de transição para chegar à tese. Nesse caso, temos: “A frase, vinda de um pensador do século XIX, embora choque uma plateia acostumada a buscar a verdade inquestionável das coisas, talvez seja de grande relevância para se compreender o papel da argumentação nas redes sociais contemporâneas”.



Como podemos perceber, há diversas maneiras de iniciar uma dissertação – e repare que trabalhamos com uma pequena lista do que se poderia fazer para isso. De forma geral, o que há em comum entre elas é a função de situar o leitor na discussão a que nos propomos. Nesse sentido, é extremamente interessante contextualizar o debate antes de se posicionar em relação a ele.

! Atenção

É importante levar em consideração a estrutura da proposta para pensar na contextualização mais adequada ao seu texto. Quando há um limite curto de linhas, por exemplo, começar por uma narrativa ficcional pode ser prejudicial. No entanto, quando o tema demanda comentários a respeito de um fato específico, talvez seja uma estratégia interessante começar apresentando o próprio fato.

Revisando

- A seguir, há duas teses cuja proposta é:
Escolha uma delas e elabore, com base no que estudamos, duas introduções diferentes, apresentando uma contextualização pertinente e uma frase de transição entre ela e o ponto de vista.

“Participação política: indispensável ou superada?”

- a) Quanto mais ensimesmados estamos, mais deixamos de reconhecer as questões públicas como algo que nos afeta intimamente. Nesse sentido, ainda que o cenário atual pareça, muitas vezes, levar à superação da participação política, ela ainda segue indispensável para que possamos interferir naquilo que, da coletividade, toca-nos.

Autoria de LACC

- b) Em um contexto em que nos habituamos a transferir o fazer político aos representantes eleitos, tendemos a nos afastar da percepção cotidiana da política. Nesse sentido, talvez seja importante, de fato, superar a concepção de participação política que vigora hoje para que possamos, enfim, chegar à política realmente indispensável para nossa organização coletiva.

Autoria de LACC

Redação proposta

- **Uema 2017**
Texto 1

[...] As autoridades não agiram contra o padre, mas se queixaram ao arcebispo. E o padre José Paulo foi chamado à presença do cônego secretário do arcebispo. O padre ficou amedrontado. [...] O cônego entrou com um passo manso. Os lábios tinham uma linha dura. Não havia nenhuma simpatia humana na sua figura, nos seus traços duros. O padre o viu, levantou-se, beijou humildemente sua mão:

— Cônego...

— Sente-se, padre, temos que conversar.

Olhava com os olhos sem expressão o padre. Sentou-se, cruzou as mãos com grande cuidado, afastou sua reluzente batina da batina suja do padre José Pedro.

— Este arcebispo tem graves queixas contra o senhor, padre. Creio que o senhor já sabe do que se trata...

— Só se é as crianças...

— Têm nos chegado bastantes queixas, padre José Pedro.

Olhou o padre com olhos duros. José Pedro baixou a cabeça.

— A viúva Santos, continuou o cônego, queixou-se. O senhor ajudou uma corja de moleques numa praça a vaiá-la.

— Não é verdade, cônego.

— O senhor quer dizer que a viúva mentiu?

— O que ela disse não é verdade. Eu posso lhe narrar o fato...

— Não me interrompa. Porém agora há uma coisa muito mais grave. O senhor sabe o que fez, sabe?

— O senhor sabe o que é o leproso?

O cônego não respondeu.

— Às vezes tenho que fazer...

— Compactua com os roubos, com os crimes desses perversos.

— Que culpa eles têm... Que culpa...
— Cale-se. — A voz do cônego era cheia de autoridade.
O padre o olhou horrorizado. O cônego virou as costas e foi saindo.
— A entrevista está terminada, padre José Pedro. Pode se retirar.
Mas o padre ainda ficou parado uns minutos, querendo dizer alguma coisa. Mas não dizia nada, estava como que apatetado...

AMADO, Jorge. *Capitães da areia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. (Adapt.).

Texto 2

CARTA DO SECRETÁRIO DO CHEFE DE POLÍCIA À REDAÇÃO DO JORNAL DA TARDE

Sr. diretor do Jornal da Tarde
[...] Pelo exposto ficou claramente provado que a polícia não merece nenhuma crítica pela sua atividade em face desse problema. A polícia não tem agido com maior eficiência porque não foi solicitada pelo juiz de menores.

Cordiais saudações.
Secretário do chefe de polícia

AMADO, Jorge. *Capitães da areia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. (Adapt.).

Texto 3

CARTA DO JUIZ DE MENORES À REDAÇÃO DO JORNAL DA TARDE

Exmo. sr. diretor do Jornal da Tarde
[...] Não cabe ao juizado de menores capturar os pequenos delinquentes. Cabe velar pelo seu destino posterior. E o sr. dr. chefe de polícia sempre há de me encontrar onde o dever me chama. Não tenho culpa, porém, de que fujam [...] Por quê? Isso é um problema que aos psicólogos cabe resolver e não a mim, simples curioso da filosofia.

De v. exc., admirador e patrício grato,
Juiz de menores

AMADO, Jorge. *Capitães da areia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. (Adapt.).

Texto 4

Vivemos uma guerra civil verbal. Enquanto o surto da gripe H1N1 preocupa os brasileiros, o psicanalista e psiquiatra Jorge Forbes chama a atenção para outro tema, uma crise social do país que, a seu ver, é tão importante ou mais que a gripe: a falta de diálogo entre as pessoas que estão aferradas a verdades estanques. [...] “Mas não temos vacina para isso”, comenta.

MESQUITA, Renata Valéria. In: Revista *Planeta*. Maio 2016, ano 43, ed. 520.

Texto 5

Você precisa escolher um lado? “É importante lembrar que o nosso bem-estar depende também do bem-estar comum. Sinto falta disso na nossa sociedade”, comenta a psicóloga Bel Cesar. [...] Conversas sobre temas controversos devem envolver uma intenção verdadeira das partes de ampliar suas visões, recomenda a psicóloga. Se não, será pura discussão, ou seja, uma disputa contaminada pela raiva e pela luta de poder para ver quem se impõe melhor e convencer o outro de que é ele que está errado.

MESQUITA, Renata Valéria. In: Revista *Planeta*. Maio 2016, ano 43, ed. 520.

Como vemos nos textos apresentados, a fala do cônego, um discurso autoritário, sobrepõe-se e tenta apagar a fala do padre, um discurso sem prestígio, o que impossibilita um diálogo entre os dois para a resolução de um problema social (texto 1, *Capitães de areia*). Já os trechos das cartas (textos 2 e 3), da referida obra, evidenciam justificativas frágeis de seus emissores, calcadas no desinteresse de ambos em dialogarem sobre importante assunto. Em contrapartida, os textos da revista *Planeta* (textos 4 e 5) tratam da necessidade do diálogo entre as pessoas. A falta de comunicação, em qualquer grupo social, permite refletir sobre o que afirma o psiquiatra citado na reportagem: “Vivemos uma guerra civil verbal”.

Com um olhar atento para os fatos, escreva um texto dissertativo-argumentativo, em prosa, em que você apresente argumentação fundamentada sobre o tema: **Diálogo: alicerce para ampliar a convivência entre as pessoas e o conhecimento na sociedade**

Instruções:

- O texto deve ser escrito na modalidade formal da língua portuguesa.
- A redação deve ter, no mínimo, 25 linhas.

Texto complementar

Em Cloé, cidade grande, as pessoas que passam pelas ruas não se reconhecem. Quando se veem, imaginam mil coisas a respeito umas das outras, os encontros que poderiam ocorrer entre elas, as conversas, as surpresas, as carícias, as mordidas. Mas ninguém se cumprimenta, os olhares se cruzam por um segundo e depois se desviam, procuram outros olhares, não se fixam.

Passa uma moça balançando uma sombrinha apoiada no ombro, e um pouco das ancas, também. Passa uma mulher vestida de preto que demonstra toda sua idade, com os olhos inquietos debaixo do véu e os lábios tremulantes. Passa um gigante tatuado, um homem jovem com cabelos brancos; um anão, duas gêmeas vestidas de coral. Corre alguma coisa entre eles, uma troca de olhares como se fossem linhas que ligam uma figura à outra e desenham flechas, estrelas, triângulos, até esgotar num instante todas as combinações possíveis, e outras personagens entram em cena: um cego com um guepardo na coleira, uma cortesã com um leque de penas de avestruz, um efebo, uma mulher canhão. Assim, entre aqueles que por acaso procuram abrigo da chuva sob o pórtico, ou aglomeram-se sob uma tenda do bazar, ou param para ouvir a banda na praça, consumam-se encontros, seduções, abraços, orgias, sem que se troque uma palavra, sem que se toque um dedo, quase sem levantar os olhos.

Existe uma contínua vibração luxuriosa em Cloé, a mais casta das cidades. Se os homens e as mulheres começassem a viver os seus sonhos efêmeros, todos os fantasmas se tornariam reais e começaria uma história de perseguições, de ficções, de desentendimentos, de choques, de opressões, e o carrossel das fantasias teria fim.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Tradução de Diogo Mainardi. [S. l.]: Companhia das Letras, 1990. p. 53-54.

efebo: jovem, homem na puberdade.

Essa descrição é de uma das 55 cidades invisíveis do autor Italo Calvino. Em Cloé, como podemos perceber, há uma restrição ao diálogo, à convivência que permite um contato aberto com o outro. Ainda que seja uma ficção, não é difícil notarmos que se trata de um comportamento comum em nossas grandes cidades da realidade também. Nelas, o que causa esse distanciamento? Por que nos afastamos uns dos outros? Que fantasias criamos sobre aqueles que não somos nós mesmos e quais os efeitos delas?

Levar essas perguntas em consideração pode ser útil para compreendermos melhor o ensimesmamento contemporâneo e os seus efeitos.

Além disso, que tal tentar contextualizar a redação da seção “Proposta de redação” com essa descrição de Calvino? De maneira metafórica, ela trata de elementos que nos são bastante próximos e, de seu uso, pode resultar uma introdução bastante sofisticada.

Saiba mais

O livro *As cidades invisíveis*, do qual foi retirada a descrição de Cloé, conta com outras 54 descrições de cidades imaginárias. O autor Italo Calvino, cubano e radicado na Itália, a partir de sua mente, descreve as cidades irreais que, de certa forma, trazem-nos uma série de aspectos de nossos centros urbanos reais.

Quer saber mais?



Livro

***Emoções e linguagem na educação e na política*, de Humberto Maturana. Minas Gerais: Editora UFMG, 2002.**

A obra do biólogo chileno Humberto Maturana aborda as relações humanas e a discussão a respeito da comunicação e, de certa forma, do diálogo; é interessante para se pensar sobre a contemporaneidade.

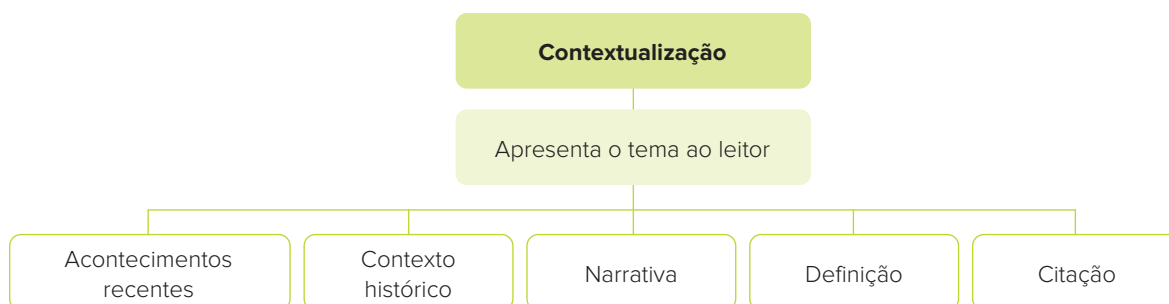


Vídeo

John Cleese – extremismo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a677GavT2aM>. Acesso em: 29 jun. 2022.

No vídeo, o comediante inglês John Cleese trata, de maneira divertida, sobre os extremismos. Embora seja uma produção antiga, a atualidade é impressionante. As dificuldades de ouvir o outro e de construir um entendimento em conjunto com ele chamam a atenção.

Resumindo



We Can Do It!

J. Howard Miller/The U.S.
National Archives/Flickr



FRENTE ÚNICA

CAPÍTULO

9

Contextualizar e se posicionar em uma proposta real

A violência contra a mulher não se manifesta só na agressão física, e podemos perceber essa subjugação também na cultura, na linguagem, na maneira de pensar e na organização político-social. Embora seja uma tarefa difícil, é indispensável a busca por um cenário mais justo e igualitário, o que implica mudanças nas formas mais básicas e cotidianas de nossa existência.

As propostas de redação do Enem

Nosso propósito é colocar em prática o que vimos nos capítulos anteriores. Com base em uma proposta de redação real, a do Enem de 2015, buscaremos elaborar **um ponto de vista** e **contextualizá-lo**, criando introduções diferentes.

Enem 2015

PROPOSTA DE REDAÇÃO

A partir da leitura dos textos motivadores seguintes e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema “A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira”, apresentando uma proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para a defesa de seu ponto de vista.

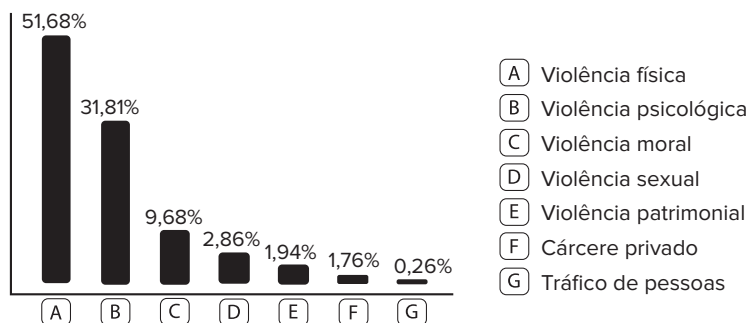
Texto 1

Nos 30 anos decorridos entre 1980 e 2010, foram assassinadas no país acima de 92 mil mulheres, 43,7 mil só na última década. O número de mortes nesse período passou de 1.353 para 4.465, que representa um aumento de 230%, mais que triplicando o quantitativo de mulheres vítimas de assassinato no país.

WALSELFISZ, J. J. *Mapa da Violência 2012*. Atualização: Homicídio de mulheres no Brasil. Disponível em: www.mapadaviolencia.org.br. Acesso em: 8 jun. 2015.

Texto 2

TIPO DE VIOLÊNCIA RELATADA



BRASIL. Secretaria de Políticas para as Mulheres. *Balanço 2014*. Central do Atendimento à Mulher: Disque 180. Brasília, 2015. Disponível em: www.spm.gov.br. Acesso em: 24 jun. 2015. (Adapt.).

Texto 3



Disponível em: www.compromissoatitude.org.br. Acesso em: 24 jun. 2015. (Adapt.).

Texto 4

O IMPACTO EM NÚMEROS

Com base na Lei Maria da Penha, mais de 330 mil processos foram instaurados apenas nos juizados e varas especializados

332.216 processos que envolvem a Lei Maria da Penha chegaram, entre setembro de 2006 e março de 2011, aos **52** juizados e varas especializados em Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher existentes no País. O que resultou em:



33,4%
de processos julgados



9.715
prisões em flagrante



1.577
prisões preventivas decretadas



58 mulheres e **2.777** homens enquadrados na Lei Maria da Penha estavam presos no País em dezembro de 2010. Ceará, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul não constam desse levantamento feito pelo Departamento Penitenciário Nacional



237 mil

relatos de violência foram feitos ao Ligue 180, serviço telefônico da Secretaria de Políticas para as Mulheres



Sete de cada **dez** vítimas que telefonaram para o Ligue 180 afirmaram ter sido agredidas pelos companheiros

Fontes: Conselho Nacional de Justiça, Departamento Penitenciário Nacional e Secretaria de Políticas para as Mulheres. Disponível em: www.istoe.com.br. Acesso em: 24 jun. 2015. (Adapt.).

Instruções:

- O rascunho da redação deve ser feito no espaço apropriado.
- O texto definitivo deve ser escrito à tinta, na folha própria, em até 30 linhas.
- A redação que apresentar cópia dos textos da Proposta de Redação ou do Caderno de Questões terá o número de linhas copiadas desconsiderado para efeito de correção.

Receberá nota zero, em qualquer das situações expressas a seguir, a redação que:

- tiver até 7 (sete) linhas escritas, sendo considerada “texto insuficiente”.
- fugir ao tema ou que não atender ao tipo dissertativo-argumentativo.
- apresentar proposta de intervenção que desrespeite os direitos humanos.
- apresentar parte do texto deliberadamente desconectada do tema proposto.

Análise da proposta e da coletânea

Em primeiro lugar, para que possamos começar a definir nosso **ponto de vista**, é importante observar com atenção o recorte do tema exigido pela proposta. A prova com que estamos trabalhando pede que nos posicionemos a respeito da **persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira** e que apresentemos uma **proposta de intervenção que respeite os direitos humanos**. Dito isso, temos:

- a** A proposta não está perguntando se há ou não violência contra a mulher. Isso é tomado como ponto de partida; logo, não há espaço para uma tese que questione essa violência.
- b** O texto da proposta não especifica o tipo de violência, portanto não devemos restringi-la à violência física, por exemplo.
- c** Além disso, a banca valeu-se do termo **persistência**, ou seja, parece apontar o fato de que a violência continua mesmo com as mudanças sociais que ocorreram ao longo do tempo e a criação de mecanismos de inibição.
- d** O recorte elaborado é da sociedade brasileira.
- e** A exigência de uma proposta de intervenção nos interpela quanto a um posicionamento e a um desenvolvimento que a antecipem.



Falana/Stockphoto.com

Além das orientações apresentadas na proposta, a coletânea nos ajuda a compreender melhor o **tema** a respeito do qual dissertaremos. Veja:

Texto 1

Traz alguns dados sobre o aumento do número de assassinatos de mulheres entre os anos 1980 e 2010: a elevação em 230% evidencia a existência desse cenário violento.

Texto 2

Por meio de um gráfico, a coletânea analisa os tipos de violência relatados segundo a Secretaria de Políticas para as Mulheres. Nesse detalhamento, fica claro que a violência não se resume à agressão, mas compreende também aspectos simbólicos responsáveis pela construção identitária dessas vítimas.

Texto 3

A coletânea começa a nos encaminhar para as intervenções: mostrando a imagem de uma publicidade que pede o fim do feminicídio.

Texto 4

Há alguns dados a respeito do que vem sendo feito após a Lei Maria da Penha e, também, informações sobre o canal de denúncia (180) e o que tem sido registrado por meio dele.

O ponto de vista

Como podemos notar, a parte final da coletânea parece nos sugerir que, institucionalmente, isto é, no âmbito das leis, das punições, já existem medidas sendo tomadas. Podemos pensar, então, que, por mais que elas sejam intensificadas, com mais fiscalização e meios de denúncia, tudo isso talvez ainda seja insuficiente, pois a violência contra a mulher tem raízes profundas, culturais. Basta pensarmos nos processos históricos da sociedade brasileira, nos quais a imagem da mulher foi construída como alguém “do lar”, a quem não couberam as decisões sobre a coletividade durante muito tempo; nas músicas, que objetificam o corpo feminino; nas propagandas, que associam a mulher com a sexualidade ou com o espaço doméstico; nas expressões cotidianas como “sexo frágil”, “mulherzinha” e “vira homem”. Em uma cultura como essa, não parece estranho que o sujeito feminino seja, sistematicamente, subjugado, tanto no plano simbólico quanto na literalidade, e disso decorre toda uma sorte de agressões.

Explorar esses aspectos pode ser um bom caminho para a construção do ponto de vista. Nesse sentido, e levando em conta que em uma proposta como a do Enem nos são pedidas as intervenções, poderíamos pensar em teses como as mostradas a seguir.

Tese 1 Em um cenário em que vigora o machismo, a mulher é persistentemente vítima da violência, o que demanda enfrentamentos não apenas no âmbito das leis e das punições, mas, sobretudo, no da cultura.

Tese 2 A forma como se constrói na cultura brasileira a identidade feminina é responsável, em grande medida, pela persistência da violência contra a mulher; assim, para enfrentar esse problema social, é necessário agir, primordialmente, na cultura.

Nas duas teses, destacamos uma construção cultural que, de certa maneira, torna frequente a inferiorização da mulher, o que faz a violência contra ela persistir. Seguindo esses pontos de vista, podemos começar a pensar em contextualizações e, como exemplo, indicamos a seguir algumas elaboradas por alunos reais para essa mesma proposta.



Introdução com contextualização a partir da coletânea

Decretada em 2006, a Lei Maria da Penha foi um avanço significativo no combate à violência contra a mulher. No entanto, desde aquele ano, as estatísticas permanecem altas e os abusos contra o sexo feminino persistem. Isso se deve, principalmente, à mudança do papel da mulher na sociedade brasileira, a qual não foi acompanhada por uma transformação na mentalidade machista da população. Ademais, as mulheres que sofrem violência ainda não encontram amparo adequado antes e depois de efetuar uma denúncia.

Marina Barrionuevo

Nesse exemplo, os elementos básicos utilizados para construir a introdução decorrem de uma leitura atenta da coletânea disponibilizada.

Com base em uma breve análise do texto 4, a autora constata a persistência da violência como algo causado pela manutenção da “mentalidade machista da população”. Além disso, um tópico que se pretende abordar, segundo o que ela pontua, é a falta de “amparo adequado antes e depois de efetuar uma denúncia”.

Introdução com contextualização histórica

O patriarcalismo histórico somado à cultura de objetificação da mulher refletiu-se na legislação do Brasil colonial, por exemplo, que dava aos maridos o direito de assassinar suas esposas. Apesar da emancipação progressiva do gênero feminino, como a relativa ascensão da mulher no mercado de trabalho e a criação de leis que visam proteger a integridade feminina – exemplificadas pela Lei Maria da Penha, os paradigmas de um modelo patriarcal não foram superados, visto que a violência contra a mulher persiste no Brasil.

Como o problema é oriundo de uma construção cultural, sua base é que deve ser modificada.

Aline Hernandez Marquez Sarafyan

Novamente, com base em um posicionamento que reconhece no modelo cultural vigente a causa da persistência da violência contra a mulher, temos uma introdução bem construída. Para contextualizar a tese, a autora recorre a um breve percurso histórico e localiza aí o fundo machista que provoca a violência.

Introdução com contextualização por meio de acontecimentos recentes

Num contexto marcado pela ascensão da mulher ao mercado de trabalho, nos cursos superiores e pela ampliação dos movimentos pelos direitos da mulher no Brasil, um fato se torna disfórico e incompatível à realidade brasileira: a persistência da violência contra a figura feminina. Ora de modo físico, ora de modo psicológico, a violência gerada em razão do gênero torna-se uma questão a ser combatida. Assim, tal problema social não engloba apenas o núcleo familiar ou o indivíduo em si, mas também uma série de fatores culturais brasileiros que permitem a ocorrência da agressão contra a mulher.

Renata Drizlianoks

Outra vez, o posicionamento adotado identifica a violência contra a mulher como algo cuja raiz é a cultura brasileira, que, enquanto permanecer como tal, fará persistirem as agressões.

No entanto, para contextualizar, a autora escolhe apresentar um panorama atual da questão da mulher em nossa sociedade. Podemos notar que, ainda que ela não trabalhe com estatísticas, a percepção que temos do cenário atual, caso possa ser evidenciada, é um ótimo caminho para começar uma redação.

Introdução com contextualização por citação

Em “We should all be feminists”, a escritora Chimamanda Adichie relata que, diante da notícia de um estupro coletivo cometido contra uma jovem nigeriana, a resposta de muitos homens e mulheres foi “Sim, o estupro é errado, mas o que uma garota estava fazendo em uma sala com quatro garotos?”. Tal pensamento narrado pela escritora não é isolado e restrito àquele país, mas, sim, uma representação da cultura machista, que está presente na sociedade brasileira, a qual tende a culpabilizar a vítima e permitir a persistência da violência contra a mulher. Portanto, com o objetivo de garantir o exercício dos Direitos Humanos a todos os indivíduos independentemente do gênero, é necessário que o Estado, em comunhão com os cidadãos, modifique essa cultura opressora.

Bianca Lemos

Dessa vez, é por meio de uma referência da própria autora que se contextualiza o texto. A palestra da escritora Chimamanda Ngozi Adichie funciona como o ponto de partida para mostrar que há uma culpabilização da vítima, o que faz persistir a violência contra a mulher. O discurso faz parte do repertório da autora da introdução, e ela percebe nele um ponto de contato com o que pretende defender. A tese, por sua vez, continua relacionando a violência à “cultura opressora”, a qual deve ser transformada para que se encerre esse ciclo de agressões.

Saiba mais

Chimamanda Ngozi Adichie é uma escritora nigeriana contemporânea. Entre suas obras, destacam-se *Hibisco roxo*, de 2003, seu primeiro romance, e *Americana*, de 2013, escolhido pela *The New York Times Book Review* como uma das melhores obras daquele ano.



Jeff Morgan 03/Alamy/Fotorena

Introdução com contextualização a partir de elementos populares

“Porque homem não chora”. Com esse argumento, verso de uma de suas músicas, o cantor Pablo (conhecido popularmente como “Pablo da sofrência”) aponta para a comum naturalização dos papéis de gênero em nossa sociedade. Ao homem, cabe ser viril e centro das decisões. À mulher coube, historicamente, o papel de quem sofre, de quem sente, enfim, de quem chora. Essa divisão, porém, tem como resultado a violência contra aquelas que, como sempre fizeram crer, são mais frágeis. É preciso, então, pensar como diferentes esferas sociais podem agir para mudar o presente quadro, que traz inúmeras mortes em suas estatísticas.

Gabriela Carvalho

Novamente, é conforme a referência do repertório da própria autora que se constrói a contextualização. Aqui, no entanto, ela recorre a uma música popular bastante tocada nas rádios e, tomando-a como evidência, apresenta uma percepção a respeito do que a letra revela do cenário brasileiro contemporâneo em relação à questão da violência contra a mulher. Vale a pena notar que não se trata de uma canção erudita, mas de algo bastante acessível a qualquer um que ouça rádio ou assista à televisão aberta. Por fim, mais uma vez, a tese aponta a inferiorização feminina como um traço cultural.

Introdução com contextualização por narrativa

| |
|---|
| <p>O filme “Zootopia” narra a história da coelha Judy e da raposa Nick, que, juntas, precisam resolver os vários mistérios da cidade animal. Além da aventura e do suspense, o filme também retrata a dificuldade de Judy em ser respeitada como policial, uma vez que sua condição de coelho contrasta com a de seus colegas, predadores e fortes. A realidade da policial, porém, não se limita à fantasia, uma vez que nossa própria sociedade cria estereótipos que restringem nossa identidade. Assim como em “Zootopia”, em que os coelhos são tidos por presas fofas, em nossa cultura, a mulher é construída imageticamente como fraca, emotiva, doméstica e submissa, o que faz persistir a violência contra ela. Assim, para reverter esse quadro, fazem-se necessárias ações, principalmente, no campo cultural.</p> |
| Mariana Kurashima |

Nessa última introdução, a autora opta por contextualizar por meio da construção de uma analogia entre a realidade e uma ficção. Com base na animação *Zootopia*, a autora consegue perceber uma relação entre a inferiorização de uma personagem e o estereótipo criado acerca dela e, partindo dessa percepção, estabelece um paralelo com a realidade: as violências física e simbólica que são praticadas contra a mulher talvez sejam resultado da maneira como, culturalmente, construíram-se os estereótipos femininos. Aqui, mais uma vez, a tese aponta para as causas culturais da violência, mas a estratégia de situar o leitor quanto ao tema é diferente, buscando na ficção essa contextualização.

E você, com qual dessas introduções se identifica mais e em quais outras estratégias pensaria para contextualizar seu texto?

Revisando

- Com base na proposta do Enem de 2015, construa três introduções diferentes para uma possível dissertação. Para tanto, será preciso pensar no **ponto de vista** e na **contextualização**. Quanto ao primeiro, lembre-se de responder ao que é apresentado pela proposta. Quanto à contextualização, procure valer-se de seu repertório – músicas, propagandas, notícias recentes, definições, ficções: tudo pode servir de material, desde que você atente para a clareza ao explicar a referência e tenha cuidado para ligá-la à tese.

Redação proposta

- A proposta de redação que acabamos de estudar é a do Enem de 2015. Se você preferir, utilize uma das introduções construídas na seção “Revisando” para elaborar o seu texto. De qualquer maneira, lembre-se de seguir atentamente as instruções da prova e de construir uma proposta de intervenção pertinente.

Texto complementar

[...] Os Arapesh – homens e mulheres – exibiam uma personalidade que, fora de nossas preocupações historicamente limitadas, chamaríamos maternal em seus aspectos parentais e feminina em seus aspectos sexuais. Encontramos homens, assim como mulheres, treinados a ser cooperativos, não agressivos, suscetíveis às necessidades e exigências alheias. [...] Em meio aos Mundugumor, [...] homens e mulheres se desenvolviam como indivíduos implacáveis, agressivos e positivamente sexuais, com um mínimo de aspectos carinhosos e maternos em sua personalidade. [...] Na terceira tribo, os Tchambuli [...], a mulher [é] o parceiro dirigente, dominador e impessoal, e o homem a pessoa menos responsável e emocionalmente dependente.

MEAD, Margaret. Identidades são construídas. In: BUENO, André. *Textos sobre história das mulheres*. Rio de Janeiro, 2016. p. 205. E-book. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=9R4dDgAAQBAJ&pg=PA205&dq=os+Arapesh+%E2%80%93+homens+e+mulheres+%E2%80%93+exibiam&hl=en&sa=X&ved=0ahUKewIP3P67jrHUAhVEhZAKHVuRAE4Q6AEIjAA#v=onepage&q=os%20Arapesh%20%E2%80%93%20homens%20e%20mulheres%20%E2%80%93%20exibiam&f=false>. Acesso em: 29 jun. 2022.

Esse excerto faz parte da obra *Sexo e temperamento*, da antropóloga norte-americana Margaret Mead. No livro, a pesquisadora relata o comportamento íntimo de três tribos da Nova Guiné depois de conviver com esses povos na década de 1930. Pelo que lemos, os papéis sociais atribuídos a cada um dos gêneros não são limitados pelas características biológicas dos corpos. Na verdade, eles têm muito mais a ver com a própria sociedade construída.

Assim, talvez possamos pensar que esses papéis (com as suas limitações e as violências das mais diversas ordens surgidas a partir deles) podem ser transformados em busca de sociedades em que prevaleçam a igualdade e a justiça.

Quer saber mais?



Livro

O segundo sexo, de Simone de Beauvoir. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2008.

Nessa obra, a filósofa francesa Simone de Beauvoir trabalha detalhadamente os processos de construção histórica do gênero feminino. A obra, em dois volumes, é longa, mas sua leitura vale bastante a pena para um debate mais qualificado sobre o tema.



Vídeo

Nós deveríamos todos ser feministas - Chimamanda Ngozi Adichie para TEDxEuston. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fyOubzfkjXE>. Acesso em: 29 jun. 2022.

A palestra da escritora Chimamanda Adichie aborda as limitações impostas pelos estereótipos de gênero e sugere caminhos para desconstruí-los.

Resumindo





RomoloTavan/iStockphoto.com

FRENTE ÚNICA

CAPÍTULO

11

O planejamento em foco: análise de textos

Os raios X têm a capacidade de ultrapassar os tecidos e permitir que se veja o interior do corpo ou do objeto radiografado, possibilitando a percepção de que, muitas vezes, aquilo que aparenta estar bem arranjado e organizado por fora revela-se problemático por dentro. Da mesma forma, pode mostrar semelhança entre o que se vê em profundidade e o que é visto na superfície.

A partir dos mesmos princípios, podemos estudar os textos dissertativos como se usássemos lentes de raios X.



Dissertação na prática

Até este capítulo, trabalhamos com modelos de texto bem didáticos nos quais identificamos a tese dividida em duas partes:

1. os conteúdos;
2. a sequência de parágrafos argumentativos e a conclusão.

Essa estrutura nem sempre aparece tão explícita no texto, o que não quer dizer que os elementos básicos da dissertação – o ponto de vista e os argumentos – não estejam presentes. Neste capítulo, analisaremos duas redações feitas para vestibulares a fim de compreender esse núcleo dissertativo, essa interseção que nos permite reconhecer a dissertação em um texto.

Redação 1

Começemos com uma redação elaborada para o Enem 2015.

Não se surge como uma sociedade igualitária, torna-se uma

Autoria de GAC

“Porque homem não chora”. Com esse argumento, verso de uma de suas músicas, o cantor Pablo (conhecido popularmente como “Pablo da sofrência”) aponta para a comum naturalização dos papéis de gênero em nossa sociedade. Ao homem, cabe ser viril e centro das decisões. À mulher coube, historicamente, o papel de quem sofre, de quem sente, enfim, de quem chora. Essa divisão, porém, tem como resultado a violência contra aquelas que, como sempre fizeram crer, são mais frágeis. É preciso, então, pensar como diferentes esferas sociais podem agir para mudar o presente quadro, que traz inúmeras mortes em suas estatísticas.

Simone de Beauvoir, filósofa, a seu tempo – um tempo de reconhecimento de fatores femininos no próprio corpo – enunciou que “não se nasce mulher. Torna-se”. O questionamento acerca da construção social em torno do feminino, contudo, décadas depois, ainda é o mesmo: ao ser citada, em 2015, numa prova de vestibular, Beauvoir foi tão mal interpretada quanto antes; as redes sociais rapidamente foram preenchidas com o pensamento já ultrapassado de que se nasce mulher e que, por isso, há também um destino predeterminado de submissão psicológica e física. Segundo a Central de Atendimento à Mulher, mais de 50% dos casos de violência relatados em 2014 foram de violência física.

Nesse contexto, é grave constatar que alguém é punido exclusivamente por aquilo que se é segundo uma determinação social. Ainda que seja um avanço o tema aparecer na seleção de candidatos às vagas nas universidades federais brasileiras, a vida prática e cotidiana das mulheres no Brasil ainda é de medo e de culpa. Não é fácil denunciar o companheiro, por exemplo, por agressão, numa sociedade que atribui valor depreciativo àquela que toma as rédeas de sua própria existência.

A situação pede, portanto, uma ação conjunta. É importante e necessário que as mulheres procurem grupos de apoio e coletivos feministas, independentemente de já terem se sentido agredidas, para que o assunto ganhe ênfase entre quem é diariamente vítima e para que a autoestima e a força femininas possam ser preservadas e/ou reconstruídas. Compete, também, às escolas acolher para si a responsabilidade em relação à discussão social do assunto, abrindo espaço para aulas e encontros que tenham como objetivo a informatividade. Ao governo, cabe sempre, como em tantas outras vezes, prezar pela autonomia e pelo conhecimento dos cidadãos, financiando a aquisição de livros sobre o assunto e mantendo-se focado naquilo que lhe é devido de forma direta: a garantia da ética sem a limitação do que pode ou não ser discutido socialmente para um país melhor.

Esse texto não apresenta claramente, na introdução, uma tese divisível em duas partes e que nos permita depreender o andamento dos parágrafos dissertativos. Isso não significa que não haja um ponto de vista, pois, de uma maneira diluída, o(a) autor(a) do texto parece denunciar uma construção cultural do gênero feminino que torna constantes as agressões contra as mulheres e que, em relação a isso, são cabíveis ações de diferentes esferas sociais.

Para sustentar a ideia da construção social do gênero, o(a) autor(a) apresenta os seguintes trechos:

Parágrafo 2

“Simone de Beauvoir, filósofa, a seu tempo – um tempo de reconhecimento de fatores femininos no próprio corpo – enunciou que ‘não se nasce mulher. Torna-se’. O questionamento acerca da construção social em torno do feminino, contudo, décadas depois, ainda é o mesmo: ao ser citada, em 2015, numa prova de vestibular, Beauvoir foi tão mal interpretada quanto antes; as redes sociais rapidamente foram preenchidas com o pensamento já ultrapassado de que se nasce mulher e que, por isso, há também um destino predeterminado de submissão psicológica e física.”

Parágrafo 3

“Não é fácil denunciar o companheiro, por exemplo, por agressão, numa sociedade que atribui valor depreciativo àquela que toma as rédeas de sua própria existência.”

Quanto às violências decorrentes dessa construção social, temos:

Parágrafo 2

“Segundo a Central de Atendimento à Mulher, mais de 50% dos casos de violência relatados em 2014 foram de violência física.”

Parágrafo 3

“Nesse contexto, é grave constatar que alguém é punido exclusivamente por aquilo que se é segundo uma determinação social.”

Parágrafo 3

“a vida prática e cotidiana das mulheres no Brasil ainda é de medo e de culpa.”

No **desenvolvimento**, há também menção a algo sendo feito em combate à violência:

Parágrafo 3

“Ainda que seja um avanço o tema aparecer na seleção de candidatas às vagas nas universidades federais brasileiras [...]”

Como podemos perceber, o desenvolvimento das ideias da introdução na redação 1 não se dá de maneira compartimentada e permite que os argumentos vão se mesclando e compondo arranjos variados.

De qualquer forma, é importante ter em mente que, se no começo a escolha era abordar o tema a partir de uma perspectiva cultural, não faria sentido o desenvolvimento girar em torno da falta de punição às agressões, por exemplo.

Nessa mesma linha, vale notar ainda que as propostas de intervenção apresentadas na conclusão também dialogam com a abordagem. Todas elas remetem à construção cultural do gênero feminino e preveem enfrentamentos a ela.

! Atenção

O texto não se acomoda em um molde ou em um padrão muito rígidos; o ponto de vista, porém, continua selecionando os conteúdos e as estratégias argumentativas.

Redação 2

Vejam, agora, outra redação, elaborada para a Fuvest 2014.

O velho, o mar e os bombons

Autoria de LACC

Em “O velho e o mar”, Ernest Hemingway conta a história de um velho pescador que, depois de uma longa temporada sem conseguir pescar nada, embrenha-se numa jornada diferente de tudo o que já fizera. O velho leva seu barco a regiões marítimas desconhecidas, às quais nem os mais jovens – representantes da “normalidade produtiva” – chegavam. É lá que empreenderá a batalha de sua vida: um peixe maior do que todos com que já se deparara, depois de dias resistindo, rende-se ao personagem. A metáfora construída na ficção encontra sua literalidade no mundo real: num contexto de produtividade desenfreada, aquele que não se insere é designado como “improdutivo”; ao que “dá prejuízo” cabe apenas a falência, a morte. Dessa maneira, somente como o velho do romance, expandindo os horizontes, é que se pode conseguir o valor, não o social, pois este é marcado indelevelmente pelo sistema, mas o construído por si próprio.

Nesse sentido, as recentes declarações de Taro Aso, ministro japonês, só chocam à medida que explicitam a verdade construída – e fixada – aceita por grande parte do mundo. Ao dizer que idosos deveriam “apressar-se a morrer”, ele ecoa o mantra “produção-consumo-descarte”. Para consumir, é preciso produzir. Para consumir para sempre, são imperiosos o descarte e a obsolescência. Os produtos são diariamente inovados, recebendo números e extensões após seus nomes. As pessoas, nessa esteira, lotam clínicas de estética e (re)formam seus rostos com antirugas ou cremes “renew”. O velho, nesse contexto, só tem sua existência legitimada se capturado, que o digam a expansão do “turismo para a melhor idade” e o “consumo vintage”, tão em voga hoje. Fora daí, “o mar não está pra peixe”. Dentro daí, todavia, também não se encontra o peixe de Hemingway.

O mar em que estão os peixes é o mar dos antigos, o qual ia até a linha do horizonte e acabava num abismo. Presos à imagem do real, os velejadores não concebiam haver vida para além do que viam de imediato. Aso, imerso – ou submerso – na vida sob a produtividade, junto com todas as outras vozes que o sustentam, afirma preferir morrer

a viver sem poder pagar as próprias contas. Ele, como nós, está “pagando impostos”, logo, em seu raciocínio, tem sua existência validada; senão assim, não há vida possível. Em algum lugar, Drummond diz algo sobre haver duas épocas na vida em que a felicidade está numa caixa de bombons: a infância e a velhice, momentos em que a necessidade de produzir não mostrou todas as suas garras. Mas quais seriam as bocas aptas a tais bombons? Quais seriam os marujos aptos a se atirarem nos mares longínquos? Aso, certamente, não seria um deles.

Ao final do romance, o velho traz apenas a carcaça do peixe, cujas carnes haviam sido devoradas por animais menores. A carcaça que, numa análise apressada, seria metáfora para o velho, “morto” por já não ser mais capaz de realizar seus afazeres, pode ser lida noutra chave. O que está carcomido é o produto da pesca, é a própria produtividade. É isso que não mais vigora. O velho, por fim, morre, mas depois de superar a exigência e criar valores à margem do instituído, o qual talvez já não lhe fosse mais suficiente. Nesses mares tão próximos e conhecidos, fazendo, agora sim, coro com Aso, talvez seja mister apressarmo-nos todos a morrer.

Saiba mais

Publicado enquanto o autor era vivo, *O velho e o mar* foi o último romance do escritor norte-americano Ernest Hemingway. A obra, que narra a história de Santiago, um velho pescador que passa dias lutando em alto-mar para pescar um Marlim, teve peso crucial para o Nobel de Literatura conquistado, em 1954, por Hemingway.



John F. Kennedy Presidential Library and Museum

Nessa redação, também não é possível perceber uma tese em que possamos identificar o andamento argumentativo do texto. Após uma analogia com a obra *O velho e o mar*, de Ernest Hemingway, o autor da dissertação chega ao que condensa o posicionamento:

Parágrafo 1

“[...] num contexto de produtividade desenfreada, aquele que não se insere é designado como ‘improdutivo’; ao que ‘dá prejuízo’ cabe apenas a fêlência, a morte”.

Por meio dessa frase, fica relativamente claro que a abordagem da questão do idoso na contemporaneidade será feita com base na produtividade e que, em um cenário em que é ela a força maior, só nos resta produzir. Além disso, na própria sequência da introdução, o autor já antecipa uma inferência que sugere a conclusão do texto:

Parágrafo 1

“[...] dessa maneira, somente como o velho do romance, expandindo os horizontes, é que se pode conseguir o valor, não o social, pois este é marcado indelevelmente pelo sistema, mas o construído por si próprio”.

Essa expansão de horizontes indicada no período é um ponto que será retomado apenas no último parágrafo. Nos parágrafos de desenvolvimento, podemos observar uma divisão que não estava prevista na tese.

D1

No **D1**, o autor recupera as declarações do ministro japonês Taro Aso (o que era exigido pela proposta) e as localiza em um fundo cultural mais amplo. O **argumento central** é que as palavras de Aso são mais chocantes pela forma do que pelo conteúdo; afinal, viveríamos em um contexto em que a produtividade e a descartabilidade são as palavras de ordem. Vale a pena notar que a perecibilidade das coisas e das pessoas, ainda que não tenha sido textualmente antecipada na introdução, aparece como um efeito de uma cultura produtivista.

D2

Já o **D2**, que começa com um tópico frasal metafórico, tem por função tratar da internalização do cenário apresentado no parágrafo anterior. Imersos nas regras da produtividade, nós também passaríamos a legitimar nossa própria existência a partir do que a mantém funcionando.

Por fim, na conclusão, o autor encerra o texto a partir de uma interpretação própria da obra que funcionou como base da análise. É interessante notar que a inferência sugerida no final da introdução embasa também essa interpretação final. Na mesma linha, o autor afirma que é criando valores novos que se pode fugir à produtividade, mas não especifica que valores seriam esses ou como criá-los. É importante destacar que a prova de redação da Fuvest 2014 não exigia uma proposta de intervenção, ou seja, se a inferência condiz com o que foi apresentado anteriormente, ela pode se construir da forma como foi feito.

Diferentemente do que acontece na primeira redação, “Não se surge como uma sociedade igualitária, torna-se uma”, a segunda, “O velho, o mar e os bombons”, não se desenvolve de maneira argumentativa a partir de uma mescla do que havia sido sugerido como ponto de vista.

Nessa segunda redação, a introdução traz apenas o campo que a dissertação habita; no desenvolvimento, porém, esse campo e as relações que ele comporta são mais bem detalhados. A tese e os argumentos que sustentam a dissertação aparecem de maneira menos explícita.

! Atenção

A análise feita pelo autor de “O velho, o mar e os bombons” a respeito da obra de Hemingway no final da dissertação não é a única possível.

Lembre-se de que a referência não aparece no texto apenas para desenvolver o conteúdo, mas como reflexo de uma leitura própria que, se sustentada pela obra original, não traz problema algum ao texto dissertativo.



Revisando

- Agora é a sua vez! Veja se consegue identificar esses elementos abordados no capítulo em um texto fora do padrão. Verifique a dissertação divulgada pela Fuvest entre as melhores de 2008. A proposta pedia ao candidato que se posicionasse a respeito das informações no mundo virtual. Como você poderá perceber, trata-se de um texto que não se acomoda a uma formatação muito rígida, sendo, aliás, bastante ousado. Procure compreender o **ponto de vista** defendido no texto e descreva-o com as suas palavras. Além disso, identifique quais argumentos sustentam esse ponto de vista e redija-os também com suas próprias palavras.

A Atenção: Leia atentamente as instruções na página 3 do caderno de questões antes de preencher essa folha. **B**

01 O mundo digital na era da exclusão

02 A liberdade de expressão é um bem universal ou, pelo me-

03 nos, deveria ser. Qualquer um que defende a igualdade e a

04 democracia tem consciência disso.

05 A era digital veio com a globalização, abrindo, naturalmen-

06 te, maior espaço para o fluxo de ideias e de informações e a

07 liberdade para nos expressarmos no mundo digital segue a mesma

08 regra do mundo concreto: deve ser sempre. Porém, alguns pa-

09 recem discordar, afirmando que só deveria ser permitido aqui-

10 lo que é provado cientificamente. Ora, desde quando opiniões

11 se baseiam puramente na ciência? E acaso as opiniões também não

12 podem surgir de sonhos, ^{das} ciências, da utopia? Há a terrível sen-

13 sação de que ~~as~~ certas pessoas acreditam que só aqueles que

14 possuem um incrível conhecimento têm direito a formar ideias,

15 como se já não houvesse exclusão suficiente em nossa socieda-

16 de. O mundo digital deveria derrubar barreiras e não refor-

17 çá-las ainda mais.

18 É de extrema importância lembrar que o acesso à internet

19 e a qualquer outro meio digital já é extremamente limitado

20 e que, portanto, o mundo digital é ainda muito fechado.

21 Tentar impedir a expressão de ideias não ajudaria a melhorá-lo,

22 apenas o restringiria mais. Antes de criticar a liberdade de fluxos

23 na rede, é melhor analisar primeiro a base da sociedade. Quando

24 todos têm direito à educação, não é difícil diferenciar aqueles que pos-

25 sivelmente estão em uma informação. O problema não é a li-

26 berdade e sim, a injustiça social e a indiferença. Porque, no fun-

27 do, essa determinação em permitir apenas opiniões com fundo base

28 científica é apenas mais uma forma de apartheid social. Todos

29 têm direito, no mínimo, à informação e à expressão.

30 Um grande filósofo francês disse uma vez defender até a

31 morte o direito à liberdade de expressão, desde que esta não preju-

32 dicasse outros indivíduos. Sim, concordo com ele.

33

34 **D**

Redação - Fuvest 2008

Redação proposta

Fuvest-SP 2020

Texto 1



Luis Fernando Verissimo, *As cobras*: Antologia Definitiva.

Texto 2

Somente numa sociedade onde exista um clima cultural, em que o impulso à curiosidade e o amor à descoberta sejam compreendidos e cultivados, pode a ciência florescer. Somente quando a ciência se torna profundamente enraizada como um elemento cultural da sociedade é que pode ser mantida e desenvolvida uma tecnologia progressista e inovadora, tornando-se, então, possível uma associação íntima e vital entre ciência e tecnologia. Essa associação é uma característica da nossa época e certamente essencial para a manutenção de uma civilização com os níveis presentes de população e qualidade de vida.

Oscar Sala, *O papel da ciência na sociedade*. 1974. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/revhistoria>. Adaptado.

Texto 3

Quanta do latim
Plural de quantum
Quando quase não há
Quantidade que se medir
Qualidade que se expressar
Fragmento infinitésimo
Quase que apenas mental
Quantum granulado no mel
Quantum ondulado no sal
Mel de urânio, sal de rádio
Qualquer coisa quase ideal

Cântico dos cânticos
Quântico dos quânticos
Canto de louvor
De amor ao vento
Vento arte do ar
Balançando o corpo da flor
Levando o veleiro pro mar
Vento de calor
De pensamento em chamas
Inspiração
Arte de criar o saber

Arte, descoberta, invenção
Teoria em grego quer dizer
O ser em contemplação
Sei que a arte é irmã da ciência
Ambas filhas de um Deus fugaz
Que faz num momento
E no mesmo momento desfaz
Esse vago Deus por trás do mundo
Por detrás do detrás
Cântico dos cânticos
Quântico dos quânticos

Gilberto Gil, *Quanta*. 1997.

Texto 4

Nós criamos uma civilização global em que os elementos mais cruciais – o transporte, as comunicações e todas as outras indústrias, a agricultura, a medicina, a educação, o entretenimento, a proteção ao meio ambiente e até a importante instituição democrática do voto – dependem profundamente da ciência e da tecnologia. Também criamos uma ordem em que quase ninguém compreende a ciência e a tecnologia. É uma receita para o desastre. Podemos escapar ilesos por algum tempo, porém mais cedo ou mais tarde essa mistura inflamável de ignorância e poder vai explodir na nossa cara.

Carl Sagan, 1996.

Texto 5

Algo muito estranho está acontecendo no mundo atual. Vivemos melhor que qualquer outra geração anterior. Pessoas são saudáveis graças às ciências da saúde. Moram em residências robustas, produto da engenharia. Usam eletricidade, domada pelo homem devido ao seu conhecimento de química e física. Paradoxalmente, essas mesmas pessoas ligam seus computadores, tablets e celulares para adquirir e disseminar informações que rejeitam a mesma ciência que é tão presente em suas vidas. Vivemos num mundo em que pessoas usam a ciência para negar a ciência.

Alicia Kowaltowski, *Usando a ciência para negar a ciência*. 2019. Disponível em <https://www.nexojournal.com.br/>. Adaptado.

Considerando as ideias apresentadas nos textos e também outras informações que julgar pertinentes, redija uma dissertação em prosa, na qual você exponha seu ponto de vista sobre o tema: **o papel da ciência no mundo contemporâneo**.

Instruções:

- A dissertação deve ser redigida de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.
- Escreva, no mínimo, 20 linhas, com letra legível e não ultrapasse o espaço de 30 linhas da folha de redação.
- Dê um título a sua redação.

Texto complementar

Muitas vezes se perguntou como os botânicos ou os biólogos do século XIX puderam não ver que o que Mendel dizia era verdade. Acontece que Mendel falava de objetos, empregava métodos, situava-se num horizonte teórico estranhos à biologia de sua época. Sem dúvida, Naudin, antes dele, sustentara a tese de que os traços hereditários eram descontínuos; entretanto, embora esse princípio fosse novo ou estranho, podia fazer parte – ao menos a título de enigma – do discurso biológico. Mendel, entretanto, constitui o traço hereditário como objeto biológico absolutamente novo, graças a uma filtragem que jamais havia sido utilizada até então: ele o destaca da espécie e também do sexo que o transmite; e o domínio onde o observa é a série indefinidamente aberta das gerações na qual o traço hereditário aparece segundo regularidades estatísticas. Novo objeto que pede novos instrumentos conceituais e novos fundamentos teóricos. Mendel dizia a verdade, mas não estava “no verdadeiro” do discurso biológico de sua época: não era, segundo tais regras, que se constituíam objetos e conceitos biológicos; foi preciso toda uma mudança de escala, o desdobramento de todo um novo plano de objetos na biologia para que Mendel entrasse “no verdadeiro” e suas proposições aparecessem, então, (em boa parte) exatas. [...]

É sempre possível dizer o verdadeiro no espaço de uma exterioridade selvagem; mas não nos encontramos no verdadeiro senão obedecendo às regras de uma “polícia” discursiva que devemos reativar em cada um de nossos discursos. [...]

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1999. p. 34-35. (Leituras filosóficas).

No trecho, o filósofo francês Michel Foucault problematiza a ideia de “verdade” mesmo no campo das ciências. Segundo o autor, há todo um procedimento científico e uma gama de instrumentos e objetos utilizados no fazer científico que condicionam os discursos e as “descobertas” nesse campo. Em outras palavras, a ciência, para ele, traria respostas possíveis dadas as condições de sua produção, e não a verdade absoluta e inquestionável. Nesse sentido, poderíamos pensar na própria história das ciências para perceber que aquilo que é dado como realidade em um determinado momento não o é, necessariamente, no momento seguinte. De certa maneira, a ciência não estaria desconectada do contexto em que está inserida, mas responderia a ele ou de acordo com ele.

Quer saber mais?

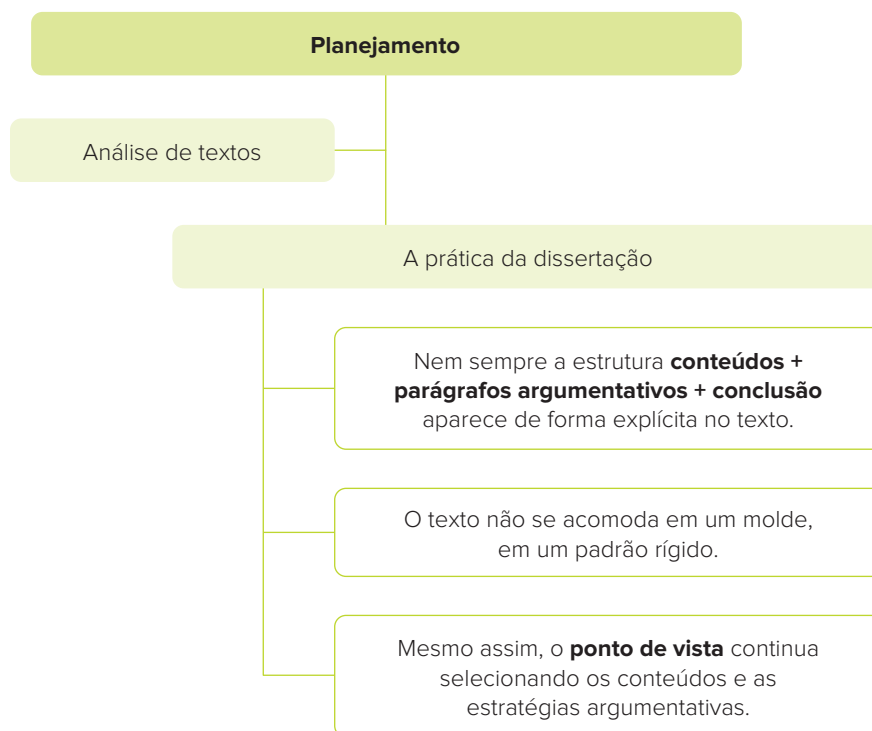


Livro

A causa secreta, de Machado de Assis. São Paulo: Editora SESI-SP, 2017.

Nesse conto, um personagem sádico resolve abrir um hospital. As causas que o levam a fazer isso têm a ver com sua vontade de ver o sofrimento alheio. Para ele, então, em que medida seria bom as pessoas se curarem e não sentirem dor?

Resumindo





Museu de Arte de São Paulo.

MONET, Claude. *A ponte japonesa sobre a lagoa das ninfeias em Giverny*, 1920-1924. Óleo sobre tela, 90 cm × 92,5 cm. Museu de Arte de São Paulo, Brasil.

FRENTE ÚNICA

CAPÍTULO

12

Argumentação I: temas e cultura

O quadro impressionista *A ponte japonesa sobre a lagoa das ninfeias em Giverny*, de Claude Monet, não parece se organizar em torno de traços bem marcados, pois de perto o que se vê são pinceladas e cores misturadas. Entretanto, no afastamento, a imagem se desnuda: os sentidos, as formas e as particularidades são construídas na observação do todo, ou seja, a imagem está no conjunto das relações. É esse olhar que, talvez, nos permita pensar dissertativamente.



Musée de l'Orangerie, Paris, França.

MONET, Claude. *The water lilies: setting sun*, 1915-1926. Óleo sobre tela, 200 cm x 600 cm. Musée de l'Orangerie, Paris, França.

As relações no texto

O quadro acima, *The water lilies: setting sun*, também de Claude Monet, deixa evidente a mesma estratégia que vimos na abertura. Ao observar seu jardim e tentar transpor o que vê para uma tela, o pintor percebe que não há traços ou linhas que delimitam aquilo que vislumbra. Na verdade, a paisagem com que entra em contato por meio da visão é um misto de luzes, cores e sombras e, ao pintá-la, parece ser essa mistura que ele busca. Em sua obra, não é preciso desenhar com traços extremamente nítidos uma folha ou um galho, por exemplo, pois não é isso que se nota ao olhar.

Se chegarmos bem próximos da imagem, o que veremos serão “borrões de tinta”. À medida que damos passos para trás, porém, a paisagem vai se desenhando a nossos olhos, e aquilo que compreendemos do que enxergamos talvez esteja muito mais ligado às relações dos elementos entre si e com a paisagem geral do que, de fato, ao seu isolamento em relação ao todo.

Saiba mais

O Musée de l'Orangerie, em Paris, disponibiliza em seu site um *tour* virtual por suas instalações. Nele, é possível ver painéis enormes de Claude Monet. Disponível em: <https://www.musee-orangerie.fr/fr/collection/les-nymphes-de-claude-monet>. Acesso em: 29 jun. 2022.



Nadar, 1893.

Mas o que tudo isso tem a ver com a dissertação? Nas teses apresentadas nos textos dissertativos trabalhados até este capítulo, podemos perceber que elas não encaram os objetos centrais do tema como elementos isolados, mas abordam esses objetos centrais localizando-os em uma paisagem mais ampla.

Vamos ver alguns exemplos a seguir.

- 1 Em um contexto marcado pelo medo, o diálogo é dificultado, e o efeito disso é o ensimesmamento.
- 2 Em uma cultura que constrói a mulher como frágil e submissa, a violência contra o gênero feminino persiste, o que demanda enfrentamentos das mais diversas esferas sociais.
- 3 Quando impera a produtividade, o indivíduo só tem valor caso produza. Senão assim, deve ceder seu espaço e “apressar-se a morrer”.
- 4 Quando tudo gira em torno do consumo, a participação política passa a ser regida pela lógica das compras, o que leva a um abandono cada vez maior das questões coletivas.

Podemos constatar que, em todos esses exemplos, há a opção por abordar os aspectos centrais dos temas, com base na relação que eles travam com as características do mundo que os cerca (o medo, o machismo, a produtividade e o consumismo).

- 1 o diálogo
- 2 a violência contra a mulher
- 3 o idoso
- 4 a participação política

Dessa maneira, os temas vão se construindo textualmente não como objetos isolados, a respeito dos quais devemos procurar informações detalhadas, mas como nós, complexos, atravessados por uma realidade maior e relacionados a ela.

Argumentar pode ser entendido como a pintura dessas paisagens, em que as linhas muito bem definidas vão dando espaço para a porosidade, para as sobreposições, para os esfumamentos e para as relações.

Vamos observar como isso aparece nos parágrafos argumentativos a seguir:

Quando é o consumo a tônica, é-se consumidor antes de ser cidadão. Trabalhando o dia todo para, em seu descanso, poder curtir as promessas do mundo das compras, o indivíduo consumista tende a ter poucas experiências com o que não é consumo, passando, portanto, a aplicar a lógica deste ao mundo que o cerca. Acostumado a pagar por beleza, por sensualidade, por segurança, na agenda política vê-se, primordialmente, como “pagador de impostos”; como tal, aliás, é cliente e, se o cliente sempre tem a razão, vai também perdendo a habilidade de lidar com o outro em debates em que a razão é coisa a se construir coletivamente. Para esse tipo, os direitos à infraestrutura social pública cedem espaço para os “direitos do consumidor”.

É nesse contexto que se coloca em risco a vida pública. Àquele para quem o caro é mais desejado que o barato, a gratuidade do espaço público é aterrorizante – se se quer o melhor, o bom, há de se pagar. Obedecendo ao imperativo, ele paga seus impostos por obrigação, mas a mensalidade da escola, a parcela do carro, a fatura do plano de saúde, a prestação da casa própria lhe são garantidoras de que ele também é melhor. Aos poucos, intensifica-se a monetarização – se o pago é melhor que o gratuito, quanto mais caro, maior a valorização, mais exclusivos são os lugares e serviços de desejo. Vencer na vida passa a ser sinônimo de se distanciar dos serviços públicos, do “outro”. Vencer, assim, por seu reverso, é a perda do senso coletivo: perde-se de vista a ideia de público como responsabilidade e direito de todos. Gratuito que é, portanto, não faz mais parte dos planos daquele que pretende alcançar a plenitude.

Autoria de LACC

Para construir o ponto de vista a respeito do fazer político na contemporaneidade, o autor se propõe a observá-lo sobre o fundo da lógica de consumo. Segundo ele, já que o consumo é a tônica de nossa sociedade, acostumamo-nos a ver o mundo com os olhos de um consumidor; portanto, quando vemos o fazer político, é com o mesmo olhar que o fazemos.

Vamos reparar na construção estrutural desse raciocínio no primeiro parágrafo: há uma explicação do “olhar consumidor” e, ao final, chega-se à interferência dele na nossa participação política. Os efeitos decorrentes dessa paisagem aparecem no segundo parágrafo, revelando que, pela lógica explorada anteriormente, os espaços e as questões públicas e coletivas vão perdendo importância.

O mesmo modelo utilizado para essa abordagem poderia, por exemplo, ajudar-nos a pensar na felicidade em nossa sociedade:

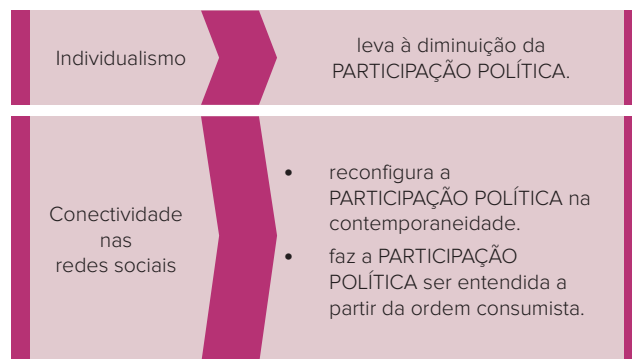
Quando é o consumo a tônica, ser feliz é reconhecer-se numa vitrine. Trabalhando o dia todo para, em seu descanso, poder curtir as promessas do mundo das compras, o indivíduo consumista tende a ter poucas experiências com o que não é consumo, passando, portanto, a aplicar a lógica deste ao mundo que o cerca. Acostumado a pagar por beleza, por sensualidade, por segurança, busca a felicidade nos itens ofertados pelas propagandas. Se o lugar de gente feliz é o supermercado e a felicidade que se deve abrir é um refrigerante, às pessoas não cabe inventar em si mesmas a felicidade, cabe comprá-la.

Autoria de LACC

Como podemos perceber, os dois temas – felicidade e participação política – são trabalhados a partir de uma percepção mais global da realidade que os cerca. Assim, compreender essas relações e perceber os temas fazendo parte da mesma cultura são estratégias que nos auxiliam na construção argumentativa. Vamos observar, por exemplo, como um mesmo traço dessa cultura nos permite desenhar relações com temas diversos:



Por outro lado, o caminho inverso é possível também. Um mesmo tema pode ser interpretado a partir de características culturais distintas:



Já verificamos como construir nossos argumentos a partir do desenho de relações entre o tema e a realidade sociocultural circundante. Agora é o momento de praticar.

Revisando

1. A seguir, estão listadas algumas características que podemos depreender de nossa sociedade. Com suas palavras, explique-as e caracterize-as, conforme o exemplo apresentado.

Produtividade: Quando a produção é ininterrupta, não há vida senão a produtiva. De um lado, produzir sustenta, em nossa cultura, as condições para que se possa consumir – é por meio do trabalho que a maioria das pessoas pode comprar. Por outro, sustenta a própria produção, afinal, para que se compre, é preciso haver o que comprar. Quem não produz, portanto, não existe.

- | | |
|---------------------|-------------------------|
| a) Consumismo. | e) Individualismo. |
| b) Competitividade. | f) Superficialidade. |
| c) Conectividade. | g) Assimetria de poder. |
| d) Imediatismo. | h) Medo. |

2. A partir da explicação de uma das características culturais do exercício 1, redija dois parágrafos argumentativos relacionando-a a dois dos temas listados a seguir.

- | | |
|----------------------------------|-----------------------------|
| a) Participação política. | e) Estatuto da família. |
| b) Padrões de beleza. | f) Cotas nas universidades. |
| c) Redução da maioria penal. | g) Variação linguística. |
| d) Informações no mundo virtual. | h) Intolerância. |

! Atenção

Os exercícios propostos apresentam apenas algumas possibilidades de características e de temas. Expandir o estudo para outras propostas ou traços culturais é uma prática de estudo textual interessante. Reservar uma parte do caderno para anotar esses parágrafos pode torná-los um material de apoio e um repertório importante na hora de escrever.

Redação proposta

Unesp 2022

Texto 1

É melhor ser alegre que ser triste
Alegria é a melhor coisa que existe
É assim como a luz no coração

Mas pra fazer um samba com beleza
É preciso um bocado de tristeza
É preciso um bocado de tristeza
Senão, não se faz um samba não

(Vinicius de Moraes/Baden Powell. "Samba da bênção". In: Vinicius de Moraes. *Livro de letras*, 2015.)

Texto 2



(André Dahmer. *Malvados*, 2019.)

Texto 3

ÉPOCA: Como a felicidade se tornou uma tirania?

PASCAL BRUCKNER: No século XVIII, felicidade já deixara de ser um direito para se tornar um dever. Mas essa inversão de valores só se consolidou no século XX, depois de 1968, quando se fez uma revolução em nome do prazer, da alegria, da voluptuosidade. A partir do momento em que o prazer se torna o principal valor de uma sociedade, quem não o atinge vira um indivíduo fora da lei.

ÉPOCA: Sofrimento virou doença?

PASCAL BRUCKNER: Sempre detestamos o sofrimento, é normal. A novidade é que agora as pessoas não têm mais o direito de sofrer. Então, sofre-se em dobro. Querer que as pessoas se calem sobre a dor física ou psicológica é apenas agravar o mal.

(Pascal Bruckner. "O mal da felicidade". <http://revistaepoca.globo.com>, 16.02.2018.)

Texto 4

Naomi Osaka afirmou na capa da revista *Time* há alguns dias: "It's ok to not be ok". A tenista, que havia abandonado Roland Garros para cuidar de sua saúde mental, confirmou em um texto em primeira pessoa a pressão que sofreu nos últimos meses. Falou também da importância de trazer à tona o debate sobre a saúde mental em nosso tempo, e não só no esporte: "Espero que as pessoas entendam que está bem não estar bem, e está bem falar disso. Há pessoas que podem ajudar e, em geral, há luz no fim de qualquer túnel."

(Noelia Ramírez. "'Tudo bem não estar bem', o lema da nova era que dá adeus ao pensamento positivo". <https://brasil.elpais.com>, 15.07.2021. Adaptado.)

Com base nos textos apresentados e em seus próprios conhecimentos, escreva um texto dissertativo-argumentativo, empregando a norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema: **"Tudo bem não estar bem"?: A tristeza em tempos de felicidade compulsória.**



Texto complementar

O homem de cabeça de papelão

No País que chamavam de Sol, apesar de chover, às vezes, semanas inteiras, vivia um homem de nome Antenor. Não era príncipe. Nem deputado. Nem rico. Nem jornalista. Absolutamente sem importância social.

O País do Sol, como em geral todos os países lendários, era o mais comum, o menos surpreendente em ideias e práticas. Os habitantes afluíam todos para a capital, composta de praças, ruas, jardins e avenidas, e tomavam todos os lugares e todas as possibilidades da vida dos que, por desventura, eram da capital. De modo que estes eram mendigos e parasitas, únicos meios de vida sem concorrência, isso mesmo com muitas restrições quanto ao parasitismo. Os prédios da capital, no centro, elevavam aos ares alguns andares e a fortuna dos proprietários, nos subúrbios, não passavam de um andar sem que por isso não enriquecessem os proprietários também. Havia milhares de automóveis à disparada pelas artérias matando gente para matar o tempo, *cabarets* fatigados, jornais, *tramways*, partidos nacionalistas, ausência de conservadores, a Bolsa, o Governo, a Moda e um aborrecimento integral. Enfim, tudo quanto a cidade de fantasia pode almejar para ser igual a uma grande cidade com pretensões da América. E o povo que a habitava julgava-se, além de inteligente, possuidor de imenso bom senso. Bom senso! Se não fosse a capital do País do Sol, a cidade seria a capital do Bom Senso!

Precisamente por isso, Antenor, apesar de não ter importância alguma, era exceção mal vista. Esse rapaz, filho de boa família (tão boa que até tinha sentimentos), agira sempre em desacordo com a norma dos seus concidadãos.

Desde menino, a sua respeitável progenitora descobriu-lhe um defeito horrível: Antenor só dizia a verdade. Não a sua verdade, a verdade útil, mas a verdade verdadeira. Alarmada, a digna senhora pensou em tomar providências. Foi-lhe impossível. Antenor era diverso no modo de comer, na maneira de vestir, no jeito de andar, na expressão com que se dirigia aos outros. Enquanto usara calções, os amigos da família consideravam-no um *enfant terrible*, porque no País do Sol todos falavam francês com convicção, mesmo falando mal. Rapaz, entretanto, Antenor tornou-se alarmante. Entre outras coisas, Antenor pensava livremente por conta própria. Assim, a família via chegar Antenor como a própria revolução; os mestres indignavam-se porque ele aprendia ao contrário do que ensinavam; os amigos odiavam-no; os transeuntes, vendo-o passar, sorriam.

Uma só coisa descobriu a mãe de Antenor para não ser forçada a mandá-lo embora: Antenor nada do que fazia, fazia por mal. Ao contrário. Era escandalosamente, incompreensivelmente bom. Aliás, só para ela, para os olhos maternos. Porque quando Antenor resolveu arranjar trabalho para os mendigos e corria a bengala os parasitas na rua, ficou provado que Antenor era apenas doido furioso. Não só para as vítimas da sua bondade como para a esclarecida inteligência dos delegados de polícia a quem teve de explicar a sua caridade.

Com o fim de convencer Antenor de que devia seguir os trâmites legais de um jovem solar, isto é: ser bacharel e depois empregado público nacionalista, deixando à atividade da canalha estrangeira o resto, os interesses congregados da família em nome dos princípios organizaram vários *meetings* como aqueles que se fazem na inexistente democracia americana para provar que a chave abre portas e a faca serve para cortar o que é nosso para nós e o que é dos outros também para nós. Antenor, diante da evidência, negou-se.

— Ouça! bradava o tio. Bacharel é o princípio de tudo. Não estude. Pouco importa! Mas seja bacharel! Bacharel você tem tudo nas mãos. Ao lado de um político-chefe, sabendo lisonjear, é a ascensão: deputado, ministro.

— Mas não quero ser nada disso.

— Então quer ser vagabundo?

— Quero trabalhar.

— Vem dar na mesma coisa. Vagabundo é um sujeito a quem faltam três coisas: dinheiro, prestígio e posição. Desde que você não as tem, mesmo trabalhando — é vagabundo.

— Eu não acho.

— É pior. É um tipo sem bom senso. É bolchevique. Depois, trabalhar para os outros é uma ilusão. Você está inteiramente doído.

Antenor foi trabalhar, entretanto. E teve uma grande dificuldade para trabalhar. Pode-se dizer que a originalidade da sua vida era trabalhar para trabalhar. Acedendo ao pedido da respeitável senhora que era mãe de Antenor, Antenor passeou a sua má cabeça por várias casas de comércio, várias empresas industriais. Ao cabo de um ano, dois meses, estava na rua. Por que mandavam embora Antenor? Ele não tinha exigências, era honesto como a água, trabalhador, sincero, verdadeiro, cheio de ideias. Até alegre — qualidade raríssima no país onde o sol, a cerveja e a inveja faziam batalhões de biliosos tristes. Mas companheiros e patrões prevenidos, se a princípio declinavam hostilidades, dentro em pouco não o aturavam. Quando um companheiro não atura o outro, intriga-o. Quando um patrão não atura o empregado, despede-o. É a norma do País do Sol. Com Antenor depois de despedido, companheiros e patrões ainda por cima tomavam-lhe birra. Por quê? É tão difícil saber a verdadeira razão por que um homem não suporta outro homem!

Um dos seus ex-companheiros explicou certa vez:

— É doído. Tem a mania de fazer mais que os outros. Estraga a norma do serviço e acaba não sendo tolerado. Mau companheiro. E depois com ares...

O patrão do último estabelecimento de que saíra o rapaz respondeu à mãe de Antenor:

— A perigosa mania de seu filho é pôr em prática ideias que julga próprias.

— Prejudicou-lhe, Sr. Praxedes?

Não. Mas podia prejudicar. Sempre altera o bom senso. Depois, mesmo que seu filho fosse água, quem manda na minha casa sou eu.

No País do Sol, o comércio é uma maçonaria. Antenor, com fama de perigoso, insuportável, desobediente, não pôde em breve obter emprego algum. Os patrões que mais tinham lucrado com as suas ideias eram os que mais falavam. Os companheiros que mais o haviam aproveitado tinham-lhe raiva. E se Antenor sentia a triste experiência do erro econômico no trabalho sem a norma, a praxe, no convívio social compreendia o desastre da verdade. Não o toleravam. Era-lhe impossível ter amigos, por muito tempo, porque esses só o eram enquanto não o tinham explorado.

Antenor ria. Antenor tinha saúde. Todas aquelas desditas eram para ele brincadeira. Estava convencido de estar com a razão, de vencer. Mas a razão sua, sem interesse, chocava-se à razão dos outros ou com interesses ou presa à sugestão dos alheios. Ele via os erros, as hipocrisias, as vaidades, e dizia o que via. Ele ia fazer o bem, mas mostrava o que ia fazer. Como tolerar tal miserável? Antenor tentou tudo, juvenilmente, na cidade. A digníssima sua progenitora desculpava-o ainda.

— É doído, mas bom.

Os parentes, porém, não o cumprimentavam mais. Antenor exercera o comércio, a indústria, o professorado, o proletariado. Ensinara geografia num colégio, de onde foi expulso pelo diretor; estivera numa fábrica de tecidos, forçado a retirar-se pelos operários e pelos patrões; oscilara entre revisor de jornal e condutor de bonde. Em todas as profissões, vira os círculos estreitos das classes, a defesa hostil dos outros homens, o ódio com que o repeliam, porque ele pensava, sentia, dizia outra coisa diversa.

— Mas, Deus, eu sou honesto, bom, inteligente, incapaz de fazer mal...

— É da tua má cabeça, meu filho.

— Qual?

— A tua cabeça não regula.

— Quem sabe?

Antenor começava a pensar na sua má cabeça, quando o seu coração apaixonou-se. Era uma rapariga chamada Maria Antônia, filha da nova lavadeira de sua mãe. Antenor achava perfeitamente justo casar com a Maria Antônia. Todos viram nisso mais uma prova do desarranjo cerebral de Antenor. Apenas, com pasmo geral, a resposta de Maria Antônia foi condicional.

— Só caso se o senhor tomar juízo.

— Mas que chama você juízo?

— Ser como os mais.

— Então você gosta de mim?

— E por isso é que só caso depois.

Como tomar juízo? Como regular a cabeça? O amor leva aos maiores desatinos. Antenor pensava em arranjar a má cabeça, estava convencido.

Nessas disposições, Antenor caminhava por uma rua no centro da cidade, quando os seus olhos descobriram a tabuleta de uma “relojoaria e outros maquinismos delicados de precisão”. Achou graça e entrou. Um cavalheiro grave veio servi-lo.

— Traz algum relógio?

— Trago a minha cabeça.

— Ah! Desarranjada?

— Dizem-no, pelo menos.

— Em todo o caso, há tempo?

— Desde que nasci.

— Talvez imprevisão na montagem das peças. Não lhe posso dizer nada sem observação de trinta dias e a desmontagem geral. As cabeças como os relógios para regular bem...

Antenor atalhou:

- E o senhor fica com a minha cabeça?
- Se a deixar.
- Pois aqui a tem. Conserte-a. O diabo é que eu não posso andar sem cabeça...
- Claro. Mas, enquanto a arranjo, empresto-lhe uma de papelão.
- Regula?
- É de papelão! explicou o honesto negociante. Antenor recebeu o número de sua cabeça, enfiou a de papelão, e saiu para a rua.

Dois meses depois, Antenor tinha uma porção de amigos, jogava o pôquer com o Ministro da Agricultura, ganhava uma pequena fortuna vendendo feijão bichado para os exércitos aliados. A respeitável mãe de Antenor via-o mentir, fazer mal, trapacear e ostentar tudo o que não era. Os parentes, porém, estimavam-no, e os companheiros tinham garbo em recordar o tempo em que Antenor era maluco.

Antenor não pensava. Antenor agia como os outros. Queria ganhar. Explorava, adulava, falsificava. Maria Antônia tremia de contentamento vendo Antenor com juízo. Mas Antenor, logicamente, desprezou-a propondo um concubinato que o não desmoralizasse a ele. Outras Marias ricas, de posição, eram de opinião da primeira Maria. Ele só tinha de escolher. No centro operário, a sua fama crescia, querido dos patrões burgueses e dos operários irmãos dos spartakistas da Alemanha. Foi eleito deputado por todos e, especialmente, pelo presidente da República — a quem atacou logo, pois para a futura eleição o presidente seria outro. A sua ascensão só podia ser comparada à dos balões. Antenor esquecia o passado, amava a sua terra. Era o modelo da felicidade. Regulava admiravelmente.

Passaram-se assim anos. Todos os chefes políticos do País do Sol estavam na dificuldade de concordar no nome do novo senador, que fosse o expoente da norma, do bom senso. O nome de Antenor era cotado. Então Antenor passeava de automóvel pelas ruas centrais, para tomar pulso à opinião, quando os seus olhos deram na tabuleta do relojoeiro e lhe veio a memória.

— Bolas! E eu que esqueci! A minha cabeça está ali há tempo... Que acharia o relojoeiro? É capaz de tê-la vendido para o interior. Não posso ficar toda vida com uma cabeça de papelão!

Saltou. Entrou na casa do negociante. Era o mesmo que o servira.

- Há tempos deixei aqui uma cabeça.
- Não precisa dizer mais. Espero-o ansioso e admirado da sua ausência, desde que ia desmontar a sua cabeça.
- Ah! fez Antenor.
- Tem-se dado bem com a de papelão? — Assim...
- As cabeças de papelão não são más de todo. Fabricações por séries. Vendem-se muito.
- Mas a minha cabeça?
- Vou buscá-la.

Foi ao interior e trouxe um embrulho com respeitoso cuidado.

- Consertou-a?
- Não.
- Então, desarranjo grande?

O homem recuou.

— Senhor, na minha longa vida profissional jamais encontrei um aparelho igual, como perfeição, como acabamento, como precisão. Nenhuma cabeça regulará no mundo melhor do que a sua. É a placa sensível do tempo, das ideias, é o equilíbrio de todas as vibrações. O senhor não tem uma cabeça qualquer. Tem uma cabeça de exposição, uma cabeça de gênio, *hors-concours*.

Antenor ia entregar a cabeça de papelão. Mas conteve-se.

- Faça o obséquio de embrulhá-la.
- Não a coloca?
- Não.
- V.Ex.a faz bem. Quem possui uma cabeça assim não a usa todos os dias. Fatalmente dá na vista.

Mas Antenor era prudente, respeitador da harmonia social.

- Diga-me cá. Mesmo parada em casa, sem corda, numa redoma, talvez prejudique.
- Qual! V.Ex.a terá a primeira cabeça.

Antenor ficou seco.

— Pode ser que V., profissionalmente, tenha razão. Mas, para mim, a verdade é a dos outros, que sempre a julgaram desarranjada e não regulando bem. Cabeças e relógios querem-se conforme o clima e a moral de cada terra. Fique V. com ela. Eu continuo com a de papelão.

E, em vez de viver no País do Sol um rapaz chamado Antenor, que não conseguia ser nada tendo a cabeça mais admirável — um dos elementos mais ilustres do País do Sol foi Antenor, que conseguiu tudo com uma cabeça de papelão.

JOÃO DO RIO. O homem de cabeça de papelão. In: MAGALHÃES JÚNIOR, R. (org.). *Antologia de humorismo e sátira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957. p. 196. (Vera Cruz).

O conto “O homem de cabeça de papelão”, de João do Rio, traz uma metáfora interessante para pensarmos a questão da menoridade. A cabeça de papelão, feita em série, sem vontades nem opiniões, pode ser entendida como algo bastante comum em uma sociedade acostumada a transferir para outros a capacidade de refletir. Diante das versões dos fatos apresentados pela mídia, por exemplo, ou dos pontos de vista compartilhados por aqueles autorizados para tanto, o sujeito ainda na menoridade tende a reproduzir o que lê, ouve e vê.

Quer saber mais?



Livros

Declaração: isto não é um manifesto, de Michael Hardt e Antonio Negri. São Paulo: N-1 Edições, 2014.

O livro de Michael Hardt e Antonio Negri traça, principalmente no primeiro capítulo, um panorama da sociedade contemporânea.

24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono, de Jonathan Crary. São Paulo: Ubu, 2016.

A obra de Jonathan Crary, especialmente nos capítulos 1 e 4, traz uma série de percepções a respeito de nossa cultura e de seus efeitos sobre os indivíduos.

Resumindo

Argumentação I: temas e cultura

As relações dos temas
no texto dissertativo

A tese não apresenta o objeto central
do tema como elemento isolado.

A tese busca o objeto central
em uma paisagem mais ampla.

A abordagem do aspecto central do tema se dá
com base na relação que ele trava com as
características do mundo em que está inserido.

FRENTE ÚNICA

CAPÍTULO

13

Argumentação II: relações entre ideias

Na imagem, há duas pessoas frente a frente ou três vasos dispostos um ao lado do outro? Quando percebemos um desses desenhos, não raro torna-se difícil voltar a reconhecer o outro, o que não significa que ele tenha se apagado.

A imagem daquilo que vemos depende da forma como queremos (ou conseguimos) compreender a figura mostrada.

O que começa e o que termina?

Há diversos desenhos que nos fazem chegar a uma percepção aparentemente impossível. Nesse sentido, a imagem a seguir provoca um choque; afinal, qual é o “sentido correto” para começar a compreendê-la? Se observarmos a mulher do lado esquerdo, podemos vê-la sentada em um banco com dois braços altos, mas, se o foco recai sobre a mulher da direita, ela parece estar sentada em um degrau – que anteriormente era o assento sobre o qual repousava a primeira.

© Iryna Kuznetsova | Dreamsstime.com

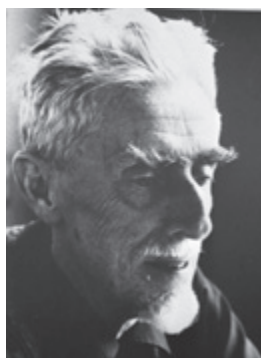


É como se, para que pudéssemos acomodar nosso olhar em uma perspectiva familiar, tivéssemos que recortar a imagem e analisá-la em blocos, que, por sua vez, seriam reflexos de nossas escolhas na observação.

A realidade global do desenho, no entanto, é composta de todos esses blocos ao mesmo tempo, tornando-se complexa e não se prestando a uma única interpretação.

Saiba mais

O artista holandês M. C. Escher notabilizou-se, durante o século XX, por essas “imagens impossíveis”, que apresentam paradoxos visuais. Para conhecer um pouco mais de sua obra e deparar-se com outras figuras, como as que foram mostradas aqui, visite o *site* oficial da fundação que leva o nome do artista: www.mcescher.com/, acesso em: 29 jun. 2022.



Hans Peters/Anaflo/National Archives of the Netherlands

Talvez os trajetos argumentativos que percorremos não sejam tão diferentes em uma dissertação. As relações que estabelecemos entre os elementos que observamos em nossas análises a respeito dos temas também nos levam a criar caminhos interpretativos diferentes, que não se excluem mutuamente nem se complementam, necessariamente.

Vamos observar como isso acontece com base em uma proposta real de dissertação.

ITA 2011-SP Observe a foto a seguir. A partir dela, e considerando os textos desta prova, redija uma dissertação em prosa, na folha a ela destinada, argumentando em favor de um ponto de vista sobre o tema. A redação deve ser feita com caneta azul ou preta.



A prova era composta de outros textos, conforme apresentaremos a seguir.

Texto 1

Véspera de um dos muitos feriados em 2009 e a insana tarefa de mover-se de um bairro a outro em São Paulo para uma reunião de trabalho. Claro que a cidade já tinha travado no meio da tarde. De táxi, pagaria uma fortuna para ficar parada e chegar atrasada, pois até as vias alternativas que os taxistas conhecem estavam entupidas. De ônibus, nem o corredor funcionaria, tomado pela fila dos mastodônticos veículos. Uma dádiva: eu não estava de carro. Com as pernas livres dos pedais do automóvel e um sapato baixo, nada como viver a liberdade de andar a pé. Carro já foi sinônimo de liberdade, mas não contava com o congestionamento.

Liberdade de verdade é trafegar entre os carros, e mesmo sem apostar corrida, observar que o automóvel na rua anda à mesma velocidade média que você na calçada. É quase como flunar. Sei, como motorista, que o mais irritante do trânsito é quando o pedestre naturalmente te ultrapassa. Enquanto você, no carro, gasta dinheiro para encher o ar de poluentes, esquentar o planeta e chegar atrasado às reuniões. E ainda há quem pegue congestionamento para andar de esteira na academia de ginástica.

Do Itaim ao Jardim Paulista, meia horinha de caminhada. Deu para ver que a Avenida Nove de Julho está cheia de mudas crescidas de pau-brasil. E mais uma porção de cenas que só andando a pé se pode observar. Até chegar ao compromisso pontualmente.

Claro que há pedras no meio do caminho dos pedestres, e muitas. Já foram inclusive objeto de teses acadêmicas. Uma delas, *Andar a pé: um modo de transporte para a cidade de São Paulo*, de Maria Ermelina Brosch Malatesta, sustenta que, apesar de ser a saída mais utilizada pela população nas atuais condições de esgotamento dos sistemas de mobilidade, o modo de transporte a pé é tratado de forma inadequada pelos responsáveis por administrar e planejar o município.

As maiores reclamações de quem usa o mais simples e barato meio de locomoção são os "obstáculos" que aparecem pelo caminho: bancas de camelôs, bancas de jornal, lixeira, postes. Além das calçadas estreitas, com buracos, degraus, desníveis. E o estacionamento de veículos nas calçadas, mais a entrada e a saída em guias rebaixadas, aponta o estudo.

Sem falar nas estatísticas: atropelamentos correspondem a 14% dos acidentes de trânsito. Se o acidente envolve vítimas fatais, o percentual sobe para nada menos que 50% – o que atesta a falta de investimento público no transporte a pé.

Na Região Metropolitana de São Paulo, as viagens a pé, com extensão mínima de 500 metros, correspondem a 34% do total de viagens. Percentual parecido com o de Londres, de 33%. Somadas aos 32% das viagens realizadas por transporte coletivo, que são iniciadas e concluídas por uma viagem a pé, perfazem o total de 66% das viagens! Um número bem desproporcional ao espaço destinado aos pedestres e ao investimento público destinado a eles, especialmente em uma cidade como São Paulo, onde o transporte individual motorizado tem a primazia.

A locomoção a pé acontece tanto nos locais de maior densidade – caso da área central, com registro de dois milhões de viagens a pé por dia –, como nas regiões mais distantes, onde são maiores as deficiências de transporte motorizado e o perfil de renda é menor. A maior parte das pessoas que andam a pé tem poder aquisitivo mais baixo. Elas buscam alternativas para enfrentar a condução cara, desconfortável ou lotada, o ponto de ônibus ou estação distantes, a demora para a condução passar e a viagem demorada.

Já em bairros nobres, como Moema, Itaim e Jardins, por exemplo, é fácil ver carrões que saem das garagens para ir de uma esquina a outra e disputar improváveis vagas de estacionamento. A ideia é manter-se fechado em *shoppings*, boutiques, clubes, academias de ginástica, escolas, escritórios, porque o ambiente lá fora – o nosso meio ambiente urbano – dizem que é muito perigoso.

SAFATLE, Amália. Disponível em: <http://terramagazine.terra.com.br>, 15 jul. 2009. (Adapt.).

Texto 2

São Paulo – Não é preciso muito para imaginar o dia em que a moça da rádio nos anunciará, do helicóptero, o colapso final: “A CET¹ já não registra a extensão do congestionamento urbano. Podemos ver daqui que todos os carros em todas as ruas estão imobilizados. Ninguém anda, para frente ou para trás. A cidade, enfim, parou. As autoridades pedem calma, muita calma”.

“A autoestrada do Sul” é um conto extraordinário de Julio Cortázar². Está em *Todos os fogos o fogo*, de 1966 (a Civilização Brasileira traduziu). Narra, com monotonia infernal, um congestionamento entre Fontainebleau e Paris. É a história que inspirou *Weekend à francesa* (1967), de Godard³.

O que no início parece um transtorno corriqueiro vai assumindo contornos absurdos. Os personagens passam horas, mais horas, dias inteiros entalados na estrada.

Quando, sem explicações, o nó desata, os motoristas aceleram “sem que já se soubesse para que tanta pressa, por que essa correria na noite entre automóveis desconhecidos onde ninguém sabia nada sobre os outros, onde todos olhavam para a frente, exclusivamente para a frente”.

Não serve de consolo, mas faz pensar. Seguimos às cegas em frente há quanto tempo? De Prestes Maia aos túneis e viadutos de Maluf, a cidade foi induzida a andar de carro. Nossa urbanização se fez contra o transporte público. O símbolo modernizador da era JK é o pesadelo de agora, mas o fetiche da lata sobre rodas jamais se abalou.

Será ocasional que os carrões dos endinheirados – essas peruas *high-tech* – se pareçam com tanques de guerra? As pessoas saem de casa dentro de *bunkers*, literalmente armadas. E, como um dos tipos do conto de Cortázar, veem no engarrafamento uma “afrota pessoal”.

Alguém acredita em soluções sem que haja antes um colapso? Ontem era a crise aérea, amanhã será outra qualquer. A classe média necessita reciclar suas aflições. E sempre haverá algo a lembrá-la – coisa mais chata – de que ainda vivemos no Brasil.

SILVA, Fernando de Barros. *Folha de S.Paulo*, 17/03/2008.

- (1) CET: Companhia de Engenharia de Tráfego.
- (2) Julio Cortázar (1914-1984), escritor argentino.
- (3) Jean-Luc Godard, cineasta francês, nascido em 1930.

Na avaliação de sua redação, serão considerados:

- a) clareza e consistência dos argumentos em defesa de um ponto de vista sobre o assunto;
- b) coesão e coerência do texto; e
- c) domínio do português padrão (serão aceitos os dois sistemas ortográficos em vigor, conforme Decreto nº 6.583, de 29/09/2008).

Atenção: a banca examinadora aceitará qualquer posicionamento ideológico do candidato.

A partir dessa proposta do ITA, poderíamos apresentar, por exemplo, as duas teses a seguir:

Tese 1

O descaso governamental com a questão da mobilidade pública cria um cenário em que o transporte coletivo é algo de que se quer fugir. O efeito disso é a acentuação da busca pelo deslocamento individual, aumentando o trânsito e os engarrafamentos.

Tese 2

Em uma cultura em que o carro é visto como um dos mais importantes objetos na construção identitária, não é estranho optar por ele em detrimento do transporte público. O efeito disso é a criação de um cenário de descaso em relação às modalidades coletivas de deslocamento, aumentando o trânsito e os engarrafamentos.

Ainda que as duas teses relacionem a opção pelo transporte individual e o descaso no que diz respeito às modalidades coletivas de deslocamento, podemos notar que elas o fazem por meio de caminhos distintos.

- Na primeira tese, o descaso com a mobilidade pública leva as pessoas a buscarem o carro.
- Na segunda tese, dá-se o inverso, pois, pelo fato de as pessoas buscarem o carro particular, o transporte coletivo se torna precário.

Cada uma delas nos lança a um caminho argumentativo diferente. Observemos possíveis parágrafos de desenvolvimento para cada uma delas:

Tese 1



D1 – Quanto pior o transporte público, menos as pessoas o veem como opção de deslocamento. Por motivos diversos, o governo deixa de priorizar os meios de transporte coletivos em sua agenda – seja por incentivos à compra de automóveis particulares, como a redução de impostos, seja por escolhas na construção de vias, como a opção por faixas de carros em vez de faixas exclusivas de ônibus. Porém, quando faltam linhas de ônibus ou de metrô e as que existem deixam a desejar quanto à pontualidade, à limpeza e à lotação, por exemplo, as modalidades coletivas de deslocamento tornam-se pouco atraentes para as pessoas. (Autoria de LACC)



D2 – A consequência desse cenário é a busca pelos carros. As promessas de conforto e de autonomia, quando comparadas às condições enfrentadas diariamente no transporte público, acabam compensando o gasto mais alto com a compra e a manutenção dos automóveis. À medida, porém, que essa troca se acentua, não é difícil perceber os impasses a que se chega: o espaço ocupado por um ônibus com sessenta pessoas em uma via é bem menor do que o ocupado pela mesma quantidade de carros individuais. O trânsito parado nas grandes cidades, então, alimenta-se dele mesmo – quanto mais as pessoas ficam no engarrafamento em condições ruins dentro de ônibus e metrôs, mais elas preferem os carros; quanto mais carros, todavia, maior o tráfego. (Autoria de LACC)

Tese 2



D1 – Se é no carro que se encontra o ser, tê-lo é condição para existir. Para que vendam ininterruptamente seus automóveis, as montadoras associam a eles características que vão além de seu valor de uso, de maneira que o desejo por adquiri-lo tome forma antes de haver a necessidade do carro para que se efetue o deslocamento. Assim, em terra em que o *sex appeal*, por exemplo, é condicionado pelo desfile em Camaro amarelo, em que a elegância ou o espírito aventureiro são conectados ao automóvel de uma ou outra marca, aquele que não o tem não é reconhecido por essas características. Para tê-lo, deve deslocar-se em um automóvel particular. (Autoria de LACC)



D2 – A consequência desse cenário é o descaso em relação ao transporte público. Se o automóvel é que confere a identidade individual, participar da massa que trafega coletivamente em ônibus e metrôs, de alguma maneira, transforma-se em um apagamento subjetivo. À medida que o reconhecimento de si se atrela ao carro, portanto, as modalidades públicas de deslocamento passam a ser o lugar em que não se quer estar – elas são, no máximo, uma fase transitória até a compra do carro tão sonhado. Não é estranho então que, nesse cenário, diminua a preocupação com a qualidade dos meios de transporte coletivos, abrindo caminho para seu sucateamento. Sedentos pela individualidade conferida pelo automóvel particular, porém, é, paradoxalmente, na massa de veículos engarrafados que acabam se reconhecendo, estagnados, esses motoristas. (Autoria de LACC)

Como podemos perceber pelos desenvolvimentos apresentados, as duas argumentações são capazes de se sustentar, ainda que em direções opostas. Para tanto, é imprescindível que se assentem em relações claras e objetivas e em evidências perceptíveis no mundo que nos cerca, que é tão múltiplo e complexo, pouco dado a respostas definitivas. Assim como as “imagens impossíveis”, traçamos rotas e criamos sentidos para interpretá-lo, os quais são sempre escolhas. Na dissertação, procuramos exatamente essas tentativas de conferir sentido ao mundo.



Revisando

- A seguir, veja a proposta de redação da Unesp de 2014. A partir dela, são apresentados dois pontos de vista possíveis para a execução da dissertação – neles, os elementos relacionados na construção da tese são os mesmos, o que muda é a forma como essas relações são estabelecidas. Em grupo, discuta os conteúdos argumentativos necessários para sustentar cada um deles e elenque-os em um projeto de desenvolvimento.

Texto 1

Dos 594 deputados e senadores em exercício no Congresso Nacional, 190 (32%) já foram condenados na Justiça e/ou nos Tribunais de Contas. As ocorrências se encaixam em quatro grandes áreas: irregularidades em contas e processos administrativos no âmbito dos Tribunais de Contas (como fraudes em licitações); citações na Justiça Eleitoral (contas de campanha rejeitadas, compra de votos, por exemplo); condenações na Justiça referentes à lida com o bem público no exercício da função (enriquecimento ilícito, peculato etc.); e outros (homicídio culposo, trabalho degradante etc.).

PAIVA, Natália. Disponível em: www.transparencia.org.br. (Adapt.).

Texto 2

Nossa tradição cultural, por diversas razões, criou um ideal de cidadania política sem vínculos com a efetiva vida social dos brasileiros. Na teoria, aprendemos que devemos ser cidadãos; na prática, que não é possível, nem desejável, comportarmo-nos como cidadãos. A face política do modelo de identidade nacional é permanentemente corroída pelo desrespeito aos nossos ideais de conduta.

Idealmente, ser brasileiro significa herdar a tradição democrática na qual somos todos iguais perante a lei e o direito à vida, à liberdade e à busca da felicidade é uma propriedade inalienável de cada um de nós; na realidade, ser brasileiro significa viver em um sistema socioeconômico injusto, em que a lei só existe para os pobres e para os inimigos, e os direitos individuais são monopólio dos poucos que têm muito.

Preso nesse impasse, o brasileiro vem sendo coagido a reagir de duas maneiras. Na primeira, com apatia e desesperança. É o caso dos que continuam acreditando nos valores ideais da cultura e não querem converter-se ao cinismo das classes dominantes e de seus seguidores. Essas pessoas experimentam uma notável diminuição da autoestima na identidade de cidadão, pois não aceitam conviver com o baixo padrão de moralidade vigente, mas tampouco sabem como agir honradamente sem se tornarem vítimas de abusos e humilhações de toda ordem. Deixam-se assim contagiar pela inércia ou sonham em renunciar à identidade nacional, abandonando o país. Na segunda maneira, a mais nociva, o indivíduo adere à ética da sobrevivência ou à lei do vale-tudo: pensa escapar à delinquência, tornando-se delinquente.

COSTA, Jurandir Freire. Disponível em: <http://super.abril.com.br>. (Adapt.).

Texto 3

Se o eleitorado tem bastante clareza quanto à falta de honestidade dos políticos brasileiros, não se pode dizer o mesmo em relação à sua própria imagem como “povo brasileiro”. Isto pode ser um reflexo do aclamado “jeitinho brasileiro”, ora motivo de orgulho, ora de vergonha.

De qualquer forma, fica claro que há problemas tanto quando se fala de honestidade de uma forma genérica como quando há abordagem específica de comportamentos antiéticos, alguns ilegais: a “caixinha” para o guarda não multar, a sonegação de impostos, a compra de produtos piratas, as fraudes no seguro, entre outros. A questão que está posta aqui é que a população parece não relacionar seus “pequenos desvios” com o comportamento desonesto atribuído aos políticos.

CERVELLINI, Sílvia. Disponível em: www.ibope.com.br. (Adapt.).

Com base nos textos apresentados e em seus próprios conhecimentos, escreva uma redação de gênero dissertativo, empregando a norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema: **Corrupção no Congresso Nacional: reflexo da sociedade brasileira?**

Tese 1

Em um cenário em que as denúncias e os escândalos de corrupção se avolumam imensamente, não é estranha a naturalização das práticas corruptas. O efeito disso é que, em outros níveis, a maneira individualista como os congressistas brasileiros se comportam é refletida no restante da sociedade.

Tese 2

Quando a prevalência dos interesses particulares em relação às questões coletivas é naturalizada, não é estranha certa tolerância com práticas que confirmam tal lógica. O efeito disso é que, dentro ou fora da lei, as condutas dos congressistas brasileiros talvez sejam um reflexo da forma de organização do restante da sociedade.

Redação proposta

- **Unesp 2014** A proposta de redação deste capítulo é a mesma trabalhada na seção **Revisando**. Para montar sua dissertação, você pode utilizar as teses já apresentadas e as ideias surgidas na discussão em grupo. No entanto, tome cuidado para organizar tudo na forma de uma dissertação clara e coerente. Além disso, você pode tentar, no meio do seu texto, refutar alguns dos argumentos apresentados pela tese oposta à escolhida.

Texto complementar

Quando apenas atenta para o “capital social” de relações poderosas, o folclórico “jeitinho”, então todas essas questões que perfizerem o fulcro e substância da dominação social no Brasil se perdem em análises que se assemelham ao moralismo mais rasteiro do senso comum. O pensador culturalista brasileiro, colonizado até o osso, não só espalha o preconceito do “brasileiro corrupto”, construção utilizada para inferiorizar com meios pretensamente científicos as sociedades ditas em desenvolvimento [...] como se não houvesse corrupção sistemática em todos os países capitalistas.

A “cereja do bolo” desse quadro pseudocrítico da sociedade brasileira é a ideia de que existem sociedades sem “jeitinho”, ou seja, sem influência de relações pessoais poderosas decidindo o destino de pessoas concretas, muito especialmente nessa sociedade de conto de fadas para adultos que são os Estados Unidos aos olhos de nossos liberais conservadores. Os Estados Unidos seriam a sociedade da *accountability*, da confiança interpessoal, do respeito à lei impessoal e da igualdade como valor máximo. Tudo como se o policial norte-americano não batesse com mais força no latino e nos negros pobres, como se o governo, “na mutreta” e “sem assumir”, não espionasse aliados e inimigos, como se o eufemismo da “desregulação do mercado financeiro” – o que é afinal desregular senão abdicar de qualquer controle intencionalmente? – não fosse a senha para corrupção aberta por meio de mecanismos financeiros com um só ganhador: os bancos norte-americanos que se apropriam por meios frequentemente duvidosos do excedente econômico do planeta inteiro. O interesse aqui não é obviamente praticar antiamericanismo, sentimento do qual estou a anos-luz de distância, é apenas irritação contra esse tipo de admiração basbaque e infantil de tão cândida com relação a sociedades tão imperfeitas e dignas de crítica quanto qualquer outra sociedade humana existente. [...]

SOUZA, Jessé. *A tolice da inteligência brasileira: ou como o país se deixa manipular pela elite*. São Paulo: LeYa, 2015.

No trecho citado, o sociólogo Jessé de Souza traz uma reflexão a respeito da redução das questões sociais brasileiras à existência do “jeitinho brasileiro”. A expressão se mostra como fruto de um preconceito – de um racismo, talvez – que atrela a determinado povo uma característica comportamental. Para o autor, há uma estrutura socioeconômica que produz relações desiguais no contexto brasileiro, e outras estruturas responsáveis pela desigualdade também são observáveis em outros países. Reduzir essas questões a algo que seria um comportamento inato de nossa sociedade sufocaria as possibilidades de uma análise mais séria e embasada a respeito do que observamos acerca da corrupção em nosso país.

Quer saber mais?



Livros

Raízes do Brasil, de Sérgio Buarque de Holanda. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

O texto “O homem cordial”, incluso nesta obra, aborda a vinculação entre os círculos pessoais com as práticas que, em teoria, seriam impessoais.

A autoestrada do Sul & outras histórias, de Julio Cortázar. São Paulo: L&PM, 2013.

O texto *A autoestrada do Sul*, mencionado na proposta do ITA de 2011, traz uma cena absurda de um congestionamento que dura diversos meses. O enredo nos ajuda a pensar na “cultura do carro”, nas relações mediadas pelo automóvel e na subjetividade “privatista”, acentuada por esse cenário.

Resumindo

Argumentação II: relações entre ideias

As relações que estabelecemos no texto levam a criar caminhos interpretativos diferentes.

As argumentações escolhidas para o texto devem apresentar relações claras e objetivas e evidências perceptíveis no mundo que nos cerca.

São essas relações entre as ideias, apresentadas na dissertação, que conferirão sentido ao texto.

FRETE ÚNICA

CAPÍTULO

14

A estrutura interna dos parágrafos

A caixa-surpresa, como o próprio nome diz, é imprevisível. De presentes incríveis a sustos desconcertantes, ela pode esconder de tudo sob sua tampa, a qual, por sua vez, nada nos informa a respeito do que encontraremos no interior.

Assim como a caixa, os **parágrafos**, quando bem construídos, também têm uma interioridade, mas, diferentemente da caixa-surpresa, há pistas sobre aquilo com que vamos nos deparar.

Parágrafos interconectados

Talvez possamos estabelecer uma analogia entre os parágrafos argumentativos de uma dissertação e as caixas que utilizamos em uma mudança. Nelas, colocamos os objetos que transportaremos e, depois, fechamos e identificamos as embalagens. Assim, em uma caixa sobre a qual se lê “pratos”, por exemplo, não se espera encontrar livros, salientando que não há necessidade de escrever o material e o modelo de cada um dos pratos. Além disso, podemos depreender os tipos de itens comportados em cada uma das caixas a partir do lugar de onde elas vêm: as caixas vindas do banheiro, provavelmente, não terão o mesmo tipo de objetos que as da cozinha.

Com os **parágrafos do desenvolvimento** acontece algo similar. Eles não são completamente isolados, mas fazem parte de um texto, ligando-se entre si e com os parágrafos de introdução e conclusão. Por outro lado, eles contam também com uma estrutura interna; no entanto, se essa interioridade não corresponder ao que estiver escrito, poderá dar a sensação de algo errado.

Depois de darmos atenção aos conteúdos do desenvolvimento, nosso foco será a forma de dispor os argumentos e as ideias no parágrafo, trabalhando a estrutura básica dele.

A estrutura básica do parágrafo argumentativo

Os parágrafos do desenvolvimento têm função de argumentação, isto é, sustentar de uma maneira objetiva o ponto de vista apresentado na introdução. Em outras palavras, eles servem para justificar a tese e, tradicionalmente, são organizados da seguinte maneira:

Tópico frasal

Nesse tópico, há uma condensação da ideia a ser trabalhada nas linhas seguintes – como se fosse o “rótulo” em cima da caixa – e, por meio dele, sabe-se o assunto. No entanto, como ele introduz parágrafos argumentativos, vale a pena optar por uma sentença contestável, ou seja, que demande explicações para ser desenvolvida, e não a fonte de onde se retirou alguma informação.

Tópico frasal é um resumo do assunto que será tratado no parágrafo – **mais ou menos 25%** do espaço do parágrafo.



© Igor Wojas | Dreamstime.com

Expansão do tópico

Na expansão, desenvolvemos o que foi explicitado no tópico frasal – como se fosse o “interior da caixa”. O leitor não sabe de onde foi tirada a afirmação inicial e, talvez, não pense como o autor. Por isso, é importante nos preocuparmos em mostrar que nossas ideias são relevantes e verossímeis. Na expansão, entrarão os **argumentos**, ou seja, o que temos de lógico e palpável para sustentar nosso ponto de vista. São afirmações comprováveis por quem escreve e refutáveis por quem lê, já que são baseadas em **evidências da realidade**. No entanto, isso não quer dizer que, necessariamente, o leitor refutará o que foi escrito; significa que não colocamos algo incontestável, como um fato ou uma crença, por exemplo:

- “A abolição da escravatura brasileira se deu em 1888”;
- “O aborto não deve ser legalizado porque Deus não quer”;
- “Todo indivíduo contemporâneo sonha em comprar um carro”.

Na **expansão do tópico** temos, mais ou menos, 50% do espaço do parágrafo.

! Atenção

Se o planejamento textual for seguido à risca, os tópicos frasais do **D1** e do **D2** tendem a ser uma paráfrase do que foi apresentado, respectivamente, na primeira e na segunda parte da tese. Pensar nisso pode nos ajudar a construir os tópicos e a verificar se, depois de escrito, o desenvolvimento sustenta o ponto de vista efetivamente.

Exemplificação ou fecho

É a finalização do parágrafo, em que podemos optar por concretizar o raciocínio – isso é bastante importante caso a argumentação esteja em um plano excessivamente abstrato – ou por concluir a ideia iniciada no tópico frasal.

O **fecho** ocupa por volta de 25% do espaço do parágrafo; esse é outro espaço para fatos e para aquilo que não precisa de sustentação.

Análise de parágrafos

Exemplo 1

Com o entendimento de uma bancada parlamentar de que é constitucional reduzir a maioria penal, a proposta agora será encaminhada ao Congresso brasileiro. De acordo com um coronel reformado da PM, José Vicente da Silva Filho, a medida, ainda que não alcance o objetivo de reduzir a violência, serve como uma resposta à sociedade, que, segundo pesquisas recentes do Datafolha, é amplamente favorável à redução. Por outro lado, alguns analistas, como o professor Vladimir Safatle, creem que a medida sequer leva em conta os índices de criminalidade. O fato de apenas 1% dos assassinatos serem cometidos por jovens entre 16 e 18 anos e de a reincidência no crime para adolescentes que passaram pelo sistema prisional ser de 70% é o que os embasa. (Autoria de LACC)

Exemplo 2

Reside no senso comum a ideia de que a redução da maioria penal é uma medida eficaz contra a violência. Em primeiro lugar, se o medo de ir preso de fato fosse o principal motivador da criminalidade, não haveria tantos infratores com mais de 18 anos. Em segundo lugar, quando uma proposta dessas é feita, são desconsiderados os índices de crimes cometidos por jovens entre 16 e 18 anos (apenas 1% dos assassinatos) e o de reincidência daqueles que passam pelo sistema prisional – 70%. O que parece realmente motivar tal medida é uma reação passional e imediata diante dos crimes escolhidos como relevantes por uma mídia sensacionalista e por políticos em busca de votos. Constitucionalmente, entretanto, o que se espera é que haja objetividade ao lidar com os problemas nacionais. (Autoria de LACC)

Exemplo 3

Quando impera o maniqueísmo, a realidade é tomada como conto de fadas. Categorizando de maneira estática aquilo que é bom e aquilo que é mau, quem é o mocinho e quem é o bandido, não há mais espaço para a complexidade. Tal qual em uma historinha de crianças, o vilão encarna tudo o que há de ruim e isso lhe é um traço natural – não entram em pauta sua história pessoal, as condições sociais em que se desenvolveu. Esse tipo de olhar, ao romper as páginas dos livros infantis e se esparramar para a vida social, tende a engendrar análises superficiais sobre fenômenos coletivos. Não se consideram mais, por exemplo, os índices de criminalidade e de reincidência de jovens infratores para exigir que, assim como as bruxas, sejam condenados à fogueira ou, ao menos, à reclusão em torres distantes. Se o grito que impele a prender os “marginaizinhos” no poste é atribuído à mocinha, vilão é quem ousa enxergar não ser coincidência a coincidência entre a criminalidade e o pouco acesso a condições sociais dignas. (Autoria de LACC)

O primeiro parágrafo apresentado é essencialmente expositivo, pois nada nele revela, de maneira contundente, o ponto de vista do autor, apenas informa. Podemos perceber que não há afirmações que demandem explicações, de forma que, no máximo, o que pedirmos ao autor é uma referência de onde tirou tais informações.

Os outros dois exemplos constituem-se como parágrafos argumentativos, mesmo que ainda usem bastante do que foi trazido pelo primeiro para se sustentarem. Para essa argumentatividade, pesa muito a forma como as ideias são colocadas. Podemos reparar que, em ambos, o primeiro período, ou seja, o **tópico frasal**, traz uma afirmação contestável, e não uma informação. Sendo contestável, o autor deverá desenvolvê-la por meio da exposição do raciocínio que o levou a ela – a esse raciocínio damos o nome de **expansão**.

No segundo exemplo, essa expansão é baseada em uma refutação, isto é, após apresentar uma afirmação contrária àquilo que pensa no tópico frasal, o autor a desconstrói na expansão.

Já no terceiro, para defender o quão superficial se torna o debate quando pautado em relações que ele considera maniqueístas, o autor trabalha com uma analogia que deságua no mundo real por meio da concretização final.

Obviamente, essa estrutura apresentada não é a única possível para construir os parágrafos argumentativos. No entanto, compreendê-la e conseguir executá-la de forma segura é a garantia da possibilidade de reinventá-la conforme as exigências de nosso próprio texto, sem que surpreendamos nosso leitor de forma negativa.

Revisando

- A seguir, há dois conjuntos de frases surgidas ao acaso no planejamento de um texto. Para cada um deles, reúna as ideias apresentadas pelas sentenças em um ou mais parágrafos argumentativos seguindo a estrutura estudada neste capítulo.

! Atenção

Cuidado para construir a clareza e a objetividade. Não copie tudo e use suas próprias palavras: o importante é que a ideia se mantenha.

Conjunto 1

- Nossa relação com a realidade não se dá de maneira direta.
- Nossa relação com a realidade é condicionada a nossas condições para observá-la.
- A cultura a que pertence o sujeito interfere no que ele observa da realidade.
- A religião a que pertence o sujeito interfere no que ele observa da realidade.
- Os afetos subjetivos interferem na forma como os sujeitos veem a realidade.
- Nem sempre percebemos os filtros que se põem entre a realidade e nós mesmos.
- Quando não percebemos estar diante apenas de uma forma de ver a realidade, tendemos a tomar o que vemos como realidade absoluta.
- Se o que vemos é entendido como realidade absoluta, questioná-la é, de alguma maneira, retirar a base sólida daquilo em que cremos.
- Torna-se mais cômodo ignorar visões diferentes da realidade.
- A realidade perde sua complexidade e torna-se plana.
- Não há possibilidades de discutir as razões sociais da violência quando o debate se encerra no maniqueísmo.
- Não há possibilidades de problematizar a informação quando ela não é vista como interpretação de mundo, mas como retrato fiel dele próprio.

Conjunto 2

- A participação política diz respeito, em sentido amplo, ao reconhecimento de si mesmo em relação à coletividade.
- A sociedade contemporânea é marcada pelo ensimesmamento.
- O ensimesmamento implica um fechar-se em si.
- O ensimesmamento implica um distanciar-se do outro.
- Distanciando-se do outro, o indivíduo deixa de percebê-lo.
- Distanciando-se do outro, o indivíduo deixa de se reconhecer nos problemas do outro.
- Reconhecer-se nos problemas coletivos é imprescindível para a participação política.
- Reconhecer-se nos problemas coletivos é imprescindível para que o indivíduo se sinta responsável direto pelas questões públicas.
- O indivíduo contemporâneo busca o automóvel particular, não o transporte público.
- O indivíduo contemporâneo busca os planos de saúde, não a luta pelo SUS.
- Apagando-se o outro da sua esfera de reconhecimento, o sujeito ensimesmado vai perdendo sua dimensão política.
- Encontra-se, na sociedade contemporânea, uma possibilidade de conexão do sujeito com aqueles que estão longe.
- As plataformas virtuais e as redes sociais colocam no mesmo espaço indivíduos que não se encontram em seus trajetos cotidianos.
- Encontrar-se com o diferente é fundamental para se confrontar consigo mesmo.
- Ensimesmado, o sujeito só se relaciona com os ecos de discursos conhecidos, batidos e reproduzidos à exaustão dentro de grupos fechados.
- Ser atravessado por discursos diferentes desestabiliza certezas, desestabiliza o “eu”.
- Ao ser atravessado por discursos diferentes daqueles com que se está acostumado, percebe-se a presença do outro.
- Ao ser atravessado por discursos diferentes daqueles com que se está acostumado, o sujeito se percebe em relação ao outro.
- Talvez, no interior do castelo ensimesmado contemporâneo, essas mídias digitais se apresentem como um espaço para o agir político.

Redação proposta

- **Fuvest 2018-SP** Leia os textos para fazer sua redação.

As obras de arte assumem a função da representação da cultura de um povo desde os tempos mais remotos da história das civilizações. É através delas que o ser humano transmite uma ideia ou expressão sensível. Contudo algumas obras de arte fogem do conceito de retratação do belo e do sensível, parecendo terem sido feitas para chocar e causar polêmicas.

A principal obra do escultor inglês contemporâneo Marc Quinn é uma réplica de sua cabeça feita com cerca de 4,5 litros de seu próprio sangue – extraído ao longo de cinco meses. Uma peça nova é feita a cada cinco anos, e elas ficam armazenadas em um recipiente de refrigeração especialmente desenvolvido para elas.

<http://gente.ig.com.br/cultura>. Adaptado.

Graças aos seus três urubus, a obra “Bandeira Branca” é o acontecimento mais movimentado da 29ª Bienal [2010]. No dia da abertura, manifestantes de ONGs de proteção aos animais se posicionaram diante da instalação segurando cartazes com dizeres que pediam a libertação das aves. Chegaram a ser confundidos com a própria obra. “Me entristece o fato de que apenas os animais estejam sendo ressaltados. Espalharam informações erradas sobre como os urubus estão sendo tratados”, lamenta Nuno Ramos. Na obra, os urubus estão cercados por uma rede de proteção e têm como poleiro várias caixas de som que, de tempos em tempos, tocam uma tradicional marchinha de carnaval. As aves tinham a permanência na Bienal autorizada pelo próprio Ibama, que, depois, voltou atrás, alegando que as instalações estavam inapropriadas para a manutenção dos animais. Denúncias e proibições à parte, a obra de Nuno Ramos ganha sentido e fundamentação apenas na presença dos animais. Sem eles, a obra perde seu estatuto artístico e vira mero cenário, já que os animais são seus principais atores.

IstoÉ. 08/10/2010. Adaptado.

A exposição “Queermuseu – Cartografias da Diferença na Arte Brasileira”, realizada desde 15 de agosto no Santander Cultural, em Porto Alegre, foi cancelada após protestos em redes sociais. A mostra ficaria em cartaz até 8 de outubro, mas o espaço cultural cedeu às pressões de internautas. A seleção contava com 270 obras que tratavam de questões de gênero e diferença. Os trabalhos, em diferentes formatos, abordam a temática sexual de formas distintas, por vezes abstratas, noutras, mais explícitas. São assinados por 85 artistas, como Adriana Varejão, Candido Portinari, Lígia Clark, Yuri Firmesa e Leonilson.

Folha de S.Paulo. 10/09/2017. Adaptado.

Nos últimos dias, recebemos diversas manifestações críticas sobre a exposição “Queermuseu – Cartografias da diferença na Arte Brasileira”.

Ouvimos as manifestações e entendemos que algumas das obras da exposição “Queermuseu” desrespeitavam símbolos, crenças e pessoas, o que não está em linha com a nossa visão de mundo. Quando a arte não é capaz de gerar inclusão e reflexão positiva, perdeu seu propósito maior, que é elevar a condição humana.

Por essa razão, decidimos encerrar a mostra neste domingo, 10/09. Garantimos, no entanto, que seguimos comprometidos com a promoção do debate sobre diversidade e outros grandes temas contemporâneos.

<https://www.facebook.com/SantanderCultural/posts>. Adaptado.

A arte é um exercício contínuo de transgressão, principalmente a partir das vanguardas do começo do século 20. Isso dá a ela uma importância social muito grande porque, ao transgredir, ela aponta para novos caminhos e para soluções que ainda não tínhamos imaginado para problemas que muitas vezes sequer conhecíamos. A seleção dos trabalhos dos artistas para a próxima edição do festival [Videobrasil], por exemplo, me fez ver que os artistas estão muito antenados com as diversas crises que estamos vivendo e oferecem uma visão inovadora para o nosso cotidiano e acho que isso é um bom exemplo.

Solange Farkas. <https://www.nexojornal.com.br>.

Considerando as ideias apresentadas nos textos e também outras informações que julgar pertinentes, redija uma dissertação em prosa, na qual você exponha seu ponto de vista sobre o tema: **Devem existir limites para a arte?**

Instruções:

- A dissertação deve ser redigida de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.
- Escreva, no mínimo, 20 linhas com letra legível e não ultrapasse o espaço de 30 linhas da folha de redação.
- Dê um título à sua redação.

Texto complementar

Eu descobri que a velha humanidade e animalidade, e mesmo toda a pré-história e o passado de todo ser que sente, continuam inventando, amando, odiando, raciocinando em mim – no meio deste sonho acordei repentinamente, mas apenas para a consciência de que sonho e tenho de prosseguir sonhando para não sucumbir: tal como o sonâmbulo tem de prosseguir o sonho para não cair por terra. O que é agora, para mim, aparência? Verdadeiramente, não é o oposto de alguma essência – que posso eu enunciar de qualquer essência, que não os predicados de sua aparência? Verdadeiramente, não é uma máscara mortuária que se pudesse aplicar a um desconhecido X e depois retirar! Aparência é, para mim, aquilo mesmo que atua e vive, que na zombaria de si mesmo chega ao ponto de me fazer sentir que tudo aqui é aparência, fogo-fátuo, dança de espíritos e nada mais – que, entre todos esses sonhadores, também eu, o “homem do conhecimento”, danço a minha dança, que o homem do conhecimento é um recurso para prolongar a dança terrestre e, assim, está entre os mestres de cerimônia da existência, e que a sublime coerência e ligação de todos os conhecimentos são e serão, talvez, o meio supremo de manter a universalidade do sonho e a mútua compreensibilidade de todos esses sonhadores [...]

NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

Nesse trecho do seu livro, o filósofo alemão Friedrich Nietzsche trata das “aparências”. Segundo ele, o que compreendemos do mundo que nos cerca é sempre uma aparência, uma imagem que construímos para conferir-lhe sentido. A ciência o fará a partir de algumas condições; a política, de outras; a arte, enfim, de condições diversas.

Para o pensador, são todas interpretações desse mundo. Quanto mais as conhecemos, mais amplo se torna nosso conhecimento do mundo – não há por que, então, hierarquizar essas maneiras de compreender ou excluir uma em benefício de outras.

Quer saber mais?

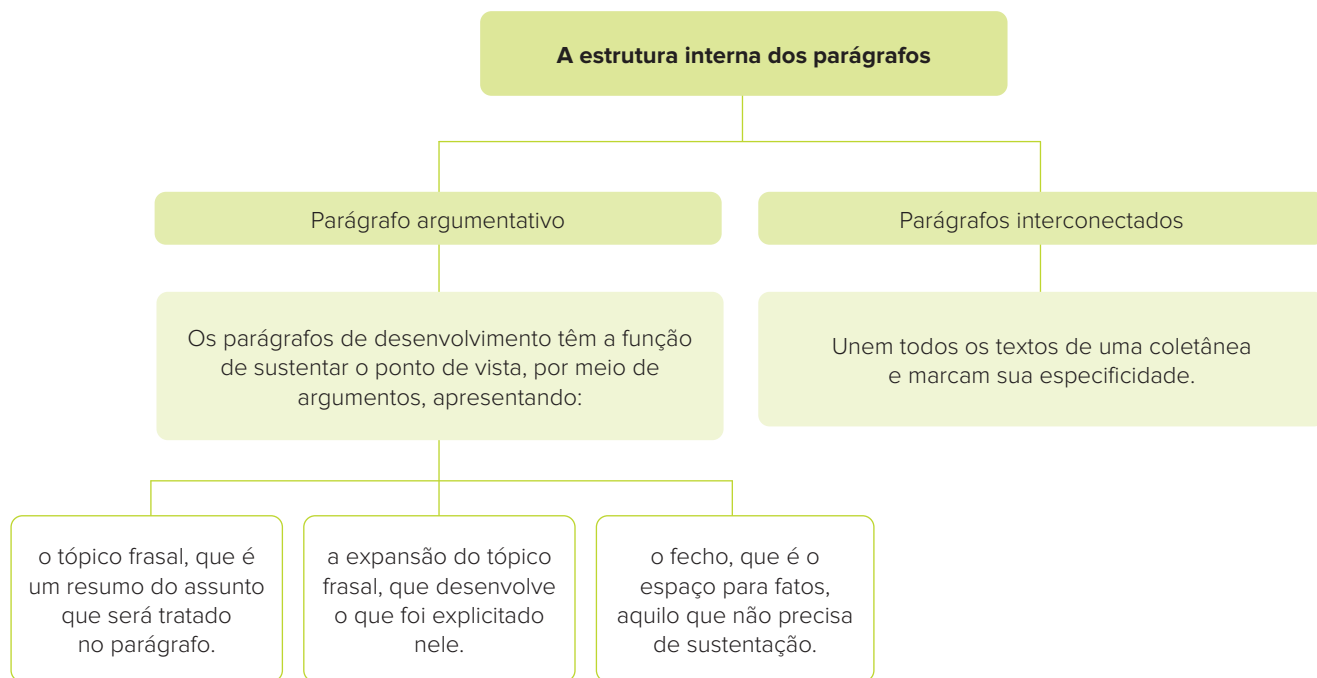


Teatro

Hamlet, de William Shakespeare. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=5346. Acesso em: 29 jun. 2022.

Nessa obra clássica, o dramaturgo inglês confere um papel central para a arte, especialmente a teatral. Por meio dela, o príncipe dinamarquês, cujo nome dá título à peça, descobre a verdade sobre a morte de seu pai.

Resumindo





FRENTE ÚNICA

CAPÍTULO

15

A reinvenção da estrutura

A caixa de papelão não dura para sempre, pois, com o tempo, pode perder a firmeza, chegando ao ponto de furar e rasgar. Nesse momento, temos a opção de jogá-la fora e deixar que se decomponha na natureza ou reciclar o papel e, com ele, construí-la novamente. Essa nova caixa proveniente da reciclagem traz algo da anterior, porém recriando-a. Da mesma forma, a partir da estrutura-padrão dos parágrafos argumentativos, que já estudamos, é possível reinventá-los.

artisteer/istockphoto.com

Outras mudanças

Já estabelecemos uma analogia com caixas de mudança, a qual norteou nossos estudos a respeito da construção dos **parágrafos argumentativos**. No entanto, como mencionado na abertura, caixas não duram para sempre e sequer são a única forma de transporte, pois uma mala, uma mochila, uma sacola ou um carrinho de feira também cumprem essa função, ou seja, as formas e os materiais utilizados na confecção são diferentes, mas têm a mesma utilidade das caixas.

Com os parágrafos acontece algo parecido. Eles nem sempre se organizam em torno da estrutura-padrão; porém, mesmo que haja uma ou outra diferença estrutural, se forem capazes de manter a função argumentativa sustentando o ponto de vista, podem ser considerados bons parágrafos.

Vamos ver alguns exemplos a seguir.

Exemplo 1

Quando o lucro é esperado, nascemos todos endividados. A ideia de se cumprir um protocolo gerado a partir do gênero, por exemplo, que impõe o que se deve ter e o que se deve ser, é quase unânime. Uma mulher malcuidada é menos feminina e todas as ferramentas de que precisa para acionar o comando “feminilidade” que, muitas vezes, é cobrado para sua inserção social, estão disponíveis em um centro de compras. O que pouco se discute é a relação de um ser humano, hoje, com seu corpo; ela pode ir além daquilo que se pode comprar. Por vezes, clamamos por dor ou por angústia – que são humanas, que criam arte, que movimentam – mas recebemos como resposta: “não estão à venda”. Clamamos por um reconhecimento de fatores femininos no próprio corpo, mas eles estão em um rímel. O centro de compras branco, iluminado, transparente e seguro vende apenas o que foi denominado como “o melhor que o mundo tem a oferecer”, renegando o “humano que o mundo tem a receber”.

Banca da Fuvest – Redação nº 16 (2013). Disponível em: http://download.uol.com.br/vestibular2/fuvest2013_melhores_redacoes/exemplo16.jpg. Acesso em: 29 jun. 2022.

Como podemos perceber, ainda que o parágrafo se inicie com um tópico frasal, a expansão se dá de maneira diferente. Aqui, a concretização da análise não vem depois de uma explicação mais abstrata: na verdade, é por meio do exemplo que se introduz essa explicação.

Notamos que, logo após o tópico, já nos é apresentado o exemplo do gênero e de sua realização ligada ao consumo de itens que garantiriam a “feminilidade”. A partir daí, a autora volta para a explicação mais abstrata, isto é, quando aborda a questão do ser humano, hoje, com seu próprio corpo, destaca uma espécie de esvaziamento, como se, para ser, fosse necessário comprar. Quando volta ao exemplo do gênero, concretiza-o mais ainda por meio da imagem do “rímel”, fazendo com que esse objeto, na reflexão, dê forma à transferência de características humanas a bens de consumo.

Vale a pena notar que, embora essa expansão se organize de maneira diferente daquela que já estudamos, ela mantém, de alguma maneira, as proporções do que é concretização e do que é explicação mais abstrata, o que chamaremos de **exemplo diluído na argumentação**.

Exemplo 2

Quando é o consumo a tônica, é-se consumidor antes de ser cidadão. Trabalhando o dia todo para, em seu descanso, poder curtir as promessas do mundo das compras, o indivíduo consumista tende a ter poucas experiências com o que não é consumo, passando, portanto, a aplicar a lógica deste ao mundo que o cerca. Acostumado a pagar por beleza, por sensualidade, por segurança, na agenda política vê-se, primordialmente, como “pagador de impostos”; como tal, aliás, é cliente e, se o cliente sempre tem a razão, vai também perdendo a habilidade de lidar com o outro em debates em que a razão é coisa a se construir coletivamente. Para esse tipo, os direitos à infraestrutura social pública cedem espaço para os “direitos do consumidor”.

Autoria de LACC

Nesse exemplo, há outro trabalho com a concretização. O parágrafo, em geral, organiza-se na estrutura-padrão, ou seja, tem tópico frasal, expansão mais abstrata e, no final, caminha para elementos que evidenciam a reflexão. Esses elementos não se remetem a um objeto ou exemplo específico, pois o autor opta por pulverizar expressões do cotidiano (“pagador de impostos”, “o cliente tem sempre razão”, “direitos do consumidor”) para conferir concretude à ideia de que a lógica do consumo se esparrama para outras esferas da vida.

Exemplo 3

Brinquedos de montar cópias da caixa; brincadeiras novas compradas em *packs* caros e já definidas pelo *marketing* das grandes empresas: a infância consumista toma do consumo a sua cara. Para vender, as empresas inventam as atrações coloridas e barulhentas; para vender para sempre, elas emudecem os gritos agudos, por um lado, e, por outro, ensurdecem para a inventividade infantil. Para brincar, é preciso comprar uma nova história, um objeto diferente. Esvai das mãos da criança, escorregadias pela gordura do salgadinho estampado com a foto do desenho animado, a responsabilidade por sua própria diversão; não mais se encontram nelas a habilidade de inventar enredos, de construir narrativas, de criar sentidos: a massinha de modelar já vem com o molde; o brinquedo de juntar peças vem com manual; o chocolate com surpresa traz a surpresa estampada do lado de fora. Quando é o desenho que é animado, a “âni^{ma}”, isto é, a alma, já não está na criança que brinca.

Autoria de LACC

Nesse exemplo, percebemos mudanças no próprio tópico frasal, que começa com uma sequência de concretizações. Dessa sequência, depois de dois-pontos, o autor apresenta uma afirmação mais abstrata que dá o tom do parágrafo: “a infância consumista toma do consumo a sua cara”, uma ideia bem parecida com aquela defendida no parágrafo do exemplo anterior. Para desenvolvê-la, depois desse tópico mais concreto, o autor recorre a uma explicação abstrata debatendo as estratégias da indústria para manter ininterruptas as vendas e, em seguida, volta a concretizar. O fechamento do parágrafo, aqui, retoma também a abstração.

Nos três exemplos analisados, podemos observar que a estrutura-padrão de um parágrafo argumentativo pode ser flexibilizada conforme as exigências do próprio texto e o estilo do autor. O que se mantém, mais ou menos invariável, são as proporções entre o que é mais abstrato e reflexivo da análise e o que a concretiza.

Entre os exemplos apresentados, não há nenhum parágrafo em que um único exemplo ocupe todo o espaço, ou seja, a descrição do fato específico não é argumentativa por si só, mas se torna à medida que concretiza uma reflexão argumentativa.

Assim, vale a pena analisar com um pouco mais de cuidado a concretização nos parágrafos do desenvolvimento.

A argumentação e a concretização

Um exemplo serve para ancorar na realidade a reflexão mais abstrata desenvolvida na argumentação. Por meio dele, percebemos que o assunto a ser defendido não trata de uma questão puramente teórica e, assim, conseguimos enxergar essa teoria ao nosso redor.

É por isso, portanto, que ele não ocupa sozinho o parágrafo argumentativo, mas compõe, com as explicações analíticas, a eficácia argumentativa.

Vamos observar o exemplo na próxima página.

Exemplo 4

A intolerância ganha força à medida que o indivíduo se fecha em seus próprios dogmas. Conforme esse sujeito se limita à convivência com uma única religião, esta, sem o contato com as outras, deixa de ser uma forma de dar sentido à existência, de dar conforto à alma, e passa a ser verdade absoluta, a qual deve ser seguida por todos. Um exemplo desse fenômeno pode ser observado na programação cristã na televisão aberta: ainda que variem as doutrinas, a frequência com que são transmitidos cultos ou missas é muito maior do que o tempo destinado a tratar de outras formas religiosas. Não é estranho, portanto, que algumas religiões se tornem o padrão e tudo o que se afasta delas não seja tolerado.

Autoria de LACC

Nesse parágrafo, podemos perceber a utilização da estrutura-padrão. Depois do tópico frasal, há uma explicação abstrata e vaga a respeito do ensimesmamento religioso, permitindo que o autor não especifique qual seria a “única religião” ou quais seriam as outras, pautando tudo nesse plano pouco específico. Em seguida, aparece a concretização por meio do exemplo da programação televisiva, sendo um caso específico em que há o fechamento em um único modelo religioso.

Observe como a estratégia de concretização muda no próximo parágrafo:

Exemplo 5

A tolerância se inviabiliza à medida que o indivíduo se fecha em seus próprios dogmas. Conforme esse sujeito se acostuma **às portas fechadas àqueles que tocam a campanha em nome de outra fé, aos mesmos deuses sendo exaltados na televisão aberta, ao chute em tudo o que vê como “macumba”**, seu mundo deixa de ser povoado por deuses e narrativas diversas e vira o reino cerrado de uma única maneira de se relacionar com o sobrenatural. A sua religião, então, sem o contato com as outras, deixa de ser uma forma de dar sentido à existência, de dar conforto à alma, e passa a ser verdade absoluta, a qual deve ser seguida por todos. Quando **o próximo a ser amado é quem já reza o mesmo terço**, a intolerância é constante.

Autoria de LACC

No parágrafo do exemplo 5, o que aparece destacado é responsável pela concretização. Podemos perceber que, em vez de se ater a um caso específico, o autor pulveriza elementos que nos permitem enxergar a realidade sobre a qual ele teoriza. Com esses elementos concretos menos detalhados, é como se o autor criasse uma paisagem, um cenário para sua reflexão. A essa estratégia daremos o nome de **evidenciação**.

Mas quando devemos detalhar mais um exemplo e quando devemos optar pelas evidências?

Na verdade, o que determina essa escolha é a forma como estamos desenvolvendo o texto, mas alguns pontos podem ajudar. Quando caracterizamos algum traço de nossa sociedade, por exemplo, trabalhar com a pulverização de algumas evidências talvez seja mais produtivo. Por outro lado, quando a proposta de redação nos pede um **ponto de vista** acerca de algo muito específico (como as declarações do ministro Taro Aso, da proposta da Fuvest de 2014), talvez seja mais interessante trabalhar esse objeto na concretização. Por fim, sendo o tema mais amplo, como o do Enem de 2015, em que se propunha a discussão acerca da violência contra a mulher, mas não se especificava a violência física ou psicológica, por exemplo, trabalhar com a evidenciação pode ser uma estratégia mais eficaz.

! Atenção

Quando o tema for específico e você utilizar o objeto em torno do qual ele orbita para concretizar a ideia, lembre-se de não o deixar como um mero exemplo. Se fôssemos escrever sobre “A programação religiosa na televisão”, mudaríamos o parágrafo apresentado no exemplo 4 para algo como o que segue:

A intolerância ganha força à medida que o indivíduo se fecha em seus próprios dogmas. Conforme esse sujeito se limita à convivência com uma única religião, esta, sem o contato com as outras, deixa de ser uma forma de dar sentido à existência, de dar conforto à alma, e passa a ser verdade absoluta, a qual deve ser seguida por todos. É isso que se observa na programação cristã na televisão aberta: ainda que variem as doutrinas, a frequência com que são transmitidos cultos ou missas é muito maior do que o tempo destinado a tratar de outras formas religiosas. Não é estranho, portanto, que algumas religiões se tornem o padrão e tudo o que se afasta delas não seja tolerado.

Autoria de LACC

Note que o trecho grifado tira de cena a expressão “um exemplo disso pode ser observado”. O tema não é exemplo no texto, mas seu foco central.

Revisando

1. A seguir, são apresentadas algumas afirmações bem vagas e abstratas. Para cada uma delas, elabore uma lista com expressões cotidianas, objetos, *slogans* de propagandas, trechos de músicas, atitudes etc., com indícios dessas frases pensando na evidenciação.
 - a) Atrémos a objetos de consumo nossa realização subjetiva.
 - b) O homem contemporâneo se reconhece apenas na produtividade.
 - c) Em nossa cultura, a mulher é inferiorizada.
2. Nos parágrafos a seguir, o exemplo ocupa um espaço muito grande, tornando-os expositivos. Reescreva-os optando, em um deles, pela evidenciação e, no outro, pelo exemplo diluído.
 - a) Quando é o consumo que sustenta o sistema, ele deve se manter ininterrupto. A Coca-Cola, por exemplo, para se manter vendendo incessantemente seu produto, não pode oferecer nas propagandas o xarope gaseificado produzido a partir da folha de coca. Ela precisa, nesse sentido, atribuir a seu produto a “felicidade”, que é aberta quando se abre cada garrafa.

Autoria de LACC
 - b) Se impera a produtividade, quem não produz não tem espaço. Taro Aso, ministro japonês das finanças, afirmou em declarações recentes que os idosos deveriam “apressar-se a morrer”. Segundo ele, os mais velhos, por não produzirem mais riquezas, acabam apenas dando prejuízo, pois utilizam-se do sistema público de saúde e de outros serviços sem que continuem contribuindo para a manutenção destes. Essas falas refletem a forma de pensar atrelada à necessidade produtiva.

Autoria de LACC

Redação proposta

- Unesp 2019
Texto 1



(Quino. *Amigos para a vida!*, 2015.)

Texto 2



(André Dahmer. *Quadrinhos dos anos 10*, 2016.)

Texto 3

Ao shopping center

Pelos teus círculos
vagamos sem rumo
nós almas penadas
do mundo do consumo.

De elevador ao céu
pela escada ao inferno:
os extremos se tocam
no castigo eterno.

Cada loja é um novo
prego em nossa cruz.
Por mais que comprems
estamos sempre nus

nós que por teus círculos
vagamos sem perdão
à espera (até quando?)
da Grande Liquidação.

(José Paulo Paes. *Prosas seguidas de Odes mínimas*, 1992.)

Texto 4

Nós somos consumidores agora, consumidores em primeiro lugar e acima de tudo. Para todas as dificuldades com que nos deparamos no caminho trilhado para nos afastar dos problemas e nos aproximar da satisfação, nós buscamos as soluções nas lojas. Do berço ao túmulo, somos educados e treinados a tratar as lojas como farmácias repletas de remédios para curar ou pelo menos mitigar todas as doenças e aflições de nossas vidas particulares e de nossas vidas em comum. Comprar por impulso e se livrar de bens que já não são atraentes, substituindo-os por outros mais vistosos, são nossas emoções mais estimulantes. Completude de consumidor significa completude na vida.

(Zygmunt Bauman. *A riqueza de poucos beneficia todos nós?*, 2015. Adaptado.)

Com base nos textos apresentados e em seus próprios conhecimentos, escreva uma dissertação, empregando a norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema: **Compro, logo existo?**

Texto complementar

No fundo, estamos sempre a educar para um mundo que já está, ou está a ficar, fora dos seus gonzos. Esta é a situação básica do homem. O mundo é criado por mãos humanas para servir de casa aos humanos durante um tempo muito limitado. Porque o mundo é feito por mortais, ele é perecível. Porque os seus habitantes estão continuamente a mudar, o mundo corre o risco de se tornar tão mortal como eles. Para preservar o mundo contra a mortalidade dos seus criadores e habitantes, é necessário constantemente restabelecê-lo de novo. O problema é saber como educar de forma a que essa recolocação continue a ser possível, ainda que, de forma absoluta, nunca possa ser assegurada. A nossa esperança reside sempre na novidade que cada nova geração traz consigo. Mas, precisamente porque só nisso podemos basear a nossa esperança, destruímos tudo se tentarmos controlar o novo que nós, os velhos, pretendemos desse modo decidir como deverá ser. É justamente para preservar o que é novo e revolucionário em cada criança que a educação deve ser conservadora. Ela deve proteger a novidade e introduzi-la como uma coisa nova num mundo velho, mundo que, por mais revolucionárias que sejam as suas ações, do ponto de vista da geração seguinte, é sempre demasiado velho e está sempre demasiado próximo da destruição.

ARENDR, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. Tradução de Mauro Barbosa. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.

Nesse trecho extraído de um ensaio da filósofa alemã Hannah Arendt, a pensadora apresenta a escola com função de resguardar a novidade trazida pela criança a um mundo já demasiado velho. Esse mundo, tão habituado às suas práticas de sempre, às suas formas de pensar, de fazer e de consumir, não tem mais chance de mudar pelas mãos dos adultos, que já se adaptaram à realidade tal qual ela se apresenta e costumam a acreditar que ela não precisa ser assim.

É nas crianças, ainda inexperientes nessa forma de vida, que reside qualquer possibilidade de transformação radical e, por isso, é preciso, segundo Arendt, preservar essa novidade que elas trazem em si, não as expondo excessivamente cedo a esse mundo caduco que as espera.

Quer saber mais?



Filmes

Muito além do peso. Direção: Estela Renner. 2012. Classificação indicativa: livre.

O filme aborda a relação das crianças com a alimentação e com as propagandas que se atrelam à comida.

Tarja branca. Direção: Estela Renner. 2014. Classificação indicativa: livre

O documentário discute a brincadeira como formade educação.

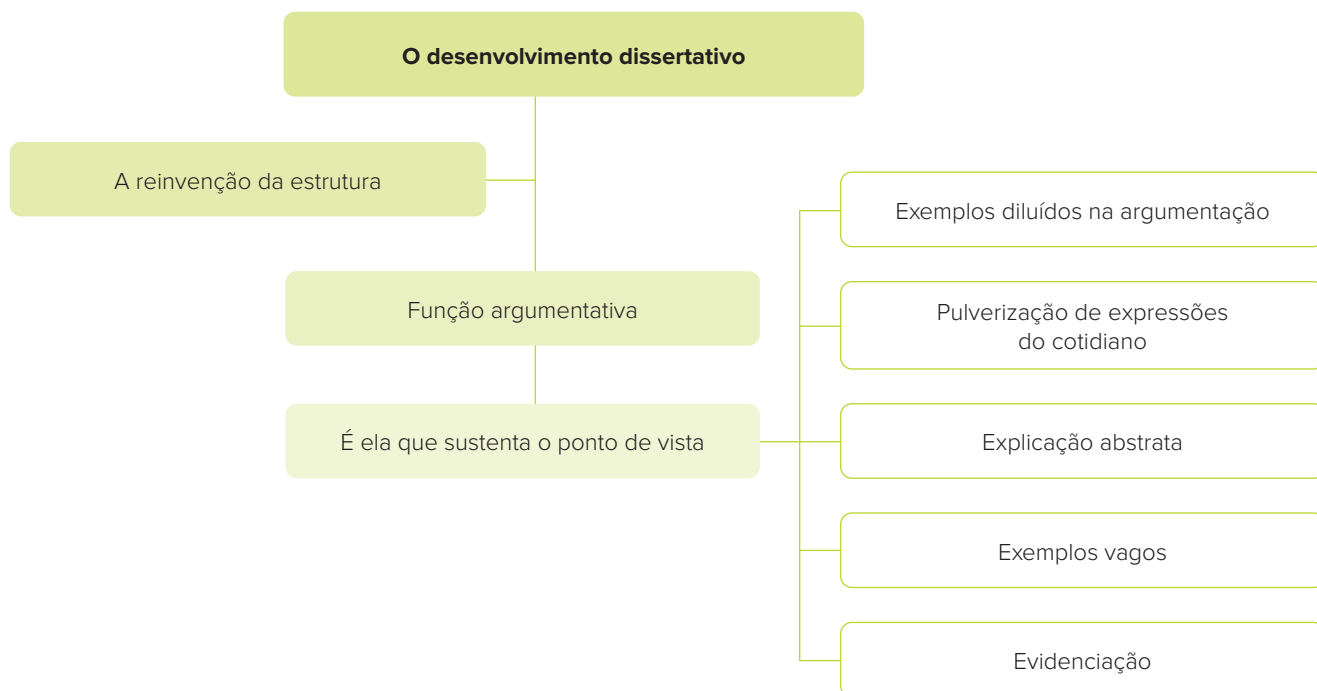


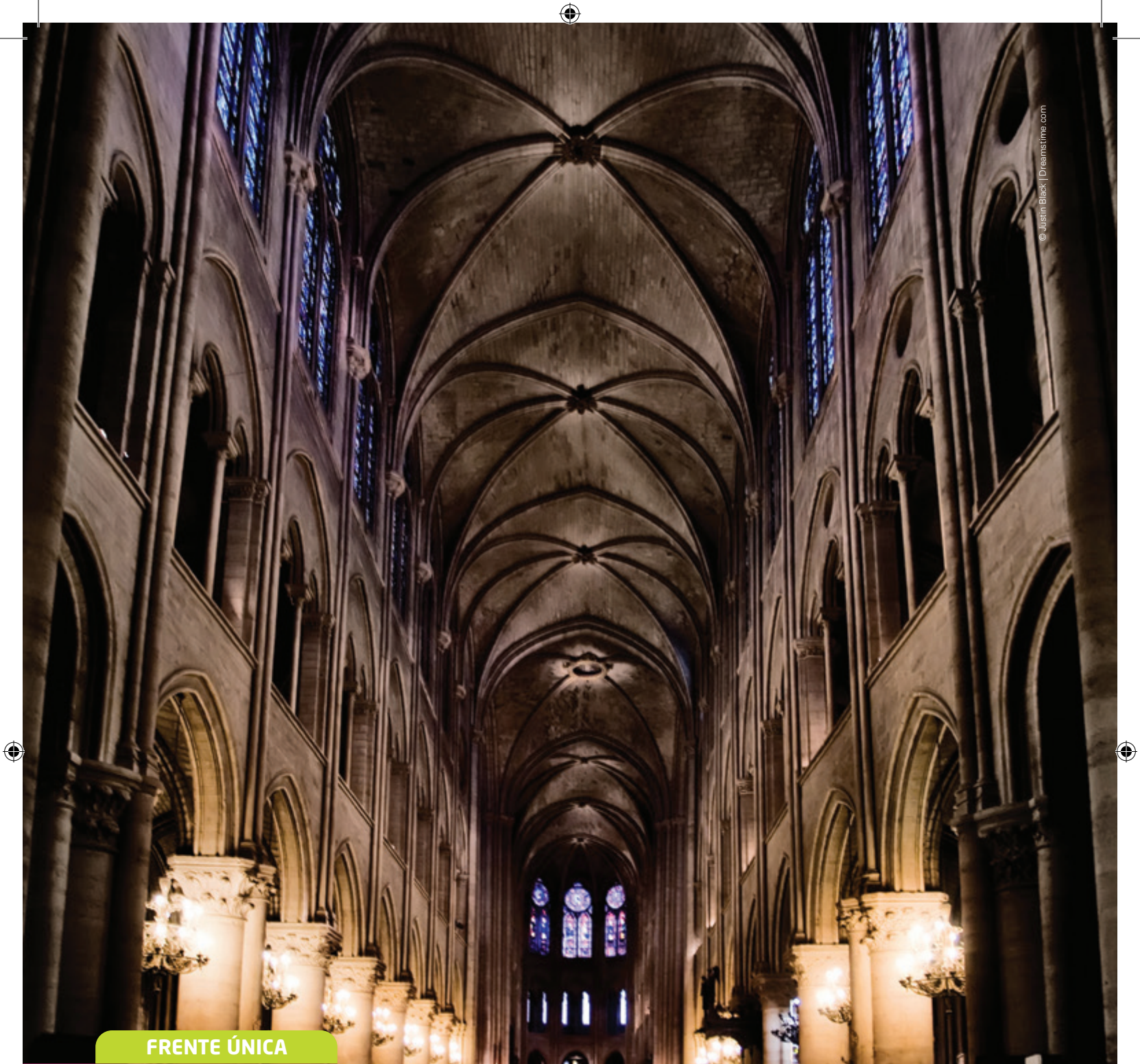
Artigo

Herodes, o ogro... E a carabina de Miss Cooper: a Educação como refúgio (para a infância e para o mundo), de Jorge Larrosa. Disponível em: www.filoeduc.org/trabalhos_2014/TR1094.pdf. Acesso em: 29 jun. 2022.

Nesse artigo apresentado em um colóquio na Uerj, em 2014, o autor espanhol Jorge Larrosa trata da preservação da novidade de cada criança e das estratégias para se mantê-la ainda hoje.

Resumindo





© Justin Black | Dreamstime.com

FRENTE ÚNICA

CAPÍTULO

16

Propostas baseadas em textos verbo-visuais

As catedrais góticas eram construídas de forma a provocar sensações que levassem a pessoa a refletir sobre si mesma em relação ao mundo. Nossa dimensão diminuta frente à grandeza do edifício deixa clara a mensagem de que o ser humano não é nada diante do poder divino.

Nesse cenário, dispensam-se as palavras, pois se leem os elementos, a disposição dos objetos, as cores e os tamanhos, que falam por si sós.

Ler o que não está escrito

Nem sempre as propostas apresentadas nos vestibulares trazem somente textos verbais. Há vezes em que as palavras nem mesmo aparecem.

Em 2013, a proposta da Fuvest apresentava, como texto de apoio, apenas uma propaganda, e é isso que analisaremos.



Essa é a reprodução (aqui, sem as marcas normais dos anunciantes, que foram substituídas por “X”) de um anúncio publicitário real, retirado de uma revista publicada no ano de 2012.

Como toda mensagem, esse anúncio, formado pela relação entre imagem e texto, carrega pressupostos e implicações: se o observarmos bem, veremos que ele expressa uma determinada mentalidade, projeta uma dada visão de mundo, manifesta uma certa escolha de valores e assim por diante.

Redija uma dissertação em prosa, na qual você interprete e discuta a mensagem contida nesse anúncio, considerando os aspectos mencionados no parágrafo anterior e, se quiser, também outros aspectos que julgue relevantes. Procure argumentar de modo a deixar claro seu ponto de vista sobre o assunto.

Instruções:

- A redação deve obedecer à norma-padrão da língua portuguesa.
- Escreva, no mínimo, 20 e, no máximo, 30 linhas, com letra legível.
- Dê um título à sua redação.

A proposta

O texto da proposta deixa claro que é importante pensar não apenas na imagem em si, mas no que ela revela sobre o sujeito que a produz. Afinal, o anúncio publicitário expressa a visão de mundo e a escolha de valores que refletem os interesses do anunciante.

A mensagem, no canto inferior direito, indica alguns aspectos dessa mentalidade ao associar “o melhor que o mundo tem a oferecer” por meio das possibilidades ofertadas pelo cartão de crédito X com a imagem do interior de um *shopping*, o que reforça o pensamento de que o melhor do mundo está ligado ao que se pode comprar.

De fato, não parece um enunciado isolado. Em nossa cultura, a ideia de que o pago é melhor que o gratuito ou de que o caro é melhor que o barato está presente com uma força incontestável. Mas como naturalizamos esse processo? Como nos inserimos nele?

Para responder a essas questões, é necessário observar os detalhes trazidos na fotografia da proposta.



O interior × o exterior

Observe que a foto escolhida para compor o anúncio retrata o interior do *shopping*, e, dessa maneira, não há a opção de observar o lado de fora do centro de compras, pois ele ocupa toda a extensão da imagem.

Quando focalizamos apenas um recorte das coisas e do mundo, é mais difícil perceber que essas coisas e esse mundo talvez sejam maiores do que o recorte. Ao limitar a atenção a uma parte, torna-se complicado ter dimensão do todo; logo, temos dificuldade para entender que há mais a ser visto além desses fragmentos.

Talvez esse tenha sido o efeito pensado para essa foto, pois, se nos fosse dada a visão do lado de fora do *shopping*, reconheceríamos que o que podemos aproveitar “com o cartão de crédito X” é apenas uma parte do mundo, que está ligada aos bens de consumo. Além dela, há outra parte que nem sempre exige os mecanismos de pagamento para ser aproveitada.

A escolha da fotografia não foi feita ao acaso. Se pensarmos na existência dentro da nossa cultura, talvez seja difícil imaginar o que não está inserido nessa lógica de consumo, pois pagamos para nascer, viver e morrer. Nossas relações afetivas tampouco ficam de fora, uma vez que a escola ou o bairro onde fazemos amigos implicam determinadas condições financeiras. Assim, como pensar em nós mesmos senão nos ligando, de alguma forma, ao mundo do consumo? Essa dúvida, surgida a partir da observação de um aspecto não verbal do anúncio publicitário, poderia dar origem, por exemplo, à tese indicada na página a seguir.

Tese 1

Quando o mundo do consumo está por todos os lados, ele tende a ser visto como o único possível. O efeito disso é não conseguirmos mais nos perceber e pensar senão partir de sua lógica.

Note que outros elementos visuais comprovam esse ponto de vista, como as escadas rolantes, que dão a sensação de que é possível subir e descer no interior do espaço, mas sem sair dele.

Corroborando essa ideia, podemos observar que o *shopping* é um espaço climatizado e iluminado de uma mesma forma o dia inteiro, construindo, assim, uma realidade interna própria, distinta da que existe no exterior. Quanto mais tempo passamos dentro dessa realidade paralela, menores as chances de a percebermos como uma dentre outras, já que ela não estabelece vínculo algum com essas outras realidades.

A disposição arquitetônica do interior

Observe que o interior do *shopping* apresentado na imagem possui um grande vão central em torno do qual orbitam patamares de onde, aparentemente, pode-se ver tudo. Além disso, há a claridade, a limpeza e a transparência que parecem comprovar essa visão global.

© Pavel Losevsky | Dreamstime.com



Nesse cenário, se um indivíduo fizer qualquer ação fora do esperado, ele será observado, notado. Dessa forma, não causaria estranhamento se, inibido por essa sensação de vigilância, ele passasse a se comportar conforme as regras do lugar.

E quais são as regras ou as expectativas dentro de um *shopping center*?

Novamente, tomando como ponto de partida a reflexão a respeito de um traço da imagem, podemos propor, como tese, algo como o exemplo a seguir.

Tese 2

No interior do mundo do consumo, só há um comportamento possível: o de consumir. Portanto, aqueles que se afastam dessa lógica passam a ser excluídos e marginalizados.

Um exemplo real da tese 2 pôde ser notado em 2014, quando aconteceram diversos “rolezinhos” em *shopping centers*. Na ocasião, debateu-se a exclusão daqueles que não se enquadravam nos comportamentos habituais do espaço.

Nessa mesma linha, se analisarmos a marginalização nos casos em que determinadas pessoas são barradas em algumas lojas ou retiradas delas, também encontraremos exemplos para legitimar essa tese.

Para enriquecer a discussão, é interessante pensar naqueles que, por uma razão ou outra, optam pelo não consumo ou, ao menos, por um consumo diferente do representado na fotografia. Por exemplo:

- Como se reage ao morador de rua em um *shopping center*?
- Como o senso comum se porta diante daqueles que levam uma vida alternativa?

Saiba mais

Suspeito de 'rolezinho'



Os chamados “rolezinhos” foram encontros marcados por jovens por meio das redes sociais em determinados espaços.

Em 2014, quando se começou a propor a realização desses encontros no interior de *shopping centers*, as reuniões criaram polêmicas.

A fisionomia das pessoas

© Alexandr Bazhanov | Dreamstime.com



Na foto da proposta de redação, não é possível identificar com exatidão a fisionomia de cada um dos indivíduos fotografados. Também não podemos perceber suas características pessoais nem depreender se estão felizes, tristes, angustiados. O único traço que podemos observar é que são frequentadores do centro de compras.

A partir daí, é fácil expandir o seguinte raciocínio: em nossa cultura, não é estranho nos identificarmos como consumidores, antes de tudo. Transferimos nossas características a bens materiais dispostos em vitrines. Assim, quando queremos beleza, compramos maquiagem; quando queremos elegância, compramos uma roupa que a expresse; quando queremos sensualidade, compramos um perfume, por exemplo. De forma geral, nesse modelo de vida, é importante que reconheçamos essas características em produtos, pois isso nos leva a consumi-los para, então, possuímos essas características também.

Essa falta que sentimos em nós mesmos não se mostra irrelevante ou desnecessária, pois é preenchida por objetos de consumo. Parece que, quanto mais nos sentimos frustrados conosco, mais consumimos aquilo que, supostamente, suprirá essa carência. Esses questionamentos podem ser usados na tese a seguir.

Tese 3

O mundo de consumo atrela a realização individual a seus produtos. O efeito disso é que a frustração consigo mesmo seja a pedra de toque da existência das pessoas nesse sistema.

Ora, mas esses produtos, em sua maioria, são feitos em série. Assim, aqueles que creem que a beleza está em um batom feito em uma linha de produção tenderão a formar a mesma ideia sobre o que é a beleza; aqueles para quem o *sex-appeal* está em ter um carro tenderão a padronizar esse *sex-appeal* às formas desse objeto. Desse ponto, mais uma tese poderia ser sugerida.

Tese 4

Quando a realização pessoal está em objetos produzidos em série, a realização também se padroniza. Nesse sentido, passamos a não ser mais do que manequins uniformizados.

O tamanho das pessoas e o tamanho do *shopping*



© Flang | Dreamstime.com

Seria possível que o anúncio publicitário selecionasse uma foto em que o destaque fosse dado aos frequentadores do espaço, e não ao tamanho do *shopping*, mas não foi essa a escolha. Quando observamos a imagem, o que vemos são indivíduos sem fisionomia em um espaço que parece sobrepor-se a eles.

Podemos fazer os seguintes questionamentos:

- Alguém seria capaz de mudar esse *shopping* sozinho?
- Também de forma individual, alguém se sente capaz de inventar uma forma de vida alheia à proposta pelo mundo de consumo em que vivemos?

Aparentemente, o mais comum é que esses sujeitos rareiem. Esse mundo parece funcionar sozinho, independentemente de nossas escolhas diárias ou hábitos cotidianos, e, porque acreditamos nisso, esses hábitos realimentam a estrutura que os produz.

Nesse sentido, muitas vezes, ainda que saibamos das condições análogas à escravidão em que vivem as costureiras que trabalham na confecção de uma determinada marca de roupa, continuamos a comprar em suas lojas; ainda que conheçamos a poluição engendrada pela indústria, continuamos a consumir seus produtos; ainda que tenhamos ouvido falar sobre as condições dos abatedouros de animais utilizados por certas redes alimentícias, nutrimo-nos com seus pratos e lanches. A partir dessas reflexões, vamos observar a tese a seguir.

Tese 5

Dada a imponentia do mundo de consumo, o sujeito contemporâneo tende a se sentir cada vez mais impotente. Quanto mais se sente assim, mais realimenta a estrutura que, muitas vezes, critica.

Ainda que não seja por meio de textos escritos e detalhados, as imagens nos contam diversos aspectos a respeito dos temas. Observá-las com atenção é essencial para fugir ao senso comum, bem como elaborar teses diversas e construir argumentações sólidas.

! Atenção

Sempre que notar algum aspecto de nossa cultura em um traço de uma fotografia ou imagem, procure pensar em exemplos de nossa sociedade que confirmem aquilo sobre o que você refletiu. Concretizar a ideia é essencial para prová-la ao leitor.

Revisando

- Para cada uma das fotos apresentadas a seguir, identifique e escreva alguns aspectos que possam remeter a características sociais. Depois disso, formule, a partir deles, uma tese para uma possível proposta de redação.

Imagem I



Imagem II



Redação proposta

- **Enem 2019**
Texto 1

No dia da primeira exibição pública de cinema — 28 de dezembro de 1895, em Paris, um homem de teatro que trabalhava com mágicas, Georges Méliès, foi falar com Lumière, um dos inventores do cinema; queria adquirir um aparelho, e Lumière desencorajou-o, disse-lhe que o “Cinematógrafo” não tinha o menor futuro como espetáculo, era um instrumento científico para reproduzir o movimento e só poderia servir para pesquisas. Mesmo que o público, no início, se divertisse com ele, seria uma novidade de vida breve, logo cansaria. Lumière enganou-se. Como essa estranha máquina de austeros cientistas virou uma máquina de contar histórias para enormes plateias, de geração em geração, durante já quase um século?

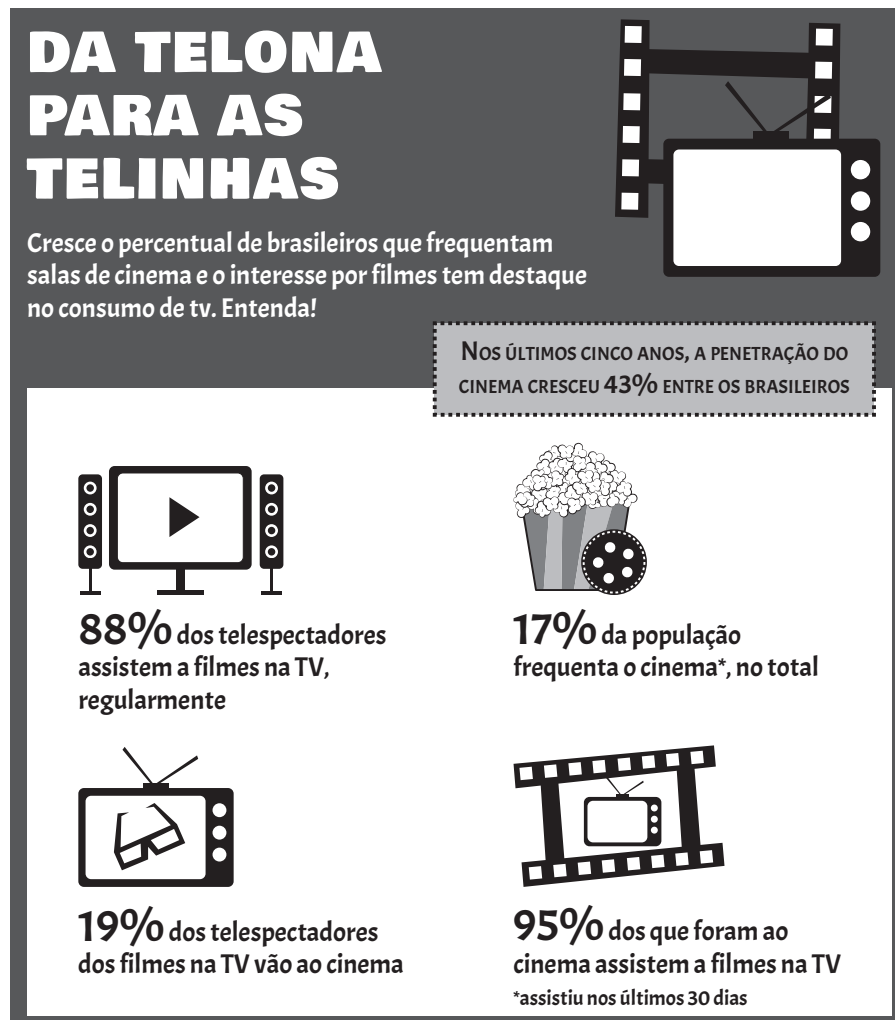
BERNARDET, Jean-Claude. O que é Cinema. In BERNARDET, Jean-Claude; ROSSI, Clóvis. *O que é Jornalismo, O que é Editora, O que é Cinema*. São Paulo: Brasiliense, 1993

Texto 2

Edgar Morin define o cinema como uma máquina que registra a existência e a restitui como tal, porém levando em consideração o indivíduo, ou seja, o cinema seria um meio de transpor para a tela o universo pessoal, solicitando a participação do espectador.

GUTFREIND, C. F. O filme e a representação do real. *E-Compós*, v. 6, 11, 2006 (adaptado)

Texto 3



Disponível em: www.meioemensagem.com. Acesso em: 12 jun. 2019 (adaptado).

Texto 4

O Brasil já teve um parque exibidor vigoroso e descentralizado: quase 3 300 salas em 1975, uma para cada 30 000 habitantes, 80% em cidades do interior. Desde então, o país mudou. Quase 120 milhões de pessoas a mais passaram a viver nas cidades. A urbanização acelerada, a falta de investimentos em infraestrutura urbana, a baixa capitalização das empresas exibidoras, as mudanças tecnológicas, entre outros fatores, alteraram a geografia do cinema. Em 1997, chegamos a pouco mais de 1 000 salas. Com a expansão dos *shopping centers*, a atividade de exibição se reorganizou. O número de cinemas duplicou, até chegar às atuais 2 200 salas. Esse crescimento, porém, além de insuficiente (o Brasil é apenas o 60º país na relação habitantes por sala), ocorreu de forma concentrada. Foram privilegiadas as áreas de renda mais alta das grandes cidades. Populações inteiras foram excluídas do universo do cinema ou continuam mal atendidas: o Norte e o Nordeste, as periferias urbanas, as cidades pequenas e médias do interior.

Disponível em: <https://cinemapertodevoce.ancine.gov.br>. Acesso em: 13 jun. 2019 (fragmento).

PROPOSTA DE REDAÇÃO

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema “Democratização do acesso ao cinema no Brasil”, apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

Texto complementar

Como texto complementar, trabalharemos com uma redação divulgada entre as melhores da Fuvest de 2013. Focalizaremos nossa análise nas referências presentes no texto que, de alguma forma, possam nos encaminhar para a interpretação da imagem da proposta.

A Atenção: Leia atentamente as instruções do caderno de questões antes de preencher essa folha. **B**

01 A difícil tarefa de ser

02

03 Tyler Durden, concretização de uma série de desejos secretos e de frustrações do per-

04 sonagem principal de "O Clube da Luta", abre uma discussão acerca do ser e do sentir

05 numa era em que o consumo é imperativo. O filme, baseado no livro homônimo, le-

06 vantou polêmicas ao retratar um indivíduo desconectado de sua identidade que bus-

07 cou satisfazer no consumo suas faltas. Esse consumo, no entanto, não evitou a criação de

08 Durden por camadas mais profundas de sua mente, não evitou a criação de um rapaz pla-

09 namente consciente de suas vontades e de seu corpo. O longa metragem aponta a metáfora: vive-

10 mos sufocando Tyler Durden, aquele que sabe quem é e o que quer, já que há uma i-

11 deologia circundante pregando que tudo aquilo^{de} que precisamos ou que queremos está à

12 venda e que, se está à venda, é uma necessidade ou um desejo.

13 Quando o lucro é esperado, nascemos todos endividados. A ideia de se cumprir um pro-

14 tocolo gerado a partir do gênero, por exemplo, que impõe o que se deve ter e o que se deve

15 ser, é quase unânime. Uma mulher mal cuidada é menos feminina e todas as ferramen-

16 tas de que precisa para acionar o comando "feminilidade", que muitas vezes é cobrado

17 para sua inserção social, estão disponíveis num centro de compras. O que pouco se discute é

18 a relação de um ser humano, hoje, com seu corpo; ela pode ir além daquilo que se pode com-

19 prar. O Tyler Durden social por vezes clama por dor ou por angústia – que são humanas, que criam

20 arte, que movem movimentam – mas recebe como resposta: "não estão à venda". Clama por um reconheci-

21 mento de fatores femininos no próprio corpo, mas eles estão em um rímel. O centro de com-

22 pras branco, iluminado, transparente e seguro vende apenas o que foi denominado como "o melhor

23 que o mundo tem a oferecer", renegando "o humano que o mundo tem a reater".

24 É nesse ínterim que acontece uma uniformização. Não se consegue discutir escolha de

25 valores porque ela não mais existe. Existe sim uma pequena gama de valores à venda e to-

26 dos os desejos acabam por ela limitados. Desejos já dados como naturais e confirmados

27 como naturais sob o argumento de que a maioria está desejando a mesma coisa; inadequado

28 é aquele que não adequa seu desejo ao que oferecido.

29 Difícil, pois, se torna distinguir o que é corpóreo e humano do que é parte

30 da dívida a que fomos expostos. Difícil seria separar Tyler Durden da mente

31 que o criou. Difícil para a ser, para a maioria dos inseridos na engrena-

32 gem capitalista, reconhecer um desejo que não tenha sido criado e que não

33 esteja à venda.

34 **D** **C**

Fuvest 2013

Inicialmente, podemos perceber que a redação se organiza em torno de uma tese relativamente parecida com a tese 3, estudada durante o capítulo, ou seja, é como se calássemos nossas particularidades para aderirmos ao "melhor que o mundo tem a oferecer com o cartão de crédito X".

Para dar-lhe forma, no entanto, a pessoa que escreveu recorre a uma referência própria na qual percebe o mesmo fenômeno. Na descrição que ela faz dos personagens do filme *Clube da Luta*, há também a oposição entre o que somos ou poderíamos ser e a artificialidade do mundo de consumo.

Já no D1 do texto, outros trechos parecem dialogar com percepções a respeito da imagem. O exemplo de o gênero estar mais ligado a alguns produtos compráveis estabelece uma ponte clara com nosso estudo acerca da transferência da subjetividade para os objetos de consumo. Conforme vimos, ao nos esvaziarmos de nossas subjetividades, acabamos por transferi-las aos bens dispostos na vitrine, como o rímel descrito no texto.

Ainda nesse parágrafo, é possível notarmos que foram levadas em consideração a limpeza, a claridade e a cor observadas na imagem da proposta. Em seu texto, isso não foi interpretado como uma maneira de facilitar a observação mútua, mas como aspectos que reforçam a polarização entre a artificialidade oferecida no *shopping* e uma humanidade mais orgânica, sufocada pela atmosfera consumista.

No D2, mais uma vez, parece haver um diálogo com a fotografia. No começo do parágrafo, há uma discussão a respeito da uniformização que tal sistema acarreta. Ao final, dessa padronização decorre a inadaptação daqueles que, por algum motivo, não se acomodam ao desejo dado como sendo da maioria – aqui, talvez, a sensação de que se deve seguir o padrão e adequar-se às expectativas do todo também seja oriunda da observação da disposição do interior do espaço na foto.

Como podemos notar, a fotografia encerra em si uma série de percepções possíveis, as quais nem sempre serão trabalhadas isoladamente. Em um texto real, elas tendem a se misturar e se complementar. O resultado é um texto como “A difícil tarefa de ser”.

Texto elaborado para fins didáticos.

Quer saber mais?



Filmes

Hiato. Direção: Vladimir Seixas. 2008. Classificação indicativa: 12 anos.

Esse documentário registra uma ocupação de pessoas pobres em um *shopping* da zona sul do Rio de Janeiro. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=UHJmUPeDYdg. Acesso em: 30 jun. 2022.

Amor por contrato. Direção: Derrick Borte. 2009. Classificação indicativa: 14 anos.

No longa-metragem, é apresentada uma família que tem como profissão vender um estilo de vida e os objetos que o tornam possível. É um desencadeador interessante para pensar o esvaziamento subjetivo em uma cultura como a nossa.

Resumindo

Propostas baseadas em textos verbo-visuais

É preciso **ler** o que não está escrito.

É importante pensar não apenas na **imagem** em si, mas no que ela **revela sobre o mundo** que a produz.

Sempre é possível depreender elementos que revelem a mentalidade e o conjunto de valores que a mensagem transmite.

Ao observar a imagem, fuja ao senso comum e construa argumentações sólidas.

Tome como ponto de partida a reflexão a respeito de um traço da imagem e proponha a tese.



FRENTE ÚNICA

CAPÍTULO

17

Análise de textos: a evolução argumentativa

A lagarta deve voltar-se a si mesma, fechar-se em seu próprio casulo e esperar para se tornar uma borboleta, não sendo possível voar sem antes respeitar as etapas necessárias até essa fase.

A argumentação também não surge do nada. Ela demanda tempo, reflexão, desconstrução e reconstrução de certezas que, de alguma maneira, nos envolvem como carapaças, a fim de apresentá-las para defender nosso ponto de vista.

As fases argumentativas



© Stevenrussellsmithphotos | Dreamstime.com

Para argumentar de maneira consistente, é preciso sair um pouco do casulo. Criamos nossa forma de pensar o mundo a partir das referências com que temos contato e, enquanto essa maneira não é questionada ou colocada perante outros entendimentos, tendemos a tomá-la como natural, como sendo a própria realidade. Quando nos deparamos com algo que não havíamos pensado anteriormente, temos uma oportunidade dupla: ao mesmo tempo que o absoluto dá lugar a um painel mais complexo e colorido da realidade, podemos também rever o que nos levou a pensar de tal forma, isto é, quais explicações temos para sustentar, para nós mesmos, o que afirmamos. Em outras palavras, para que o argumento nasça, é preciso repensar ideias, questionando as certezas que, em algum momento, tornaram-se automáticas, naturais, e reconstruir o percurso do pensamento.

Vamos analisar três redações para compreender como se dá essa evolução argumentativa. Por trabalharem com linguagem e estruturação mais ou menos equivalentes, as dissertações nos permitem focalizar o trabalho argumentativo. Todas elas foram escritas a partir da proposta: **Corrupção no Congresso Nacional: reflexo da sociedade brasileira?**

Texto 1

Sobre reflexos e uma árvore cada vez maior

Segundo o dicionário Houaiss de Língua Portuguesa, os primeiros sentidos de “corrupção” dizem respeito à decomposição de algo, à adulteração das características originais de alguma coisa. No campo político, então, isso implicaria que pessoas honestas e responsáveis pelas questões públicas, ao assumirem seus cargos eletivos, teriam essas intenções iniciais deterioradas.

Observando o cenário brasileiro, porém, não parece ser esse o caminho, pois, de uma forma geral, por naturalizarmos a sobreposição dos interesses particulares aos coletivos, a corrupção parece apenas um reflexo de uma prática mais incrustada. Os efeitos dessa dinâmica é que os atos ilícitos de congressistas perdurem¹.

1. A introdução atende satisfatoriamente o que foi solicitado na proposta. Há uma contextualização que recorre ao verbete do dicionário para apresentar o que se entende por “corrupção” e uma tese eficaz, que responde à pergunta feita na proposta. Para o autor, a corrupção no congresso é reflexo da sociedade brasileira.

Segundo a Organização Transparência, os números em relação aos casos de corrupção no Brasil são alarmantes. De acordo com os dados, 32% dos deputados e senadores atuantes no Congresso Nacional em 2014 já haviam sido condenados não só por fraudes e desvios, mas também por crimes cometidos fora do âmbito político, como homicídios e exploração de trabalho degradante. Não é à toa, então, que as notícias envolvendo políticos com crimes tomem as páginas dos noticiários. Talvez, por essa razão, em pesquisa feita pelo Fórum Econômico Mundial, o Brasil apareça como o quarto país mais corrupto do mundo².

2. O parágrafo inteiro é expositivo, indicando que o autor não se posiciona em praticamente nenhum trecho (salvo o primeiro período, em que classifica como “alarmantes” os casos de corrupção no Brasil). Quando lemos o parágrafo, somos colocados diante de uma série de informações e dados que não podemos contestar por não termos conhecimento sobre suas fontes. Um ponto positivo, porém, é que o autor não se limitou ao que estava na coletânea e revela ter procurado mais aspectos do tema para compor seu texto.

Isso ocorre porque a sociedade brasileira é corrupta também³. De certa maneira, os brasileiros, em seu dia a dia, cometem atos que poderiam ser categorizados como corruptos também³. Essa corrupção do cotidiano é, de alguma forma, causadora do comportamento à margem da lei de alguns políticos que acompanhamos diariamente nos noticiários³.

Exemplo disso são as denúncias divulgadas quase todos os dias a respeito de delações envolvendo representantes eleitos de praticamente todos os partidos no poder⁴.

Sendo assim, a corrupção no Congresso Nacional não surge a partir do nada. Ela tem suas raízes muito aprofundadas na sociedade brasileira – e, enquanto o corte não se der na raiz, os atos ilícitos em detrimento do interesse público continuarão a crescer e a dar frutos⁵.

3. Nota-se que o autor não desenvolve o raciocínio. As três primeiras sentenças do parágrafo, com palavras diferentes, fazem a mesma afirmação, ou seja, não há expansão argumentativa.

4. Há um trabalho insatisfatório com a exemplificação. Perceba que, aparentemente, a ideia mais importante do parágrafo é a de que a sociedade brasileira também é corrupta. Concretiza-se, porém, que há denúncias de corrupção sendo feitas pelos órgãos midiáticos – algo que uma breve observação do que nos cerca já comprovaria. Lembre-se, portanto, de que a concretização não é, simplesmente, uma obrigação do texto, mas uma estratégia argumentativa, o que significa que deve ser bem pensada para garantir sua eficácia.

5. A conclusão é pertinente, recuperando o que havia sido trabalhado na tese e confirmando-a.

Autoria de LACC

! Atenção

É muito comum ficar em dúvida sobre procurar ou não mais informações e ideias quanto ao tema antes de escrever uma redação, afinal, no dia do vestibular, essa opção não existirá. A sugestão é que você procure e anote aquilo que achar interessante. Essa prática ajudará na formação de um repertório que poderá auxiliá-lo nos dias de prova.

Sobre reflexos e uma árvore cada vez maior

Segundo o dicionário Houaiss de Língua Portuguesa, os primeiros sentidos de “corrupção” dizem respeito à decomposição de algo, à adulteração das características originais de alguma coisa. No campo político, então, isso implicaria que pessoas honestas e responsáveis pelas questões públicas, ao assumirem seus cargos eletivos, teriam essas intenções iniciais deterioradas. Observando o cenário brasileiro, porém, não parece ser esse o caminho: de uma forma geral, por naturalizarmos a sobreposição dos interesses particulares aos coletivos, a corrupção parece apenas um reflexo de uma prática mais incrustada. Os efeitos dessa dinâmica é que os atos ilícitos de congressistas perdurem¹.

1. Nesta primeira tentativa de reconstrução do texto, o autor aposta na mesma introdução – lembre-se de que ela já estava boa. Nesta redação, porém, há um problema que costuma aparecer em diversos textos: quando a segunda parte da tese se limita a afirmar que “há consequências” referentes ao que foi sugerido na primeira, é muito comum que o D2 se refira a uma mera exposição desses efeitos. É preciso tomar cuidado com isso.

Quando o “eu” se sobrepõe ao “nós”, a corrupção da coletividade é a norma. Em nossa sociedade, o famoso “jeitinho brasileiro” naturaliza que é preciso tirar vantagens de qualquer situação a todo custo². Furar filas, ficar com o troco errado, sonegar uma parte dos impostos... ainda que variem os graus, o comportamento geral é visando sempre alguma espécie de benefício próprio, ainda que isso custe o bem-estar de quem está em relação conosco. A corrupção no Congresso, diante de tais condições, é apenas um reflexo dessa forma de lidar com a coletividade.

2. Diferentemente do texto 1, o desenvolvimento dessa segunda redação procura estabelecer relações argumentativas, uma vez que o autor não se limitou a expor a corrupção, mas justificou-a por uma causa: o “jeitinho brasileiro”. O problema, neste caso, é embasar essa relação em um senso comum:

- o que é esse “jeitinho brasileiro”?
- como defender que, por nascer em território brasileiro, teríamos uma tendência a um ou a outro hábito?

Seria importante trabalhar melhor o embasamento da relação de “causa e efeito” estabelecida para reforçar argumentativamente o parágrafo.

Não espantam, portanto, os números relativos à criminalidade em Brasília. Segundo a Organização Transparência, em 2014, quase um terço dos deputados e senadores já haviam sido condenados por crimes (tanto relativos ao exercício do mandato quanto à esfera privada). Tal cenário levou o Brasil a ser reconhecido, em pesquisa do Fórum Econômico Mundial, como o quarto país mais corrupto do mundo. E essa corrupção, a julgar pelas notícias divulgadas diariamente pelos canais midiáticos, não se restringe a um indivíduo particular ou a um partido específico, pois, de certa maneira, todos estão envolvidos³. Isso, porém, vai perdendo a capacidade de chocar em um contexto em que o benefício próprio em detrimento do bem-estar público é a norma⁴.

3. Como antecipado no item 1, o desenvolvimento do D2 acaba se voltando demais à mera exposição das informações. Assim como na redação anterior, é um ponto positivo recorrer a elementos externos à coletânea, contudo, eles precisam estar dispostos de uma maneira mais argumentativa. Sem isso, o parágrafo não apresenta explicações, mas uma listagem das consequências do cenário trabalhado no trecho anterior.

4. Com essa última frase, o autor consegue dar um fecho mais argumentativo a essa listagem, devido à sua ligação com a ideia trabalhada no D1. Ainda é pouco, mas é melhor do que terminar apenas com as concretizações.

Sendo assim, a corrupção no Congresso Nacional não surge a partir do nada. Ela tem suas raízes muito aprofundadas na sociedade brasileira, e enquanto o corte não se der na raiz, os atos ilícitos em detrimento do interesse público continuarão a crescer e a dar frutos⁵.

5. Novamente, há a manutenção da conclusão. Ela retoma a tese, mas, dessa vez, pode se apoiar também na argumentação.

Autoria de LACC

O que escapa da definição

Segundo o dicionário Houaiss de Língua Portuguesa, os primeiros sentidos de “corrupção” dizem respeito à decomposição de algo, à adulteração das características originais de alguma coisa. No campo político, então, isso implicaria que pessoas honestas e responsáveis pelas questões públicas, ao assumirem seus cargos eletivos, teriam essas intenções iniciais deterioradas. Observando o cenário brasileiro, porém, não parece ser esse o caminho: de uma forma geral, por naturalizarmos a sobreposição dos interesses particulares aos coletivos, a corrupção parece apenas um reflexo de uma prática mais incrustada. Os efeitos dessa dinâmica é que os atos ilícitos de congressistas perdurem¹.

1. Mais uma vez, o texto parte da mesma introdução. Observe, porém, como o trabalho com a segunda parte da tese será diferente no D2.

Quando o “eu” se sobrepõe ao “nós”, a corrupção da coletividade é a norma. Isso significa dizer que não é preciso estar à margem da lei para dar sequência a um modo de vida em que a “salvação individual” parece vir sempre à frente de um cuidado com as questões coletivas². De certa forma, quando, diante de um sistema de saúde público precarizado, opta-se por abandoná-lo e aderir a um plano pago a brigar por ele; ou quando se escandaliza mais com o pagamento dos impostos do que, de fato, com o não uso coletivo deles, legitima-se a preponderância do particular em relação ao coletivo³. Talvez, internamente, a naturalização de um tal cenário corrobore a ideia de que, em meio ao público, é o indivíduo quem sempre deve estar seguro e bem.

2. Depois de um tópico frasal que mantém a estrutura do texto 2, o autor muda a forma de se justificar. O que causa a corrupção no congresso não é mais o “jeitinho brasileiro”, mas uma forma de vida em que os interesses individuais, dentro ou fora da lei, prevalecem sobre os coletivos.

3. Com as concretizações relativas à saúde e ao pagamento de impostos, a ideia anterior vai ficando mais clara. É importante notarmos que o autor não afirma que deveríamos assumir uma postura diferenciada ou que contratar um plano de saúde em vez de brigar pelo sistema público de saúde seja equivalente a desviar milhões de dinheiro público. Sua pretensão com a concretização de seus argumentos é dar forma a um modo de vida social em que a prioridade é sempre o próprio indivíduo.

Independentemente da legalidade, da moralidade – seja ou não de congressistas –, parece haver uma forma de vida social em que essa sobreposição é a regra⁴.

4. A concretização de seus argumentos não fica solta no final do parágrafo. O autor vale-se do fecho para explicar melhor sua ideia e não deixar dúvidas a respeito do que está defendendo.

A persistência de casos de corrupção no Congresso, então, parece um reflexo dessa maneira de viver. Os números relativos à porcentagem de parlamentares condenados, a quarta colocação em *rankings* internacionais de corrupção ou as denúncias diariamente repetidas midiaticamente, porém, parecem atuar para afastar os indivíduos comuns da percepção de sua própria existência⁵. Quando “corrupção” é um termo limitado à esfera da política representativa, lançamos toda a nossa indignação a tal âmbito, sem nos dar conta de que, talvez, mesmo dentro da lei, também contribuamos (sejam lá quais forem as razões que nos levam a isso) para uma sociedade em que cada um está sozinho e por si⁶.

5. Nesse segundo período do D2, o autor condensa tudo o que embasava o D2 do texto 2 e o D1 do texto 1. A partir daí, ele não apenas expõe as informações, mas as usa para pensar mais argumentativamente.

6. Há uma problematização a respeito dos dados abordados: para o autor, eles acabam comprovando uma conduta de limitar “corrupção” ao campo eleitoral. Com isso, o modo de vida descrito no D1 passaria despercebido.

Não há, portanto, nada efetivamente corrompido. Os atos ilícitos no Congresso Nacional são nada mais que outras faces de um modo de vida legitimado fora dele. Fechar os olhos para isso, limitando a definição do que é ou não corrupto, todavia, afasta-nos de um combate mais eficaz⁷.

7. A conclusão, mais uma vez, retoma a tese e se apoia na argumentação. Não há nada nela que fuja ao que havia sido projetado.

Autoria de LACC

Como notamos pelas análises e correções nos três textos, a argumentação não surge do nada. Nós olhamos o mundo a partir de nós mesmos, de nossas próprias experiências, nem sempre percebendo que o nosso relato a respeito dele não o descreve exatamente. Para tanto, é preciso começar a desconstruir nossas certezas, os lugares-comuns sobre os quais andamos, para poder, efetivamente, enxergar o desenho de nosso pensamento.

Revisando

- **Fuvest-SP 2017** Examine o texto* a seguir, para fazer sua redação.

Resposta à pergunta: O que é Esclarecimento?

Esclarecimento é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de servir-se de seu próprio entendimento sem direção alheia. O homem é o próprio culpado dessa menoridade quando ela não é causada por falta de entendimento mas, sim, por falta de determinação e de coragem para servir-se de seu próprio entendimento sem a tutela de um outro. *Sapere aude!*** Ousa fazer uso de teu próprio entendimento! Eis o lema do Esclarecimento.

A preguiça e a covardia são as causas de que a imensa maioria dos homens, mesmo depois de a natureza já os ter libertado da tutela alheia, permaneça de bom grado a vida inteira na menoridade. É por essas mesmas causas que, com tanta facilidade, outros homens se colocam como seus tutores. É tão cômodo ser menor. Se tenho um livro que faz as vezes de meu entendimento, se tenho um diretor espiritual que assume o lugar de minha consciência, um médico que por mim escolhe minha dieta, então não preciso me esforçar. Não tenho necessidade de pensar, se é suficiente pagar. Outros se encarregarão, em meu lugar, dessas ocupações aborrecidas.

A imensa maioria da humanidade considera a passagem para a maioridade, além de difícil, perigosa, porque aqueles tutores de bom grado tomaram-na sob sua supervisão. Depois de terem, primeiramente, emburrecido seus animais domésticos e impedido cuidadosamente essas dóceis criaturas de darem um passo sequer fora do andador de crianças em que os colocaram, seus tutores mostram-lhes, em seguida, o perigo que é tentarem andar sozinhos. Ora, esse perigo não é assim tão grande, pois aprenderiam muito bem a andar, finalmente, depois de algumas quedas. Basta uma lição desse tipo para intimidar o indivíduo e deixá-lo temeroso de fazer novas tentativas.

KANT, Immanuel.

* Para o excerto aqui apresentado, foram utilizadas as traduções de Floriano de Sousa Fernandes, Luiz Paulo Rouanet e Vinicius de Figueiredo.

** *Sapere aude*: cit. lat. de Horácio, que significa “Ousa saber”.

Esses são os parágrafos iniciais de um célebre texto de Kant, nos quais o pensador define o Esclarecimento como a saída do homem de sua menoridade, o que este alcançaria ao tornar-se capaz de pensar de modo livre e autônomo, sem a tutela de um outro. Publicado em um periódico no ano de 1784, o texto dirigia-se aos leitores em geral, não apenas a especialistas.

Em perspectiva histórica, o Esclarecimento, também chamado de Iluminismo ou de Ilustração, consiste em um amplo movimento de ideias, de alcance internacional, que, firmando-se a partir do século XVIII, procurou estender o uso da razão, como guia e como crítica, a todos os campos da atividade humana. Passados mais de dois séculos desde o início desse movimento, são muitas as interrogações quanto ao sentido e à atualidade do Esclarecimento.

Com base nas ideias presentes no texto de Kant, apresentado anteriormente, e valendo-se tanto de outras informações que você julgue pertinentes quanto dos dados de sua própria observação da realidade, redija uma dissertação em prosa, na qual você exponha o seu ponto de vista sobre o tema: **O homem saiu de sua menoridade?**

Instruções:

- A dissertação deve ser redigida de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.
- Escreva, no mínimo, 20 linhas, com letra legível. Não ultrapasse o espaço de 30 linhas da folha de redação.
- Dê um título à sua redação.

A dissertação a seguir apresenta problemas relativos à argumentação. Identifique e comente esses problemas.

| Pela maioria |
|--|
| O filósofo alemão Immanuel Kant define a “menoridade” como a incapacidade que os homens têm de se servir de seu próprio conhecimento sem que sejam dirigidos por outras pessoas. Ainda que as palavras do autor tenham sido escritas no século XVIII, elas ainda parecem bastante atuais quando observamos a sociedade |

contemporânea: cada vez mais habituados a transferir a outrem tudo o que nos cerca, fazemos o mesmo processo com nosso entendimento. O efeito disso é que passamos a ser guiados pela compreensão de mundo dominante.

De acordo com o pensador germânico, somos responsáveis por essa menoridade. Segundo ele, a preguiça e a covardia podem ser apresentadas como razões para essa condição, pois seria mais cômodo colocarmo-nos sob a tutela de alguém. Assim, diz ele, passa a ser suficiente pagarmos para alguém que escolha nossa dieta, para alguém que nos dirija espiritualmente, alguém que, enfim, assumirá o lugar de nossa própria consciência. Basta pagar, conclui Kant, não havendo razões para pensar por si só.

Quando nos habituamos a tal cenário, porém, começamos, tal qual papagaios, a apenas repetir o que diz e pensa quem nos dirige. Um exemplo disso na realidade brasileira é a maior rede de televisão do país. São notórios os casos em que ela interferiu na consciência dos cidadãos, dos quais se podem destacar o apoio à ditadura militar brasileira e a manipulação de um debate entre presidenciais nas primeiras eleições depois da redemocratização.

Sendo assim, é importante que nós mesmos tomemos as rédeas de nosso conhecimento. Pensar a partir de nós próprios nos afasta do controle daqueles que pensam em nosso lugar.

Autoria de LACC

Redação proposta

Unesp 2016



Menina vietnamita atingida por napalm foge de aldeia bombardeada.

(Nick Ut. Vietnã, 1972.)



Menina sudanesa em região assolada pela fome é observada por abutre.

(Kevin Carter. Sudão, 1993.)



Menino sírio é encontrado morto em praia após naufrágio de barco com refugiados.

(Nilufer Demir. Turquia, 2015.)

Texto 1

Um dos traços característicos da vida moderna é oferecer inúmeras oportunidades de vermos (à distância, por meio de fotos e vídeos) horrores que acontecem no mundo inteiro. Mas o que a representação da crueldade provoca em nós? Nossa percepção do sofrimento humano terá sido desgastada pelo bombardeio diário dessas imagens?

Qual o sentido de se exibir essas fotos? Para despertar indignação? Para nos sentirmos “mal”, ou seja, para consternar e entristecer? Será mesmo necessário olhar para essas fotos? Tornamo-nos melhores por ver essas imagens? Será que elas, de fato, nos ensinam alguma coisa?

Muitos críticos argumentam que, em um mundo saturado de imagens, aquelas que deveriam ser importantes para nós têm seu efeito reduzido: tornamo-nos insensíveis. Inundados por imagens que, no passado, nos chocavam e causavam indignação, estamos perdendo a capacidade de nos sensibilizar. No fim, tais imagens apenas nos tornam um pouco menos capazes de sentir, de ter nossa consciência instigada.

SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*, 2003. (Adapt.).

Texto 2

Quantas imagens de crianças mortas você precisa ver antes de entender que matar crianças é errado? Eu pergunto isso porque as mídias sociais estão inundadas com o sangue de inocentes. Em algum momento, as mídias terão de pensar cuidadosamente sobre a decisão de se publicar imagens como essas. No momento, há, no Twitter particularmente, incontáveis fotos de crianças mortas. Tais fotos são tuitadas e retuitadas para expressar o horror do que está acontecendo em várias partes do mundo. Isto é obscuro. Nenhuma dessas imagens me persuadiu a pensar diferentemente do modo como eu já pensava. Eu não preciso ver mais imagens de crianças mortas para querer um acordo político. Eu não preciso que você as tuite para me mostrar que você se importa. Um pequeno cadáver não é um símbolo de consumo público.

MOORE, Suzanne. “Compartilhar imagens de cadáveres nas mídias sociais não é o modo de se chegar a um cessar-fogo”, 21 jul. 2014. Disponível em: www.theguardian.com. (Adapt.).

Texto 3

A morbidez deve ser evitada a todo custo, mas imagens fotográficas chocantes que podem servir a propósitos humanitários e ajudar a manter vivos na memória coletiva horrores inomináveis (dificultando, com isso, a ocorrência de horrores similares) devem ser publicadas.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. “Muito além de Aylan Kurdi”, 8 set. 2015. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br>. (Adapt.).

Texto 4

Diretor da ONG Human Rights Watch, Peter Bouckaert publicou em seu Twitter a foto do menino sírio de 3 anos que se afogou. Ele explicou sua decisão: “Alguns dizem que a imagem é muito ofensiva para ser divulgada. Mas ofensivo é aparecerem crianças afogadas em nossas praias quando muito mais pode ser feito para evitar suas mortes.”

“Diretor de ONG explica publicação de foto de criança”. *Folha de S.Paulo*, 03 set. 2015. (Adapt.).

Com base nos textos apresentados e em seus próprios conhecimentos, escreva uma dissertação, empregando a norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema: **Publicação de imagens trágicas: banalização do sofrimento ou forma de sensibilização?**

Texto complementar

Enfim, é preciso sublinhar tudo o que pode ser contado a favor do desenvolvimento do hiperindividualismo contemporâneo ao vê-lo reforçar ainda mais a tendência à identificação com o outro. [...] Sob o efeito do imaginário da igualdade e das imagens midiáticas, os indivíduos são mais tocados pelo espetáculo do sofrimento alheio: essa é a raiz da empatia global contemporânea, dos impulsos de solidariedade, da supervalorização do humanitarismo. O individualismo exacerbado que se desencadeia em nossas regiões não se reduz tão só ao fechamento em si mesmo e à instrumentalização utilitarista do outro; ele é também sensibilização – ainda que epidérmica e passageira – ao sofrimento daqueles que não conhecemos. É assim que o individualismo e a sociedade midiática favorecem a sentimentalização da cultura e dos comportamentos solidários [...].

Foi dito e repetido que o humanitarismo não é uma política. E isso é verdade, visto que ele não tem como deter guerras, impedir violações dos direitos humanos, garantir um futuro real aos desfavorecidos. O humanitarismo cuida das vítimas: diferentemente da política, não combate adversários ou inimigos; é solicitude e compaixão para com o gênero humano. Um altruísmo universal que não traz nenhuma solução real [...].

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. *A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 138-139.

No excerto, os autores são bastante críticos em relação à exposição do sofrimento de forma controlada pelos veículos de comunicação. Para eles, enquanto nos sensibilizamos com os casos particulares escolhidos a dedo pelos editores dos noticiários, os sistemas de desigualdade e de segregação produzidos por eles continuam sendo perpetuados. Por outro lado, poderíamos pensar que essa sensibilização, ainda que controlada, talvez seja o primeiro passo para nos darmos conta de que existe um mundo ao nosso redor. O que você acha?

Quer saber mais?



Livros

Educação pelo argumento, de Gustavo Bernardo. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

Na obra, o autor trabalha a questão da argumentação como ponto-chave para o estabelecimento da educação e, por que não, das nossas relações cotidianas.

A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo, de Gilles Lipovetsky. Tradução de Therezinha Monteiro Deutsch. São Paulo: Manole, 2005.

Gilles é um sociólogo francês contemporâneo. Sua obra *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo* traz uma análise bastante pertinente sobre nossa sociedade e, ainda que escrita na década de 1980, bastante atual também.

Resumindo

A evolução argumentativa

A argumentação surge com tempo e reflexão, para que, assim, possamos apresentar nossos argumentos para defender um ponto de vista.

É preciso repensar e questionar as certezas que, em algum momento, tornaram-se automáticas, naturais, e, em seguida, reconstruir o percurso do pensamento.

FRENTE ÚNICA

CAPÍTULO

18

Polêmicas

Há temas que despertam paixões e nos fazem sair dos eixos. Há aqueles que nos levam a desfazer amizades e a evitar determinadas pessoas. Quando essas questões surgem em relações que desejamos manter, não raro tentamos mudar de assunto ou encerrar a discussão. Pois é, esses temas também aparecem em dissertações...

Objetividades apaixonadas



AV/Nephotolab/Stockphoto.com

Nem sempre as propostas de redação abordarão temas que facilitem deixar as emoções de lado. Há questões que nos tocam profundamente, mexem com nossos norteadores mais íntimos e, diante delas, parece-nos impossível tomar um posicionamento contrário àquilo em que acreditamos. De fato, quando nos deparamos com divergências em relação a esses assuntos, somos levados a questionar como existem pessoas que pensam de maneira tão diferente da nossa. Não raramente, quando instigados a discutir acerca desses tópicos, perdemos a serenidade e, diante das recusas de nossos interlocutores em mudar de opinião, sentimos como se estivéssemos presenciando a falência das palavras e da argumentação.

Isso talvez ocorra porque utilizamos a argumentação para dar sentido a uma disposição emocional e a aspectos subjetivos que nem sempre se fundamentam na realidade ou na objetividade. Na dissertação, porém, é a assertividade que devemos buscar.

Os motivos pessoais que nos levam a gostar ou não de alguma coisa e a opinar de uma ou de outra forma perdem relevância em um texto dissertativo, no qual essa subjetividade não será, necessariamente, dividida com o leitor. Por conta disso, ao elaborar dissertações sobre esses temas delicados, é preciso deixar nossa pessoalidade de lado e reconhecer que só há argumentação possível dentro de um cenário em que um olhar minimamente objetivo a respeito do que nos cerca é compartilhado com o leitor.

Em vez de levantarmos da mesa e darmos por encerrados esses debates, vamos observar como encará-los dissertativamente em uma proposta real de redação.

! Atenção

Não estamos defendendo que há uma forma completamente objetiva de olhar para o mundo que nos cerca. No entanto, para dissertar, convém lembrar que nem todos possuem as mesmas crenças, ideologias políticas e histórias de vida. Quando falamos de objetividade, o que temos em mente é uma experiência capaz de ser dividida com outras pessoas e entendida por elas. É por isso que descrever os processos que observamos em nossa sociedade e ancorá-los em evidências é um caminho extremamente útil ao argumentar.

Proposta de redação da Unifesp 2016

Texto 1

Pela primeira vez em mais de 150 anos, brasileiros foram mortos por terem sido condenados à pena capital. A execução de Marco Archer, em janeiro, e a de Rodrigo Gularte, em abril, ambas na Indonésia, foram as primeiras de brasileiros no exterior.

Já no Brasil, a última execução de um homem livre condenado à morte pela Justiça Civil aconteceu em 1861. A pena de morte foi abolida no Brasil com a Proclamação da República, em 1889. Desde então, ela vigorou como exceção em alguns momentos da história do país, como na ditadura militar, e atualmente é prevista apenas em situações de guerra.

“País executou último homem livre em 1861”, 3 maio 2015. Disponível em: www.folha.uol.com.br. (Adapt.).

Texto 2

A ideia da pena de morte foi reintroduzida nos debates públicos no final dos anos 80 – durante o processo de redemocratização – quando o medo do crime, o crime violento e a violência policial começaram a aumentar. A pena de morte é frequentemente proposta como punição para os chamados crimes hediondos: latrocínio (roubo seguido de morte), estupro seguido de morte, sequestro seguido de morte e crimes envolvendo crueldade.

Um dos argumentos mais frequentes a favor da pena capital é que ela refletiria o “sentimento popular”. Esse argumento é substanciado com citações de pesquisas de opinião pública indicando que cerca de 70% da população é a favor da pena de morte¹. Alguns políticos argumentam que, no contexto de proliferação da violência e do fracasso do sistema judiciário, apenas uma medida extrema como a pena de morte poderia ser uma solução. Eles pensam na pena de morte mais em termos de vingança do que em termos da lei ou de eficiência para reduzir a criminalidade. Eles não dizem que a pena capital iria resolver o problema da violência em geral, e apenas uma minoria argumenta que ela impediria outros de cometer crimes semelhantes. No entanto, insistem que, como as pessoas que cometem crimes violentos são dominadas pelo mal e irredimíveis, executá-las significa evitar que cometam futuros crimes e, para citar sua própria retórica, “salvar vidas inocentes”.

CALDEIRA, Teresa. *Cidade de muros*, 2000. (Adapt.).

(1) Esta era a porcentagem dos brasileiros que apoiavam a pena de morte no final da década de 1990, época da publicação do livro. Pesquisas recentes indicam que 43% dos brasileiros ainda apoiam a adoção da pena capital.

Texto 3

É importante examinar alguns dados de outros países sobre a pena de morte, um grande mito da discussão sobre controle da criminalidade no Brasil, frequentemente apresentado, de forma irresponsável, como **panaceia** para os nossos problemas criminais:

- Nos Estados Unidos, país que desde 1976 reintroduziu a pena de morte para crimes letais, a taxa de homicídios por cem mil habitantes é duas a quatro vezes superior à registrada em países da Europa Ocidental, que não adotam essa pena;
- Os estados norte-americanos sem pena de morte têm taxas de homicídios mais baixas que os estados onde é aplicada a punição capital;
- O Canadá registrou uma taxa de 3,09 homicídios por cem mil habitantes em 1975, um ano antes da abolição da pena de morte naquele país. Em 1993 a mesma taxa foi de 2,19, ou seja, 27% menor que em 1975.

Só quem acredita em soluções mágicas e demagógicas pode enxergar na punição capital um instrumento na luta contra a criminalidade e a violência.

LEMGRUBER, Julita. “Controle da criminalidade: mitos e fatos”. Disponível em: www.observatoriodeseguranca.org. (Adapt.).

panaceia: remédio contra todos os males.

Com base nos textos apresentados e em seus próprios conhecimentos, escreva uma dissertação, empregando a norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema: **A adoção da pena de morte pode contribuir para a redução do número de crimes hediondos no Brasil?**

Enfrentando a situação

É interessante notar que, muitas vezes, as propostas que tratam de assuntos mais polêmicos e espinhosos não são trabalhadas fora de contexto. Observe que a pergunta lançada como tema associa a adoção da pena de morte à redução do número de crimes hediondos, ou seja, a questão não é saber se somos favoráveis ou não à pena de morte, pois o que está em jogo é uma relação de causa e efeito: caso tal medida seja adotada, há alguma evidência que nos leve a acreditar que a quantidade de crimes hediondos diminuirá.

Quando analisamos a coletânea de textos da proposta, percebemos que, de acordo com o que foi exposto, essa relação não reflete a realidade. Em países ou estados onde não há a pena capital, os índices de crimes hediondos são menores do que naqueles que a praticam. É claro que uma pesquisa ou fonte pode ser contestada por outra linha de pensamento distinta; no entanto, se não tivermos essa alternativa diante dos dados disponibilizados, qual argumento usaríamos para defender que a pena de morte reduz o número de crimes hediondos? Nossa insegurança? Nossos interesses privados?

Todos esses motivos nos orientam diariamente em nossas condutas particulares, mas não são proveitosos em uma dissertação que pretende ser objetiva. Talvez seja apenas nossa adesão ao senso comum que nos faça crer que há uma relação de causa e efeito entre a pena de morte e a redução dos crimes hediondos; porém, ante a fatos que se opõem ao conhecimento intuitivo, não há demérito algum em mudar o ponto de vista. Na verdade, no texto dissertativo, pouco produtivas são nossas experiências individuais ou nossas crenças embasadas em noções comuns, a não ser que as tomemos como ponto de partida para que nós mesmos nos questionemos.



AV/photolab/istockphoto.com

FRENTE ÚNICA

Ainda em relação à proposta de redação da Unifesp, poderíamos indagar:



Era de meu conhecimento a relação de causa e efeito entre a adoção da pena de morte e a redução dos crimes hediondos?

© Feng Yu | Dreamstime.com



De que maneira esses dados influenciam minhas opiniões sobre o assunto?

A partir desses questionamentos, poderíamos, por exemplo, sugerir algumas teses:

Tese 1

Em um cenário imediatista, a pena de morte é defendida como solução para os crimes hediondos. Quanto mais rapidamente propomos essa resolução, porém, menos tempo destinamos à compreensão do fenômeno da violência e mais longe ficamos de, efetivamente, resolvê-lo.

Tese 2

Em um contexto dominado pelo medo, a pena de morte surge como promessa de alívio – ainda que se argumente não ser ela efetiva no combate aos crimes hediondos – o que, talvez, apenas agrave o cenário.

Observe como os dois posicionamentos concebidos por meio de um processo de autoconsciência são válidos. Ainda que não haja mudança de opinião, é possível revelar outras problematizações.

Esse tipo de pergunta da proposta não é tão raro em provas com temas mais controversos. Em 2015, a Unesp abordou um assunto parecido, a redução da maioria penal.

A redução da maioria penal contribuirá para a redução da criminalidade no Brasil?

Novamente, é exigida uma resposta a uma questão que demanda analisar a relação entre dois fatos, fazendo-nos refletir se há alguma evidência que mostre que um decorre do outro.

Definindo para objetivar

Também há propostas de redação que tratam de polêmicas mais diretamente. Nesses casos, as perguntas em relação aos mais diversos assuntos tendem a ser binárias: “sim ou não”; “deve ou não deve”; “isto ou aquilo”. Para manter a objetividade quando isso ocorre, uma estratégia interessante é problematizar um termo de peso para a construção do tema. Vamos analisar os temas de redação a seguir.

Famerp-SP 2015

O Imposto sobre Grandes Fortunas é uma injustiça com os mais ricos?

Tese 3

Quando atrelamos a ideia de justiça à de igualdade, somos inclinados a ter exigências iguais em relação a sujeitos em condições diferentes, o que só alimenta injustiças e desigualdades sociais. Dessa maneira, é apenas com a taxaço de grandes fortunas que se pode ter um cenário mais igualitário.

Famema-SP 2016

A leitura deve ser uma medida para a reduço da pena de presidiários?

Tese 4

Se uma pena prisional é entendida apenas como uma reclusão, qualquer medida que vise à reinserço do presidiário passa a ser malvista, o que apenas realimenta as condições fundamentais da criminalidade. Nesse sentido, caso se queira um sistema prisional capaz de reinserço social, a leitura deve ser adotada não apenas para reduzir o tempo de condenações, mas, principalmente, para ressignificar o tempo passado no interior das cadeias.

Como percebemos, ainda que as duas propostas sejam bem diretas – as respostas esperadas são “sim” ou “não” –, podemos organizar nossos posicionamentos a partir da objetivaço de aspectos importantes.

Na tese 3, o autor se posiciona tomando como base o conceito de justiça. Tal posicionamento pode ser diferente a depender da forma como esse termo é entendido. No entanto, se o que está em questão é uma compreensão mais ampla do caso, podemos dizer que não há injustiça no imposto sobre essas grandes fortunas.

Já na tese 4, o que se procura definir é a função das penas. Assim, se elas servem apenas para manter afastados os presidiários, a leitura não deveria ser um mecanismo para sua reduço. Entretanto, o argumento de peso para o autor é que a função do sistema prisional deve ser reinserir o presidiário ao convívio social. Sendo assim, quaisquer condutas que possam fornecer a ele chances de uma reintegraço mais plena, entre elas a leitura, devem ser adotadas.

É importante notarmos que, nesses cenários, nenhuma das teses fica “em cima do muro” – o que seria um problema grave em uma proposta com essa configuração. Em ambas, é possível identificar claramente como o autor se posiciona perante tais temas, e, para que suas colocaçoes não fiquem soltas e sustentadas apenas por elementos subjetivos, são traçadas definiçoes mais objetivas a fim de responder de maneira dissertativa às questões abordadas.

A refutaço

Outra estratégia bastante útil em temas polêmicos é trabalhar com a refutaço, que consiste em mergulhar nas ideias ou nos argumentos contrários àquilo que defendemos e, então, descobrir as falhas nesse pensamento. A partir daí, podemos trazer o ponto de vista antagônico ao nosso para o texto e desconstruí-lo durante a nossa argumentação. Vamos analisar um exemplo, retomando a proposta da Unifesp:

Reside no senso comum a ideia de que a adoço da pena de morte contribuiria para a reduço dos crimes hediondos. Quando se analisam os resultados dessa medida em outros países ou estados, as conclusões são bem diversas – nos EUA, por exemplo, os estados sem a pena capital apresentam índices de crimes mais baixos do que naqueles em que essa prática existe. A defesa da implementaço de tal medida, nesse sentido, parece mais fruto de desinformaço, por um lado, e, por outro, de interesses que não são a efetiva diminuico dos crimes, ou seja, um discurso punitivista tende a angariar votos e a movimentar toda a indústria da segurança. Insistir neles, então, é passar por cima da realidade e afastar-se do enfrentamento em relação às reais causas do problema.

Autoria de LACC

Vamos analisar como se dá a construção desse parágrafo:

- primeiramente, há a apresentação da ideia contrária vinculando-a a outrem (isso é importante para que não se tenha o efeito de que o parágrafo está “em cima do muro”);
- na sequência, o autor desconstrói esse ponto de vista, apresentando as falhas incluídas nele ou os dados que o contestem;
- por fim, há uma reafirmação do ponto de vista do próprio autor.

Que tal agora treinarmos um pouco essa objetividade mesmo diante de temas polêmicos?

Revisando

- A seguir, são apresentadas três afirmações opinativas em relação a algumas polêmicas com as quais você já deve ter se confrontado. Sua tarefa é construir parágrafos dissertativos de refutação em relação a cada uma delas. Note que não importa o viés argumentativo, pois o que será avaliado é a sua capacidade de refutar uma ideia mantendo a objetividade. Para tanto, você pode simplesmente desconstruir a lógica da afirmação ou pesquisar dados que embasem sua contraposição.



As cotas nas universidades tendem a diminuir a qualidade do ensino, uma vez que os alunos não conseguiriam acompanhar o ritmo dos cursos.



A redução da maioria penal reduziria o índice de crimes hediondos no Brasil.



A adoção por casais homossexuais tende a influenciar a sexualidade das crianças.

© Tuijé66 | Dreamstime.com

Saiba mais

Os dados utilizados para a elaboração das afirmações A e B estão disponíveis em:

- <https://www.ufjf.br/ladem/2017/02/23/politicas-de-inclusao-formam-estudantes-tao-capacitados-quanto-seus-colegas/>. Acesso em: 30 jun. 2022.
- <https://www.cartacapital.com.br/politica/jose-gregori-reducao-da-maioridade-penal-e-mero-capricho-ideologico/>. Acesso em: 30 jun. 2022.

Redação proposta

- **Uerj 2018** Eu era advogado de algumas casas ricas, e os processos vinham chegando. Escobar contribuíra muito para as minhas estreias no foro. Interveio com um advogado célebre para que me admitisse à sua banca, e arranjou-me algumas procurações, tudo espontaneamente.

(capítulo CIV)

No trecho acima, do romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, Bento Santiago, o narrador-personagem, fala sobre sua profissão. O leitor, porém, não tem notícia de qualquer processo em que ele tenha atuado, se ganhou alguma causa, se perdeu. Entretanto, todo o romance pode ser compreendido como um longo Auto de Acusação que Bento move contra sua esposa, Capitolina Santiago, a Capitu, por adultério.

Atuando como promotor e juiz ao mesmo tempo, Bento considera Capitu culpada e a condena ao exílio na Europa até o dia de sua morte. Nesse processo, ela não tem direito à defesa, nem mesmo à voz. Sua versão dos acontecimentos não é apresentada.

A partir da leitura do romance, é possível refletir sobre o seguinte problema que faz parte do nosso cotidiano: **A verdade pode ser estabelecida com base em uma única perspectiva?**

Escreva uma redação argumentativo-dissertativa, em prosa, com 20 a 30 linhas, discutindo esse problema. Utilize a norma-padrão da língua portuguesa e atribua um título à sua redação, que deve ser escrita inteiramente com caneta e não deve ser assinada.

Texto complementar

[...] as leis mantêm-se em vigor não porque são justas mas porque são leis. É o fundamento místico de sua autoridade: não têm outro. O que muito lhes serve. É frequente que sejam feitas pelos tolos. Mais frequentemente por pessoas que, em seu ódio à igualdade, têm falta de equidade. Mas sempre por homens, autores vãos e incertos.

Não há nada tão grosseira e amplamente, nem tão correntemente falível como as leis. Quem lhes obedece porque são justas não lhes obedece justamente pelo que deveria. [...]

MONTAIGNE, Michel de. *Os ensaios*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

No excerto, temos uma problematização a respeito das leis. O autor nos lembra que elas são feitas por homens, cujos interesses e crenças variam ao longo do tempo, portanto elas não são imutáveis, mas, durante certo período, mantêm-se como reguladoras de nossas ações.

A partir daí, podemos começar a questionar argumentos que estejam completamente embasados na ideia de que algo “está dentro da lei” ou “fora da lei”. Afinal, quem define essas leis? O que elas revelam sobre nossa sociedade? Quais são os impactos dessas leis sobre quem não participa diretamente de sua elaboração? Responder a essas questões sempre amplia nossos horizontes argumentativos, tornando-os mais ricos.

Quer saber mais?



Filme

À espera de um milagre. Direção: Frank Darabont. 1999. Classificação indicativa: 14 anos.

É um longa-metragem que traz a história de um homem condenado injustamente à cadeia elétrica nos EUA.



Livro

Em que creem os que não creem, de Umberto Eco e Carlo Maria Martini. Rio de Janeiro: Record, 1999.

A obra traz uma troca de correspondências em que Eco, um pensador laico, e Martini, um cardeal, discutem temas polêmicos sem que, necessariamente, um queira se sobrepor ao outro.



Artigo

Achar que problemas se resolvem com pena de morte é falácia. *El País*, 28 abr. 2015. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/01/19/politica/1421705653_110021.html. Acesso em: 30 jun. 2022.

No artigo, é possível analisar uma sequência de especialistas comentando a adoção da pena de morte como medida contrária a crimes hediondos.

Resumindo



FRENTE ÚNICA

CAPÍTULO

19

Conclusão I

O *ouroboros* é um símbolo utilizado para representar a eternidade. Nele, uma cobra ou um dragão engole a própria cauda, demonstrando a junção do início e do fim. O movimento de voltar-se a si mesmo, englobando-se em uma totalidade, ilustra o rompimento de uma percepção linear, pois não é possível saber onde ocorre a fecundação, o nascimento, a morte ou a ressurreição, ou seja, é um ciclo eterno. No entanto, isso não torna todos os momentos iguais.

Nessa perspectiva, a ação de concluir está intimamente conectada à de começar, da mesma forma que a conclusão de um texto dissertativo-argumentativo retoma a tese apresentada ao longo do texto, além de resumir e fechar sua linha de raciocínio.

Terminar: entre confirmar e inferir

© Zag44 | Dreamstime.com



Quando escrevemos a conclusão de uma dissertação, não criamos um parágrafo desconectado do restante do texto. Assim como observamos a representação do *ouroboros*, podemos entender o fechamento de uma redação como uma junção que liga o final ao início. Talvez haja apenas uma diferença no sentido do processo: no *ouroboros*, é a cabeça que se alimenta da cauda; no texto dissertativo-argumentativo, é a conclusão que se nutrirá da introdução e do desenvolvimento dele.

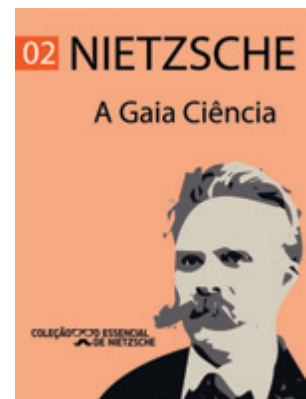
Dessa maneira, é como se o último parágrafo do texto se mostrasse da forma como todo o restante da execução textual o orientou. É possível considerar que o que chamamos de tese até este capítulo é, na introdução, ainda uma hipótese interpretativa que será desdobrada e desenvolvida nos parágrafos argumentativos. Assim, na conclusão, chegamos à confirmação dessa hipótese.

No entanto, pode-se pensar a conclusão como uma inferência. De acordo com o cenário apresentado pela argumentação, o que se pode concluir dele? Que tipo de situação decorre dele? Responder a essas questões nos ajuda a concluir uma dissertação.

Saiba mais

Uma imagem interessante sobre o sentido do *ouroboros* pode ser encontrada na descrição que o filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900) faz do conceito de “eterno retorno”. O texto está no aforismo 341 da obra *A Gaia Ciência*.

Fabrizio Costa (projeto gráfico e livro)
e Ciro Mioranza (tradução).



Confirmando

O primeiro modelo de conclusão que estudaremos é o que faz uma retomada da tese trabalhada, representando-a ao final do texto não apenas como uma hipótese, mas como uma proposição sustentada argumentativamente. Analisemos a redação a seguir.

Sobre mares e carapaças

Recentemente, a foto do menino Aylan Kurdi¹, um garoto sírio que morreu afogado⁵ quando sua família tentava entrar ilegalmente na Turquia, sensibilizou grande parte do mundo. Isso, talvez, decorra do fato de que, em uma sociedade em que as relações humanas são cada vez mais reduzidas a seus aspectos funcionais, a publicação de imagens trágicas pode operar uma sensibilização de algo que estava adormecido. O efeito disso é uma possibilidade de abertura empática³ para os dramas que afetam o “outro”.

Quando endurecidos na carapaça de trabalhador⁴, é no estranhamento que podemos respirar. Em uma cultura em que a produtividade toma espaço central, uma vez que sustenta tanto aquilo que será consumido quanto as possibilidades de fazê-lo, não é estranho que o sujeito contemporâneo dedique a maior parte de seus esforços e de seu tempo a seus afazeres. Mais do que isso, entrega-se de corpo e alma à medida que crê que o trabalho o enobrece e que sua utilidade dele depende. Quanto mais embebido de tais valores, então, mais esse sujeito é limitado e limita o outro a um papel que não demande esforços ou afetos: o imigrante ilegal, essa grande abstração, nada mais tem a ver com esse sujeito; a violência contra a mulher, essa outra abstração, tampouco o tocam. Quando, no entanto, essa carapaça é invadida por imagens que lhe despertam algum reconhecimento, esse indivíduo é chamado a sensações, emoções e consciências que, até então, estavam adormecidas.

Rompida a carapaça, então, aquilo que distanciava dá lugar ao que aproxima. Esse “Homem-trabalho” percebe que há mais no outro do que a função a que o limitava. Mais do que isso: a partir dessa percepção, é possível também notar toda uma humanidade compartilhada, todo um mundo em comum que jazia sob o papel produtivo – o menino deixa de ser a representação distante do imigrante indesejado e passa a ser compreendido como alguém que faz parte da mesma humanidade da qual o próprio “eu” partilha².

Aylan¹, dessa forma, não é mais o “outro”, é como um espelho no qual todos nós estamos refletidos². A empatia³, afogada sob as águas turvas da função trabalhista habitual⁴, ainda que nem sempre, pode emergir e encontrar algum respiro em meio ao mar de imagens trágicas⁵ compartilhadas virtualmente.

Autoria de LACC, feita em sala de aula com alunos.

Nota-se que, nesse tipo de conclusão, o fechamento é construído com base na recuperação do que foi desenvolvido no texto. Essas ideias não são colocadas na mesma ordem ou com as mesmas palavras que apareceram anteriormente, mas são dispostas de forma diferente e parafraseadas, configurando, então, uma finalização do raciocínio.

Os trechos destacados e a respectiva numeração nos ajudam a visualizar de que partes do texto foram retirados os elementos que contribuíram para a construção do parágrafo conclusivo.

Inferindo

Também podemos concluir uma dissertação inferindo algo a partir do que foi desenvolvido durante o texto. Nesse caso, a conclusão não será exatamente uma retomada textual do que havia sido escrito, mas trará uma dedução do cenário construído na dissertação.

Vamos conferir como se dá esse processo analisando a redação a seguir, que possui tema e tese similares aos da dissertação anterior.

! Atenção

Quando elaboramos uma conclusão retomando a tese, é importante que ela não seja um mero resumo. Para que isso não aconteça, convém escrever um breve parágrafo sintetizando e parafraseando as ideias desenvolvidas ao longo do texto, a fim de reafirmar o posicionamento tomado acerca do conteúdo.

Sobre inocência e apatia

Em “Os inocentes do Leblon”, Drummond descreve a apatia dos frequentadores da praia nobre no Rio de Janeiro em relação a tudo o que, aparentemente, não lhes diz respeito. Imersos em suas próprias rotinas na praia, eles “tudo ignoram e esquecem”. Fora da ficção, talvez não estejamos tão distantes dos versos do poeta: quando mergulhados nos afazeres produtivos, tampouco vemos o outro. Assim, o contato com imagens trágicas traz em si a possibilidade de despertar a empatia em relação a esse outro, a qual adormecia confortavelmente nesse cotidiano.

Arrastados pela correnteza da vida produtiva, o contato com fotos da tragédia humana oferece algum respiro. Quando a produção ocupa o centro da vida contemporânea, uma vez que sustenta tanto o que consumir quanto o poder fazê-lo, não é estranho que o homem dedique a maior parte de seu tempo e de seus esforços ao que o liga a ela. Antes de tudo, então, vê-se como um trabalhador e é, de corpo e alma, esse trabalhador: suas visões políticas, sua moral, suas relações afetivas cedem espaço para que só o que tenha a ver com a produção persista e ele vai se reduzindo à consciência e às emoções exigidas por esse mundo. No momento, porém, em que essa carapaça é invadida por elementos que lhe são estranhos, como pela foto de

Aylan Kurdi, morto em praia turca; como pelo vídeo de Omar Daqneesh, perplexo embaixo da sujeira das explosões, esse “homem-trabalho” é lembrado de que é mais do que sua função.

O efeito disso é talvez uma abertura à empatia em relação ao outro. A foto tem a capacidade de desestabilizar esse sujeito reduzido à sua função e, ao fazê-lo, abre espaço para que ele compreenda no outro algo também além da abstração com a qual o limitava. O “imigrante”, sem cara e distante para não comprometer o ritmo de trabalho, ganha corpo e rosto; o “faminto”, com a cara borrada nas manchetes lidas em busca do “capital humano” exigido no serviço, ganha uma identidade mais familiar. Nesse processo, há chances de que o “eu” volte a reconhecer no “outro” a mesma humanidade da qual se vê parte.

Se, portanto, no poema, a praia é o espaço do distanciamento em relação ao outro, ela, fora dele, talvez seja a possibilidade de contato. Não reconhecê-la, porém, é lançarmo-nos num mar de apatia e inocência no qual talvez não haja como não nos afogarmos todos, inocentes ou não.

Autoria de LACC, feita em sala de aula com alunos.

Embora a conclusão comece a partir da retomada dos elementos utilizados na contextualização (algo que o fechamento da redação anterior também fazia), seu desfecho é diferente, pois traz uma afirmação que não está textualmente explicitada na dissertação.

Ao deduzir que não reconhecemos o outro implica termos um mesmo fim, sendo inocentes ou não, o autor faz uma inferência decorrente do que foi construído no texto – se a empatia diz respeito a nos identificarmos com o outro e, ao fazê-lo, percebemos que fazemos parte da mesma humanidade, perder de vista esse outro e o que o toca seria perder esse vínculo que, de alguma forma, humaniza-nos.

! Atenção

Na conclusão por inferência, é preciso ficar atento para que a finalização textual, de fato, decorra dos elementos expostos no texto. A apresentação de ideias completamente novas configura uma quebra na unidade dissertativa.

Revisando

- A seguir, há dissertações produzidas para as propostas de redação de dois vestibulares: Faculdade Israelita de Ciências da Saúde Albert Einstein 2015 e Fuvest 2015. Foram retiradas as conclusões das duas redações. Valendo-se das estratégias estudadas neste capítulo, escreva os parágrafos finais de cada uma.

Sobre palmas e prioridades

Recentemente, no Rio de Janeiro, os passageiros de um ônibus foram assaltados. Dentre eles, no entanto, havia um policial à paisana, que deu um tiro no assaltante, e uma médica, que, apesar de também ter sido roubada, voltou para o veículo a fim de socorrer a vítima. Rodrigo Constantino, articulista da *Veja*, ao noticiar o fato, ignorou a ação da médica e apenas parabenizou a do PM. A opção por esse viés não é isolada, uma vez que, em um cenário em que o direito à propriedade privada se torna o bem maior a ser preservado, naturaliza-se que ele se sobrepõe, muitas vezes, à própria vida. No momento, porém, em que isso é invertido, não é raro estranharmos e negarmos o que opera essa inversão.

Quando ser é igual a ter, proteger o que se tem é visto como proteger a própria vida. Em um cenário em que o consumo confere ao indivíduo o seu próprio valor, define sua identidade, manter a posse daquilo que se consome, em última análise, passa a ser assegurar a própria integridade individual. Cercados desde sempre por essa lógica, parabenizamos aquele que nos salva de perder o que conquistamos e lemos a versão escolhida pelo jornalista da revista semanal sem sentir falta de qualquer outro viés interpretativo.

Internalizada essa lógica, a valoração da vida em detrimento da posse é que foge ao esperado. Ao cristalizarmos a ideia de que o bem de consumo vale mais que a própria vida, sequer pensamos ser possível uma ação que conduza ao contrário, sequer concebemos uma escala de valores em que é a relação humana que ocupa o ápice. Nesse sentido, quando a médica volta ao ônibus para socorrer o assaltante, isso chama a atenção por romper com nossas expectativas já viciadas. Se, por um lado, isso pode levar a uma problematização dos próprios valores, por outro, como acontece na notícia de Constantino, é algo a ser negado, quiçá a nem mesmo ser notado.

A bebida pisca, mas ofusca

Recentemente, um vídeo com um sujeito se autodenominando o “rei do camarote” viralizou nas redes sociais. Nele, o protagonista contava todas as vantagens de poder frequentar tais espaços nas baladas paulistanas – seria um espaço exclusivo, restrito a quem pode pagar por ele e, mais do que tudo, construído simbolicamente como algo desejável, em contraste com “a pista”, o espaço pouco valorizado. Essa dinâmica, porém, não se restringe ao contexto festivo noturno, uma vez que, em uma sociedade em que os elementos de infraestrutura são transformados em camarotes, a exclusividade desses serviços básicos a uma única parcela social não é mais um efeito colateral de um modo de vida, mas uma condição a ser mantida.

Quando a exclusividade é elaborada como um valor, a infraestrutura de qualidade já não é para qualquer um. Em uma sociedade em que elementos de infraestrutura, como educação, saúde e transporte são garantidos constitucional e gratuitamente a todos, só se cria o desejo por pagar por eles caso se insira nessa compra algo além daquilo que se leva. O pagamento de parcelas, de prestações e de mensalidades, nesse caso, não entrega ao sujeito apenas esses serviços, mas confere a ele uma valoração positiva, indica que ele “venceu na vida”, passando a não ser estranho, então, que ele queira pagar, e, nesse sentido, quanto mais paga, mais valor sente em relação a si mesmo, mais indícios de seu sucesso pode perceber.

Assim, se o camarote tem algum valor, esse valor depende do desvalor do espaço da pista. Socialmente, são os serviços públicos e gratuitos que simbolizam essa pista – a educação, a saúde e o transporte que podem ser acessados “por qualquer um”. Tal qual a pista, então, passa a ser conveniente que não atrelem a si toda a valorização dos redutos exclusivos. A ineficiência do SUS, divulgada midiaticamente, passa a ser interessante para quem lucra com a comercialização dos camarotes dos planos de saúde ou para quem se crê valorizado por pagar as mensalidades do plano, por exemplo. Se o prêmio do sucesso é limitado ao primeiro lugar do pódio, a luta individual é por ocupá-lo, não para ampliá-lo.

Redação proposta

Instruções:

1. A redação deve ser uma dissertação, escrita de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.
2. Escreva, no mínimo, 20 linhas, com letra legível. Não ultrapasse o espaço de 30 linhas da folha de redação.
3. Dê um título à sua redação.

UFSC 2017 Considere os textos a seguir para escrever uma dissertação sobre a participação dos jovens na vida pública.



BECK, Alexandre. *Armandinho*. Disponível em: <http://tirasarmandinho.tumblr.com>. Acesso em: 26 out. 2016.



Manifestação dos estudantes secundaristas de São Paulo a favor da educação pública e contra a precarização do ensino (Rovena Rosa/Agência Brasil).

Disponível em: <https://revistaolharsaopaulo.wordpress.com/2016/01/27/licoes-e-aprendizados-sobre-a-ocupacao-das-escolas/>. Acesso em: 26 out. 2016.

Texto complementar

[...] Maria Virgínia de Freitas, socióloga mestre em Educação pela Universidade São Paulo, coordena a unidade Jovens na Política, Políticas de Juventude do Ação Educativa, uma organização que visa promover os direitos educativos e da juventude.

Autora do livro *Políticas Públicas, Juventude em Pauta*, Freitas analisa as ocupações, o contexto em que elas ocorrem e as respostas do Estado. “É um absurdo que as autoridades constituídas não consigam encaminhar um processo de diálogo”, diz.

Carta Capital: Como a senhora avalia a retomada das ocupações pelos alunos em São Paulo, que agora inclui a Alesp?

Maria Virgínia de Freitas: Vejo de forma positiva. Desde o ano passado, os jovens estudantes mostram que querem fazer parte do debate, decidindo os rumos da educação. É algo que nos últimos anos não estava vívido e fez falta. Eles estavam presentes em outras pautas, mas nas discussões sobre o ensino básico, não. Para o avanço da qualidade da educação é fundamental que eles estejam presentes, trazendo suas questões.

CC: De alguma forma esse processo de ocupações tem mudado a relação dos secundaristas com a escola?

MVF: Parece que a relação com a escola foi fortalecida, há uma noção maior de que a escola é sua e não é apenas um lugar aonde é obrigado a ir. Estão profundamente interessados no que acontece ali e se sentem responsáveis pelo formato e as condições das aulas, embora muitas vezes os estudantes e professores sofram consequências.

CC: Qual é o peso simbólico de ocupar um espaço como uma escola?

MVF: A experiência da ocupação é muito forte no sentido de pertencimento. É manifestação de insatisfação, e de que outros espaços de diálogo não estão sendo possíveis. Também chama a atenção porque muitas vezes essas pautas estão escondidas no meio dos jornais.

As discussões em torno da corrupção na merenda não recebem o mesmo espaço que outras denúncias. Ocupar tem esse sentido de visibilizar, reivindicar, de dizer “eu ocupo porque também é meu”. É uma negação de que os estudantes são um público que consome passivamente, mas que são parte integrante.

[...]

CC: Essas manifestações tomaram forma porque, desta vez, a ofensiva às escolas públicas foi grande e geraria revolta em qualquer outra época ou você percebe alguma característica desses jovens ou do nosso momento histórico que estimulou as ações?

MVF: Certamente tem a ver com a conjuntura contemporânea. Essa proposta de reorganização escolar já houve nos anos 90 e não houve este tipo de movimentação, de ocupar.

Ainda vamos precisar de um distanciamento histórico para entender, mas eclodiram muitos movimentos nos últimos anos explicitando insatisfação com os mecanismos de poder, de democracia meramente representativa, ou mesmo com os espaços institucionais, e usando a ocupação. Isso tem reflexos no Brasil, que parecem ter começado com mais força em 2013.

Acho que essas questões estão presentes na juventude de forma ampla e se manifestam no tema da educação. Há também um fortalecimento de grupos e lideranças de mulheres jovens. Houve uma grande participação delas, trazendo reivindicações e questionamentos sobre como as relações de gênero são tratadas na escola e na sociedade.

Outra questão é a internet, que funciona permitindo circular informações e planejar um ato de um dia para outro, sem uma agremiação política.

Acho que são questões contemporâneas que os jovens estão expressando. Não seria, assim como não foi possível em outro momento.

CC: O que os estudantes estão aprendendo e ensinando para a sociedade com esses atos?

MVF: Eles estão aprendendo com a experiência de uma ação coletiva, de uma gestão compartilhada com regras de convivência, e que a mobilização coletiva tem efeitos. Pode não se conquistar tudo, mas sem ela as derrotas são ainda maiores.

Por outro lado, os discursos são sempre de desqualificar a capacidade dos jovens, mas eles mostraram o contrário, para quem quis ver. Mostraram que estão preocupados com a escola e são capazes de tomar iniciativa, de cuidar do espaço, de mobilizar pessoas de fora, com aulas e manifestações culturais.

Mostram que a escola, para ser significativa, precisa ser mais porosa, dialogar com o que acontece fora dos muros. Algumas unidades, quando voltaram da ocupação, passaram a ter aulas em roda, com uma relação mais horizontal.

Eles estão preocupados com e interessados na qualidade da educação como um todo. Poderiam mudar para uma escola melhor, de outro bairro, mas mantiveram a ligação com o território, a história, e o pertencimento, afirmando: “Quero que a minha escola funcione”.

Os secundaristas conquistaram a solidariedade de adultos, pais, educadores, o que é extremamente importante, porque a luta é protagonizada pelos estudantes, mas sem um apoio e uma legitimidade de outros segmentos da sociedade não haverá vitória, não haverá avanço.

FREITAS, Maria Virginia de. Ocupar é dizer “eu ocupo porque também é meu”. *CartaCapital*, 25 maio 2016. (Entrevista concedida à Ingrid Matuoka). Disponível em: <https://cartacapital.com.br/sociedade/ocupar-e-dizer-eu-ocupo-porque-tambem-e-meu>. Acesso em: 29 jun. 2022.

Na entrevista, uma das práticas políticas contemporâneas dos jovens brasileiros é colocada em pauta: a ocupação dos espaços escolares. Nessas ocupações, os próprios adolescentes envolvidos passam a se responsabilizar pela escola e, ao fazê-lo, colocam-se em uma posição que, até então, ficara apagada: a de ser o próprio centro da escola.

Ora, se é para o aluno que se organiza toda a formação proposta naquele espaço, por que ele é tão afastado das decisões tomadas? De certa maneira, ao ocupar, o estudante tira de cena um “representante” que decide por ele e toma as rédeas do que lhe diz respeito.

Essa postura pode ser expandida para outras esferas. Como fica a política representativa, por exemplo, que limita nossa atuação ao pagamento de impostos e ao comparecimento às urnas, se passarmos a nos ver como agentes também em relação ao espaço público?

Quer saber mais?

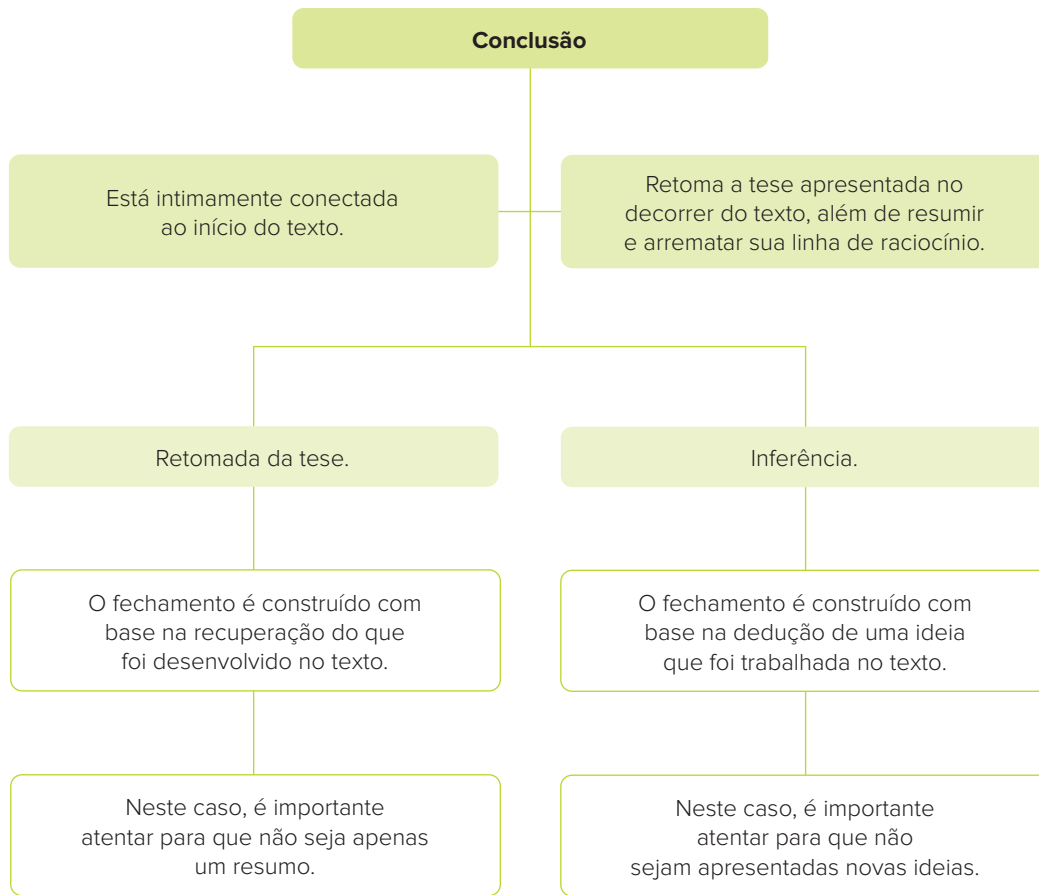


Artigo

Tudo o que muda com os secundaristas, de Peter Pál Pelbert. Disponível em: <https://outraspalavras.net/sem-categoria/pelbart-tudo-o-que-muda-com-os-secundaristas/>. Acesso em: 17 ago. 2022.

Nesse artigo, o autor trata das ocupações das escolas e aborda as rupturas que isso representa tanto em relação à forma com que se compreendia o espaço escolar quanto com o que se tinha por ideia de futuro estudantil.

FRENTE ÚNICA





FRENTE ÚNICA

CAPÍTULO

20

Conclusão II

Nem todas as conclusões finalizam. Há algumas que, quando surgem, abrem caminhos para a transformação. No entanto, é necessário estar atento, pois a mudança não está pronta em um lugar específico esperando o momento em que será encontrada. É preciso inventá-la, escrevê-la, criando novos horizontes para também se reinventar.

Terminar: intervir, consertar

Algumas propostas de redação, em especial as do Enem, não entendem a dissertação apenas como uma interpretação analítica da realidade. Nelas, os temas são apresentados como desencadeadores de problemas, e cabe a quem produz o texto elaborar possibilidades de intervenção para resolvê-los.

Diante de uma prova de redação organizada dessa forma, nossa conclusão deve ser composta da seguinte maneira: primeiro, definimos o agente e a ação interventiva; depois, determinamos o modo ou meio para solucionar a questão; e, por fim, expomos os possíveis efeitos dessa interferência. Além disso, é importante detalhar a intervenção sugerida, sempre pensando na ação e no modo/meio desenvolvidos.

Neste capítulo, estudaremos esse tipo de fechamento textual com maior especificidade.

Proposta de intervenção

Amélia de Beauvoir: por uma nova “mulher”

1 Em *Sexo e temperamento*, a antropóloga Margareth Mead apresenta os
2 resultados de sua pesquisa a respeito dos padrões de gênero em 3 tribos da Nova
3 Guiné. Segundo eles, os comportamentos usualmente ligados em nossa cultura
4 aos homens ou às mulheres eram opostos ou inexistentes naqueles povos, o
5 que evidencia que o entendimento acerca do que é o masculino e o feminino é
6 construído socialmente e, portanto, passível de mudança. Assim, para reverter
7 o atual quadro de violência contra as brasileiras, além da intensificação das
8 medidas legislativas já existentes, é necessário, sobretudo, operar uma mudança
9 na forma como a mulher é compreendida no Brasil.



10 Tal compreensão, aliás, é ilustrada no cancionário popular. Da “Amélia”,
11 de Mário Lago, “mulher de verdade” por não se opor ao homem, até a mulher-
12 -objeto do “Sertanejo Universitário”, fica claro que a figura feminina é construída
13 como dependente da masculina. Essa inferiorização se reflete em obstáculos
14 diversos, dos salários mais baixos pagos à mulher à sua ínfima presença entre os
15 parlamentares. Nesse contexto, a violência simbólica contra o gênero feminino é
16 tão naturalizada, que muitos veem a presença de uma frase da filósofa feminista
17 Simone de Beauvoir na prova do Enem como pura ideologia, e não como uma
18 questão realmente importante a ser repensada.

19 Nesse sentido, os mais de 330 mil processos instaurados com base na Lei Maria
20 da Penha, mesmo provavelmente longe de indicarem com precisão a realidade,
21 dão ideia da violência. Por um lado, o homem que bate e abusa não vê na mulher
22 uma igual. Por outro, não é ela, muitas vezes, quem legisla sobre si mesma: a
23 atual proposta que circula no Congresso de dificultar o aborto mesmo em casos
24 de estupro aponta para a perpetuação da objetificação feminina e da violência
25 decorrentes disso.

26 Logo, para enfrentar tal cenário é preciso agir, principalmente, na cultura.
27 Embora caiba ao governo a intensificação das leis punitivas, ele deve ser
28 responsável, especialmente, por proteger a mulher, punindo empresas que façam
29 distinção salarial e aumentando os benefícios do Bolsa Família, por exemplo, que,
30 por ficar no nome da mãe da família, garante independência financeira e permite
31 que a agredida denuncie os abusos que sofre do marido. É na educação, no
32 entanto, que mais se pode fazer para transformar o paradigma cultural. As escolas
33 poderiam promover palestras para os pais e para os alunos para problematizar
34 os modelos de gênero tradicionais e a violência advinda deles. Às famílias, por
35 sua vez, cabe não impor às crianças o que seria uma brincadeira de menina ou
36 um comportamento de menino: a diversão e os sonhos de meninas e meninos
37 não devem se restringir ao que levam entre as pernas, mas respeitarem toda
38 a complexidade subjetiva. É na sinergia de todos esses esforços que podemos

| | |
|----|--|
| 39 | reconstruir a imagem da mulher na sociedade brasileira, reconhecendo-a como |
| 40 | um indivíduo pleno e independente e, assim, de forma efetiva, interrompermos a |
| 41 | persistência da violência. |
| | |
| | Autoria de LACC |
| | |

Quanto à introdução e ao desenvolvimento da redação, não há novidades; ou seja, a contextualização é feita com base no repertório de referências do candidato e, a partir desses conhecimentos, chega-se a uma tese que relaciona a violência contra a mulher à maneira como, culturalmente, se atribuem certos papéis aos gêneros em nossa sociedade.

Para sustentar esse ponto de vista, no D1, o autor recorre ao *status* de inferioridade designado à mulher por meio de músicas, de aspectos econômicos, da pouca representatividade feminina entre os parlamentares e de uma polêmica, percebida no dia anterior à escrita do texto, concretizando a interpretação de que a construção cultural subjuga a mulher.

Já no D2, são trabalhadas as consequências desse processo e alguns possíveis motivos que o mantêm.

No entanto, nosso foco é a conclusão. A proposta do Enem 2015 exigia que fossem apresentadas intervenções contra a persistência da violência contra a mulher, e o autor dessa dissertação as concentrou no último parágrafo, como analisaremos a seguir.

- a) **A intensificação de leis punitivas (linha 27):** essa medida aponta para a punição dos agressores em um sentido individual, isto é, deve-se prender aquele que agride. Todavia, como o texto aborda o tema a partir de uma perspectiva cultural, não faria muito sentido limitar-se às prisões, já que elas tocam nos efeitos, mas não nas causas da violência – é a cultura que deve ser transformada para pôr fim a ela.



b) Independência econômica (linhas 27 a 31): ainda tomando o Estado como agente, essa intervenção dialoga com a forma como a figura da mulher é construída em nossa sociedade. Se muitas das violências são cometidas por conta de uma dependência econômica, cabe ao governo interferir nesse aspecto. Nesse momento, o autor apresenta, inclusive, exemplos possíveis dessa intervenção.



c) Palestras (linhas 32 a 34): as escolas, como agentes, poderiam começar a trabalhar as questões de gênero de maneira mais séria. O autor sugere que, por meio do contato com as famílias, seria possível refletir sobre a relação entre gênero e violência.

d) Papel da família (linhas 34 a 38): em nossas relações mais imediatas, também há o que ser feito. De acordo com o texto, podemos, em nossos círculos familiares, mudar nossa postura diante das crianças, educando-as para viverem de uma forma mais igualitária e libertária.

Como podemos perceber, as propostas de intervenção sugeridas pelo autor não são desconectadas do que foi desenvolvido ao longo do texto. Uma vez que a abordagem geral é fundamentada na tese de que a violência contra a mulher é causada pela maneira como os conceitos de homem e mulher são construídos em nossa sociedade, as soluções apresentadas no texto devem caminhar nesse mesmo sentido, respeitando essa perspectiva, sob pena de, sem isso, comprometer a unidade da análise.

! Atenção

Nas propostas mais recentes do Enem, foram apresentados os seguintes temas:

- Violência contra a mulher, em 2015;
- Intolerância religiosa e intolerância contra os negros, ambas em 2016;
- Formação educacional de surdos no Brasil, em 2017;
- Manipulação do comportamento do usuário pelo controle de dados na internet, em 2018;
- Democratização do acesso ao cinema, em 2019;
- O estigma associado às doenças mentais e a redução das desigualdades entre as regiões do Brasil, ambas em 2020;
- Invisibilidade e registro civil, em 2021.

A coletânea sempre trabalha com mostras do que, institucionalmente, já vem sendo feito para combater as adversidades. Isso sugere que as instituições, sozinhas, não são capazes de resolver tudo. Que tal, então, pensar em como, em nossas práticas cotidianas, podemos contribuir para a melhoria de uma série de problemas sociais?

Construindo a intervenção

Outro aspecto importante a ser notado é a estrutura dessa conclusão, que segue o padrão dos parágrafos argumentativos. Há um tópico frasal amplo:

Logo, para enfrentar tal cenário é preciso agir, principalmente, na cultura.

Por meio desse tópico frasal, é possível identificar que se trata de um parágrafo em que as formas de agir contra o problema apresentado anteriormente serão trabalhadas, e que isso será feito a partir das construções culturais.

Como um bom tópico frasal, ele ainda não especifica as medidas que devem ser tomadas ou os agentes a serem acionados no processo, pois tudo isso será desenvolvido na expansão.

Nessa sequência, abordam-se algumas intervenções possíveis de acordo com as instâncias capazes de executá-las. No caso desse texto, há:

- o Estado;
- as escolas;
- as famílias.

No entanto, poderíamos expandir essa lista para outras instâncias, por exemplo:

- ONGs;
- cidadãos comuns;
- iniciativa privada.

De qualquer maneira, nota-se que o autor expõe o que cada agente poderia fazer, fornecendo alguns detalhes de sua respectiva ação, isto é, como a proposta seria realizada ou qual seria a sua finalidade.

A coesão entre os agentes é outro aspecto importante a ser observado. Textualmente, os agentes são ligados por elementos conectivos, como:

- embora;
- no entanto;
- por sua vez.

Outra possibilidade para apresentar as propostas de intervenção seria partir de uma espécie de cronograma. Nesse caso, elas seriam divididas em torno do que se pode fazer em curto, médio e longo prazos.

Por fim, o texto não termina na última solução sugerida. Há uma frase que faz esse fechamento, retomando a discussão direcionada ao que havia sido cobrado pela proposta.

É na sinergia de todos esses esforços que podemos reconstruir a imagem da mulher na sociedade brasileira, reconhecendo-a como um indivíduo pleno e independente e, assim, de forma efetiva, interrompermos a persistência da violência.

Considerando nossos estudos sobre as formas de pensar nas intervenções e de organizá-las em um parágrafo conclusivo, que tal colocar tudo isso em prática?

Revisando

- A seguir, são apresentadas duas dissertações feitas a partir de uma perspectiva de solução de problemas. No entanto, retiramos as conclusões de ambas para que você possa elaborá-las, tomando como base o que foi trabalhado neste capítulo.

Texto 1

De pai para filho

Ao final de 2015, o governo brasileiro aprovou a Lei n. 13.185, a qual tem por objeto central o *bullying*, uma espécie de violência física e simbólica praticada, principalmente, entre crianças e adolescentes. Ainda que a aprovação do texto seja importante por colocar em pauta um problema social pouco discutido, a lei, sozinha, não basta para controlá-lo, pois trata-se de algo arraigado culturalmente. Nesse sentido, é necessária a intensificação dos esforços governamentais, mas, sobretudo, uma revisão da própria forma de educar os jovens.

Segundo pesquisas recentes do IBGE, esse problema vem se agravando. Além do aumento do número de casos, os dados indicam que a maioria dos entrevistados não sabe o motivo da violência, e os que sabem a atrelam às diferenças percebidas “nos alvos”. Dessa maneira, evidencia-se uma inabilidade para se lidar com o “outro” – a qual, em crianças, parece muito mais um reflexo de comportamentos adultos – e uma baixa problematização disso. Conforme, porém, essa naturalização persiste, a estrutura de opressão em relação a tudo o que é diferente segue o mesmo caminho: se, para os pais, os preconceitos se justificam por serem “só uma piada”, para os filhos, a violência praticada começa a ser também “só uma brincadeira”.

O efeito disso é que, sem romper com esse ciclo que enxerga na diferença algo a ser hostilizado, perpetuem-se problemas sociais e individuais. Por um lado, a normalização da violência na infância não parece apontar para algo diferente da intolerância na vida adulta: para quem agredia o “gordo” e o “maricas” na escola, não seriam estranhas a homofobia e o racismo, por exemplo. Por outro lado, as próprias vítimas tendem a se retrair e a se ver como inadequadas, o que aumenta casos de depressão ou de reações violentas, tal qual ocorrem em ataques desesperados, como é retratado no documentário “Tiros em Columbine”.

Autoria de LACC

Saiba mais

O termo *bullying* vem do inglês *to bully*, que significa “ameaçar”, e remete à pessoa que se utiliza de atitudes agressivas, verbais ou físicas, para intimidar ou coagir alguém mais fraco.

Texto 2

Combate consciente

(Redação nota 1.000, em 2014, escrita pela ex-aluna Jéssica Cremonesi)

Hodiernamente, observamos o grande vínculo que as novas gerações têm criado com as tecnologias midiáticas. Somado a essa realidade, com o crescimento das áreas de publicidade e propaganda, é notável o aumento do *marketing* infantil, incluindo as crianças na vigente e imperante lógica consumista – algo muito perigoso, se não controlado. Nesse sentido, órgãos como o Conar e o Conanda

tentam precaver possíveis males na vida e no desenvolvimento das crianças, mas outras medidas precisam ser tomadas para evitar o agravamento do abusivo quadro da publicidade infantil existente no país.

Um exemplo deste quadro pode ser constatado no documentário “Muito além do peso”, no qual vemos o quanto a influência da mídia, sobretudo da televisão, incentiva o consumo de alimentos com alto teor de açúcar e de gordura, o que gera um alarmante quadro de obesidade infantil. Sempre associados a diversão e prazer, além do forte cunho apelativo (“Compre Batom”), os produtos seduzem as crianças e os pais que, muitas vezes desinformados, rendem-se à aquisição de mercadorias encantadoras aos olhos.

Porém, não é somente na esfera televisiva que a persuasão publicitária atua. Brinquedos, jogos eletrônicos, acessórios de informática e até mesmo celulares são propagandeados com o intuito de atingir o público infantil. Ao englobar sem restrições nem filtros os pequeninos no mundo informatizado, corre-se o risco de permitir que se estabeleça futuramente uma geração dependente da tecnologia e incapaz de interagir e de se relacionar com o mundo de uma forma mais sensível, “tátil”, simples e crítica e menos automatizada e imediatista.

Jéssica Cremonesi

Redação proposta

• Enem 2016 – primeira aplicação

Textos motivadores

Texto I

Em consonância com a Constituição da República Federativa do Brasil e com toda a legislação que assegura a liberdade de crença religiosa às pessoas, além de proteção e respeito às manifestações religiosas, a laicidade do Estado deve ser buscada, afastando a possibilidade de interferência de correntes religiosas em matérias sociais, políticas, culturais etc.

Disponível em: www.mprj.mp.br. Acesso em: 21 maio 2016. (Fragmento).

Texto II

O direito de criticar dogmas e encaminhamentos é assegurado como liberdade de expressão, mas atitudes agressivas, ofensas e tratamento diferenciado a alguém em função de crença ou de não ter religião são crimes inafiançáveis e imprescritíveis.

STECK, J. “Intolerância religiosa é crime de ódio e fere a dignidade”. *Jornal do Senado*. Acesso em: 21 maio 2016. (Fragmento).

Texto III

Capítulo I

Dos Crimes Contra o Sentimento Religioso

Ultraje a culto e impedimento ou perturbação de ato a ele relativo

Art. 208 – Escarnecer de alguém publicamente, por motivo de crença ou função religiosa; impedir ou perturbar cerimônia ou prática de culto religioso; vilipendiar publicamente ato ou objeto de culto religioso:

Pena – detenção, de um mês a um ano, ou multa.

Parágrafo único – Se há emprego de violência, a pena é aumentada de um terço, sem prejuízo da correspondente à violência.

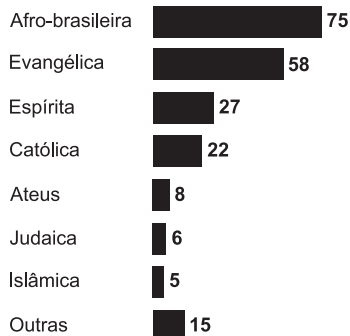
BRASIL. Código Penal. Disponível em: www.planalto.gov.br. Acesso em: 21 maio 2016. (Fragmento).

Texto IV

Intolerância Religiosa no Brasil

Fiéis de religiões afro-brasileiras são as principais vítimas de discriminação

Número de denúncias por religião (2011 a 2014*)



1
denúncia a
cada 3 dias



213
denúncias com
religião não informada



20%
dos episódios
relatados em 2013
envolveram
violência física



12%
dos episódios
relatados até jul. 2014
envolveram
violência física

Até jul. 2014

Fonte: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República.
Disponível em: www1.folha.uol.com.br. Acesso em: 31 maio 2016 (adaptado).

Proposta de redação

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema “Caminhos para combater a intolerância religiosa no Brasil”, apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

Texto complementar

No Dia de Combate à Intolerância Religiosa, líderes alertam sobre discriminação

Em 2014, o Disque 100 registrou 149 denúncias de discriminação religiosa no país. Mais de um quarto delas ocorreu no estado do Rio de Janeiro e 19,46%, em São Paulo

Em outubro de 1999, o jornal *Folha Universal* estampou em sua capa uma foto da ialorixá Gildásia dos Santos e Santos, a Mãe Gilda, em publicação com o título “Macumbeiros charlatões lesam o bolso e a vida dos clientes”. A casa da Mãe Gilda foi invadida, seu marido foi agredido verbal e fisicamente e seu terreiro, depredado por integrantes de outro segmento religioso. Mãe Gilda morreu em 21 de janeiro de 2000, vítima de um infarto. Para combater atitudes discriminatórias e prestar homenagem a Mãe Gilda, foi instituído, em 27 de dezembro de 2007, pela Lei 11.635, o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa, celebrado hoje (21).

Casos como o de Mãe Gilda não são isolados. Em 2014, o Disque 100 registrou 149 denúncias de discriminação religiosa no país. Mais de um quarto (26,17%) ocorreu no estado do Rio de Janeiro e 19,46%, em São Paulo. O número total caiu em relação a 2013, quando foram registradas 228 denúncias, mas, mesmo assim, mostra que a questão não foi superada no país. As principais vítimas são as religiões de matriz africana, como o candomblé e a umbanda.

“No ano passado, tivemos diferentes ações contra a intolerância religiosa, como manifestações, publicação de vídeos. Não acho que diminuiu imediatamente, mas os grupos têm reagido. Não quer dizer que tivemos menos invasões de casas e agressão pela não permissão do uso de indumentárias em espaços públicos”, analisa a coordenadora da organização não governamental (ONG) Criola, Lúcia Xavier.

Para ela, a discriminação das religiões de matriz africana está ligada ao racismo. De acordo com os dados do Disque 100, no ano passado, 35,39% das vítimas eram negros. Os brancos corresponderam a 21,35% e os indígenas, a 0,56%. Os demais não informaram. “Tem a ver também com a ideia de que as religiões de matriz africana são primitivas, usam sacrifícios de animais, têm ritos diferenciados”, diz Lúcia.

“Acho que, embora tenham ocorrido alguns avanços nos últimos anos, um desafio muito grande é o de esclarecimento. A religião é demonizada, acham que cometemos barbáries. Não é nada disso. As pessoas precisam de mais informação, de saber mais a respeito”, diz a ialorixá Dora Barreto, do terreiro Ilê Axé T’Ojú Labá, no Distrito Federal.

Segundo o professor de Filosofia da Religião da Universidade de Brasília Agnaldo Cuoco Portugal, muitas vezes, a intolerância extrapola a religião e relaciona-se com questões socioeconômicas e políticas. “O Brasil é um país relativamente pacífico em termos de violência religiosa”, compara. Entre casos extremos de intolerância, ele cita o recente ataque à redação do semanário francês *Charlie Hebdo* e os ataques consequentes a mesquitas.

No Brasil, ele defende que para combater a intolerância é necessária uma imprensa ativa, canais de participação e acesso a denúncias pela sociedade e a própria educação religiosa. “A ideia de educação religiosa na escola pública no Brasil é interessante. Só acho uma pena que ela seja entregue às igrejas. A minha visão é de que seja assunto de estudo científico, como qualquer outro, deveria ser o estudo das religiões para saber o que pensam os grupos, de forma científica e não catequética”, defende Portugal.

Veja o que dizem algumas lideranças religiosas sobre a tolerância:

Judaísmo

O judaísmo nasce como uma tradição em direção ao diálogo. Isso não significa, no entanto, que ao longo de tantos anos a postura sempre tenha sido tolerante. Mas, de maneira geral, temos vários exemplos de tolerância e de diálogo. A tolerância gera mais riqueza, riqueza cultural. É um tema do nosso cotidiano. A promoção do diálogo é saudável, interessante e desejável.

NAPCHAN, Sergio. Diretor de Relações Institucionais da Confederação Israelita do Brasil.

Catolicismo

Desde 1965, com o Concílio Vaticano II, a Igreja Católica iniciou uma forma mais clara de busca de comunhão e diálogo com as igrejas cristãs e grandes tradições religiosas. Para os católicos, vivenciar o Evangelho é reconhecer que todas as religiões procuram responder a questões humanas, que são comuns. Cada um responde de acordo com suas doutrinas, ritos e caminhos, mas todos procuram responder às mesmas questões. Reconhecendo isso, vamos nos encontrar com o propósito de paz, harmonia e felicidade.

BARBOSA, Marcus. Padre integrante da Comissão para o Ecumenismo e o Diálogo Interreligioso, da Comissão da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

Religiões islâmicas e muçulmanas

Nossa religião é clara: Quem mata uma alma, mata a humanidade inteira. Nossa educação é que vivamos em paz com outras religiões. Quem vai julgar as pessoas é Deus. É preciso tratar o próximo com amor e carinho. No Brasil, estamos abrindo diálogo com outras religiões, visitando outras igrejas. Estamos convivendo em paz, é um excelente exemplo. A religião islâmica não é esse fantasma e o terrorismo não representa os muçulmanos.

EL DIN, Sheikh Khaled Taky. Presidente do Conselho de Teólogos Islâmicos no Brasil.

Candomblé

O candomblé tem por princípio o acolhimento, receber bem, dar um rumo para as pessoas, esclarecer. Tenho grandes amigos de outras religiões. Com a tolerância, ganhamos a união. Todos ficam mais fortes. O ideal seria que se tivesse um problema na minha casa, fosse conversar com um pastor ou um padre para saber a opinião deles. Ouvindo a opinião de outras religiões, consegue-se fazer melhor juízo.

BARRETO, Dora. Ialorixá do terreiro Ilê Axé T'Ojú Labá.

Espiritismo

Entendemos que todas as religiões devem ser tratadas com respeito e reconhecimento às condições e à liberdade de culto e pensamento. Nossa posição é a de estímulo ao diálogo e à somatória de esforços, quando houver necessidade de colaboração com a sociedade. O mundo em que vivemos não admite o isolamento em grupos ou clãs. A única forma de pensar a convivência e o respeito é estabelecer o diálogo.

PERRI, Antonio Cesar. Presidente da Federação Espírita Brasileira.

Protestantismo

O protestantismo não pratica intolerância religiosa. Você não vê um cristão protestante matar, bater ou discriminar alguém por causa de sua fé em Cristo Jesus. Se fizer isso, ele não é um cristão verdadeiro ou nunca foi. O protestantismo tem sua fé pautada na Bíblia Sagrada e entende que algumas coisas são boas e outras coisas são ruins: algumas coisas devemos ou podemos fazer e outras não nos convêm; o que é bom para uma pessoa pode ter significado ruim para outra pessoa. O que não podemos aceitar é que o princípio da liberdade de expressão seja ferido, pois nunca terá uma concordância entre as religiões; sempre vai existir a diversidade em todos os segmentos.

OLIVEIRA, Carlos. Pastor presidente do Conselho Federal de Pastor.

TOKARNIA, Mariana. No Dia de Combate à Intolerância Religiosa, líderes alertam sobre discriminação. *Agência Brasil*, 21 jan. 2015. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2015-01/no-dia-de-combate-intolerancia-religiosa-lideres-alertam-sobre>. Acesso em: 18 ago. 2022.

A reportagem traz informações importantes a respeito do cenário de intolerância religiosa no Brasil e, além disso, sugere algumas medidas possíveis para combatê-lo. Mais do que isso, é interessante observar como os representantes de diversas religiões se posicionam em prol da tolerância e discursam que, ainda que diverjam em relação às formas de entrar em contato com o sobrenatural, nenhum deles prega o ódio ao outro.

A experiência do divino pode ser plural, variada. Reconhecê-lo é fundamental para que a “religião”, como a etimologia do termo indica, possa, de fato, religar, e não desunir.

Quer saber mais?



Vídeo

Tudo começa pelo respeito, de Mariana Sousa. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=nSS5MPX72Ao. Acesso em: 30 jun. 2022.

Na palestra em uma edição paulista do *TED talks*, a poetisa apresenta, além de suas reflexões, dois poemas bastante integrados com a proposta de redação do capítulo e com a própria ideia de transformação indicada pelas propostas do Enem.

Resumindo

Conclusão

Há propostas de redação que problematizam temas, demandando a elaboração de sugestões de intervenção para o problema exposto.

Para esse tipo de proposta, é necessário organizar sua conclusão da seguinte forma:

As propostas de intervenção relacionadas na conclusão precisam estar alinhadas às ideias discutidas no desenvolvimento do texto.

Iniciar a conclusão com um tópico frasal e finalizá-la com uma frase que retome o assunto da proposta enriquecerá o fechamento de sua redação.

definição de agente e ação interventiva;

escolha de modo/meio de solucionar o problema;

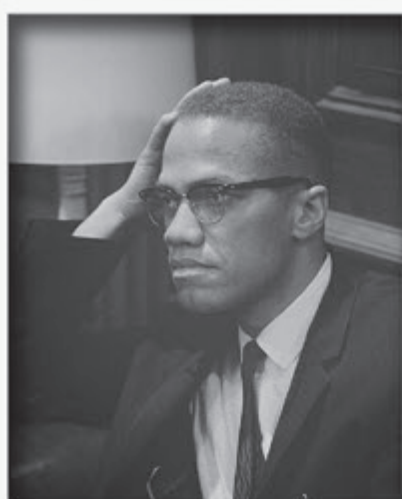
apresentação dos resultados possíveis da intervenção.



Nelson Mandela e Kweisi Mfume



Harriet Tubman



Malcolm X



Martin Luther King Jr.

FRENTE ÚNICA

CAPÍTULO

21

Análise da conclusão

A luta pela igualdade entre negros e brancos e contra as suas mais variadas opressões tem formas variadas. Na vida cotidiana, aliás, essas formas ganham diferentes faces e se materializam em diversas questões, desde as mais evidentes até as mais sutis. A heterogênea busca pelo fim do racismo, enfim, diversifica o tom de suas batalhas.

A luta por direitos iguais para negros e brancos não é algo atual. Ao longo da história, ela tomou formas diversas e conquistou vitórias que, em certos momentos, pareciam impensáveis. O racismo, no entanto, ainda está presente na sociedade e continua a se materializar de modo a prejudicar a população negra, seja por meio de salários inferiores, seja pela falta de representatividade midiática e política, seja por se refletir em autoestimas fragilizadas. É por isso que esse tema aparece como foco de várias propostas de redação, como as duas que analisaremos a seguir.



Zac Hancock/Shutterstock.com

A imagem retrata um protesto antirracista ocorrido em Manchester, Inglaterra. Entre as placas, os ativistas expressam “silêncio é violência”, “sem justiça, não há paz”, além de ser registrada a presença dos ativistas do movimento Black Lives Matter (Vidas Negras Importam).

Saiba mais

O movimento Black Lives Matter (em português: Vidas Negras Importam) foi fundado em 2013, nos EUA, por três ativistas negras: Alicia Garza, Patrisse Cullors e Opal Tometi. As ações do movimento ganharam projeção internacional em 2014, quando o grupo organizou atos em resposta aos assassinatos, pela polícia, dos jovens Michael Brown, em Ferguson (Missouri), e Eric Garner, na cidade de Nova York.

A morte de George Floyd, nos Estados Unidos, em 2020, deu ainda mais notoriedade ao movimento. Floyd foi morto por asfixia ao ser imobilizado por um policial. O caso reacendeu o movimento, e os protestos contra a violência policial e a morte de pessoas negras inocentes tornou o Black Lives Matter o maior movimento em protestos na história do país norte-americano.

Mesmo tema, conclusões diferentes

A prova da Unesp 2015 e a segunda aplicação do Enem 2016 servirão de base para estudarmos como, com disposições diferentes, dois temas semelhantes de redação podem gerar conclusões dissertativas distintas.

Dessa forma, com base nas propostas a seguir, observaremos a construção do último parágrafo em duas redações reais.

Proposta 1

Unesp 2015

Texto 1

O Brasil era o último país do mundo ocidental a eliminar a escravidão! Para a maioria dos parlamentares, que se tinham empenhado pela abolição, a questão estava encerrada. Os ex-escravos foram abandonados à sua própria sorte. Caberia a eles, daí por diante, converter sua emancipação em realidade. Se a lei lhes garantia o *status* jurídico de homens livres, ela não lhes fornecia meios para tornar sua liberdade efetiva. A igualdade jurídica não era suficiente para eliminar as enormes distâncias sociais e os preconceitos que mais de trezentos anos de cativeiro haviam criado. A Lei Áurea abolia a escravidão mas não seu legado. Trezentos anos de opressão não se eliminam com uma penada. A abolição foi apenas o primeiro passo na direção da emancipação do negro. Nem por isso deixou de ser uma conquista, se bem que de efeito limitado.

(Emília Viotti da Costa. *A abolição*, 2008.)

Texto 2

O Instituto Ethos, em parceria com outras entidades, divulgou um estudo sobre a participação do negro nas 500 maiores empresas do país. E lamentou, com os jornais, o fato de que 27% delas não souberam responder quantos negros havia em cada nível funcional. Esse dado foi divulgado como indício de que, no Brasil, existe racismo. Um paradoxo. Quase um terço das empresas demonstra a entidades seríssimas que “cor” ou “raça” não são filtros em seus departamentos de RH e, exatamente por essa razão, as empresas passam a ser suspeitas de racismo. Elas são acusadas por aquilo que as absolve. Tempos perigosos, em que pessoas, com ótimas intenções, não percebem que talvez estejam jogando no lixo o nosso maior patrimônio: a ausência de ódio racial.

Há toda uma gama de historiadores sérios, dedicados e igualmente bem-intencionados, que estudam a escravidão e se deparam com esta mesma constatação: nossa riqueza é esta, a tolerância. Nada escamoteiam: bem documentados, mostram os horrores da escravidão, mas atestam que, não a cor, mas a condição econômica é que explica a manutenção de um indivíduo na pobreza. [...]. Hoje, se a maior parte dos pobres é de negros, isso não se deve à cor da pele. Com uma melhor distribuição de renda, a condição do negro vai melhorar acentuadamente. Porque, aqui, cor não é uma questão.

(Ali Kamel. “Não somos racistas”. www.oglobo.com.br, 09.12.2003.)

Texto 3

Qualquer estudo sobre o racismo no Brasil deve começar por notar que, aqui, o racismo é um tabu. De fato, os brasileiros imaginam que vivem numa sociedade onde não há discriminação racial. Essa é uma fonte de orgulho nacional, e serve, no nosso confronto e comparação com outras nações, como prova incontestada de nosso *status* de povo civilizado.

(Antonio Sérgio Alfredo Guimarães. *Racismo e anti-racismo no Brasil*, 1999. Adaptado.)

Texto 4

Na ausência de uma política discriminatória oficial, estamos envolvidos no país de uma “boa consciência”, que nega o preconceito ou o reconhece como mais brando. Afirma-se de modo genérico e sem questionamento uma certa harmonia racial e joga-se para o plano pessoal os possíveis conflitos. Essa é sem dúvida uma maneira problemática de lidar com o tema: ora ele se torna inexistente, ora aparece na roupa de alguém outro.

É só dessa maneira que podemos explicar os resultados de uma pesquisa realizada em 1988, em São Paulo, na qual 97% dos entrevistados afirmaram não ter preconceito e 98% dos mesmos entrevistados disseram conhecer outras pessoas que tinham, sim, preconceito. Ao mesmo tempo, quando inquiridos sobre o grau de relação com aqueles que consideravam racistas, os entrevistados apontavam com frequência parentes próximos, namorados e amigos íntimos. Todo brasileiro parece se sentir, portanto, como uma ilha de democracia racial, cercado de racistas por todos os lados.

(Lilia Moritz Schwarcz. *Nem preto nem branco, muito pelo contrário*, 2012. Adaptado.)

Com base nos textos apresentados e em seus próprios conhecimentos, escreva uma redação de gênero dissertativo, empregando a norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema: **O legado da escravidão e o preconceito contra negros no Brasil.**

Dissertação 1

Os que têm cor agem

“Não sou descendente de escravos. Eu descendo de seres humanos que foram escravizados!”. Quando Makota Valdina, militante do movimento negro, exclama essa frase, ela desmascara a tradição que cristaliza a identidade negra numa história de subordinação e desumanização. Desse modo, ficou estabelecida a necessidade de uma revisão historiográfica da escravidão, bem como a reformulação do ensino desse período. Isso porque, uma vez que esse legado tende a definir a questão identitária da população negra, tem-se que a escravidão está diretamente relacionada ao preconceito racial. Assim, em uma cultura marcada pelo mito da democracia racial e pela relativização do preconceito, o racismo é ferramenta para a manutenção de uma estrutura política.

Nascer negro em um país racista significa ter um desafio diário a ser vencido. Diante de uma sociedade que naturalizou a escravidão como amuleto linguístico e cultural, os indivíduos tendem a anular as desigualdades para facilitar seu uso corriqueiro. Desse modo, expressões como “tem caroço nesse angu” e “a dar com pau” continuam sendo reproduzidas sem ganharem a problematização de serem expressões com raízes escravocratas, pois, aos olhos socialmente míopes, o Brasil já

superou o racismo. Dentro dessa utópica democracia racial, a escravidão é ensinada sob a visão do colonizador e, conseqüentemente, tida como algo do passado embora a empregada negra continue dormindo num local específico e sendo quase da família.

Além do legado do racismo, o indivíduo negro se depara com outro desafio: provar que o racismo existe. Ainda que, diante de uma estrutura explicitamente racista, que opera socialmente quando os espaços são ocupados majoritariamente pela população branca; economicamente quando a população negra é marginalizada e sofre diretamente as conseqüências da desigualdade; e culturalmente quando a lógica mercadológica apaga seus significados tradicionais e venaliza sua história num processo de apropriação cultural; a questão racial é simplificada equivocadamente como um problema de responsabilidade do indivíduo negro. Nesse sentido, explicar o óbvio traz complexidade e relativiza a luta do movimento, sendo comum deparar-se com afirmações que anulam a cor da pele e denominam paradoxal uma relação evidente de segregação étnica.

Não há como manter uma estrutura política baseada na desigualdade sem alguma forma de opressão discriminatória. Nesse sentido, o racismo possui a função social de estabelecer diferenças que valorizem a exclusão essencial à estrutura política vigente. Assim, ficam evidentes os traços da ignorância intelectual que mascara reincidentemente a existência da desigualdade racial. Se, por um lado, o legado da escravidão continua existente, por outro, há uma evidente tentativa de anular essa realidade. Sendo assim, enquanto os intelectuais brasileiros não abrirem mão dos seus privilégios e assumirem não só a estrutura racista, mas o racismo que há dentro de si, continuaremos disputando a nega para desempatar o jogo da ignorância, e permaneceremos chutando a macumba caso algo tenda a dar errado.

Rodrigo Roel

Comentário sobre a conclusão

Em primeiro lugar, cabe investigar como se chegou à conclusão do texto. O autor, logo na introdução, afirma haver um vínculo entre a escravidão e o racismo contemporâneo – em outras palavras, este é o legado daquela. Para construir essa ideia, o primeiro parágrafo de desenvolvimento explora a questão da falsa democracia racial em que vivemos, a qual anula superficialmente as desigualdades, mas as mantém em um nível mais profundo.

O segundo parágrafo argumentativo, por sua vez, discute outro aspecto desse cenário: se as desigualdades entre brancos e negros não são reconhecidas, acabamos rejeitando o próprio racismo, isto é, a institucionalização dessa diferença é negada, pois, ainda que o racismo se manifeste social, econômica e culturalmente, em um contexto em que ele é apagado, suas conseqüências passam a ser entendidas como casos individuais, isolados.

Por fim, o que nos interessa analisar com um pouco mais de cuidado neste capítulo é a conclusão. O primeiro período dela faz uma inferência em relação a tudo o que havia sido desenvolvido anteriormente, como se o autor dissesse: “posto tudo isso que defendi, concluo que não há uma estrutura desigual sem uma discriminação que a embasa”. Na sequência, essa afirmação é explicada por meio da concepção de que, em nossa sociedade, é o racismo que sustenta a lógica vigente.

Depois disso, para fechar o texto, a conclusão retoma aspectos já trabalhados anteriormente: o mascaramento do racismo e as tentativas de anulação superficial das desigualdades ligadas à cor e à manutenção de privilégios que dialogam com as questões desenvolvidas. Vale destacar que a conclusão deixa clara a posição do autor a respeito do legado da escravidão e do racismo no Brasil, isto é, os legados perduram, ainda que se tente abafá-los. Para finalizar, o autor faz uso de uma sentença forte, escrita com expressões que destacam a ideia apresentada em seu texto: enquanto persistir o mascaramento dessa realidade, o racismo persistirá também.

Proposta 2

Enem 2ª aplicação 2016

TEXTOS MOTIVADORES

Texto I

Ascendendo à condição de trabalhador livre, antes ou depois da abolição, o negro se via jungido a novas formas de exploração que, embora melhores que a escravidão, só lhe permitiam integrar-se na sociedade e no mundo cultural, que se tornaram seus, na condição de um subproletariado compelido ao exercício de seu antigo papel, que continuava sendo principalmente o de animal de serviço. [...] As taxas de analfabetismo, de criminalidade e de mortalidade dos negros são, por isso, mais elevadas, refletindo o fracasso da sociedade brasileira em cumprir, na prática, seu ideal professorado de uma democracia racial que integrasse o negro na condição de cidadão indiferenciado dos demais.

RIBEIRO, D. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. (Fragmento).

Texto II

Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989

Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor

Art. 1º – Serão punidos, na forma desta lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional.

Disponível em: www.planalto.gov.br. Acesso em: 25 maio 2016. (Fragmento).

Texto III

SenadoFederal

Racismo ou Injúria Racial?

Racismo é a conduta discriminatória dirigida a determinados grupos

Injúria racial é ofender a honra de alguém com a utilização de elementos referentes à raça, cor, etnia, religião ou origem.

Ilustração: freepik.com

Disponível em: www12.senado.leg.br. Acesso em: 25 maio 2016.

Texto IV

O que são ações afirmativas

Ações afirmativas são políticas públicas feitas pelo governo ou pela iniciativa privada com o objetivo de corrigir desigualdades raciais presentes na sociedade, acumuladas ao longo de anos.

Uma ação afirmativa busca oferecer igualdade de oportunidades a todos. As ações afirmativas podem ser de três tipos: com o objetivo de reverter a representação negativa; para promover igualdade de oportunidades; e para combater o preconceito e o racismo.

Em 2012, o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu por unanimidade que as ações afirmativas são constitucionais e políticas essenciais para a redução de desigualdades e discriminações existentes no país.

No Brasil, as ações afirmativas integram uma agenda de combate à herança histórica de escravidão, segregação racial e racismo contra a população negra.

Disponível em: www.seppir.gov.br. Acesso em: 25 maio 2016. (Fragmento).

Proposta de redação

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema “Caminhos para combater o racismo no Brasil”, apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

Dissertação 2

Racismo no âmbito das fraudes, das desigualdades salariais e do número de mortos

Em 2016, a Universidade Federal de Pelotas, no Rio Grande do Sul, expulsou mais de 20 alunos, depois de investigação do Ministério Público, por constatar fraude nas cotas raciais. A lei de cotas, Lei n. 12.711, sancionada em 2012, garante que uma porcentagem das vagas nas universidades federais seja preenchida por negros ou pardos. Essa lei sustenta as ações afirmativas que buscam a redução das desigualdades e discriminações raciais no Brasil. No entanto, assim como em Pelotas, por diversas outras partes do país as cotas universitárias são fraudadas impedindo que as ações afirmativas sejam efetivas na sua função de diminuir as desigualdades. Além disso, diversos crimes de discriminação de cor são cometidos todos os dias no Brasil, inclusive nas mídias televisivas, e poucas são as medidas contra isso. Dessa maneira, o Estado deve intervir de modo a fazer cumprir as leis, tanto a que regulamenta as cotas, quanto a que coloca como crime as discriminações raciais, para assim caminharmos para o fim do racismo no Brasil.

A cultura brasileira é marcada pelo racismo. Hoje, mesmo quase 130 anos depois da abolição da escravidão, os negros ainda são tidos como inferiores em vários âmbitos sociais. No mercado de trabalho, por exemplo, segundo dados do IBGE, em 2015, os negros ganhavam 59% do rendimento de pessoas brancas.

Isso é reflexo de uma cultura que carrega heranças racistas de uma sociedade patriarcal, colonizadora e escravocrata. O menor rendimento da população negra também se reflete no seu não acesso às universidades, uma vez que, mesmo com a lei de cotas, o negro ainda é minoria no Ensino Superior, principalmente pelas fraudes, e não encontra representatividade no corpo docente.

Beyoncé, em 2016, lançou sua música “Formation” na qual declara seu orgulho pelo cabelo e pelo nariz fenotipicamente comum nos negros. Essas mesmas características, que atualmente as mulheres negras exaltam e usam como símbolo de luta e resistência, foram os critérios para o Ministério Público do RS provar as fraudes nas cotas da UFPel. A trapaça com as cotas não é a única forma de segregação do negro aos espaços no Brasil. A demora da justiça na investigação de casos de injúria racial e de discriminação é uma forma institucional de impedimento de que pessoas de determinada cor possam frequentar espaços da mesma maneira que outras. Dados do Sistema de Informação de Mortalidade do Ministério da Saúde mostram que o homicídio no Brasil tem cor, e a cor é negra. A diferença de mortes de negros e brancos no país em 2010 foi de 132%. Assim, percebe-se que, para o país caminhar para o combate ao racismo, ele deve garantir igualdade, respeito e segurança para a população negra.

O Estado deve, portanto, agir de forma a promover o cumprimento adequado das leis, tanto a lei de cotas, garantindo assim as ações afirmativas, como a lei que coloca como crime a discriminação racial. As autoridades podem exigir uma maior seriedade das universidades no recebimento das denúncias de fraudes nas cotas, encaminhando ao Ministério Público as denúncias para que este faça a investigação e a comprovação das fraudes. Devem também promover campanhas por meio de redes sociais e de cartazes nas universidades alertando sobre as fraudes e que essas podem ser denunciadas. Cabe ao Estado, além disso, garantir segurança à população negra de forma equitativa à da população branca de maneira a acabar com o grande número de negros que são mortos no Brasil. Por fim, o governo deve promover um processo rápido e justo para os casos de injúria racial ou racismo, pois só assim combateremos o racismo no país.

Tamires de Paiva

Comentário sobre a conclusão

Podemos notar que, como foi exigida uma proposta de intervenção em relação à questão do racismo, a redação se organiza de uma forma diferente da que analisamos na dissertação 1 desde o início.

Ao final da introdução, depois de mostrar que, mesmo quando há ações afirmativas, elas nem sempre são cumpridas adequadamente, há uma indicação de interferências viáveis a partir da ação estatal. Para aprofundar essa ideia, durante o desenvolvimento, a autora trabalha para evidenciar ao leitor que o racismo tem raízes históricas na sociedade brasileira e que se manifesta nos mais diversos níveis.

É na conclusão, por sua vez, que se concentram todas as intervenções. É interessante observarmos como a estrutura foi construída. Há um tópico frasal apontando, ainda sem detalhes, que o Estado deve agir. Na sequência, esse tópico é expandido, revelando as áreas em que o governo pode atuar: nas garantias do cumprimento das ações afirmativas já existentes, na conscientização, na segurança e na agilidade no tocante às denúncias para que elas sejam feitas. Outro ponto importante é que essas interferências estão alinhadas com o que foi discutido durante o texto, ou seja, não são propostas desconexas inseridas apenas no final. Concluindo, no fim do último período, há uma frase de fechamento que retoma o tema. Segundo a autora, é apenas a partir dessa intervenção estatal que se combaterá o racismo no Brasil.

! Atenção

É interessante variar os agentes das propostas de intervenção. Na redação que acabamos de ler, isso não ocorre, uma vez que, desde a tese, a abordagem já focaliza a ação estatal e, durante o desenvolvimento, a escolha da autora é abordar problemas a partir de uma lógica institucional.

Revisando

- A seguir estão dois planejamentos de texto: em ambos há a tese e os conteúdos previstos para o D1 e para o D2. Tomando-os como base, redija conclusões pertinentes ao que foi previsto.

Planejamento 1

Tese

A partir de nossas raízes históricas, construímos uma imagem do sujeito negro como alguém inferior, a qual perdura até hoje. Ao fazê-lo, porém, o racismo acaba sendo naturalizado, sendo este, talvez, o maior legado da escravidão.

D1

- Traçar um brevíssimo percurso histórico acerca da chegada do negro como escravizado ao Brasil, destacando as rupturas sociais, linguísticas, familiares e históricas características desse processo.
- Indicar que isso levou a um cenário em que a primeira identidade assumida por esse sujeito na realidade brasileira foi a de “coisa”, de “ferramenta”.
- Apontar que essa inferiorização se reflete ainda hoje: a pouca representatividade política e midiática, as expressões pejorativas que subjagam o negro, a dificuldade de acesso a universidades – tudo isso parece evidenciar um cenário em que esse indivíduo é reduzido.

D2

- Mostrar, como efeito do que foi apresentado no D1, o funcionamento de uma lógica perversa, isto é, se o sujeito negro não está nos espaços de desejo, se sua pele não tem a cor dita bonita, se seu cabelo não é o categorizado como bom, não se vê o negro como um igual ou como alguém que se quer ser.
- Trabalhar, nesse sentido, com o racismo que se perpetua sistematicamente contra esse grupo e que, no entanto, não é considerado violência.
- Revelar a naturalidade vivida em uma sociedade que marginaliza negros, que paga salários menores a esse grupo, que ridiculariza sua cultura, mas a aceita, frequentemente, sob a condição de não ser representada por negros.

Planejamento 2

Tese

A partir do momento em que se naturaliza a ideia do negro como alguém inferior, legitima-se uma série de manifestações do racismo, o que deve ser enfrentado em conjunto por toda a sociedade brasileira.

D1

- Indicar diversos discursos que inferiorizam o negro, entre eles: propagandas que não o contemplam, expressões cotidianas que o discriminam, pouca representatividade em espaços ditos de prestígio, como universidades e, conseqüentemente, profissões de desejo.
- Finalizar o parágrafo concluindo que, em um cenário como esse, ser negro é ser menos.

D2

- Mencionar, como efeito do que foi apresentado no D1, que, se o negro é subjugado, qualquer tipo de violência contra ele não é encarado com estranheza.
- Registrar que, se o negro é entendido como um desigual, sua dor não comove.
- Atestar essa dinâmica nas diferenças salariais e nas violências físicas sofridas por esse grupo diariamente.

Redação proposta

- As propostas de redação a serem trabalhadas são as mesmas apresentadas neste capítulo. Escolha entre a Unesp 2015 e a segunda aplicação do Enem 2016. Independentemente da proposta, leve em consideração as exigências particulares de cada uma delas e seja cuidadoso(a) ao elaborar a conclusão.

Texto complementar

[...]O professor bonito então sugeriu que eu postasse isso, é um teste para ver se você tem o privilégio dos brancos, inventado por uma mulher muito legal chamada Peggy McIntosh. Se você responder não para a maioria das perguntas, então parabéns, você tem o privilégio dos brancos. Quer saber para que serve isso? Quer saber a verdade? Não tenho ideia. Acho que é bom saber, só isso. Para você poder se gabar de tempos em tempos, para melhorar seu ânimo quando estiver deprimido, esse tipo de coisa. Aí vai:

Quando você quer entrar para um clube exclusivo, se pergunta se sua raça vai dificultar entrada?

Quando você vai fazer compras sozinho numa loja cara, tem medo de ser seguido ou assediado?

Quando você liga numa emissora de televisão importante ou abre um jornal importante, encontra pessoas que são, em sua maioria, de outra raça?

Você se preocupa com o fato de que seus filhos não vão ter livros e material escolar que falem de pessoas da raça deles?

Quando você pede um empréstimo no banco teme que, por causa de sua raça, vá ser considerado pouco confiável financeiramente?

Quando você xinga alguém ou se veste com roupas velhas, acha que as pessoas talvez digam que fez isso por causa da falta de moral, da pobreza ou da ignorância da sua raça?

Quando você sai bem em alguma situação, espera que considerem uma honra para sua raça? Ou ser descrito como “diferente” da maioria das pessoas da sua raça?

Se você critica o governo, teme ser visto como um marginal cultural? Ou teme que alguém te diga para “voltar para X”, X sendo um lugar fora dos Estados Unidos?

Se você é mal atendido numa loja cara e pede para ver um gerente, espera que essa pessoa seja de outra raça que não a sua?

Se um policial de trânsito manda você parar seu carro, você se pergunta se é por causa da sua raça?

Se você aceitar um emprego numa empresa que tenha uma cota de vagas para pessoas de cor, teme que seus colegas pensem que não é qualificado e que foi contratado apenas por causa da sua raça?

Se você quer se mudar para um bairro caro, teme não ser bem recebido por causa de sua raça?

Se precisar de ajuda legal ou médica, teme que sua raça passa prejudicá-lo?

Quando vê roupa de baixo ou curativos cor de pele, já sabe que eles não vão ser da cor da sua pele?

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Americanah*. Tradução de Júlia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 375-376.

No trecho do *blog* da protagonista do romance *Americanah*, da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, podemos perceber como o teste sugerido aponta uma institucionalização da exclusão negra na realidade estadunidense. No entanto, parece algo que se reduza apenas àquele país? Em que medida a vida brasileira cotidiana não se vale das mesmas práticas?

De forma geral, em um contexto social racista, a cor da pele não é uma questão puramente biológica, e ser branco, em um cenário como esse, é não enfrentar somente os impasses descritos no teste, mas toda uma estrutura social opressiva e violenta que, muitas vezes, é baseada apenas na cor da pele de suas vítimas.

Quer saber mais?



Documentário

Olhos azuis. Direção: Bertram Verhaag, 2009. Classificação indicativa: 16 anos.

Nesse documentário, é contada a história de uma professora estadunidense, Jane Elliott, que desenvolve um experimento a fim de fazer com que pessoas brancas sintam, ainda que por um tempo reduzido, as dimensões do racismo.



Livro

Mulheres, raça e classe, de Angela Davis. São Paulo: Boitempo, 2016.

Nessa obra, Angela Davis, professora, ativista e ex-integrante da organização revolucionária dos Panteras Negras, reconhecida pela luta pelos direitos civis, reflete sobre a intersecção entre o feminismo, o racismo e a luta de classes.



Artigos

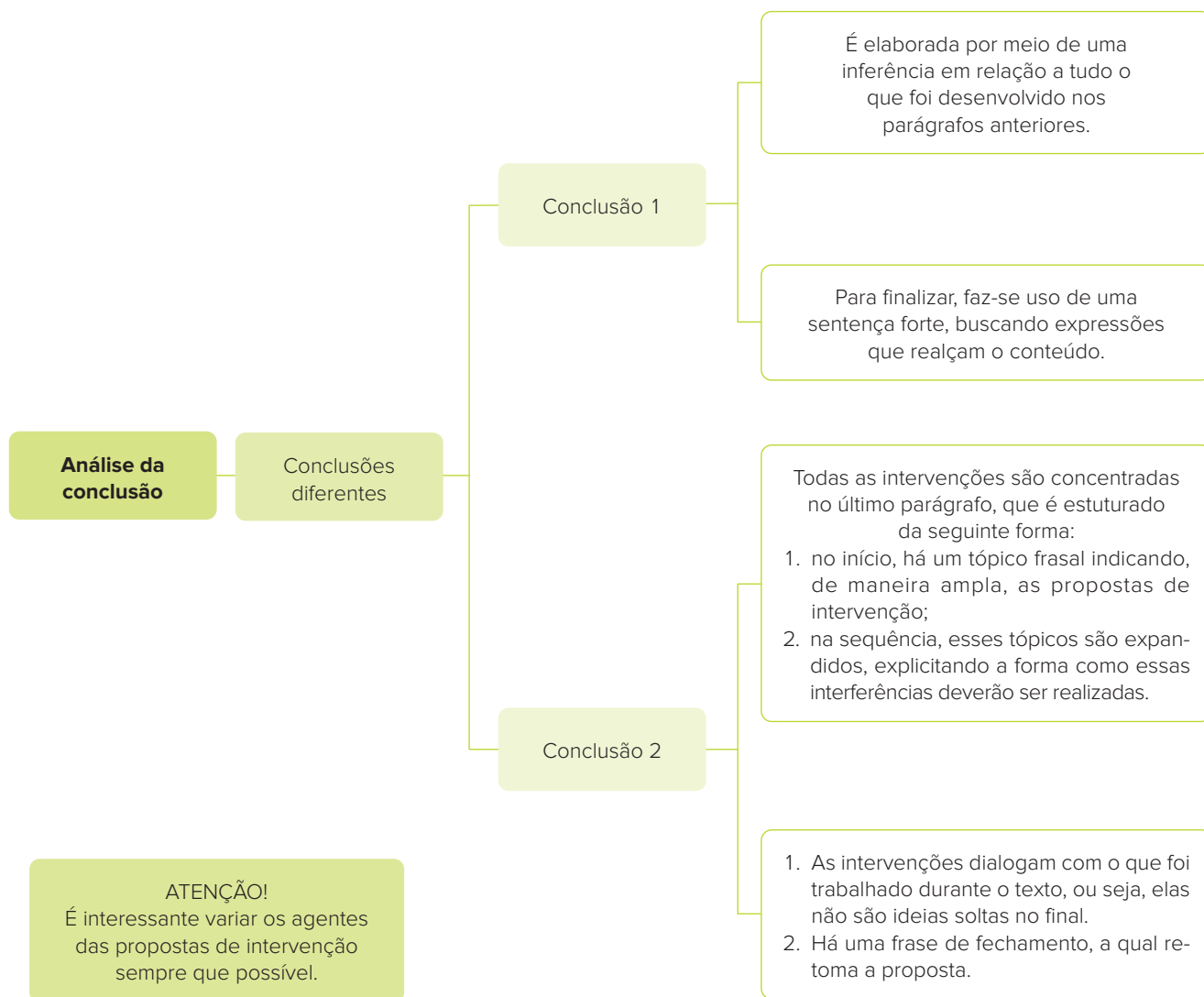
Como segue seu antirracismo?, de Sérgio Cardoso. *Exame*, 1º jun. 2021. Disponível em: <https://exame.com/blog/impacto-social/como-segue-seu-antirracismo/>. Acesso em: 29 jun. 2022.

Nesse texto, publicado no *blog* da revista *Exame*, somos convidados a refletir sobre os impactos dos movimentos sociais negros após eventos como a morte de George Floyd, nos Estados Unidos.

Indicadores de Desigualdade Racial – IDR. *Seade*, s.d. Disponível em: http://produtos.seade.gov.br/produtos/idr/principal_ind.php. Acesso em: 29 jun. 2022.

Os Indicadores de Desigualdade Racial (IDR) reúnem estatísticas a respeito da população negra e branca no estado de São Paulo. Acesse o *site* para refletir sobre os dados recolhidos e tentar compreender informações como o motivo de a taxa de homicídios de homens negros adultos ser tão mais alta do que o mesmo dado em relação aos homens brancos adultos, e como isso pode refletir na vida da população paulista.

Resumindo



FRENTE ÚNICA

CAPÍTULO

22

Sofisticação textual

Um texto sempre pode ser melhorado. Mesmo que as exigências básicas de uma dissertação sejam cumpridas, alguns refinamentos podem ser feitos a fim de que o texto fique ainda mais interessante, fluido e maduro, passando, assim, mais credibilidade a quem for ler. Portanto, como um ourives, vamos aprender a lapidar nossas joias no universo textual.

A argumentação nos detalhes

Os recursos que aprendemos até este capítulo são ferramentas suficientes para a composição de uma dissertação, o objeto-base que buscávamos. Assim, o texto que defende um ponto de vista por meio de argumentos já pode ser produzido, e nosso foco agora pode voltar-se para os detalhes, que, embora pareçam irrelevantes à primeira vista, ajudam a dar credibilidade ao que foi exposto.

Podemos comparar a função do autor de um texto com a de um ourives, profissional apto a realizar o manuseio de metais e pedras preciosas para a elaboração de joias e ornamentos. Assim como o ourives seleciona cada pedrinha e cada desenho que vai inserir em sua joia, o autor elege cada palavra e ideia que serão usadas em sua obra, considerando a função estética dos elementos e observando o reflexo de suas escolhas na forma como a mensagem chegará ao interlocutor. Se o objetivo final de uma dissertação é persuadir, esses detalhes precisam ser bem colocados para compor a estratégia argumentativa, pois apresentar uma narrativa antes de expor o argumento principal pode ajudar o leitor a se sentir mais confortável para pensar sobre si mesmo e sobre a sociedade ao seu redor.

Algumas das redações que foram utilizadas até este capítulo já faziam uso do que denominamos ilustração – criação de campo semântico ou referenciação –, embora não tenhamos nos debruçado, até o momento, sobre suas particularidades.

Não é novidade que diversos autores consagrados conjecturaram a argumentação pela via narrativa em suas produções. Então, vamos observar um exemplo na próxima página.



barenzdemir/Stockphoto.com

Se os tubarões fossem homens

“Se os tubarões fossem homens”, perguntou ao senhor K, uma miúda, filha de sua senhoria, “seriam mais amáveis para os peixinhos do que eles são?”

“Claro que sim”, disse ele, “se os tubarões fossem homens, mandariam construir no mar enormes caixas para os peixinhos e punham dentro comida, tanto vegetal como animal. Teriam cuidado em fazer com que a água das caixas fosse continuamente renovada e, de um modo geral, adaptariam todo o tipo de medidas sanitárias. Se, por exemplo, um peixinho ferisse a barbatana, far-lhe-iam um penso para não morrer antes do tempo.

Para os peixinhos não ficarem melancólicos, de tempos em tempos organizariam grandes festas aquáticas porque os peixinhos alegres são mais saborosos que os melancólicos.

Como é natural nessas grandes caixas, também haveria escolas. E nessas escolas os peixinhos aprenderiam como se nada na goela dos tubarões. Seria necessário, por exemplo, aprenderem geografia para saberem onde encontrar os grandes tubarões que estão preguiçosamente a descansar num lado qualquer.

É claro que a formação moral dos peixinhos seria muito importante. Ensinar-lhes-iam que nada é mais sublime nem formoso do que um peixinho que se sacrifica alegremente, e todos deveriam ter fé nos tubarões, sobretudo quando prometem zelar pela sua felicidade futura. Far-se-ia os peixinhos compreender que um tal futuro só estaria assegurado se aprendessem a obedecer.

Teriam de abster-se de toda a propensão baixa, materialista, egoísta e marxista; e se algum deles visse uma destas tendências manifestar-se deveria ser logo comunicada aos tubarões. Se os tubarões fossem homens, por certo fariam guerra uns aos outros para conquistar caixas e peixinhos estrangeiros. Mandariam os seus próprios peixinhos para a guerra, e ensinar-lhes-iam, que há enorme diferença entre eles e os peixinhos dos outros tubarões.

Como toda a gente sabe, proclamariam, os peixinhos são mudos, mas calam-se em línguas muito diferentes e por isso é impossível entender-se. A cada peixinho que matasse na guerra uns quantos peixinhos inimigos, dos que se calam noutra língua, seriam dadas uma condecoração de algas marinhas e o título de herói.

Como é natural, se os tubarões fossem homens também teriam a sua arte. Haveria belos quadros que representariam os dentes e as goelas dos tubarões em cores magníficas, como autênticos jardins onde é possível traquinar deliciosamente. Os teatros do fundo do mar mostrariam como os peixinhos heroicos e corajosos nadam com entusiasmo em direção às goelas dos tubarões, e a música seria tão bela que os peixinhos, ao som das notas, precedidos pela orquestra, precipitar-se-iam sonhadoramente na garganta dos tubarões embalados pelos mais encantadores pensamentos.

Também haveria uma religião, se os tubarões fossem homens. E ensinaria que os peixinhos só começam verdadeiramente a viver na barriga dos tubarões. Além do mais, se os tubarões fossem homens os peixinhos deveriam ser iguais como agora são. Alguns deles obteriam cargos e passariam a ficar acima dos outros. Os que fossem um pouco maiores, teriam mesmo o direito de comer os mais pequenos.

Apenas para os tubarões isso seria agradável porque teriam possibilidade de comer, mais vezes, bocadas maiores.

E os peixinhos maiores, os que ocupariam aqueles cargos, zelariam por que reinasse a ordem entre os mais pequenos e tornar-se-iam professores, oficiais, engenheiros de construção de caixas etc.

Para resumir, só se os tubarões fossem homens nasceria nos mares uma civilização.

BRECHT, Bertolt. *Histórias do sr. Keuner*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Editora 34, 2006. p. 53-54.

Em um de seus textos mais provocativos, o dramaturgo alemão põe-se a pensar sobre a organização da sociedade e as relações de poder. Com o intuito de mostrar a seus leitores que essas relações realmente existem, é feita uma analogia com o fundo do mar.

Vale notar a inteligência da estratégia adotada: caso o autor se dirigisse diretamente ao leitor, poderia constrangê-lo ou ofendê-lo, o que atrapalharia seu trabalho de convencimento.

O que ele faz, portanto, é construir uma narrativa metafórica, uma alegoria, na qual descreve as opressões que enxerga na sociedade real, sem apresentar personagens reais. Assim, caso o leitor se identifique com o que é apresentado, é porque “vestiu a carapuça” sozinho, sem que fosse necessário explicitar as razões que o levaram a isso. Essa estratégia não deixa de ser argumentativa e reforça as possibilidades de persuasão.

Esse texto é majoritariamente narrativo e, por conseguinte, utiliza a narração como ferramenta argumentativa em toda sua extensão. Já abordamos os tipos e gêneros textuais e os mecanismos linguísticos que podem ser usados para compor um texto dissertativo. A narração não deve tomar conta de toda a dissertação, mas é possível ser utilizada, intencionalmente, como estratégia de convencimento, podendo auxiliar na contextualização e na criação de um campo semântico que, quando percorre todo o texto, melhora a coesão do que se produz. Assim, se desejamos analisar a sociedade em que vivemos, também o pretendemos narrativas anteriores, que podem ser resgatadas a fim de envolver o leitor.

! Atenção

O recurso narrativo não é o anel que queremos forjar, e sim a pequena pedra preciosa que, incrustada, dá mais brilho e nobreza à joia principal. É preciso cuidado para não exagerar e, com isso, acabar perdendo o foco. Dar ênfase às ideias e desenvolvê-las com objetividade ainda é o mais importante.



akpini/stockphoto.com

Ousadias linguísticas na dissertação

Para utilizarmos qualquer recurso corretamente, precisamos conhecer as características sociais a que pretendemos fazer alusão quando defendemos uma tese. Ao definir se trabalharemos o consumismo, o “ensimesmamento” ou a produtividade, por exemplo, conheceremos o caminho discursivo a ser percorrido. Dessa forma, a narrativa ou o campo semântico escolhido não delimitam o que será defendido no texto, mas, sim, o contrário: os efeitos a serem usados para aprimorar o texto devem ser considerados apenas depois de pensada a argumentação.

Produzido com base no tema da Fuvest 2013 (consumismo), o texto a seguir deixa claro um primeiro exercício possível para nós. Em sua argumentação, há uma sofisticação sutil percebida por meio de pequenas inovações que não necessariamente têm relação com uma narrativa predeterminada, mas que criam um campo semântico interessante e original.

Na **batida** da ostentação

“Não sou Hollywood, mas sou um sucesso [...] lancei minha corrente de ouro, nas férias vou ‘forjar’ na Disney, surfar no Hawaii, ‘tô’ de longboard e grife [...] Eu tenho o que ela quer”. Nas letras do funkeiro paulistano Mc Gui – com apenas 17 anos – e nas de mais de dezenas de outros, reconhece-se manifesto o desejo de consumo como eixo central do sucesso amoroso e social. Consumo que se tornou tema caro ao movimento artístico e musical fundamentado na crítica e na originalidade que desceu dos morros para expressar a forma como a sociedade lida com a questão do ser e do ter.

Num ambiente onde imperativo é ter, **as vozes** da periferia cantam a melodia que nos **embalam**: entorpecidos pelo **ritmo** do consumo, somos levados a crer que o melhor da vida pode ser comprado e que a felicidade se tornou mercadoria: negociável, exposta nas vitrines e estabelecida nas posses.

Em laranja estão destacadas palavras e trechos que fazem referência ao campo semântico da música, da dança e dos bailes, motivadas pelo início da introdução.

Para suprir os desejos individuais, a cultura do consumo modelou padrões que atendem aos diversos públicos. Para a classe alta e para as baixas, há, portanto, uma série de bens que condicionam a inserção num determinado grupo social e a aquisição do *status* correspondente. Bancos e financeiras operam com segmentos “prime” e populares, mas nunca deixando escapar: “aqui os seus benefícios são ilimitados”. Essa socialização do crédito deixa claro: vive-se atrelado ao desejo de ter na ânsia de ser. Ser mais, ser *plus*, ser *prime*. Destaca-se, nesse baile da prosperidade aquele cujos gastos dão acesso a um cartão ainda mais platinado, holográfico, aceito em um maior número de países e, claro, com maior limite. Afinal, a ciranda do consumo há de girar para que o todo se sustente.

Em azul, palavras e trechos que remetem às ideias do mundo do cartão de crédito, quer sejam concretas, quer sejam abstratas.

Se há, nesse salão, espaço para todos, então as melodias da ostentação transcendem a expressão cultural, ao resignificar a essência do indivíduo: de cidadão excluído – habitante da periferia – a rei do camarote, em apenas algumas parcelas. Não surpreende que o gênero tenha tomado conta de outros segmentos populares, como o sertanejo, e que figure nas telenovelas em horário nobre: comprar a felicidade, agora, é possível a todos. Todavia, seu preço varia de acordo com o ambiente e com o padrão que se almeja. Para cada grupo há um limite mínimo, definido pelos locais que frequenta, roupas que veste ou carro que dirige. Tal precificação estabelece que o indivíduo seja convidado a dançar conforme o grau de plenitude por que possa pagar, e conduz à desnaturalização do desejo de progresso: não mais ser para ter; obrigatório torna-se, pois, ter para ser.

Os campos se cruzam, dançam e conversam, deixando a leitura mais agradável e criando imagens mais lúdicas e sofisticadas.

A expressão da cultura, do modo de vida e das relações entre cidadãos e grupo social são elementos constituintes do padrão de consumo estabelecido. São, pois, concatenados de forma a garantir que modelos preestabelecidos sejam tidos como ideias, ceifando os alternativos. Tocado sem reprimendas, esse ritmo abarca, reifica, plastifica e, por fim, comercializa uma vida feliz. Cabe aos dançantes adaptar-se.

Gabriel Herculano Lopes

! Atenção

Campos semânticos são compostos de palavras análogas, que têm relação entre si, podendo, às vezes, uma mesma palavra pertencer a campos semânticos distintos. Dessa maneira, não há limites para a composição de redes interpretativas.

Diferentemente da redação anterior, a dissertação a seguir foi produzida com base em um tema de redação que mostrava o trabalho como algo a que o homem se submete por inércia, sem questionamentos, e que, por fim, toma para si parte da liberdade do trabalhador.

Como a temática não é nova, para enriquecer a escrita, é possível buscar narrativas que também mostrem a mecanicidade do trabalho como se estabelece hoje em dia. Por exemplo, é viável estabelecer um paralelo entre o texto a ser produzido e a canção “Cotidiano”, de Chico Buarque, que tratam do mesmo assunto, e fazer interseções posteriores, conforme observaremos a seguir.

Trabalho como forma de existência

Todo dia fazemos tudo sempre igual: somos sacudidos às seis horas da manhã e sorrimos sorrisos pontuais. Ao cantar o cotidiano de um homem assalariado, em música à qual, aliás, deu o título de “Cotidiano”, Chico Buarque, em meio a uma repetição de afazeres, enumerou a frequente renúncia aos desejos. Embora no dicionário o conceito de trabalho surja subordinado ao de homem, tornou-se difícil definir se hoje é mesmo o trabalho que depende do homem para existir ou o contrário.

Sempre que pretendemos fazer qualquer forma de intertexto ou de referência a outros textos, devemos avisar ao leitor que isso está acontecendo, contextualizando-o sobre o que é mais relevante na narrativa. Assim como na redação anterior, há a apresentação de trecho(s) de uma música, mudando, apenas, a forma de empregar essa estratégia na composição da dissertação.

Todo dia elas dizem para cuidarmo-nos e acreditamos ser, dentre outras, uma coisa que diz toda mulher. Aceitar discursos já marcados por regras, como é o próprio discurso sexista, é consequência de uma rotina estabelecida pelo movimento do sistema econômico que não só reduz o tempo livre como acomoda desejos nos dias que não são “úteis”. A fadiga que emerge de uma jornada de produção é prevista e reaproveitada, sobrando pouco tempo, então, para a reflexão. Há tempo para consumir e, se todo dia pensamos em poder parar, se a cada meio-dia pensamos em dizer não, os desejos incutidos nos levam à vida que inevitavelmente temos de levar e nos

calamos com a boca cheia de alguma comida industrializada. “Amo muito tudo isso” foi a forma como uma rede de lanchonetes indefiniu – por meio de um pronome – o objeto do amor, do desejo; é, assim, permitido a ela que reconstrua essa relação como e quantas vezes quiser.

É importante notar que, ao utilizar essa estratégia, abre-se um caminho para duas interpretações possíveis: uma que é deduzida por quem lê e reconhece as referências do texto, e outra que é entendida por um leitor a quem a referência passa despercebida. Em ambos os casos, é nosso trabalho, como autores, garantir que a compreensão será plena para qualquer leitor.

Seis da tarde, como era de se esperar, alguém nos espera no portão. Com o tempo subdividido e o corpo fisiologicamente adaptado a esse tempo, a fome ocorre ao meio-dia e o desejo sexual, a paixão, só poderá ocorrer fora do horário comercial. O homem, que costumava existir pela organicidade de sua vida, tem parte de sua natureza subtraída, uniformizando-se e permitindo-se moldar pelo trabalho. Toda renúncia é aceita sem muita resistência porque o trabalhar é o que permite a compra de, por exemplo, um carro, cuja propaganda se baseia na identidade pela posse. A perda da identidade, do pertencimento, não é confortável, pois retira o trabalhador do meio social e faz com que, fora dessa lógica, ele não exista.

O senso comum reinventa o “penso, logo existo” de Descartes amiúde. Talvez não seja necessário preencher o sentido que fica faltando, mas pensar, hoje, não é condição para existir. Todas as bocas, por fim, mordem e beijam com pavor: pavor de um dia perder a identidade ou de, quiçá, já tê-la perdido.

Gabriela de Araujo Carvalho

Saiba mais

Francisco Buarque de Hollanda, mais conhecido como Chico Buarque, é um compositor e escritor brasileiro. Famoso por ser um dos maiores nomes da música popular do nosso país, tem composições com grande trabalho linguístico feitas em tempos de ditadura militar, incluindo “Cotidiano”, lançada em 1971. Para driblar a frequente censura, as músicas têm ironias sutis e construções sintáticas sugestivas que revelam as possibilidades de comunicar um tema de forma diferente da literal.



As referências podem ter sua origem nos mais variados repertórios, então devemos afastar o pensamento indevido de que não temos narrativa alguma em mente à qual recorrer. Vamos analisar a próxima redação, também produzida com base no tema da Fuvest 2013.

O infinito, o brinquedo e o chão

Um dos protagonistas da animação *Toy Story* é Buzz Lightyear, um boneco que, baseado em sua frase de efeito “Ao infinito e além”, acredita ser um super-herói e, com suas asas, poder voar e explorar a infinitude do Espaço. Fabricado já com essas crenças, Buzz desconhece sua condição de simples boneco, no momento em que, eufórico, se vê livre de sua caixa e pronto para conquistar o ilimitado. Tal euforia sentida por Buzz nos é comum a partir do momento em que nos são oferecidos o infinito e as asas para atingi-lo. Iludidos por uma forma de pensar “vinda de fábrica” (por estar há gerações presente em nossa sociedade), somos levados a associar o consumo exacerbado a uma manifestação de poder e de valorização social. Com cartões de crédito, nossas asas de plástico, exploramos a infinitude do *shopping*, buscando, sem sucesso, conquistá-la, sem perceber que essas asas são incapazes de voar ao infinito e além.

Na animação, ao conhecerem Buzz, os outros brinquedos logo se admiram com os acessórios que ele possui e com o poder que ele aparenta ter. Dessa maneira, nos primeiros instantes, Buzz conquista a admiração e o respeito dos outros, unicamente por possuir bens que eles não possuíam. O mesmo ocorre em nosso cotidiano. A ostentação mobiliza o *status* social. Em busca desse *status*, as pessoas consomem, muitas vezes não por necessidade, mas sim para possuir bens inéditos em sua esfera social. Basta observar a febre dos lançamentos anuais de novos Iphones para confirmar a ânsia que se tem por ostentar. Isso porque, das milhões de vendas efetuadas logo no primeiro dia, grande parte provém de pessoas que já são usuárias do Iphone anterior, em perfeito estado.

Essa valorização do consumo é muitas vezes fortalecida por meio dos anúncios. Em uma propaganda de cartão de crédito, por exemplo, apresenta-se um *shopping* sem fim, e toda aquela infinidade de luxo se faria concreta àquele que adquirisse o cartão. Oferecidos o poder e a ferramenta para atingi-lo, as pessoas são fortemente tentadas a tamanha proposta. No entanto, ao cederem, não adquirem “o melhor que o mundo tem a oferecer”, como prometido. Para que não deixem de consumir mediante as constantes decepções, dezenas de novos

anúncios são lançados diariamente, com novas promessas e novos produtos. Incessantemente, as pessoas tentam atingir o infinito com as asas ofertadas, como também fez Buzz, ao longo do filme.

Ao atingir seu clímax psicológico e se propor uma tentativa deveras ousada, Buzz se lança, de olhos fechados, do alto de uma escada, pronto a se provar capaz de voar. Todavia, suas asas de plástico o conduzem direto ao chão, e, quebrado, o brinquedo toma consciência de sua situação. Em busca de um poder além do infinito, as pessoas, assim como Buzz, não medem esforços ou consequências. Lançam-se a fundo no consumo, sem perceberem a limitação de suas asas, tampouco a crescente aproximação de seu impacto com o concreto e bruto chão.

João Vitor Rodrigues

A redação apresentada foi elaborada em sala de aula atendendo a uma proposta de produção de texto baseada no repertório de cada aluno, sem qualquer tipo de preconceito. O desafio foi aceito, comprovando que temos elementos suficientes para realizar toda e qualquer análise social. Podemos pensar que todas as narrativas às quais temos acesso dizem algo sobre nossa sociedade, e tudo isso ajuda a compor uma dissertação.

Na lógica tradicional, é possível estabelecer uma analogia entre duas outras associações: A está para B assim como C está para D. No entanto, em situações cotidianas de argumentação, não é tão simples estabelecer a veracidade, já que muitas vezes esta dependerá de uma construção de mundo que está por trás do discurso do enunciador. Devido à capacidade de traçar uma ligação de identidade entre elementos que antes não pareciam se tocar, a analogia está próxima da alegoria, da comparação e da metáfora, todas buscando semelhanças entre objetos para ressaltá-las e ressignificá-las.

Possíveis aplicações

Leia o conto a seguir. Ele será posteriormente utilizado na construção de três parágrafos. Sua narrativa, porém, é fundamental para que as relações fiquem claras.

A roupa nova do rei

Há muito tempo viveu um imperador que gostava tanto, mas tanto, de se vestir bem que todo o dinheiro dele ia embora com roupa nova. Ele não queria saber de discutir problemas de soldados nem de ir ao teatro nem de passeios pela floresta. Só se fosse para mostrar alguma roupa nova. Ele tinha uma túnica para cada hora do dia e em vez de dizer “o rei está em reunião” as pessoas viviam dizendo “o rei está no quarto de vestir”.

Na grande cidade onde ele morava havia muitas coisas interessantes acontecendo e todo dia chegava visita importante. Um dia apareceram dois vigaristas. Os dois espalharam pela cidade que eram tecelões e que sabiam fabricar os tecidos mais lindos do mundo. Tecidos com cores e estampados maravilhosos. E com um detalhe: as roupas feitas com os tecidos que eles fabricavam eram invisíveis para as pessoas que não soubessem trabalhar direito ou que fossem muito burras.

“Essas roupas, pelo jeito, são o máximo”, pensou o imperador. “Se eu usasse essas roupas ia poder descobrir quem não trabalha direito no meu reino e saber quem é burro e quem é inteligente. É, vou mandar tecer o tal pano imediatamente.” E deu um montão de dinheiro aos dois vigaristas para que eles fossem começando o trabalho.

Os dois vigaristas armaram seus teares e fingiram que estavam trabalhando. Nos teares não tinha nem um fiapo. Nada. Eles passavam o tempo todo mandando buscar a seda mais luxuosa e o fio de ouro mais deslumbrante, só que guardavam tudo em suas bolsas e ficavam até tarde da noite trabalhando nos teares vazios.

“Ah! Como eu queria saber de que jeito está ficando o famoso tecido”, pensava o imperador. E ao mesmo tempo seu coração batia depressa com a ideia de que os burros, os incompetentes no trabalho não iam conseguir ver o tecido de sua roupa. Tinha certeza de que não precisava ficar preocupado, que era muito inteligente e trabalhava muito bem, mas mesmo assim achou melhor não ir pessoalmente e mandar outro em seu lugar dar uma espiada no serviço. Todos na cidade estavam sabendo do poder maravilhoso do tecido e estavam com vontade de ver os vizinhos no papel de burros ou incompetentes.

“Vou mandar meu velho ministro que é tão direito ao ateliê dos tecelões”, pensou o imperador. “Ele é a pessoa mais indicada para ver como é esse pano, pois é inteligente e ninguém faz seu trabalho melhor que ele.”

Assim, o velho ministro de quem o imperador gostava tanto foi até a sala onde os dois tecelões estavam sentados trabalhando na frente dos teares vazios. “Oh, meu Deus!”, pensou ele, arregalando os olhos. “Não consigo ver nada!” Mas não abriu a boca.

Os dois tecelões convidaram o ministro a chegar mais perto e quiseram saber se ele não achava que o estampado estava lindo e as cores um encanto – e apontaram para o tear vazio. O pobre velho ministro arregalou ainda mais os olhos mas não conseguiu ver coisa alguma pois não havia nada para ver. “Puxa vida!” pensou. “Será que eu sou burro? Nunca achei que era burro. Preciso dar um jeito para ninguém descobrir. Será que não faço meu trabalho direito? Não, não posso dizer a ninguém que não consigo ver o pano.”

— E então? O senhor não vai dizer nada? – disse um dos tecelões.

— Ah, que coisa linda, divina! Uma absoluta maravilha! – disse o velho ministro, olhando atentamente através das lentes de seus óculos. — Que estampado! Que cores! É, não há dúvida, vou dizer ao imperador que o tecido tem minha total aprovação.

— Que bom! Que bom! – disseram os dois tecelões, que em seguida descreveram as cores e o estampado fantástico do pano. O velho ministro ouviu com muita atenção para depois repetir tudo para o imperador — e foi o que fez.

Os tecelões a todo momento pediam mais dinheiro, mais seda e mais fio de ouro. Diziam que era para poder continuar seu trabalho. Mas nem um fiozinho recebido ia parar no tear, pois os dois iam guardando tudo e continuavam trabalhando no tear vazio.

Algum tempo depois o imperador mandou outro oficial de confiança ver como iam progredindo os trabalhos e indagar se ia demorar muito para o pano ficar pronto. E aconteceu direitinho como da outra vez. O oficial olhou, olhou e olhou, mas como a única coisa que havia diante dele eram os teares vazios, não conseguiu ver nada.

— Não é belíssimo o nosso tecido? – perguntou um dos dois tecelões, apontando o tear vazio e descrevendo para o oficial o maravilhoso estampado que não existia.

“Não sou burro”, pensou o homem. “Vai ver que não sirvo para meu trabalho. É melhor ninguém ficar sabendo.” E desandou a elogiar o pano que não conseguia ver, garantindo aos tecelões que estava encantado com as lindas cores e o desenho delicado.

— Absolutamente delicioso – disse ao imperador pouco mais tarde.

Todos na cidade só falavam no esplêndido pano.

Até que um dia o imperador resolveu ir pessoalmente dar uma olhada no tecido ainda no tear. Acompanhado por um grupo de homens escolhidos, inclusive os dois solenes velhos oficiais que já tinham ido antes, foi visitar os espertos tecelões, que estavam trabalhando a todo vapor, só que sem dar pontos, pois não havia fio.

— Lindo, não? – disseram os dois oficiais, muito empertigados. — Dê uma olhada, Vossa Majestade! Que estampa! Que cores! — E apontavam o tear vazio, convencidos de que os outros estavam vendo o tecido.

“Que droga é essa?”, pensou o imperador. “Não estou vendo nada! Isso é terrível! Sou burro? Não sirvo para imperador? Mas isso seria a coisa mais pavorosa que poderia acontecer comigo!”

Depois disse:

— Ah! Que lindo! Os senhores têm minha imperial aprovação! — E balançava a cabeça satisfeito, olhando o tear vazio. Imagine se ele ia dizer que não estava vendo nada!

Os nobres que acompanhavam o imperador fizeram muita força, mas, exatamente como os outros, não conseguiram ver nada; mesmo assim, exatamente como o imperador, disseram:

— Ah! Que lindo! – E deram a ideia ao imperador de inaugurar aquelas roupas esplêndidas no grande desfile do dia seguinte. — É lindo, magnífico, sensacional.

A notícia correu pela cidade e todo mundo ficou encantado. O imperador deu uma medalha a cada um dos tecelões, juntamente com o título de “Tecelão pela Graça de Sua Majestade”.

Iluminados por mais de dezesseis velas, os tecelões viraram a noite trabalhando. Todo mundo podia ver como eles estavam se esforçando para acabar a roupa nova do imperador. Num certo momento eles fingiram que estavam tirando o pano do tear; depois fizeram de conta que estavam cortando alguma coisa no ar com seus tesourões; costuraram com agulhas e fios; e finalmente disseram:

— Pronto. Acabamos.

No dia seguinte o imperador, acompanhado pelas pessoas mais importantes de sua corte, foi à sala do tear. Cada um dos tecelões levantou um braço, como se estivesse segurando alguma coisa, e disse:

— Pronto! Aqui está a calça. Aqui está a casaca. Aqui está a túnica. – E assim por diante. — Leves como gaze. Vossa Majestade vai ter a impressão de que não tem nada sobre o corpo, mas aí é que está a beleza da coisa!

— É! – disseram os cortesãos, sem conseguir ver nada. Lógico! Não havia nada para ver!

— Será que Vossa Alteza Imperial poderia ter a bondade de tirar a roupa? – disseram os tecelões. — Para que a gente possa ajudar Vossa Alteza a vestir as novas aqui na frente do espelho!

O imperador tirou a roupa toda e os tecelões, fazendo a maior cena, fingiam que estavam entregando a ele uma por uma as peças de roupa que todos achavam que eles tinham feito, e o imperador se virava e se contorcia na frente do espelho.

— Incrível! Como estão bem-feitas! Que corte esplêndido! – diziam todos. — Que modelo! Que cores! É verdade, que traje maravilhoso!

Finalmente, o principal mestre de cerimônias anunciou:

— O dossel para proteção de Sua Majestade está a postos aí fora.

— Bem, claro, estou pronto! – disse o imperador. — Estou bonito? – E deu outra voltinha na frente do espelho, pois queria que todos vissem que estava se olhando atentamente na sua roupa nova.

Os valetes a serviço do imperador roçaram as mãos pelo chão como se estivessem recolhendo a borda do manto. Depois foram andando com as mãos erguidas, pois não queriam de jeito nenhum que os outros percebessem que não estavam conseguindo ver nada.

O imperador desfilava debaixo do lindo dossel, e nas ruas e janelas todos diziam:

— Vejam! Que beleza a roupa nova do imperador! Que cauda mais bonita em sua túnica! Que caimento!

Ninguém via nada, mas ninguém queria que os outros percebessem. Claro! Só não viam os muito burros ou os que não faziam seus trabalhos direito. Nunca uma roupa do imperador fez tanto sucesso quanto aquela.

— Mas ele está sem nada! – disse uma criança pequena.

— Nossa! Ouçam o que disse esta inocente! – disse o pai da criança.

E as pessoas começaram a repetir umas para as outras as palavras da criança até que o povo inteiro começou a gritar:

— Mas ele está sem nada!

O imperador sentiu o sangue gelar, pois percebeu que todo mundo tinha razão, mas pensou consigo: “Agora preciso continuar até o fim do desfile”.

E os valetes iam andando atrás, carregando uma cauda que simplesmente não existia.

ANDERSEN, Hans Christian. *Histórias maravilhosas de Andersen*. Tradução de Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1995.

Considerando o texto “A roupa nova do rei”, algumas possibilidades de introdução – referentes a temas variados – foram criadas para que possamos observar os mecanismos da ilustração em ação. É importante frisar que não há fixidez em relação à temática, pois uma mesma narrativa pode ser “desmetaforizada” de diferentes formas. Vamos ver alguns exemplos.

1

Hans Christian Andersen, em “A roupa nova do rei”, descreve um monarca ludibriado por tecelões que lhe prometeram uma roupa nova que seria vista apenas por aqueles que fossem inteligentes ou trabalhadores. Os habitantes da cidade, porém, ainda que enxergassem apenas um rei nu, para não admitir incompetência, fingiam ver a vestimenta.

Assim acontece no trânsito das grandes cidades, em que nos ludibriamos com um tecido social que associa à incômoda mobilidade urbana causas alheias ao próprio indivíduo, passando a ser considerado incompetente aquele que não vê o que todos dizem ver.

2

Em “A roupa nova do rei”, de Hans Christian Andersen, personagens diversos afirmam enxergar um tecido inexistente sob a pena de serem socialmente considerados incompetentes – intelectual ou profissionalmente. Essa mesma incompetência aparece nas sociedades contemporâneas quando se procura quebrar uma lógica de senso comum, isto é, quem não vê o que todo mundo diz ver e não percebe o óbvio não está apto para ser aquilo que se espera que seja em uma engrenagem.

3

Os tecelões de “A roupa nova do rei” – de Hans Christian Andersen – costuraram um pano com linhas imaginárias e vestiram com ele o monarca. Para que fosse possível costurar e desfilarem a roupa imaginária, contaram com a cumplicidade ficcional dos outros habitantes da cidade. Assim ocorre com a manutenção da rotina, em que uma linha imaginária é seguida por toda uma sociedade e, depois de naturalizada, costura as ações cotidianas.

Revisando

Unicamp-SP

Os dicionários de meu pai

Pouco antes de morrer, meu pai me chamou ao escritório e me entregou um livro de capa preta que eu nunca havia visto. Era o dicionário analógico de Francisco Ferreira dos Santos Azevedo. Ficava quase escondido, perto dos cinco grandes volumes do dicionário Caldas Aulete, entre outros livros de consulta que papai mantinha ao alcance da mão numa estante giratória. Isso pode te servir, foi mais ou menos o que ele então me disse, no seu falar meio grunhido. E por um bom tempo aquele livro me ajudou no acabamento de romances e letras de canções, sem falar das horas que eu o folheava à toa. Palavra puxa palavra e escarafunchar o dicionário analógico foi virando para mim um passatempo (desenfado, esparecimento, entretém, solaz, recreio, filistria). O resultado é que o livro, herdado já em estado precário, começou a se esfarelar nos meus dedos. Encostei-o na estante das relíquias ao descobrir, num sebo atrás da Sala Cecília Meireles, o mesmo dicionário em encadernação de percalina. Com esse livro escrevi novas canções e romances, decifrei enigmas, fechei muitas palavras cruzadas. E ao vê-lo dar sinais de fadiga, saí de sebo em sebo pelo Rio de Janeiro para me garantir um dicionário analógico de reserva. Encontrei dois, mas não me dei por satisfeito, fiquei viciado no negócio. Dei de vasculhar livrarias país a fora, só em São Paulo adquiri meia dúzia de exemplares, e ainda rematei o último à venda na Amazon.com antes que algum aventureiro o fizesse. Eu já imaginava deter o monopólio (açambarcamento, exclusividade, hegemonia, senhorio, império) de dicionários analógicos da Língua Portuguesa, não fosse pelo senhor João Ubaldo Ribeiro, que ao que me consta também tem um, quiçá carcomido pelas traças (brocas, carunchos, busanos, cupins, térmitas, cáries, lagartas-rosadas, gafanhotos, bichos-carpinteiros). Hoje sou surpreendido pelo anúncio dessa nova edição do dicionário analógico de Francisco Ferreira dos Santos Azevedo. Sinto como se invadissem minha propriedade, revirassem meus baús, espalhassem aos ventos meu tesouro. Trata-se para mim de uma terrível (funesta, nefasta, macabra, atroz, abominável, dilacerante, miseranda) notícia.

HOLLANDA, Francisco Buarque de, apud AZEVEDO, Francisco F. dos S. *Dicionário Analógico da Língua Portuguesa: ideias afins/thesaurus*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010. Disponível em: <https://goo.gl/eCnPDv>. Acesso em: 2 jul. 2017. (Adapt.)

- A partir do texto de Chico Buarque que introduz o dicionário analógico recentemente reeditado, proponha uma definição para esse tipo de dicionário.
- Mostre a partir de que pistas do texto sua definição foi elaborada.

Redação proposta

Unifesp 2021

Texto 1

As descobertas da genética nos apresentam a um só tempo uma promessa e um dilema. A promessa é que em breve seremos capazes de tratar e prevenir uma série de doenças debilitantes. O dilema é que nosso recém-descoberto conhecimento genético também pode permitir a manipulação de nossa própria natureza – para melhorar nossos músculos, nossa memória e nosso humor; para escolher o sexo, a altura e outras características genéticas de nossos filhos; para melhorar nossas capacidades física e cognitiva; para nos tornar “melhores do que a encomenda”. A maioria das pessoas considera inquietantes ao menos algumas das formas de manipulação genética. Entretanto, não é fácil articular nosso mal-estar. Os termos familiares dos discursos moral e político tornam difícil afirmar o que há de errado na reengenharia da nossa natureza.

(Michael J. Sandel [filósofo, professor-visitante na Sorbonne]. *Contra a perfeição: ética na era da engenharia genética*, 2015.)

Texto 2

A seleção do sexo do bebê – sexagem – é uma das questões mais controvertidas a que nos expõe o desenvolvimento da biogenética. Divide opiniões e é enganoso pensar que as posições liberais estão do lado dos cientistas, ou ver as posições conservadoras como deriváveis da consciência religiosa. Mesmo os liberais apontam problemas quanto à técnica utilizada na sexagem, devido aos riscos de complicações, desequilíbrio na população de homens e mulheres, discriminação contra a mulher.

Há motivos também de ordem religiosa: a suspeita de que o ser humano, ao assumir o papel de Deus ou da natureza, não produzirá um mundo melhor. Há, certamente, na base da desconfiança, um medo em relação aos desdobramentos desse novo poder: se podemos escolher o sexo, podemos também pensar na liberdade de escolher outras características.

A questão é: até que ponto o poder técnico é também ético? Certamente não devemos condenar a técnica quando ela responde a uma finalidade eticamente defensável. Condena-se a técnica quando a motivação é um mero desejo ou capricho, mas não se condena quando há razões fortes como evitar doenças ou quando a fertilização *in vitro* é apontada como a única alternativa para a gravidez.

(João Batistiole [professor de Bioética, PUC-SP]. “Bebês sob medida”. www.cremesp.org.br, 2005.)

Com base nos textos apresentados e em seus próprios conhecimentos, escreva um texto dissertativo-argumentativo, empregando a norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema: **A engenharia genética ameaça a dignidade humana?**

Texto complementar

Um apólogo

Era uma vez uma agulha, que disse a um novelo de linha:

- Por que está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma coisa neste mundo?
- Deixe-me, senhora.
- Que a deixe? Que a deixe, por quê? Porque lhe digo que está com um ar insuportável? Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.
- Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.
- Mas você é orgulhosa.
- Decerto que sou.
- Mas por quê?
- É boa! Porque coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose, senão eu?
- Você? Esta agora é melhor. Você é que os cose? Você ignora que quem os cose sou eu, e muito eu?
- Você fura o pano, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...
- Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás, obedecendo ao que eu faço e mando...
- Também os batedores vão adiante do imperador.
- Você é imperador?
- Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno, indo adiante; vai só mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho obscuro e ínfimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto...

Estavam nisto, quando a costureira chegou à casa da baronesa. Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atrás dela. Chegou a costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra ia mandando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana — para dar a isto uma cor poética. E dizia a agulha:

— Então, senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima.

A linha não respondia nada; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ela, silenciosa e ativa como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas. A agulha vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando. E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o plic-plic-plic-plic da agulha no pano. Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte; continuou ainda nesse e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.

Veio a noite do baile, e a baronesa vestiu-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessário. E quando compunha o vestido da bela dama, e puxava a um lado ou outro, arregaçava daqui ou dali, alisando, abotoando, acolchetando, a linha, para mofar da agulha, perguntou-lhe:

— Ora agora, diga-me quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos, diga lá.

Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha:

— Anda, aprende, tola. Cansas-te em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar da vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.

Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça:

— Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!

ASSIS, Machado de. Um apólogo. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. 2.

Saiba mais

Joaquim Maria Machado de Assis, escritor brasileiro, é considerado por muitos o maior nome da literatura nacional. De família pobre, a maior parte de seu letramento foi por conta própria, nunca tendo frequentado uma universidade. Já em sua maturidade, fundou a Academia Brasileira de Letras. Produziu contos, poesias, romances e outros textos de gêneros literários variados. Seus principais romances são: *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba*, *Dom Casmurro*, *Esaú e Jacó* e *Memorial de Aires*.



Biblioteca Nacional, Brasil.

Quer saber mais?



Livros

Dicionário Analógico da Língua Portuguesa: ideias afins/thesaurus, de Francisco F. dos S. Azevedo. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

Nesse livro, o autor constrói redes de associações entre palavras e reedita outro conceito de dicionário, fundamental para quem pretende ousar no vocabulário e pensar em analogias.

Antologia da Literatura Fantástica, de Jorge Luis Borges, AdolfoBioy Casares e Silvina Ocampo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Esse livro reúne autores consagrados, como Kafka e Julio Cortázar, e também outros pouco conhecidos, como o chinês Chuang Tzu.

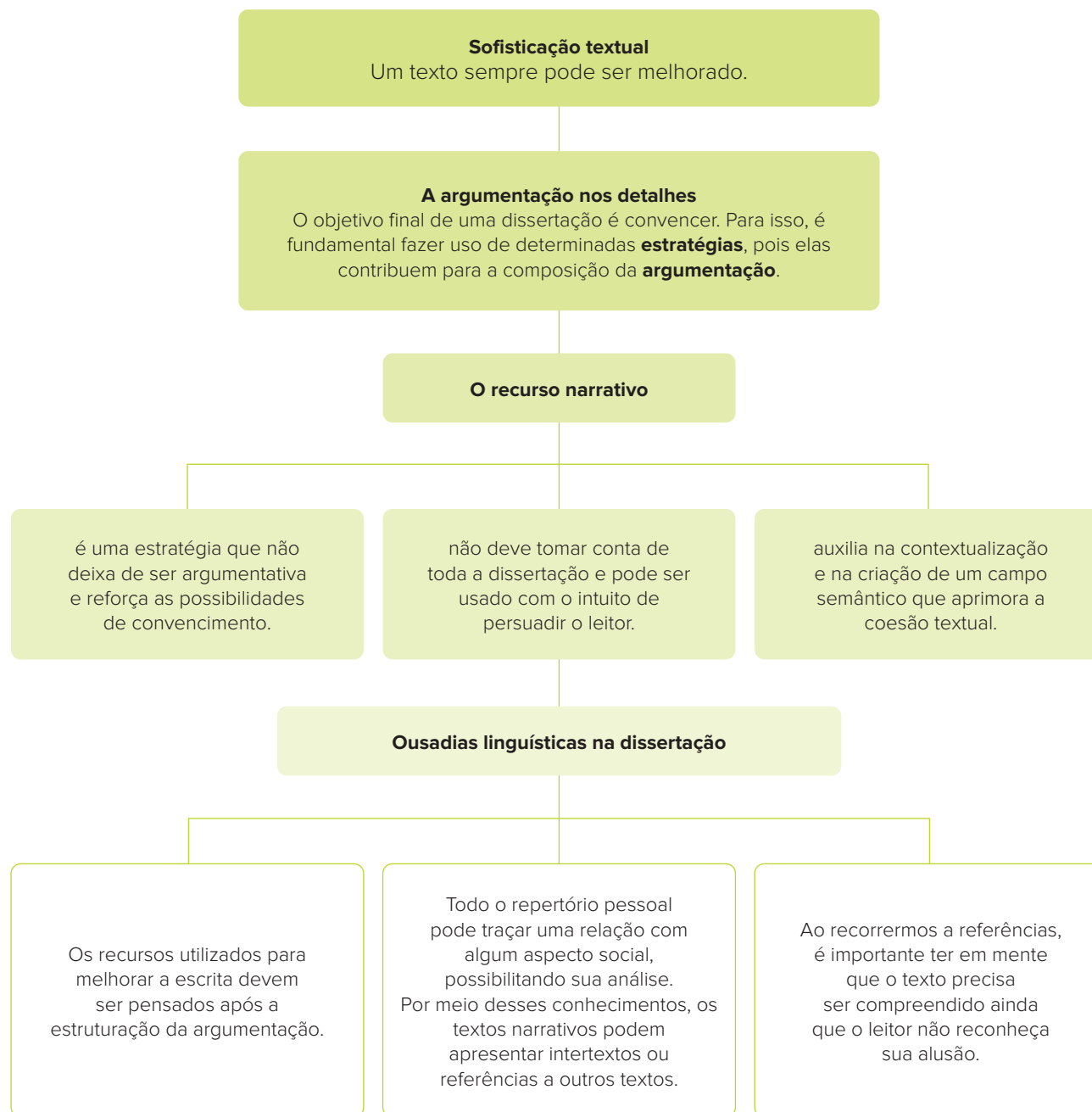


Álbum

Na Carreira – Ao Vivo, de Chico Buarque. Rio de Janeiro: Biscoito Fino, 2012.

O álbum, lançado em 2012, traz canções de variadas fases do músico e compositor brasileiro.

Resumindo





FRENTE ÚNICA

CAPÍTULO

23

Refinos de linguagem I

Durante a construção de uma dissertação, percebemos que alguns padrões se combinam, da mesma maneira que um mosaico tem suas peças juntadas formando desenhos preconcebidos e simétricos. Somente com planejamento e conhecimento de técnicas de produção textual é possível pensar o detalhe no momento da escrita. Infelizmente, os equívocos de estilo, por vezes, atrapalham a leitura, prejudicando o entendimento das ideias trabalhadas no texto.

Repetição de palavras

Um dos mais aterrorizantes medos durante a escrita de uma dissertação é a fuga ao tema. Ao longo dos capítulos, entendemos que, para garantir a compreensão do recorte temático, é necessária uma boa leitura da coletânea a fim de produzir uma tese que problematize a questão central da soma desses textos.

Por receio ou distração, acabamos repetindo algumas palavras-chave da coletânea em nossos textos por acreditar que elas sejam muito importantes para o tema, não percebendo que tais palavras costumam ser conceitos que podem e devem ser mais bem explorados.

A redação a seguir foi elaborada com base na proposta da Fuvest 2012, e, ainda que tenha sido muito bem avaliada pela banca, apoia-se com bastante ênfase no conceito central.

A política como base às ações humanas

Ao se analisar o estágio atingido pela evolução da sociedade moderna, percebe-se que houve mudanças significativas ao longo do tempo. Uma delas refere-se à configuração das práticas políticas, cuja alteração mais notória relaciona-se aos grupos detentores do poder político. A presença praticamente indissociável do capitalismo na vida social elevou as grandes empresas ao topo do patamar político, subjugando-lhes as nações. Essa inversão, no entanto, não caracteriza a separação do homem de seu aspecto político – apenas representa a nova disposição da dinâmica social, que é essencialmente pautada na lógica capitalista.

Deve-se compreender que o pensamento político embasa as atividades humanas. Nas palavras de Aristóteles: “a ciência mais imperativa e predominante sobre tudo é a ciência política”. Essa afirmação valida-se na medida em que o homem constitui-se fundamentalmente de um aspecto político, a partir do qual coordena suas demais atividades. Percebe-se que essa coordenação manifesta-se em duplo âmbito: um de pequena ordem e outro de grande ordem. O primeiro refere-se às ações cotidianas, as quais compõem um verdadeiro corolário de padrões éticos, definidos por Jean-Jacques Rousseau a partir do “contrato social”, e representam desde o respeito à hierarquia familiar até o bom comportamento em público. O segundo refere-se às ações do universo capitalista, que são protagonizados pelas grandes corporações. Nesse caso, também se percebe que o modo de interação intercorporativa está pautado em um conjunto de normas, cuja origem é essencialmente política.

Definido o campo de atuação das ações **políticas**, deve-se entender a mudança que sofreram na modernidade. Em sua obra “Em busca da **política**”, Zygmunt Bauman afirma que as “instituições **políticas** vigentes” abandonaram seu papel de “propositoras de doutrinas” e passaram-na para “forças essencialmente não **políticas** – primordialmente as do mercado financeiro”. Há de se perceber que houve o abandono mencionado pelo autor, no entanto o fato de a **política** passar a ser regida por grupos que não são tipicamente **políticos** não caracteriza o fim dela. O que ocorre é uma mudança no paradigma da dinâmica social, de modo a se reclassificar o que é ou não **político**. Essa transição é perceptível ao se analisar a atual crise do mercado financeiro, a qual resultou no endividamento de diversas empresas e no consequente auxílio estatal. Percebe-se que, embora tais empresas controlem a dinâmica global, as práticas **políticas**, mesmo que do Estado, ainda são necessárias à manutenção da ordem do sistema.

As ações **políticas** sofreram modificações que seguiram a evolução da sociedade. Deve-se compreender que o estágio de configuração capitalista transformou as grandes empresas em detentoras do poder **político**. Essa transição, contudo, não deve ser vista como o fim da **política**, mas como uma mudança na ordem da dinâmica social, uma vez que as práticas **políticas** pautam as demais atividades da sociedade e a elas dão base.

O texto anterior, divulgado como acima da média, recebeu nota 7,25, de acordo com a banca oficial. Embora tenha respondido à questão exigida, trabalhando o conceito de que a participação política parece superada, mas ainda é indispensável, o autor deixou bastante ampla a explanação a respeito desse assunto ao optar por uma abordagem mais distanciada, como se falasse de um ponto de vista externo à sociedade em que vivemos.

A fim de minimizarmos o efeito de distanciamento e darmos mais densidade à discussão, seria interessante refletir sobre o que, afinal, pode ser participação política.

Para uns, a manutenção do sistema representativo por meio do voto já é política. Para outros, cada escolha cotidiana e a forma como tratamos as pessoas com quem convivemos também é política. Assim, cada trecho com repetições poderia receber substituições que enriqueceriam as ideias expressas no texto.

O parágrafo escolhido é a introdução. Vamos conferir e comentá-la na próxima página.

Ao se analisar o estágio atingido pela evolução da sociedade moderna, percebe-se que houve mudanças significativas ao longo do tempo. Uma delas refere-se à configuração das práticas **políticas**¹, cuja alteração mais notória relaciona-se aos grupos detentores do poder **político**². A presença praticamente indissociável do capitalismo na vida social elevou as grandes empresas ao topo do patamar **político**³, subjugando-lhes as nações. Essa inversão, no entanto, não caracteriza a separação do homem de seu aspecto **político**⁴ – apenas representa a nova disposição da dinâmica social, que é essencialmente pautada na lógica capitalista.

1. O autor pode ter se referido às práticas que regulam as decisões a respeito do bem comum.

2. Nesse caso, ele parece fazer alusão aos grupos detentores do controle em relação àquilo que é de domínio público em um sistema em que o poder não está nas mãos da população, e sim transferido a outros.

3. Fala-se sobre o topo do patamar de decisões que afetam a vida de todo um grupo social.

4. O aspecto político do homem pode ser entendido como seu aspecto participativo, cidadão, crítico e questionador.

Feitas as devidas observações, podemos substituir cada definição no corpo do texto e verificar o resultado. Trocaremos todas as repetições para um efeito didático, mas também é possível manter uma ou duas delas se considerar conveniente.

Ao se analisar o estágio atingido pela evolução da sociedade moderna, percebe-se que houve mudanças significativas ao longo do tempo. Uma delas refere-se à configuração das práticas **que regulam as decisões a respeito do bem comum**¹, cuja alteração mais notória relaciona-se aos grupos detentores **do controle em relação àquilo que é de domínio público num sistema em que o poder não está nas mãos da população, e sim transferido a outros**². A presença praticamente indissociável do capitalismo na vida social elevou as grandes empresas ao topo do patamar **de decisões que afetam a vida de todo um grupo social**³, subjugando-lhes as nações. Essa inversão, no entanto, não caracteriza a separação do homem de seu aspecto **participativo, cidadão, crítico e questionador**⁴ – apenas representa a nova disposição da dinâmica social, que é essencialmente pautada na lógica capitalista.

Com as substituições, o trecho ficou mais extenso, porém também ficou mais denso, ou seja, mais contratos de pensamento são firmados com o leitor porque agora ele tem mais chance de entender o que realmente se pretende dizer com os termos empregados em cada contexto. Vale lembrar que outras repetições são possíveis para os mesmos usos desses vocábulos, cujo discernimento caberia à leitura e à interpretação de cada um, além do olhar do próprio autor.

Uma das vantagens desse exercício é proporcionar elementos de coesão para dissertações futuras, além de melhorar seu conteúdo e sua abordagem. Caso retomemos o que foi desenvolvido em 1, por exemplo, pode-se optar pela referência “tais práticas regulatórias” ou “tais práticas que regulam o bem comum”, evitando, mais uma vez, o desgaste do termo principal, esmiuçando-o.

Para treinar, que tal tentar substituir os outros usos dos termos “política” e “político” ao longo do texto?

Contextualização detalhada

Expandir o conceito pode auxiliar na construção da contextualização da dissertação. O tema da redação usada como exemplo se referia à participação política, e, sem que se discuta o que é isso, não é possível desenvolver um texto denso o suficiente. Dessa forma, é aceitável já iniciar a produção escrita com o entendimento que se tem acerca da temática.



Se assumirmos a ideia de participação política como “o interesse ativo do indivíduo diante daquilo que é de domínio público” ou “a presença do cidadão nas discussões de assuntos relativos ao bem comum”, uma introdução praticável para a mesma tese do texto analisado (que defende a participação política como algo que parece superado, mas é indispensável) seria:

O interesse ativo do indivíduo diante daquilo que é de domínio público não tem sido suficiente para evitar que as forças econômicas se sobreponham às forças essencialmente políticas. Por isso, ainda que a presença do cidadão nas discussões de assuntos relativos ao bem comum pareça superada, o cotidiano aponta para o fato de que, por permearem os afazeres mais comuns, ela é indispensável.

! Atenção

Todos os conceitos são passíveis de expansão, então convém buscar ajuda em dicionários, ferramentas de pesquisa etc. Assim, com o objetivo de construir um repertório bem fundamentado para as situações de prova, o ideal é criar o hábito de pensar a respeito de tudo o que se pretende analisar no cotidiano, como já sugerido quando trabalhamos com características sociais.

Características sociais

O trecho a seguir repete muitas vezes os conceitos principais. O pressuposto para que trabalhem o que interessa agora é que o texto esteja dentro do tema. Por isso, vamos imaginar que a proposta pedia uma breve apresentação sobre o assunto:

Shopping centers e os novos recortes de convivência propostos por eles

O individualismo nos *shoppings*

Os shopping centers são espaços em que as pessoas demonstram todo seu individualismo. Por ficarem “fechadas em seus mundinhos”, refletem o narcisismo contemporâneo e a alienação. O número de frequentadores dos shopping centers vem aumentando cada vez mais devido ao individualismo.

Os shoppings surgiram recentemente e, quanto mais as pessoas têm interesse apenas em suas próprias existências, mais querem construir status fazendo o “ter” se sobrepor ao “ser”, ou seja, sendo individualistas. Os shoppings são espaços elitizados, templos de consumo, que é estimulado pelo individualismo. Hoje, são cenários de encontros, paqueras e passeios de pessoas que não têm mais interesse na vida pública.

Autoria de GAC

Além de apresentar um conteúdo pouco rico, o texto não deixa claro o que entende como individualismo. Há uma tentativa de expansão dessa noção por meio da expressão “fechadas em seus mundinhos”, mas, além de excessivamente coloquial, o trecho pode ser interpretado como infantil e insuficiente. As metáforas só devem ser usadas caso agreguem estilo, e não como muletas.

Nota-se, também, que há outros conceitos secundários que não foram bem trabalhados, como “narcisismo” e “alienação”, levando-nos a refletir sobre a intenção do autor ao utilizar esses termos. Portanto, é essencial que tomemos cuidado com as expansões ao redigirmos um texto.

! Atenção

Devemos ampliar apenas as noções que possuem relação com o tema principal, não sendo necessário detalhar todas as concepções presentes no texto, mas somente o que for essencial para a defesa da tese.

Uma opção interessante para conceitos como “alienação”, que têm toda uma explicação teórica, é escolher as palavras mais próximas das que utilizaríamos para explicar uma ideia a um colega.

Vamos observar a versão refeita do texto anterior.

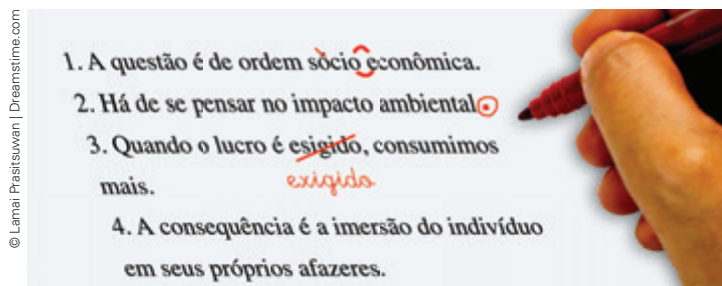
O individualismo aparente nos *shoppings*

Os *shopping centers* são espaços aos quais se vai para, além de consumir, buscar entretenimento. É sensato não se ignorar, porém, que o consumo estimulado nesses ambientes pode levar as pessoas a construir um universo privado repleto de itens muitas vezes supérfluos e a valorizar mais a obtenção de objetos da moda e menos a presença nos espaços abertos e na vida pública. Esse movimento de se fechar em si e de supervalorizar o “eu” e o “meu” é o que, quando ampliado, comumente chamamos de individualismo associado à prática consumista. Os *shoppings* se apresentam, portanto, como templos de uma nova forma de adoração que tem consequências sociais.

Esses espaços, porém, são muito recentes na história da humanidade. Por isso, quando vamos analisá-los, fica difícil deixar de levar em consideração a influência do sistema socioeconômico no qual estamos inseridos. Se o objetivo é o lucro, o entretenimento disponível ali é exclusivo para quem pode pagar e, ainda que sejam cenários de encontros, paqueras e passeios, são, em geral, excludentes.

Autoria de GAC

Se compararmos os dois textos, perceberemos que a principal diferença entre eles é a preocupação em “amarrar” os conceitos, colocando-os em uma sequência lógica acessível ao leitor. A ampliação das ideias é, conseqüentemente, a expansão dos argumentos e da empatia em relação ao leitor.



Na elaboração de um texto, é necessário, também, ter atenção à grafia e à pontuação.

Saiba mais

Segundo o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, que leva o nome de Antônio Houaiss, apontado por alguns como o maior estudioso das palavras da Língua Portuguesa na contemporaneidade, o termo “conceito” pode ser entendido como “a compreensão que alguém tem de uma palavra; noção, concepção, ideia”.

Para “compreensão”, o dicionário traz a seguinte possibilidade de definição, entre outras: “faculdade de entender, de perceber o significado de algo; entendimento”.

Caso tenhamos dúvidas se podemos ou não construir nossas próprias expansões, é possível recorrer ao que os livros técnicos nos dizem. Somos todos construtores de conceitos a todo tempo.

Revisando

- Agora é a sua vez de treinar a expansão de conceitos. Para cada um deles, construa possibilidades de definição/explicação.
 - a) Altruísmo
 - b) Desigualdade social
 - c) Amizade
 - d) Fronteira

Redação proposta

- **Unesp 2017**

Texto 1

A distribuição da riqueza é uma das questões mais vivas e polêmicas da atualidade. Será que a dinâmica da acumulação do capital privado conduz de modo inevitável a uma concentração cada vez maior da riqueza e do poder em poucas mãos, como acreditava Karl Marx no século XIX? Ou será que as forças equilibradoras do crescimento, da concorrência e do progresso tecnológico levam espontaneamente a uma redução da desigualdade e a uma organização harmoniosa da sociedade, como pensava Simon Kuznets no século XX?

(Thomas Piketty. *O capital no século XXI*, 2014. Adaptado.)

Texto 2

Já se tornou argumento comum a ideia de que a melhor maneira de ajudar os pobres a sair da miséria é permitir que os ricos fiquem cada vez mais ricos. No entanto, à medida que novos dados sobre distribuição de renda são divulgados*, constata-se um desequilíbrio assustador: a distância entre aqueles que estão no topo da hierarquia social e aqueles que estão na base cresce cada vez mais.

A obstinada persistência da pobreza no planeta que vive os espasmos de um fundamentalismo do crescimento econômico é bastante para levar as pessoas atentas a fazer uma pausa e refletir sobre as perdas diretas, bem como sobre os efeitos colaterais dessa distribuição da riqueza.

Uma das justificativas morais básicas para a economia de livre mercado, isto é, que a busca de lucro individual também fornece o melhor mecanismo para a busca do bem comum, se vê assim questionada e quase desmentida.

*Um estudo recente do World Institute for Development Economics Research da Universidade das Nações Unidas relata que o 1% mais rico de adultos possuía 40% dos bens globais em 2000, e que os 10% mais ricos respondiam por 85% do total da riqueza do mundo. A metade situada na parte mais baixa da população mundial adulta possuía 1% da riqueza global.

(Zygmunt Bauman. *A riqueza de poucos beneficia todos nós?*, 2015. Adaptado.)

Texto 3

Um certo espírito rousseauiano parece ter se apoderado de nossa época, que agora vê a propriedade privada e a economia de mercado como responsáveis por todos os nossos males. É verdade que elas favorecem a concentração de riqueza, notadamente de renda e patrimônio.

Essa, porém, é só parte da história. Os mesmos mecanismos de mercado que promovem a disparidade – eles exigem certo nível de desigualdade estrutural para funcionar – são também os responsáveis pelo mais extraordinário processo de melhora das condições materiais de vida que a humanidade já experimentou.

Se o capitalismo exhibe o viés elitista da concentração de renda, ele também apresenta a vocação mais democrática de tornar praticamente todos os bens mais acessíveis, pelo aprimoramento dos processos produtivos. Não tenho nada contra perseguir ideias de justiça, mas é importante não perder a perspectiva das coisas.

(Hélio Schwartzman. "Uma defesa da desigualdade".
Folha de S.Paulo, 14.06.2015. Adaptado.)

Com base nos textos apresentados e em seus próprios conhecimentos, escreva uma dissertação, empregando a norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema: **A riqueza de poucos beneficia a sociedade inteira?**

Texto complementar

Wayne Booth, Gregory Colomb e Joseph Williams, professores universitários estadunidenses, escreveram juntos o livro *A arte da pesquisa*. O objetivo era guiar os alunos na produção de textos acadêmicos, isto é, dissertações de mestrado, teses de doutorado, ensaios, apresentações etc.

Acontece que a redação de vestibular é uma espécie de “filha mais nova” desses textos todos. Assim, algumas das ideias que os autores utilizaram para ajudar seus alunos a pensar seus textos servem ao nosso objetivo também.

A tradução a seguir usa termos como “relatório” ou “pesquisa”, mas, para nós, eles facilmente podem ser substituídos por “dissertação de vestibular” a fim de nos ajudar a refletir sobre o assunto.

Sua afirmação deve ser contestável

Os leitores consideram uma afirmação importante na medida em que ela seja contestável. A afirmação deve levá-los a pensar, Você terá de explicar isso, seja porque sempre acreditaram no contrário, ou porque nunca pensaram no assunto. Ninguém contesta uma afirmação que só se refere ao próprio relatório ou a você, nem uma afirmação que repete algo em que os leitores já acreditam:

- Portanto, a Segunda Guerra Mundial mudou o curso da história ao permitir que a União Soviética dominasse a Europa Oriental por quase meio século.

Uma vez que a maioria dos leitores já acredita nisso, dizê-lo não acrescenta nada de novo. Se nada do que lhes diz muda a opinião deles de maneira que os preocupe, você estará desperdiçando o tempo deles. Sua afirmação só será contestável se mudar algo em que eles já acreditam. Na medida em que ela for contestável, seus leitores a considerarão importante. [...]

Sua afirmação deve ser específica

Os leitores também esperam que sua afirmação seja expressa em linguagem suficientemente detalhada e específica para reconhecerem os conceitos centrais que você desenvolverá ao longo de seu relatório. Compare:

- Portanto, a emancipação dos camponeses russos não foi um acontecimento importante.
- Portanto, a emancipação dos camponeses russos não foi importante porque, embora sua vida tenha mudado um pouco, sua situação decaiu.
- Portanto, a emancipação dos camponeses russos foi apenas simbólica, porque, embora eles tenham obtido o controle de seus negócios cotidianos, sua condição econômica deteriorou-se tão nitidamente, que seu novo *status* social não afetou a qualidade material de sua existência.

A primeira afirmação é pouco substancial. A segunda é menos vaga, mas enuncia poucos conceitos específicos que os leitores deveriam esperar (com exceção de decair). A terceira é explícita, enunciando vários conceitos que o autor precisa desenvolver para sustentá-la: simbólica, obter o controle, condição econômica, deteriorar, novo *status* social, qualidade material da existência.

Ao expressar sua afirmação principal pela primeira vez, no fim da introdução (conforme prefere a maioria dos leitores [...]), é importante que você o faça em linguagem específica. Quando notarem que a linguagem se mantém sempre a mesma, é bem provável que os leitores sintam que seu texto é coerente. Quando não sabem que conceitos esperar, os leitores podem perder os mais importantes e julgar que o que estão lendo está desfocado, até mesmo que é uma bagunça incoerente.

Usando afirmações plausíveis [...]

Seus leitores desprezarão suas afirmações se elas não forem substantivas, contestáveis e explícitas. Essas características também podem ser importantes para você, enquanto estiver pesquisando e redigindo o texto. Você entenderá melhor suas fontes quando puder identificar suas afirmações principais e as evidências que elas apresentam para sustentá-las. Você dá a si mesmo orientações para a pesquisa quando cria afirmações substantivas com tópicos e conceitos explícitos: de que precisaria para desenvolver obtenção do controle, condição econômica, deterioração, novo *status* social, qualidade material de vida?

Você também pode usar esses conceitos para ordenar suas evidências:

- Antes de os camponeses serem emancipados, sua vida material era suficiente para a sobrevivência. Que evidência se relaciona com “vida material”?
- Seu nível social era baixo. Que evidência se relaciona com “baixo”?
- Eles não tinham controle sobre a própria vida. Que evidência se relaciona com “controlar”?
- Seu *status* social teve uma ligeira ascensão. Que evidência se relaciona com “ascensão”?
- A qualidade material de sua vida diária se deteriorou. Que evidência se relaciona com “deteriorou”?

Cada termo é simultaneamente parte da afirmação principal e de subargumentos que precisarão de suas próprias evidências de sustentação. Quanto mais explícita for sua linguagem, mais evidências você precisará apresentar para sustentar suas afirmações, e melhor verá (que) [...] a tarefa de formular uma afirmação significativa, contestável, numa linguagem bastante específica, poderá parecer impossível, especialmente se seus leitores forem peritos no assunto de sua pesquisa. Como, você poderia perguntar, espera-se que eu descubra algo que meu professor ainda não sabe ou em que não acredita? Os professores entendem esse problema e esperarão que você faça uma afirmação que seja nova e contestável para alguém no seu nível de experiência e conhecimento, talvez apenas nova para você. Nesse caso, faça sua pesquisa tendo em mente seus próprios interesses, ou os de seus colegas de classe. O que eles poderiam achar surpreendente, contestável, importante? [...]

BOOTH, Wayne C.; COLOMB, Gregory G.; WILLIAMS, Joseph M. *A arte da pesquisa*. Tradução de Henrique A. Rego Monteiro. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 126-129. (Ferramentas).

Quer saber mais?



Livro

O Dicionário de Filosofia, de Nicola Abbagnano. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

Esse dicionário traz 2 500 verbetes com citações e explicações.



Site

Portal da Secretaria da Educação e do Esporte do governo do Paraná. Disponível em: <http://www.filosofia.seed.pr.gov.br/>.

Acesso em: 30 jun. 2022.

Nesse portal, é possível encontrar uma série de materiais de filosofia que podem auxiliar no entendimento de alguns conceitos.

Resumindo

Refinos de linguagem I

É importante produzir uma tese que problematize a questão central da temática.

Extrair as palavras-chave do tema é fundamental para expandirmos esses conceitos, em vez de apenas repeti-los no decorrer do texto.

Há diversas vantagens na ampliação das noções principais de uma dissertação:

- aprimoramento no uso de elementos coesivos;
- melhoria da abordagem do tema;
- aprofundamento do conhecimento sobre o conteúdo exposto;
- auxílio na construção da contextualização no texto dissertativo.

Atenção: a expansão de conceitos deve ser aplicada apenas às ideias centrais do tema.



FRENTE ÚNICA

CAPÍTULO

24

Refinos de linguagem II

A continuação do trabalho de refino textual é a garantia do aprimoramento da escrita a cada dissertação. Assim, neste capítulo, lembraremos alguns conceitos gramaticais, pois, ao buscarmos esses conhecimentos, conseguimos mais autonomia para fazer escolhas e entender suas razões, selecionando melhor as expressões que usamos em nossos textos.

Catáfora e anáfora

Chamamos de coesão o conjunto de elementos responsáveis pela “amarracão” das partes do texto. Já estudamos que a substituição de termos repetidos pode melhorar a forma como compreendemos uma ideia; dessa maneira, é possível usar recursos como pronomes, sinônimos, perífrases, conjunções, elipses, entre outros, para estruturar raciocínios claros e fluidos.

A coesão referencial é responsável pela atualização das expressões utilizadas em um texto, ou seja, é a ela que estão subordinados os termos **catafóricos** e **anafóricos**.

Catáfora

Termos catafóricos são os responsáveis pela **antecipação** de algo que ainda será apresentado.

Exemplo:

A questão é esta: não há água potável acessível a todos.

Anáfora

Termos anafóricos são os responsáveis pela **retomada** de algo que já foi apresentado.

Exemplo:

Não há água potável para todos, e essa é uma questão preocupante.



O termo “esta”, em destaque, **antecipa** que não haver água potável para todos é uma questão.



O termo “essa”, em evidência, **retoma** a primeira parte da sentença, apresentando-a como uma questão.

Para entendermos melhor esses mecanismos em funcionamento, vamos analisar o trecho a seguir.

O turbante, recentemente, suscitou discussões sobre apropriação cultural no Brasil. Adereço de origem oriental¹, ele² consiste em uma grande tira de pano de até 45 metros de comprimento enrolada sobre a cabeça. A discussão, porém, intensificou-se quando o símbolo da religiosidade de matrizes africanas³ desencadeou uma discussão no transporte público que chegou às redes sociais. Para muitos, o acessório utilizado por foliões em festas de Carnaval⁴ não pode ser restrito a uma ou outra cultura. No entanto, há quem defenda que precisa ser preservado⁵ em respeito às culturas que tradicionalmente utilizam-no. O ícone da etnicidade negra⁶, portanto, segue no centro da discussão.

Autoria de GAC.

Repara-se que as expressões “adereço de origem oriental”, “símbolo da religiosidade de matrizes africanas”, “acessório utilizado por foliões em festas de Carnaval” e “ícone da etnicidade negra” são empregadas para que seja retomado o termo “turbante”. Esse recurso é chamado de perífrase, e, por meio dele, mais informatividade é inserida no texto, tornando-o mais rico.

Em 2 e 5, porém, outros dois artifícios são expostos, e, por meio deles, podemos perceber a linguagem trabalhando de outra maneira: além de já saber o nome do adereço e as formas pelas quais ele é reconhecido, damos leveza à produção com outros elementos anafóricos que o retomam.

! Atenção

Em textos dissertativos, é mais interessante que escolhamos apenas perífrases que retomem o termo escolhido em consonância com a nossa interpretação sobre ele.

Caso utilizemos também outros recursos, corremos o risco de fragilizar nosso posicionamento. No texto de exemplo, essa combinação funciona porque o trecho tem caráter de notícia.

Pronomes relativos

Ao estudarmos orações subordinadas adjetivas, aprendemos que os pronomes relativos “que”, “a/o qual”, “cujo”, “onde”, “quem”, “quanto” dão a liga necessária para esse tipo de processo de composição de períodos.

Assim como na língua falada, esses pronomes são usados em textos para auxiliar a continuidade do raciocínio. Entretanto, a má utilização dessas ferramentas pode acarretar problemas à argumentação que se pretende defender.

Em geral, esses pronomes são empregados anaforicamente, sempre retomando algum outro termo. O pronome relativo “que” talvez seja o mais usado entre os relativos, referindo-se geralmente à palavra ou expressão que o antecede.

As principais armadilhas

Queísmo

O queísmo é um vício de linguagem que desenvolvemos pelo hábito, mas que desrespeita a norma culta ou o que se entende por estilística. Consiste na repetição excessiva e desnecessária do “que”.

Normalmente, esse problema aparece em períodos e parágrafos muito longos, com encaixamentos de muitas informações, o que torna a leitura cansativa e truncada, além de sugerir deficiência na autonomia linguística.

Ambiguidade

A ambiguidade ocorre quando há mais de uma possibilidade de leitura para um termo ou uma expressão. Como o pronome “que” não tem gênero nem número, é comum haver equívocos na compreensão de alguns trechos em que é usado.

Convém ressaltar também que, embora o leitor possa, muitas vezes, entender o sentido, a ambiguidade sintática já é, por si só, um problema.

Pronomes relativos e preposições

Os pronomes relativos são usados no lugar de algum outro elemento, por isso, ao utilizá-los, não podemos nos esquecer de observar quais as relações que o termo substituído estabelece com o restante do período, ou seja, tudo o que vale para o vocábulo outrora empregado se espelhará também no pronome relativo. Vamos conferir isso no exemplo apresentado a seguir.

Os telejornais a que as pessoas assistem muitas vezes infantilizam as relações cotidianas.

Podemos observar o uso do pronome relativo “que” substituindo a expressão “os telejornais”. Assim, temos:

1. Os telejornais muitas vezes infantilizam as relações cotidianas.
2. As pessoas assistem aos telejornais.

Ao somarem-se esses períodos, a segunda informação aparece como oração subordinada, e o verbo “assistir”, no sentido de ver, exige a preposição “a”. Assim, o pronome relativo que substitui a expressão deverá, também, ser introduzido por essa preposição.

Pronomes demonstrativos

Os pronomes demonstrativos, como “este”, “esta”, “isto”, “esse”, “essa” e “isso”, são utilizados anafórica ou cataforicamente, isto é, retomam ou antecipam, respectivamente, palavras ou expressões. Dessa forma, são bons mecanismos para manter sequências lógicas e evitar ambiguidades.

Para isso, fazemos uso dos pronomes de primeira e de terceira pessoa. Quando houver dois termos de mesmo gênero e número, “este”, “esta” e “isto” devem ser empregados para a retomada do termo mais próximo, e “aquele”, “aquela” e “aquilo”, para o mais distante.

Escolha vocabular

Às vezes, algumas palavras, em determinados contextos, podem ser consideradas sinônimas. No entanto, em outras situações, seus significados podem não ser tão próximos assim. Desse modo, é importante atentar para a escolha vocabular, pois, quando essa seleção é feita de forma equivocada, acabamos passando ideias menos precisas. Vamos observar alguns exemplos:

1. O Ministério da Saúde oferece cursos para ajudar na prevenção contra a dengue.
2. O capitalismo oferece ao indivíduo uma rotina exaustiva.
3. O carro oferece possibilidades ao usuário.

“Oferecer” é um verbo que significa algo próximo de “apresentar alguma coisa, dando à pessoa a possibilidade de aceitá-la ou não”. Em 1 e 3, é possível perceber a abertura para escolhas, pois podemos querer ou não fazer os cursos do Ministério da Saúde, bem como utilizar ou não o carro. Em 2, é mais complicado afirmar que há escolhas – as pessoas realmente optam por uma rotina exaustiva ou há uma série de estímulos que levam à naturalização dessa situação? Construções como “O capitalismo envolve o indivíduo em rotinas exaustivas” (neutra) ou “O capitalismo prende o indivíduo em rotinas exaustivas” (enfática) talvez fossem alternativas mais verossímeis. Vejamos a sequência a seguir.

1. Muitos ignoram o fato de serem manipulados.
2. Há quem ignore a presença de pessoas pedindo dinheiro nas ruas.
3. Uma mulher que sofre violência acaba ignorando o fato por medo.

“Ignorar” pode significar não saber ou não prestar atenção, o que se encaixa perfeitamente nos dois primeiros exemplos. No terceiro, porém, a ideia que se deseja transmitir é outra: “Uma mulher que sofre violência pode, muitas vezes, silenciar-se sobre o fato por medo do agressor” – uma noção bastante diferente das apresentadas anteriormente.

Detalhes como esses permeiam boa parte dos textos que escrevemos e, por isso, é fundamental que tenhamos cautela na seleção de cada palavra ou expressão. Quanto mais precisos formos, maiores as chances de efetivamente sermos claros.

Análise de parágrafos

O tema comum aos dois textos a seguir é: **A relação entre felicidade e consumo.**

Texto 1

A ampla variedade de produtos e serviços atualmente ofertados – possível devido ao aprimoramento produtivo das Revoluções Industriais – envolve o indivíduo e o leva à compra. Estimulado também por propagandas e campanhas, esse consumo frequentemente realiza-se associado a sensações como felicidade e bem-estar, bastante desejadas na realidade competitiva e exigente em que estamos inseridos. Dessa forma, em uma tentativa de ser e sentir o que as diversas propagandas prometem, compra-se exagerada e desnecessariamente, fato que, apesar de movimentar a economia, condiciona o indivíduo a sensações fabricadas, tornando-o um *outdoor* com pouco controle sobre sua vida social e financeira.

Buscando o lazer fora do cotidiano desgastado pelas longas jornadas de trabalho, não é incomum observar pessoas recorrendo a *shoppings* como os espaços em que se encontram as mais agradáveis sensações. Mais do que produtos, vendem-se ideias, conceitos e sentimentos em frascos. Um perfume, por exemplo, não é apenas um líquido, mas carrega consigo um imaginário de luxo, tornando-o sinônimo de sucesso, beleza e *status*. O sujeito comum, em sua realidade, não consegue o tão sonhado destaque na competição diária de seu trabalho e da vida social almejada; não consegue a beleza retratada pelos anúncios. A falta de sucesso fragiliza-o como ser crítico e, seduzido pela possibilidade de conseguir o ausente em sua vida, em cada loja encontra uma nova promessa, uma nova ilusão e uma compra a qual não possui efeito renovador da personalidade individual.

Autoria de LACC.

O trecho é muito claro em seu objetivo: transmitir a ideia de que há um conjunto de fatores que levam a crenças em relação ao consumo e à felicidade.

A inserção da imagem do perfume nos faz pensar em várias propagandas que utilizam cenários paradisíacos e pessoas consideradas bonitas para exibirem o produto. Sabemos, porém, que a compra do perfume não nos trará todos os sentimentos propostos por essas propagandas.

Texto 2

Com a organização dos meios de produção, as indústrias passaram a produzir cada vez mais produtos. Surge, assim, a necessidade de criar uma cultura de massa por meio da utilização dos setores midiáticos e principalmente transformar o consumidor em consumista. Isto é, o consumidor compra um produto muito mais pelo símbolo que representa do que por sua própria finalidade. Dessa forma, o consumismo é fruto do modelo atual de sociedade que organizou todo um sistema que vai da propaganda à venda da mercadoria para levar o homem urbano ao ciclo de infelicidade e frustração na sociedade do consumo.

O indivíduo compra seja por buscar um momento de escapismo na sua rotina, seja por que as empresas vendem o intangível: o corpo perfeito, o amor e a felicidade. Longa jornada de trabalho, estresse devido ao trânsito, infelicidade em relação ao seu corpo e achar-se apenas “mais uma agulha no palheiro” são características que definem o consumidor. Ir a uma loja e poder comprar “aquele” tênis da Nike que apenas poucas pessoas têm faz sentir-se poderoso; sente-se diferente de todos os outros durante alguns instantes. Ao mesmo tempo, a marca do tênis se utiliza de toda uma infraestrutura que vai de anúncios publicitários ao *marketing* para transformar o seu produto no símbolo do corpo ideal. Assim, o indivíduo a consumir se sente privilegiado e bonito.

Autoria de LACC.

Ainda que trate do mesmo tema, esse texto é menos cuidadoso com as escolhas vocabulares e com a inserção de exemplos.

Logo no começo, “produzir cada vez mais produtos” é redundante, circular. As repetições dos vocábulos “consumidor” e “consumista” também deixam a leitura bastante cansativa.

No final do primeiro parágrafo, o autor usa o termo “homem urbano” sem explicar para o leitor os motivos dessa escolha. Daí surge o questionamento: será que o consumismo não atinge o homem rural?

Além disso, no início do segundo parágrafo, trabalha-se com a ideia de “escapismo”.

Dada a temática, seria o tipo de conceito que poderia ser mais bem explicado.

Em “achar-se apenas ‘mais uma agulha no palheiro’”, o autor inverte o sentido do ditado popular, e, além disso, as aspas podem indicar que há traços fortes de coloquialidade no texto, ou seja, que o autor realmente não encontrou, no próprio repertório, palavras equivalentes. Observa-se, ainda, que o exemplo é mal construído, e o vocabulário (como em “‘aquele’ tênis da Nike”) precisa ser aprimorado.

Revisando

1. Rearranje os períodos a seguir em um único, evitando repetições desnecessárias e trabalhando apenas com elipses, pronomes ou sinônimos. Além disso, a inversão da ordem dos termos também é livre.
 - a) É importante conhecermos outras formas de pensar, pois, quando conhecemos outras formas de pensar, podemos ter mais noção sobre a nossa própria forma de pensar.
 - b) As fronteiras são tidas, muitas vezes, como inquestionáveis, pois respeitar as fronteiras é uma garantia de aceitação perante um grupo.
 - c) As redes sociais têm se mostrado o meio de comunicação mais usado porque as redes sociais permitem realizar as mesmas tarefas de outros meios de comunicação de uma forma muito mais rápida.
2. Una as orações a seguir em um único período, buscando trocar termos repetidos por pronomes relativos.
 - a) As discussões políticas surgem de crenças muito fixas. / As discussões políticas são observadas hoje nas redes sociais.
 - b) Os jovens saem cada vez mais tarde da casa dos pais. / Os jovens estão inseguros.
 - c) Os indivíduos no Brasil estão se isolando uns dos outros. / No Brasil, o preconceito de classe ainda é presente.

Redação proposta

• IME-RJ 2016

Texto 1

A química em nossas vidas

Há a ideia generalizada de que o que é natural é bom e o que é sintético, o que resulta da ação do homem, é mau. Não vou citar os terremotos, tsunamis e tempestades, tudo natural, que não têm nada de bom, mas certas substâncias naturais muito más, como as toxinas produzidas naturalmente por certas bactérias e os vírus, todos tão na moda nestes últimos tempos. Dentre os maiores venenos que existem, seis são naturais. Só o sarin (gás dos nervos) e as dioxinas é que são de origem sintética.

Muitos alimentos contêm substâncias naturais que podem causar doenças, como por exemplo o isocianato de alila (alho, mostarda) que pode originar tumores, o benzopireno (defumados, churrascos) causador de câncer do estômago, os cianetos (amêndoas amargas, mandioca) que são tóxicos, as hidrazinas (cogumelos) que são cancerígenas, a saxtoxina (marisco) e a tetrodotoxina (peixe estragado) que causam paralisia e morte, certos taninos (café, cacau) causadores de câncer do esôfago e da boca e muitos outros.

A má imagem da química resulta da sua má utilização e deve-se particularmente à dispersão de resíduos no ambiente (que levam ao aquecimento global e mudanças climáticas, ao buraco da camada de ozônio e à contaminação das águas e solos) e à utilização de aditivos alimentares e pesticidas.

Muitos desses males são o resultado da pouca educação dos cidadãos. Quem separa e compacta o lixo? Quem entrega nas farmácias os medicamentos que se encontram fora do prazo de validade? Quem trata os efluentes dos currais e das pocilgas? Quem deixa toda a espécie de lixo nas areias das nossas praias e matas? Quem usa e abusa do automóvel? Quem berra contra as queimadas mas enche a sala de fumaça, intoxicando toda a família? Quem não admira o fogo de artifício, que enche a atmosfera e as águas de metais pesados?

Há o hábito de utilizar a expressão “substância química” para designar substâncias sintetizadas, imprimindo-lhes um ar perverso, de substância maldita. Há tempos passou na TV um anúncio destinado a combater o uso do tabaco que dizia: “... o fumo do tabaco contém mais de 4000 substâncias químicas tóxicas, irritantes e cancerígenas...”. Bastaria referir “substâncias”, mas teve de aparecer o qualificativo “químicas” para lhes dar um ar mais tenebroso. Todas as substâncias, naturais ou de síntese, são “substâncias químicas”! Todas as substâncias, naturais ou de síntese, podem ser prejudiciais à saúde! Tudo depende da dose.

Qualquer dia aparecerá uma notícia na TV referindo, logo a seguir às notícias dos dirigentes e jogadores de futebol, que “A água, substância com a fórmula molecular H_2O , foi a substância química responsável por muitas mortes nas nossas praias”... por falta de cuidado! Porque os químicos determinaram as estruturas e propriedades dessas substâncias, haverá razão para lhes chamar “substâncias químicas”? Estamos sendo envenenados pelas muitas “substâncias químicas” que invadem as nossas vidas?

A ideia de que o câncer está aumentando devido a essas “substâncias químicas” é desmentida pelas estatísticas sobre o assunto, à exceção do fumo do tabaco, que é a maior causa de aumento do câncer do pulmão e das vias respiratórias. O aumento da longevidade acarreta necessariamente um aumento do número de cânceres. Curiosamente, o tabaco é natural e essas 4000 substâncias tóxicas, irritantes e cancerígenas resultam da queima das folhas do tabaco. A reação de combustão não foi inventada pelos químicos; vem da idade da pedra, quando o homem descobriu o fogo.

O número de cânceres das vias respiratórias na mulher só começou a crescer em meados dos anos 60, com a emancipação da mulher e o subsequente uso do cigarro. É o tipo de câncer responsável pelo maior número de mortes nos Estados Unidos. Não é verdade que as substâncias de síntese (as “substâncias químicas”) sejam uma causa importante de câncer; isso sucede somente quando há exposição a altas doses. As maiores causas de câncer são o cigarro, o excesso de álcool, certas viroses, inflamações crônicas e problemas hormonais. A melhor defesa é uma dieta rica em frutos e vegetais.

Há alguns anos, metade das substâncias testadas (naturais e sintéticas) em roedores deram resultado positivo em alguns testes de carcinogenicidade. Muitos alimentos contêm substâncias naturais que dão resultado positivo, como é o caso do café torrado, embora esse resultado não possa ser diretamente relacionado ao aparecimento de um câncer, pois apenas a presença de doses muito elevadas das substâncias pode justificar tal relação.

Embora um estudo realizado por Michael Shechter, do Instituto do Coração de Sheba, Israel, mostrasse que a cafeína do café tem propriedades antioxidantes, atuando no combate a radicais livres, diminuindo o risco de doenças cardiovasculares e alguns tipos de câncer, a verdade é que, há meia dúzia de anos, só 3% dos compostos existentes no café tinham sido testados. Das trinta substâncias testadas no café torrado, vinte e uma eram cancerígenas em roedores e faltava testar cerca de um milhão! Vamos deixar de tomar café? Certamente que não. O que sucede é que a química é hoje capaz de detectar e caracterizar quantidades minúsculas de substâncias, o que não sucedia no passado. Como se disse, o veneno está na dose e essas substâncias estão presentes em concentrações demasiado pequenas para causar danos.

Diante do que se sabe das substâncias analisadas até aqui, todos concordam que o importante é consumir abundantes quantidades de frutos e vegetais. Isso compensa inclusive riscos associados à possível presença de pequenas quantidades de pesticidas.

CORRÊA, Carlos. "A Química em nossas vidas". Disponível em: www.cienciahoje.pt/index.php?oid=49746&op=all. Acesso em: 17 abr. 2015. (Adapt.).

Texto 2

Consumidores com mais acesso à informação questionam a verdade que lhes é vendida

Se você é mulher, talvez já tenha observado com mais atenção como a publicidade de produtos de beleza, especialmente os voltados a tratamentos de rejuvenescimento, usualmente possuem novíssimos "componentes anti-idade" e "microcápsulas" que ajudam "a sua pele a ter mais firmeza em oito dias", por exemplo, ou mesmo que determinados organismos "vivos" (mesmo depois de envazados, transportados e acondicionados em prateleiras com pouco controle de temperatura) fervilham aos milhões dentro de um vasilhame esperando para serem ingeridos ajudando a regular sua flora intestinal. Homens, crianças, e todo tipo de público também não estão fora do alcance desse discurso que utiliza um recurso cada vez mais presente na publicidade: a ciência e a tecnologia como argumento de venda.

Silvania Sousa do Nascimento, Doutora em Didática da Ciência e Tecnologia pela Universidade Paris VI e professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), enxerga nesse processo um resquício da visão positivista, na qual a ciência pode ser entendida como verdade absoluta. "A visão de que a ciência é a baliza ética da verdade, e o mito do cientista como gênio criador é amplamente difundida, mas entra, cada vez mais, em atrito com a realidade, principalmente em uma sociedade informacional, como a nossa", acrescenta.

Para entender esse processo numa sociedade pautada na dinâmica da informação, Ricardo Cavallini, consultor corporativo e autor do livro *O marketing depois de amanhã* (Universo dos Livros, 2007), afirma que, primeiramente, devemos repensar a noção de público específico ou senso comum. "Essas categorizações estão sendo postas de lado. A publicidade contemporânea trata com pessoas, e elas têm cada vez mais acesso à informação e é assim que vejo a comunicação: com fronteiras menos marcadas e deixando de lado o paradigma de que o público é passivo", acredita.

Silvania concorda e diz que a sociedade começa a perceber que a verdade suprema é estanque, não condiz com o dia a dia. "Ao se depararem com uma informação, as pessoas começam a pesquisar e isso as aproxima do fazer científico, ou seja, de que a verdade é questionável", enfatiza.

Para a professora da UFMG, isso cria o "jornalista contínuo", um indivíduo que põe a verdade à prova o tempo todo. "A noção de ciência atual é a de verdade em construção, ou seja, de que determinados produtos ou processos imediatamente anteriores à ação atual, são defasados".

Cavallini considera que as três linhas de pensamento possíveis que poderiam explicar a utilização do recurso da imagem científica para vender: a quantidade de informação que a ciência pode agregar a um produto; o quanto essa informação pode ser usada como diferencial na concorrência entre produtos similares; e a ciência como um selo de qualidade ou garantia. Ele cita o caso dos chamados produtos "verdes", associados a determinadas características com viés ecológico ou produtos que precisam de algum tipo de "auditoria" para comprovarem seu discurso. "Na mídia, a ciência entra como mecanismo de validação, criando uma marca de avanço tecnológico, mesmo que por pouquíssimo tempo", finaliza Silvania.

O fascínio por determinados temas científicos segue a lógica da saturação do termo, ou seja, ecoar algo que já esteja exercendo certo fascínio na sociedade. "O interesse do público muda bastante, e a publicidade se aproveita desses temas que estão na mídia para recriá-los a partir de um jogo de sedução com a linguagem" diz Cristina Bruzzo, pesquisadora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e que acompanhou a apropriação da imagem da molécula de DNA pelas mídias (inclusive publicidade). "A imagem do DNA, por exemplo, foi acrescida de diversos sentidos, que não o sentido original para a ciência, e transformado em discurso de venda de diversos produtos", diz.

Onde estão os dados comprovando as afirmações científicas, no entanto? De acordo com Eduardo Corrêa, do Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária (Conar), os anúncios, antes de serem veiculados com qualquer informação de cunho científico, devem trazer os registros de comprovação das pesquisas em órgãos competentes. Segundo ele, o Conar não tem o papel de avaliar metodologias ou resultados, o que fica a cargo do Ministério da Saúde, Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) ou outros órgãos. "O consumidor pode pedir uma revisão ou confirmação científica dos dados apresentados, contudo em 99% dos casos esses certificados são garantia de qualidade. Se surgirem dúvidas, quanto a dados numéricos de pesquisas de opinião pública, temos analistas no Conar que podem dar seus pareceres", esclarece Corrêa. Mesmo assim, de acordo com ele, os processos investigatórios são raríssimos.

RODRIGO, Enio. "Ciência e cultura na publicidade".

Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252009000100006&script=sci_arttext. Acesso em: 22 abr. 2015.

Texto 3

Solução

Eu quero uma solução
homogênea, preparada,
coisa certa, controlada
para ter tudo na mão.
Solução para questão
que não ousou resolver.
Diluída num balão
elixir pra me entreter.
Faço centrifugação
para ter ar uniforme

PAIVA, João. *Quase poesia, quase química*. Disponível em: www.spq.pt/files/docs/boletim/poesia/quase-poesia-quase-quimica-jpaiva2012.pdf. Acesso em: 22 abr. 2015.

uso varinha conforme,
seja mágica ou não.
Busco uma solução
tudo lindo, direitinho
eu quero ter tudo certinho
ter o mundo nesta mão.
Procuo mistura,
então aqueço tudo em cadinho.
E vejo não ter solução
mas apenas um caminho...

Texto 4

Psicologia de um vencido

Eu, filho do carbono e do amoníaco,
Monstro de escuridão e rutilância,
Sofro, desde a epigênese da infância,
A influência má dos signos do zodíaco.
Profundissimamente hipocondríaco,
Este ambiente me causa repugnância...
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia
Que se escapa da boca de um cardíaco.
Já o verme — este operário das ruínas —
Que o sangue podre das carnificinas
Come, e à vida em geral declara guerra,
Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
E há de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra!

ANJOS, A. *Eu e Outras Poesias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.



Blog Olhar Consciente. Disponível em: <https://jogadacerta.wordpress.com/tag/lixo/>. Acesso em: 19 maio 2015.

Saiba mais

Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos, falecido em 1914, foi um poeta brasileiro, reconhecido ora como simbolista, ora como parnasiano. Identificado como um dos poetas mais críticos do seu tempo, até hoje sua obra é admirada tanto por especialistas quanto por leigos. Suas críticas eram centralizadas no egocentrismo emergente na sociedade de sua época.



Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, São Paulo

Levando em consideração os textos dessa prova e a imagem apresentada, reflita sobre as repercussões de nossas escolhas diante do mundo, sejam elas as consideradas pequenas escolhas, como aquilo que consumimos no cotidiano, sejam elas as consideradas de maior impacto diante da vida, por envolver diretamente outras pessoas. Após refletir, elabore seu texto dissertativo-argumentativo no caderno, atentando para as seguintes considerações:

1. privilegie a norma culta da língua portuguesa. Eventuais equívocos morfosintáticos que configurem desvios da norma culta vigente relacionados à regência, concordância, coesão e coerência, ortografia e acentuação serão penalizados;
2. a escrita definitiva de seu texto deve ser feita a caneta. Textos escritos a lápis não serão considerados para fins de correção;
3. seu texto deverá ter entre 25 e 30 linhas.

Texto complementar

Meu texto não sai do 6,5, o que eu faço?

Um texto 6,5, na maioria das vezes, é um texto com a estrutura já “arrumadinha”, mas cujo conteúdo deixa a desejar. Para construir um texto de forma mais madura e mais segura, é importante reconhecer nosso lugar de fala, sair dos chavões, ou seja, reconhecer quem somos ao analisar qualquer objeto cultural ou conceito. Essa análise, quanto mais desprovida de moralizações, mais tende a ajudar no entendimento do nosso papel na dinâmica social.

Quem sou eu? Por que tipo de discriminações eu passo? Que tipo de opressão eu ajudo a construir? Como me comporto socialmente? De que maneira esse tema toca minha vida?

O exercício não é fácil, afinal não parece ser comum vermo-nos como parte daquilo que fomos acostumados a chamar de problemas. Os problemas, disseram, são os outros.

Dado isso, vamos à próxima pergunta: por onde começo uma análise social? A resposta é bastante simples: por onde você quiser. Tudo o que está acontecendo ao nosso redor é passível de análise. Nós somos passíveis de análise. Qualquer fato, livro, música, filme, propaganda, imagem ou pensamento podem ser desencadeadores, tendo em vista que são produções dentro da cultura. Ainda que a erudição e a leitura de grandes obras sejam elementos interessantes para quem pretende escrever qualquer coisa, não acredito que só de erudição se faz um bom texto. A erudição é sim um caminho (leiam!), mas não é o único e nem é o mais fácil.

Sendo assim, escolhi para exemplificar tudo isso uma música da qual eu gosto bastante. Vale ressaltar que eu não pretendo fazer uma leitura final ou uma interpretação única e estática da letra, mas pretendo divagar sobre como essa letra impacta na minha própria dinâmica social e mostrar mais ou menos como se dá o exercício de olhar em volta. A música, para que possam acompanhar, chama-se “Gueto”, de Emicida com participação de MC Guimê.

A primeira observação é que essa música não fala comigo, mas nada impede que ela me diga coisas também. Sou uma mulher branca, de classe média, do interior de SP. Nunca vivi em periferia e, portanto, não parece que eu vá conseguir construir um texto sobre a periferia de forma verossímil se eu tomar os pensamentos e os sentimentos de outros como meus.

Acharia difícil, por exemplo, dizer que “as pessoas da periferia sonham em ser como as de classe alta” porque eu trabalharia com sonhos e, sabemos, sonhos não são concretos; como avaliar os sonhos de outros? Podemos observar apenas os efeitos concretos que sonhos têm.

Emicida é *rapper*, negro, de origem pobre. O nome artístico nasce das rinhas de MCs, das quais ele se saía campeão frequentemente. Em um vídeo para a campanha de um candidato à prefeitura de São Paulo, Emicida apresentou um pensamento urbanístico complexo, fruto de suas vivências e de seus conhecimentos cotidianos, uma forma inteligente se de portar frente às perguntas e aos fenômenos. MC Guimê é funkeiro, representante do *funk* ostentação. Filho de eletricitista, cresceu também em periferia, assistindo aos cliques de *rappers* americanos e compôs suas primeiras letras baseadas na ostentação apresentada no que via. Essas informações foram coletadas em programas de televisão a que eu assisti em tardes ociosas e em domingos tediosos ou na internet, em vídeos que me foram recomendados.

Ou seja, essa análise toda parte das minhas referências, da minha forma de existir no mundo. Caso as suas referências sejam outras, utilize-as, conheça suas particularidades, não se envergonhe delas. O que Harry Potter tem a dizer? Que tipo de metáforas constrói? E a Turma da Mônica? E a novela das 8? E Game of Thrones?

Voltando à música, ela começa com uma reafirmação identitária: “nóis sempre vai ser gueto”, o que evidencia a relação do sujeito com o meio. Esse sujeito não parece querer ser outra pessoa senão ele mesmo. Mais para a frente: “Se arruma, sorri e acostuma/Ganha grana só pra mostrar/que grana não é p. nenhuma” é um dos meus trechos preferidos. O que eu leio é que esse cara da periferia passa a se vestir e a se comportar como alguém que tem mais dinheiro e se acostuma com isso. A exigência da exclusividade, da força individual e do sucesso parecem não ser dependentes de classes sociais. Esse cara ganha dinheiro e, ganhando esse dinheiro, relembra que a diferenciação entre as pessoas não se dá por isso. O dinheiro, nesse contexto, não é nada. Buscam-se o *status*, o respeito, o poder. Segundo Emicida, “É pela arte, não pelos prêmios”.

O trecho “Nóis quer carrão e mansão, né? Por que não?/Tá bem patrão de avião, né? Por que não?/Quer opção, quer salmão, né? Por que não?” traz alguns objetos de desejo e, com eles, a pergunta: por que não?

Por que pessoas que não têm esses “luxos” não poderiam desejá-los também sem que isso necessariamente significasse uma perda de identidade? Por que alguns setores sociais esperam das classes baixas outros desejos e outros comportamentos? Quando se fala sobre educação, por exemplo, que tipo de estímulos o indivíduo, hoje, de qualquer classe social, recebe para que se identifique com a escola? Não seriam os meus desejos para as classes mais baixas desejos permeados por moralizações, ou seja, por um “dever ser”?

Quando eu cruzo essas informações com todos os estímulos que eu recebo cotidianamente, percebo que as exigências sociais que aparecem para mim aparecem também para outros indivíduos de outras classes sociais. Os mecanismos, porém, que eu tenho para lidar com a cobrança são diferentes e, muitas vezes, me foram mais acessíveis. É desse ponto de vista que eu poderia escrever um bom texto, nunca de outro. É dando-me conta de que pertencemos a uma classe social que divulga ideologias que posso avaliar como essa minha ideologia aparece para outro. Emicida e Guimê querem o salmão, o avião, o carrão. Mas querem também ser sempre gueto sem que isso lhes traga algum demérito.

O recorte, então, para a redação, depende do tema. Identidade, diferença entre classes sociais, camarotização da sociedade (como pediu a Fuvest em 2015), racismo. O importante é ler a música como um instrumento para averiguação. Diariamente podemos, então, com nossas observações mais simples, construir um caminho para uma análise social mais firme. Vale lembrar que a sociedade é uma só e que a maior parte dos temas de redação dos vestibulares vai voltar o olhar sobre ela. Analisada algumas vezes por alguns olhares, será muito difícil que algum tema de redação venha a surpreender ou traga algo sobre o que nunca pensamos antes. Redação, por fim, é hábito.

Autoria de GAC.

Quer saber mais?



Livro

Eu, de Augusto do Anjos. Rio de Janeiro: Hedra, 2012.

Essa obra é o único livro de poesia desse autor. No entanto, só conquistou grande vendagem após a morte do poeta.



Documentário

Lixo extraordinário. Direção: Lucy Walker. 2010.

Filmado no maior aterro sanitário da América Latina, é o registro do trabalho do artista plástico Vik Muniz. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=61eudaWpWb8. Acesso em: 30 jun. 2022.

Resumindo

Refinos de linguagem

Devemos dar atenção à **coesão**, que é o conjunto de elementos responsáveis pela “amarração” das partes do texto.

Coesão referencial

A **coesão referencial** é aquela a que estão subordinados os termos **catafóricos** e **anafóricos**.

Catafóricos são os responsáveis pela antecipação de algo no texto.

Anafóricos são os responsáveis pela retomada de algo no texto.

IMPORTANTE

Pronomes relativos

São usados no lugar de determinado termo para retomá-lo. Ao utilizá-los, é importante atentar para as relações que o termo substituído estabelece com o restante do período.

Pronomes demonstrativos

Podem ser utilizados para auxiliar a manutenção do encadeamento de ideias no texto, além de evitar possíveis ambiguidades de sentido e sintaxe.

Escolha vocabular

É necessário ter cuidado em relação ao significado das palavras ou expressões ao “brincar” com seus sinônimos em uma dissertação. A depender do contexto, há escolhas que se tornam inadequadas ou insuficientes tendo em consideração a ideia que se quer passar.



FRENTE ÚNICA

CAPÍTULO

25

Construindo a dissertação

A folha ainda em branco pode ser vista como um convite ou até mesmo um desafio a expressar suas impressões ou compartilhar sua visão de mundo. Ao preenchê-la, é importante transmitir suas ideias, imprimindo seus traços pessoais, para participar das questões que nos cercam a fim de que haja troca e crescimento constante.

Pensando juntos



Revpixel/Stockphoto.com

Neste capítulo, trabalharemos em conjunto a fim de produzir uma dissertação. Para tanto, mapearemos um processo criativo completo, passando pela leitura da proposta, pelo estudo dos textos da coletânea, pela elaboração da tese, do planejamento e da conclusão, até que, finalmente, consigamos esboçar o texto inteiro e redigi-lo.

O intuito é construir esse percurso prático aplicando, de certa maneira, diversas estratégias já estudadas até aqui. Então, analisemos a proposta de redação.

Fuvest-SP

Texto 1

Um mundo por imagens



Fonte: www.imotion.com.br/imagens/data/media/83/4582janela.jpg. Acesso em: 15 out. 2009. (Adapt.).

Texto 2

A imaginação simbólica é sempre um fator de equilíbrio. O símbolo é concebido como uma síntese equilibradora, por meio da qual a alma dos indivíduos oferece soluções apaziguadoras aos problemas.

DURAND, Gilbert.

Texto 3

Ao invés de nos relacionarmos diretamente com a realidade, dependemos cada vez mais de uma vasta gama de informações, que nos alcançam com mais poder, facilidade e rapidez. É como se ficássemos suspensos entre a realidade da vida diária e sua representação.

PELLEGRINI, Tânia. (Adapt.).

Proposta

Na civilização em que se vive hoje, constroem-se imagens, as mais diversas, sobre os mais variados aspectos; constroem-se imagens, por exemplo, sobre **pessoas, fatos, livros, instituições e situações**.

No cotidiano, é comum substituir-se o real imediato por essas imagens.

Dentre as possibilidades de construção de imagens enumeradas anteriormente, em negrito, escolha **apenas uma**, como tema de seu texto, e redija uma dissertação em prosa, lançando mão de argumentos e informações que deem consistência a seu ponto de vista.

Começando a leitura da proposta

Essa proposta da Fuvest explora as imagens que criamos para interpretar o mundo. Nota-se que as primeiras frases das instruções já trazem uma reflexão importante: a de que idealizamos iconografias sobre pessoas, fatos, livros, instituições e situações e usamos essas representações para substituir a realidade.

Temos o ponto de partida para começar a pensar o texto a partir da divisão dessa reflexão em duas partes: a primeira relativa à criação das imagens, e a segunda relacionada à substituição do real por essas imagens e aos efeitos decorrentes dessa substituição.



PESSOAS

O que significa dizer que criamos imagens a respeito de pessoas? Quando acompanhamos um filme, uma série ou uma história qualquer, é comum construirmos uma ideia sobre um personagem, a qual, no decorrer da trama, pode mudar. No momento em que isso acontece, damos conta de que não estávamos lidando com a realidade, mas com uma imagem preconcebida dela.

Esse fenômeno não é algo que acontece apenas na ficção, pois estamos rodeados de pessoas e fazemos diferentes imagens delas o tempo todo, surpreendendo-nos ou decepcionando-nos a depender da adequação dessas imagens, que não necessariamente correspondem à realidade. No entanto, são elas que interferem na forma como lidamos com esses indivíduos.

Dessa forma, os preconceitos e as intolerâncias também parecem ter a ver com esse fenômeno, já que, de alguma maneira, ao criarmos uma imagem preconceituosa sobre uma pessoa, seja por sua cor de pele, orientação sexual ou crença religiosa, por exemplo, permitimos que essa imagem se sobreponha à própria realidade sem que tenhamos a chance de conhecê-la de fato, o que tende a inviabilizar o desenvolvimento da empatia em relação ao outro.

Por fim, seria interessante refletirmos sobre o seguinte:

- Se temos opiniões preconcebidas sobre os outros, sem antes conhecê-los, será possível que tenhamos ideias preconcebidas a respeito de nós mesmos?
- Será possível nos decepcionarmos e nos surpreendermos com nossas próprias atitudes?



FATOS

Você já reparou que, quando lemos uma mesma notícia em sites que se posicionam politicamente de maneira distinta, o que é noticiado muda bastante? É possível que o que esteja variando sejam as imagens construídas em cada um dos discursos jornalísticos. Isso posto, poderíamos pensar sobre a nossa percepção dessa realidade a partir das notícias e da história, por exemplo.

Se lemos a respeito do processo que envolveu o *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff, em 2016, em um jornal favorável a seu governo, tendemos a encontrar a expressão “golpe” como referência ao fato. Por outro lado, em um veículo de informação que se posiciona politicamente contra aquele governo, é possível haver o uso da expressão “processo democrático de destituição presidencial”. O que realmente ocorreu parece variar de acordo com as distintas interpretações.

A mesma reflexão pode ser aplicada para compreendermos o que houve na política brasileira em 1964: golpe ou revolução? A forma de contar um fato parece revelar muito mais sobre quem o conta, e não sobre o fato em si.



LIVROS

Assim como nos exemplos anteriores, sabemos que podemos criar imagens diversas ao lermos um livro mais de uma vez. Por exemplo, analisar o livro *Dom Casmurro* em determinado período da vida pode não produzir as mesmas interpretações que poderiam ser percebidas ao lermos a mesma obra tempos depois. Nesse caso, o que mudou, senão o próprio sujeito observador?

É possível refletirmos também sobre as leituras enviesadas que são feitas de alguns livros. Por vezes, pessoas atribuem ações violentas a orientações religiosas, sugerindo que tenham ocorrido por certa interpretação equivocada de escrituras sagradas, o que culmina em intolerância e preconceito, já que, de modo geral, o conteúdo de tais obras se relaciona com ideais solidários e altruístas que refutam a visão negativa sustentada anteriormente.



INSTITUIÇÕES

Segundo a versão *on-line* do *Dicionário Houaiss*, instituição é: *cada um dos costumes ou estruturas sociais, estabelecidas por lei ou consuetudinariamente, que vigoram num determinado Estado ou povo.*

Assim, podemos pensar que as imagens que construímos a respeito dessas instituições podem mudar dependendo da cultura e do momento histórico vivido.

O que é família, por exemplo? Sua constituição no ano 1500 se parece com as diversas versões de família que existem em 2022? O casamento, outra instituição, também é compreendido de maneiras diferentes nas diversas culturas. Outros elementos podem mudar conforme a sociedade se modifica, como a Justiça: pouco mais de um século atrás, a escravidão – inconcebível atualmente – tinha *status* de legitimidade na sociedade brasileira.

consuetudinariamente: habitualmente; comumente.



SITUAÇÕES

Por fim, imaginemos que um amigo e um conhecido seu briguem e, posteriormente, contem o ocorrido para você. Seria possível que a situação fosse narrada de maneiras distintas?

Outro exemplo seria um encontro romântico: a imagem construída na primeira vez em que o casal esteve junto pode mudar com o passar do tempo e a convivência.

A ideia que temos de situações que vivenciamos também podem diferir da interpretação de alguém que as analisa de fora, criando versões sobrepostas à realidade imediata.

Mas como criamos essas imagens?

Pelos exemplos apresentados, percebemos que alguns fatores parecem interferir na forma como nos relacionamos com a realidade e com o mundo que nos cerca: história de vida, afetos, cultura, visão política, condição econômica, cor de pele, gênero, entre outros.

Mais ainda: nosso próprio corpo pode condicionar a experiência que teremos. Um daltônico, por exemplo, tem uma percepção distinta da de uma pessoa não daltônica, o que não significa que esta veja melhor a própria realidade. Podemos pensar nas infinitas ondas eletromagnéticas que passam bem diante de nossos olhos sem que possamos enxergá-las. Dessa maneira, a forma como captamos e entendemos a realidade se apresenta muito mais como um reflexo de nós mesmos, com todas as condições nas quais nos enquadrados, do que, de fato, de tudo o que haveria para ser compreendido.

É comum percebermos a realidade sempre como imagens?

Substituímos, frequentemente, a realidade imediata pelas imagens que criamos, mas não nos damos conta disso.

Quando pensamos nas mais diversas discriminações, por exemplo, o que parece ficar claro é que o preconceito é uma imagem inventada a respeito de um estereótipo ou de algo e, em grande parte das vezes, ele se mantém independentemente de não ser condizente com qualquer indivíduo ou com o objeto de observação. Por que isso ocorre?

Em um primeiro momento, talvez valha a pena refletir sobre como nos relacionamos com as imagens idealizadas por nós. Se a minha visão é a única com que tenho contato, não é estranho que, para mim, ela represente a verdade absoluta. Assim, se toda a informação a que eu tenho acesso é originada de um único veículo midiático, como eu poderia ter embasamento para questioná-la? A ausência de diversidade tende a fazer com que nossas crenças sejam percebidas por nós mesmos como inquestionáveis.

Diante disso, pensemos na força que uma imagem ou outra tem para ser difundida. Em uma sociedade em que o poder econômico impera, não é estranho que a imagem de “felicidade” seja cada vez mais associada a bens de consumo. Há uma assimetria de poder fazendo com que uma compreensão sobre o tema seja mais divulgada do que outras.

Na mesma linha, as imagens construídas pelos grandes veículos de comunicação tendem a ter um poder de circulação muito maior do que aquelas produzidas por mídias alternativas, ou seja, quanto mais gritante essa assimetria, maior a tendência de que a realidade seja confundida com a vontade de quem detém esse poder.

! Atenção

Tente não reduzir todos os seus argumentos a ideias relacionadas ao “poder econômico”. Se lembrarmos do exemplo citado no tópico “Situações”, sobre as imagens que criamos acerca de uma briga entre um amigo e um conhecido, o que prevalece não é uma relação de poder econômico, mas uma espécie de poder afetivo.

Por outro lado, ainda que levemos a sério a ideia de que nos relacionamos com imagens, e não exatamente com a realidade, é preciso refletir sobre por que ainda temos tanta dificuldade para ser mais flexíveis e tolerantes em relação à diversidade.

Para quem acredita que suas imagens criadas são a única forma de realidade, assumir que existem outras possibilidades pode representar ter de abandonar o solo firme da “verdade” sobre o qual caminhava. Talvez não seja outro o motivo dos extremismos, pois aquele que é extremista só consegue fixar suas ideias em suas próprias verdades, eliminando tudo aquilo que aponta para o que é diferente, para uma realidade mais plural e complexa.

A coletânea

O primeiro texto dessa curta coletânea oferecida pela Fuvest é uma figura em que se vê uma janela aberta e, no parapeito, um pequeno globo terrestre. O que isso significa?

Na figura, o que representa o mundo é menor do que o espaço, do que o lado de fora da janela. Talvez possamos interpretar isso a partir da ideia de que o mundo que conhecemos, aquele construído por nossas imagens, é ínfimo perto de toda a realidade que há para ser conhecida.

Outro dado da figura aponta para essa leitura: mesmo quando olhamos para o lado de fora, também não conseguimos enxergar tudo, pois há o próprio recorte da largura e da altura dessa janela interferindo naquilo que conseguimos vislumbrar. Mais uma vez, parece que caminhamos para uma interpretação que opõe, de um lado, aquilo que vemos condicionados pelas circunstâncias dessa observação – as imagens que criamos – e, de outro lado, aquilo que efetivamente existe.

Há, ainda, uma terceira interpretação: e se o globo for, na verdade, apenas uma bolinha de vidro? Quando olhamos algo através de uma bola de vidro, continuamos a enxergar o que há do outro lado, mas de maneira alterada. Assim, se o mundo aparece como efeito dessa mudança, poderíamos pensar que o conhecido por nós é, de alguma forma, uma distorção da realidade, causada sempre pelas imagens que observamos e que, ao mesmo tempo, tornam essa realidade familiar.

A partir daí, podemos entrar no segundo texto da coletânea. No excerto de Gilbert Durand, ele afirma que o símbolo é uma “síntese apaziguadora” que fornece equilíbrio. Caso não olhássemos a realidade por meio dos símbolos e das imagens, sem a familiaridade que essas retratações nos fornecem todos os dias, ao acordarmos, teríamos de aprender a lidar de novo com tudo, como em uma constante novidade.

Quando começamos a qualificar o que nos cerca e a criar certas regras de funcionamento para essas categorias, sentimo-nos mais seguros para viver esse mundo. Por exemplo, por mais que a minha mãe ou o meu pai mudem o corte de cabelo, as roupas que estão vestindo ou o perfume que estão usando, eu ainda consigo percebê-los com as mesmas realidades do dia anterior.

Saiba mais

Gilbert Durand foi um importante filósofo, sociólogo e antropólogo francês que se dedicou a estudar e a compreender o funcionamento do imaginário.

Já na leitura do terceiro texto da coletânea, essas imagens sobrepõem-se à percepção de que elas não são a própria realidade, mas uma forma de compreendê-la.

Nesse sentido, a velocidade enorme com que essas imagens são criadas podem nos levar, de fato, a uma suspensão, isto é, estando presos à imagem que construímos a respeito do que nos cerca, não admitimos mais que o que está ao nosso redor seja diferente de nossas próprias categorizações.

Começando a planejar

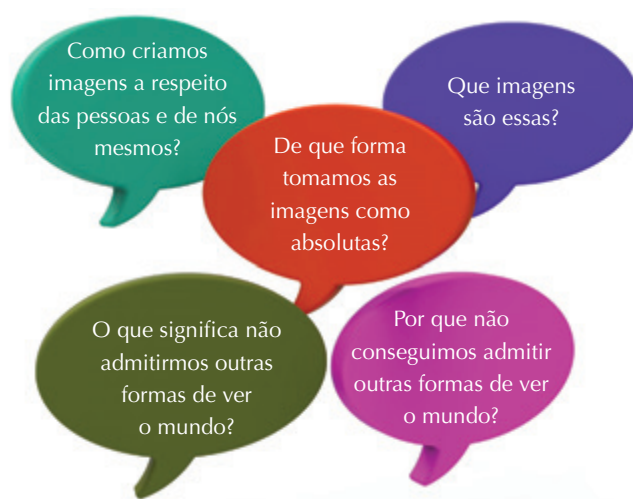


Após essa primeira reflexão e análise da proposta e dos textos da coletânea, podemos começar a planejar o nosso texto. O primeiro ponto será identificarmos as imagens a respeito das quais escreveremos: pessoas, fatos, livros, instituições ou situações.

Neste capítulo, trabalharemos com a primeira sugestão da prova, ou seja, organizaremos uma dissertação a respeito das imagens que criamos acerca das pessoas. Para tanto, tomando como base aquilo que já pensamos anteriormente, propomos a seguinte tese:

Criamos imagens a respeito das pessoas, inclusive de nós mesmos, e, quando tomamos essas imagens como absolutas, já não admitimos qualquer outra forma de existência.

Se apresentássemos uma tese como essa, o que deveria ser desenvolvido? Depois de lê-la, provavelmente nosso leitor estaria realizando os questionamentos indicados a seguir.



Levando essas questões em consideração, poderíamos, então, propor a seguinte divisão de nossa tese:

Criamos imagens a respeito das pessoas, inclusive de nós mesmos, e, quando tomamos essas imagens como absolutas^{D1}, já não admitimos qualquer outra forma de ver o mundo^{D2}.

Definidas, portanto, a tese e a divisão do que está previsto para os parágrafos de desenvolvimento, podemos identificar a contextualização, os conteúdos pertinentes a cada etapa do desenvolvimento e a conclusão.

Contextualização

Uma estratégia simples talvez seja começar por uma definição de imagem. Para tanto, recorrer ao trecho de Gilbert Durand, da coletânea, pode funcionar, pois, para ele, a imagem funciona como uma síntese equilibradora que nos permite lidar de forma apaziguada com os problemas.

Conteúdos pertinentes a cada etapa

D1

- Indicar que a relação que temos uns com os outros não se dá de maneira direta, mas sim mediada por nossa cultura, nossos afetos, nossa visão política, nossa classe social etc.
- Apontar para o fato de que também inventamos uma imagem sobre nós mesmos, isto é, aprendemos a nos ver a partir de uma identidade construída.
- Mostrar para o leitor que, com o tempo, acabamos nos acostumando com essas imagens, a ponto de não as questionarmos mais.
- Explicar que esse costume pode vir da correria cotidiana, da falta de oportunidade de encontrarmos pessoas diferentes ou então vermos certas pessoas sempre de determinada maneira.
- Exemplificar: para o racista, o negro não é um igual; para o homofóbico, a homossexualidade só pode ser um desvio; e, para o próprio “eu”, aquilo que pensa sobre si mesmo muitas vezes sobrepõe-se a tudo o que poderia ser.

! Atenção

Quando definimos o conteúdo do parágrafo, podemos determinar também o seu tópico frasal. Para esse D1, que tal algo como “Quando nossos olhos se acostumam a ver alguém de determinada forma, é difícil enxergarem fora da forma”?

D2

- Retomar a ideia do parágrafo anterior, defendendo que, para quem toma uma imagem como absoluta, a realidade, variável como ela só, passa a ser uma ameaça.
- Apontar que, se alguém não é exatamente como a imagem construída dele indica, em última análise, todas as certezas sobre as quais se assentava a relação com esse indivíduo precisam ser revistas ou abandonadas, o que não é sempre confortável.
- Revelar que a limitação à imagem é quase uma autodefesa; afinal, como viver em um contexto em que o equilíbrio está sob ameaça a toda oportunidade que damos para que os outros sejam aquilo que são?

! Atenção

Mais um tópico frasal: “Fechar os olhos ao que foge à imagem passa a ser vital para quem a prefere à realidade”. No entanto, no D2, mais um detalhe aparece: como sabemos que ele trará uma consequência do que foi apresentado no D1, podemos já pensar nos elementos de coesão desse tópico. Pode ser algo como: “Em decorrência desse cenário, fechar os olhos ao que foge à imagem passa a ser vital para quem a prefere à realidade”.

Conclusão

Para Gilbert Durand, a imagem fornece uma solução apaziguadora aos problemas, mas, para muitos, o que é visto como problema é a própria realidade. Enquanto, para manter a própria paz, fizemos prevalecer sobre o outro e sobre nós mesmos a imagem fixa e imutável, é o potencial de nossa existência que parece, enfim, descansar em paz.

Agora, vamos ao texto pronto.

Qual é o problema?

O pensador francês Gilbert Durand afirmava que a imaginação simbólica é um fator de equilíbrio, pois, por meio dos símbolos, fornece “soluções apaziguadoras aos problemas”. Diante de uma realidade ameaçadora, então, criaríamos sentidos mais ou menos arbitrários para lidar de uma forma mais segura com ela, e com as pessoas com quem convivemos não é diferente. Assim, criamos imagens a respeito dessas pessoas, inclusive de nós mesmos, e, quando as tomamos como absolutas, já não admitimos qualquer outra forma de existência.

Quando nossos olhos se acostumam a ver alguém de uma determinada forma, é difícil verem para fora da forma. Lidamos com as pessoas de uma maneira mediada: entre o “eu” e o “outro” toda uma sorte de convenções é estabelecida. Nossa cultura, nossa história de vida, nossos afetos, nossas ideologias – tudo, de algum modo, que nos caracteriza interfere naquilo que vemos dos outros e de nós mesmos. Na correria do dia a dia, no pouco espaço para o convívio com gente diferente ou gente que vemos todos os dias, mas em situações não habituais, porém, as imagens criadas a respeito delas e de nós mesmos vão se fixando, vão sendo tomadas como absolutas. Para o racista, nesse sentido, a pele negra inferiorizada não é mais uma forma dentre várias de interpretar a alta melanina, é a própria realidade sobre tal pele; para o homofóbico, viver a

sexualidade para além da heteronormatividade não é uma outra forma de viver, é um erro; para o “eu”, por fim, acostumado que está à identidade criada sobre si, não existe outra forma de ser.

Em decorrência desse cenário, fechar os olhos ao que foge à imagem passa a ser vital para quem a prefere à realidade. Alguém não ser exatamente como a imagem construída para si indica, em última análise, que todas as certezas sobre as quais se assentava a relação com esse indivíduo precisam ser revistas, abandonadas, o que não é sempre confortável. Limitar a identidade pessoal à imagem, portanto, é quase que uma autodefesa empreendida por aqueles a quem a existência potente e diferente deve ser calada em nome de uma identidade fixa e imóvel. Morta na mesmice, em última análise.

Para Gilbert Durand, a imagem fornecia uma solução apaziguadora aos problemas, mas, para muitos, o que é visto como problema é a própria realidade. Enquanto, então, para manter a própria paz, fizermos prevalecer sobre o outro e sobre nós mesmos a imagem fixa e imutável, é a potência de nossa existência que parece, enfim, descansar em paz.

Autoria de LACC

O texto “Qual é o problema?” materializa toda a discussão analisada ao longo das páginas deste capítulo. Sem recorrer a nada de muito diferente do que conseguimos desdobrar a partir da proposta e dos textos que a integravam e com um planejamento cuidadoso, pudemos chegar a esse resultado. Mas, nos demais capítulos estudados, vimos algumas outras estratégias para refinar e sofisticar os textos. Que tal, então, tomando como base o que acabamos de ler, buscarmos uma versão mais autoral?

Sobre bruxas e espelhos

Malévola, o novo filme da Disney, de Robert Stromberg, apresenta o clássico “A Bela Adormecida” sob um novo olhar, a partir do qual a antiga vilã é enfatizada. Mais do que um outro ponto de vista sobre o mesmo sujeito, tem-se uma realidade nova, na qual os personagens exibidos são inteiramente outros ao espectador conhecedor dos anteriores. Seus perfis não são mais únicos e tampouco o é a realidade. O que é dado como fantasia, entretanto, nem sempre reverbera na realidade: criamos imagens acerca das pessoas, inclusive de nós mesmos, e, quando as tomamos como absolutas, não mais admitimos quaisquer outras formas de existência, lançando à fogueira tudo aquilo que as contraria.

Enfeitiçados pelo costume, é só a nós mesmos que nossos olhos conseguem ver ao se depararem com alguém. Nossa cultura, nossa história de vida, nossos afetos, nossas ideologias – tudo, de alguma maneira, que nos caracteriza interfere naquilo que vemos dos outros

e de nós mesmos –, a resposta do “espelho, espelho meu”, no limite, só é aceita caso revele aquele mesmo que pergunta. Na correria do dia a dia, no pouco espaço para o convívio com gente diferente ou gente que vemos todos os dias, mas em situações não habituais, porém, as imagens criadas a respeito delas e de nós mesmos vão se fixando como absolutas. Para o racista, nesse sentido, a pele negra inferiorizada não é mais uma forma dentre várias de interpretar a alta melanina, é a própria realidade sobre tal pele; para o homofóbico, viver a sexualidade para além da heteronormatividade não é uma outra forma de viver, é um erro; para o “eu”, por fim, acostumado que está à identidade criada sobre si, não existe outra forma de ser. A alteridade espelha aquele que a olha e, ao fazê-lo, deixa de ser outra.

À diferença, à alteridade, em tal cenário, cabe apenas a fogueira. Alguém não ser exatamente como a imagem construída para si indica, em última análise, que todas as certezas sobre as quais se assentava a relação com esse indivíduo precisam ser revistas ou abandonadas, o que não é sempre confortável. Limitar a identidade pessoal à imagem, portanto, é quase que uma autodefesa empreendida por aqueles a quem a existência potente e diferente deve ser calada em nome de uma identidade fixa e imóvel. Nas fogueiras desses zeladores do que é sempre o mesmo, toda forma de ser diferente é heresia, é bruxaria inaceitável.

Ao final do filme, descobrimos que é Aurora, a Bela Adormecida, a narradora. Sem conhecer “quem é quem”, de acordo com a tradição, ela pode conhecer Malévola sem que a imagem de bruxa se sobrepusesse a tudo o que a personagem poderia ser. Na vida real, porém, nem sempre estamos abertos a isso, e, limitados a uma única versão de nós mesmos e dos outros, enfim, quebramos tudo o que não é espelho.

Autoria de LACC

Percebe-se que, nessa última redação, ainda que tenhamos mantido o mesmo fundamento da anterior, há um esforço cuidadoso maior em relação à forma de expressar as ideias, pois não é mais apenas o conteúdo que importa. A menção ao filme da Disney, logo na contextualização, abre um campo semântico que será trabalhado ao longo da dissertação – no D1, por exemplo, a escolha de termos como “feitiço” e “espelho, espelho meu” não se dá por acaso e retoma o universo das bruxas da ficção.

Já no D2, a atmosfera mágica busca alusões na História, nos processos de queima de mulheres que eram consideradas feiticeiras malévolas. Por fim, a referência inicial reaparece na conclusão, mas de modo a fechar o texto.

Revisando

- A proposta da Fuvest vista neste capítulo consiste em escolher entre pessoas, fatos, livros, instituições ou situações e a elaboração de uma redação sobre as imagens que construímos a respeito disso. Durante o capítulo, trabalhamos com a primeira sugestão (pessoas). Agora, escolha uma das outras opções para esboçar um planejamento textual, o qual deve conter:
 - a) a contextualização;
 - b) a tese;
 - c) os conteúdos do D1 e do D2 e os tópicos frasais correspondentes;
 - d) a conclusão escrita por inteiro.

Redação proposta

- Com base na proposta de redação da Fuvest discutida neste capítulo, redija uma dissertação que trabalhe com uma das sugestões da coletânea – exceto pessoas (fatos, livros, instituições ou situações). É recomendável que você escreva a partir do planejamento textual já feito na seção “Revisando” depois de discuti-lo com o professor.

Texto complementar

[...] Nenhuma exclamação (“Estou vendo!”) escapou dos lábios de Virgil. Parecia estar fitando o vazio, desorientado, sem foco, com o cirurgião a sua frente, ainda com o curativo na mão. Foi só quando o cirurgião falou – dizendo: “Então?” – que um olhar de reconhecimento atravessou o rosto de Virgil.

Depois ele me disse que, nesse primeiro momento, não fazia a menor ideia do que estava vendo. Havia luz, movimento e cor, tudo misturado, sem sentido, um borrão. E então, do meio da nódoa veio uma voz que dizia: “Então?”. Foi nesse instante, e somente nesse instante, ele disse, que finalmente se deu conta de que aquele caos de luz e sombra era um rosto – e, na realidade, o rosto de seu cirurgião.

SACKS, Oliver. *Um antropólogo em Marte*. Tradução de Bernardo Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

No artigo “Ver e não ver”, publicado no livro *Um antropólogo em Marte*, Oliver Sacks narra o caso de Virgil, que fora praticamente cego desde os primeiros anos de vida. Depois de quase 45 anos sem enxergar, mas, mesmo assim, com uma vida suficientemente plena, trabalhando como massagista e com uma vasta carta de clientes, estabelecendo relações sociais diversas e com total autonomia de ir e vir pela cidade, Virgil decide se submeter à operação – e o instante em que retira os curativos dos olhos é o narrado anteriormente.

Esse momento, entretanto, não condiz com aquilo que se esperava. Para Sacks, reside, no senso comum, a ideia de que seria só voltar a poder ver para que, efetivamente, Virgil visse algo. No entanto, a visão, de acordo com ele, não é independente da experiência do olhar. Em outras palavras, é preciso aprender a ver.

É possível fazer a mesma análise para as imagens que criamos. É necessário conhecê-las para que possamos ver o mundo construído a partir delas. Contudo, não devemos nos esquecer de que há infinitas possibilidades para compor nossas imagens e, quando ignoramos isso, talvez nós é que fiquemos cegos para um mundo mais complexo e diversificado.

Quer saber mais?



Conto

O segredo do Bonzo, de Machado de Assis. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. II.

Nesse conto, discute-se, por meio de uma ficção primorosa e irônica, o processo da sobreposição da imagem à realidade.



Filme

Matrix. Direção: Lilly e Lana Wachowski. 1999. Classificação: 14 anos.

Nesse clássico filme de ficção científica, narra-se a história de Neo, um personagem que descobre que a realidade cotidiana não é tão real assim.

Resumindo

Construindo a dissertação

O primeiro passo é mapear o processo criativo por completo, passando por:

- leitura da proposta;
- estudo dos textos da coletânea;
- elaboração da tese;
- planejamento;
- conclusão.

Planejamento

Depois da primeira reflexão, analise a proposta e os textos da coletânea. O primeiro ponto será identificar sobre quais imagens escreveremos:

- pessoas;
- fatos;
- livros;
- instituições;
- situações.

Alguns fatores parecem interferir na forma como nos relacionamos com a realidade

- história de vida;
- afetos;
- cultura;
- visão política;
- condição econômica;
- cor de pele;
- gênero.

Tudo isso interfere em nossa relação com o mundo que nos cerca.

FRENTE ÚNICA**CAPÍTULO****26**

Grades de correção I: dissertação clássica

No decorrer dos capítulos deste material, temos analisado e produzido textos, mas ainda não sabemos, ao certo, como é a grade de correção de uma dissertação, quais aspectos serão mais valorizados nela e como podemos nos preparar a partir desses critérios. Dessa forma, é muito importante conhecer esses parâmetros para conferirmos nosso rascunho com segurança, como se estivéssemos examinando as partes de um esqueleto.

O que é relevante na correção do texto

Sabemos que qualquer tipo de avaliação gera um certo desconforto. Com uma prova de produção de texto não é diferente. Por isso, é essencial que o corretor de redação tenha em mente, desde o princípio, que é necessário priorizar e apontar aspectos fundamentais em uma dissertação, para não comprometer a evolução e o desenvolvimento do autor em seu processo de escrita e reescrita.

Então, ao se deparar com a tarefa de avaliar uma produção textual de caráter dissertativo, que tem no máximo 30 linhas, alguns pontos ganham mais relevância. Em uma situação de prova, em que apenas se confere nota ao texto, os seguintes elementos básicos precisam ser facilmente reconhecidos:

1. Quando se trata da **dissertação clássica**, o primeiro fator a ser analisado é se ela está dentro do tema. O que discutimos em capítulos anteriores sobre **assunto** e **tema** se aplica aqui.

2. É importante que o texto seja escrito de acordo com o **gênero textual** solicitado na proposta de redação.

3. É necessário desenvolver o tema central, ou seja, a tese. Um texto sem tese tende a não produzir argumentos; assim, observar a presença da tese é fundamental após os dois primeiros pressupostos. Chamamos os tópicos 1 e 2 de pressupostos porque não adequar seu texto ao tema ou ao gênero exigidos leva à anulação de sua dissertação.

4. Quando a tese não é bem desenvolvida, o texto não deixa claro seu ponto de vista, podendo desencadear:

- falta de argumentos;
- parágrafos extremamente expositivos que não requerem defesa ou caminho lógico no texto;
- impossibilidade de escolhas lexicais de qualidade, visto que é difícil selecionar bons termos quando não se tem clareza sobre o que será defendido.

Esses fatores, percebidos já na introdução, influenciam a leitura do desenvolvimento, pois pode ser fatigante dar credibilidade a um texto que falha já no princípio.

Por exemplo, com uma tese presente, mas excessivamente subjetiva, a dissertação fica propensa à afirmação

de inúmeras opiniões cristalizadas de difícil defesa por meios objetivos. Assim, ao produzir redações que pretendem defender que algo é “inerente ao ser humano”, entre outras questões similares, enfrentaremos dificuldades para justificar argumentos, ou seja, a imprecisão da tese pode acarretar a **subjetividade**.

Veja, a seguir, como construir uma tese que permita uma argumentação lógica ainda que o tema não seja tão objetivo.

TESE 1

“defender a democracia é importante”

Com essa construção, o autor toma a ideia da defesa da democracia como uma totalidade.

TESE 2

“para que haja algum desenvolvimento social, defender a democracia é importante”

Essa construção permite que duas ideias a ser relacionadas desencadeiem argumentos.

Na tese 1, o argumento “ser importante” é uma opinião usada para justificar uma ideia coletiva, como se a manutenção da democracia fosse importante para todos, sempre. Já na tese 2, esse mesmo argumento é utilizado, porém estabelecendo um vínculo com “desenvolvimento social”. Dessa forma, é essa relação que deverá ser defendida em forma de argumentação, e não por meio de uma noção subjetiva.

A conclusão, por sua vez, só ganhará destaque se todo o restante do texto estiver **coeso** e **coerente**. Sem isso, ela pode influenciar pouco a avaliação geral.

Os critérios avaliados

Para nossos estudos, teremos como base os critérios divulgados pela Fuvest, uma banca muito respeitada no estado de São Paulo. Não é necessário distingui-la tão fortemente das outras bancas que também pedem dissertações clássicas, afinal, os parâmetros costumam ser sempre os mesmos – o que muda são as subdivisões e o peso que se dá a cada etapa do texto.

Essa grade se subdivide em três grandes blocos:

- A. Desenvolvimento do tema e organização do texto dissertativo-argumentativo;
- B. Coerência dos argumentos e articulação das partes do texto;
- C. Correção gramatical e adequação vocabular.

Cada bloco vale 4, 3 e 3, respectivamente, somando 10.

A. Desenvolvimento do tema e organização do texto dissertativo-argumentativo

Verifica-se se o texto configura-se como uma dissertação argumentativa e se atende ao tema proposto ou sugerido. Pressupõe-se, então, que o candidato demonstre habilidade de compreender a proposta de redação e, quando esta contiver uma coletânea, que ele se revele capaz de ler e de relacionar adequadamente as ideias e informações dos textos que a integram. No que diz respeito ao desenvolvimento do tema, verifica-se, além da pertinência das informações e da efetiva progressão temática, a capacidade crítico-argumentativa que a redação venha a revelar.

A paráfrase de elementos que compõem a proposta de redação não é um recurso recomendável para o desenvolvimento adequado do tema. Não se recomenda, também, que o texto produzido se configure como uma dissertação meramente expositiva, isto é, que se limite a expor dados ou informações relativos ao tema, sem que se explicita um ponto de vista devidamente sustentado por uma argumentação consistente.

Fuvest: Manual do candidato. Disponível em: www.fuvest.br/wp-content/uploads/Manual-Cand-Fuvest2018.pdf. Acesso em: 30 jun. 2022.

- 0,0:** Fuga ao tipo textual ou fuga total ao tema proposto. **Em ambos os casos, a redação será anulada.**
- 0,5:** O texto ainda não pode ser inteiramente reconhecido como uma dissertação argumentativa, já que apenas relata/expõe fatos. A interpretação dos textos motivadores é insuficiente.
- 1,0:** Texto majoritariamente expositivo/descritivo, mas que contém opinião. Há desvio, restrição a particularidades ou ampliação demasiada do tema proposto e/ou há cópia da coletânea.
- 1,5:** É perceptível o tipo textual. O texto traz alguns trechos com potencial argumentativo (que exigem sustentação), mas que não foram desenvolvidos adequadamente. O texto considera o tema proposto ou sugerido, mas ainda carrega trechos significativos que particularizam demais a discussão. Há, como desencadeadora, apenas uma constatação objetiva, mas ainda não se pode caracterizá-la plenamente como tese.
- 2,0:** O texto configura-se como uma dissertação argumentativa, mas ainda apresenta trechos expositivos inadequados, sem utilidade argumentativa ou a argumentação ainda não é suficientemente consistente. O texto atende ao tema proposto ou sugerido; além disso, o aluno compreende a proposta, lê e relaciona os textos motivadores. Há indício de ponto de vista objetivo, mas ele ainda não é formulado de maneira detectável.
- 2,5:** O texto configura-se como uma dissertação argumentativa, e há um empenho para desenvolver as afirmações apresentadas. O texto atende ao tema proposto ou sugerido, e o aluno faz bom uso da coletânea, interpretando-a de forma segura e dialogando com ela sem que precise expô-la na superfície da produção textual. Tese adequadamente construída, mas ainda pouco amadurecida.

- 3,0:** O texto configura-se como uma dissertação argumentativa, e há o desenvolvimento de muitas das afirmações apresentadas. O texto atende ao tema proposto, e, além de demonstrar boa interpretação da coletânea, o aluno traz elementos que a extrapolam, demonstrando também compreender algumas relações entre o tema e seu próprio conhecimento de mundo. Tese bem-construída e amadurecida, com senso crítico.
- 3,5:** O texto configura-se como uma dissertação argumentativa, e há o desenvolvimento de todas as afirmações apresentadas que dependem de explicação. O texto atende ao tema proposto, e o aluno demonstra ter encontrado diversos pontos de semelhança entre o que a coletânea propõe e suas próprias leituras e vivências, afirmando, com isso, a autoria da redação. Tese bem-construída e amadurecida, com uma associação clara, segura e concreta entre a tese proposta e os argumentos.
- 4,0:** O texto configura-se como uma dissertação argumentativa e apresenta trechos expositivos e/ou narrativos subordinados à argumentação que contribuem efetivamente para a construção da ideia. Há domínio do movimento argumentativo. O texto extrapola de maneira madura e segura o tema proposto; além disso, o aluno transcende os elementos da coletânea e consegue analisar as relações entre todos os elementos enfocados na proposta, questionando-os e/ou problematizando-os, ainda que não os traga todos para a superfície da dissertação. O candidato apresenta competência e originalidade em argumentar e interpretar a partir de uma seleção de fatos e opiniões fundamentados em seu conhecimento de mundo. Além disso, é um texto com tese substancial, original e amadurecida, que tem argumentos consistentes, comprováveis e autorais.

B. Coerência dos argumentos e articulação das partes do texto

Avaliam-se, conjuntamente, a coerência dos argumentos e das opiniões e a coesão textual, ou seja, a correta articulação das palavras, frases e parágrafos.

A coerência reflete a capacidade do candidato de relacionar os argumentos e organizá-los de forma a deles extrair conclusões apropriadas e, também, sua habilidade para o planejamento e a construção significativa do texto. Devem-se evitar contradições entre frases ou parágrafos, falta de encaideamento das ideias, circularidade ou quebra da progressão argumentativa, uso de argumentação baseada apenas no senso comum e falta de conclusão ou conclusões que não decorram do que foi previamente exposto.

Quanto à coesão, serão verificados, entre outros, o estabelecimento de relações semânticas entre partes do texto e o uso adequado de conectivos.

Fuvest: Manual do candidato. Disponível em: www.fuvest.br/wp-content/uploads/Manual-Cand-Fuvest2018.pdf. Acesso em: 30 jun. 2022.

- 0,0:** Texto completamente incoerente, sem coesão detectável ou com trechos ofensivos e/ou com caráter indevidamente provocativo. **Em todos os casos, a redação será anulada.**
- 0,5:** Texto com pouca articulação entre palavras, frases e parágrafos. No interior dos parágrafos, os argumentos não se relacionam. Na macroestrutura, ou seja, na percepção do texto como um todo, as conclusões às quais se chega não decorrem do que foi previamente exposto.
- 1,0:** Texto em que se nota a tentativa mais cuidadosa de articulação entre palavras, frases e parágrafos, mas que ainda apresenta falhas nessa articulação. No interior dos parágrafos, ainda que alguns argumentos comecem a se relacionar, não há planejamento, e, por isso, as conclusões são inapropriadas. Na macroestrutura, falta relação entre a conclusão e o que foi previamente exposto. O texto ainda pode apresentar contradições e quebras ou circularidades entre os parágrafos.
- 1,5:** Texto que articula palavras, frases e parágrafos, mas que o faz de maneira mecânica, ou seja, não demonstra propriedade na elaboração linguística de um raciocínio e na escolha de conectivos. Na construção dos parágrafos, há conclusões, mas ainda não são plenamente apropriadas. Os parágrafos de desenvolvimento começam a se encadear entre si ou a conclusão se conecta a apenas um parágrafo de desenvolvimento, sendo este, por sua vez, desconectado dos outros.
- 2,0:** Texto que articula palavras, frases e parágrafos de maneira satisfatória, que demonstra propriedade na escolha de maior parte dos elementos coesivos, mas que ainda apresenta falhas ou inseguranças nessa escolha. Há algumas conclusões apropriadas para os raciocínios expostos no interior dos parágrafos, e os argumentos se relacionam de maneira fluida e plenamente visível. Na percepção do texto como um todo, há planejamento do raciocínio proposto, o que reflete uma boa conexão entre a tese e o restante do texto ainda que possa haver alguma descontinuidade entre os parágrafos.
- 2,5:** Texto que articula bem palavras, frases e parágrafos, que demonstra propriedade e segurança na escolha dos elementos coesivos e que propõe relações semânticas maduras. No interior dos parágrafos, as conclusões são verossímeis e apropriadas, refletindo uma percepção sofisticada das relações com que se trabalha. Ainda que se valha do senso comum em alguns trechos, isso é feito de maneira a reinventá-lo sem criar circularidades. Na macroestrutura, ou seja, na percepção do texto como um todo, há uma argumentação clara e organizada. A conclusão é uma reflexão que se abre nas entrelinhas da argumentação, mas se concretiza apenas no fim do raciocínio, sem prejuízo para a plena compreensão do que se pretende. Além disso, é possível que o texto crie relações ou pontos de semelhança entre elementos diferentes para compor uma analogia que permeie parte da dissertação.

- 3,0:** Texto que articula com excelência palavras, frases e parágrafos, construindo um conjunto de relações por meio da manutenção de um campo semântico e fazendo disso seu principal elemento coesivo. Também faz o uso seguro de conectivos que, como resultado, apresenta conexões maduras. No interior dos parágrafos, as conclusões são verossímeis e apropriadas, refletindo uma percepção sofisticada das relações com que se trabalha. Ainda que se valha do senso comum em alguns trechos, isso é feito de maneira a reinventá-lo sem criar circularidades. Na macroestrutura, ou seja, na percepção do texto como um todo, há uma argumentação clara, organizada e plenamente coerente. A conclusão é uma reflexão que se abre nas entrelinhas da argumentação, mas se concretiza apenas no fim do raciocínio sem prejuízo para a plena compreensão do que se pretende. Além disso, o texto pode criar relações ou pontos de semelhança entre elementos diferentes para compor uma analogia que permeia toda a dissertação.

! Atenção

Algumas bancas limitam notas altas no item B caso a nota no item A seja igual ou inferior a 1,5. Os dois itens da grade estão, portanto, intimamente interligados.

C. Correção gramatical e adequação vocabular

Avaliam-se o domínio da norma-padrão escrita da língua portuguesa e a clareza na expressão das ideias. Serão examinados aspectos gramaticais como ortografia, morfologia, sintaxe e pontuação, e o emprego adequado e expressivo do vocabulário. Espera-se que o candidato revele competência para expor com precisão e concisão os argumentos selecionados para a defesa do ponto de vista adotado, evitando o uso de clichês ou frases feitas. Avalia-se, também, a seleção adequada do vocabulário, tendo em vista as peculiaridades do tipo de texto exigido.

Fuvest: Manual do candidato. Disponível em: www.fuvest.br/wp-content/uploads/Manual-Cand-Fuvest2018.pdf. Acesso em: 30 jun. 2022.

- 0,5:** O texto não apresenta domínio do padrão culto da língua, ou seja, há desvios variados e recorrentes que prejudicam a leitura.
- 1,0:** O texto revela domínio insatisfatório do padrão culto da língua, ou seja, há desvios recorrentes que prejudicam a compreensão de trechos e ideias, mas não do todo textual. Há detectável restrição vocabular, o que se pode verificar pela constante imprecisão de termos e/ou pela repetição de palavras semelhantes.
- 1,5:** O texto revela domínio mediano do padrão culto da língua, uma vez que respeita as estruturas sintáticas, mas apresenta desvios pontuais que prejudicam a compreensão de trechos específicos do texto. Ainda há detectável restrição vocabular, o que se pode verificar pela pontual imprecisão de termos e/ou pela repetição de palavras semelhantes.

- 2,0:** O texto revela domínio do padrão culto da língua, uma vez que respeita as estruturas sintáticas e apresenta desvios gramaticais pontuais que prejudicam pouco a leitura do texto. Ainda que haja problemas de pontuação, acentuação e grafia, por exemplo, não são recorrentes nem graves a ponto de prejudicar o entendimento de partes do texto ou a fluidez da leitura. Há repetição branda de palavras e imprecisão específica de vocabulário. É possível aprimorar a maneira de expor as ideias por meio de uma escolha mais refinada de vocábulos e construções sintáticas. Percebe-se a tentativa de refino vocabular, porém com imprecisão na seleção de termos.
- 2,5:** Texto com bom domínio do padrão culto da língua e raros desvios gramaticais que não interferem na leitura. Há repetição de palavras ou imprecisão vocabular, mas em pouquíssima quantidade. É possível perceber a intenção de refino do vocabulário por meio da variedade e precisão vocabular e/ou no uso de construções sintáticas variadas.
- 3,0:** Texto com domínio pleno, autoral e/ou inventivo dos recursos linguísticos e do padrão culto da língua. Não há desvios gramaticais. A seleção vocabular e as construções sintáticas revelam originalidade. Os recursos linguísticos demonstram propriedade e capacidade em expor bem ideias com poucas palavras.

A aplicação em um texto

Unesp 2017

Tema: A riqueza de poucos beneficia a sociedade inteira?

Alegria de poucos

A livre competição no mercado mostra-se como um pilar essencial para o sistema capitalista. Assim, como consequência, a riqueza e os meios de produção tendem a ser propriedade de uma pequena parcela da sociedade. Dessa forma, em uma cultura marcada pela visão ampla de um lucro cada vez maior, a desigualdade na distribuição de renda **entende-se como necessária**. **E, portanto, o indivíduo tem** propensão a ser explorado para que poucos – realmente – se beneficiem.

Em “entende-se como necessária”, é possível que a autora tenha tentado dizer que “é entendida como necessária pelo senso comum”. Pela forma como a expressão foi colocada, temos a impressão de que a tese poderia ser contrária ao que realmente é. Caso a leitura seja dificultosa neste ponto, é possível que a coerência fique minimamente prejudicada (item B).

Por isso, quando acumular capital torna-se objetivo principal, o investimento em *marketing* amplia-se. Ou seja, os chefes das empresas, por visarem o (ao) aumento de suas riquezas, procuram maneiras de tornar seu produto desejável – mesmo com preços altos. Fazendo uso de propagandas que apresentem para o consumidor que a felicidade provém da aquisição de um objeto ou **de uma** comida, os empresários passam a manipular os cidadãos por meio da compra constante. A propaganda da rede Pão de Açúcar, ao criar o **logo slogan** “Lugar de gente feliz”, evidencia a influência criada para gerar consumo.

Ainda, em conjunto com a ampliação de propagandas, quando a ideia do lucro maior prevalece, o indivíduo tende a ser explorado. Logo, além da influência sobre o aumento das aquisições, os donos de corporações, em grande parte, não concedem todos os direitos trabalhistas aos seus funcionários. A fim de manter a elevação do acúmulo de dinheiro, os chefes ~~tem~~ (têm) propensão a pagar menos pelo trabalho do empregado, aumentar as cargas horárias e, também, não conceder 13^o salário e férias remuneradas. Desse modo, a riqueza de pequena fração das pessoas passa a prejudicar, majoritariamente, o restante da sociedade.

Neste ponto, como se trata de algo que burla a lei em vigência no momento da redação, deve-se tomar cuidado com a possibilidade de comprovação do que se afirma. Tudo que é afirmado deve ser seguido de possibilidades de comprovação no mundo real. Há, então, um problema de argumentação (item A). Além disso, os desvios gramaticais e ortográficos apontados no corpo do texto levam a descontos no item C.

À vista disso, a tendência que o lucro maior possui é aumentar, visto que os meios para tal acontecimento são diversos. Dessa forma, a riqueza que pequena parcela da população possui prejudica o restante da sociedade de diversas maneiras e, também, a manipulação desta torna-se frequente. Assim, a desigualdade de renda e a exploração dos trabalhadores tendem a contribuir para que a manutenção do sistema vigente seja efetiva.

Natália Olim Martins

Notas:

- A: 3,0:** O texto configura-se como uma dissertação argumentativa, e há o desenvolvimento de muitas das afirmações apresentadas. O texto atende ao tema proposto, e, além de demonstrar boa interpretação da coletânea, o aluno traz elementos que a extrapolam, demonstrando também compreender algumas relações entre o tema e seu próprio conhecimento de mundo. Tese bem-construída e amadurecida, com senso crítico.
- B: 2,5:** Texto que articula bem palavras, frases e parágrafos, que demonstra propriedade e segurança na escolha dos elementos coesivos e que propõe relações semânticas maduras. No interior dos parágrafos, as conclusões são verossímeis e apropriadas, refletindo uma percepção sofisticada das relações com que se trabalha. A conclusão é uma reflexão que se abre nas entrelinhas da argumentação, mas se concretiza apenas no fim do raciocínio sem prejuízo para a plena compreensão do que se pretende.
- C: 2,5:** Texto com bom domínio do padrão culto da língua e raros desvios gramaticais que não interferem na leitura. Há repetição de palavras ou imprecisão vocabular, mas em pouquíssima quantidade. É possível perceber a intenção de refino do vocabulário por meio da variedade e precisão vocabular e/ou do uso de construções sintáticas variadas.

Nota da banca oficial: 8,2

Dúvidas frequentes

Mesmo com tudo detalhado, ainda há algumas dúvidas que podem nos pegar de surpresa. Veja os itens indicados na imagem a seguir e a explicação sobre cada um deles.



Sobre utilizar a primeira pessoa, há três possibilidades:

- **Uso da primeira pessoa do singular:** há bancas que aceitam seu uso caso a redação tenha uma argumentação muito boa, mas a maior parte das bancas zera o texto. Dessa forma, é melhor evitar.
- **Uso de primeira pessoa do plural que necessariamente inclui o leitor:** em construções como “vivemos em uma sociedade capitalista”, o leitor necessariamente está incluído, já que nossas noções de “leitor universal” são limitadas a pessoas que vivem na nossa cultura. Portanto, costuma ser admitido pela maior parte das bancas examinadoras, mas vale consultar o manual para ter certeza.
- **Uso de primeira pessoa do plural que não necessariamente inclui o leitor:** quando escrevemos “somos protetores dos animais”, por exemplo, corremos o risco de o leitor pensar: “Nós quem?”. Isso pode afetar um pouco a credibilidade da argumentação, logo seu uso não é recomendado.

O título é um elemento da dissertação clássica. A recomendação é que esteja sempre presente, pois poderá ser descontado algum ponto da nota caso essa exigência esteja explícita na proposta e o candidato não obedeça.

Em relação ao uso da coletânea, vale a seguinte regra: não é permitida sua cópia nem é recomendável parafraseá-la, mas deve-se utilizar suas informações na maior parte das provas.

Já no que diz respeito aos palavrões, às vezes queremos nos valer de um trecho de música que traz alguma palavra considerada inapropriada. Nesse caso, a melhor sugestão é substituir o termo por sua letra inicial seguida de ponto-final (exemplos: “p.”, “b.”, “c.”). Fora do uso literário, é melhor evitar.

Revisando

- Corrija as redações a seguir, observando os critérios adotados neste capítulo. Lembre-se de justificar cada trecho e apontar seus respectivos problemas de acordo com os itens da grade.

Texto 1

Tema: A internet e o excesso de informações

A verdadeira mentira

Desde o começo do processo de globalização e durante seu avanço, a população mundial vivencia uma brutal era de transformações informacionais. Devido à necessidade de acesso imediato ao conhecimento são criados diversos meios de obtê-lo com mais facilidade, mas o excesso de informação que chega aos indivíduos não garante qualidade. Dessa forma, a responsabilidade pela veracidade dos dados é tanto do usuário quanto do anunciante.

A função de refletir e debater o texto é de quem o lê. Muitas vezes, uma notícia falsa é compartilhada repetidamente e, como parte dos leitores não discute o tema ou procura saber se é verídico, ela pode gerar uma fatalidade. Um exemplo foi o caso de uma mulher que foi morta pelos moradores de um bairro no Guarujá porque foi publicado no jornal local que ela sequestrava crianças. Pela repercussão que a notícia teve, muitos acreditaram mesmo sem conhecer a moça ou procurar outras vias de informação. Assim, a capacidade de perceber se uma informação é verdadeira torna-se essencial.

Entretanto, quem transmite as notícias deve ter conhecimento sobre o assunto. Textos que trazem dados concretos ou descobertas científicas são mais confiáveis que os baseados em opinião própria ou senso comum. A carta aberta ao Brasil, do americano Mark Manson, criticava o brasileiro e apontava que o fator principal que originou a crise era a cultura do país. No entanto, o texto não apresentava pesquisas que sustentassem ou comprovassem os argumentos colocados. Por isso, a pessoa que escreve deve verificar se o texto condiz com a realidade.

Portanto, as novas formas de se obter dados são necessárias, mas é preciso também que os seres humanos criem um senso crítico. Como consequência, o transmissor precisa se certificar ao escrever um texto que tenha como base elementos concretos. Visto isso, existirá certa harmonia entre notícia e telespectador.

Natália Olim Martins

Texto 2

Tema: Linguagem e mito

Linguagem, mitos e seus caminhos opostos

Datado da Pré-história, mito e linguagem estão vinculados. Ambos surgiram da necessidade humana de dar sentido à realidade e possuem numerosas formas representativas. Dessa forma, os dois possuem a mesma utilidade, mas, enquanto o mito se funda nas emoções e afetividade, a linguagem acompanha os avanços da humanidade.

As alegorias surgiram para explicar os fenômenos. Assim, elas são representadas por meio de histórias nas quais existe a exaltação do sentimento.

O mito grego da deusa da agricultura Deméter explica o porquê de haver três meses de infertilidade. Quando sua filha, Perséfone, apaixonou-se por Hades e vai morar com ele no inferno, Deméter desiste de ajudar a humanidade com o plantio, mas após um acordo ela pode ver sua filha durante o período de gestação e ajudar os homens nesse mesmo tempo. Portanto, nas crenças predominam as relações afetivas.

O dialeto é o modo de comunicação humana e varia de acordo com a sua necessidade. Assim sendo, desenvolvimento e comunicação andam lado a lado. Na linguagem da moda, por exemplo, é visível a constante mudança no vestuário, como o uso do espartilho, que, ao longo do tempo, foi substituído pelo sutiã. Desta maneira, os signos sofrem frequentes oscilações, acompanhando o progresso humano.

Diante disso, é evidente que os dois possuem o mesmo princípio. Todavia, as lendas têm um lado que apela para o sentimento. Já a língua adquiriu um caráter científico e mutável. Por isso, é visível a mesma base para eles, mas com o passar do tempo cada um se desprende, tornando-se membro independente.

Natália Olim Martins

Texto 3

Tema: Espionagem no contexto da globalização

Espionagem: malsucedida e duplo foco

A espionagem tornou-se corriqueira durante as 1ª e 2ª Guerras Mundiais e a digital, durante a Guerra Fria. No entanto, nos presentes dias, as formas de controle dos dados e o modo como são obtidos vem causando problemas entre quem vigia e quem é vigiado. Dessa forma, a vigilância das informações não tem sucesso ou seu foco é desviado, interferindo nas relações entre as nações.

Uma justificativa para a monitoração de informações é a proteção de um país. Fazendo uso disso, os líderes políticos teriam como precaver tentativas de atentados, assaltos em grande escala e até a corrupção. Assim, logo após o ataque às Torres Gêmeas, no dia 11 de Setembro de 2001, foi decretado o fim das leis contra a espionagem nos Estados Unidos com a finalidade de prevenir o terrorismo. Porém, o recente ataque à Maratona de Boston em 2013 – onde duas bombas explodiram, ferindo 264 pessoas e causando a morte de 3 – mostra que a fiscalização norte americana não possui a eficiência esperada.

Atualmente, os países têm monitorado (muitos ilegalmente) uns aos outros. Entretanto, o conteúdo obtido pode gerar desconforto visto que ele é, em sua maioria, privado. Quando veio a público que telefonemas, e-mails e mensagens da presidente Dilma Rousseff haviam sido interceptados pela Agência de Segurança Nacional (NSA), administrada por Barack Obama, houve grande repúdio da opinião pública porque o Brasil era visto como prejudicial aos EUA. Por consequência, isto mostra que a espionagem, não só estadunidense, mudou seu rumo preventivo para econômico-político.

Dessa maneira, apesar da vigilância ter como princípio proteger uma nação, é possível observar a ineficiência dos sistemas operacionais atuais. Ainda, os estados vêm priorizando as estratégias políticas em nome de seus próprios benefícios. Visto isso, as alianças são ignoradas e causam sérios problemas e rupturas nas relações sociais, política e econômica.

Natália Olim Martins

Redação proposta

• Enem 2018

Texto 1

Às segundas-feiras pela manhã, os usuários de um serviço de música digital recebem uma lista personalizada de músicas que lhes permite descobrir novidades. Assim como os sistemas de outros aplicativos e redes sociais, este cérebro artificial consegue traçar um retrato automatizado do gosto de seus assinantes e constrói uma máquina de sugestões que não costuma falhar. O sistema se baseia em um algoritmo cuja evolução e usos aplicados ao consumo cultural são infinitos. De fato, plataformas de transmissão de vídeo *on-line* começam a desenhar suas séries de sucesso rastreando o banco de dados gerado por todos os movimentos dos usuários para analisar o que os satisfaz. O algoritmo constrói assim um universo cultural adequado e complacente com o gosto do consumidor, que pode avançar até chegar sempre a lugares reconhecíveis. Dessa forma, a filtragem de informação feita pelas redes sociais ou pelos sistemas de busca pode moldar nossa maneira de pensar. E esse é o problema principal: a ilusão de liberdade de escolha que muitas vezes é gerada pelos algoritmos.

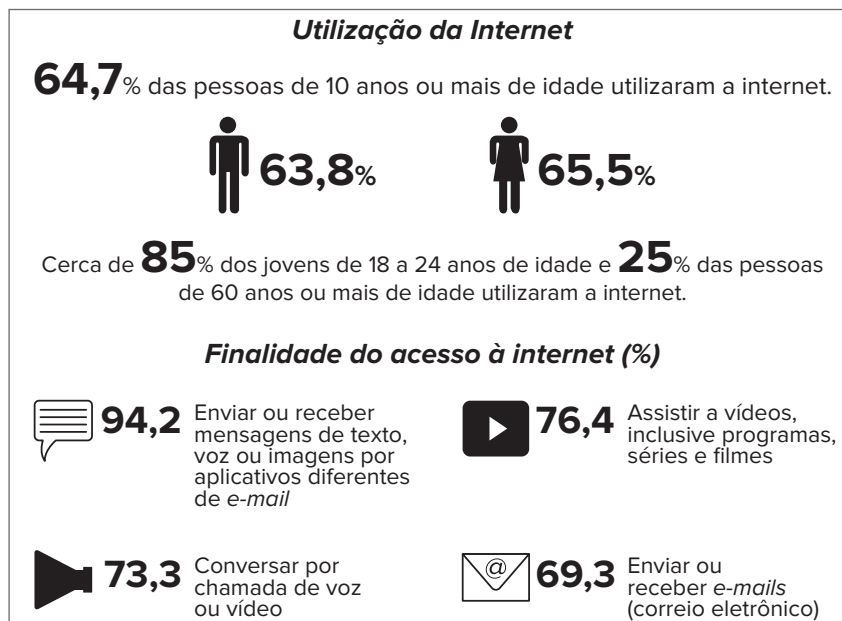
Disponível em: VERDÚ, Daniel. O gosto na era do algoritmo. Disponível em: <https://brasil.elpais.com>. Acesso em: 11 jun. 2018 (adaptado).

Texto 2

Nos sistemas dos gigantes da internet, a filtragem de dados é transferida para um exército de moderadores em empresas localizadas do Oriente Médio ao Sul da Ásia, que têm um papel importante no controle daquilo que deve ser eliminado da rede social, a partir de sinalizações dos usuários. Mas a informação é então processada por um algoritmo, que tem a decisão final. Os algoritmos são literais. Em poucas palavras, são uma opinião embrulhada em código. E estamos caminhando para um estágio em que é a máquina que decide qual notícia deve ou não ser lida.

PEPE ESCOBAR. A silenciosa ditadura do algoritmo. Disponível em: <http://outraspalavras.net>. Acesso em: 5 jun. 2017 (adaptado).

Texto 3



Internet no Brasil em 2016. Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em: 18 jun. 2018 (adaptado).

Texto 4

Mudanças sutis nas informações às quais somos expostos podem transformar nosso comportamento. As redes têm selecionado as notícias sob títulos chamativos como “*trending topics*” ou critérios como “*relevância*”. Mas nós praticamente não sabemos como isso tudo é filtrado. Quanto mais informações relevantes tivermos nas pontas dos dedos, melhor equipados estamos para tomar decisões. No entanto, surgem algumas tensões fundamentais: entre a conveniência e a deliberação; entre o que o usuário deseja e o que é melhor para ele; entre a transparência e o lado comercial. Quanto mais os sistemas souberem sobre você em comparação ao que você sabe sobre eles, há mais riscos de suas escolhas se tornarem apenas uma série de reações a “cutucadas” invisíveis. O que está em jogo não é tanto a questão “homem *versus* máquina”, mas sim a disputa “decisão informada *versus* obediência influenciada”.

CHATFIELD, Tom. Como a internet influencia secretamente nossas escolhas. Disponível em: www.bbc.com. Acesso em: 3 jun. 2017 (adaptado).

PROPOSTA DE REDAÇÃO

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema “Manipulação do comportamento do usuário pelo controle de dados na internet”, apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

https://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/provas/2018/2018_PV_impresso_D1_CD1.pdf. Acesso em 20 jun. 2022.

Texto complementar

Entenda como é feita a correção das questões e da redação do Enem

O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) divulgará o gabarito oficial do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) no dia 16 de novembro. A correção é feita usando a metodologia da Teoria de Resposta ao Item (TRI), em que o valor de cada questão varia conforme o percentual de acertos e erros dos estudantes naquele item.

Dessa forma, um item em que grande número dos candidatos acertaram a resposta será considerado fácil e, por essa razão, valerá menos pontos. Já o estudante que acertar uma questão com alto índice de erros ganhará mais pontos por aquele item.

Por isso, não é possível calcular a nota final apenas contabilizando o número de erros e acertos em cada uma das provas. Se dois candidatos acertam o mesmo número de questões, não significa que terão a mesma pontuação. O estudante só tem como saber a nota final no Enem quando o resultado sair.

A correção é feita por meio de um sistema de reconhecimento, no qual a Fundação Getúlio Vargas (FGV) e a Cesgranrio extraem os dados com as respostas das questões objetivas de cada participante, durante a etapa de digitalização. Por isso, é imprescindível que o preenchimento do cartão-resposta tenha sido realizado com caneta esferográfica de tinta preta. O mesmo vale para a folha de redação. Os rascunhos e as marcações assinaladas nos cadernos de questões não serão considerados para fins de correção.

O processo de correção é feito tanto pela Cesgranrio quanto pelo Inep, para conferência. As redações são corrigidas pela Fundação para Vestibular da Universidade Estadual Paulista (Vunesp). O Inep, já com as notas da redação repassadas pela Vunesp e os resultados das questões objetivas, processa o resultado, dando origem ao Boletim de Desempenho, que será disponibilizado aos participantes em 19 de janeiro de 2018.

Redação

O texto produzido na redação do Enem é corrigido por pelo menos dois avaliadores, de forma independente, sem que um conheça a nota atribuída pelo outro. Esses dois professores avaliam o desempenho do participante de acordo com as cinco competências exigidas na redação.

Cada avaliador atribuirá uma nota entre 0 e 200 pontos para cada uma das cinco competências, e a soma desses pontos comporá a nota total de cada avaliador, que pode chegar a 1.000 pontos. A nota final do participante será a média aritmética das notas totais atribuídas pelos dois avaliadores.

Se entre as notas dadas pelos dois corretores houver diferença superior a 100 pontos (no somatório geral) ou de mais de 80 pontos em qualquer uma das cinco competências, a redação segue para um terceiro avaliador. No caso de a discrepância continuar depois da terceira avaliação, a redação será corrigida por uma banca com três professores, que vai dar a nota final.

A redação receberá nota zero se apresentar características como fuga total ao tema, texto com menos de sete linhas, não obediência à estrutura dissertativo-argumentativa, cópia integral de textos motivadores da proposta, impropérios, e se a folha de redação for entregue em branco.

[...] a presidente do Supremo Tribunal Federal, ministra Cármen Lúcia, decidiu manter a decisão do Tribunal Regional Federal da 1ª Região que determinou a suspensão da regra que previa a anulação da redação que violasse os direitos humanos. Apesar disso, a competência cinco, que vale 200 pontos, determina que a redação deve ter uma proposta de intervenção para o problema abordado, respeitando os direitos humanos. Esse item não foi modificado pela decisão judicial.

O título é opcional na produção da redação e será considerado como linha escrita. Porém, o título não será avaliado em nenhum aspecto relacionado às competências da matriz de referência.

CRAIDE, Sabrina. Entenda como é feita a correção das questões e da redação do Enem. *Agência Brasil*, 5 nov. 2017. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2017-11/entenda-como-e-feita-correcao-das-questoes-e-da-redacao-do-enem>. Acesso em: 9 ago. 2022.

Quer saber mais?

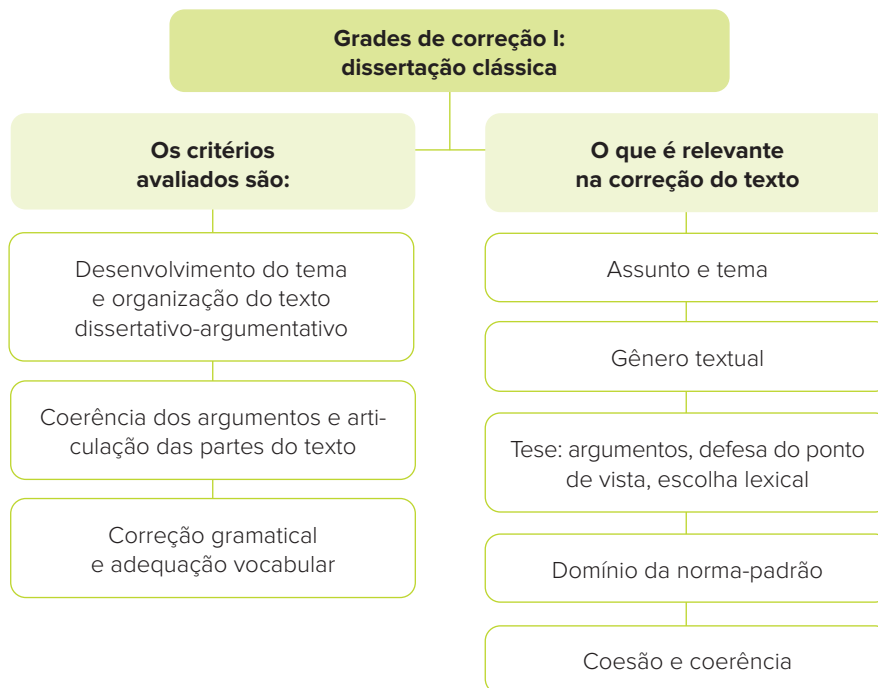


Livro

***Modernidade líquida*, de Zygmunt Bauman. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.**

Esse livro traz o olhar do sociólogo e filósofo polonês a respeito de várias questões sociais contemporâneas.

Resumindo



FRENTE ÚNICA

CAPÍTULO

27

Grades de correção II: Enem

Os critérios de correção apontam caminhos, e, quando um desses critérios é a famosa proposta de intervenção, nosso pensamento já se volta para questões relacionadas à sociedade e aos direitos humanos. O Enem, como estudaremos, é uma prova que almeja candidatos cidadãos, cientes de sua presença no mundo e de seus papéis enquanto seres políticos.

A prova do Enem segundo o Inep

Até hoje, ano a ano, aprendeu-se muito sobre a prova de redação do Enem. A banca organizadora sempre se preocupou em detalhar o que seria exigido no exame e em divulgar seus elementos de avaliação. Por ser uma prova de abrangência nacional, expor os critérios e explicá-los também se torna importante para proporcionar homogeneidade e transparência em sua correção. Assim, muito do que analisaremos neste capítulo foi divulgado no próprio site do Inep, órgão responsável pelo exame.

Vejamos, a seguir, um trecho da Cartilha do Participante de 2020:

A prova de redação exigirá de você a produção de um texto em prosa¹, do tipo dissertativo-argumentativo², sobre um tema de ordem social, científica, cultural ou política³. Os aspectos a serem avaliados relacionam-se às competências que devem ter sido desenvolvidas durante os anos de escolaridade⁴. Nessa redação, você deverá defender uma **tese**⁵ – uma opinião a respeito do **tema** proposto –, apoiada em **argumentos** consistentes⁶, estruturados com coerência e coesão⁷, formando uma unidade textual⁸. Seu texto deverá ser redigido de acordo com a modalidade escrita formal da Língua Portuguesa⁹. Você também deverá elaborar uma **proposta de intervenção social**¹⁰ para o problema apresentado no desenvolvimento do texto. Essa proposta deve respeitar os direitos humanos¹¹.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). *A redação no Enem 2020: cartilha do participante*. Brasília, DF: Inep, 2020. p. 7.

A partir do trecho apresentado, destacamos os 11 principais elementos a serem comentados em relação ao Enem. Todos eles já foram trabalhados em capítulos anteriores e serão revisados a seguir.

1 Um texto em prosa é todo tipo de texto que não está em verso, ou seja, que tem parágrafos e sequências sintáticas. Todos os vestibulares pedem textos em prosa porque é por meio deles que se torna possível avaliar o uso dos mais diversos mecanismos linguísticos.

2 O texto dissertativo-argumentativo, como já vimos, é um tipo de produção textual que precisa de argumentação para existir, sendo constituído pela exposição de ideias e pela defesa de um ponto de vista baseado nessa exposição. Não basta, portanto, fazer uma lista de informações a respeito do tema.

3 Os temas do Enem, segundo a cartilha, podem ser de quatro diferentes ordens, o que nos ajuda a delimitar as possibilidades da prova:

- Social – desigualdade, publicidade infantil, convivência em grupo etc.
- Científica – redes sociais, internet, avanços tecnológicos em geral etc.
- Cultural – racismo, machismo, xenofobia, intolerância religiosa etc.
- Política – política representativa, participação política, corrupção etc.

4 O conteúdo que será cobrado deve fazer parte do desenvolvimento do aluno durante os anos de escolaridade, isto é, fica claro que não é esperado que o candidato traga para o texto referências excessivamente complexas ou que exijam algum conhecimento de nível acadêmico mais alto.

5 A exigência de uma tese, o norteador de todo o nosso estudo a respeito de dissertação, está explicitada na cartilha. É necessário, portanto, posicionar-se.

6 Por “argumentos consistentes”, entende-se que se refere à expansão da tese, à explicação dos caminhos que nos levam a defender um ou outro ponto de vista. Verificar o uso do parágrafo-padrão é uma boa saída para a revisão do rascunho.

7 Coerência e coesão são os elementos que garantem a verossimilhança e a continuidade do que se escreve. Ou seja, ao observar o texto, pode-se afirmar que suas colocações têm fundamento? Além disso, elas fazem sentido e se relacionam? O texto apresenta progressão na construção de ideias? Esses questionamentos são importantes para percebermos a clareza e a sequenciação na escrita.

8 A unidade textual está bastante ligada à coerência e à coesão. É a ideia de abordar o mesmo tema com o mesmo olhar do começo ao fim do texto, para que ele não pareça estar dividido em blocos estanques.

9 Modalidade formal da língua portuguesa é a norma culta, aquilo que as gramáticas estabeleceram como padrão.

10 Proposta de intervenção são possíveis soluções que propomos ao problema central. O capítulo sobre conclusões traz alguns exemplos.

11 O respeito aos direitos humanos é a base da prova do Enem. Esse critério não desclassifica o candidato automaticamente, mas pode penalizá-lo em até 200 pontos na prova, caso proponha qualquer forma de desrespeito em sua produção textual.

Saiba mais

A Declaração Universal dos Direitos Humanos foi elaborada por representantes de diferentes regiões do mundo e proclamada pela Assembleia Geral da ONU em 1948. Ela estabelece, pela primeira vez, a proteção universal dos direitos humanos. Está disponível em: <https://www.ohchr.org/EN/UDHR/Pages/Language.aspx?LangID=por>. Acesso em: 30 jun. 2022.



A estrutura básica da redação do Enem pode ser resumida pelo seguinte esquema:



BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). *A redação no Enem 2020*: cartilha do participante. Brasília, DF: Inep, 2020. p. 7.

Atenção

O esquema proposto pelo Inep não difere em nada da estrutura básica que estudamos até agora. Os elementos “tese” e “argumentos”, por exemplo, podem ser revisados em capítulos anteriores.

As competências

Os critérios do Enem são conhecidos como “competências” e são os seguintes:

| | |
|---------------|--|
| Competência 1 | Demonstrar domínio da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa. |
| Competência 2 | Compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo em prosa. |
| Competência 3 | Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista. |
| Competência 4 | Demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação. |
| Competência 5 | Elaborar proposta de intervenção para o problema abordado, respeitando os direitos humanos. |

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). *A redação no Enem 2020*: cartilha do participante. Brasília, DF: Inep, 2020. p. 8.

Vamos analisar detalhadamente cada competência.

Competência 1

Demonstrar domínio da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa

A Competência 1 avalia se o participante domina a modalidade escrita formal da língua portuguesa, o que inclui o conhecimento das convenções da escrita, dentre as quais se encontram as regras de ortografia e de acentuação gráfica regidas pelo atual Acordo Ortográfico.

Além disso, o domínio da modalidade escrita formal será observado na adequação do seu texto em relação tanto às regras gramaticais quanto à fluidez da leitura, que pode ser prejudicada ou beneficiada pela construção sintática. [...]

[...] Uma estrutura sintática convencional pressupõe a existência de determinados elementos oracionais que se organizam na frase e garantem a fluidez da leitura e a apresentação clara das ideias do participante, organizadas em períodos bem estruturados e completos. Os textos com falhas relacionadas à estrutura sintática geralmente apresentam períodos truncados e justaposição de palavras, ausência de termos ou excesso de palavras (elementos sintáticos). [...]

Quanto aos desvios, você deve estar atento aos seguintes aspectos:

- convenções da escrita: acentuação, ortografia, uso de hífen, emprego de letras maiúsculas e minúsculas e separação silábica (translineação);
- gramaticais: regência verbal e nominal, concordância verbal e nominal, pontuação, paralelismo, emprego de pronomes e crase;
- escolha de registro: adequação à modalidade escrita formal, isto é, ausência de uso de registro informal e/ou de marcas de oralidade;
- escolha vocabular: emprego de vocabulário preciso, o que significa que as palavras selecionadas são usadas em seu sentido correto e são apropriadas ao contexto em que aparecem.

Os quadros a seguir apresentam os seis níveis de desempenho que serão utilizados para avaliar a Competência 1 nas redações do Enem 2020.

| | |
|-------------------|---|
| 200 pontos | Demonstra excelente domínio da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa e de escolha de registro. Desvios gramaticais ou de convenções da escrita serão aceitos somente como excepcionalidade e quando não caracterizarem reincidência. |
| 160 pontos | Demonstra bom domínio da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa e de escolha de registro, com poucos desvios gramaticais e de convenções da escrita. |
| 120 pontos | Demonstra domínio mediano da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa e de escolha de registro, com alguns desvios gramaticais e de convenções da escrita. |
| 80 pontos | Demonstra domínio insuficiente da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa, com muitos desvios gramaticais, de escolha de registro e de convenções da escrita. |
| 40 pontos | Demonstra domínio precário da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa, de forma sistemática, com diversificados e frequentes desvios gramaticais, de escolha de registro e de convenções da escrita. |
| 0 ponto | Demonstra desconhecimento da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa. |

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). *A redação no Enem 2020: cartilha do participante*. Brasília, DF: Inep, 2020. p. 14-15.

Competência 2

Compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo em prosa

O segundo aspecto a ser avaliado no seu texto é a compreensão da proposta de redação, composta por um tema específico a ser desenvolvido na forma de texto dissertativo-argumentativo – ou seja, a proposta exige que o participante escreva um texto

dissertativo-argumentativo, que é um texto em que se demonstra, por meio de argumentação, a assertividade de uma ideia ou de uma tese. É mais do que uma simples exposição de ideias; por isso, você deve evitar elaborar um texto de caráter apenas expositivo, devendo assumir claramente um ponto de vista. Além disso, é preciso que a tese que você irá defender esteja relacionada ao tema definido na proposta. Assim, você atenderá às exigências expressas pela Competência 2 da matriz de avaliação do Enem. Trata-se, portanto, de uma competência que avalia as habilidades integradas de leitura e de escrita.

O tema constitui o núcleo das ideias sobre as quais a tese se organiza e é caracterizado por ser uma delimitação de um assunto mais abrangente. Por isso, é preciso atender ao recorte temático definido para evitar tangenciá-lo ou, ainda pior, desenvolver um tema distinto do determinado pela proposta.

Outro aspecto avaliado na Competência 2 é a presença de repertório sociocultural, que se configura como uma informação, um fato, uma citação ou uma experiência vivida que, de alguma forma, contribui como argumento para a discussão proposta.

Os quadros a seguir apresentam os seis níveis de desempenho que serão utilizados para avaliar a Competência 2 nas redações do Enem 2020.

| | |
|-------------------|---|
| 200 pontos | Desenvolve o tema por meio de argumentação consistente, a partir de um repertório sociocultural produtivo e apresenta excelente domínio do texto dissertativo-argumentativo. |
| 160 pontos | Desenvolve o tema por meio de argumentação consistente e apresenta bom domínio do texto dissertativo-argumentativo, com proposição, argumentação e conclusão. |
| 120 pontos | Desenvolve o tema por meio de argumentação previsível e apresenta domínio mediano do texto dissertativo-argumentativo, com proposição, argumentação e conclusão. |
| 80 pontos | Desenvolve o tema recorrendo à cópia de trechos dos textos motivadores ou apresenta domínio insuficiente do texto dissertativo-argumentativo, não atendendo à estrutura com proposição, argumentação e conclusão. |
| 40 pontos | Apresenta o assunto, tangenciando o tema, ou demonstra domínio precário do texto dissertativo-argumentativo, com traços constantes de outros tipos textuais. |
| 0 ponto | Fuga ao tema/não atendimento à estrutura dissertativo-argumentativa. Nestes casos a redação recebe nota zero e é anulada. |

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). *A redação no Enem 2020: cartilha do participante*. Brasília, DF: Inep, 2020. p. 15-20.

Competência 3

Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista

O terceiro aspecto a ser avaliado em seu texto é a forma como você, em seu texto, seleciona, relaciona, organiza e interpreta informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa do ponto de vista escolhido. É preciso, então, elaborar um texto que apresente, claramente, uma ideia a ser defendida e argumentos que justifiquem a posição assumida por você em relação à temática da proposta de redação. Essa competência trata da inteligibilidade do seu texto, ou seja, de sua coerência, da plausibilidade entre as ideias apresentadas. [...]

A Competência 3 trata da inteligibilidade do seu texto, ou seja, de sua coerência e da plausibilidade entre as ideias apresentadas, o que está alicerçado no planejamento prévio à escrita, ou seja, na elaboração de um projeto de texto.

A inteligibilidade da sua redação depende, portanto, dos seguintes fatores:

- seleção de argumentos;
- relação de sentido entre as partes do texto;
- progressão temática adequada ao desenvolvimento do tema, revelando que a redação foi planejada e que as ideias desenvolvidas são, pouco a pouco, apresentadas de forma organizada, em uma ordem lógica;
- desenvolvimento dos argumentos, com a explicitação da relevância das ideias apresentadas para a defesa do ponto de vista definido.

Os quadros a seguir apresentam os seis níveis de desempenho que serão utilizados para avaliar a Competência 3 nas redações do Enem 2020.

| | |
|-------------------|---|
| 200 pontos | Apresenta informações, fatos e opiniões relacionados ao tema proposto, de forma consistente e organizada, configurando autoria, em defesa de um ponto de vista. |
| 160 pontos | Apresenta informações, fatos e opiniões relacionados ao tema, de forma organizada, com indícios de autoria, em defesa de um ponto de vista. |
| 120 pontos | Apresenta informações, fatos e opiniões relacionados ao tema, limitados aos argumentos dos textos motivadores e pouco organizados, em defesa de um ponto de vista. |
| 80 pontos | Apresenta informações, fatos e opiniões relacionados ao tema, mas desorganizados ou contraditórios e limitados aos argumentos dos textos motivadores, em defesa de um ponto de vista. |
| 40 pontos | Apresenta informações, fatos e opiniões pouco relacionados ao tema ou incoerentes e sem defesa de um ponto de vista. |
| 0 ponto | Apresenta informações, fatos e opiniões não relacionados ao tema e sem defesa de um ponto de vista. |

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). *A redação no Enem 2020*: cartilha do participante. Brasília, DF: Inep, 2020. p. 20-22.

Competência 4

Demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação

Os aspectos a serem avaliados nesta competência dizem respeito à estruturação lógica e formal entre as partes da redação. A organização textual exige que as frases e os parágrafos estabeleçam entre si uma relação que garanta a sequenciação coerente do texto e a interdependência das ideias. Essa articulação é feita mobilizando-se recursos coesivos, em especial operadores argumentativos, que são os principais termos responsáveis pelas relações semânticas construídas ao longo do texto dissertativo-argumentativo, por exemplo, relações de igualdade, de adversidade, de causa-consequência, de conclusão etc. Certas preposições, conjunções, alguns advérbios e locuções adverbiais são responsáveis pela coesão do texto, porque estabelecem uma inter-relação entre orações, frases e parágrafos, além de pronomes e expressões referenciais, conforme explicaremos adiante, no item “referenciação”. Cada parágrafo será composto por um ou mais períodos também articulados; cada ideia nova precisa estabelecer relação com as anteriores.

Assim, na produção da sua redação, você deve utilizar variados recursos linguísticos que garantam as relações de continuidade essenciais à elaboração de um texto coeso. Na avaliação da Competência 4, será considerado, portanto, o modo como se dá o encadeamento textual.

Os quadros a seguir apresentam os seis níveis de desempenho que serão utilizados para avaliar a Competência 4 nas redações do Enem 2020.

| | |
|-------------------|---|
| 200 pontos | Articula bem as partes do texto e apresenta repertório diversificado de recursos coesivos. |
| 160 pontos | Articula as partes do texto com poucas inadequações e apresenta repertório diversificado de recursos coesivos. |
| 120 pontos | Articula as partes do texto, de forma mediana, com inadequações, e apresenta repertório pouco diversificado de recursos coesivos. |
| 80 pontos | Articula as partes do texto, de forma insuficiente, com muitas inadequações e apresenta repertório limitado de recursos coesivos. |
| 40 pontos | Articula as partes do texto de forma precária. |
| 0 ponto | Não articula as informações. |

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). *A redação no Enem 2020*: cartilha do participante. Brasília, DF: Inep, 2022. p. 23-25.

Competência 5

Elaborar proposta de intervenção para o problema abordado, respeitando os direitos humanos

O quinto aspecto a ser avaliado no seu texto é a apresentação de uma proposta de intervenção para o problema abordado, respeitando-se os Direitos Humanos. [...]

A proposta de intervenção precisa estar relacionada ao tema e integrada ao seu projeto de texto. Considerando seu planejamento de escrita (avaliado na Competência 3), sua proposta deve ser coerente em relação à tese desenvolvida e aos argumentos utilizados, já que expressa sua visão, como autor, das possíveis soluções para a questão discutida. Assim, é necessário que a intervenção apontada responda aos problemas discutidos por você, mostrando-se articulada ao seu projeto de texto.

Ao redigir seu texto, busque apresentar uma proposta concreta, específica ao tema e consistente com o desenvolvimento de suas ideias. Para construir uma proposta muito bem elaborada, você deve não apenas propor uma ação interventiva, mas também o ator social competente para executá-la, de acordo com o âmbito da ação escolhida: individual, familiar, comunitário, social, político, governamental e mundial. Além disso, você deve determinar o meio de execução da ação e o seu efeito ou a sua finalidade, bem como incluir algum outro detalhamento.

Ao elaborar sua proposta, procure responder às seguintes perguntas:

1. O que é possível apresentar como solução para o problema?
2. Quem deve executá-la?
3. Como viabilizar essa solução?
4. Qual efeito ela pode alcançar?
5. Que outra informação pode ser acrescentada para detalhar a proposta?

Os quadros a seguir apresentam os seis níveis de desempenho que serão utilizados para avaliar a Competência 5 nas redações do Enem 2020.

| | |
|-------------------|--|
| 200 pontos | Elabora muito bem proposta de intervenção, de forma detalhada, relacionada ao tema e articulada à discussão desenvolvida no texto. |
| 160 pontos | Elabora bem proposta de intervenção relacionada ao tema e articulada à discussão desenvolvida no texto. |
| 120 pontos | Elabora, de forma mediana, proposta de intervenção relacionada ao tema e articulada à discussão desenvolvida no texto. |
| 80 pontos | Elabora, de forma insuficiente, proposta de intervenção relacionada ao tema, ou proposta não articulada com a discussão desenvolvida no texto. |
| 40 pontos | Apresenta proposta de intervenção vaga ou apenas citada, precária ou relacionada apenas ao assunto. |
| 0 ponto | Não apresenta proposta de intervenção ou apresenta proposta não relacionada ao tema ou ao assunto. |

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). *A redação no Enem 2020: cartilha do participante*. Brasília, DF: Inep, 2020. p. 26-28.

Análise de redação

| | |
|--|--|
| <p>A diversidade não tolerada</p> <p>A liberdade religiosa é um direito garantido pela Constituição de 1988 do Brasil. Entretanto, a intolerância religiosa ainda é um problema no território nacional. Assim, fiéis são vítimas vítimas de violência constantemente, e algumas religiões são as mais perseguidas.</p> <p>A extensão do território brasileiro faz com que tenham (O verbo “tenham” não tem um sujeito explícito, o que dificulta a compreensão; o problema é de concordância) muitos costumes,</p> | <p>A introdução nos apresenta um texto dentro do tema proposto e aponta para um problema, o que já é bastante interessante quando se trata de Enem. O cuidado principal precisa ser com a tese, já que ela pode desencadear um desenvolvimento com poucos argumentos.</p> <p>O parágrafo traz algumas afirmações sem que haja argumentação para comprová-las. Como chegamos, por exemplo, à existência da intolerância a partir do fato de que há quem creia que sua religião é melhor que a dos outros? Esse caminho, ainda que óbvio para muitos, precisa ser feito com cuidado.</p> |
|--|--|

culturas e religiões diferentes. O fato de uma pessoa acreditar que a sua religião é melhor que as outras faz com que a intolerância exista. É impossível que em um país tão diversificado ~~existem~~ **exista** uma só religião.

As religiões afro-brasileiras como a Umbanda, ~~(não há vírgula aqui)~~ são as mais perseguidas, os seus fiéis são as principais vítimas de ataques. A Constituição ~~preve~~ **prevê** a liberdade de expressão, que permite críticas, mas a liberdade de um acaba quando a dignidade de outro é ferida, então ela vira crime. A laicidade do Estado tem que ser garantida, assim como a dignidade de cada cidadão do país, que deve ter o direito de seguir a religião que quiser. **(O “que deve ter o direito” é ambíguo. Quem deve ter o direito? O país ou cada cidadão do país?)**

Uma intervenção nas escolas, mostrar para os alunos que a religião não define caráter, é uma forma de educar as crianças para que elas não se tornem futuros intolerantes. **(Período sintaticamente confuso)** O Estado já garantiu uma lei que protege os religiosos, mas tem que ser levado com mais vigor. **(A expressão “ser levado com mais vigor” é vaga e traz problemas de concordância)** A laicidade é um direito dos cidadãos, ela tem que ser protegida por eles e pelo Estado.

Luisa Alexia Verillo Viger

No D1, há uma sequência de informações e pouca defesa de algo. É preciso atentar também para os vários problemas sintáticos que dificultam o acesso à ideia central. Além disso, até aqui não há referências externas, o que prejudica a Competência 2.

Há aqui apenas fatos, pouco se defende. Mais uma vez, esse planejamento precisa ser feito na elaboração da tese.

A proposta de intervenção é pouco detalhada e acaba, portanto, vaga demais. Para aprimorá-la, é necessário articular os agentes ao que foi exposto no corpo do texto e especificar mais suas ações.

Temos, então, a seguinte pontuação para a redação analisada:

| | | |
|----------------------|-------------------|--|
| Competência 1 | 160 pontos | Demonstra bom domínio da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa e de escolha de registro, com poucos desvios gramaticais e de convenções da escrita. |
| Competência 2 | 120 pontos | Desenvolve o tema por meio de argumentação previsível e apresenta domínio mediano do texto dissertativo-argumentativo, com proposição, argumentação e conclusão. |
| Competência 3 | 160 pontos | Apresenta informações, fatos e opiniões relacionados ao tema, de forma organizada, com indícios de autoria, em defesa de um ponto de vista. |
| Competência 4 | 200 pontos | Articula bem as partes do texto e apresenta repertório diversificado de recursos coesivos. |
| Competência 5 | 80 pontos | Elabora, de forma insuficiente, proposta de intervenção relacionada ao tema, ou proposta não articulada com a discussão desenvolvida no texto. |

Revisando

- Corrija as redações a seguir observando os critérios adotados neste capítulo. Lembre-se de avaliar cada trecho e apontar seus problemas de acordo com os itens da grade (utilizar o modelo da página anterior). Todas as dissertações foram escritas a partir do tema proposto pelo Enem 2016: **Caminhos para combater a intolerância religiosa no Brasil.**

Texto 1

Chuta que é intolerância

O Brasil, país caracterizado por inúmeras etnias durante sua formação cultural, teve como principal influência a moral cristã-católica, deixando sua tradição de forma muito marcante até os dias de hoje. Contudo outras religiões como as afrobrasileiras têm seus cultos e símbolos desvalorizados e seus seguidores sofrem diariamente com a discriminação e o preconceito. Entretanto a política brasileira “teoricamente” laica e a educação ainda eurocentrica nas escolas são as principais causas de uma contínua cultura do preconceito religioso.

Nos poderes executivo e legislativo, a laicidade é somente teorica já que há explícita a influência da religião em discursos públicos e também na formulação de leis sem qualquer tipo de punição. A mistura da política com religião tende a beneficiar poucas destas religiões. Um claro exemplo é a lei aprovada recentemente na qual animais não poderiam ser usados em cultos religiosos afetando assim diretamente religiões de origem africana, mas que não faz qualquer tipo de citação ao “típico” peru de Natal utilizado nas festas cristãs, também caracterizado com ritual religioso.

Apesar de no Brasil, a população negra ser maioritária, não há incentivo nas escolas sobre o estudo da história de nossos antepassados africanos ou asiáticos ou mesmo dos nativos americanos, o estudo é centralizado no continente europeu. Tendo como consequência a desvalorização de suas culturas e religiões, caracterizando um dos motivos de preconceito sobre as religiões que descendem destes locais pelo simples desconhecimento sobre elas.

Embora o brasileiro tenha acesso a inúmeras culturas distintas, ainda há preconceito religioso que deve ser combatido. Através do esclarecimento da história destes dogmas por meio da educação das escolas, de modo a inserir uma educação religiosa no currículo escolar, abrangendo todas as principais religiões e suas características. A imposição de maior laicidade na política deve ser intensa de forma que todas as religiões sejam tratadas de forma igualitária e justa. A longo prazo através do esclarecimento, a população se torna mais aberta e menos preconceituosa intolerante.

Victoria Del Moro Cespedes

Texto 2

O preconceito socioeconômico e a intolerância religiosa

O Brasil, fruto de um passado histórico colonial, apresenta a religiosidade em sua população de forma heterogênea, comumente atrelada à origem étnico-social do indivíduo. O mito do “brasileiro cordial”, segundo o qual seríamos um povo extremamente tolerante, apresenta-se também no pouco destaque dado à questão da intolerância religiosa como um fenômeno: não são apenas agressões em indivíduos, mas especificamente a grupos socioeconômicos mais vulneráveis. Tal como Jorge Amado ilustra em sua obra “Capitães da Areia”, a divisão ocorre tanto no nível espacial (entre Cidade Alta e Baixa) quanto à crença (o cristianismo das elites e os cultos africanos dos mais humildes).

Dados que explicitam essa tendência, portanto, não surpreendem, já que somente comprovam a discriminação herdada de períodos anteriores. As religiões afro-brasileiras, vítimas dos anos de escravidão; o judaísmo, do antissemitismo histórico: essa persistência de preconceitos comprova a eficácia insuficiente das ações preventivas e punitivas tomadas até então. Se existe um canal à denúncia de atos discriminatórios, em conjunto com leis rigorosas, é necessário o foco nas ações preventivas.

O acolhimento pleno de todas as crenças, no entanto, é inviável, mas deve-se organizar mecanismos para evitar o maior número de conflitos. A predominância de uma religião, o surgimento de outra são fatos que devem ser previstos, de acordo com a autodeterminação individual a escolha da crença.

Se, como em “Capitães da Areia”, a superioridade de uma religiosidade em relação as outras é explicitamente tida como verdadeira, o Estado e outros segmentos sociais devem intervir. Medidas preventivas como ensino religioso visando ao conhecimento da diversidade, desde o Ensino Infantil ao Fundamental I e atos Públicos como exposições, visitas a templos de religiões diversas são fundamentais à coexistência pacífica. O incremento das ferramentas de denúncia, como um maior rigor na lei em caso de reincidência, pode reduzir o número de infrações caso seja acompanhado por cursos e avaliações em relação ao respeito à diversidade.

Marcelo Kenzo Naya Takahashi

Texto 3

Intolerância Religiosa

A Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, apelidada a “Constituição Cidadã”, preconiza e assegura a liberdade de crença religiosa às pessoas, além de proteção e respeito a todas as religiões. Nesse sentido, a intolerância religiosa é um crime inafiançável e imprescritível, que fere a dignidade do indivíduo. Nesse cenário, a intolerância religiosa no Brasil é fruto de preconceitos sócio-culturais e tem como consequência a violência e a discriminação de certos setores da sociedade.

Em um país pós-escravista e eurocêntrico a cultura africana se mostra grande alvo de preconceitos. No atual contexto brasileiro, as escolas persistem em ensinar apenas a história da Europa e a ignorar a existência de um continente africano que, forçosamente, por meio da escravidão sistemática de negros adotada por Portugal, também colonizou o Brasil.

A falta de diversidade no ensino não reflete a realidade de nosso país, no qual a maior parte da população é negra. Nesse cenário, o preconceito contra a cultura africana é instaurado pela falta de conhecimento e pela generalização de estereótipos conservadores que servem à manutenção dos privilégios daqueles que se beneficiam de uma cultura eurocêntrica.

A violência para com as religiões afro-brasileiras é consequência de uma sociedade intolerante e preconceituosa. Apesar de atitudes agressivas, ofensas e tratamento diferenciado a alguém por conta de sua religiões serem crime, a generalização desse comportamento é nítida e fica exposta nas estatísticas: segundo a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, entre 2011 e 2014 foram 75 denúncias de discriminação contra religiões afro-brasileiras. Tal discriminação não necessariamente é física, podendo também se expressar no imaginário popular: palavras como “macumba” são usadas pejorativamente contra religiões como Candomblé e Umbanda, sendo comum ouvir-se, até na TV, expressões como “chuta que é macumba” e que tais religiões são “coisa do Diabo”.

A sociedade brasileira tem um nítido problema de intolerância e preconceito. Nesse cenário, o governo deve trabalhar em conjunto da população para pôr um fim nessa situação. O Governo Federal, em parceria com os governos Estaduais e Municipais, pode envolver as escolas em projetos de conscientização dos alunos, por meio de aulas e livros didáticos, da diversidade de nosso país e da necessidade do respeito a todos, independente de seu credo. As famílias podem conversar com suas crianças e jovens, ensinando-os a tolerância e respeito para com o próximo, mesmo que este tenha uma cultura diferente. Dessa maneira, a segurança de todos podera ser garantida, sem preconceitos ou discriminação.

Mariana Thaís Limberg

Redação proposta

Enem 2021

Texto 1

Toda sexta-feira, o ônibus azul e branco estacionado no pátio da Vara da Infância e da Juventude, na Praça Onze, Centro do Rio, sacoleja com o entra e sai de gente a partir das 9h. Do lado de fora, nunca menos de 50 pessoas, todas pobres ou muito pobres, quase todas negras, cercam o veículo, perguntam, sentam e levantam, perguntam de novo e esperam sem reclamar o tempo que for preciso. Adultos, velhos e crianças estão ali para conseguir o que, no Brasil, é oficialmente reconhecido como o primeiro documento da vida – a certidão de nascimento. [...]

Ao longo do discurso desses entrevistados, fica clara a forma como os usuários se definem: “zero à esquerda”, “cachorro”, “um nada”, “pessoa que não existe”, entre outras, todas são expressões que conformam claramente a ideia da pessoa sem registro de nascimento sobre si mesma como uma pessoa sem valor, cuja existência nunca foi 29 oficialmente reconhecida pelo Estado.

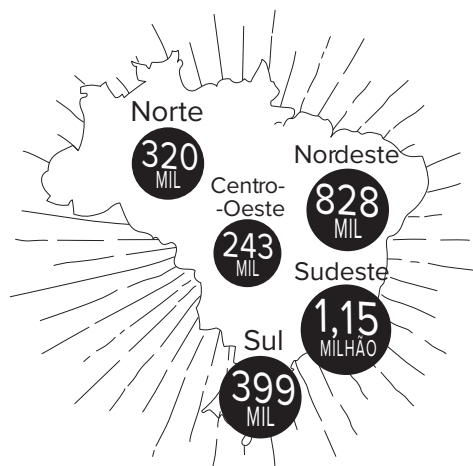
Disponível em: ESCÓSSIA, F. M. **Invisíveis**: uma etnografia sobre identidade, direitos e cidadania nas trajetórias de brasileiros sem documento. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais). Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 2019.

Texto 2

A Lei Nº 9 534 de 1997 tornou o registro de nascimento gratuito no Brasil. Só que o problema persiste, mostrando que essa exclusão é complexa e não se explica apenas pela dificuldade financeira em pagar pelo registro, por exemplo.

MAPA DA INVISIBILIDADE NO BRASIL

Estimativa do número de pessoas sem registro de nascimento



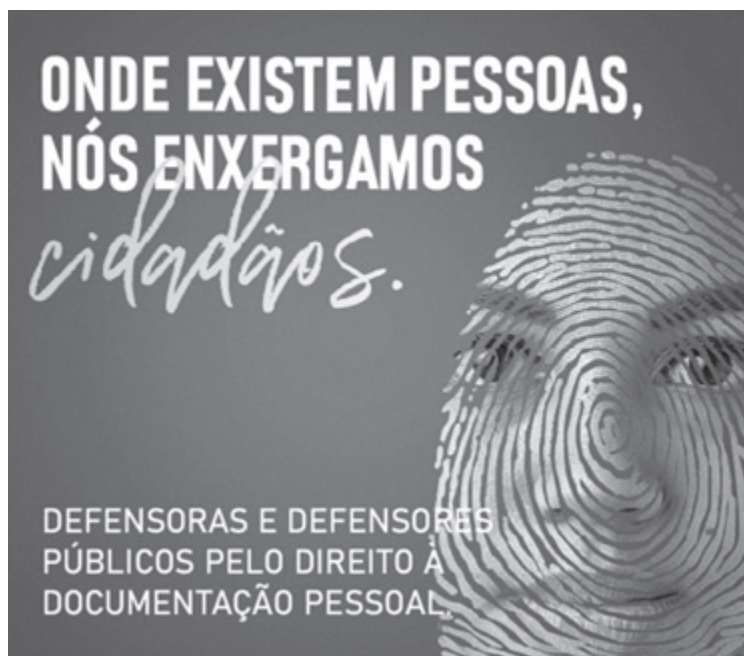
Fonte: IBGE (Dados de 2015)

Disponível em: <https://estudio.r7.com/>. Acesso em: 22 jul. 2021 (adapt.)

Texto 3

A certidão de nascimento é o primeiro e o mais importante documento do cidadão. Com ele, a pessoa existe oficialmente para o Estado e a sociedade. Só de posse da certidão é possível retirar outros documentos civis, como a carteira de trabalho, a carteira de identidade, o título de eleitor e o Cadastro de Pessoa Física (CPF). Além disso, para matricular uma criança na escola e ter acesso a benefícios sociais, a apresentação do documento é obrigatória.

Disponível em: <http://www.senado.leg.br/>. Acesso em: 21 jul. 2021.



Disponível em: <https://www.ufrgs.br/humanista>. Acesso em: 26 jul. 2021 (adap.)

PROPOSTA DE REDAÇÃO

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema “invisibilidade e registro civil: garantia de acesso à cidadania no Brasil”, apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

Texto complementar

Ainda que faça referência à prova de 2014, o texto a seguir nos ajuda a refletir sobre a permanência dos problemas apresentados bem como as deficiências do processo escolar.

Redação: calcanhar de Aquiles do Enem

Última prova mostra queda no desempenho e aumento de notas zero

Redigir um texto dissertativo-argumentativo sobre a publicidade infantil no Brasil. Trazendo essa proposta, a prova de redação do último Exame Nacional do Ensino Médio, realizado em novembro de 2014, revelou-se o calcanhar de Aquiles de muitos estudantes brasileiros. Segundo balanço divulgado pelo Ministério da Educação, dos mais de 6 milhões de candidatos, 529 mil, ou 8,5%, tiraram nota zero na modalidade – um número cinco vezes maior que o do ano anterior. Além disso, a média geral na redação caiu quase 10% em relação a 2013.

Buscando uma justificativa para o baixo desempenho, mídia, professores e alunos apontaram, de saída, o tema da proposta de redação como o fator de complicação. Eles alegaram que a publicidade infantil não havia sido suficientemente debatida pela sociedade e, portanto, permanecia alheia à maioria dos jovens. De fato, dentre as redações que levaram nota zero, cerca de 250 mil foram anuladas por fugir ao tema ou desobedecer outros critérios da prova. “O maior fracasso de 2014 em relação a 2013 resulta de um agravante: o desconhecimento do tema específico cobrado na prova”, acredita Ieda de Oliveira, professora e pós-doutorada em Análise do Discurso pela Université de Paris XIII.

Para Maria das Dores Soares Maziero, professora universitária e membro do grupo de pesquisa Alfabetização, Leitura e Escrita, da Unicamp, entretanto, dizer que os alunos foram mal na redação porque não estavam preparados para falar sobre publicidade infantil é reduzir o problema. “O aluno não vive descolado da realidade, ele também é consumidor e sabe do apelo da publicidade. Quantas coisas não teve vontade de ter porque viu em uma propaganda?” Além disso, a professora defende que a coletânea de textos que acompanhava a proposta dava pistas suficientes para a produção de um texto adequado ao tema. “Um bom aluno é capaz de aprender o tempo todo, inclusive com a coletânea que está sendo dada na prova”, diz.

Na visão de Rogério Chociay, professor do Departamento de Teoria Linguística e Literária da Unesp de Rio Preto, a queda de 10% na média e o aumento dos zeros são, na verdade, esperados diante da evolução do exame. Nos últimos anos, o Enem refinou seus critérios de correção e tornou-se mais exigente. “Se antes algumas redações ou tentativas de textos eram aceitas e corrigidas, agora não são mais”, lembra o professor, que já integrou a comissão de redação do Enem. [...]

Ponta do iceberg

Algo com que todos os especialistas concordam é que a queda na média geral e o aumento de notas zero nas redações do Enem são apenas a ponta do *iceberg*. O problema mais profundo reside no fato de que, em grande parte das escolas públicas brasileiras, os alunos têm pouca oportunidade de escrever e, sobretudo, de ouvir um retorno sobre sua produção escrita. “O professor é mal remunerado e tem pouco tempo para fazer o básico, como preparar e dar aula, como é que vai dar redação para salas que chegam a ter 40 alunos? Como vai ter tempo para corrigir uma por uma?”, indaga Maria das Dores.

Devido a esta dificuldade, quando costumam dar algum tipo de produção textual, os docentes acabam se concentrando na correção dos aspectos mais superficiais, como erros de ortografia e pontuação. [...] Aspectos gramaticais, entretanto, estão longe de ser o principal problema dos textos. A dificuldade maior dos alunos que concluem o Ensino Médio está relacionada à habilidade de argumentar, associar dados e visões de mundo.

Pouca leitura, pouca prática de exercícios de produção de textos e baixo repertório cultural também contribuem para a diminuta qualidade média da produção textual dos brasileiros, aponta Ieda. Segundo a especialista, é preciso, por um lado, despertar no aluno o hábito e o prazer da leitura e, por outro, exercitá-lo nas técnicas de estruturação do texto e no domínio da língua. “Ler é condição indispensável para escrever, mas não é condição suficiente. Produzir textos com base apenas no modelo de autores experientes é como tocar um instrumento de ouvido, sem teoria musical. Além de ler, o aluno precisa também aprender técnicas de estruturação do texto e adquirir um conhecimento sólido da língua”, aconselha.

PAIVA, Thais. Redação: calcanhar de Aquiles do Enem. Carta Capital, 17 mar. 2015. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/redacao-o-calcanhar-de-aquiles-do-enem/>. Acesso em: 24 ago. 2022.

Quer saber mais?



Livro

Gramática, pra que te quero?, de Marcos Bagno. Curitiba: Aymara, 2010.

Esse livro pretende discutir a relação entre língua oral e língua escrita e a forma como os livros didáticos mais modernos ainda encaram a norma culta. O autor, linguista fortemente atuante no cenário político, foi, durante muitos anos, consultor do Inep.



Documentário

Escolarizando o mundo. Direção: Carol Black. 2010. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=6t_HN95-Urs. Acesso em: 30 jun. 2021.

O documentário traz uma reflexão a respeito do modelo escolar ocidental, provocando-nos a pensar sobre possíveis mudanças para aquilo que já não funciona mais.

Resumindo

Grades de correção II: Enem

A prova de redação do Enem objetiva discutir temas de relevância social, problematizando questões importantes para o crescimento do indivíduo como ser pensante e crítico.

Os critérios de avaliação do exame são claros e bem explicados, proporcionando maior transparência na correção.

Competências do Enem

Competência 1

Avalia o domínio da norma-padrão na escrita.

Competência 2

Apura se o aluno entendeu a proposta de redação e usou seu repertório para desenvolver o tema sem fugir da estrutura de um texto dissertativo-argumentativo.

Competência 3

Verifica a capacidade de formulação de argumentos do aluno.

Competência 4

Analisa os mecanismos linguísticos utilizados pelo aluno para a construção de sua argumentação.

Competência 5

Observa se a proposta de intervenção está de acordo com o desenvolvimento do texto e se respeita os direitos humanos.

FRETE ÚNICA

CAPÍTULO

28

Grades de correção III: gêneros textuais

Todo gênero textual pode ser exigido em uma prova; então, como saberemos de que maneira a avaliação de nossas produções será orientada? Em que podemos nos basear para escrevê-las?

Diferente das grades de correção já estudadas os critérios para a análise de textos de acordo com seus gêneros consideram outros fatores, como se observassem outra camada textual. Assim, podemos aliar o conhecimento desses aspectos a nossa prática de produção textual cotidiana para facilitar a adequação aos gêneros solicitados.

A avaliação por gêneros textuais

Cada exame tem por objetivo selecionar pessoas que apresentam perfis mais próximos do esperado para sua respectiva universidade. Instituições como Unicamp ou UFPR, entre outras, avaliam se, na produção de um texto, o candidato é capaz de dominar conteúdos e se expressar com clareza a respeito do que leu. Pela atuação na redação, presume-se algo sobre o desempenho acadêmico futuro de quem ingressa, por isso é inevitável que as dissertações sejam instrumentos políticos e ideológicos.

Alguns vestibulares optaram por um modelo de prova que envolve os mais variados gêneros discursivos ou textuais. Essa escolha de muitas das bancas visa à discussão da ideia de “bitola” (modelo pronto, programado, mecânico) que a dissertação pode carregar consigo. Por vezes, o estudo de redação se resume ao ensino de um “conjunto de estratégias”, e o aprendizado por meio de gêneros textuais busca eliminar a possibilidade de “fórmulas mágicas”.

Uma das principais consequências dessa mudança é a transformação no ensino de redação, que é repensado e movimentado, ou seja, passa a não existir uma acomodação das práticas escolares em torno do estudo da dissertação, buscando desestabilizar modelos pré-prontos. Portanto, abala-se a cultura da preparação, do treinamento, isto é, não se decora mais um método para um exame. Dessa forma, buscou-se um tipo de prova que fizesse o aluno assumir o papel de leitor e autor de textos – uma prova de leitura e escrita com base em gêneros textuais.

Os gêneros discursivos estão presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais e ainda são pouco explorados. Como já discutimos, gêneros textuais não são determinados previamente, mas construídos conforme as situações e moldados socialmente; são formas relativamente estáveis de enunciados, vistos em sua historicidade, e não como unidades convencionais ou modelos. Podem ser considerados gêneros discursivos: e-mail, carta, manifesto, convite, relatório, reportagem, editorial, resumo, entrevista, notícia, conto, poema, crônica, texto didático, panfleto, tabela, entre muitos outros.

Sendo avaliações de leitura e escrita, consideram-se todas as ferramentas de que o aluno dispõe para produzir as propostas solicitadas. Por exemplo: como selecionar elementos necessários nos textos motivadores da coletânea? Se se trata de um resumo, é importante que a escolha seja diferente da que seria feita para um texto argumentativo.

! Atenção

Em hipótese alguma deve haver cópia da coletânea, apenas apropriação de conteúdo e informação.

Sobre as propostas, as instruções das tarefas são balizadoras das escolhas linguísticas; assim, fazer a prova também é uma situação de interlocução real. A modalidade escrita, que varia no contexto, precisa adequar-se ao gênero, ajudando-o em sua constituição. Deve-se atentar, porém, à norma culta, que sempre será cobrada, sendo importante, então, incorporar a situação dada.

Uma possível grade de correção

É fundamental frisar que usaremos uma grade como base para avaliação, mas há outras possíveis. No entanto, todas as grades que avaliam gêneros textuais consideram os mesmos quesitos, ora com subdivisões diferentes, ora com pesos distintos entre os critérios.

Aqui, trabalharemos com uma grade que se subdivide em duas: a **grade específica**, que avalia se o candidato cumpriu **propósito, interlocução e gênero**; e a **grade holística**, que, como o próprio nome sugere, avalia o texto a partir de um olhar mais amplo, levando em conta aspectos como **clareza, coesão, coerência, norma culta e fluidez**.

Pensar textos em geral (inclusive a dissertação) por meio dos ensinamentos desses parâmetros pode auxiliar muito a melhora da escrita. Perguntas como “por que estou escrevendo?” e “quem sou eu enquanto escrevo?” garantem a lógica daquilo que produzimos e fazem com que o trabalho tenha um caminho mais claro.



Grade específica

Avalia o cumprimento dos seguintes critérios:

- propósito;
- gênero.
- interlocução;

Cada item pode ser pontuado com as notas 0 ou 1, isto é, há apenas duas possibilidades: ou o critério é obedecido ou não.

Essa grade pode variar de 0 a 3 pontos, influenciando diretamente a grade holística. Além disso, ela muda anualmente dependendo das propostas.

Caso o candidato zere essa etapa, o texto todo será automaticamente anulado.

Grade holística

Avalia os seguintes aspectos textuais:

- qualidade do que foi produzido;
- autoria;
- modalidade;
- coesão.

Diferentemente da grade específica, os elementos dessa grade são analisados como um todo. Dessa forma, sua pontuação pode variar de 0 a 5 pontos, apenas sendo possível notas com números inteiros. Além disso, não há mudança independentemente da proposta.

Grade específica (0 a 3)

Propósito (0 ou 1)

Realização de todas as tarefas solicitadas na proposta.

Interlocução (0 ou 1)

Identificação específica do emissor (imagem de si) e do receptor do texto (imagem do outro), de forma clara e coerente com o gênero e o contexto solicitados.

Gênero (0 ou 1)

Cumprimento do gênero adequado ao contexto proposto.

Grade Holística (0 a 5)

0

Produziu totalmente outro gênero, não apresentou interlocução, mas cumpriu o propósito, ainda que tenha apresentado uma leitura errada do texto-fonte (incoerência grave em relação ao conteúdo).

1

Produziu totalmente outro gênero, evidenciando leitura equivocada da proposta de redação, mesmo que tenha apresentado a interlocução adequada e cumprido o propósito; e/ou não foi capaz de produzir a interlocução adequada ao gênero e à proposta, e o propósito está plenamente superficial; e/ou não cumpriu o propósito e não formou bem o gênero e/ou a interlocução. A modalidade (linguagem e coesão) mal construída contribui para a não configuração de um ou dois itens da grade específica.

2

Produziu texto com falhas no cumprimento do gênero e da interlocução, mas atingiu um propósito adequado; e/ou produziu texto com pequenas falhas no cumprimento do gênero e/ou da interlocução e desenvolveu o conteúdo do propósito superficialmente devido a uma leitura mínima da proposta. A modalidade (linguagem e coesão) contribui para a superficialidade do texto e não permite avanço na construção de uma unidade.

3

Construiu o gênero e a interlocução segundo os parâmetros da proposta e produziu o propósito de forma apropriada, mas o aproveitamento dos textos-fonte poderia ter sido mais constante e profundo. A modalidade (linguagem e coesão) prejudica a construção de uma unidade.
Observação: para chegar a esta pontuação, o texto precisa ter sido avaliado com 3 pontos na grade específica.

4

Contemplou adequadamente o gênero e a interlocução. No propósito, já é possível perceber uma análise profunda dos textos-fonte, evidenciando uma leitura de qualidade da proposta. A modalidade (linguagem e coesão) permite pequenos desvios que não prejudicam a construção de uma unidade de texto.

5

Formou bem o gênero e a interlocução e soube aproveitar os textos-fonte, revelando sua autoria. Todos esses recursos costurados por uma modalidade (linguagem e coesão) apropriada indicam um bom projeto de texto.

! Atenção

A soma total das notas dessa grade é 8, e não 10.

Análise de redações

Para a análise de textos, tomaremos como base a proposta 1 da prova de redação da Unicamp 2016.

É interessante observar que a proposição da situação está bem delimitada para que o candidato interprete o personagem solicitado. Sem a entrega em relação à interlocução, ou seja, em relação a quem escreve e a quem lê, o texto pode ficar mecânico. Além disso, gênero e propósitos também são bem demarcados; então, para se sair bem, o candidato será obrigado a revisar os textos parecidos com os quais teve contato ao longo da vida. Portanto, preparar-se para provas que pedem gêneros textuais demanda leitura e observação das mais variadas plataformas.

Você é um estudante universitário que participará de um **concurso de resenhas**, promovido pelo Centro de Apoio ao Estudante (CAE), órgão que desenvolve atividades culturais em sua Faculdade. Esse concurso tem o objetivo de **estimular a leitura** de obras literárias e **ampliar o horizonte cultural** dos estudantes. A **resenha** será lida por uma **comissão julgadora** que deverá selecionar os dez melhores textos, a serem publicados. Você escolheu resenhar a fábula de La Fontaine transcrita abaixo. Em seu texto, você deverá incluir:

- uma síntese da fábula, indicando os seus elementos constitutivos;
- a construção de uma situação social análoga aos fatos narrados, que envolva um problema coletivo;
- um fechamento, estabelecendo relações com a temática do texto original.

Seu texto deverá ser escrito em **linguagem formal**, deverá indicar o **título da obra** e ser assinado com um **pseudônimo**.

A Deliberação Tomada pelos Ratos

Rodilardo, gato voraz,
aprontou entre os ratos tal matança,
que deu cabo de sua paz,
de tantos que matava e guardava na pança.
Os poucos que sobraram não se aventuravam
a sair dos buracos: mal se alimentavam.
Para eles, Rodilardo era mais que um gato:
era o próprio Satã, de fato.
Um dia em que, pelos telhados,
foi o galante namorar,
aproveitando a trégua, os ratos, assustados,
resolveram confabular
e discutir um modo de solucionar
esse grave problema. O **decano**, prudente,
definiu a questão: simples falta de aviso,
já que o gato chegava, **solerte**. Era urgente
amarrar-lhe ao pescoço um guizo,
concluiu o decano, rato de juízo.
Acharam a ideia excelente,
e aplaudiram seu autor. Restava, todavia,
um pequeno detalhe a ser solucionado:
quem prenderia o **guizo** – e qual se atreveria?
Um se esquivou, dizendo estar muito ocupado;
Outro alegou que andava um tanto destreinado
em dar laços e nós. E a bela ideia
teve triste final. Muita assembleia, ao fim nada decide – mesmo sendo de **frades**
ou de veneráveis **abades**...

Deliberar, deliberar...
conselheiros, existem vários;
mas quando é para executar,
onde estarão os voluntários?

FÁBULAS de La Fontaine. Tradução de Milton Amado e Eugênio Amado.
Belo Horizonte: Itatiaia, 2003. p. 134-136.

decano: o membro mais velho ou mais antigo de uma classe, assembleia, corporação etc.
solerte: engenhoso, esperto, sagaz, artiloso, arguto, astucioso.
guizo: pequena esfera de metal com bolinhas em seu interior que, quando sacudida, produz um som tilintante.
frade: indivíduo pertencente a ordem religiosa cujos membros seguem uma regra de vida e vivem separados do mundo secular.
abade: superior de ordem religiosa que dirige uma abadia.

COMVEST – Redações Comentadas Unicamp-2016. Disponível em: www.comvest.unicamp.br/vest_anteriores/2016/download/comentadas/F2_redacao.pdf. Acesso em: 30 jun. 2022.

Objetivos da proposta

Nesta proposta, foi solicitado ao candidato que, munido de uma fábula de La Fontaine, produzisse uma resenha que trouxesse em si não apenas uma síntese da fábula, mas também um contexto análogo à narrativa em questão. Por isso, seria fundamental que noções de metáfora, analogia e alegoria estivessem presentes, noções estas adquiridas ao longo dos anos de escolarização. Talvez, o maior desafio dessa proposta seja justamente encontrar essas relações de analogia na realidade. Há, entre as exigências, portanto, duas competências que também apareceram quando trabalhamos dissertação: a capacidade de perceber metáforas e a crítica social. Tudo aquilo que foi visto, então, pode ser reaproveitado desde que haja cuidado com a maneira como isso será feito, pois, caso o candidato produza um texto de forma dissertativa, pode desconfigurar o gênero.

Sobre o texto solicitado

Espera-se que o candidato se coloque no lugar de um sujeito interessado em participar de um concurso de resenhas dentro da universidade e que produza uma resenha da fábula de La Fontaine “A deliberação tomada pelos ratos”. Essa resenha deve incluir uma síntese da fábula e a apresentação de uma situação social análoga aos fatos narrados, envolvendo um problema coletivo. O candidato deve finalizar o texto estabelecendo relações com a temática do texto original. [...]

Espera-se que o candidato também produza um relato sobre uma situação social análoga à da fábula que envolva um problema coletivo. Este problema pode resultar de relações de poder marcadas por uma grande assimetria e, conseqüentemente, por ameaças de um grupo em relação a outro. [...]

No trecho destacado, é notória a importância do personagem para a composição da interlocução. Se não acreditarmos que somos o sujeito pedido pela proposta, as chances de conseguirmos desempenhá-lo são pequenas.

Há, também, neste parágrafo, uma explicação da interpretação esperada da fábula.

COMVEST – Redações Comentadas Unicamp-2016. Disponível em: www.comvest.unicamp.br/vest_anteriores/2016/download/comentadas/F2_redacao.pdf. Acesso em: 30 jun. 2022.

Exemplos de redações acima da média

Exemplo 1

A fábula “A Deliberação Tomada pelos Ratos”, escrita por La Fontaine, apresenta uma situação-problema desencadeada por um gato de nome Rodilardo que caça inúmeros ratos, matando-os e comendo-os. Os ratos, preocupados com sua situação, decidem se reunir para discutir e encontrar alguma solução. Assim, concluem que se houvesse um sinal para alertá-los da presença do felino, poderiam ter tempo para se esconder e salvar suas vidas, o que foi proposto pelo rato mais velho e experiente. Os demais concordaram, inclusive com a ideia de pendurar-lhe uma esfera de metal barulhenta no pescoço. Porém, nenhum dos ratos se comprometeu a fazê-lo, tornando a ideia infrutífera.

La Fontaine, com esta fábula, transmite a moral de que, embora seja importante deliberar os assuntos, é imprescindível executá-los. Situação semelhante ocorre quando uma comunidade enfrenta problemas com a segurança pública. Em um determinado bairro com alto índice de violência,

pouco adianta lastimar-se dos crimes ocorridos ou discutir soluções em uma rede social. Caso este alto índice de violência ocorra em razão da ausência de escolas ou atividades culturais, essa comunidade deverá se organizar e levar os fatos às autoridades competentes para que providenciem o necessário e, com a participação de todos, seja resolvido concretamente o problema.

O receio de eventuais retaliações pode levar essa comunidade a amedrontar-se, assim como os ratos da fábula. Para colocar o guizo no gato, ou seja, para efetivar uma transformação nesse bairro, é preciso sair da toca, enfrentar a questão e exigir os próprios direitos. No caso, um serviço de segurança e educação prestados adequadamente pelo Estado.

E. A.

COMVEST – Redações Comentadas Unicamp-2016. Disponível em: www.comvest.unicamp.br/vest_antiores/2016/download/comentadas/F2_redacao.pdf. Acesso em: 30 jun. 2022.

O texto foi produzido por um candidato que compreendeu plenamente o que foi solicitado pela proposta. Além de apresentar um excelente domínio da norma culta, o texto trabalha a ideia de analogia com bastante clareza. É possível perceber a desenvoltura do autor quando se notam semelhanças entre a fábula e as situações da realidade cotidiana: os problemas de segurança pública em uma comunidade. Há, portanto, a crítica esperada e a consciência textual necessária para a composição de uma resenha.

Exemplo 2

O grande terror de Rodilardo

Em fábulas, é recorrente o uso de animais como principais personagens de uma pequena história com um final de teor moralizante. A trama e o conflito têm como foco o núcleo central dos animais personificados e o seu universo, porém a situação vivida por eles é inevitavelmente transportada para a nossa realidade quando a lemos, para o universo humano e as relações sociais por nós vividas.

Na fábula de La Fontaine, “A deliberação tomada pelos ratos”, os ratos vivem sob o terror do gato Rodilardo, chegando a se assemelhar ao terror vivido na França durante o governo de Robespierre. Rodilardo, assumindo uma política do medo, matava os ratos que se atreviam a sair dos buracos das paredes

onde se escondiam. Os ratos, assim como diversos povos (além dos franceses) que viviam sob o controle de um Estado autoritário, opressor e violento, sentindo-se insatisfeitos e encurralados, discutem uma possível solução para a situação deplorável em que vivem.

Apesar de acreditarem terem chegado a um meio de melhorar significativamente suas vidas, os ratos, que são também o povo oprimido, voltam a um impasse: ninguém se dispõe a lutar e sofrer por um bem maior.

Quando deparados com o medo, os ratos, que buscavam soluções como leões, voltam ao seu tamanho inicial e à sua insignificância, e os homens, ao desistirem da luta, também voltam a ser ratos, em estado de menoridade e acomodados com uma situação abominável, porque, enfim, dá menos trabalho.

C. M.

COMVEST – Redações Comentadas Unicamp-2016. Disponível em: www.comvest.unicamp.br/vest_anteriores/2016/download/comentadas/F2_redacao.pdf. Acesso em: 30 jun. 2022.

Nessa redação, o autor também apresenta um texto que cumpre bem o que foi solicitado. Como podemos notar durante a leitura, a resenha se distingue da anterior única e exclusivamente porque opta por outra organização dos mesmos elementos da fábula, fazendo a relação análoga com questões políticas. É importante observar tais distinções para que tenhamos consciência de que a produção de textos diferentes em uma situação similar de comunicação pode desencadear formas diferenciadas, porém igualmente funcionais.



Exemplos de redação abaixo da média

Exemplo 1

Falta de execução

Para participar do concurso de resenhas, promovido pelo Centro de Apoio ao Estudante, que desenvolve atividade em minha faculdade, resolvi resenhar a fábula de La Fontaine, chamada “A Deliberação Tomada pelos Ratos”.

No início da fábula, um gato voraz é citado, cujo nome é Rodilardo. O felino causou a morte de vários ratos ao seu redor e os poucos que sobraram, mal aventuraram-se a sair do buraco, tamanho o medo dos roedores. Até que certo dia, num momento de distração de Rodilardo, os ratos conseguiram fazer uma reunião para solucionar a situação e ficou decidido um plano para deter o gato, todavia um grande detalhe ficou sem solução: Quem executaria o plano? E a assembleia terminou sem nada decidido.

A fábula constrói uma situação social, onde são realizadas inúmeras assembleias e poucas acabam solucionadas. Além de um problema grave que é a falta de voluntários para executar o que foi decidido, seja por não querer lidar com a situação ou por falta de preparo.

F. D.

COMVEST – Redações Comentadas Unicamp-2016. Disponível em: www.comvest.unicamp.br/vest_anteriores/2016/download/comentadas/F2_redacao.pdf. Acesso em: 30 jun. 2022.

O que caracteriza esse texto como abaixo da média é especialmente a dificuldade de encontrar a situação análoga exigida. Além disso, por se pautar quase que exclusivamente no enunciado da proposta, o candidato demonstra insegurança e produz uma redação que se distancia de uma resenha crítica e autoral.

Exemplo 2

La Fontaine atual

No mundo de hoje podemos analisar qualquer cenário em que esteja presente uma sociedade, onde um conjunto de indivíduos esteja em apuros devido a um problema.

Esse problema vai crescendo e se tornando maior e a sociedade antes acomodada passa a ficar preocupada e assutada, mediante as perdas e ao problema que está ocorrendo.

Um meio rápido para solucionar é se reunir e discutir para ver o que será feito. Então a melhor ideia é dita e todos apoiam. Porém ninguém ousa a se arriscar a tentar, por estar acomodado e com medo.

Portanto não adiantaria ter a solução sem a prática devido ao fato de que quando surge um problema, às vezes precisa ser tomado iniciativa rápidas e eficientes que possam ser a solução, mas nem sempre devido ao falta de iniciativa em fazer a prática se torna um novo problema.

COMVEST – Redações Comentadas Unicamp-2016. Disponível em: www.comvest.unicamp.br/vest_anteriores/2016/download/comentadas/F2_redacao.pdf. Acesso em: 30 jun. 2022.

Nessa redação, há um distanciamento muito grande do que foi solicitado. Sem que se organize em torno da ideia de resenha, o candidato recorre a aspectos muito pontuais da fábula sem elaborar as relações exigidas.

Gêneros mais solicitados em vestibulares

Entre as mais variadas provas que pedem um texto adequado a um contexto específico de produção, a maior parte delas escolhe textos mais próximos do cotidiano dos leitores de jornais para avaliar um candidato. **Artigos de opinião, cartas argumentativas, resenhas e editoriais** aparecem com bastante frequência. Muitas vezes, a situação de produção nem é tão detalhada, como vimos na Unicamp, então basta que tenhamos conhecimento mínimo a respeito da composição daquele gênero.

Para que isso seja feito com bastante cuidado e propriedade, podemos consultar os demais capítulos deste material e, munidos de um jornal (ou vários), procurar identificar os tipos textuais no corpo dos gêneros encontrados. Assim, temos mais chance de nos aproximarmos do candidato leitor e crítico que essas bancas esperam.

Saiba mais

Jean de La Fontaine foi um poeta e fabulista francês. Conhecido como o pai da fábula moderna, considerou o gênero como uma pintura em que podemos encontrar nosso próprio retrato. Escreveu “A Lebre e a Tartaruga”, “A Cegonha e a Raposa”, “A Raposa e as Uvas”, entre várias outras histórias.



Biblioteca Pública da Universidade de Neuchâtel, Suíça

FRENTE ÚNICA

Revisando

- Foram produzidos cinco textos a partir da proposta a seguir. Corrija-os, considerando os critérios discutidos neste capítulo.

Unicamp-SP Coloque-se na posição de um articulista que, ao fazer uma pesquisa sobre as recentes catástrofes ocorridas em função das chuvas que afetaram o Brasil a partir do final de 2009, encontra a crônica de Drummond, publicada em 1966, e decide dialogar com ela em um **artigo jornalístico opinativo** para uma série especial sobre cidades, publicada em revista de grande circulação. Nesse artigo você, necessariamente, deverá:

- relacionar três (3) problemas enfrentados recentemente pelas cidades brasileiras em função das chuvas com aqueles trabalhados na crônica;
- mostrar em que medida concorda com a visão do cronista sobre a questão.

Os dias escuros

Amanheceu um dia sem luz – mais um – e há um grande silêncio na rua. Chego à janela e não vejo as figuras habituais dos primeiros trabalhadores. A cidade, enopada de chuva, parece que desistiu de viver. Só a chuva mantém constante seu movimento entre monótono e nervoso. É hora de escrever, e não sinto a menor vontade de fazê-lo. Não que falte assunto. O assunto aí está, molhando, enopando os morros, as casas, as pistas, as pessoas, a alma de todos nós. Barracos que se desmancham como armações de baralho e, por baixo de seus restos, mortos, mortos, mortos. Sobreviventes mariscando na lama, à pesquisa de mortos e de pobres objetos amassados. Depósito de gente no chão das escolas, e toda essa gente precisando de colchão, roupa de corpo, comida, medicamento. O calhau solto que fez parar a adutora. Ruas que deixam de ser ruas, porque não dão mais passagem. Carros submersos, aviões e ônibus interestaduais paralisados, corrida a mercearias e supermercados como em dia de revolução. O desabamento que acaba de acontecer e os desabamentos programados para daqui a poucos instantes.

Este, o Rio que tenho diante dos olhos, e, se não saio à rua, nem por isso a imagem é menos ostensiva, pois a televisão traz para dentro de casa a variada pungência de seus horrores.

Sim, é admirável o esforço de todo mundo para enfrentar a calamidade e socorrer as vítimas, esforço que chega a ser perturbador pelo excesso de devotamento desprovido de técnica. Mas se não fosse essa mobilização espontânea do povo, determinada pelo sentimento humano, à revelia do governo incitando-o à ação, que seria desta cidade, tão rica de galas e bens supérfluos, e tão miserável em sua infraestrutura de submoradia, de subalimentação e de condições primitivas de trabalho? Mobilização que de certo modo supre o eterno despreparo, a clássica desarrumação das agências oficiais, fazendo surgir de improviso, entre a dor, o espanto e a surpresa, uma corrente de afeto solidário, participante, que procura abarcar todos os flagelados.

Chuva e remorso juntam-se nestas horas de pesadelo, a chuva matando e destruindo por um lado, e, por outro, denunciando velhos erros sociais e omissões urbanísticas; e remorso, por que escondê-lo? Pois deve existir um sentimento geral de culpa diante de cidade tão desprotegida de armadura assistencial, tão vazia de meios de defesa da existência humana, que temos o dever de implantar e entretanto não implantamos, enquanto a chuva cai e o bueiro entope e o rio enche e o barraco desaba e a morte se instala, abatendo-se de preferência sobre a mão de obra que dorme nos morros sob a ameaça contínua da natureza; a mão de obra de hoje, esses trabalhadores entregues a si mesmos, e suas crianças que nem tiveram tempo de crescer para cumprimento de um destino anônimo.

No dia escuro, de más notícias esvoaçando, com a esperança de milhões de seres posta num raio de sol que teima em não romper, não há alegria para a crônica, nem lhe resta outro sentido senão o triste registro da fragilidade imensa da rica, poderosa e martirizada cidade do Rio de Janeiro.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Correio da Manhã*, 14 jan. 1966.

Texto 1

O Rio de Janeiro dos poetas, das letras de bossa nova, do ideal de luxo tropical está bem distante da realidade descoberta pela temporada de chuvas do fim de 2009. Serve assim como metonímia da situação do Brasil como um todo. Mas o Rio de Janeiro de um cronista, mesmo que ainda poeta, fornece a melhor descrição da verdadeira situação da habitação brasileira e os serviços públicos relativos à sua manutenção.

Na sua terrivelmente atual crônica de 1966, Carlos Drummond de Andrade mostra o cenário que todos observamos pelo Brasil. A terrível destruição desoladora de “Os Dias Escuros” se projeta pela contemporaneidade de muitas cidades brasileiras. A precariedade que justifica o termo “ocupação” ao invés de “habitação” na referência aos “barracos que desmancham como armações de baralho” é perturbadora, e a causa prática da devastação enfrentada pela população aparentemente invisível ao olhar do governo, que pouco faz para dignificar suas condições. Assim o povo sofre a calamidade tripla: um governo ineficiente; condições de vida infortúnias, e a força da natureza.

O “raio de sol que teima em não romper”, o auxílio da população melhor posicionada e a mobilização de recursos improvisados, pode fornecer um ponto de luz no tema da crônica e na realidade, mas é de fato uma assistência que não deveria ser necessária. O governo que tarda em agir (pois a situação exige projetos de habitação em larga escala) já proporcionou comentários suficientes. Que sua falta de ação seja revertida antes que seja necessária outra publicação que se refira à mesma catástrofe, daqui a mais quarenta anos.

COMVEST – Redações Comentadas Unicamp-2016. Disponível em: www.comvest.unicamp.br/vest_antiores/2011/download/comentadas/redacao.pdf. Acesso em: 17 jul. 2016.

Texto 2

No fim de 2009, diversas cidades brasileiras enfrentaram problemas devido às fortes e frequentes chuvas. Para muitas famílias, foi um período de “dias escuros”, tal como o nome da crônica de Drummond. Na mesma, o cronista relata a perda de muitas famílias devido a desabamentos de casas e tantos mortos soterrados. Lendo tal texto, não é difícil recordar dos acontecimentos recentes de Angra dos Reis, a imagem de barracos e pousadas vindo à baixo repetiu-se inúmeras vezes nos telejornais.

Drummond escreve de uma cidade “ensopada de chuva” e rios enchendo que poderia muito bem ter acontecido no ano passado, quando, por exemplo, cidades históricas do interior paulista foram destruídas pela enchente, e não há mais de 40 anos.

Há ainda o despreparo do governo para ajudar tantos desabrigados. Um fato atual ou ainda estamos falando da crônica? Não há como separar.

Mesmo anos atrás, o escritor nos apontou problemas de nossa sociedade que acabaram acarretando desgraças. Ele nos falou dos problemas de estruturas e submoradias, falta de condições sanitárias e todas as outras críticas que ouvimos especialistas relatarem há poucos meses como causa dos recentes desastres.

Nada foi feito naquela época e os problemas persistiram até os dias de hoje, “o eterno despreparo”. E enquanto nenhuma medida é tomada afim de não se repetir as mesmas desgraças, ficamos como Drummond, tomados pelo remorso e sentimento de culpa por não ter sido feito nada para impedir algo que já era previsto.

COMVEST – Redações Comentadas Unicamp-2016. Disponível em: www.comvest.unicamp.br/vest_antiores/2011/download/comentadas/redacao.pdf. Acesso em: 17 jul. 2016.

Texto 3

Todos dizem que o Brasil é um bom país para se morar, pois não temos que enfrentar grandes catástrofes naturais como a ação de vulcões e terremotos. Porém a falta de planejamento na construção civil e a ocupação ilegal (principalmente nas encostas dos morros) fazem com que a chuva se torne algo preocupante.

Basta a água começar a cair que logo nos preocupamos com possíveis desastres como enchentes, moradias que desabam por falta de estrutura e a terra que desliza dos barrancos de encostas de morros, colocando a vida de pessoas em perigo, em razão da ocupação ilegal. Isso tudo sem contar o trânsito que se torna um verdadeiro caos.

A crônica define bem o drama das pessoas e colocou muito bem o fato do Governo estar despreparado para tais acontecimentos. Além disso, pode-se notar também a falta de consideração das autoridades, que parecem fechar os olhos para esses problemas.

A crônica destacou também as pessoas que tentam ajudar (mesmo sem preparo) e como o povo brasileiro se mostra corajoso e solidário nessas horas. Porém as vezes as mídias exaltam demais a bravura do povo (o que é justo) e acabam esquecendo da incompetência do Governo.

COMVEST – Redações Comentadas Unicamp-2016. Disponível em: www.comvest.unicamp.br/vest_antiores/2011/download/comentadas/redacao.pdf. Acesso em: 17 jul. 2016.

Texto 4

Do caos à segurança.

Angra dos Reis, cidade do Rio de Janeiro, cidade de São Paulo, Alagoas, estes foram alguns dos protagonistas de grandes catástrofes ambientais ocasionadas pela chuva e intensificadas pela ação antrópica a partir do final de 2009.

O intenso desenvolvimento e crescimento urbano traz consigo muitas ações contra o meio-ambiente: a impermeabilização do solo e o acúmulo de lixo em lugares inadequados. Com isso, a água da chuva intope os bueiros, aumenta o nível da água do rio, acarretando enchentes, inundações e intensa proliferação de doenças como o surto de leptospirose e diarreia.

Alem disso, com a expansão das cidades, as favelas se dirigem para a periferia se instalando muitas vezes nas encostas dos morros, que é super instável e tem grandes chances de desabar a qualquer momento.

Quando essas catástrofes ambientais acontecem, o caos se instala. Milhares de pessoas perdem sua moradia, entes queridos e vão se alojar em escolas, ginásios totalmente desamparados e sem o mínimo necessário de infraestrutura e saneamento básico adequado. O trânsito, o congestionamento, ruas alagadas; o desespero se alastra por toda a cidade e meios de comunicação.

É nesse momento que assistiu-se a um governo ausente de suas obrigações para com a sociedade, a uma infraestrutura primitiva, a um despreparo total das organizações oficiais. Mas é no meio do caos que emerge um sentimento humanitário, como o da Associação Médicos Sem Fronteira que atua de forma brilhante no Estado de Alagoas.

Assim, cabe ao cidadão se conscientizar de suas ações em relação ao meio ambiente, ao governo investir com urgência em projetos viáveis para melhorar as favelas, o destino do lixo e minimizar os efeitos das enchentes, para que dessa forma possa emergir entre a população alem de um sentimento humanitário um sentimento de segurança e proteção.

COMVEST – Redações Comentadas Unicamp-2016. Disponível em: www.comvest.unicamp.br/vest_antiores/2011/download/comentadas/redacao.pdf. Acesso em: 17 jul. 2016.

Texto 5

Podemos observar que hoje, um dos grandes problemas que as cidades enfrentam é a questão dos desastres provocados pelas chuvas. Em 1966, Carlos Drummond de Andrade publicou uma crônica que já relatava este fato.

Carlos Drummond de Andrade, nos diga sobre o problema de moradia, que se agravava muito com a chuva.

Carlos: Barracos que se desmanchavam como armações de baralho e, por baixo de seus restos mortos, mortos, mortos.

O que você diria sobre os problemas sociais?

Carlos: Chuva e remorso se juntam nessa hora, a chuva matando e destruindo por um lado e denunciando velhos erros sociais e omissões hurbanísticas.

Realmente é um problema muito sério, não tendo como não concordar plenamente com seu ponto de vista.

Carlos: Pois deve existir um sentimento geral de culpa diante de cidades tão desprotegidas de armadura assistencial, tão vazia de meios de defesa da existência humana.

COMVEST – Redações Comentadas Unicamp-2016. Disponível em: www.comvest.unicamp.br/vest_antiores/2011/download/comentadas/redacao.pdf. Acesso em: 17 jul. 2016.

Redação proposta

- **UEG-GO 2016** Neste momento de crise no País, é cada vez mais frequente a impressão de que as pessoas estão insatisfeitas com a realidade. Entretanto, parece que para muitos a vida segue alegre e sem problemas. A esse respeito, leia a coletânea a seguir.

Texto 1

Precisamos de clareza nas ideias, coragem nos desafios, informação e vontade, e do alimento dos afetos bons. Num livro interessante alguém verbaliza velhas coisas que a gente só adivinhava; um filme pode nos lembrar da generosidade humana; uma conversa pode nos tirar as escamas dos olhos. Estar informado e atento é o melhor jeito de ajudar a construir a sociedade que queremos, ainda que sem ações espetaculares. Mas, se somos desinformados, somos vulneráveis; se continuarmos alienados, bancaremos os tolos; sendo fúteis cavamos a própria cova; alegremente ignorantes podemos estar assinando a nossa sentença de atraso, vestindo a mordaça, assumindo a camisa de força que, informados, não aceitaríamos.

LUFT, Lia. Alegres e ignorantes. Veja. 3 mar. 2010.

Texto 2

Responda “sim” ou “não”:
o Brasil é um país corrupto?

Aí depende, né?
quem tá ganhando é o “sim” ou “não”?



ALVES, Aline et al. *A influência da mídia no comportamento humano*. Acesso em: 9 set. 2015.

Texto 3

Tenho um colega de trabalho que só vive feliz. E não importa se está fazendo frio, calor, se o Vasco ganhou ou se o Flamengo perdeu. Nada disso importa. Ele está sempre feliz. Sempre. Mas mal sabe ler o pobre. Sério que digo pobre não com aquele ar de superioridade e sarcasmo que normalmente vem acompanhando essa expressão. Digo com um ar de compaixão, mas também de inveja. Esse meu amigo, por exemplo, tudo bem que está excluído de tantas coisas legais, tantos mistérios que só são revelados quando lemos, quando nos debruçamos em certas teorias e nos esforçamos para entendê-las e contextualizá-las. Está excluído de um mundo que eu nem me imagino sem. Aliás, que nós, que gostamos de Neruda, entendemos os questionamentos de Freud e somos surpreendidos com as obras de Picasso não nos imaginamos sem. Ele não se importa se o dólar caiu ou subiu, ou se a qualquer momento o mundo pode mergulhar em um colapso econômico. Mas mesmo assim é feliz. Olho para ele e tento, pergunto quais são suas expectativas, seus sonhos. E simplesmente constato: não há expectativas. Não há idealizações, não há um futuro que o “surpreenderá” pela beleza e pelo recolhimento das sementes plantadas no hoje. E assim ele vive, um dia depois do outro.

ARAÚJO, Magno Paulo. Disponível em: www.viverembrasil.com.br/o-ignorantes-sao-mais-felizes-pormagno-paulo/. Acesso em: 2 set. 2015.

Texto 4

A ignorância é Felicidade! Frase aparentemente inocente e desprezível, mas que está cheia de significados e implicações filosóficas. Ela aparece no filme *Matrix*, numa importante discussão acerca da verdade. Parece supor alguém que conhece os dois lados da moeda: a ignorância e o conhecimento. Alguém que trilhou caminhos bem definidos para alcançar o alvo-conhecimento e, agora, olhando para trás, chega à conclusão que era mais feliz no tempo da ignorância. “Melhor tivesse ficado sem conhecer a verdade, na ignorância”, chega-se a afirmar. De fato, conhecer, muitas vezes, é atormentador.

“A ignorância é felicidade”. Disponível em: <http://filosofiacalvinista.blogspot.com.br/2012/05/ignorancia-e-felicidade.html>. Acesso em: 2 set. 2015.

Texto 5

O mundo foi feito para pessoas ignorantes. Se você um dia tentar quebrar esse ciclo com arrogância e soberba apenas irá se igualar a quem tanto te ignora; se você quiser quebrar esse ciclo com educação e cultura estará agindo como um extraterrestre perdido em sua órbita; se tentar com amor e compaixão será decepcionado muito facilmente; se for com confiança, será traído o mais breve possível; porque como eu disse, o mundo foi feito para pessoas ignorantes, e fugir dele é a mesma coisa que fazer parte do próprio. [...] Não dê valor ao seu dinheiro, ele é o único meio pelo qual você dá importância no final do mês. Políticos continuarão a roubar, os preços continuarão a subir, e pessoas continuarão a se matar. Entenda que essa é a nossa reação em cadeia e não há amizade que dure. Você sentirá saudade de quando era jovem, sentirá falta de sua força física, dos amigos da faculdade, dos amigos de trabalho, dos seus filhos quando eram pequenos, sentirá falta do seu pai, e vai compreender que a dor voltará sempre, dia após dia. Porque nós somos todos ignorantes, e ignorantes não sabem tomar atitudes na hora certa, no momento certo e na ocasião certa. Nós todos erramos. Mas não se ofenda com o termo ignorância, pois muitos dos ignorantes nem sabem que são.

IGLESIAS, Luan. Disponível em: <http://culturalizese.tumblr.com/page/6>. Acesso em: 9 set. 2015.

Texto 6

Todo campo de visão pessoal é sempre limitado. A consciência iletrada não é menos rica em conteúdo do que a presunçosa que julga ver mais longe. Não é pelo diâmetro do horizonte intelectual que se deve achar o grau de representatividade da consciência da realidade nacional. A definição desse grau terá que ser baseada na maneira como a consciência representa os fatores que a condicionam, ou seja, na menor ou maior clareza com que inclui na conceituação de um fato objetivo, a percepção simultânea das condições e influências que a determinam nesse ato a proceder como procede. As ideias da comunidade, as categorias da consciência crítica da realidade são determinadas por essa mesma realidade. São induzidas empiricamente da objetividade do real e procedem do processo econômico-social. A consciência da realidade consiste na representação possuída pelo indivíduo em comunidade.

AGUIAR, Geraldo Medeiros de. Apontamentos sobre “Consciência e Realidade Nacional” de Álvaro Vieira Pinto. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/gmaguiar/apontamentos-sobre-consciencia-e-realidade-nacional>. Acesso em: 16 set. 2015.

Com base na leitura da coletânea, [...] discuta a questão-tema a seguir: **Neste momento de crise, qual é o melhor caminho: ser inconsciente e feliz ou consciente e insatisfeito?**

Carta argumentativa

A **carta de leitor** é um gênero textual, comumente argumentativo, que circula em jornais e revistas. Seu objetivo é emitir um parecer de leitor sobre matérias e opiniões diversas publicadas nesses meios de comunicação.

Considerando a definição desse gênero textual, a leitura da coletânea e, ainda, suas experiências pessoais, escreva uma carta de leitor a um jornal ou revista de circulação nacional, emitindo seu ponto de vista – contrário, favorável ou outro que transcenda esses posicionamentos – a respeito da situação exposta no **Texto 1** da coletânea.

Observação: Ao concluir sua carta, **não** a assine; subscreva-a com a expressão **um(a) leitor(a)**.

Texto complementar

A Comvest, órgão que cuida da elaboração da prova da Unicamp, é, atualmente, reconhecida como uma das bancas que mais dialoga com o frescor das pesquisas acadêmicas sobre ensino de texto. Em seu *site*, existe o cuidado de apresentar, todos os anos, os detalhes da elaboração da prova, o que acaba funcionando como um objeto de vanguarda no mundo dos vestibulares. Por isso, ler um pouco sobre sua filosofia pode ser instigante, ajudando a compreender a função desse tipo de prova no processo escolar e reproduzir o que é pedido em qualquer outro vestibular.

Confira o texto a seguir.

A prova de redação da Unicamp pauta-se em alguns princípios essenciais: solicitar a escrita a partir de uma situação específica de comunicação verbal, com subsídio de textos-fonte, configurando um gênero de texto específico. Isso implica situar a produção escrita quanto ao gênero, aos interlocutores, ao propósito a que se deve atender, à forma de circulação do texto. Esses princípios estão explicitados em documentos oficiais que orientam e regulam o ensino de Língua Portuguesa no Brasil, tais como as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM, 2006) e os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua (PCN, 1997).

A proposta curricular desses documentos estabelece, entre outras premissas, que o trabalho de escrita deve estar baseado em uma concepção de língua como (inter)ação e na diversidade de gêneros do discurso, o que implica considerar os aspectos inerentes a qualquer tipo de interação verbal: quem são os interlocutores, quais as finalidades da interação, qual o gênero etc.

Levando em consideração tais princípios, os candidatos inscritos no vestibular Unicamp são, a cada ano, expostos a demandas variadas de uso da linguagem, uma vez que os próprios gêneros, interlocutores e temas variam.

Dessa forma, são desafiados a mobilizar conhecimentos e estratégias distintas, a fim de cumprir o solicitado nas duas propostas da prova. A temática, antes de ser o ponto de partida da produção, como ocorre nas “redações sobre o tema X”, emerge desses parâmetros da situação apresentada no enunciado.

A avaliação por meio da produção de determinados gêneros discursivos é importante porque possibilita aos candidatos o uso estratégico de seus conhecimentos sobre a linguagem e sobre as restrições que os gêneros impõem. O trabalho com os gêneros permite que os candidatos não fiquem presos a modelos de texto preestabelecidos, mas que mobilizem seus conhecimentos na elaboração de uma tarefa específica e detalhadamente orientada, tal como acontece nas práticas cotidianas de uso da escrita. Um exemplo disso é a proposta de elaboração de um gênero como a resenha de um outro texto. Dependendo do propósito comunicativo, do tipo de interlocutor que é definido e dos textos-fonte, a resenha pode atender a diferentes objetivos, possibilitando que a execução da tarefa ocorra de forma flexível e adaptada ao contexto de produção previsto no enunciado. Uma resenha de um texto literário ou uma resenha de uma obra filmográfica compartilham certas características formais, mas se distanciam em termos de seu propósito mais específico. É possível dizer que em ambas o principal objetivo é apresentar, de forma acurada e crítica, um determinado produto cultural a um determinado público. Para tanto, será mobilizada uma série de recursos linguísticos e de recursos textuais de natureza expositiva e argumentativa com o objetivo de concretizar a apresentação do produto cultural. Nesse sentido, ambas apresentam características discursivas comuns, mas não se estruturarão da mesma forma.

Desse modo, a semelhança de gêneros não significa que os candidatos não sejam desafiados sempre da mesma maneira e possam, indistintamente, aplicar conhecimentos sobre um “modelo” do que é denominado resenha. O treinamento exaustivo de modelos de gênero termina por deixar em segundo plano a reflexão fundamental sobre uma série de aspectos na escrita do candidato, tais como:

1. o modo como o locutor (aquele que escreve, no caso) e o interlocutor (aquele a quem se destina o texto escrito) estão representados na linguagem do texto;
2. a pertinência do registro de linguagem adotado (formal, semiformal, informal) na escolha das palavras e expressões;
3. o modo como o tema das obras é abordado;
4. as estratégias de argumentação adotadas;
5. o uso da norma-padrão e das formas de organização textual que atenderão aos tópicos anteriores (estrutura das sentenças, elementos de coesão etc.).

A avaliação dos aspectos mencionados depende dos parâmetros da situação de escrita, ou seja, dos interlocutores pressupostos, do propósito da produção e dos textos-fonte oferecidos. Nesse sentido é que a redação solicitada no Vestibular Unicamp deve ser vista como a reprodução de uma prática situada de escrita e não como mero exercício de redação.

Universidade Estadual de Campinas; Comissão Permanente para os Vestibulares. 2ª fase: redação. 2016. Disponível em: https://www.comvest.unicamp.br/vest_antiores/2016/download/comentadas/F2_redacao.pdf. Acesso em: 30 jun. 2022.

Quer saber mais?



Vídeo

Sempre um papo com Lya Luft. Canal **Sempre um papo**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BUMLrf0PEvA>. Acesso em: 30 jun. 2022.

Nesse programa, Lya Luft fala do lançamento do seu novo livro e também divaga sobre questões filosóficas.

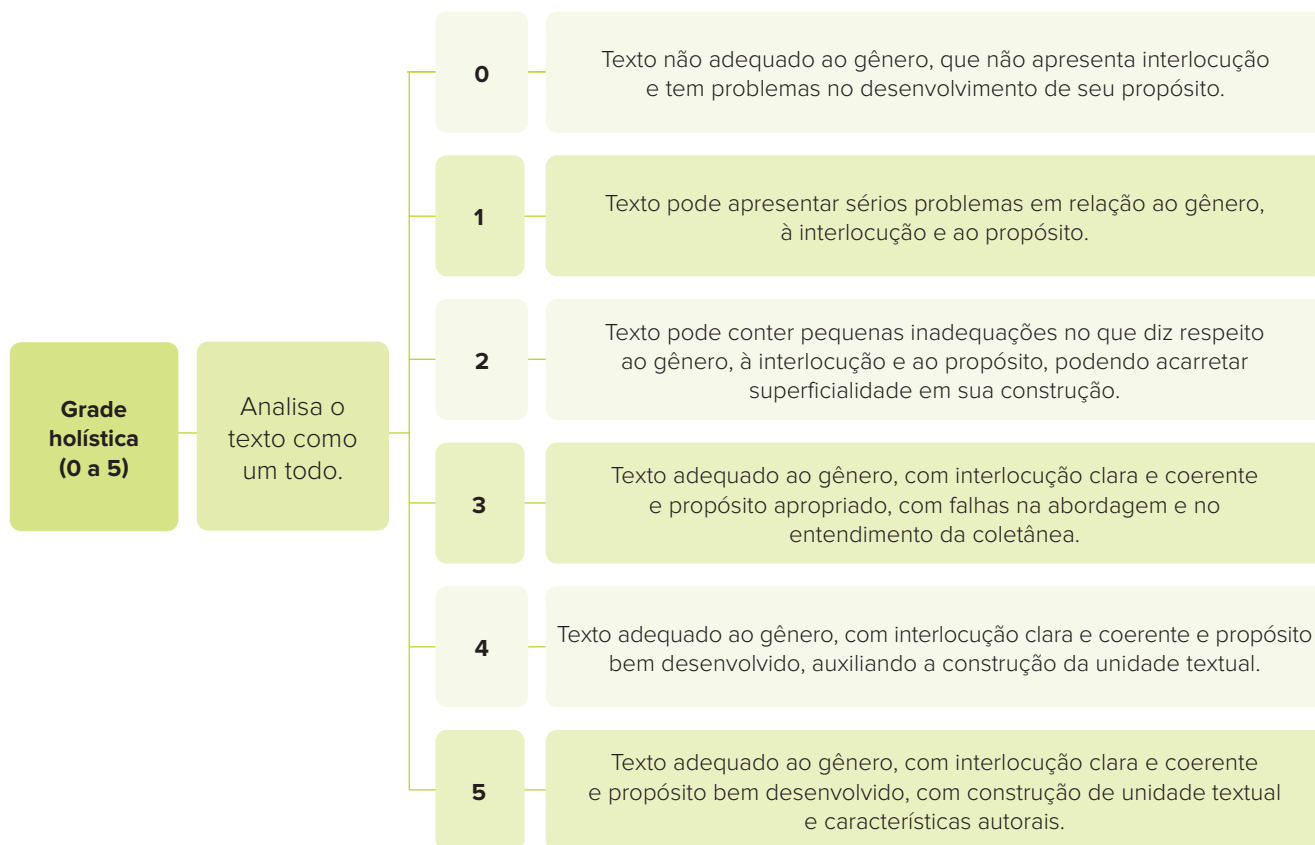
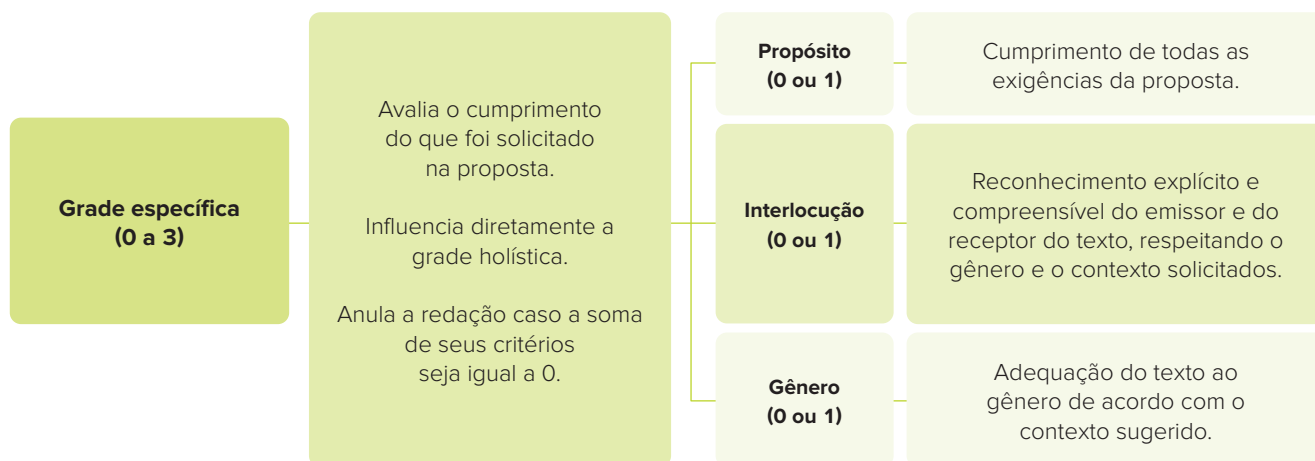


Filme

O fabuloso destino de Amélie Poulain. Direção: **Jean-Pierre Jeunet**. 2001. Classificação indicativa: **14 anos**.

Nesse filme, a protagonista nos leva a divagar sobre acontecimentos cotidianos e sobre a felicidade que pode estar presente nas situações mais simples.

Resumindo



FRENTE ÚNICA

CAPÍTULO

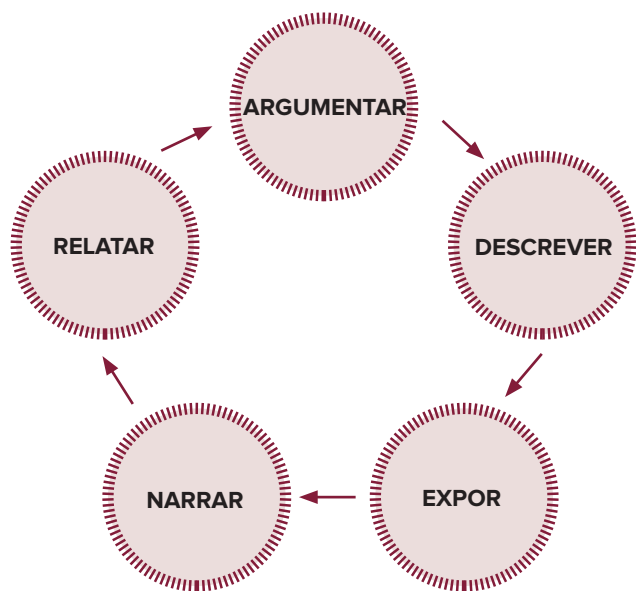
29

Revisão I

É hora de rever os principais conceitos estudados ao longo do nosso percurso de aprendizagem. Neste e nos próximos capítulos, repassaremos os conteúdos mais relevantes; portanto, o momento é de atenção e foco para o trabalho final. As anotações feitas no decorrer dos estudos também são um ótimo complemento.

Tipos e gêneros textuais

Já vimos que os **tipos textuais** são as peças que formam os textos que conhecemos. Eles podem ter algumas funções:



Com o uso dos **tipos**, podemos compor os **gêneros textuais**, que, geralmente, aparecem de forma híbrida. Por exemplo, a dissertação pedida nos exames tem uma base argumentativa, mas comporta outros tipos que podem auxiliar a sustentação do seu objetivo central, que é **argumentar**.

Usaremos a proposta de redação da Universidade Federal do Paraná para entender como isso funciona, mas esse não é o único exemplo possível. Encontraremos, provavelmente, outros exames com essa característica.

Nem tudo o que é exigido nessa prova pode prontamente ser designado como gênero, pois este tem um contexto, uma simulação de situação real de interlocução e, às vezes, o que se pretende saber é apenas se o aluno é capaz de construir textos híbridos com instruções simples.

Podemos notar que alguns dos textos pedidos são, inclusive, muito próximos da dissertação, ou seja, seremos levados a exercitar um pouco de tudo o que aprendemos.

Análise da prova

1. **UFPR 2017** Considere o seguinte texto:

Uma janela para o mundo

Escrever é um ato não natural. Como observou Charles Darwin, “o homem tem uma tendência instintiva para falar, basta ver o balbúcio de nossas crianças pequenas, ao passo que criança alguma tem tendência instintiva para cozinhar, preparar infusões ou escrever”. A palavra falada é mais velha do que nossa espécie, e o instinto para a linguagem permite que as crianças engatem em conversas articuladas anos antes de entrar numa escola. Mas a palavra escrita é uma invenção recente que não deixou marcas em nosso genoma e precisa ser adquirida mediante esforço ao longo da infância e depois.

A fala e a escrita diferem em seus mecanismos, é claro, e essa é uma das razões pelas quais as crianças precisam lutar com a escrita: reproduzir os sons da língua com um lápis ou com o teclado requer prática. Mas a fala e a escrita diferem também de outra maneira, o que faz da aquisição da escrita um desafio para toda uma vida, mesmo depois que seu funcionamento foi dominado. Falar e escrever envolvem tipos diferentes de relacionamentos humanos, e somente o que diz respeito à fala nos chega naturalmente. A conversação falada é instintiva porque a interação social é instintiva: falamos às pessoas “com quem temos diálogo”. Quando começamos um diálogo com nossos interlocutores, temos uma suposição de que já sabem e do que poderiam estar interessados em aprender, e durante a conversa monitoramos seus olhares, expressões faciais e atitudes. Se eles precisam de esclarecimentos, ou não conseguem aceitar uma afirmação, ou têm algo a acrescentar, podem interromper ou replicar.

Não gozamos dessa troca de *feedback* quando lançamos ao vento um texto.

Os destinatários são invisíveis e imperscrutáveis, e temos que chegar até eles sem conhecê-los bem ou sem ver suas reações. No momento em que escrevemos, o leitor existe somente em nossa imaginação. Escrever é, antes de tudo, um ato de fazer de conta. Temos que nos imaginar em algum tipo de conversa, ou correspondência, ou discurso, ou solilóquio, e colocar palavras na boca do pequeno avatar que nos representa nesse mundo simulado. [...]

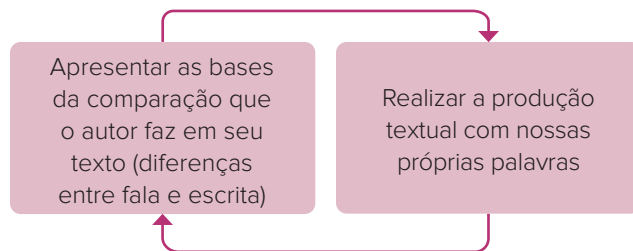
PINKER, Steven. *Guia de escrita: como conceber um texto com clareza, precisão e elegância*. São Paulo: Contexto, 2016. p. 41-42.

- Elabore um resumo desse texto, escrevendo entre 10 e 15 linhas e respeitando as características do gênero textual.
- Apresente as bases da comparação que o autor faz.
- Escreva com suas próprias palavras, sem copiar trechos do texto.

A estrutura dessa prova é composta de cinco propostas, cada uma pedindo pequenos textos (de 10 a 15 linhas) que exigem leitura e escrita atentas. Nesse caso, o que se pede é um **resumo**, um texto que traz as informações mais relevantes do texto-base, mas em uma extensão menor.

Resumos são textos que, muitas vezes, foram sugeridos ao longo de nosso processo escolar. Fizemos resumos das matérias, respondemos a questões em provas com resumos do que sabíamos ou apresentamos aos colegas trabalhos com ideias complexas resumidas. O objetivo de um resumo é sempre o mesmo, e o principal tipo que será tratado é o **expositivo**, porque vamos apenas expor aquilo que é característica do texto-base.

Para produzir um resumo, há outras duas exigências a que devemos atentar:



Ao longo de nossos estudos, ressaltamos várias vezes a impossibilidade de cópia de qualquer coletânea. Afinal, isso também será avaliado.

Dúvidas como “eu preciso citar o texto-base no começo?” podem ser respondidas por nós mesmos, ao inserirmos essa questão em nossa realidade:

Se fosse o resumo de uma matéria a ser emprestado para um colega, seria necessário citar de que texto se trata?

Provavelmente sim. É com esse tipo de recurso que seremos capazes de produzir o melhor texto possível.

2. Considere o seguinte texto:

Esquerda, Direita ou Centro?

Vivemos, no Brasil de hoje, um momento curioso em que todos, de repente, resolveram politizar-se. Até pouco tempo atrás, vigorava um senso comum de que não valeria a pena discutir a respeito de política, porque, afinal de contas, políticos são todos corruptos. Opinião política era considerada uma coisa tão pessoal, que não era de bom tom perguntar a respeito disso a ninguém, assim como não se perguntaria quanto uma pessoa ganha ou qual seria a sua fé (ou ao menos assim ditavam os bons costumes). Agora, em especial no que concerne à política, já não me parece que as coisas são assim. Um maior acesso à informação, aliado à abertura de um novo canal de diálogo nas redes sociais, tem feito com que as pessoas passem mais frequentemente a dar voz às suas opiniões, entrando, por isso mesmo, muitas vezes em confronto com conhecidos e familiares. Nisso, há um agravante: justamente por não termos prática de debater a respeito de política, há uma enorme confusão de conceitos dentro do que hoje constitui o diálogo político médio no Brasil, o que em nada ajuda a mitigar a situação de confronto.

É notório que tenha havido, recentemente, um crescimento no número de pessoas que se identificam como de direita (sabendo bem o que é isso ou não). Esse crescimento tem ocorrido não sem um enorme esforço de desinformar essas mesmas pessoas a respeito do que é ser de esquerda e, por extensão, também a respeito do que é ser de direita. Reitero o caráter pessoal deste texto por um motivo simples: não há uma única acepção possível do que é ser de esquerda ou ser de direita. Isso ocorre evidentemente porque existe um espectro de possibilidades entre o máximo da esquerda e o máximo da direita.

Dentro de uma sociedade humana organizada, a vida política envolve questões atuantes em dois eixos, o econômico e o social, que caracterizam, mediante leis (da parte do governo) e costumes (da parte da sociedade), a existência humana em comum. Cada um desses eixos abrange uma pluralidade de questões, as quais, por vezes, têm participação em ambos os eixos simultaneamente.

Há, basicamente, dois tipos de indivíduo no centro: os que têm de fato uma postura comedida e apregoam um posicionamento moderado em todas as questões; e aqueles que simplesmente têm um posicionamento misto, sem fortes inclinações nem para um lado nem para o outro. Alguns talvez não tenham interesse em política; outros podem estar indiferentes

com a situação atual, sem grandes intenções de mudá-la nem de perpetuá-la; outros ainda podem apenas ser cautelosos e acreditar que é preciso moderação para abordar questões complexas e polêmicas. A partir da definição do que é ser de centro, podemos tentar identificar o que poderia significar ser de esquerda e ser de direita, ao menos em uma definição inicial, por mais insuficiente que ela possa ser para um diálogo mais aprofundado.

Não é difícil ver que essas posições extremas são perigosíssimas. Entretanto, certamente há ocasiões em que ambas têm seu valor: em uma situação de extrema injustiça e ausência de qualquer outra solução, é compreensível que pessoas adotem uma posição revolucionária, da mesma forma como é compreensível que, em uma situação de extremo contentamento geral, pessoas estejam prontas para impedir, até por meios violentos, que se estrague o bom funcionamento da sociedade. O grande perigo reside no erro de diagnose, tanto de se fazer a revolução quando ela não é necessária como de se defender a manutenção de uma situação injusta.

Mais do que isso: há enorme perigo em não perceber que essas posições extremas não são o único caminho para se orientar a sociedade mais para a esquerda ou mais para a direita, isto é, operando mudanças sociais a fim de buscar melhorias para a qualidade de vida da maioria (movimento à esquerda) ou focando em coibir mudanças sociais a fim de preservar o funcionamento atual da sociedade (movimento à direita). Há que se notar ainda que os dois movimentos podem ser feitos ao mesmo tempo, para áreas diferentes de nossa sociedade, preservando as leis e tradições que são frutuosas, mas dando espaço para mudanças nos pontos em que elas são necessárias.

Quando digo vida política, claro, não me refiro apenas à política como o exercício de cargos governamentais; refiro-me à vida do ser humano como organismo político, isto é, um organismo partícipe de uma πόλις (pólis), ou seja, um πολίτης (polítês), um membro de uma sociedade humana organizada.

Por democracia próspera e saudável, defino uma sociedade não perfeita, mas em que há o bastante para todos de forma mais ou menos semelhante, a ponto de não haver necessidade de uma revolução, mas, ao mesmo tempo, a ponto de ainda haver (como talvez sempre haja) questões sociais e/ou econômicas a serem resolvidas. Antes de estar pensando em um exemplo real, penso aqui em um ideal do qual as diferentes sociedades humanas se aproximam mais ou menos.

ANTUNES, Leonardo. Disponível em: www.jornalja.com.br/esquerda-direita-ou-centro/. Acesso em: 06 jul. 2016. (Adapt.).

Segundo o autor, o maior acesso à informação modificou a participação das pessoas no debate a respeito de política. Escreva um texto explicitando como o autor caracteriza o cenário atual no tocante a essa participação e, com base na distinção que ele faz entre os diferentes posicionamentos políticos, defina em qual deles você se enquadra.

O seu texto deve:

- ter de 10 a 12 linhas;
- definir sua posição atendo-se aos elementos apresentados no texto-base;
- justificar a posição assumida por você.

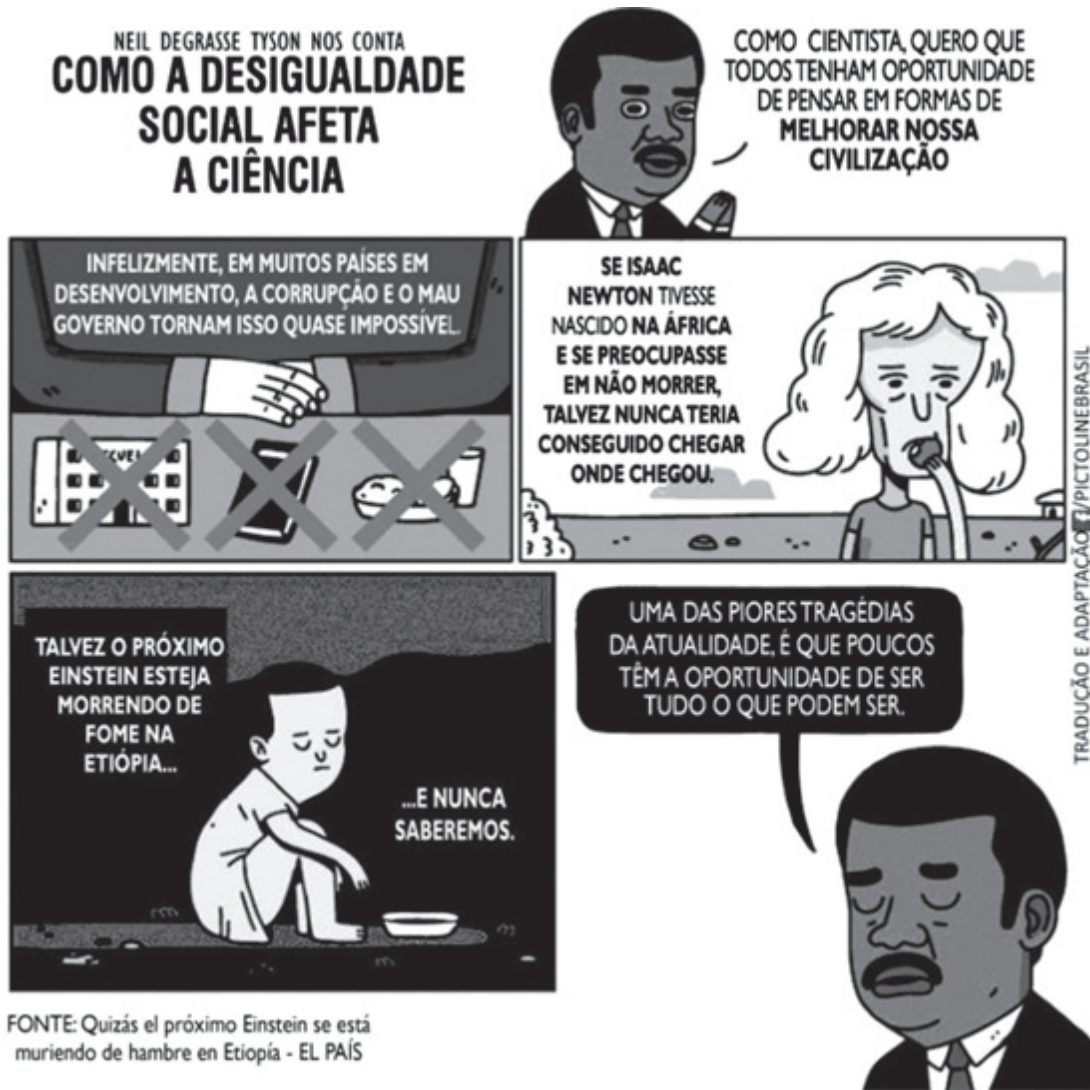
Importante: Você será avaliado pela consistência dos argumentos escolhidos e pela clareza e organização de seu texto, **não pela posição que tomar.**

O texto exigido pela segunda proposta da prova deverá mesclar **exposição** e **argumentação**. É importante fazer uma contextualização para o leitor (como na introdução de uma dissertação comum), utilizando as informações do texto-base como ponto de partida, expondo a distinção entre os conceitos de direita e esquerda mencionados pelo autor.

Depois de exposto o raciocínio dele, devemos construir o nosso e nos posicionarmos em relação ao assunto. Será necessária uma justificativa, ainda que pequena, indicando quais motivos levaram ao posicionamento apresentado.

O texto final será um híbrido equilibrado entre dois **tipos de texto**.

3. Considere o texto a seguir, em que Neil Degrasse Tyson aborda a relação entre equilíbrio social e desenvolvimento científico e tecnológico:



Escreva um texto em que você explicita e desenvolva a linha de raciocínio do autor.

Seu texto deve:

- ter no mínimo 6 e no máximo 8 linhas;
- ser desenvolvido em dois parágrafos;
- citar, de forma contextualizada, pelo menos um dos cientistas apresentados no quadro.

A exigência dessa proposta envolve a leitura cuidadosa e adequada de um texto verbo-visual sobre desenvolvimento científico e tecnológico e equilíbrio social.

O texto produzido com base nessa análise tem características muito parecidas com o que foi elaborado na primeira proposta: há a necessidade de **expor** o pensamento do autor do texto-base. Porém, há diferença na forma como isso é realizado. Na primeira proposta, o texto-base é em prosa, relativamente longo, e nossa tarefa é sintetizar as ideias trabalhadas; já nesta proposta, o texto-base é verbo-visual, com períodos curtos, e nosso papel é desenvolver as ideias expostas. Será preciso exercitar a escrita, mas também o senso crítico em relação às questões que o autor coloca.

Saiba mais

Neil deGrasse Tyson é um astrofísico, cosmologista, autor e divulgador científico. Nascido no Bronx, em Nova York (EUA), começou a se interessar por ciência aos 9 anos. Famoso por declarações tão polêmicas quanto críticas, frequentemente Tyson aparece na mídia estadunidense, sendo dele o seguinte pensamento:



Metade da minha biblioteca é de livros velhos porque eu gosto de saber como as pessoas pensavam sobre seu mundo em seu tempo. Assim eu não fico me achando por algo que nós acabamos de descobrir e posso ser humilde em relação ao nosso próximo passo. Posso ver as pessoas que acertaram e a grande maioria que errou.

VAIANO, Bruno. 9 reflexões que vão te introduzir ao pensamento de Neil deGrasse Tyson. *Revista Galileu*, 7 jan. 2021. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2016/09/9-reflexoes-que-voao-te-introduzir-ao-pensamento-de-neil-degrasse-tyson.html>. Acesso em: 30 jun. 2022.

4. Considere o texto a seguir:

A ascensão política de Donald Trump nos EUA, a decisão britânica de deixar a União Europeia e a definição contrária ao acordo de paz na Colômbia têm sido elencados como exemplos de uma crise da democracia global e dos sistemas de representação política. [...]

Para o filósofo norte-americano Jason Brennan, os três casos são símbolo de problemas na tomada de decisões políticas. Esses impasses favorecem a participação das pessoas em detrimento do conhecimento que elas têm sobre a realidade em questão – o que leva, segundo ele, a escolhas irracionais.

Este é o caso específico do “brexit”, na visão de Brennan, em que as pessoas tomaram “uma decisão estúpida” porque não tinham informações sobre a realidade britânica. E é o modelo que aproximou Trump da Presidência dos EUA, apesar de fazer campanha com pouco apego a fatos reais e a mentir em 71% das suas declarações, segundo o site PolitiFact, que checa discursos políticos. [...]

Em entrevista à Folha, por telefone, Brennan falou sobre suas críticas aos sistemas democráticos, reunidas no recente livro *Against Democracy* (Contra a democracia), em que sugere a implementação de um sistema político diferente: a epistocracia. Ele defende que apenas uma elite com conhecimento aprofundado sobre temas de relevância nacional possa tomar decisões.

Criticado por sua visão de mundo “elitista”, ele diz que a democracia ainda é o melhor sistema de governo, mas que isso não significa que não precise evoluir.

Epistocracia (ou epistemocracia, como também aparece citado em trabalhos acadêmicos no Brasil) é um conceito de sistema político baseado na ideia de epistem. O termo foi usado por Platão na filosofia grega, no século 4 a.C., para se referir ao “conhecimento verdadeiro”, em oposição à opinião infundada, sem reflexão.

Por esse sistema, o poder político não deveria ser distribuído igualmente a todos os cidadãos, em contraposição à democracia, mas sim estar nas mãos das pessoas sábias.

Fonte: www1.folha.uol.com.br/mundo/2016/11/1829957.

Escreva um texto argumentativo posicionando-se em relação à proposta apresentada por Jason Brennan. O seu texto deve:

- ter de 10 a 12 linhas;
- explicitar em linhas gerais as ideias de Jason Brennan;
- assumir uma posição contra ou a favor dela, contrapondo argumentos se for contra, ou reforçando os já apresentados se for a favor.

O texto exigido pela quarta proposta da prova deverá, assim como o texto da segunda, mesclar **exposição** e **argumentação**. No entanto, aqui o foco é a argumentação. O texto também será, portanto, um híbrido entre dois **tipos de texto**, mas sem o mesmo equilíbrio.

Note que o posicionamento do autor deverá aparecer “em linhas gerais”, ou seja, de forma resumida. Como vimos anteriormente, é importante produzirmos uma contextualização para o leitor; nesse caso, será relevante escrever sobre a crise da democracia e a ascensão de figuras políticas controversas.

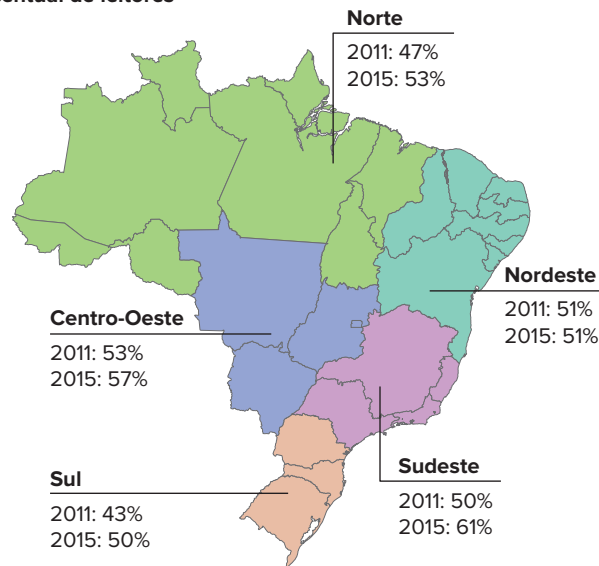
Depois de exposto o raciocínio do texto-base, nosso posicionamento pode ganhar bastante força, dado que o foco é o **argumento**.

5. Confira o texto a seguir:

O gráfico a seguir apresenta os resultados da 4ª edição da pesquisa nacional Retratos da Leitura no Brasil, realizada pelo Ibope e encomendada pelo Instituto Pró-Livro. O país possui, atualmente, 104,7 milhões de leitores (56% da população), o que representa um crescimento de 6 pontos percentuais em relação à última apuração, feita em 2011. Foram ouvidas, ao todo, 5 012 pessoas em todas as regiões do Brasil, com uma população de 5 anos ou mais.

Evolução da leitura no Brasil – 2011 e 2015

Percentual de leitores



Fonte: <http://entretenimento.ne10.uol.com.br/literatura/noticia/2016/05/18/615476.php>.

Escreva um texto com, no mínimo, 10 e, no máximo, 12 linhas, em que você apresente a um leitor as informações do enunciado e do infográfico, explicitando as correlações possíveis entre os dados.

Na última proposta, foi exigido, novamente, um olhar cuidadoso para um texto verbo-visual. Dessa vez, um gráfico que traz informações organizadas de forma diferente, não se tratando de um texto em prosa nem de um quadrinho, como foi a terceira proposta. Assim, outros movimentos de leitura serão valorizados.

! Atenção

Os gráficos estão presentes nos mais variados momentos de uma prova de vestibular. Comumente associados a determinados ramos do conhecimento, muitas vezes causam desconforto quando aparecem em questões de Língua Portuguesa. Porém, ler um gráfico é interpretar um texto como qualquer outro e requer os mesmos cuidados e atenção. Por isso, é engrandecedor entender que o mundo é um todo e que a segmentação em disciplinas escolares não precisa se estender para uma divisão nas nossas formas de pensar.



Nessa etapa, já podemos notar a estrutura geral da prova, isto é, todos os textos pedidos são pequenos híbridos de **tipos de texto**, sendo alguns mais próximos de **gêneros textuais** (por terem suas situações de produção mais detalhadas) e outros menos.

Revisando

- Para as duas propostas a seguir, determine os tipos textuais que precisam ser trabalhados e a proporção de cada um deles dentro do texto, indicando se devem estar em equilíbrio ou se um deles deve prevalecer e, se for o segundo caso, apontando de qual se trata.

Proposta 1

UFPR 2016 Considere a seguinte charge.



Gazeta do Povo, 08 jul. 2015.

Segundo a mitologia grega, Narciso era um belo rapaz, filho do deus do rio Céfiso e da ninfa Liríope. Quando nasceu, o adivinho Tirésias profetizou que ele teria uma vida longa se não visse a própria face. Depois de adulto, após uma caçada, ele se debruçou numa fonte para beber água. Nessa posição, viu seu rosto refletido na água e se apaixonou pela própria imagem. Ali ficou, imóvel na contemplação de seu rosto refletido, e assim morreu.

KURY, Mário da Gama. *Dicionário de Mitologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

A charge de Benett apropria-se do mito de Narciso para questionar um comportamento atual. Em um texto de 8 a 10 linhas:

- explicita qual é o comportamento criticado na charge e a relação que o autor estabelece entre essa tendência atual e o mito grego;
- posicione-se em relação à crítica de Benett e justifique o ponto de vista defendido por você.

Proposta 2

UFPR 2016 Considere o texto a seguir.

Complexo de vira-lata dos brasileiros

Pouco depois de chegar a São Paulo, fui a uma loja na Vila Madalena comprar um violão. O atendente, notando meu sotaque, perguntou de onde eu era. Quando respondi “de Londres”, veio um grande sorriso de aprovação. Devolvi a pergunta, e ele respondeu: “sou deste país sofrido aqui”.

Fiquei surpreso. Eu – como vários gringos que conheço que ficaram um tempo no Brasil – adoro o país pela cultura e pelo povo, apesar dos problemas. E que país não tem problemas? O Brasil tem uma reputação invejável no exterior, mas os brasileiros, às vezes, parecem ser cegos para tudo, exceto o lado negativo. Frustração e ódio da própria cultura foram coisas que senti bastante e me surpreenderam durante meus 6 meses no Brasil. Sei que há problemas, mas será que não há também exagero (no sentido apartidário da discussão)?

Tem uma expressão brasileira, frequentemente mencionada, que parece resumir essa questão: complexo de vira-lata. A frase tem origem na derrota desastrosa do Brasil nas mãos da seleção uruguaia no Maracanã, na final da Copa de 1950. Foi usada por Nelson Rodrigues para descrever “a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo”. E, por todo lado, percebi o que gradualmente comecei a enxergar como o aspecto mais “sofrido” deste país: a combinação do abandono de tudo brasileiro, e veneração, principalmente, de tudo americano. É um processo que parece estrangular a identidade brasileira.

Sei que é complicado generalizar e que minha estada no Brasil não me torna um especialista, mas isso pode ser visto nos shoppings, clones dos “malls” dos Estados Unidos, com aquele microclima de consumismo frígido e lojas com nomes em inglês e onde mesmo liquidação vira “sale”. Pode ser sentido na comida. Neste “país tropical” tão fértil e com tantos produtos maravilhosos, é mais fácil achar hot dog e hambúrguer do que tapioca nas ruas. Pode ser ouvido na música americana que toca nos carros, lojas e bares no berço do Samba e da Bossa Nova.

Pode ser visto também no estilo das pessoas na rua. Para mim, uma das coisas mais lindas do Brasil é a mistura das raças. Mas, em Sampa, vi brasileiras com cabelo loiro descolorido por toda a parte. Para mim (aliás, tenho orgulho de ser mulato e afrobritânico), dá pena ver o esforço das brasileiras em criar uma aparência caucasiana.

O Brasil está passando por um período difícil e, para muitos brasileiros com quem falei sobre os problemas, a solução ideal seria ir embora, abandonar este país para viver um idealizado sonho americano. Acho esta solução deprimente. Não tenho remédio para os problemas do Brasil, obviamente, mas não consigo me desfazer da impressão de que, talvez, se os brasileiros tivessem um pouco mais orgulho da própria identidade, este país ficaria ainda mais incrível. Se há insatisfação, não faz mais sentido tentar melhorar o sistema?

SMITH, Adam. Disponível em: www.pragmatismopolitico.com.br. Acesso em: 14 maio 2015. (Adapt.).

Tendo como ponto de partida as impressões do estudante inglês Adam Smith sobre o Brasil, formule uma resposta para a seguinte questão: **Existe uma solução para o complexo de vira-lata dos brasileiros?**

Seu texto deve:

- fazer referência ao texto, retomando os argumentos;
- apresentar, com clareza e autonomia, uma resposta à pergunta realizada, justificando-a;
- ter de 6 a 8 linhas.

Redação proposta

• Unioeste-PR 2016

Proposta 1

Escreva uma **carta do leitor**, para ser publicada na seção de cartas da revista *Superinteressante*, posicionando-se sobre a temática contida no texto a seguir.

Ensino domiciliar

Cerca de 2.500 famílias brasileiras instruem os filhos fora das salas de aula – e fora da lei. Muitos deles são adeptos do unschooling, movimento que quer mais do que tirar as crianças de dentro da escola: o objetivo é tirar a escola de dentro de alunos, pais e mestres.

“Minha filha não sabe o que é ser obrigada a acordar cedo, colocar uma mochila nas costas, estudar o que um professor decidiu que ela deveria saber e ter de fazer uma prova para mostrar do que é capaz”, conta Cleber Nunes sobre a filha Ana, de 8 anos. “Nessa idade, o único compromisso de uma criança é brincar. Ela aprende só o que acha interessante. E, mesmo assim, fazemos com que isso faça parte da brincadeira. Sem agenda. Sem ritmo”. O que Cleber ensina neste depoimento é o princípio do unschooling – desescolarização, em tradução livre – prática que consiste em expor a criança ao mundo, perceber seus interesses e facilitar para que cada situação seja uma chance de aprendizagem. Tudo isso fora da escola – e da lei. No Brasil, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) afirma ser dever dos pais ou responsáveis matricular os menores na rede regular de ensino a partir dos 4 anos.

Veja quais são os países com mais estudantes caseiros:*

- EUA: 2 milhões
- África do Sul: 150 mil
- Rússia: 70 a 100 mil
- Reino Unido: 20 a 100 mil
- Canadá: 80 a 95 mil
- França: 12 a 23 mil

*Fonte: Associação de Defesa do Ensino Domiciliar (HSLDA), EUA. MATOS, Camila de. *Revista Superinteressante*, ed. 348, jun. 2015. (Adapt.).

Atenção:

Sua carta deve ter, no mínimo, **20 linhas escritas**.

Assine sua carta como **João** ou **Maria**.

Proposta 2

Escreva um **artigo de opinião**, para ser publicado na seção Painel do Leitor de um jornal de circulação nacional, posicionando-se sobre a temática contida no texto a seguir.

O amargo gosto do chocolate

A polícia da Costa do Marfim libertou 48 crianças escravizadas, durante uma operação realizada em plantações no cinturão de cacau do país africano e prendeu 22 pessoas acusadas de tráfico humano e exploração infantil, afirmou a Interpol nesta segunda-feira. As prisões fazem parte de uma série de operações planejadas contra o tráfico e a exploração de crianças na África Ocidental, disse a Interpol. Muitas das marcas conhecidas pelos deliciosos e, às vezes, nutritivos chocolates (derivados do cacau) são responsáveis pelo trabalho escravo de centenas de crianças e adolescentes, algumas delas trabalhando nas lavouras há mais de um ano em condições extremas, comprometendo gravemente a sua integridade em todos os sentidos.

Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/06/policia-liberta-48-criancas-escravizadas-na-costa-do-marfim.html>. 23 jun. 2015. Acesso em: 12 nov. 2015. (Adapt.).

Texto complementar

A leitura como agente do conhecimento

É lendo que desenvolvemos nosso pensamento crítico. Sem ele, os jovens serão sempre presa fácil da propaganda enganosa e da alienação

Recentemente, no rádio, um locutor falava em liberdades individuais, no direito de cada cidadão ser o agente de suas próprias decisões e na importância da diversidade de opiniões. Imaginei que fosse alguma ONG em defesa da democracia. Nada disso. O texto era patrocinado por um fabricante de cigarros! A liberdade a que se referia, no fundo, era uma só: a de optar por ser fumante, contrariando todas as informações médicas disponíveis.

São complexos os desafios da educação nos dias de hoje. Creio que alguns deles nem sempre são lembrados. É preciso formar nossas crianças e jovens de maneira que sejam capazes de perceber que discursos válidos e civilizadores podem ser utilizados como ações de *marketing* e propaganda (e também por políticos corruptos e regimes autoritários).

Fazer com que compreendam o funcionamento das sociedades fundadas em economias de mercado, para que saibam, por exemplo, separar consumo de consumismo ou propaganda de propaganda enganosa. Que discutam o que é autoridade (a confiança conquistada legitimamente), autoritarismo (a obediência obtida à força) e omissão (a desresponsabilização diante, por exemplo, de pessoas inexperientes ou dependentes e, num outro patamar, diante da sociedade).

Que tenham claro que a liberdade é muito boa, mas tem limites: ninguém tem direito de desprezar o direito dos outros. Que compreendam que são responsáveis também pela sociedade em que vivem.

Que aprendam a estudar (poucas escolas ensinam isso) e tenham o melhor preparo técnico possível sem esquecer de certas características de qualquer ser humano: somos incapazes de viver sem uma sociedade; somos capazes de construir linguagens e símbolos; temos dificuldade de distinguir a subjetividade da objetividade; somos efêmeros (morremos), corporais e passíveis de prazer e sofrimento; podemos pensar em assuntos abstratos como justiça, moral, política e estética; transformar a natureza e a sociedade e, ainda, fazer projetos para, com sorte e competência, construir um futuro melhor.

É importante que saibam respeitar, conviver e ser capazes de se identificar com hábitos, valores e crenças diferentes dos seus. Que discutam sobre por que têm sido levados a escolher suas profissões sem um mínimo de autoconhecimento (considerando apenas salários e a profissão da moda em detrimento de vocações). Que debatam formas alienantes e sub-reptícias de exclusão, como o “culto da celebridade” (que valoriza a pessoa “descolada” e sua “imagem”, desprezando a pessoa “comum”). E também os hábitos culturais que misturam o público e o privado, para que possam analisar as práticas que transformam vidas e relações humanas em ações de marketing e pessoas em produtos de consumo.

Que conheçam os extraordinários avanços da modernidade, mas também suas inúmeras contradições. Que tenham acesso à multifacetada cultura de nosso país. Que estejam conscientes das desigualdades de nossa sociedade (por serem imorais e injustificáveis, elas costumam deixar nossas crianças e jovens confusos e céticos).

E ainda que sejam levados a compreender que não são a plateia, mas sim os protagonistas do futuro e que, na escola, estão se preparando para construí-lo e ressignificá-lo.

Não sou pedagogo e conheço pouco os diferentes métodos educacionais. Sejam quais forem, a meu ver, deveriam ter por base assuntos como esses. Eis por que a leitura sempre terá um papel fundamental: desenvolvemos nosso pensamento crítico, principalmente, por meio dela. Sem ele, nossas crianças e jovens, tanto faz de que classe social, serão presa fácil da propaganda enganosa, da alienação e do niilismo.

AZEVEDO, Ricardo. A leitura como agente do conhecimento. *CartaCapital*, 14 out. 2010.

Disponível em: <http://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/2015-A-educac%CC%A7a%CC%83o-que-precisamos.pdf>.

Acesso em: 30 jun. 2022.

Saiba mais

Ricardo Azevedo, nascido em 1949 na cidade de São Paulo, é compositor, escritor, ilustrador, palestrante e pesquisador. Escreveu vários livros infantis e juvenis e artigos sobre diversos assuntos, entre eles literatura na escola, como o apresentado acima. Para saber mais sobre suas obras, acesse o *site* oficial, disponível em: <http://www.ricardoazevedo.com.br/>, acesso em: 30 jun. 2022.

Quer saber mais?



Documentário

Paulo Freire Contemporâneo. Direção: Toni Venturi e Moacir Gadotti, 2006.

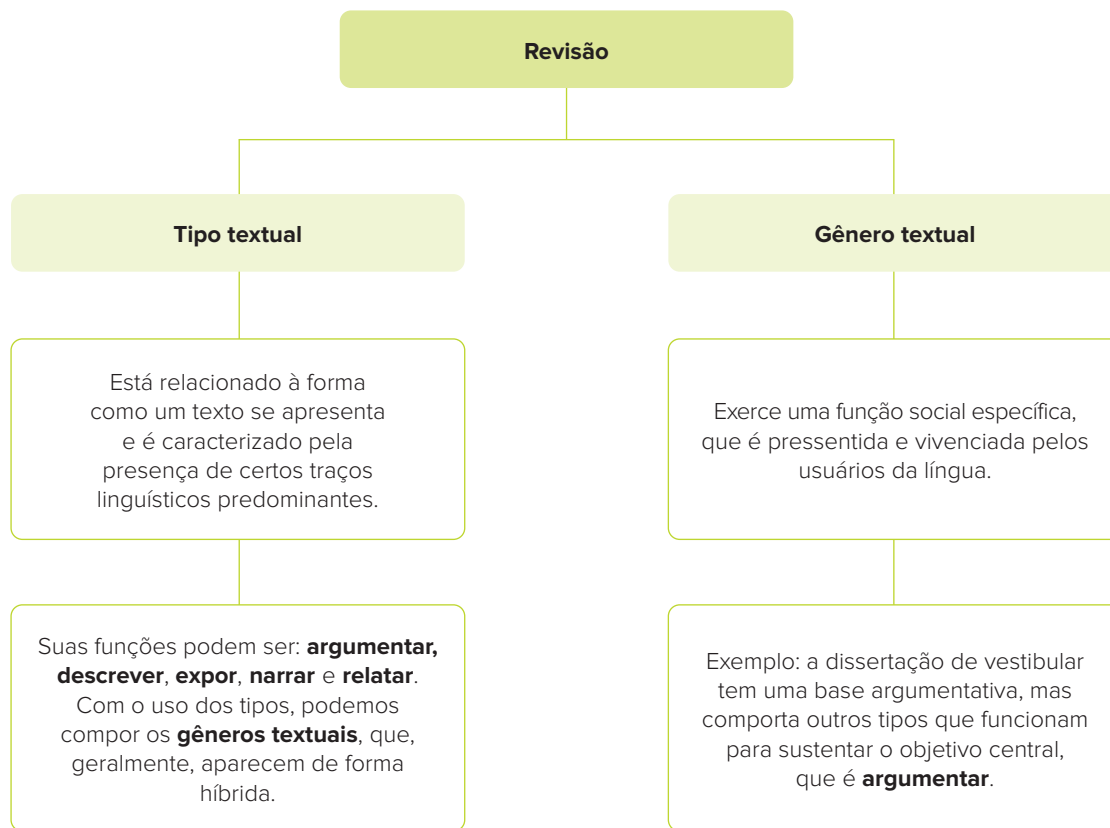
No documentário, é possível ter contato com o pensamento de um dos maiores teóricos sobre pedagogia do Brasil e refletir a respeito do nosso próprio processo de educação.



Poema

A Educação pela pedra, de João Cabral de Melo Neto. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

No poema “Catar feijão”, o autor compara o processo de escrita com o de catar feijão, mostrando o trabalho que há em cada tarefa, aproximando-as.





FRENTE ÚNICA

CAPÍTULO

30

Revisão II

Chegou a hora de rever os principais conceitos e de relembrar o que é essencial para a redação de um bom texto.

Tudo o que construímos até aqui nos dá embasamento suficiente para obter sucesso no vestibular e um brilhante futuro acadêmico. Vamos lá!

A introdução

A **introdução** de uma dissertação é sempre composta de **contextualização + tese**. Assim, vejamos como podemos construir cada uma dessas partes.

Contextualização

É o momento em que o tema é apresentado ao leitor, já que ele não teve acesso à coletânea. É possível pensar essa parte como uma resposta a algumas perguntas, como:

- O que será discutido neste texto?
- Por que esse tema será abordado?
- Qual é a relevância da análise dessa temática?
- Há algum fato recente que possa ser relacionado a esse assunto?
- Existe alguma narrativa que metaforize essa questão?

A contextualização é um espaço para fatos e constatações que não precisam de sustentação.

Tese

É a posição do autor a respeito do tema. Considerando que a ideia da dissertação é expor uma opinião e sustentá-la por meio da argumentação, é importante definir claramente a tese a ser defendida, que deve ser um **recorte da realidade**. Várias pessoas podem vivenciar um mesmo fato e, ainda assim, descrevê-lo de forma distinta a outrem. Isso ocorre devido às diferentes formações morais, culturais, éticas e sociais de cada ser humano e às perspectivas diversas que um indivíduo tem sobre algo. Nesse sentido, cada olhar é um ponto de vista e cada forma de olhar é um recorte.

A exposição formal do ponto de vista no texto é o que chamamos de tese.

! Atenção

Vale lembrar que a **tese** é o coração da dissertação, pois é a partir dela que se organiza todo o raciocínio do texto. Dessa forma, ela merece mais atenção na estrutura textual.

Como sugestão, elabore uma tese em que fiquem evidentes **dois** aspectos. Exemplos:

- Causa e consequência – o que mantém o fenômeno ocorrendo e o que ele desencadeia;
- Sociedade e indivíduo – quais características sociais ajudam na manutenção do fenômeno e como o cidadão reage aos estímulos relacionados a esse fenômeno.

O desenvolvimento

Composto usualmente de dois ou três parágrafos, o desenvolvimento expande as ideias iniciadas na tese. Cada um deles tem uma estrutura interna que pode ajudar a organizar os argumentos a serem trabalhados. Essa disposição é subdividida em:

1. tópico frasal;
2. ampliação do tópico;
3. fecho/concretizações.

A seguir, vamos expor as partes em ordem predeterminada, sabendo que, depois de apreendidas as funções de cada uma delas, essa ordem pode ser alterada.

Tópico frasal

É um resumo do assunto que será discutido no parágrafo. Por meio dele, conhecemos a questão a ser tratada, pois contém todas as informações que serão abordadas.

Sugestão: na dissertação, opte por um tópico contestável, de modo que possa ser defendido em seguida, no que se chama de expansão do tópico frasal.

Tenha em mente que o tópico ocupa, mais ou menos, 25% do espaço do parágrafo.

Expansão do tópico

É o desenvolvimento do que foi explicitado no tópico frasal. O leitor não sabe de onde foi tirada a afirmação inicial e, provavelmente, não pensa como você, por isso convém preocupar-se em mostrar que suas ideias são relevantes e verossímeis. Nesse momento, serão expostos os argumentos, ou seja, o que temos de lógico e palpável para sustentar nosso ponto de vista.

Trata-se de afirmações comprováveis por quem escreve e contestáveis por quem lê, baseadas em evidências da realidade (isso não significa que, necessariamente, o leitor refutará o que foi escrito).

Considere que a expansão ocupa, mais ou menos, 50% do espaço do parágrafo.

Fecho ou exemplo

É a finalização do parágrafo, em que podemos optar por concretizar o raciocínio (isso é bastante importante caso a argumentação esteja em um plano excessivamente abstrato) ou concluir a ideia iniciada no tópico frasal.

Tenha em vista que o fecho ocupa, mais ou menos, 25% do espaço do parágrafo; esse é outro espaço para fatos e constatações que não precisam de sustentação.

! Atenção

Os parágrafos de desenvolvimento são o momento da argumentação em que apresentamos a sustentação da tese, ou seja, são abordados os argumentos, as razões que levam o escritor a adotar uma ou outra postura.

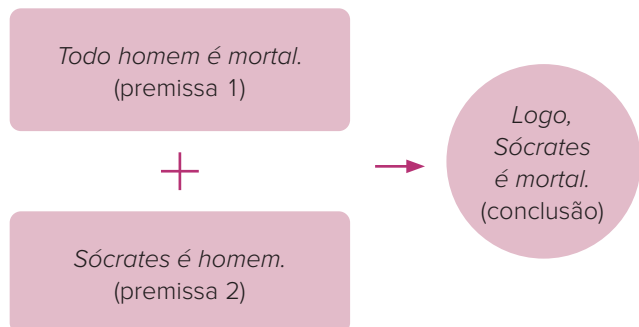
Pode-se entender essa etapa como a resposta às questões da tese.

No entanto, essa justificativa deve ser coesa, isto é, ter uma sequência lógica, não bastando apenas expor razões, mas relacioná-las de forma contínua.

A conclusão

É a parte do texto em que se fecha o raciocínio. É importante lembrar que, por ser o desfecho de uma reflexão, a apresentação de dados ou ideias novas que ainda não tenham sido abordadas no decorrer da redação pode ferir a unidade textual.

É fundamental que a conclusão surja de forma coerente e que trate, necessariamente, daquilo que já foi desenvolvido. Observe o silogismo clássico a seguir:



Saiba mais

A teoria sobre silogismos foi escrita por Aristóteles. Com origem no grego antigo, a palavra “silogismo” significa conexão de ideias, raciocínio, e é um termo cunhado dentro da filosofia aristotélica para designar a argumentação lógica perfeita com proposições, das quais decorre uma conclusão.



Nicholas, *Estátua de Aristóteles*, 1956, mármore, Parque Aristóteles, Estágira, Grécia.

Exemplo 1

Vivemos em uma sociedade marcada pela produtividade.

Nela, o indivíduo costuma internalizar que seu valor é dado pela capacidade de produzir. Logo, quando não consegue mais produzir, valores devem ser repensados, ou o indivíduo estará fadado à exclusão.

| | |
|------------------|---|
| Tese | Quando inseridos em um contexto que tem a produtividade como uma de suas maiores marcas, os indivíduos tendem a naturalizar a ideia de que só têm valor enquanto podem produzir algo. |
| D1 | Como a produtividade se transforma em uma das maiores marcas dessa sociedade? Que estímulos são dados para isso? |
| D2 | Como se dá essa naturalização? |
| Conclusão | Quando não mais se consegue produzir, ou se repensam os valores, ou se estará fadado à exclusão. |

Exemplo 2

Vivemos em uma sociedade que prega que tudo aquilo que queremos ou de que precisamos está à venda e que, se está à venda, é uma necessidade ou um desejo.

Nela, o indivíduo costuma sufocar tudo aquilo que poderia ser, toda sua individualidade e toda sua humanidade.

Logo, em um dado momento, fica difícil separar o que é corpóreo e humano daquilo que foi colocado como uma necessidade de consumo.

| | |
|------------------|---|
| Tese | Quando inseridos em um contexto em que a compra é definida como solução para tudo aquilo que queremos ou de que precisamos, os indivíduos passam a valorizar mais o ter do que o ser. |
| D1 | De que forma o ato de comprar se torna fundamental para a sociedade? |
| D2 | Como se dá a supervalorização do ter em detrimento do ser? |
| Conclusão | Quando se tem a compra como solução para todas as necessidades e desejos, fica difícil separar o que é corpóreo e humano daquilo que foi colocado como uma necessidade de consumo. |

Revisando

- Identifique os seguintes elementos da estrutura-padrão do texto dissertativo na redação a seguir:
 - contextualização;
 - tese;
 - tópicos frasais do desenvolvimento;
 - exemplos.

Tema: **Felicidade e consumo**

Multifelicidade

Antenor, habitante do País do Sol, afrontava diversos níveis do relacionamento humano devido à sua má cabeça, que, diferentemente das outras, não estava habituada ao que era tomado como normalidade. João do Rio, em sua ficção “O homem da cabeça de papelão”, põe em xeque a felicidade e a uniformidade fixadas. Felicidade, porém, parece ser passível de múltiplas definições, visto que é entendida de formas distintas em contextos diferentes. No capitalismo, em que o lucro é a tônica, é entendida como a realização de desejos materiais e sentimentais e torna-se um padrão a ser buscado.

Posto que a sociedade atual fixou sua definição, a felicidade tornou-se um alvo; houve uma padronização do comportamento daqueles que, pressionados pelo grupo em que se inserem, desejam ser felizes. Dentro dessa lógica, porém, vale ressaltar que felicidade está fortemente associada à plenitude, dada pelo alcance dos objetivos, possibilidade quase irreal, já que são reinventados ininterruptamente. Segundo Drummond, “Há duas épocas na vida, infância e velhice, em que a felicidade está numa caixa de bombons.”; nas outras, portanto, a caixa de bombons é insuficiente. Quando uma rede de eletrodomésticos usa como slogan “Vem ser feliz”, por exemplo, aponta para o fato de que, no mundo do consumo, em um primeiro momento a felicidade se encontra onde o produto está, contudo, ainda que se leve o produto para casa, a felicidade continuará na loja.

A padronização, porém, para tornar iguais os desejos individuais, também exclui os diferentes. Se alguém procura o bem-estar fora do que é dado, choca-se com a ideia de “normalidade”. O enquadramento em um molde é importante para que o fluxo instituído – que minimiza o pensar sobre o próprio consumo – se mantenha. Em um contexto em que cabeças de papelão, sempre tão iguais, organizam-se homogeneamente para reger a sociedade independentemente de qualquer questionamento moral ou ético, uma que se mostre a “máquina sensível do tempo”, como apontou João do Rio, não poderia atuar.

Embora tivesse uma cabeça incrível, Antenor sentiu o impulso de deixá-la no relojoeiro para consertar; quando a resgatou, não a colocou porque a cabeça de papelão lhe havia conferido sucesso.

Por a felicidade permitir, então, um sem-número de interpretações, será inevitavelmente reinterpretada a cada contexto. No atual, fixá-la como meio para o lucro e para o distanciamento da reflexão cumpre coerentemente os anseios sistêmicos. O homem estará, por isso, cada vez mais distante de ter a liberdade da interpretação sobre a felicidade novamente, ou seja, as cabeças correrão o risco de, por muito tempo, ficarem esquecidas no relojoeiro e do embrulho nunca saírem.

Autoria de GAC

Redação proposta

- **Uerj 2016 (Adapt.)** No final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha, não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável. E o que se difundiu dez anos depois, na enxurrada de livros sobre a guerra, nada tinha em comum com uma experiência transmitida de boca em boca.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

No trecho anterior, o escritor Walter Benjamin aborda a dificuldade de expressar experiências desumanizadoras, como as vividas em uma guerra. Em diversos países, ações de resgate da memória de vítimas de guerras, ditaduras e processos de dominação indicam uma percepção da importância de transmitir essas experiências à sociedade. No Brasil, o lema divulgado no Dia Internacional do Direito à Verdade também sugere uma forma de lidar com o passado, em direção ao futuro.



Disponível em: cnv.gov.br.

A partir da leitura dos textos e de suas próprias reflexões, redija um texto dissertativo-argumentativo, em prosa, com 20 a 30 linhas, em que você apresente seu posicionamento acerca da necessidade de conhecer experiências históricas de violência e opressão, para a construção de uma sociedade mais democrática. Utilize a norma-padrão da língua e atribua um título à sua redação.

Texto complementar

Duas formas de refinar o texto (serve melhor para textos cujas estruturas já estão organizadas)

Pela forma

Quando o texto já tem uma organização mínima dentro de uma estrutura, possibilitando a localização da tese e dos argumentos, o autor consegue começar a pensar no refino da forma. Isso significa que pode haver uma oportunidade de melhoria na seleção de palavras e minimização de repetições no texto, o que contribui para a construção de uma argumentação harmônica e de uma ilustração bem-feita, além de trabalhar o plano da expressão.

Como escolher melhor as palavras e as construções sintáticas: o ponto de partida é adquirir mais vocabulário. Ler redações publicadas como “acima da média” pela Fuvest, até 2013, ou outros textos de fontes confiáveis pode ajudar bastante nisso. Em um caderno, escreva as expressões que lhe chamarem a atenção e consulte seus significados em um dicionário, anotando suas definições; copie frases inteiras que trazem informações complexas de maneira simples e aproprie-se dessas formas, usando suas estruturas, mas fazendo as modificações necessárias de acordo com o tema exigido, seus argumentos etc.; treine, redigindo textos com expressões e estruturas novas.

Como minimizar as repetições: a repetição frequente de termos indica que há um “padrão de erro” em seu texto. Notada essa tendência, é recomendado que, depois de escrever o rascunho da redação, seja feita uma pausa para um café ou a resolução de outras questões. Volte para o texto passados uns 20 minutos, pelo menos, e releia sua dissertação procurando por palavras repetidas. Perceba que não se trata de uma verificação superficial, e sim de uma busca atenta por repetições. É bem possível que as palavras-chave do tema tenham aparecido muitas vezes, assim como os conceitos mais importantes (como “indivíduo”, “sociedade”, “capitalismo”) que circundam a discussão.

Como trocar as palavras que se repetem: as formas mais comuns de evitar a repetição de vocábulos são a substituição por sinônimos ou pronomes e a elipse dos termos. A expansão de um conceito também é bastante útil ao longo do texto, embora ainda seja pouco utilizada. Observe:

O indivíduo inserido no consumo tende a participar pouco da política, e, por isso, a política perde força em relação à economia, o que prejudica o próprio indivíduo.

Indivíduo, nesse caso, é todo aquele que vive em sociedade. Política são as ações e escolhas que regem as relações sociais. Ao fazer a troca desses termos por suas explicações, tem-se:

Todo aquele que vive em sociedades que têm como tônica o consumo tende a participar pouco das escolhas que regem as relações sociais, e, por isso, a política perde força em relação à economia, o que prejudica o próprio indivíduo.

Note que não é um simples “copiar e colar”. Há adaptações que precisam ser feitas para garantir o **sentido** do que se pretende dizer. Exercitar essas trocas agiliza o processo em situação de prova.

Como escolher os exemplos e como escrevê-los no texto: exemplo é aquilo que exemplifica. Parece óbvio, mas, às vezes, podemos acabar nos perdendo no raciocínio, trazendo um pensamento de algo próximo à ideia que apresentamos, e não dela em si. Exemplo é a evidência do mundo concreto fornecida ao leitor para que ele compreenda onde a lógica que você construiu aparece quando se observa a realidade.

Vamos supor que se queira mostrar para o leitor que o indivíduo tem se protegido cada vez mais. Para isso, parte-se do pressuposto de que ele não concorda e, então, explica-se que a sociedade é marcada pelo medo e por uma forte influência midiática para que sejam naturalizadas as ideias de que o espaço público é perigoso e de que todo outro ser humano é um potencial criminoso. Para facilitar o acesso a essas abstrações, pode-se diluir o exemplo na própria argumentação. Veja:

Se **todos os dias, às 18h, são exibidas cenas de perseguição policial**, e elas sempre se dão no espaço público, a imagem que é repetida inúmeras vezes se torna conhecida.

Observe que o exemplo é só o que está em negrito – o que o circunda ainda é do plano argumentativo. Esse é o exemplo diluído: ele ocupa menos espaço e é mais natural, mais refinado. Quanto mais contemporâneo for o exemplo, maior é a chance de ser autoral, porque é mais provável que a leitura sobre ele seja pessoal, e não algo que está apenas sendo reproduzido.

Como construir uma ilustração: toda ilustração tem como base uma analogia, que existe a partir da identificação das semelhanças entre dois objetos genericamente diferentes. Seu uso faz mais sentido para um texto argumentativo caso tenha como base um **campo semântico complexo**. Mesmo que sejam utilizados elementos cotidianos para a composição, ainda será mais interessante se esses itens se relacionarem. Um camaleão, por exemplo, seria um desses elementos simples, mas é justamente a ideia de mudança de cor que faz com que se abra uma possibilidade interessante de analogia. A pura e simples descrição de personagens ou objetos pode cair em uma comparação e empobrecer o texto.

Pelo conteúdo

Um texto se destaca por meio de seu conteúdo quando a análise que propõe em relação a um determinado tema toca outros temas, ou seja, quando, para a defesa da tese, são mobilizados conhecimentos de outro recorte temático. Como isso é feito?

A sugestão é o seguinte exercício: faça uma lista de características sociais (como você acha que é a nossa sociedade? Como, em geral, as pessoas se comportam?) e de temas que já caíram nos vestibulares a que deseja concorrer (a listagem de temas já deve envolver o seu olhar sobre o tema). Exemplo:

| Características sociais | Temas |
|-------------------------|---|
| Individualismo | Fuvest 2012: Participação política (pouca participação) |
| Consumismo | Fuvest 2013: Consumismo (crença de que o melhor que o mundo tem a oferecer pode ser adquirido no <i>shopping</i> por meio de um cartão) |
| Apreço pela velocidade | Fuvest 2014: Situação da população idosa (ideia de que tudo o que é velho precisa ir para o lixo) |
| Proteção do indivíduo | Fuvest 2015: Camarotização da sociedade |

Podemos notar que tudo o que aparece na lista da esquerda poderia estar na coluna da direita, e tudo o que está na da direita é, necessariamente, também uma característica social. O tempo todo a sociedade é o tema sobre o qual se está falando, e cada elemento da esquerda pode ser ligado de uma forma diferente com cada elemento da direita (todos podem ser interligados).

Por exemplo, analise qual é a relação entre:

| | |
|----------------|---|
| Individualismo | Fuvest 2012: Participação política (pouca participação) |
|----------------|---|

Parece, em princípio, que o individualismo leva à falta de participação política, ou seja, é uma relação de causa.

E, por sua vez, o que leva ao individualismo poderia ser:

| | |
|------------|---|
| Consumismo | Fuvest 2013: Consumismo (crença de que o melhor que o mundo tem a oferecer pode ser adquirido no <i>shopping</i> por meio de um cartão) |
|------------|---|

Outra relação de causa. Nesse sentido, cada relação que se encontra (e elas são de diversas naturezas: causa, consequência, finalidade, soma, negação etc.) rende 1 parágrafo de argumentação. Se dissermos, então, que o “individualismo leva à falta de participação política”, precisaremos, em seguida, provar para o leitor que essa relação realmente existe. Eis a argumentação.

Parece simples, mas, a título de provocação, e se o tema for “lixo” e a característica for o apreço pela velocidade? E se o tema for “corpo” e a característica for o consumismo?

Confira a redação a seguir, retirada do vestibular de 2013 da Fuvest.

A difícil tarefa de ser

Tyler Durden, concretização de uma série de desejos secretos e de frustrações do personagem principal de “O Clube da Luta”, abre uma discussão acerca do ser e do sentir numa era em que o consumo é imperativo. O filme, baseado no livro homônimo, levantou polêmicas ao retratar um indivíduo desconectado de sua identidade que buscou satisfazer no consumo suas faltas. Esse consumo, no entanto, não evitou a criação de Durden por camadas mais profundas de sua mente, não evitou a criação de um rapaz plenamente consciente de suas vontades e de seu corpo. O longa-metragem aponta a metáfora: vivemos sufocando Tyler Durden, aquele que sabe quem é e o que quer, já que há uma ideologia circundante pregando que tudo aquilo de que precisamos ou que queremos está à venda e que, se está à venda, é uma necessidade ou um desejo.

Quando o lucro é esperado, nascemos todos endividados. A ideia de se cumprir um protocolo gerado a partir do gênero, por exemplo, que impõe o que se deve ter e o que se deve ser, é quase unânime. Uma mulher malcuidada é menos feminina e todas as ferramentas de que precisa para acionar o comando “feminilidade”, que muitas vezes é cobrado para sua inserção social, estão disponíveis num centro de compras. O que pouco se discute é a relação de um ser humano, hoje, com seu corpo; ela pode ir além daquilo que se pode comprar. O Tyler Durden social por vezes clama por dor ou por angústia – que são humanas, que criam arte, que movimentam – mas recebe como resposta: “não estão à venda”. Clama por um reconhecimento de fatores femininos no próprio corpo, mas eles estão em um rímel. O centro de compras branco, iluminado, transparente e seguro vende apenas o que foi denominado como “o melhor que o mundo tem a oferecer”, renegando “o humano que o mundo tem a receber”.

É nesse ínterim que acontece uma uniformização. Não se consegue discutir escolha de valores porque ela não mais existe. Existe sim uma pequena gama de valores à venda e todos os desejos acabam por ela limitados. Desejos já dados como naturais e confirmados como naturais sob o argumento de que a maioria está desejando a mesma coisa; inadaptado é aquele que não adequa seu desejo ao leque oferecido.

Difícil, pois, se torna distinguir o que é corpóreo e humano do que é parte da dívida a que fomos expostos. Difícil seria separar Tyler Durden da mente que o criou. Difícil passa a ser, para a maioria dos inseridos na engrenagem capitalista, reconhecer um desejo que não tenha sido criado e que não esteja à venda.

Disponível em: http://download.uol.com.br/vestibular2/fuvest2013_melhores_redacoes/exemplo16.jpg. Acesso em: 1 set. 2022.

A redação apresentada não tem grandes refinamentos de forma, mas a associação entre consumo, *shopping*, cartão de crédito e corpo não é óbvia. É justamente essa relação que deixa o texto mais denso e mais interessante. Essa redação recebeu nota 9,25.

Quer saber mais?



Livros

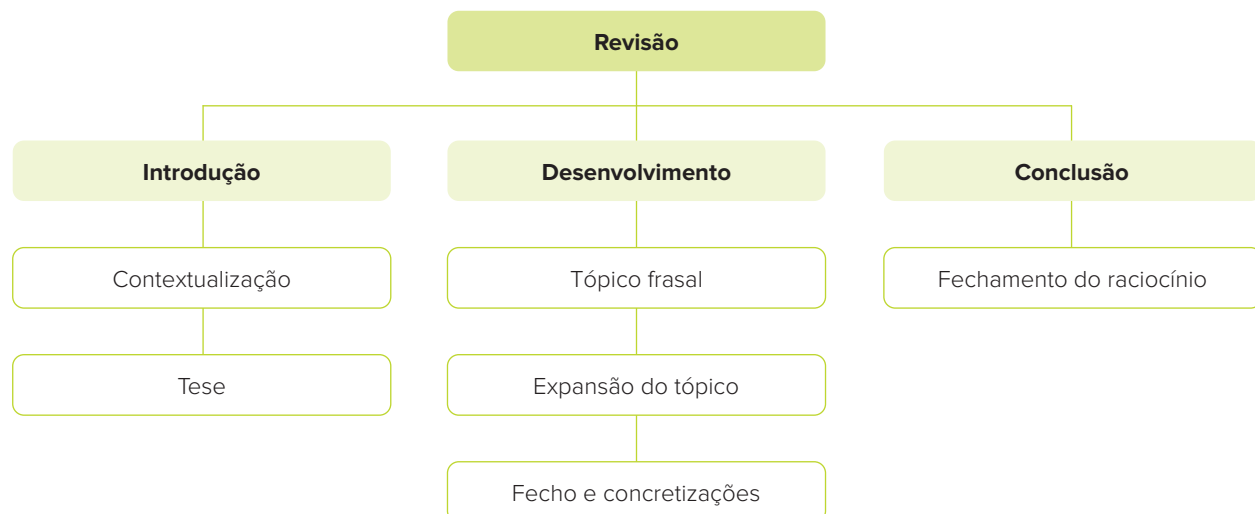
***Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*, de Norberto Bobbio. 3. ed. São Paulo: Editora da Unesp, 2012.**

Essa obra esclarece alguns aspectos do momento político atual. Com a globalização em curso, a análise dos problemas políticos e econômicos expandiu-se para além das fronteiras dos Estados nacionais.

***Calabar: o elogio da traição*, de Chico Buarque e Ruy Guerra. 39. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.**

A obra trata de conceitos como lealdade e traição, fazendo uso de figurações e aludindo criticamente ao período da ditadura militar. É encontrada também em formato de peça de teatro.

Resumindo



Frente única

Capítulo 1 – As peças que compõem o texto

Revisando

O texto tem como base um relato, ou seja, uma sequência de acontecimentos recentes é disposta em uma linha de tempo. É possível perceber, de forma bastante clara, esse tipo textual na abertura da notícia: “Cientistas da NASA anunciaram ontem...”. Há uma ordem cronológica envolvida. Quando traz dados como a distância a que o planeta se encontra, o texto expõe informações técnicas, dados da realidade. Portanto, estas são as duas principais ferramentas utilizadas: relato e exposição.

Redação proposta

Texto 1

Para subsidiar o desenvolvimento do texto 1, apresentaram-se dois textos-fonte, de linguagens distintas – mista e verbal, respectivamente – sobre o fenômeno da **pós-verdade**. Para realizar a tarefa proposta, é necessário assumir a posição de um estudante de Ensino Médio convidado a fazer uma **palestra** a seus colegas sobre esse termo tão atual. Considerando-se que é um **texto-base** a ser lido **aos colegas**, é natural, desde o início, o diálogo com o público ouvinte, já que será lido em voz alta na íntegra. Para dar corpo ao que se pede, o texto deve, inicialmente, explicar o que é pós-verdade, atentando para sua relação intrínseca com as redes sociais. Posteriormente, deve trazer, no mínimo, **dois** exemplos de notícias falsas **que circularam nas redes sociais** e que se tornaram pós-verdade. Na finalização da apresentação desse texto oral, deve haver, também, no mínimo, **duas** consequências **sociais** da disseminação de pós-verdades. Para a explicação, a exemplificação e as consequências, é possível contar também com informações de seu conhecimento, e não só com os textos-fonte A e B.

Texto 2

Na produção do **texto 2**, é necessário atuar como um estudante leitor de um jornal, escolhido por ser o periódico de maior circulação da cidade para manifestar-se, em um caderno especial, sobre o tema “liberdade de expressão” após a repercussão de uma mensagem de ódio contra nortistas postada na internet. No caso, apresentou-se, como texto-fonte, uma série de citações a respeito do conceito de liberdade de expressão e a diferença em relação ao discurso de ódio, que deveria ser considerada na elaboração do texto. É importante destacar que tais opiniões atendem a determinados perfis, como ministro, advogado, ex-deputado, jornalista etc. Deve-se elaborar um **artigo de opinião** para discutir, claramente, **se há limite para a liberdade de expressão**. Para fazê-lo, o texto, obrigatoriamente com título, deverá identificar e explicitar, em primeiro lugar, **os dois principais** posicionamentos sobre a questão tratada – liberdade de expressão ou discurso de ódio –, lembrando-se de associá-la à postagem que motivou a discussão. Na sequência, é preciso assumir **um** dos dois posicionamentos acerca dessa questão. Para sustentar essa opinião, deve-se construir, ao menos, dois argumentos.

Capítulo 2 – Quando a prova pede um gênero textual

Revisando

- Pela proposta, é necessário deixar que as reflexões suscitadas pelas ações possivelmente desencadeadas por palavras remetam-se a memórias. Dessas memórias, deve-se selecionar uma, com caráter de relato (acontecimento pessoal), para construir o texto. Transformar esse relato em narração, nesse caso, é apenas atribuir detalhes suficientes para que qualquer leitor possa acompanhar.
- É necessário se basear no contexto apresentado para compor um texto em que predomine a descrição de ações; no entanto, inicialmente, o texto deve compor uma espécie de relato que servirá como contextualização para o guia a ser escrito. Pode-se, porém, utilizar outros tipos de texto para cada uma das instruções, deixando claro ao leitor as justificativas e os procedimentos a serem seguidos.
- É necessário utilizar a argumentação na maior parte do texto. Para isso, será necessário posicionar-se e mobilizar conhecimentos que comprovem a escolha feita.

Redação proposta

Para a redação, deve-se escolher alguma das propostas da seção “Revisando” e desenvolver o texto, tendo em mente as seguintes considerações sobre cada um dos temas:

- A primeira proposta recorre à memória para a composição do texto. Das recordações que vierem à mente, deve-se selecionar um acontecimento pessoal para servir como fio condutor para a construção do texto. Porém, será necessário transformar esse relato em narrativa a fim de atender à proposta da banca examinadora. Nesse caso, basta atribuir ao relato os elementos que compõem uma narração, como espaço, tempo e personagens, a fim de estruturar melhor o texto para o leitor.
- Na segunda proposta, deve-se elaborar um texto de caráter instrucional que guie clientes de uma pizzaria a como devem aproveitar melhor os momentos de confraternização naquele estabelecimento. É importante que, para contextualização e sustentação da tese, o texto se inicie com base em um relato sobre as razões que motivaram a escrita desse guia; em seguida, o texto deve instruir os clientes sobre alguns procedimentos a serem tomados; portanto, deve prevalecer a descrição de ações, mas outros tipos de texto podem ser usados como suporte para as instruções.
- Na terceira proposta, o candidato deverá responder à pergunta “baixar conteúdos na internet: permitir ou proibir?” utilizando, na maior parte do texto, argumentação. Mais uma vez, caso precise expor ou relatar algo, o gênero permite.

Capítulo 3 – A dissertação de vestibular

Revisando

- Trecho original: “É, porém, impressionante como dessa discussão nunca se segue nada, nem sequer uma reflexão mais ampla sobre as disfuncionalidades estruturais do sistema político brasileiro, sobre as relações promíscuas entre os grandes

conglomerados econômicos e o Estado ou sobre a inexistência da participação popular nas decisões sobre a configuração do poder Judiciário”.

Resposta possível: É possível questionar a falta de consequências práticas para discussões desse teor. Por exemplo, não se organizam reflexões mais amplas sobre as disfuncionalidades estruturais do sistema político nem sobre as relações entre os conglomerados econômicos e o Estado, que permanecem obscuras para a população. Da mesma forma, a indignação não desencadeia questionamentos a respeito da falta de participação popular em decisões sobre a configuração do poder Judiciário.

- Trecho original: “O que nos deixa como espectadores desse jogo ridículo no qual um lado tenta jogar o escândalo nas costas do outro, isso quando certos setores da mídia nacional tomam partido e divulgam apenas os males de um dos lados”.

Resposta possível: O indivíduo, nesse cenário, acaba como mero espectador do que se veicula como escândalo político, especialmente quando há setores midiáticos que se preocupam cada vez menos com a tentativa de neutralidade.

- Trecho original: “Tem-se a impressão de que a contribuição que poderíamos dar já foi dada (programas amplos de transferência de renda e reconstituição do mercado interno). Mesmo a luta contra a desigualdade nunca entrou realmente na pauta e, nesse sentido, nada temos a dizer, já que o Brasil continua a ser o paraíso das grandes fortunas e do consumo conspícuo. Sequer temos imposto sobre herança. No entanto, os próximos meses da política brasileira serão dominados pelo duodécimo escândalo no qual alguns políticos cairão para a imperfeição da nossa democracia continuar funcionando perfeitamente”.

Resposta possível: Quando se observa o contexto, o que se percebe é a impressão generalizada de que já houve contribuição social suficiente. Vale ressaltar, porém, que questões como a luta contra a desigualdade dificilmente entram em pauta porque o Brasil é um país com grande concentração de renda e com amplos incentivos ao consumo. Assim, os discursos que circularão nos próximos meses tendem a reavivar mais um entre os vários escândalos políticos, e a consequência principal é que justamente a exploração desses escândalos nos afasta de uma democracia mais plena.

Redação proposta

Ao questionar se “O mundo contemporâneo está fora da ordem?”, a proposta de redação da Fuvest 2021 estabelece uma clara relação com o conceito de governança global, isto é, com as configurações gerais das hierarquias de poder existentes entre os países do mundo. Portanto, ao tematizar a nova ordem mundial, está-se referindo ao atual contexto das relações políticas e econômicas. O tema tem como pano de fundo o esgotamento do modo de produção capitalista que tem passado, desde a sua implementação, pela reinvenção de suas dinâmicas de trabalho e de economia. Esse modo de operar vinculado à doutrina neoliberal se instalou nos anos 1970/1980 do século passado. Se o capitalismo industrial demandava maior exploração da natureza, atualmente esse sistema reinventa-se em um capitalismo informacional em que as *commodities* passam a ser os dados e os perfis dos habitantes da Terra. Nesse contexto, cogita-se um “*Green New Deal*”, ou seja, uma nova proposta para enfrentar as mudanças

climáticas, ainda que a contemporaneidade esteja marcada não somente pela emergência climática, mas também pelas constantes mudanças e a dificuldade de elaborar planos de longo prazo. Para responder à pergunta proposta e, portanto, elaborar um posicionamento a respeito dessa ordem, é possível embasar-se nos seus conhecimentos de História e de Geopolítica e no estudo da contemporaneidade. A leitura interpretativa da coletânea aponta caminhos para esse posicionamento. Apesar de essa leitura revelar, em um primeiro momento, que a resposta deveria ser uma espécie de confirmação da pergunta, outros direcionamentos também são plausíveis. Parece ser possível, por exemplo, defender que essa é a ordem que vem sendo escolhida e, logo, não se estaria fora, mas dentro de uma ordem, mesmo que problemática. Outro posicionamento possível seria defender que, embora essa nova ordem mundial neoliberal tenha vigorado desde os anos 1980, iniciativas como o consumo de pequenos produtores, o nomadismo digital ou mesmo iniciativas de vida em pequenas comunidades, como as ecovilas, representam que a ordem pode estar se modificando. Questionar-se, portanto, em torno dessa ordem é a postura inicial a ser tomada no momento da redação.

Capítulo 4 – Dissertação argumentativa

Revisando

- Resposta possível: Saúde mental – pessoas mentalmente saudáveis, estigma relacionado a transtornos mentais e depressão.
- Resposta possível: Formação da sociedade brasileira – miscigenação, imigração e intolerância.

Redação proposta

Para motivar as primeiras reflexões em torno do tema, é fundamental a leitura dos textos motivadores sem perder de vista que a dissertação deve abordar as dificuldades e os impasses para reduzir as desigualdades. Não caberia, portanto, argumentar que essas desigualdades não existem, mas, sim, considerá-las e defender um posicionamento a respeito da dificuldade de transpô-las. Na redação, a desigualdade poderia ser encaminhada em âmbito social, econômico ou até juntando os dois aspectos centrais que estavam presentes nos textos apresentados. Como propostas de intervenção, é possível, ainda, caminhar pelas duas principais direções: no caso da desigualdade social, ações integradoras que motivassem a inclusão e o respeito pela diversidade cultural de cada povo que habita nosso país; frente à desigualdade econômica, planos e estratégias governamentais que rompessem com a modernização incompleta e que potencializassem as características de cada região.

Capítulo 5 – Leitura da coletânea

Revisando

- Todo objeto será interpretado conforme a cultura do lugar em que está. Nos Estados Unidos, valoriza-se um tipo específico de “vencedor”, por isso Carlito é interpretado como perdedor. Em outros lugares, valoriza-se a luta individual por sanidade em um mundo competitivo; nesse caso, Carlito é interpretado como herói. Essa característica não é exclusiva do personagem, mas,

sim, parte integrante das culturas, e qualquer objeto estará sujeito a interpretações diferentes.

- b) Porque há diversas interpretações para um mesmo filme, e todo filme estará construindo a realidade como lhe couber. Um filme de terror, por exemplo, provavelmente optará por cenários noturnos e cores escuras para garantir a atmosfera de medo. Já uma comédia não utilizará os mesmos recursos.
- c) Quando se concebe uma obra narrativa, pode-se escolher quem serão os personagens, por onde caminharão e durante quanto tempo, por exemplo. Quem cria a narrativa decide se choverá ou se fará sol, entre diversas outras decisões que impactam o rumo da história. É, portanto, um ser onisciente e onipotente para o personagem, com poderes para decidir tudo sobre a criação.
- d) Porque, como citado no decorrer da teoria e nos textos da coletânea apresentada, os filmes dialogam com a realidade, mas alterando algumas características dela, ou seja, recriando-a e resignificando-a da forma que melhor convier, de modo a contar a vida como uma encenação.
- e) Não necessariamente. Sempre que se pretende passar uma mensagem, escolhe-se um ponto de vista que guiará o olhar dos outros sobre aquela questão. Se queremos convencer com imagens um interlocutor de que uma sala está vazia, basta fotografar ou filmar os trechos em que não há pessoas. Se queremos mostrá-la cheia, basta preencher as lentes da câmera com as pessoas presentes. O documentário é, portanto, criação, isto é, um ponto de vista.

Redação proposta

A proposta pede que seja produzido um texto dissertativo com base no tema depreendido. A maior dificuldade dessa proposta é justamente a compreensão de que não se pede um texto apenas sobre cinema, mas sobre cinema recriando a realidade. Para organizar a produção, a leitura atenta da coletânea e as reflexões extraídas dos exercícios podem virar argumentos. Posicionar-se a respeito de uma tese explícita é fundamental.

Capítulo 6 – A composição básica da dissertação

Revisando

Texto 1: B, A, D, C

Texto 2: C, B, D, A

Ao reconstruir as redações, é importante perceber que elas gravitam em torno do posicionamento adotado. A primeira, baseada em um debate atual – o financiamento empresarial de campanhas eleitorais – apresenta a tese de que, habituados aos valores consumistas, tendemos a levá-los a outros campos, como o fazer político (parágrafo B). Logo, o segundo parágrafo (A) explica esse hábito, e o terceiro (D) indica o extravasamento dele para a maneira como as pessoas passam a entender o fazer político. A conclusão desse texto (C) retoma tanto a contextualização quanto a tese.

Já o segundo texto apresenta uma introdução que recorre à descrição de uma política representativa a fim de defender que, quando nos acostumamos a ela, não enxergamos mais que nossos atos e escolhas cotidianos podem também ter reverberações coletivas (parágrafo C). A partir daí, nota-se o desdobramento das causas dessa representatividade

(parágrafo B) e esse descolamento da vida comum das questões políticas (D). Por fim, novamente a conclusão retoma as discussões propostas na introdução, no entanto, agora (parágrafo A), com base no que foi debatido ao longo do texto.

Redação proposta

Ao redigir a redação, é ideal atentar para o fato de que a proposta se organiza em torno de uma pergunta – ou seja, é necessário deixar evidente, de preferência desde a tese, se considera que o voto deveria ou não ser facultativo no Brasil.

Outro ponto importante a observar é que, de alguma forma, a redação trata do mesmo tema analisado ao longo do capítulo; portanto, não é proibido usar algumas das ideias apresentadas, desde que esse uso seja autoral, não uma mera cópia.

Capítulo 7 – Introdução I: o ponto de vista

Revisando

1. a) Indica um posicionamento passível de desdobramentos argumentativos, mas pode gerar algumas dificuldades ao encaminhar o desenvolvimento, pois, para defendê-la, parece ser necessário apenas um parágrafo.
 - b) Não apresenta uma tese, mas uma constatação.
 - c) É uma boa tese, pois, além de marcar o posicionamento do escritor, parece haver um encaminhamento dos parágrafos argumentativos. O primeiro trataria do ensimesmamento nas redes sociais levando ao apagamento do que representa a diferença, e o segundo do surgimento da “pós-verdade” e dos boatos.
 - d) Marca um posicionamento, mas é muito subjetiva. Termos como “absurdo” e “negativos” indicam uma visão pessoal exacerbada, tornando ideal trocá-los por elementos mais objetivos.
2. Para formar as teses, é essencial voltar ao que foi abordado durante o capítulo e reparar que todas as que foram marcadas como boas não abordam o tema de maneira imediata, mas o localizam no interior de algum aspecto de nossa sociedade. Nesse sentido, vale a pena pensar: o que, do seu ponto de vista, a “pós-verdade” revela sobre nossa cultura? Quais os efeitos que ela produz? O que a causa? Quais os critérios que, hoje em dia, levam-nos a atribuir verdade a uma notícia qualquer? Por que são esses critérios e não outros? Levar em consideração as respostas a essas perguntas o ajudará a criar dois pontos de vista. É importante observar que, no capítulo 1, foi solicitada a elaboração de um texto-base para uma palestra sobre a pós-verdade. Contudo, apesar de tratarem sobre o mesmo tema, nesta proposta, é necessário formar as teses com base no conteúdo deste capítulo e sob orientação do excerto apresentado e dos questionamentos sinalizados.

Redação proposta

A proposta de redação solicita uma dissertação argumentativa acerca do papel da argumentação no contexto virtual. Para tanto, seria possível, por exemplo, criar uma tese defendendo que, em meio à pluralidade discursiva da rede, a argumentação ganha um papel ainda mais importante, uma vez que as opiniões não se sustentariam mais por serem certezas e, portanto, demandariam justificativas coerentes. Todavia, também seria uma estratégia válida trabalhar os mecanismos oferecidos pelas redes sociais para que só acessemos aquilo que vai ao encontro das

nossas ideias prévias – em meio a esse processo de seleção, talvez a argumentação perca força, já que, crendo ser absoluta nossa visão de mundo, não nos dedicaríamos a ela.

Capítulo 8 – Introdução II: a contextualização

Revisando

- a) É importante perceber que a tese se propõe a abordar a participação política pela percepção de que vivemos em um contexto de enclausuramento, de individualismo. Portanto, isso deve ser buscado na contextualização.

A resposta poderia se organizar, por exemplo, em torno de uma enumeração:

“Condomínios fechados, escolas privadas, planos de saúde particulares, automóveis com cinco lugares em que só um é ocupado: a sociedade contemporânea se caracteriza, cada vez mais, como um agrupamento de indivíduos isolados. Dessa forma, quanto mais enclausurados estamos, mais deixamos de reconhecer as questões públicas como algo que nos afeta intimamente. Nesse sentido, ainda que o cenário atual pareça, muitas vezes, levar à superação da participação política, ela ainda segue indispensável para que possamos interferir naquilo que, da coletividade, toca-nos.”

- b) Neste item, a tese orbita em torno da questão retratada. Em outras palavras, o que é representado é sempre aquilo que não está à vista sem a representação. Na esfera política, portanto, isso quer dizer que o sujeito representado, de alguma maneira, não está presente no fazer político, mas transfere a alguém esse fazer. Assim, quando nos habituamos a essa transferência, tendemos a nos afastar da percepção cotidiana da política. Nesse sentido, talvez seja importante, de fato, superar a concepção de participação política que vigora hoje para que possamos, enfim, chegar à política realmente indispensável para nossa organização coletiva.

Redação proposta

Para escrever a dissertação, é necessário ter em mente que a proposta sugere uma definição para o diálogo por ser um alicerce para ampliar a convivência entre as pessoas e o conhecimento na sociedade. Portanto, pensar no porquê dessa definição é um caminho interessante para aprofundar o tema. O diálogo, pelo que parece, não é pensado apenas no sentido mais usual, de “bate-papo”, mas, sim, por um sentido mais formativo: enquanto não coloco minhas crenças e meus conhecimentos para se encontrarem com outros, para se confrontarem com outros, eles são apenas repetições, apenas senso comum. É a presença do outro, nesse sentido, que me permite conhecer melhor seus limites e, por que não, os meus também.

Assim, vale a pena pensar nas características da contemporaneidade que favorecem ou inviabilizam a existência do diálogo, como as tecnologias de comunicação, o individualismo – tudo isso pode ser utilizado ao idealizar a tese.

Capítulo 9 – Contextualizar e se posicionar em uma proposta real

Revisando

O exercício proposto visa treinar a elaboração da introdução. Apresentamos diversas estratégias para a construção da

contextualização, e elas podem ser recuperadas na construção dos parágrafos. Partindo da coletânea, a contextualização pode ser feita tomando por base as várias formas de violência, como apresentado no texto 2. Já quanto à história, é possível valer-se do papel da mulher em sociedades antigas, como a grega, ou então, por exemplo, recorrer à demora para que ela fosse reconhecida como cidadã e pudesse votar no Brasil. Com relação às atualidades, os diversos movimentos que lutam por igualdade de gênero poderiam ser trabalhados ou, então, propagandas vistas na televisão que, de alguma maneira, impliquem a manutenção de um cenário em que a mulher é reduzida aos afazeres domésticos. As músicas também são um caminho interessante de abordagem – dos clássicos, como “Amélia”, de Mario Lago, ao sertanejo universitário, entre produções nacionais e internacionais, não é difícil encontrar referências pertinentes. Quanto à tese, é preciso se lembrar de que a proposta do Enem pede uma intervenção. Dessa forma, a construção do ponto de vista deve levar em conta essa abordagem mais política da prova.

Redação proposta

A proposta de 2015 do Enem pediu uma dissertação argumentativa a respeito da persistência da violência contra a mulher. Assim, é importante perceber que não se coloca em questão se há ou não essa violência – pela proposta e pela coletânea, ela existe e é grave. Posto isso, é necessário também definir os rumos do posicionamento: por que ela persiste? Uma boa estratégia seria investigar como a construção cultural do papel social da mulher, de alguma maneira, interfere na persistência das agressões contra ela. Outro ponto a se considerar é que a coletânea aborda diferentes formas de violência. Por fim, não se deve esquecer da proposta de intervenção, que precisa dialogar com o caminho percorrido pela abordagem textual.

Capítulo 10 – A composição básica da dissertação

Revisando

Introdução 1: B, E, C

Introdução 2: D, A, F

As duas teses indicam o encaminhamento a ser procurado entre os parágrafos seguintes.

A primeira tese, “**Inseridos em uma sociedade que tem medo daquilo que não conhece e que vê no “outro” uma ameaça, somos impedidos a erguer muros que garantam nossa segurança.**” Dessa maneira, **cada vez mais o diálogo fica silenciado e as pessoas enclausuradas**”, pode ser dividida conforme indicam as cores.

Em azul, a previsão do D1 se confirma no parágrafo B, e, em verde, a previsão do D2 se confirma em E. A conclusão, C, retoma as ideias principais.

Já a segunda tese, “**Quando a velocidade é a lei, o outro e o tempo necessário para compreendê-lo, algo tão essencial para o diálogo, tornam-se pedras a serem chutadas.**” O efeito disso, enfim, **é caminhar por caminhos em que não há espaço para a convivência**”, também traz em azul o foco do D1, o qual será encontrado no parágrafo D, e, em verde, o centro do D2, o qual será efetivado em A.

A conclusão, novamente, retoma as ideias apresentadas fechando o texto e se apresenta no parágrafo F.

Redação proposta

O tema da Unesp 2021 parte de uma premissa bastante conhecida: “Tempo é dinheiro?”. Trata-se de uma indagação que remete a uma frase que muitas vezes se escuta em algumas conversas cotidianas – ou se lê em textos que circulam nas diversas mídias – e que, geralmente, vem acompanhada de discussão e polêmica. Uma leitura atenta dos textos ou fragmentos apresentados pela banca permite observar que a própria coletânea retoma essa polêmica, na medida em que são apresentadas abordagens diferentes da afirmação que constitui o tema. Nos primeiros textos, o tempo é associado a lucro, produtividade; a partir do quarto texto, no entanto, há uma crítica a essa forma de organização social que coloca como primazia a aquisição de bens. Isso abre caminho para que o estudante perceba que se trata de uma temática que pode levar à defesa de pontos de vista também diversos e aponta para a possibilidade de se estruturar a argumentação embasada em pontos de vista contrastantes.

Observa-se que o **texto 1** reforça a ideia de que se trata de uma expressão usada há muito tempo: o tema é identificado como um provérbio inglês que teria se baseado no pensamento de um filósofo da Grécia Antiga, Teofrasto. O **texto 2** – de autoria do iluminista norte-americano Benjamin Franklin – é introduzido com uma forma verbal imperativa, que torna clara a intenção de aconselhar o leitor/interlocutor do texto. O autor parte da ideia de que tempo é dinheiro, portanto deve ser usufruído produtivamente, o que significa que o tempo de ócio não deve ser desperdiçado, mas usado para se ganhar mais dinheiro. O **texto 3** é uma charge que satiriza a tese apresentada pelo tema “tempo é dinheiro” por meio do diálogo entre os dois personagens que, em um escritório, associam a quantidade de relógios à quantidade de dinheiro que se pode ganhar. O **texto 4** é um trecho de uma canção do compositor Djonga. Nos versos, o eu lírico observa pessoas usando o dinheiro que ganham para se ostentar socialmente. Também mostra a sociedade atual dividida entre aqueles que têm poder de consumo e *status* social e os que não têm poder econômico e, conseqüentemente, privilégios sociais.

Os **textos 5 e 6** apresentam caráter argumentativo e ampliam a polêmica sobre a temática da prova. O autor do texto 5 é José Mojica, ex-presidente do Uruguai conhecido como líder da esquerda latino-americana que ostensivamente combate a visão materialista da sociedade contemporânea e o capitalismo, como o próprio fragmento de texto destacado em prova demonstra. O autor do texto 6 é o professor de literatura e crítico literário Antonio Candido, cuja obra se baseia na filosofia marxista. É interessante notar, nesse último texto, a afirmação do autor de que a “esse tempo (de vida que ainda tem) pertence a meus afetos”. Essa perspectiva se contrapõe claramente à ideia de que o tempo de vida de um indivíduo deve ser um meio de ele se realizar materialmente. Também aponta para perspectivas adotadas por correntes filosóficas contemporâneas que consideram o estabelecimento de relações pessoais e o tempo para o lazer e o ócio como fundamentais para que os indivíduos se tornem mais produtivos e felizes.

Para iniciar o planejamento da redação, após ler atentamente os recortes temáticos que os textos escolhidos pela banca organizadora da prova apresentam, é necessário estabelecer uma tese. Um dos caminhos é o contraste entre o estilo de vida em que se busca essencialmente a aquisição de bens e *status* social, e aquele em que também são buscados valores imateriais, além da subsistência. Nessa perspectiva, parte-se de uma realidade em que o dinheiro é uma necessidade para

a sobrevivência humana, mas em que não se abre mão de valores que garantem uma existência plena, como as relações pessoais ou o tempo para o lazer e o ócio.

Para o desenvolvimento do tema, é importante usar argumentos que subsidiem a tese e que demonstrem repertório sociocultural. Para exemplificar o lema “Tempo é dinheiro” situando-o no tempo, pode-se fazer referência ao Fordismo, sistema de produção industrial criado por Henry Ford no início do século XX, cujo objetivo principal é a produção em massa, baseando-se na ideia de que é importante produzir mais, com maior eficiência e menos custo. Dessa forma, usa-se uma das referências históricas que corroboram a concepção de que o tempo das pessoas deve ser dedicado à produção e, conseqüentemente, a ganhar dinheiro. Como contraste, para demonstrar a ideia de que o tempo de vida também deve ser usufruído para as relações de afeto, como afirma Antonio Candido, pode-se citar filmes – como *O preço do amanhã* ou *A procura da felicidade* – que questionam a lógica capitalista. De todo modo, é importante ter em mente que o direcionamento escolhido deve responder, de alguma forma, à pergunta feita pela banca. Ao utilizar uma pergunta direta, a Unesp esperava um posicionamento claro do candidato acerca do tema proposto.

Capítulo 11 – O planejamento em foco: análise de textos

Revisando

O ponto de vista defendido no texto está expresso em: “A liberdade de troca de informações na internet deve prevalecer, pois, caso contrário, haveria um cenário de exclusão. Não é restringindo, mas educando, que se consegue um melhor aproveitamento dos textos no mundo virtual”.

Os argumentos que sustentam esse ponto de vista são:

- a liberdade de expressão é um bem universal;
- a educação pode ajudar a distinguir o que é uma informação válida e o que é mentira na rede;
- argumento de autoridade ao fazer referência ao filósofo francês;
- refutação: o candidato traz para seu próprio texto uma ideia contrária à sua e a desconstrói. Para o autor, aqueles que defendem que apenas opiniões baseadas no rigor científico deveriam circular na rede desconsideram o fato de que opiniões não se formam apenas a partir da ciência e, a seu ver, implicitamente, estariam selecionando um grupo muito pequeno de pessoas para serem autorizadas a se posicionar.

Redação proposta

A dissertação em prosa de natureza argumentativa deve apresentar conclusões a respeito de ideias, textos, acontecimentos e situações relacionados ao tema proposto. A redação representa um desdobramento da tarefa de leitura e interpretação dos diversos aspectos sugeridos pelos textos da prova, que deverão ser articulados a reflexões próprias. Note que a proposta exige a exposição de seu ponto de vista sobre o tema. Assim, a redação é avaliada em cinco itens: adequação ao tema (se o enfrenta, se foge dele ou se apenas o tangencia); tipo de texto (se o propósito dissertativo é claro ou difuso); desenvolvimento da argumentação (se argumenta com pertinência, suficiência e coerência); estruturação do período e coesão (se constrói seus períodos de maneira clara e coesiva); e modalidade (se domina ou não a variedade padrão da língua).

Capítulo 12 – Argumentação I: temas e cultura

Revisando

1. Sugestões de resposta:

- a) Para que o consumo seja atualizado a todo instante, não há espaço para o valor de uso. As coisas nas prateleiras vendem-se a partir de tudo, menos daquilo para que de fato serviriam. Afinal, não fosse assim, não haveria razão para que alguém trocasse aquilo que já tem por um modelo novo. Mais do que a utilidade “crua”, os objetos são procurados pelos discursos simbólicos que os entornam, prometendo alterar o *status* daquele que os possui.
- b) Se a competição é a lei da vida, a diferença social é uma constante. Nos moldes da cultura ocidental, compete-se até haver um vencedor, o qual, porém, só surge na aparição concomitante do perdedor. Nesse cenário, “melhor” e “pior” tomam o lugar de “bom” e “ruim”: não se pensa mais, por exemplo, em uma escola boa, em um cargo bom, em uma saúde boa – tudo isso dá lugar ao “melhor que a vida pode oferecer”. Para que exista tal melhor, então, é imperioso que persista o pior, isto é, que se continue a produzir, sistematicamente, uma vida indesejada e serviços cada vez mais sucateados.
- c) O ensimesmamento contemporâneo rui quando há conectividade. Em uma postagem perdida, compartilhada por um conhecido de um amigo, o sujeito ensimesmado, vidrado no próprio *smartphone*, tem uma oportunidade de ver-se tocado pelo diferente, por um “outro” realmente potente em alteridade. Em outras palavras, por algo que, de dentro para fora, retire-o da fortaleza ensimesmada que habitava.
- d) Quando tempo é dinheiro, tudo o que não é dinheiro é tempo perdido. Ao sujeito da produtividade, regulado pelo ponto batido, cobrado por metas, atolado de tarefas, não resta vida, reflexão e ação que não se voltem à produção. Suas respostas, então, devem ser imediatas, tanto no produzir, que lhe ocupa a maior parte do tempo, quanto em qualquer outro contexto. Sua alimentação se condensa em *fast-foods* e bebidas instantâneas; as causas do que lhe prejudica a saúde são abafadas por pílulas paliativas; toda sua busca por felicidade se encontra resolvida nas prateleiras de uma loja qualquer.
- e) Quando impera o individualismo, os horizontes são de espelhos. A sociedade do *self-made man* seduz por meio da ideia do homem que se fez sozinho e que a si mesmo basta. Cada vez mais convocado a fechar-se em si, então, o indivíduo contemporâneo, alimentando-se em porções individuais enquanto ouve sua própria *playlist* com os fones de ouvido, distancia-se do espaço coletivo.
- f) Uma sociedade cada vez mais rápida é, por necessidade, também cada vez mais superficial. Corre-se mais velozmente sobre terrenos lisos, planos, sem elementos que gerem atrito. Nesse sentido, quanto mais rápida é nossa relação com qualquer coisa e mais imediatamente precisamos dizer o que pensamos sobre ela, menor é o tempo destinado a um aprofundamento qualquer.

O que se produz, nesse cenário, é necessariamente da ordem da superfície, isto é, da não profundidade.

- g) Quando não são todos os que definem o que é o mundo, ele tende a tomar a cara daqueles que podem fazê-lo. Embora haja uma infinidade de possibilidades interpretativas a respeito da realidade, as relações de poder presentes no contexto social não são simétricas. Nesse sentido, quanto maior o poder que se tem de fazer circular as próprias imagens e interpretações, maior é o caráter de absoluto que toma aquilo em que se crê.
- h) Quando o medo impera, a palavra de ordem é “proteção”. Crendo estar sob constante ameaça, o indivíduo permite ter sua intimidade invadida e sua liberdade cerceada, isto é, na busca por resguardar a própria vida, ele a engessa em muros altos, cercas elétricas e vidros blindados. Aquilo que o ameaça, então, fica cada vez mais distante e, por isso mesmo, também mais ameaçador. Em vez de nos disponibilizarmos a conhecer o que amedronta e perceber quais relações estabelecemos com ele, transformamo-lo em um monstro ainda mais assustador.

2. Sugestão de parágrafos utilizando a “Assimetria de poder” (item g do exercício 1) para argumentar a respeito dos temas “Estatuto da família” (item e) e “Cotas nas universidades” (item f):

- e) Quando não são todos os que definem o que é família, o conceito tende a tomar a cara daqueles que podem fazê-lo. Embora haja uma infinidade de possibilidades interpretativas do que seria uma organização familiar, as relações de poder presentes no contexto social não são simétricas. Nesse sentido, quanto maior o poder que se tem de fazer circular as próprias imagens e interpretações, maior é o caráter de absoluto que toma aquilo em que se crê.

A aprovação do Estatuto da Família, o qual a fixa em uma única forma, ilustra bem esse processo de negação. Ainda que a legislação seja muito mais reveladora daqueles que a escreveram do que, de fato, do que se poderia compreender por família, quando não são todos que legislam, os conceitos e os sentimentos tomam a forma daqueles que o fazem. As famílias estranhas aos olhos do poder são, então, alvos de intolerância e encontram cada vez mais obstáculos para se estabelecer.

- f) Quando não são todos os que definem quem pode ou não entrar na universidade, a tendência é que essa decisão tome a cara daqueles que o fazem. Embora haja uma infinidade de possibilidades interpretativas do que seria o conhecimento necessário para o vestibular, os métodos de ingresso ou os critérios de seleção são abafados em benefício do que é definido por quem controla esse acesso.

Nas universidades públicas, a altíssima presença de alunos brancos e oriundos da classe média é reveladora nesse sentido. Porém, quanto mais se mantém frequentada pelos mesmos alunos, com as mesmas referências e costumes similares, essa universidade é cada vez mais refém de uma reprodução de conhecimentos e práticas que, sistematicamente, mantém a mesmice em seu interior.

Redação proposta

O tema da Unesp 2022 parte de uma indagação: “Tudo bem não estar bem?”. Em seguida, aponta mais objetivamente

para a temática da prova, situando o questionamento em um determinado contexto: “A tristeza em tempos de felicidade compulsória”. É importante, primeiramente, entender o que é “felicidade compulsória”. Compulsório é tudo aquilo que leva um indivíduo a fazer algo obrigatoriamente. Associado ao substantivo “felicidade”, o adjetivo remete à ideia de que se vive uma época em que as pessoas são obrigadas a se sentirem felizes, ou a demonstrarem felicidade, mesmo que tristes.

Uma leitura atenta dos textos apresentados pela banca permite observar que eles apresentam exemplos de situações sociais ou pontos de vista que se complementam, representando mais objetivamente a proposta da banca. O **texto 1** é uma letra de canção criada pelo poeta Vinicius de Moraes em parceria com Baden Powell. Nos versos, a supremacia da alegria sobre a tristeza (“É melhor ser alegre que ser triste”) é relativizada, pois a composição musical afirma que um bom samba nasce da tristeza. O **texto 2** faz referência ao uso de medicamentos. Na sociedade contemporânea, a indústria farmacêutica tem criado remédios que efetivamente são capazes de prevenir, tratar e até curar doenças, mas também vende a imagem de ter soluções milagrosas para todo tipo de necessidade, fazendo as pessoas considerarem a ingestão de medicamentos como uma solução para qualquer problema, até mesmo para combater o sentimento de tristeza. Informações obtidas por meio de pesquisas que circulam nas diversas mídias mostram que o hábito de automedicar-se é comum no brasileiro, sendo crescente o consumo de psicotrópicos, como os antidepressivos. O **texto 3** apresenta um trecho de uma entrevista com o filósofo e escritor Pascal Bruckner, o qual considera o século XX – principalmente a partir da geração “paz e amor” dos anos 1960 – uma época que reprime a expressão da tristeza. Por fim, o **texto 4** mostra a origem do questionamento que introduz o tema da redação: “Tudo bem não estar bem?”. Essa indagação remete a um depoimento da tenista Naomi Osaka que, quando questionada sobre o motivo que a levou a abandonar uma importante prova em Roland Garros, afirmou: “*It’s ok to not be ok*”. Ao assumir publicamente o momento difícil pelo que passava, a desportista trouxe à tona a discussão sobre a “ditadura da felicidade” que tende a imperar no mundo das pessoas famosas.

A interpretação da coletânea é o primeiro passo para a elaboração de uma tese. Provas como a da Unesp exigem um posicionamento claro acerca da temática proposta, e, para o desenvolvimento do tema, é importante usar argumentos que subsidiem a tese e que demonstrem repertório sociocultural. Além de dialogar com fatos e opiniões manifestados na coletânea, cujos recortes temáticos podem servir de argumentos, é importante associá-los aos conhecimentos pessoais. Nesse sentido, uma realidade que certamente ilustra a questão apresentada pelo tema é o ambiente criado pelas redes sociais. As pessoas tendem a criar uma imagem positiva de si mesmas nas mensagens postadas em redes sociais, em que aparecem como bonitas, bem-sucedidas, ostentando bens de consumo e expressão de felicidade. Assim, o mundo virtual faz apologia ao que hoje é denominado “positividade tóxica”, que compulsoriamente torna a felicidade um sentimento obrigatório. Para minimizar o sentimento de impotência dos indivíduos diante desse discurso, um dos caminhos é trazer à tona essa discussão, o que é feito quando uma banca propõe um tema como esse em uma prova de redação.

Capítulo 13 – Argumentação II: relações entre ideias

Revisando

Tese 1

D1

- Apresentar os números presentes no texto 1 da coletânea para demonstrar o volume de denúncias;
- observar como, diante deles, passa a parecer natural e incontornável o cenário de corrupção;
- mencionar as denúncias presentes nos noticiários para mostrar que a corrupção não é algo isolado, restrito a poucos indivíduos ou a um partido específico, mas que atua como regra também no Congresso.

D2

- Trabalhar a ideia de que, como efeito do cenário apresentado no D1, ocorre uma naturalização das maneiras de se proceder e da impunidade em relação a elas;
- mostrar que a prevalência dos interesses privados em detrimento da coletividade acaba, de cima para baixo, atuando sobre toda a sociedade;
- citar exemplos como furar a fila e ficar com troco errado;
- finalizar defendendo que a sociedade não é reflexo do Congresso, mas o contrário.

Tese 2

D1

- Apresentar a ideia de que vivemos em um contexto individualista, em que o bem-estar individual se sobrepõe à busca pelos interesses coletivos;
- discutir exemplos como as reações às greves ou ocupações escolares: existe um incômodo com o quanto atos como esses afetam a vida particular, mas deixa-se de discutir as causas coletivas em jogo;
- finalizar o parágrafo afirmando que essa postura, de maneira geral, naturaliza a ideia de que a preocupação é, antes de tudo, com a priorização individual, e não com as questões relativas ao grupo.

D2

- Trabalhar a ideia de que, por mais que haja práticas de corrupção, o que as fundamenta, isto é, o domínio dos interesses particulares em relação aos coletivos, não precisa da ilegalidade para persistir;
- detalhar a ideia anterior com base no exemplo do automóvel: os desvios de verbas que seriam utilizadas na melhoria do sistema público de transporte levam ao sucateamento de ônibus e metrô. No entanto, ao nos deixarmos levar pela lógica de que é o transporte privado que nos confere algum valor, estamos também contribuindo para esse sucateamento ou, ao menos, sendo coniventes com ele;
- terminar o parágrafo defendendo que a corrupção no Congresso é um reflexo da sociedade brasileira.

Redação proposta

A proposta da Unesp começa com uma questão direta: a corrupção no Congresso Nacional é reflexo da sociedade brasileira? Em razão disso, já na introdução dissertativa, a resposta a essa

questão deve aparecer. Pelo exercício proposto na seção “Revisando”, é possível perceber que podemos encaminhar nossa redação para os dois polos dessa pergunta. Caso a respondamos afirmativamente, é preciso mostrar ao longo do texto que há uma vinculação causal – a corrupção de nossa sociedade como um todo apenas se reflete no âmbito político, isto é, os atos ilegais de nossos parlamentares são apenas uma continuidade de algo que ocorre de uma maneira mais ampla em todo o espectro social.

Caso não se opte por esse caminho, é possível argumentar em sentido contrário. Assim, pode-se inverter a relação: possivelmente a corrupção nos altos escalões cria na população um sentimento de impunidade que funciona como autorização para pequenos delitos.

Capítulo 14 – A estrutura interna dos parágrafos

Revisando

Conjunto 1

Fechados em nós mesmos, o mundo que vemos é só um espelho. A realidade não nos chega de maneira direta, mas a partir de diversos filtros, como a cultura, a religião e até mesmo as relações afetivas que travamos com aquilo que observamos. Perder isso de vista, porém, implica não perceber que esse mundo com que nos relacionamos e que dá sentido à nossa vida é uma possibilidade entre várias; perder isso de vista talvez seja uma forma de confortar a existência: ela se torna plana, perde a complexidade, mas, de alguma maneira, retira do sujeito a necessidade de justificá-la, de refletir sobre ela. Para ele, então, mais vale o conto de fadas do cidadão de bem contra o bandido do que o debate da violência social como um reflexo de condições desiguais; mais vale o mundo como pintado na manchete da revista semanal do que o mundo debatido por meio da pluralidade de interpretações.

Conjunto 2

Antes da sugestão de resposta, é importante perceber, ao organizar o parágrafo, que o conjunto traz duas percepções a respeito da contemporaneidade. Talvez valha a pena dividi-lo, portanto, em dois parágrafos:

Quanto maior o ensimesmamento, menor a ação política. Convocados, contemporaneamente, a recolherem-se em torno de seus próprios desejos e vontades, os indivíduos vão, aos poucos, perdendo contato com tudo o que faz parte do mundo coletivo. O “outro”, nesse processo, vai sendo apagado, e o “eu” não sente que tudo o que toca esse outro lhe toca também – se ele está recluso em seu automóvel particular, pouco importa o sucateamento do transporte público; se está a salvo em um plano de saúde, deixa de se comover com as questões relativas ao SUS. Sem a presença da alteridade, porém, esse sujeito perde sua dimensão política.

Todavia, no interior desse castelo individualizado, há ainda uma possibilidade de conexão. Por meio das plataformas digitais, esse sujeito tem uma possibilidade que em sua vida ensimesmada não existe mais: entrar em contato com o diferente. Esse contato, de alguma maneira, pode desestabilizá-lo, quebrando os espelhos que o cercam e abrindo horizontes para um mundo maior e mais complexo. O “outro”, enfim, volta a fazer parte do horizonte visível e, assim, abre-se uma nova porta para o agir político.

Redação proposta

Com a pergunta “Devem existir limites para a arte?”, a redação da Fuvest 2018 propõe dissertar sobre acontecimentos recentes. A coletânea apresentada não traz argumentos prontos, dado que é majoritariamente expositiva, baseada em fatos e em notícias. Dessa forma, é necessário problematizá-la, estabelecer uma relação dos acontecimentos com outros presentes nesse mesmo contexto sociocultural e a apresentação de um texto coeso, coerente e fluido, que responda à pergunta colocada. Vale lembrar que essa resposta é aberta e que, se bem fundamentados, quaisquer recortes ou posicionamentos seriam possíveis.

Capítulo 15 – A reinvenção da estrutura

Revisando

1. Algumas sugestões:

- “Lugar de gente feliz”, “abra a felicidade”, “vem ser feliz”, “Camaro amarelo”.
- A expressão “dias úteis”, ligando a utilidade aos dias em que se trabalha; o ditado “o trabalho enobrece o homem”; a ideia de que “tempo é dinheiro”, assemelhando o tempo ao quanto se ganha financeiramente.
- O “sexo frágil” ser atrelado à mulher; a expressão “mulherzinha” ser depreciativa e a “vira homem” ser vista como positiva; o termo “ex-mulher” usado depois de um divórcio não se espelha no cônjuge masculino: ele é o “ex-marido”, mas não o “ex-homem”.

2. Sugestões de reconstrução:

- Quando é o consumo que sustenta o sistema, ele deve se manter ininterrupto. Para tanto, não basta vender o xarope gaseificado feito a partir da folha da coca, é preciso atrelar ao produto toda uma sorte de características tidas como humanas, desejáveis. Sem isso, não há por que comprar caso não haja uma necessidade ligada ao valor de uso do que se adquire. O refrigerante, então, passa a ser a “felicidade” a ser aberta, e o que se ingere a cada gole não é mais o que é, e sim o discurso que o envolve.
- Se impera a produtividade, tudo o que não produz perde espaço. Sustentando de um lado as condições para se consumir, uma vez que, por meio do trabalho, ganha-se o salário para os pagamentos e, de outro, a própria produção dos objetos de consumo, não é estranho a produtividade figurar um lugar tão central em nossa cultura. Crenças de que somos mais nobres e dignos conforme trabalhamos, de que Deus nos ajuda se levantarmos cedo em cada um dos dias cuja utilidade está atrelada ao trabalhar, os sujeitos, por sua vez, adequam-se à dinâmica produtiva e passam a não se reconhecer mais senão dentro das exigências laborais.

Redação proposta

A questão proposta, “Compro, logo existo?”, ainda que de cunho aparentemente abstrato, é clara ao pedir que se disserte sobre a relação de dependência existente entre a nossa identidade, nossa subjetividade (desejos, aspirações, afetos, sentimentos em geral) e a aquisição de bens (materiais e imateriais). A coletânea foi clara no direcionamento: em um contexto no qual o consumo é imperante, nossos valores e nossas características mais humanas aparecem a ele subordinados, quando não são esquecidos.

O estilo de proposta exige um olhar mais analítico para a sociedade na qual estamos inseridos. Portanto, para elaborar um bom texto, é preciso demonstrar compreensão do recorte proposto no tema em paralelo ao direcionamento fornecido pela coletânea, delimitando um posicionamento claro a ser defendido, por meio de argumentos consistentes e organizados.

Capítulo 16 – Propostas baseadas em textos verbo-visuais

Revisando

Imagem I

Podemos perceber uma divisão espacial: de um lado, um prédio de alto padrão e, do outro, uma comunidade pobre. Enquanto essa comunidade se caracteriza por uma série de construções baixas, mais ou menos com as mesmas estruturas simples, o edifício tem uma arquitetura moderna e se ergue verticalmente por muitos metros. Tal qual camarotes, das sacadas do prédio é possível ver o que o circunda, quase como um lembrete diário de que se ocupa o lugar de desejo, conforme construído em nossa sociedade. Por outro lado, embaixo, vê-se o prédio, talvez como meta, sonho ou objeto de desejo. Se o que é valorizado é restrito a um espaço e passa a conferir valor a quem o ocupa, é possível compartilhá-lo? É coerente com esse sistema crermos que existe valor em todos os espaços?

Sugestão de tese: Quando a vida se torna uma competição, o topo do pódio é pequeno demais para todo mundo. O efeito disso é que, imerso na busca pela vitória, o indivíduo vai, aos poucos, deixando de pensar que qualidade de vida pode ser um direito de todos, e não um prêmio a poucos vencedores.

Imagem II

A presença da cerca indica uma divisão que não existiria sem ela. Em outras palavras, é a mão do homem que traça a separação, definindo quem pode estar do lado de dentro e quem deve permanecer do lado de fora. Por meio dessa divisão, então, criam-se identidades. Ao mesmo tempo, o fato de essa cerca ser composta de arames farpados indica que a segmentação proposta não é fruto de um acordo pleno com todos que interagem com ela. Mas como são definidos esses acordos? Quem delimita o que não é delimitado?

Sugestão de tese: Criamos fronteiras que nos separam, identificam, mas, à medida que perdemos de vista o fato de elas serem apenas invenções, passamos a crer que aquilo que elas definem é absoluto. A intolerância e a violência contra tudo o que, sem autorização, as ultrapassa, passam a ser frequentes.

Redação proposta

O tema do Enem 2019 solicita ao estudante uma discussão – em forma de texto dissertativo-argumentativo – sobre a “Democratização do acesso ao cinema no Brasil”. Além disso, destaca a importância de o candidato apresentar uma proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Escrever uma redação que seja respeitosa com os princípios da Declaração Universal dos Direitos do Homem é, aliás, uma das condições para que o aluno tenha uma boa avaliação na Competência 5: “Elaboração de uma proposta de solução para os problemas abordados, respeitando os valores e considerando as diversidades socioculturais”.

Apesar de ter sido, à época, um tema que muitos consideraram “diferente”, é importante observar que a democratização

do acesso ao cinema, além de ser uma questão social muito pertinente, é apenas um recorte de um tema maior, que é a importância de as políticas públicas nacionais garantirem o acesso à instrução e aos bens culturais. Esse direito deve ser garantido, conforme previsto no art. 215 da Constituição brasileira:

O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.

Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 7 jul. 2022.

Também o art. 27 da Declaração Universal dos Direitos do Homem (1948) – de que o Brasil é signatário como membro da Organização das Nações Unidas (ONU) – preconiza a importância de acesso à instrução e à cultura:

1. Todo ser humano tem o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar do progresso científico e de seus benefícios.

2. Todo ser humano tem direito à proteção dos interesses morais e materiais decorrentes de qualquer produção científica literária ou artística da qual seja autor.

Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 7 jul. 2022.

Para iniciar o planejamento da redação, após ler atentamente os recortes temáticos que os textos escolhidos pela banca organizadora da prova apresentam, é necessário estabelecer uma tese. Para elaborar essa tese e planejar as informações – como exemplos, referências históricas, dados estatísticos etc. – que serão usadas como argumentos, é sempre interessante associar a temática proposta em prova à legislação que normatiza a vida social, e a democratização do cinema é um dos temas que favorece esse diálogo.

Além desse viés legislativo, outras questões favorecem a dissertação sobre essa temática. Um exemplo é o valor dos ingressos e a escassez de salas de cinema em cidades de médio e pequeno porte, que limitam o acesso a esse bem cultural para boa parte da população brasileira. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o “país tem quase 40% da população em municípios sem salas de cinema” (Disponível em: <https://censos.ibge.gov.br/2012-agencia-de-noticias/noticias/26239-pais-tem-quase-40-da-populacao-em-municipios-sem-salas-de-cinema.html>. Acesso em: 7 jul. 2022). Em contrapartida, a produção cinematográfica nacional cresceu de maneira significativa nos últimos dez anos.

O texto 3 da coletânea também favorece a discussão sobre o aumento crescente do público que assiste a filmes na televisão, seja em canais abertos ou de *streaming*. Nesse último caso, a questão econômica também é um entrave, já que o acesso aos canais pagos não é financeiramente viável para grande parte da população brasileira. Esse é mais um exemplo de que, a longo prazo, qualquer processo de democratização no Brasil deverá passar pelo combate à desigualdade social.

Capítulo 17 – Análise de textos: a evolução argumentativa

Revisando

A introdução é eficaz para a proposta, pois começa com uma contextualização apresentando o conceito sobre o qual se vai

dissertar e, em seguida, desenha-se um ponto de vista pertinente. No desenvolvimento, porém, as coisas desandam. Quanto ao D1, trata-se de um parágrafo inteiramente expositivo, pois o autor se limitou a resumir o que leu na coletânea. Em outras palavras, não se tem, nesse trecho, um raciocínio argumentativo, mas apenas o que escreve Kant.

Já em relação ao D2, o problema é de outra natureza. O autor até traz um tópico frasal que indica uma relação potencialmente argumentativa. No entanto, já começa a expansão com um exemplo e, depois, não sai mais dele. Além de optar por uma abordagem demasiadamente particular (como se só o canal de televisão específico propusesse uma interpretação de mundo de acordo com seus próprios interesses), os casos apresentados também são muito pouco contemporâneos. Ao ler o parágrafo, parece tratar-se de alguém que aprendeu, nas aulas de História, que há manipulação, mas que não a percebe cotidianamente.

É importante notar que o capítulo 12 trouxe a proposta de redação da Fuvest 2017 para a produção de texto. No entanto, este capítulo traz um novo olhar para essa proposta, trazendo uma atividade de análise de uma redação sobre o mesmo tema. Dessa forma, será proveitoso utilizar a experiência da redação elaborada anteriormente para essa análise.

Redação proposta

É importante ficar atento ao fato de que a proposta se organiza em torno de uma pergunta com duas opções de resposta. Para redigir a tese, então, é preciso decidir se interpretará a publicação de imagens trágicas como “banalização do sofrimento” ou como “forma de sensibilização”.

Outro ponto com o qual se deve tomar cuidado é a argumentação, sendo ideal evitar moralizações. Nesse sentido, é necessário perceber que a proposta não pede a abordagem de como deveríamos nos comportar diante dessas imagens trágicas, apenas que nos posicionemos.

Capítulo 18 – Polêmicas

Revisando

Sugestões de resposta:

Tema A

Há um mito de que as cotas nas universidades diminuem a qualidade dos cursos. Na verdade, segundo pesquisas recentes da Fapesp, o aproveitamento de alunos oriundos de programas de inclusão, como Prouni ou cotas, tende a ser similar ou mesmo superior ao dos alunos ingressos por meios tradicionais. O que se observa, então, é que, por mais que haja uma diferença de oportunidades no ingresso aos centros universitários, quando essas oportunidades são equiparadas, oferecendo-se o mesmo curso aos alunos, o rendimento passa a, de fato, ser mostrado e comparado. Assim, a insistência na ideia da queda de qualidade revela desinformação ou aversão a medidas que visem à reparação de desigualdades historicamente construídas.

Tema B

Reside, no senso comum, a ideia de que a redução da maioridade penal é uma medida eficaz contra a violência. Em primeiro lugar, se o medo da prisão fosse, de fato, o principal

motivador da redução da criminalidade, não haveria tantos infratores com mais de 18 anos. Em segundo lugar, quando uma proposta dessas é feita, são desconsiderados os índices de crimes cometidos por jovens entre 16 e 18 anos (1% dos assassinatos) e os de reincidência daqueles que passam pelo sistema prisional (70%). O que parece realmente motivar tal medida é uma reação passional e imediatista diante dos crimes escolhidos como relevantes por uma mídia sensacionalista e por políticos em busca de votos. Constitucionalmente, entretanto, o que se espera é que haja objetividade ao lidar com os problemas nacionais.

Tema C

Parece pouco refletida a crítica à adoção de crianças por casais homossexuais com base na ideia de que haverá uma influência na sexualidade infantil. O que aparentemente é esquecido em um argumento como esse é que a maioria dos homossexuais são filhos de casais heterossexuais, ou seja, não parece haver uma determinação parental nos comportamentos sexuais dos filhos. Desconsiderar aspectos como esse, porém, além de reforçar e aumentar preconceitos, cria obstáculos para a adoção; isto é, a fila de crianças abandonadas (por relações heteronormativas, aliás) não diminui. Refletir mais cuidadosamente, portanto, parece uma postura adequada ao tratar dessa questão.

Redação proposta

Com base na leitura do trecho e da estrutura do romance *Dom Casmurro*, é possível analisar como apenas um ponto de vista sobre determinado assunto pode comprometer um olhar mais objetivo. No caso da obra mencionada, Bentinho é o único a contar a história, estabelecendo relações e associando eventos de acordo com sua própria perspectiva, não dando espaço para outras “vozes” serem ouvidas. Isso faz com que seu relato não seja totalmente confiável, deixando dúvidas no leitor sobre o que é ou não verdade na história. Assim, espera-se uma tese que responda à pergunta-tema de maneira a evidenciar que uma única perspectiva seria insuficiente para o estabelecimento da verdade. É possível contrariar essa hipótese, todavia, para refutar os dados, é preciso trazer informações novas e reconhecidas. De todo modo, é essencial para uma boa dissertação que a objetividade na versão final da redação seja mantida, apresentando estratégias para evitar cair em posicionamentos subjetivos.

Capítulo 19 – Conclusão I

Revisando

Texto 1

A conclusão desta primeira redação deve levar em conta a discussão feita ao longo do texto. É importante atentar para a oposição construída em torno das ações que parabenizamos e das que compreendemos como estranhas. Além disso, conforme as conclusões apresentadas no decorrer do capítulo, é possível “brincar” com algumas das ideias utilizadas.

A seguir, uma sugestão de conclusão:

Ensurdidos, portanto, com as palmas que parabenizam sempre aqueles que asseguram o ter, já não ouvimos mais coisa alguma. Quem agoniza, então, nessa história, passa a ser a própria empatia humana.

Texto 2

Mais uma vez, a conclusão deve ser organizada fazendo uma retomada do debate desenvolvido no texto. Para tanto, é importante levar em consideração que o camarote, conforme debatido na dissertação, demanda o espaço da pista e que isso não é só uma metáfora. Ademais, de novo, “brincar” com os sentidos figurativos do camarote, da “bebida que pisca”, pode ser uma boa estratégia de finalização.

A seguir, uma sugestão de conclusão:

Se, no vídeo, a “bebida que pisca” é concebida como o troféu a ser erguido, na vida social, ela produz tanto brilho que até ofusca. A quem a bebe e a agita do alto dos camarotes sociais talvez já seja difícil enxergar que, para mantê-la acesa e continuar se embriagando com o que ela representa, o gosto indigesto da esfera pública deve continuar sendo sentido por quem é restrito à pista.

Redação proposta

É importante considerar que a proposta trata de um tema bastante atual; portanto, buscar informações e opiniões diversas pode ser um bom caminho para uma problematização aprofundada do assunto. Além disso, a foto presente na proposta remete às ocupações escolares, o que indica uma nova forma de fazer política, ou seja, os alunos não estão em busca de um representante que mude a educação; são eles mesmos, com as próprias mãos, que começam a fazer essa mudança. Assim, uma boa abordagem poderia ser feita com base na transformação do conceito de “política” operada por esses jovens.

Capítulo 20 – Conclusão II

Revisando

Sugestões de resposta:

Texto 1

Logo, para enfrentar tal problema, é preciso agir, primordialmente, na cultura. A aprovação da lei, nesse sentido, tem o mérito de desvincular o *bullying* da ideia de mera brincadeira, mas é preciso que, de fato, forneça a professores e pais o repertório para lidar com a questão por meio de palestras, por exemplo. Mais do que isso, a contratação nas escolas de psicólogos preparados pode ajudar agressores e agredidos a entenderem melhor o que os leva a tais condições e quais as melhores formas de resolver a situação. Ainda no que concerne às escolas, em vez de simplesmente abordar o tema, é importante trazer o convívio com a diferença para a ordem do dia, reformulando práticas e fomentando a percepção da diferença como algo que engrandece, e não como ameaça. Aos pais, caberia participar dessa reformulação e desses debates a fim de enxergarem outras maneiras de se portar diante dos filhos. É na junção desses esforços que reside a chance, de uma vez por todas, de abdicarmos dessa herança de hostilidade.

Texto 2 (exemplo real do texto de Jéssica Cremonesi)

Dessa maneira, é necessário tomar providências intervencionistas quanto à questão dos abusos publicitários infantis. A exemplo de países como a Inglaterra e a Suécia, o Estado brasileiro deveria criar leis que normatizem a publicidade infantil, proibindo comerciais em certos horários ou para determinadas faixas etárias. A iniciativa privada responsável pelo marketing infantil precisa evitar associar aspectos do universo infantil aos

produtos, principalmente os menos saudáveis, visando diminuir a compra compulsória. E a sociedade civil deve combater os apelos da publicidade infantil por meio de campanhas de conscientização nas escolas, palestras para os pais e alertas nas redes sociais, a fim de que futuramente os cidadãos brasileiros estabeleçam-se como consumidores conscientes, controlados e responsáveis consigo mesmos e com o mundo.

Redação proposta

Ao escrever, é essencial considerar que se trata de uma redação propositiva, isto é, o texto deverá apresentar propostas de intervenção em relação ao tema abordado. Isso deve ser especialmente observado na conclusão, a qual, além de evidenciar agentes variados e ações minimamente exequíveis, detalhadas e com relações claras com o que foi desenvolvido antes, deve ser estruturada de acordo com o que foi estudado no capítulo. Porém, é importante perceber que, sendo um texto que caminha para propostas de intervenção, é imprescindível que os outros parágrafos dialoguem com isso. Assim, na tese, já é necessário indicar as questões, e, no desenvolvimento, deixar claro que o tema, de fato, traz problemas.

Capítulo 21 – Análise da conclusão

Revisando

Sugestões de resposta:

Planejamento 1

A história, então, não acabou, e o passado ainda é atual. O presente, no entanto, não é para aqueles que, historicamente, sempre ficaram para trás, por baixo ou em qualquer lugar que não fosse o desejado. O legado do passado escravocrata, enfim, ainda marca quem outrora teve as costas marcadas pelas chibatadas e, enquanto dermos as costas para essas costas, o racismo perdurará.

Planejamento 2

Para enfrentar esse cenário, portanto, são imprescindíveis ações que transformem, primordialmente, a cultura. Nesse sentido, cabe ao Estado o desenvolvimento das mais diversas ações afirmativas, como as cotas nos espaços universitários, pois isso garantirá ao negro uma representatividade maior nos espaços de poder. Ainda no âmbito governamental, são necessárias uma maior fiscalização quanto aos salários pagos a essa parcela da população, a divulgação de mais canais de denúncias contra o racismo e a garantia da segurança das pessoas vítimas dele. A indústria midiática, por sua vez, poderia ser obrigada a apresentar em suas produções porcentagens de atores e atrizes negros mais conformes à realidade do país. Além disso, poderia ser aumentado o alcance de ativistas e ONGs favoráveis à equidade dos direitos de negros e brancos. É apenas a partir da junção desses esforços que, enfim, caminharemos rumo a um Brasil que enfrente, efetivamente, o racismo.

Redação proposta

Apesar de já ter lido duas redações elaboradas com base nas propostas apresentadas, é importante atentar para a autoria de seu texto. Além disso, há alguns aspectos mais específicos referentes a cada uma delas. Em relação à primeira (Unesp 2015), é essencial trabalhar o racismo como um legado do passado escravocrata brasileiro desde a tese. O cuidado, porém, é não cair em um relato histórico, isto é, a História, que, nesse

caso, serve apenas para estabelecer a conexão com o presente, mas é o racismo contemporâneo que deve ter destaque.

Quanto à proposta do Enem 2016, é preciso estar atento ao fato de ela exigir uma possível intervenção, a qual, ainda que se concentre na conclusão, deve ser indicada antes. A tese, então, já deve antecipá-la em linhas gerais, e o desenvolvimento deve provar que o racismo é um problema no Brasil.

Capítulo 22 – Sofisticação textual

Revisando

Essa questão, que alia o funcionamento de instrumentos linguísticos, como os dicionários, à poesia da língua, tem como maior desafio compreender que estabelecer relações entre palavras não é o mesmo que fornecer sinônimos. Se a chave de leitura estivesse na sinonímia, os itens **a** e **b** estariam significativamente comprometidos.

- a) É importante que sejam observados no texto de Francisco Buarque de Hollanda o uso e as funções de um dicionário analógico e, assim, inferir elementos para a sua definição: palavras em relação, analogias, sentidos próximos ou relacionados, palavras semelhantes que ampliam o sentido original de outra.

A seguir, um exemplo de resposta real para o item a:

O dicionário analógico mencionado no texto, diferentemente de um dicionário de sinônimos, traz várias relações de palavras, de fato análogas. A diferença é que o critério para relacionar tais palavras é voltado para o lado conotativo, apresentando vários tipos de palavras que poderiam servir para uma metáfora, ou algum tipo de alegoria, de uma mesma ou bem próxima função.

- b) É ideal recorrer à pistas presentes no texto: os extensos parênteses que listam palavras relacionadas entre si (não apenas sinônimos), afirmações que mostram a possibilidade, aberta pela consulta ao dicionário, de escrever e dar acabamento a novas canções, fechar palavras cruzadas, decifrar enigmas.

A seguir, um exemplo de resposta real para o item b:

Com base nos termos entre parênteses, que não mostram apenas uma definição bruta, mas usam da gradação para enriquecer o texto, como no exemplo “(brocas, carunchos, busanos, [...], gafanhotos, bichos-carpinteiros)”, que claramente não se referia especificamente a traças, mesmo que quisesse falar delas.

Outra pista presente no texto é a parte em que o autor menciona a ajuda no acabamento de romances e canções, que geralmente costumam trazer bastantes características conotativas também.

Redação proposta

O tema da Unifesp 2021 parte de um questionamento que coloca em discussão um assunto gerador de polêmica entre diferentes grupos sociais, sejam eles leigos ou especialistas: os avanços da engenharia genética. São apresentados apenas dois textos de apoio: o primeiro é escrito pelo filósofo e professor Michael J. Sandel; o segundo, por um professor brasileiro de Bioética, João Batistiole. Uma leitura atenta dos textos ou fragmentos apresentados pela banca permite observar que a própria coletânea leva aos impasses que as pesquisas genéticas têm trazido à discussão.

O **texto 1** parte de uma tese: “As descobertas da genética nos apresentam a um só tempo uma promessa e um dilema”. Para comprovar a ideia de que as pesquisas na área são “uma promessa”, é usado o argumento de que elas têm demonstrado ser cada vez mais capazes de tratar e prevenir doenças diversas. Entretanto, o autor coloca em discussão esse aspecto positivo ao chamar a atenção para o fato de também permitirem a manipulação da natureza humana, de tal forma que o levam a questionar a postura ética de algumas dessas pesquisas. Defendendo um ponto de vista semelhante, o **texto 2** apresenta uma argumentação que toma como exemplo a sexagem, ou seja, a seleção do sexo do bebê. Também segundo o professor brasileiro, é tênue o limite entre o que é possível realizar tecnicamente e aquilo que se configura como algo defensável ou necessário.

Ambos os textos apontam para uma discussão sobre ética. A palavra “ética” tem origem no termo grego *ethos*, que significa “morada”, “habitat”, “refúgio”, fazendo referência ao lugar em que as pessoas habitam. No processo de evolução das sociedades, o vocábulo passou a corresponder ao conjunto de princípios e valores de cada indivíduo ou grupo social, ou seja, corresponde às referências que servem de base para a tomada de decisões. Nos textos da coletânea, ambos os autores deixam claro que as pesquisas genéticas têm potencial para levar a sociedade a atingir um nível de desenvolvimento tecnocientífico antes inimaginável; a grande questão é até que ponto um cientista deve decidir buscá-las. O tema, portanto, abre caminho para que o estudante perceba que se trata de uma temática que favorece a discussão baseada na apresentação de pontos de vista diversos, o que aponta para a possibilidade de se estruturar a argumentação embasada em argumentos contrastantes.

Nesse sentido, é importante lembrar que, para planejar e estruturar a dissertação argumentativa em provas como essa, é fundamental introduzir o texto com uma tese, em que fique claro o posicionamento do estudante diante da pergunta que deve ser respondida: “A engenharia genética ameaça a dignidade humana?”. Para o desenvolvimento da argumentação, é fundamental demonstrar repertório sociocultural; os conhecimentos adquiridos nas aulas de disciplinas da área de Ciências Biológicas certamente serão um importante recurso nessa discussão. Por mais que a argumentação se baseie em pontos de vista contrastantes, é necessário retomar a tese e deixar claro o posicionamento pessoal diante da polêmica analisada.

Capítulo 23 – Refinos de linguagem I

Revisando

Respostas possíveis:

- a) Altruísmo: preocupação desinteressada com o outro.
- b) Desigualdade social: ausência de proporção entre camadas da sociedade.
- c) Amizade: relacionamento social baseado em grande afeição.
- d) Fronteira: o limite entre dois espaços físicos ou abstratos.

Redação proposta

A proposta traz a possibilidade de discussão de um assunto de grande relevância para a atualidade. A coletânea, composta

de três excertos, foi estruturada de maneira bastante didática no sentido de problematizar a questão dos efeitos da concentração de riqueza. Vale lembrar que a estrutura dissertativa estudada nos capítulos anteriores também deverá ser aplicada.

Capítulo 24 – Refinos de linguagem II

Revisando

1. a) É importante conhecermos outras formas de pensar, pois, quando as conhecemos, podemos ter mais noção sobre a nossa própria.
b) As fronteiras são tidas, muitas vezes, como inquestionáveis, pois respeitá-las é uma garantia de aceitação perante um grupo.
c) As redes sociais têm se mostrado o meio de comunicação mais usado porque permitem realizar as mesmas tarefas de outros meios de uma forma muito mais rápida.
2. a) As discussões políticas, que são observadas atualmente nas redes sociais, surgem de crenças muito fixas.
b) Os jovens, que estão inseguros, saem cada vez mais tarde da casa dos pais.
c) Os indivíduos no Brasil, onde o preconceito de classe ainda é presente, estão se isolando uns dos outros.

Redação proposta

A prova pede uma dissertação argumentativa clássica sobre uma reflexão extraída da leitura dos textos motivadores. Todos eles tratam de escolhas, e, como pontuou a proposta, há escolhas pequenas e de maior impacto, que não deixam de estar interligadas. Assim, é interessante que as ideias de características sociais sejam retomadas para que se organizem em torno de uma tese que traga relações. Responder a perguntas como “por que fazemos as escolhas que fazemos?” pode ser um bom ponto de partida.

Capítulo 25 – Construindo a dissertação

Revisando

Ainda que a escolha e a resposta sejam pessoais, é preciso verificar se todos os passos apresentados ao longo do capítulo foram seguidos. Além disso, as indicações dos conteúdos argumentativos precisam ser consistentes; por exemplo, pode ser bastante trabalhoso desenvolver um tópico com uma palavra só ao escrever o texto. Nesse sentido, vale a pena rever o planejamento proposto para o texto feito durante o capítulo. Outro ponto importante é trazer a indicação de exemplos para os parágrafos de desenvolvimento. Além de atuais, eles devem concretizar o item da proposta escolhida: fatos, livros, instituições ou situações.

Redação proposta

A análise da proposta feita durante o capítulo pode servir de base para a montagem do seu texto; no entanto, é importante expandir o que já foi trabalhado, ou seja, os exemplos devem ser mais autorais e a contextualização deve ser feita com base em suas referências. É interessante notar como o tema, ainda que abstrato e, à primeira vista, difícil, faz parte da vida cotidiana e interfere nela.

Além disso, este é um bom momento para conferir o quanto a análise sugerida pela proposta pode servir de ponto de partida para os mais diversos temas.

Capítulo 26 – Grades de correção I: dissertação clássica

Revisando

Texto 1

A verdadeira mentira

Desde o começo do processo de globalização e durante seu avanço, a população mundial vivencia uma brutal era de transformações informacionais. Devido à necessidade de acesso imediato ao conhecimento, são criados diversos meios de obtê-lo com mais facilidade, mas o excesso de informação que chega aos indivíduos não garante qualidade. Dessa forma, a responsabilidade pela veracidade dos dados é tanto do usuário quanto do anunciante.

A função de refletir e debater **o** um texto é de quem o lê. Muitas vezes, uma notícia falsa é compartilhada repetidamente e, como parte dos leitores não discute o tema ou procura saber se é verídico, **o** tema costuma ser verídico, o que não é, muitas vezes, é o que se divulga sobre ele; há, por isso, de se tomar cuidado com a construção) ela pode gerar uma fatalidade (mais uma vez, pelo descuido em relação às construções sintáticas, há uma confusão em relação ao conteúdo – não é a notícia em si que desencadeia uma fatalidade, mas as informações inverídicas compartilhadas). Um exemplo foi o caso de uma mulher que foi morta pelos moradores de um bairro no Guarujá porque foi publicado no jornal local que ela sequestrava crianças. Pela repercussão que a notícia teve, muitos acreditaram mesmo sem conhecer a moça ou procurar outras vias de informação (esse exemplo não é o mais apropriado, pois a consequência de uma notícia com informações falsas não é a morte – isso aconteceu em virtude de desvios de comportamento). Assim, a capacidade de perceber se uma informação é verdadeira torna-se essencial.

Entretanto, quem transmite as notícias deve **o** “dever” é mais recomendado para textos estilo Enem ou que exijam proposta de intervenção; em outros casos, a moralização pode atrapalhar a análise) ter conhecimento sobre o assunto. Textos que trazem dados concretos ou descobertas científicas são mais confiáveis que os baseados em opinião própria ou senso comum. A carta aberta ao Brasil, do americano Mark Manson, criticava o brasileiro e apontava que o fator principal que originou a crise era a cultura do país (essa informação sobre a carta tem pouca conexão com o que foi desenvolvido antes. Talvez seja interessante avisar ao leitor, de alguma forma, que o elemento a seguir é um exemplo. A coesão deve ser garantida por quem escreve, e não por quem lê). No entanto, o texto não apresentava pesquisas que sustentassem ou comprovassem os argumentos colocados. Por isso, a pessoa que escreve deve verificar se o texto condiz com a realidade.

Portanto, as novas formas de se obter dados são necessárias, mas é preciso também que os seres humanos criem um senso crítico. Como consequência, o transmissor precisa se certificar ao escrever um texto que tenha como base elementos concretos. Visto isso, existirá certa harmonia entre notícia e telespectador.

A introdução está dentro do tema e há um posicionamento. Porém, é importante tomar cuidado com o eco entre “qualidade”, “responsabilidade” e “veracidade”, o que pode distrair o leitor, chamando sua atenção para a forma em um texto cujo foco é o conteúdo. O eco gera descontos relacionados ao item C.

Os problemas do D1 são de ordem gramatical e estrutural (itens B e C). É importante ressaltar que a mudança em pequenos detalhes já aprimoraria o texto, dado que as ideias são coerentes.

O D2 tem como foco o exemplo da carta, o que pode ser um contratempo. Quando o exemplo toma um espaço que deveria ser destinado ao argumento, ele prejudica a nota do item A.

Mais uma vez, vale observar se a proposta dá abertura para que se diga como as coisas devem ser. A maior parte das provas que pedem dissertação clássica prefere a análise.

Notas

(A) 2,5: O texto configura-se como uma dissertação argumentativa, e há um empenho para desenvolver as afirmações apresentadas. O texto atende ao tema proposto ou sugerido, e a aluna faz um uso da coletânea, interpretando-a de forma segura e dialogando com ela sem que precise expô-la na superfície da produção textual. Tese adequadamente construída, mas ainda pouco amadurecida.

(B) 1,5: Texto que articula palavras, frases e parágrafos, mas que o faz de maneira mecânica, ou seja, não demonstra propriedade na elaboração linguística de um raciocínio e na escolha de conectivos. Na construção dos parágrafos, há conclusões, mas ainda não são plenamente apropriadas. Os parágrafos de desenvolvimento começam a se encadear entre si ou a conclusão se conecta a apenas um parágrafo de desenvolvimento, sendo este, por sua vez, desconectado dos outros.

(C) 2,0: O texto revela domínio do padrão culto da língua, uma vez que respeita as estruturas sintáticas e apresenta desvios gramaticais pontuais que prejudicam pouco a leitura do texto. Ainda que haja problemas de pontuação, acentuação e grafia, por exemplo, não são recorrentes nem graves a ponto de prejudicar o entendimento de partes do texto ou a fluidez da leitura. Há repetição branda de palavras e imprecisão específica de vocabulário. É possível aprimorar a maneira de expor as ideias por meio de uma escolha mais refinada de vocábulos e construções sintáticas. Percebe-se a tentativa de refino vocabular, porém com imprecisão na seleção de termos.

Texto 2

Linguagem, mitos e seus caminhos opostos

Datado da Pré-história, mito e linguagem estão vinculados (construção confusa: seria “datados”?). Ambos surgiram da necessidade humana de dar sentido à realidade e possuem numerosas formas representativas. Dessa forma (repetição), os dois possuem a mesma utilidade, mas, enquanto o mito se funda nas emoções e na (falta de paralelismo) afetividade, a linguagem acompanha os avanços da humanidade.

As alegorias surgiram para explicar os fenômenos. Assim, elas são representadas (as alegorias já são representações. Dizer que representações são representadas é um caminho tortuoso para apresentar a ideia) por meio de histórias nas quais existe a exaltação do sentimento. O mito grego da deusa da agricultura Deméter explica o porquê de haver três meses de infertilidade. Quando sua filha, Perséfone, apaixonou-se por Hades e vai morar com ele no inferno, Deméter desiste de ajudar a humanidade com o plantio, mas após um acordo

ela pode ver sua filha durante o período de gestação e ajudar os homens nesse mesmo tempo. Portanto, nas crenças predominam as relações afetivas (conclusão inapropriada em relação ao que se havia defendido antes; o salto entre as informações é muito grande).

O dialeto é o modo de comunicação humana e varia de acordo com a sua necessidade. Assim sendo, desenvolvimento e comunicação andam lado a lado. Na linguagem da moda, por exemplo, é visível a constante mudança no vestuário, como o uso do espartilho, que, ao longo do tempo, foi substituído pelo sutiã. Desta maneira, os signos sofrem frequentes oscilações, acompanhando o progresso humano.

Diante disso, é evidente que os dois possuem o mesmo princípio. Todavia, as lendas têm um lado que apela para o sentimento. Já a língua adquiriu um caráter científico e mutável. Por isso, é visível a mesma base para eles, mas com o passar do tempo cada um se desprende, tornando-se membro independente.

Há grandes chances, com base na tese, de esse texto ficar excessivamente expositivo. Isso porque a pretensão de defesa é bem próxima de um consenso.

O D1 tem como foco o exemplo do mito, o que pode ser um problema, pois, como estudado anteriormente, ele ocupa o lugar que deveria ser designado à argumentação, prejudicando a nota relacionada ao item A.

O D2 começa com pouquíssima relação com o D1, caracterizando uma falha de coesão (item B). E, mais uma vez, o exemplo é o centro do parágrafo, prejudicando o processo argumentativo.

A conclusão chega a uma “evidência” que não foi sustentada ao longo da argumentação.

Notas

(A) 2,0: O texto configura-se como uma dissertação argumentativa, mas ainda apresenta trechos expositivos inadequados, sem utilidade argumentativa ou a argumentação ainda não é suficientemente consistente. O texto atende ao tema proposto ou sugerido; além disso, o aluno compreende a proposta, lê e relaciona os textos motivadores. Há indício de ponto de vista objetivo, mas ele ainda não é formulado de maneira detectável.

(B) 1,5: Texto que articula palavras, frases e parágrafos, mas que o faz de maneira mecânica, ou seja, não demonstra propriedade na elaboração linguística de um raciocínio e na escolha de conectivos. Na construção dos parágrafos, há conclusões, mas ainda não são plenamente apropriadas. Os parágrafos de desenvolvimento começam a se encadear entre si ou a conclusão se conecta a apenas um parágrafo de desenvolvimento, sendo este, por sua vez, desconectado dos outros.

(C) 2,0: O texto revela domínio do padrão culto da língua, uma vez que respeita as estruturas sintáticas e apresenta desvios gramaticais pontuais que prejudicam pouco a leitura do texto. Ainda que haja problemas de pontuação, acentuação e grafia, por exemplo, não são recorrentes nem graves a ponto de prejudicar o entendimento de partes do texto ou a fluidez da leitura. Há repetição branda de palavras e imprecisão específica de vocabulário. É possível aprimorar a maneira de expor as ideias por meio de uma escolha mais refinada de vocábulos e construções sintáticas. Percebe-se a tentativa de refino vocabular, porém, com imprecisão na seleção de termos.

Texto 3

Espionagem: malsucedida e duplo foco

A espionagem tornou-se corriqueira durante as 1ª e 2ª Guerras Mundiais e a digital (“a digital” ficou solto; não necessariamente se pensa em “espionagem digital” logo de cara), durante a Guerra Fria. No entanto, nos presentes dias, as formas de controle dos dados e o modo como são obtidos ~~vem~~ vêm causando problemas entre quem vigia e quem é vigiado. Dessa forma, a vigilância das informações não tem sucesso ou seu foco é desviado, interferindo nas relações entre as nações.

Uma justificativa para a monitoração de informações é a proteção de um país. Fazendo uso disso, os líderes políticos teriam como precaver tentativas de atentados, assaltos em grande escala e até a corrupção. Assim, logo após o ataque às Torres Gêmeas, no dia 11 de Setembro de 2001, foi decretado o fim das leis contra a espionagem nos Estados Unidos com a finalidade de prevenir o terrorismo. Porém, o recente ataque à Maratona de Boston em 2013 – onde duas bombas explodiram, ferindo 264 pessoas e causando a morte de 3 – mostra que a fiscalização ~~norte-americana~~ norte-americana não possui a eficiência esperada.

Atualmente, os países têm monitorado (muitos ilegalmente) uns aos outros. Entretanto, o conteúdo obtido pode gerar desconforto visto que ele é, em sua maioria, privado. Quando veio a público que telefonemas, e-mails e mensagens da presidente Dilma Rousseff haviam sido interceptados pela Agência de Segurança Nacional (NSA), administrada por Barack Obama, houve grande repúdio da opinião pública porque o Brasil era visto como prejudicial aos EUA. Por consequência, ~~isto~~ isso mostra que a espionagem, não só estadunidense, mudou seu rumo preventivo para econômico-político.

Dessa maneira, apesar ~~da~~ de a vigilância ter como princípio proteger uma nação, é possível observar a ineficiência dos sistemas operacionais atuais. Ainda, os estados vêm priorizando as estratégias políticas em nome de seus próprios benefícios. Visto isso, as alianças são ignoradas e causam sérios problemas e rupturas nas relações social, política e econômica.

Se a tese pretende defender que a vigilância interfere nas relações entre as nações, é necessário se basear em exemplos para compor a argumentação. A tese precisa ser uma problematização um pouco mais densa.

O D1 traz apenas fatos, ou seja, informações já dadas como verdadeiras pela maior parte das pessoas. Se nada está sendo defendido, esse não é um processo argumentativo.

O D2 é composto de relato. Há apenas uma sequência de acontecimentos, sem a defesa de uma ideia.

A conclusão acaba apenas retomando as questões dos parágrafos anteriores.

Notas

(A) 1.0: Texto majoritariamente expositivo/descritivo, mas que contém opinião. Há desvio, restrição a particularidades ou ampliação demasiada do tema proposto e/ou há cópia da coletânea.

(B) 2.0: Texto que articula palavras, frases e parágrafos de maneira satisfatória, que demonstra propriedade na escolha de maior parte dos elementos coesivos, mas que ainda apresenta falhas ou inseguranças nessa escolha. Há algumas conclusões

apropriadas para os raciocínios expostos no interior dos parágrafos, e os argumentos se relacionam de maneira fluida e plenamente visível. Na percepção do texto como um todo, há planejamento do raciocínio proposto, o que reflete uma boa conexão entre a tese e o restante do texto, ainda que possa haver alguma descontinuidade entre os parágrafos.

(C) 2.5: Texto com bom domínio do padrão culto da língua e raros desvios gramaticais que não interferem na leitura. Há repetição de palavras ou imprecisão vocabular, mas em pouquíssima quantidade. É possível perceber a intenção de refino do vocabulário por meio da variedade e precisão vocabular e/ou no uso de construções sintáticas variadas.

Redação proposta

A prova do Enem de 2018, que teve como tema “Manipulação do comportamento do usuário pelo controle de dados na internet”, propôs uma reflexão acerca de um contexto muito recorrente na sociedade contemporânea, como a relação de público e privado pela via digital. No tema, é necessário perceber as cinco palavras e/ou expressões que precisam permear a discussão: “manipulação”, “comportamento”, “usuário”, “controle de dados” e “internet”, sendo que a última precisa ser configurada como o pilar da abordagem.

Há diversas possibilidades para o encaminhamento argumentativo da redação, como o comportamento do usuário norteado pelas ofertas associadas ao consumo e pela ausência efetiva de regulamentação, as *fake news* como consequência da manipulação de dados associada a uma intenção comportamental amplamente ligada a questões políticas e econômicas, entre outros. Para comprovar os argumentos, fatos ocorridos nos últimos anos poderiam ser mencionados, por exemplo: o escândalo sobre a interferência no resultado das eleições americanas de 2016 envolvendo o Facebook; o vazamento de dados em 2013, que também envolveu empresas como Google e Apple etc.

A proposta de intervenção deve solucionar os problemas levantados durante a argumentação e poderia abranger desde o envolvimento estatal até a própria importância da atualização das empresas da área de tecnologia, no sentido de proteger os dados e orientar o usuário, por exemplo.

Capítulo 27 – Grades de correção II: Enem

Revisando

Texto 1

Chuta que é intolerância

O Brasil, país caracterizado por ~~inúmeras~~ inúmeras etnias durante sua formação cultural, teve como principal influência a moral cristã-católica, deixando (há um problema sintático aqui: quem é o sujeito de “deixando”?) sua tradição de forma muito marcante até os dias de hoje. Contudo, outras religiões como as ~~afro-brasileiras~~ afro-brasileiras têm seus cultos e símbolos desvalorizados e seus seguidores sofrem diariamente com a discriminação e ~~com~~ o preconceito. Entretanto, a política brasileira “teoricamente” (o termo soa irônico, o que não é bom em uma dissertação) laica e a educação ainda ~~eurocêntrica~~ eurocêntrica nas escolas são as principais causas de uma contínua cultura do preconceito religioso.

Nos poderes executivo e legislativo, a laicidade é somente ~~teórica~~ teórica já que há explícita a influência da

religião em discursos públicos e também na formulação de leis sem qualquer tipo de punição. (as leis não têm qualquer tipo de punição ou a influência? Esse tipo de ambiguidade faz com que a leitura precise acontecer mais de uma vez, explicitando a falta de clareza nas ideias) A mistura da política com religião tende a beneficiar poucas destas religiões. Um claro exemplo é a lei aprovada recentemente na qual animais não poderiam ser usados em cultos religiosos, afetando assim diretamente religiões de origem africana, mas que não faz qualquer tipo de citação ao “típico” (as aspas demonstram má escolha vocabular) peru de Natal utilizado nas festas cristãs, também caracterizado com ritual religioso.

Apesar de, no Brasil, a população negra ser majoritária, não há incentivo nas escolas sobre o ao estudo da história de nossos antepassados africanos ou asiáticos asiáticos ou mesmo dos nativos americanos (enumeração confusa), o estudo é centralizado no continente europeu. (quebra sintática) Tendo como consequência a desvalorização de suas culturas e religiões, caracterizando um dos motivos de preconceito sobre as religiões que descendem destes locais (que locais? O referente está mal formulado), pelo simples desconhecimento sobre elas.

Embora o brasileiro tenha acesso a inúmeras inúmeras culturas distintas, ainda há preconceito religioso que deve ser combatido. Através do esclarecimento da história destes desses dogmas por meio da educação das escolas, de modo a inserir uma educação religiosa no currículo escolar, abrangendo todas as principais religiões e suas características. (período longo e com problemas de sequenciação sintática) A imposição de maior laicidade na política deve ser intensa de forma que todas as religiões sejam tratadas tratadas de forma igualitária e justa. A longo prazo, através do esclarecimento, a população se torna mais aberta e menos preconceituosa e intolerante.

A introdução mostra que a candidata produziu um texto dentro do tema proposto e há uma tese interessante a ser defendida. Há de se tomar cuidado, porém, com a linguagem e com a coesão. As ideias estão dispostas de forma confusa.

No D1, há argumentos que mostram que, no governo, a laicidade do Estado não é levada a sério, mas, ainda assim, o raciocínio poderia estar mais bem elaborado. O exemplo colabora para a argumentação, o que valoriza esse parágrafo.

As ideias em D2 são boas, mas um questionamento crítico sobre o porquê de a escola atuar da forma como funciona poderia dar densidade ao que se pretende defender.

A proposta de intervenção é detalhada, mas ainda não é suficiente. Para melhorá-la, é preciso articular os agentes ao que foi exposto no corpo do texto, especificando mais suas ações.

| | | |
|---------------|------------|---|
| Competência 1 | 160 pontos | Demonstra bom domínio da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa e de escolha de registro, com poucos desvios gramaticais e de convenções da escrita. |
| Competência 2 | 160 pontos | Desenvolve o tema por meio de argumentação consistente e apresenta bom domínio do texto dissertativo-argumentativo, com proposição, argumentação e conclusão. |

| | | |
|---------------|------------|---|
| Competência 3 | 160 pontos | Apresenta informações, fatos e opiniões relacionados ao tema, de forma organizada, com indícios de autoria, em defesa de um ponto de vista. |
| Competência 4 | 200 pontos | Articula bem as partes do texto e apresenta repertório diversificado de recursos coesivos. |
| Competência 5 | 160 pontos | Elabora bem proposta de intervenção relacionada ao tema e articulada à discussão desenvolvida no texto. |

Texto 2

O preconceito socioeconômico e a intolerância religiosa

O Brasil, fruto de um passado histórico colonial, apresenta a religiosidade em sua população de forma heterogênea, comumente atrelada à origem étnico-social do indivíduo. O mito do “brasileiro cordial”, segundo o qual seríamos um povo extremamente tolerante, apresenta-se também no pouco destaque dado à questão da intolerância religiosa como um fenômeno: não são apenas agressões em a indivíduos, mas especificamente a grupos socioeconômicos mais vulneráveis. Tal como Jorge Amado ilustra em sua obra “Capitães da Areia”, a divisão ocorre tanto no nível espacial (entre Cidade Alta e Baixa) quanto à crença (paralelismo sintaticamente mal construído) (o cristianismo das elites e os cultos africanos dos mais humildes).

Dados que explicitam essa tendência, portanto, não surpreendem, já que somente comprovam a discriminação herdada de períodos anteriores. As religiões afro-brasileiras, vítimas dos anos de escravidão; o judaísmo, do antissemitismo histórico: essa persistência de preconceitos comprova a eficácia insuficiente das ações preventivas e punitivas tomadas até então. Se existe um canal à de denúncia de atos discriminatórios, em conjunto com leis rigorosas, é necessário o foco nas ações preventivas.

O acolhimento pleno de todas as crenças, no entanto, é inviável, mas deve-se organizar mecanismos para evitar o maior número de conflitos. A predominância de uma religião, o surgimento de outra são fatos que devem ser previstos, de acordo com a autodeterminação individual a escolha da crença.

Se, como em “Capitães da Areia”, a superioridade de uma religiosidade em relação as às outras é explicitamente tida como verdadeira, o Estado e outros segmentos sociais devem intervir. Medidas preventivas como ensino religioso visando ao conhecimento da diversidade, desde o Ensino Infantil ao até o Fundamental I e atos públicos como exposições, visitas a templos de religiões diversas são fundamentais à coexistência pacífica. O incremento das ferramentas de denúncia, como um maior rigor na lei em caso de reincidência,

pode reduzir o número de infrações caso seja acompanhado por cursos e avaliações em relação ao respeito à diversidade.

O autor produziu um texto dentro do tema proposto e trouxe referências de seu conhecimento de mundo que apontam para a maturidade da análise. Essas questões são muito valorizadas na Competência 2.

Os dois parágrafos de desenvolvimento são muito bem escritos. Há desenvolvimento da argumentação e preocupação com a explicação de cada informação adicionada.

Na conclusão, a ansiedade para deixá-la completa acabou desorganizando um pouco o raciocínio. Para garantir que a proposta ficará organizada, é importante seguir a ordem: agente, ação, detalhamento e relevância para o problema. Perde-se um pouco na Competência 5 por isso.

| | | |
|---------------|------------|---|
| Competência 1 | 200 pontos | Demonstra excelente domínio da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa e de escolha de registro. Desvios gramaticais ou de convenções da escrita serão aceitos somente como excepcionalidade e quando não caracterizarem reincidência. |
| Competência 2 | 200 pontos | Desenvolve o tema por meio de argumentação consistente, com base em um repertório sociocultural produtivo, e apresenta excelente domínio do texto dissertativo-argumentativo. |
| Competência 3 | 200 pontos | Apresenta informações, fatos e opiniões relacionados ao tema proposto, de forma consistente e organizada, configurando autoria, em defesa de um ponto de vista. |
| Competência 4 | 200 pontos | Articula bem as partes do texto e apresenta repertório diversificado de recursos coesivos. |
| Competência 5 | 160 pontos | Elabora bem proposta de intervenção relacionada ao tema e articulada à discussão desenvolvida no texto. |

Texto 3

Intolerância religiosa

A Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, apelada a de “Constituição Cidadã”, preconiza e assegura a liberdade de crença religiosa às pessoas, além de proteção e respeito a todas as religiões. Nesse sentido, a intolerância religiosa é um crime inafiançável e imprescritível, que fere a dignidade do indivíduo. Nesse cenário, a intolerância religiosa no Brasil é fruto de preconceitos sócio-culturais socioculturais e tem como consequência a violência e a discriminação de certos setores da sociedade.

Em um país pós-escravista e eurocêntrico, a cultura africana se mostra grande alvo de preconceitos. No atual contexto brasileiro, as escolas persistem em ensinar apenas a história da Europa e a ignorar (problema de paralelismo sintático)

a existência de um continente africano que, forçosamente, por meio da escravidão sistemática de negros adotada por Portugal, também colonizou o Brasil. A falta de diversidade no ensino não reflete a realidade de nosso país, no qual a maior parte da população é negra. Nesse cenário, o preconceito contra a cultura africana é instaurado pela falta de conhecimento e pela generalização de estereótipos estereótipos conservadores que servem à manutenção dos privilégios daqueles que se beneficiam de uma cultura eurocêntrica.

A violência para com as religiões afro-brasileiras é consequência de uma sociedade intolerante e preconceituosa. Apesar de atitudes agressivas, ofensas e tratamento diferenciado a alguém por conta de sua religião religião serem crime, a generalização desse comportamento é nítida e fica exposta nas estatísticas: segundo a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, entre 2011 e 2014, foram 75 denúncias de discriminação contra religiões afro-brasileiras. Tal discriminação não necessariamente é física, podendo também se expressar no imaginário popular: palavras como “macumba” são usadas pejorativamente contra religiões como Candomblé e Umbanda, sendo comum ouvir-se, até na TV, expressões como “chuta que é macumba” e que tais religiões são “coisa do Diabo”.

A sociedade brasileira tem um nítido problema de intolerância e preconceito. Nesse cenário, o governo deve trabalhar em conjunto da com a população para pôr um fim nessa situação. O Governo Federal, em parceria com os governos Estaduais e Municipais, pode envolver as escolas em projetos de conscientização dos alunos, por meio de aulas e livros didáticos, da diversidade de nosso país e da necessidade do respeito a todos, independente independentemente de seu credo. As famílias podem conversar com suas crianças e jovens, ensinando-os a tolerância e o respeito para com o próximo, mesmo que este tenha uma cultura diferente. Dessa maneira, a segurança de todos podera poderá ser garantida, sem preconceitos ou discriminação.

A introdução mostra que a candidata produziu um texto dentro do tema proposto, mas a tese é pouco densa, ainda que esteja presente, o que pode desencadear problemas na argumentação. Os conectivos começam a se repetir.

No D1, há argumentos históricos, o que é muito bom para a argumentação no Enem. Além disso, a discussão se aprofunda minimamente.

Dados estatísticos, mesmo quando colhidos da coletânea, são aliados. Mais uma vez, a argumentação está bem construída.

A proposta de intervenção é um pouco detalhada, mas ainda não é suficiente, já que fica apenas no plano da conscientização, sem sugerir como deve ser realizada.

| | | |
|---------------|------------|---|
| Competência 1 | 160 pontos | Demonstra bom domínio da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa e de escolha de registro, com poucos desvios gramaticais e de convenções da escrita. |
| Competência 2 | 200 pontos | Desenvolve o tema por meio de argumentação consistente, com base em um repertório sociocultural produtivo, e apresenta excelente domínio do texto dissertativo-argumentativo. |

| | | |
|---------------|------------|---|
| Competência 3 | 200 pontos | Apresenta informações, fatos e opiniões relacionados ao tema proposto, de forma consistente e organizada, configurando autoria, em defesa de um ponto de vista. |
| Competência 4 | 160 pontos | Articula as partes do texto com poucas inadequações e apresenta repertório diversificado de recursos coesivos. |
| Competência 5 | 120 pontos | Elabora, de forma mediana, proposta de intervenção relacionada ao tema e articulada à discussão desenvolvida no texto. |

Redação proposta

A prova de redação do Enem 2021 solicitou um texto sobre a frase temática “Invisibilidade e registro civil: garantia de acesso à cidadania no Brasil”, tema pouco abordado, porém relevante socialmente. Nessa proposta, o grupo salientado está excluído de direito basal à cidadania, pois, sem acesso à documentação básica, o indivíduo não tem, por consequência, acesso a direitos, não é levado em consideração para a determinação de políticas públicas, e a própria identidade e a ideia de autovalor ficam comprometidas. Os textos motivadores completavam a reflexão, auxiliando os estudantes a pensar nas causas do problema e em possíveis propostas de intervenção, exigência desse exame.

Capítulo 28 – Grades de correção III: gêneros textuais

Revisando

Texto 1

O Rio de Janeiro dos poetas, das letras de bossa nova, do ideal de luxo tropical está bem distante da realidade descoberta pela temporada de chuvas do fim de 2009. Serve assim como metonímia da situação do Brasil como um todo. Mas o Rio de Janeiro de um cronista, mesmo que ainda poeta, fornece a melhor descrição da verdadeira situação da habitação brasileira e os serviços públicos relativos à sua manutenção.

Na sua terrivelmente atual crônica de 1966, Carlos Drummond de Andrade mostra o cenário que todos observamos pelo Brasil. A terrível destruição desoladora de “Os Dias Escuros” se projeta pela contemporaneidade de muitas cidades brasileiras. A precariedade que justifica o termo “ocupação” ao invés de “habitação” na referência aos “barracos que desmancham como armações de baralho” é perturbadora, e a causa prática da devastação enfrentada pela população aparentemente invisível ao olhar do governo, que pouco faz para dignificar suas condições. Assim o povo sofre a calamidade tripla: um governo ineficiente; condições de vida **infortúnias infortunas**, e a força da natureza.

O “raio de sol que teima em não romper”, o auxílio da população melhor posicionada e a mobilização de recursos improvisados, pode fornecer um ponto de luz no tema da crônica e na realidade, mas é de fato uma assistência que não deveria

ser necessária. O governo que tarda em agir (pois a situação exige projetos de habitação em larga escala) já proporcionou comentários suficientes. Que sua falta de ação seja revertida antes que seja necessária outra publicação que se refira à mesma catástrofe, daqui a mais quarenta anos.

Importante: o autor desse texto leva em consideração que o leitor talvez não conheça a crônica sobre a qual se fala. Por isso, ele cuida de apresentá-la ao leitor, como realmente aconteceria em uma situação real de interlocução. Quando abrimos o jornal, tudo aquilo sobre o que se fala é referenciado.

Além disso, há um excelente uso do vocabulário, escolhas sintáticas maduras e uma leitura de mundo crítica e ampliadora, que permite a interpretação da crônica e o diálogo dela com a realidade.

É um texto nota 8/8.

Comentário da Comvest

Nesse artigo jornalístico opinativo, há um claro trabalho de autoria que confere autonomia e sustentação ao texto, formulado em sintonia refinada com a leitura da crônica proposta. As condições de produção para a boa realização da proposta foram levadas em consideração: o gênero a ser trabalhado, a interlocução a ser construída, a leitura da crônica e o propósito da escrita, que era estabelecer um diálogo entre as recentes catástrofes oriundas das chuvas no Brasil e a crônica de Drummond. Trabalhando com três pontos de intersecção entre a contemporaneidade e a crônica, fica clara a posição do articulista nessa relação.

Texto 2

No fim de 2009, diversas cidades brasileiras enfrentaram problemas devido às fortes e frequentes chuvas. Para muitas famílias, foi um período de “dias escuros”, tal como o nome da crônica de Drummond. **Na mesma Nela**, o cronista relata a perda de muitas famílias devido a desabamentos de casas e tantos mortos soterrados. Lendo tal texto, não é difícil recordar dos acontecimentos recentes de Angra dos Reis, a imagem de barracos e pousadas vindo **à baixo abaixo** repetiu-se **inúmeras inúmeras** vezes nos telejornais.

Drummond escreve de uma cidade “ensopada de chuva” e rios enchendo que poderia muito bem ter acontecido no ano passado, quando, por exemplo, cidades históricas do interior paulista foram destruídas pela enchente, e não há mais de 40 anos.

Há ainda o despreparo do governo para ajudar tantos desabrigados. Um fato atual ou ainda estamos falando da crônica? Não há como separar.

Mesmo anos atrás, o escritor nos apontou problemas de nossa sociedade que acabaram acarretando desgraças. Ele nos falou dos problemas de estruturas e submoradias, falta de condições sanitárias e todas as outras críticas que ouvimos especialistas relatarem há poucos meses como causa dos recentes desastres.

Nada foi feito naquela época e os problemas persistiram até os dias de hoje, “o eterno despreparo”. Enquanto nenhuma medida é tomada **afim a fim** de não se repetirem as mesmas desgraças, ficamos como Drummond, tomados pelo remorso e sentimento de culpa por não ter sido feito nada para impedir algo que já era previsto.

Importante: o artigo definido usado antes da citação da crônica nos deixa em dúvida sobre o autor acreditar ou não que o leitor conhece o texto em questão. Ainda que, em seguida,

haja uma explicação da crônica original, seria interessante o refino da linguagem. Elementos de coesão como “Há ainda” dão um aspecto de “lista” para o texto, como se o autor deixasse escapar que está cumprindo ordens (as da proposta). Por isso, ainda que seja um artigo muito bom, poderia, mesmo em situação de prova, ser mais bem-feito. Pelas razões expostas, perde 1 ponto na grade holística.

É um texto nota 7/8.

Comentário da Comvest

Nesse texto, o autor compõe um artigo de opinião que poderia ser publicado em um jornal dialogando com a crônica apresentada como coletânea. Quando o aluno opta por um texto com tom mais informativo (que remonta um passado histórico), cumpre adequadamente os propósitos da proposta e, devido à organização dessas informações, insere-se adequadamente no gênero solicitado. O bom uso da norma culta e a coerência sintática garantem a fluidez, ainda que possam haver ajustes.

Texto 3

Comentário da Comvest

O autor dessa redação abaixo da média teve um mau desempenho sobretudo por um problema central: pressupor a crônica como um texto compartilhado entre quem escreve e quem lê a redação. Dito de outro modo, o candidato colocou-se na posição de quem escreve para o avaliador (que obviamente conhece a crônica, por dever de ofício).

A partir do que a banca avaliadora nos apresenta, fica bastante claro que um dos elementos fundamentais para a composição de qualquer gênero textual foi deixado de lado pelo autor: a interlocução. Ou seja: quem sou eu e quem é o outro? Será que esse outro sabe aquilo que eu sei? A situação de comunicação, portanto, precisa ser muito bem avaliada. Se vamos escrever para um jornal de grande circulação, é possível que a crônica à qual precisemos nos referir não seja de conhecimento prévio do leitor e que, por isso, precisemos “apresentá-la” a ele. É esse detalhe que faz com que o texto não seja considerado um texto bom, já que cumpre com outros requisitos.

Texto 4

Comentário da Comvest

Esse texto é frágil por desconsiderar completamente, para a elaboração do artigo jornalístico, a leitura da crônica e o diálogo com ela. Essa leitura e relação eram pontos nodais do propósito da redação. Com isso, o gênero se descaracteriza, aproximando-se de um texto dissertativo pouco usual para um articulista de matérias em revistas de grande circulação, prejudicando a interlocução. Do ponto de vista formal, o texto é razoavelmente bem escrito e fluido, dado o uso dos recursos coesivos e lexicais quase sempre adequados. Entretanto, é um texto que poderíamos chamar de “coringa”, que parece já “pronto” e que desconsidera a importância da leitura integral da proposta, leitura que evitaria equívocos como os que se verifica nessa redação.

Provavelmente habituado à prática dissertativa, o aluno, nesse caso, parece tomar a crônica de Drummond como um elemento motivador de reflexão apenas, sem que precisasse manter-se o tempo todo em diálogo. Quando estamos trabalhando com uma coletânea de dissertação argumentativa, é mais comum que haja esse “descolamento”, mas a produção de gêneros textuais geralmente carrega mais regras a serem

consideradas e exige uma interação específica com esses textos-base.

Texto 5

Comentário da Comvest

Em vez de colocar-se na posição de um articulista que, em um artigo jornalístico opinativo para uma série especial sobre cidades, a ser publicado em uma revista de grande circulação, dialoga com a crônica de Drummond publicada em 1966, o candidato escreve um texto em que simula uma entrevista com Drummond, cujas respostas são trechos copiados do texto-fonte.

Nesse texto, o aluno desconsidera todo o enunciado e aquilo que havia sido pedido. Ainda que respeite a crônica, acaba entendendo “diálogo” de uma maneira muito literal, o que prejudica toda a produção textual, já que não só o gênero não é cumprido, mas também a interlocução e o propósito. Além disso, os problemas de norma culta (modalidade) interferem na coesão e na clareza.

Todos os comentários da Comvest foram retirados de: COMVEST – Redações Comentadas Unicamp-2016. Disponível em: www.comvest.unicamp.br/vest/antigos/2011/download/comentadas/redacao.pdf. Acesso em: 17 jul. 2016.

Redação proposta

É importante se posicionar dentro do gênero carta do leitor, ou seja, um tipo de carta comumente enviado por leitores às publicações. Portanto, há uma interlocução delimitada: quem escreve é o leitor do veículo de comunicação em questão; quem lê é a publicação em si, mas também todos os outros leitores. O objetivo é se posicionar em relação à questão principal da proposta com base na situação do texto 1. Cumpridos os três requisitos, é ideal verificar a presença de clareza, uso da norma culta e autonomia dentro do gênero.

Capítulo 29 – Revisão I

Revisando

Ao analisarmos os textos, podemos identificar que os tipos textuais exigidos em ambos são a argumentação e a exposição. No entanto, a argumentação apresenta um peso maior.

A proposta 1 abre um pequeno espaço para narração devido ao mito de Narciso. A proposta 2 abre um pequeno espaço para relato, caso julgue necessário (uma vez que o texto-base traz relato também).

Redação proposta

A primeira proposta pede uma carta do leitor, ou seja, uma carta escrita por um leitor da publicação cujo objetivo é comentar algum conteúdo veiculado pela mídia em questão. Nesse caso, deve-se comentar a matéria divulgada pela revista *Superinteressante*, posicionando-se em relação a ela. O posicionamento em si não é relevante, mas, sim, a coerência na construção do texto dentro da situação sugerida.

No artigo de opinião, gênero apresentado pela proposta 2, será necessário novamente se posicionar, mas dessa vez sem um interlocutor individual. O artigo, que será publicado, deverá ter como foco todos os leitores da publicação.

O principal aspecto que diferenciará os dois textos (da primeira e da segunda proposta), além do tema, é a interlocução.

Capítulo 30 – Revisão II

Revisando

Contextualização

“Antenor, habitante do País do Sol, afrontava diversos níveis do relacionamento humano devido à sua má cabeça, que, diferentemente das outras, não estava habituada ao que era tomado como normalidade. João do Rio, em sua ficção ‘O homem da cabeça de papelão’, põe em xeque a felicidade e a uniformidade fixadas.”

Tese

“Felicidade, porém, parece ser passível de múltiplas definições, visto que é entendida de formas distintas em contextos diferentes. No capitalismo, em que o lucro é a tônica, é entendida como a realização de desejos materiais e sentimentais e torna-se um padrão a ser buscado.”

Tópicos frasais do desenvolvimento

“Posto que a sociedade atual fixou sua definição, a felicidade tornou-se um alvo; houve uma padronização do comportamento daqueles que, pressionados pelo grupo em que se inserem, desejam ser felizes”.

“A padronização, porém, para tornar iguais os desejos individuais, também exclui os diferentes. Se alguém procura o bem-estar fora do que é dado, choca-se com a ideia de ‘normalidade’”.

Exemplo

“Quando uma rede de eletrodomésticos usa como *slogan* ‘Vem ser feliz’, por exemplo, aponta para o fato de que, no mundo do consumo, em um primeiro momento a felicidade se encontra onde o produto está, contudo, ainda que se leve o produto para casa, a felicidade continuará na loja.”

Redação proposta

Para a elaboração da redação, é importante discutir a necessidade de conhecer experiências históricas de violência e opressão para a construção de uma sociedade mais democrática. A proposta leva em consideração o atual momento político e dialoga com reivindicações de alguns grupos. Será interessante pensar em questões como “em que medida a História pode realmente ensinar algo a uma sociedade?” ou “por que há quem ignore o ensino de História como algo relevante para a formação de um cidadão?”. Mais uma vez, o texto pedido nesse caso é uma dissertação clássica.